LUIGI BIONDI

ENTRE ASSOCIAÇÕES ÉTNICAS E DE CLASSE. OS PROCESSOS DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E SINDICAL DOS TRABALHADORES ITALIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO (1890-1920)

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. MICHAEL M. HALL.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 05-07-2002.

Banca:

PROF. DR. MICHAEL M. HALL

PROFA. DRA. MARLENE SUANO
PROFA. DRA. NÚNCIA MARIA SANTORO DE CONSTANTINO
PROF. DR. ANDREAS LEONARDUS DOESWIJK
PROF. DR. CLÁUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA

PROF. DR. ÍTALO ARNALDO TRONCA (suplente)
PROF. DR. NORBERTO OSVALDO FERRERAS (suplente)

JULHO 2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE 30
Nº CHAMADA T/UNICAMP
B523e
V ____ EX ____
TOMBO BC/ 50695
PROC 16-837/02
C ____ D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 10/09/02
Nº CPD ____

CM00173388-3

BIB ID 257414

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Biondi, Luigi

B523e **Entre associações étnicas e de classe: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920) / Luigi Biondi . - - Campinas, SP : [s. n.], 2002.**

Orientador: Michael M. Hall.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sindicalismo. 2. Socialismo. 3. Italianos - Migração. 4. Movimento operário. 5. Mutualismo. 6. São Paulo – República Velha, 1889-. I. Hall, Michael M. (Michael McDonald). II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Ao meu tataravô, Natale Pettinelli,
que em São Paulo, por dez anos,
um século atrás, trabalhou como
carpinteiro e pedreiro.

A mio fratello Daniele,
al mio grande amore Edi,
a mio padre e mia madre,
alla mia mitica nonna Amalia.

In memoria di Tibério Toledo.

RESUMO

Esta tese de doutorado estuda os processos de organização dos trabalhadores italianos em São Paulo entre 1890 e 1920, na ótica de reconstruir sua multiplicidade e complexidade e em particular aprofunda o papel desempenhado pelos socialistas italianos neste contexto. Os temas abordados, portanto, estão ligados à análise dos vários grupos que caracterizaram a atividade dos socialistas italianos em São Paulo, entre sociedades étnicas de socorro mútuo, sindicatos e ligas de ofício, associações recreativas, círculos políticos e cooperativas uma vez que o objetivo dos socialistas italianos em São Paulo era desenvolver uma atuação que integrasse vários tipos de organização.
Foi também estudada a participação dos socialistas italianos no sindicalismo paulista (e sua relação com o sindicalismo revolucionário) em diversos momentos da história do movimento operário em São Paulo, e foram estudadas aprofundadamente as greves de 1907 e 1917 e o processo de fundação dos sindicatos em 1900-1902. No âmbito desta tese foi focalizada também a relação entre os socialistas italianos e as sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo e a relação destas com o movimento sindical. Além disso, foram analisadas as tentativas de estruturação de um partido socialista brasileiro e a sua existência, como Federação Socialista do Estado de São Paulo, graças aos grupos de socialistas italianos.
Enfim, foi analisada também a atuação das agremiações formadas pelos republicanos italianos de São Paulo neste mesmo período e as relações destes e dos socialistas com os anarquistas.
Junto com uma análise geral e coletiva das várias organizações foi utilizada também uma análise biográfica de vários militantes que formam objeto de estudo nesta tese.

ABSTRACT

This Ph.D. Dissertation studies the organization process of the italian workers in São Paulo, between 1890 and 1920, in order to reconstruct its multiplicity and complexity, and it stresses, especially, the roll of the italian socialists in this context. So, the analyses of this dissertation is about the different groups that characterized the italian socialists activity in São Paulo – ethnic mutualist societies, trade unions, political associations, cooperatives and clubs, for the aim of the italian socialists, in São Paulo too, was to develop an action that could integrate different kinds of organization.
So, I have also studied the participation of the italian socialists in the São Paulo trade-unionism (and their relationship with the revolutionary syndicalism) in different moments of the working-class history in São Paulo, and I analyzed, deeply, the 1907 and 1917 strikes, and the foundation process of the trade-unions in 1900-1902.
Moreover, this dissertation focused the relationship between the italian socialists and the italian mutual-aid societies of São Paulo, and the relationship of these associations with the trade-unions movement.
Besides, I have analyzed the attempts of construction of a brazilian socialist party and its existence as São Paulo State Socialist Federation for the italian socialists group.
Last, I have studied the italian republican groups of São Paulo in the same period and the relationships between them, the socialists and the anarchists.
At the same time of a general and collective analyses of the different groups, it was used a biographical one of the many militants who constitute an important subject of this dissertation.

20/12/65

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar o Brasil e o povo brasileiro, porque, embora tão longe de minha pátria, nunca ninguém me fez sentir, aqui, fora da comunidade pelo fato de ser estrangeiro. A Itália, e a rica Europa, neste período de direitas xenófobas, deveriam aprender com isso.

Agradeço à FAPESP porque possibilitou a realização deste trabalho, graças à bolsa de doutorado que me concedeu. Sobretudo, permitiu que pudesse viver trabalhando no ofício que eu gosto, o que, num mundo onde os historiadores e os humanistas em geral são vistos como um peso da humanidade, é um grande feito.

Agradecimentos especiais vão ao meu orientador (*dear* Michael Hall), que, apesar de ser texano, nunca se pareceu com John Wayne, mas com um daqueles highlander que libertaram a Itália com o *British Army*. Agradeço ao Michael pela oportunidade que me deu de entrar no doutorado e sobretudo por todas aquelas ocasiões que me ofereceu de poder viver sempre aprendendo, porque sempre há novos livros que foram e serão escritos.

Agradeço também ao Cláudio pelos conselhos e as sugestões, que foram fundamentais para empreender o estudo que baseia esta tese.

Agradeço também a todos os meus amigos e colegas da UNICAMP: os da minha turma de doutorado (foi bom passar tantas horas com vocês e devo dizer que tenho muita saudade *dachele gostoso tempigno*, das horas de aulas que passávamos juntos, Álvaro, Elcy, a Cris, a Paulinha – será verdade que o avô conheceu Lenin? – José António, PPM, Fábio Gutemberg, que não é parente do inventor); e os outros que conheci, Jorge Carretta, Cláudia, Alírio, Endrika e Cristiane, Patrícia, e a mítica Cristina Pompa.

Agradecimentos especiais vão ao grande Jefferson, que é um verdadeiro amigão, sempre presente nos momentos tristes e alegres, ao Artur (que para mim é e será sempre Arturo) que como se diz em Roma, "è proprio 'na gran persona", e ao Marcão, à Silvana, à Liane e ao Valter (é sempre bom tomar uma taça de vinho juntos, *falando de coisas que nois no entende nada*), ao Rafael (e também à Franciane e à pequena Ester).

Ao Gino gostaria de agradecer de muitas coisas, da hospitalidade e também da sua ajuda em muitos momentos, sobretudo dos seus conselhos, que me ajudaram na elaboração deste projeto de pesquisa: dizem que é isso a amizade.

Ao Carlo vão tantíssimos agradecimentos, para mim ele é como um primo (mais velho), e agradeço também à Licia e ao Piero, que estão sempre no meu coração e me fizeram passar momentos simples mas felizes, jóias preciosas da minha vida paulista. O Carlo é como se fosse um dos meus amigos de Roma, uma pessoa conhecida há anos.

De São Paulo não posso esquecer os meus vizinhos, Dona Cinira e Dona Yolanda, Seu Manuel e Seu Orlando (que ainda brincaria de Padrone e Sotto), Seu Vincenzo e o mítico Donato.

Quero lembrar também o Maurício, a Marcela e a Violeta, eles são ótimos, e quase não parecem de verdade.

Para o Norberto e a Verónica não há palavras de agradecimentos suficientes, eles são para mim uma outra pequena grande família: quantas risadas juntos, quanta alegria e *convivio*, quantos dias bons passamos juntos! Agradeço sua grande generosidade, sua simpatia e ironia e agradeço a eles por tantas coisas, ações e idéias, seja as que

compartilhamos que as que não compartilhamos. Eles são especiais! Quem sabe com o Norberto um dia vamos montar um time de rugby e vamos ganhar da Inglaterra (mas sem a camisa da Argentina, por favor!).

Para o Luciano e a Carolina quero agredecer de toda a simpatia, carinho, e gentileza paraguaio-partenopea (um *cocktail* explosivo!). As risadas que dou com o Luciano, só a gente pode entender. É um grande amigo.

Com muito afeto agradeço também Sir Little Paul (isto é, Paulinho Fontes) e também a Angela, que são duas pessoas solares.

Também quero lembrar Hélio (e le storie tese), Fernando e a Valéria.

Para João Paulo e a Adriana também vão tantos agradecimentos, sobretudo a JP cuja hospitalidade carioca é igual às dos patrícios romanos de outros tempos: nunca o ditado *l'ospite è sacro* foi melhor aplicado como no caso do João Paulo, às vezes me parece até meio barão inglês.

Também quero agradecer ao Javier pelos bons papos sobre a nona arte (o futebol), pois são os mais belos momentos de irracionalidade quebpassamos durante a semana, pois sobre futebol pode-se dizer qualquer coisa sem algum fundamento científico.

Também pelos papos e pelas risadas quero agradecer ao Marião do AEL: ele sabe o que é cultura. Aproveito a deixa para agredecer a todos os funcionários do AEL, e sobretudo ao Emerson, à Elaine e à Cléo.

Enfim, gostaria de agradecer aos funcionários do xerox, à eficientíssima Cláudia do CEMI e ao *muchacho* da biblioteca.

Acho que é tudo..... ma che!

Ao Angelo deveria construir um monumento no Gianicolo (aliás ele já tem a barba de garibaldino há anos) , pois não é somente o meu mestre mas um grande amigo: sem ele, eu seria outra pessoa, e talvez nunca teria vindo para aqui. Infelizmente é laziale, ma ninguém é perfeito. Para o Angelo não há suficiente espaço e tempo para agredece-lo de tudo o que ele é para mim nestas poucas linhas. Com ele e a Rita passei sempre ótimos momentos. Agradeço também á Rita das tantas risadas.

Queria também agradecer ao Emilio: pelos seus papos, a sua companhia, e simpatia, seus conselhos, e a sua disponibilidade para poder beber sempre *un bicier de vin*.

Para os meus fraternos amigos da Itália também não tenho suficiente espaço para lembrá-los como deveria, ainda bem que o computador é mecânico senão já estaria molhando o papel de lágrimas (sou melodramático, já sei). Marco, Claudia, Paola, Silvietta, Vincenzo, Adriano, Giovanni, Giuseppe, Gianluca, Francesco, Maria Assunta, sonhei com vocês tantas noites e tantos dias, e nunca passa esta saudade imensa que tenho de seus rostos, de suas risadas, de suas palavras. Vocês estão sempre comigo e não tem dia mais lindo que o quando vejo vocês de novo toda vez que volto pra Roma.

Para os meus tantos primos também a saudade é tanta, nunca os esqueço: posso esquecer todas aquelas vezes que sentamos juntos com toda a família Biondi, comendo, bebendo e falando de bobagens, de política e da Magica Roma?

Nem posso esquecer a Vittoria, a Lucia, a Ada, Serena e Antonio, Marcella e Ilaria.

À minha família brasileira, ou melhor, piracicabana, Tibério, Lúcia, Maurício, Aline, Márcio e Nilton, quero agradecer de todos estes anos de ternura, verdadeiro afeto, amor e companhia, esperando que virão outros iguais e até melhores. Agradeço novamente ao Márcio pela ajuda que me deu para revisar este português que, evidentemente, não é (nem de longe) o de Camões.

Para o Tibério que posso dizer, sinto muita falta de você, e sobretudo de quando falávamos sozinhos da fábrica, da ferrovia, de futebol, das receitas de cozinha e do café.

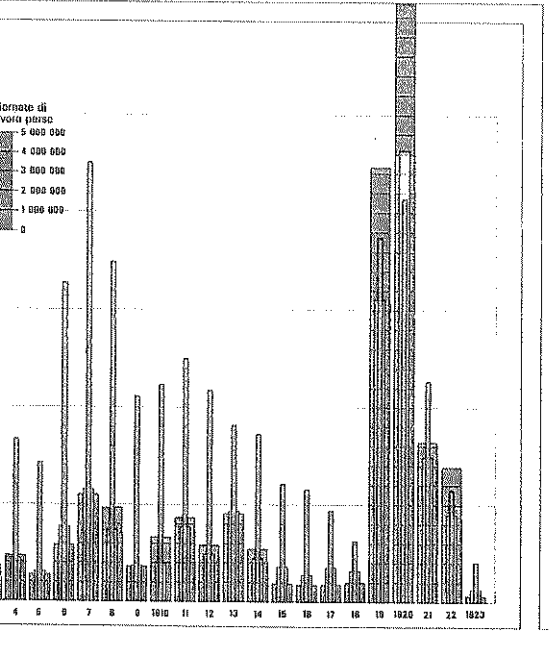
À minha família, minha mãe, meu pai, meu irmão, minha avó não vão agradecimentos, mas todo meu amor de filho, de neto e de irmão. Sem eles a vida não faria sentido. Mas quero lembrar ao meu irmão que dele sinto uma saudade tão grande, tão grande, que não sei nem como explicar: *te penso sempre Danie'*. Quando falamos por telefone a tua voz me dá felicidade para todo o dia.

À Edilene quero somente dizer que na minha vida não tive sorte maior que a de té-la encontrada. È o meu grande amor, minha força, minha alegria de cada dia. Se rinascessi un'altra volta, vorrei rincontrarla di nuovo, ogni giorno, ogni volta, all'infinito.

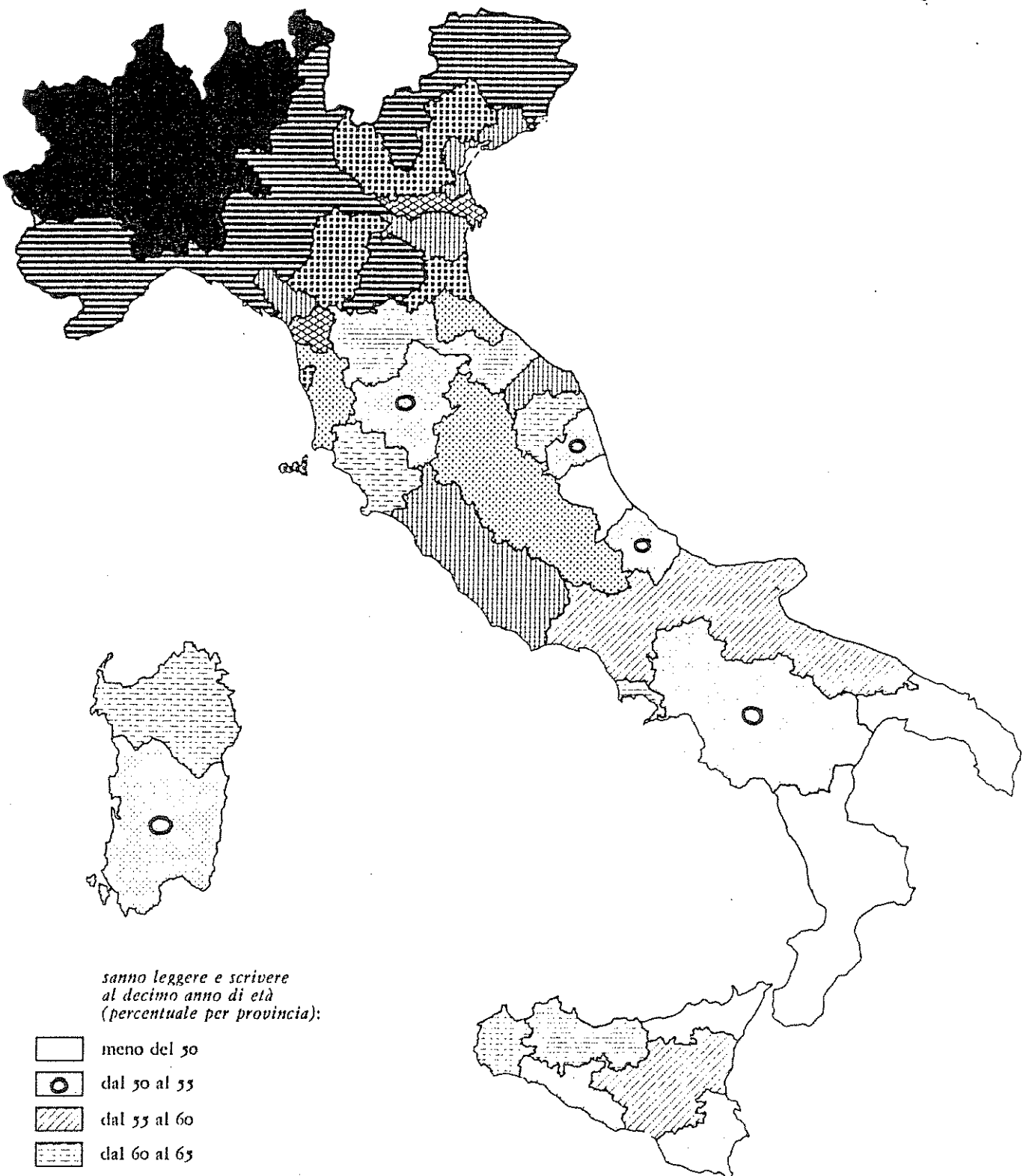
A Italia entre 1870 e 1918 (Norte e Centro)

Bari delle Puglie

A Italia entre 1870 e 1918 (Sul)



ROMA Capitale di Stato
Capoluogo di dipendenza
Lecce Capoluogo di provincia
Nola Capoluogo di circondario
fino a 10 000 abitanti
da 10 000 a 25 000 abitanti
da 25 000 a 50 000 abitanti
da 50 000 a 100 000 abitanti
da 100 000 a 500 000 abitanti
oltre 500 000 abitanti
Principali ferrovie
Altre ferrovie



Grau de alfabetização na Itália em 1911

Bandeira de grupo do *Partito Socialista Italiano* do final do século XIX. Na faixa o lema é uma das letras do *Inno dei Lavoratori* (hino oficial do PSI). A mulher representa a classe proletária que pisa um monstro capitalista. O globo, desenhado parcialmente representa o internacionalismo. (*Almanacco Socialista. Le immagini del Socialismo. Comunicazione politica e propaganda del PSI dalle origini agli anni ottanta*. s.l., s.d.).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	p. 1
A imigração italiana em São Paulo e o movimento operário: um balanço historiográfico	p. 9
Para um estudo dos processos de organização dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo	p. 20
Apresentação dos capítulos,	p. 28
Uma breve história das origens do movimento operário e socialista na Itália	p. 33

CAPÍTULO 1

O desenvolvimento das sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo e suas bases entre 1880 e 1920: mutualismo étnico, beneficência e assistência entre nacionalismo, socialismo e democracia		**p. 51**
1.1	O associacionismo italiano no contexto paulista: origens e percursos	p. 51
1.2	Um panorama geral do processo de organização das sociedades italianas em São Paulo	p. 60
1.3	A primeira fase de formação das sociedades italianas de socorro mútuo	p. 67
1.4	A segunda fase de formação das SIMS em São Paulo	p. 80
1.5	Uma nova fase do desenvolvimento mutualista italiano na cidade de São Paulo: as mútuas regionais frente ao grande aumento das sociedades de imigrantes do sul da Itália	p. 85
1.6	A fase da expansão das SIMS de São Paulo nos bairros: o mutualismo dos operários especializados e dos artesãos no início do século XX	p. 93
1.7	Uma comparação com o mutualismo italiano em New York e Buenos Aires e o grau de difusão do associacionismo mutualista entre os imigrantes italianos em São Paulo	p. 100
1.8	Uma escola de democracia: o funcionamento interno das sociedades italianas de socorro mútuo	p. 106

CAPÍTULO 2

Entre dois mundos. As origens dos grupos republicanos e socialistas italianos em São Paulo na década de 1890: militância, conflitos, dissidências e convergências		**p. 113**
2.1	"Querido Andrea Costa...". Chegar na São Paulo em expansão das oficinas, e da imigração italiana	p. 113.
2.2	Uma análise geral da militância política italiana em São Paulo nos anos noventa do século XIX	p. 127
2.3	Os discípulos de Andrea Costa: as figuras dos principais militantes socialistas e republicanos italianos em São Paulo	p. 135

2.4	A formação dos primeiros grupos socialistas e republicanos italianos em São Paulo rumo à fundação da Lega Democratica: o primeiro de maio, as expulsões e os conflitos com as associações italianas monarquistas	p. 148
2.5	O embate entre associações italianas monarquistas e antimonarquistas em São Paulo no final do século XIX: nacionalismo, internacionalismo e patriotismo republicano-socialista em conflito	p. 163

CAPÍTULO 3

A expansão dos socialistas italianos em São Paulo nos primeiros anos do século XX: suas relações com as outras sociedades italianas e seu papel no nascimento das ligas operárias de resistência		**p. 171**
3.1	A atuação política dos socialistas e republicanos italianos em São Paulo no início do século XX: a "Lega Democratica Italiana", o "Circolo Socialista", o "Circolo Repubblicano"	p. 171
3.2	Os socialistas italianos e as sociedades étnicas em São Paulo	p. 184
3.3	Os socialistas italianos nas fundações das ligas operárias de resistência em São Paulo	p. 195
3.4	O auge do movimento socialista na capital paulista e no interior	p. 210
3.5	O Segundo Congresso Socialista brasileiro na tentativa de superar a questão étnica italiana: o modelo do PSI e os sucessos socialistas na atividade sindical em São Paulo	p. 226

CAPÍTULO 4

Auge e queda do sindicalismo organizado e dos grupos socialistas em São Paulo: etnicidade e política no quadro da Lei de Expulsão "Adolpho Gordo" (1906-1910)		**p. 245**
4.1	O movimento em prol das oito horas e a greve geral paulistana de maio 1907: os socialistas italianos e a FOSP em ação	p. 245
4.2	Os socialistas italianos em São Paulo entre sindicalismo e sociedades étnicas	p. 275

CAPÍTULO 5

"Perché l'ambiente È impossibile non si dovrá fare mai nulla?". A reorganização dos socialistas italianos em São Paulo (1913-1916)		**p. 301**
5.1	"Origini proletarie e d'officina, ma chiarissime". Breve história do marceneiro jornalista Teodoro Monicelli	p. 301
5.2	Novos homens e uma velha política: algumas considerações preliminares sobre as estratégias para a formação de um movimento socialista em São Paulo	p. 315
5.3	A atividade da "Lega della Democrazia" na criação do "Ufficio Informazioni, Assistenza e Collocamento": um novo caminho para à organização dos trabalhadores italianos em São Paulo	p. 321
5.4	O "Centro Socialista Internazionale" frente à questão do socialismo étnico e da desorganização sindical	p. 334.

CAPÍTULO 6

Um novo amanhecer do sindicalismo na greve geral de 1917 em São Paulo: em torno de seu espontaneísmo e do papel organizativo sindical desenvolvido pelas associações políticas anarquistas e socialistas.		**p. 345**
6.1	A exploração de novos fatores na determinação da greve geral de 1917 e dos processos de organização operária, entre estabilidade dos fluxos migratórios, o papel dos socialistas italianos e os conflitos internos à comunidade italiana de São Paulo	p. 345
6.2	As atividades de propaganda de anarquistas e socialistas anteriores à greve: entre vários desentendimentos, as origens de uma organização por bairros	p. 361
6.3	A greve geral de 1917: considerações sobre o seu desenvolvimento	p. 379
6.4	Os socialistas italianos nos eventos de julho de 1917 e a solidariedade de algumas associações ítalo-paulistanas para com a greve	p. 395

Conclusões	p. 403
Fontes	p. 429
Bibliografia	p. 465
Apêndice	p. 499
Imagens	p. 541

INTRODUÇÃO

Em 1910, o sindicalista Paolo Mazzoldi convidou o jovem socialista revolucionário Benito Mussolini para dirigir em São Paulo o periódico socialista em língua italiana *La Vita*, há pouco fundado pelo próprio Mazzoldi, refugiado na capital paulista após ter participado de uma greve geral, em 1908, na Itália[1]. Esse foi um dos tantos episódios que marcaram a história dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo, e mostra a consideração que, neste caso os socialistas, davam à tarefa de organizar os operários e artesãos patrícios em São Paulo, a ponto de convidar um dos expoentes mais importantes do Partido Socialista Italiano. Na cidade de São Paulo, de fato, já no ano de 1900, calculava-se que a componente italiana na indústria, nas construções e nos transportes chegasse a 80%[2], enquanto em 1913 considerava-se que 4/5 dos pedreiros, por exemplo, fossem de nacionalidade italiana[3].

Sindicatos, sociedades de auxílio mútuo, grupos políticos anarquistas ou socialistas, constituíram os espaços que disputaram as tentativas diversas de organização destes

[1] Mussolini, todavia, recusou-se a vir ao Brasil para ajudar na organização dos operários italianos paulistanos, pois há pouco tinha se tornado presidente da *Camera del Lavoro* de Forì, a sua cidade, e um dos centros socialistas mais importantes. Renzo DE FELICE, *Mussolini il rivoluzionario. 1883-1920*, Torino, Einaudi, 1995, p. 88. Paolo Mazzoldi, um dos líderes sindicais socialistas que participaram da greve geral de Parma de 1908, chega em São Paulo (onde vive até a morte em 1929) chamado pelo amigo Alceste De Ambris. Em São Paulo, funda e dirige antes de 1920 alguns jornais como *La Vita*, *Don Chisciotte*, *Il Piccolo*, e participa da organização de várias greves.

[2] Antônio Francisco BANDEIRA Jr., *A indústria no estado de São Paulo em 1901*. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1901. É significativo, enfim, o censo da indústria têxtil em 1912, que de 10.204 operários e operárias calcula 7.499 estrangeiros, dos quais 6.044 eram italianos. (*Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*,1912. pp. 35-77).

[3] Segundo o socialista Antonio Piccarolo, ver Sheldon Leslie MARAM, *Anarquistas, imigrantes, e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p. 16.

trabalhadores italianos na cidade de São Paulo, os quais viveram, dentro e através desses espaços, diferentes identificações, como italianos, como imigrantes, como operários.

O objetivo deste tese é o de compreender como se desenvolveram os processos de organização e politização destes imigrantes, perguntando-se em que medida o fato deles serem imigrantes italianos lhes deu características específicas em termos de organização, ações coletivas e ideologias prevalecentes. Em particular, será focalizado, no âmbito da compreensão destes processos organizativos, entre associações étnicas e de classe, o papel desempenhado pelos socialistas italianos.

Esta tese nasceu como tentativa de ir além do clichê que atribuía ao movimento operário paulista da Primeira República um caráter quase exclusivamente anarquista, que ofuscou qualquer outro tipo de participação na sua construção. Uma vez que este clichê foi baseado também na origem estrangeira (e em particular italiana) dos trabalhadores urbanos, procurei mostrar que, na verdade, o desenvolvimento do movimento operário em São Paulo (e a sua estreita relação com a imigração italiana) foi muito mais complexo.

Na minha *Tesi di Laurea* estudei a imprensa anarquista italiana em São Paulo na Primeira República e, no doutorado, tinha a idéia de ampliar os limites deste estudo e abrir a análise do movimento operário e da imigração italiana em São Paulo para outros horizontes.

Os socialistas e os republicanos italianos que eu havia encontrado (às vezes por acaso) no estudo precedente sobre a imprensa anarquista de língua italiana, apareciam, cada vez mais, como figuras importantes da construção de grupos políticos e de sindicatos que atuaram na cidade de São Paulo no período chamado (segundo a historiografia italiana) da "grande emigração", isto é entre 1890 e 1920. O *Partito Socialista Italiano*, aliás, parecia

muito interessado em participar das várias formas de organização dos trabalhadores italianos imigrados em São Paulo. Um clima e um mundo do socialismo ítalo-paulista que foi esquecido e ofuscado (não sei quanto propositadamente) pelo papel do anarquismo.

Ao contrário, a minha tese de doutoramento quer lançar uma luz nova sobre esta participação e portanto sobre o fato que os processos de organização dos trabalhadores na cidade de São Paulo foram múltiplos. A análise dos socialistas e republicanos italianos permitiu assim ir na direção da descoberta do estudo do sindicato como organização não caracterizada somente pela atividade de integrantes do sindicalismo revolucionário (e no qual tanto os republicanos como os socialistas tinham uma importante atuação) mas sobretudo pela inter-relação que havia entre o sindicato, os grupos políticos de diferentes tendências e as sociedades italianas de socorro mútuo (*SIMS*).

O estudo das *SIMS* foi importante para compreender que havia, na verdade, um mundo no qual militantes socialistas, sindicalistas, republicanos (e em parte anarquistas) transitavam entre associações mútuas e os respectivos grupos, muitas vezes sem que a atividade em um grupo excluísse a participação no mutualismo étnico.

A questão do embate entre múltiplas identidades, em particular entre valores e lealdades classistas e valores nacionais, encontra um campo de estudos propício na análise da história da relação entre a emigração italiana no mundo e o desenvolvimento do movimento operário nos países nos quais os italianos transferiram-se temporária ou definitivamente.

Obviamente, já desde os anos 60, a historiografia sobre o movimento operário italiano, devendo mostrar atenção ao macro-fenômeno da emigração de milhões de

trabalhadores italianos, não pôde silenciar o fato que muitos deles começaram a militar politicamente ou sindicalmente no estrangeiro, pelo menos em um período mais ou menos longo de suas vidas[4]. Era conhecido e evidente que muitos líderes republicanos, socialistas, anarquistas, e sindicalistas italianos tiveram uma experiência como militantes e organizadores nas numerosas comunidades italianas no estrangeiro, já antes da Primeira Guerra Mundial (sem falar, claro, do período da diáspora antifascista). Definitivamente, tornar-se socialista ou anarquista ou participar ativamente de greves e protestos foi, para muitos imigrantes italianos, parte integrante da construção de sua identidade como trabalhador e foi uma experiência vivida fora da Itália.

A história do movimento operário italiano é, portanto, também história da imigração e, como sugerido em alguns dos últimos debates e encontros, a própria historiografia italiana que não se dedica especificamente a este tema deveria dar mais atenção ao fato de que as identidades múltiplas de muitos italianos formaram-se fora da Itália, e portanto deveria se começar um trabalho de estudo e análise da história dos italianos de um modo não simplesmente nacional, mas transnacional[5].

---

[4] Seguem nesta nota somente às obras mais antigas e às mais recentes.:
Ernesto RAGIONIERI, "Italiani all'estero ed emigrazione di lavoratori italiani: un tema di storia del movimento operaio", *Belfagor, Rassegna di Varia Umanità*, 17, 6, 1962, pp. 640-69; Samuel BAILY, "The italians and the development of organized labor in Argentina, Brazil and the United States, 1880- 1914", *Journal of Social History*, III, 1969, pp. 123 e seguintes; Bruno BEZZA (a cura di), *Gli italiani fuori d'Italia: Gli emigrati italiani nei movimenti operai dei paesi d'adozione. 1880-1940*, Milano, Franco Angeli, 1983; Vanni BLENGINO et al., *La Riscoperta delle Americhe, Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina 1870-1970*, Milano, Teti, 1992; Donna GABACCIA, "Worker Internationalism and Italian Labor Migration, 1870-1914", *International Labor and Working Class History*, 45, Spring 1994.

[5] Department of History - University of South Florida, Immigration History Research Society, American Italian Historical Association, *For Us there Are no Frontiers: Global Approaches to the Study of Italian Migration and the Making of Multi-ethnic Societies - 1800 to the Present*. Atas do congresso internacional em Ybor City (Tampa, Florida - USA), 3 a 5 de abril de 1996.
Donna, GABACCIA, "Per una storia italiana dell'emigrazione", *Altreitalie*, n. 16, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, luglio-dicembre 1997, pp. 6-14.

Já há quase duas décadas (em 1982) Eric J. Hobsbawm publicava um artigo fundamental sobre a relação identidade de classe – identidade nacional[6], justamente sublinhando que "todas as classe operárias nacionais tendem a ser heterogêneas e com identificações múltiplas, embora, para certos fins e em certas épocas, algumas identificações sobressaiam mais do que as outras"[7].

O historiador britânico salientava que é errado supor que as "classes operárias européias sejam, ou alguma vez tenham sido, grupos homogêneos [...] ou que estejam *exclusivamente* identificados com a nação que caracteriza sua existência efetiva como classe e movimento organizado". A consideração vale ainda mais para as classes operárias das Américas, obviamente. Inclusive, Hobsbawm fazia referência explícita ao caso dos emigrantes italianos, ao observar como a construção de sua identidade nacional, regional e ao mesmo tempo de classe como trabalhadores cruzam-se o tempo todo em um processo contínuo de redefinições de valores e lealdades ideológicas, no amplo panorama do arquipélago das comunidades italianas no mundo:

> "Trabalhadores sicilianos e calabreses foram para os Estados Unidos e se tornaram norte-americanos, mas ao fazê-lo começaram a se considerar como talvez não o tivessem feito antes - como italianos que pertenciam, até certo ponto, não só à velha pátria, mas também a uma nação cujos membros estavam espalhados pelo mundo, da Argentina e do Brasil à Austrália"[8].

---

[6] Eric J. HOBSBAWM, "Qual é o país dos trabalhadores?". In: IDEM, *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, originalmente publicado na revista *Saothar*, Irish Labour History Society, n. 8, 1982.
[7] Ibidem, p. 79.
[8] Ibidem, p. 80.

Como combinar identidades nacionais e de classe era o desafio que tiveram que enfrentar todos os movimentos operários, e ficaram particularmente empenhados nessa tarefa aqueles que, como os socialistas, adotavam meios variados de luta, desde a sindical até a parlamentar, sendo que esta última punha-os evidentemente em relação com as instituições estatais e portanto com os valores nacionais que estas defendiam ou utilizavam para se defender dos ataques do movimento socialista.

O próprio Hobsbawm lembra como uma ruptura da unidade de ação ("unidade de classe") dos movimentos trabalhistas podia "surgir da influência de movimentos nacionalistas"[9]. Por isso também, aliás, os anarquistas, mais vacinados contra influências deste tipo, por serem naturalmente contrários ao conceito de Estado, sempre estavam mais presentes (proporcionalmente) nas comunidades de imigrantes do que nos países de proveniência destes mesmos imigrantes.

A problemática relação dos socialistas com as instituições, de fato, marcou tanto a história da II Internacional que a última grande obra sobre o movimento socialista internacional, a de Donald Sassoon, explica esta relação como a grande questão da Internacional Socialista: o fundamento do nó revisionismo-revolucionarismo (expressão de uma questão não resolvida da relação entre nação, Estado nacional, classe e organizações classistas) que aparecerá com todas as suas contradições, como sabemos, com a Primeira Guerra Mundial e a formação do estado soviético, atravessando todo o século XX[10].

Nação e classe, portanto, enfrentavam-se e misturavam-se mutuamente, e ainda com mais força onde estes limites eram muito menos estáveis (as comunidades de imigrantes) e sobretudo para o caso italiano. A Itália, de fato, tinha acabado de ser unificada quando os

[9] Ibidem, p. 85.

fluxos migratórios de seus cidadãos (fluxos constantes já durante o processo de unificação) aumentaram consideravelmente, influenciando profundamente o processo de construção de uma identidade nacional comum, e causando, conjuntamente com outros fatores, o escasso sucesso do novo Estado italiano em formar seus cidadãos[11]. Como recentemente foi definido por Donna Gabaccia, a emigração para os italianos quase sempre promoveu a elaboração de identidades e pertenças complexas entre os emigrantes, suas famílias, e as regiões de origem, agindo contra a criação de uma identidade nacional unitária, justamente quando esta estava em formação.

Destas dificuldades de construção de uma identidade italiana comum no estrangeiro, aproveitaram (às vezes com relativo sucesso) os militantes socialistas italianos que atuavam entre os trabalhadores imigrantes. O que nunca se sublinhou bastante, é que a emigração foi um processo que investiu sobretudo as camadas mais pobres da população italiana, mas ao mesmo tempo que entre essa grande massa de trabalhadores italianos expulsos de suas regiões havia também uma consistente minoria de artesãos e operários especializados (mas também de camponeses), que tinham experimentado já na Itália formas de organização mutualista, política e até sindical e participado às vezes de protestos.

Foi então difusa nestas comunidades italianas no estrangeiro a tentativa de contrastar o discurso patriótico nacionalista do governo italiano (que agia através dos consulados e graças ao apoio dos homens da elite da *colônia*, sobretudo os empresários e profissionais mais bem sucedidos) com o protesto constante contra uma classe dominante nacional e um governo, cuja ação de exclusão era explicitada evidentemente pelo processo de emigração

[10] Donald SASSOON, *One Hundred Years of Socialism. The West European Left in the Twentieth Century*, Fontana Press, London, 1997, pp. 5-26.
[11] Donna GABACCIA, "Per una storia italiana.....", op. cit.

de massa (enquanto este mesmo governo tentava apresentar as comunidades de imigrantes como verdadeiras colônias italianas no mundo).

A uma nação burguesa (e monarquista) os socialistas e republicanos italianos opunham o conceito de uma nação proletária, uma Itália condenada à diáspora por fome e falta de recursos, espalhada sobretudo nas Américas: uma Itália *potencialmente* socialista e republicana[12].

[12] Rudolph J. VECOLI, "Italian Immigrants and Working-Class Movements in the United States. A Personal Reflection on Class and Ethnicity", *Journal of the Canadian Historical Association*, 1993, pp. 293-305; Fraser OTTANELLI, Donna GABACCIA, "Diaspora or International Proletariat? Italian Labor Migration and the Making of Multi-Ethnic States, 1815-1939", *Diaspora*, VI, 1, 1997, pp. 61-84; Donna GABACCIA, *Militants and Migrants. Rural Sicilians Become American Workers*, New Brunswick and London, Rutgers University Press, 1988.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM SÃO PAULO E O MOVIMENTO OPERÁRIO: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO.

A historiografia, abordando o tema da imigração no Brasil, sempre focalizou a comunidade italiana paulista, um modelo de comparação necessário para estudar globalmente a imigração italiana no mundo. Apesar dos dados às vezes imprecisos, é unanimemente aceito que os italianos constituíram o núcleo mais importante do grande fluxo imigratório que se dirigiu ao Brasil ao longo de mais de trinta anos, entre a década de 80 do século XIX e a de 20 desse século, embora esse fluxo, no caso dos italianos, tenha se localizado de modo bem definido tanto cronológico como geograficamente. De fato, entre os mais de 1.300.000 italianos que entraram no Brasil, 2/3 dirigiram-se ao estado de São Paulo, e 76% chegaram no Brasil antes de 1902, data em que foi abolida na Itália a emigração subsidiada em direção ao Brasil[13].

É provável que entre 1906 e 1911 os italianos presentes no estado de São Paulo girassem em torno de 600.000 (cerca de 25% da população paulista)[14]. Particularmente interessante é a concentração na cidade de São Paulo, onde os italianos constituíam, de

---

[13] Todavia, nas duas décadas seguintes, embora limitada, a imigração de italianos para o Brasil continuou, ainda que subsidiada clandestinamente. Em linhas gerais, foi calculado que dos cerca de 3.600.000 imigrantes que entraram no Brasil entre 1880 e 1924 os italianos representaram 38%. Pelo menos 600.000 italianos entraram no Estado de São Paulo antes de 1902 (cerca de 63% de todos os imigrantes que entraram naquele período no estado), mas se estendemos o olhar ao menos até de 1920, calcula-se que os italianos chegados no estado fossem mais de 800.000. Angelo TRENTO, *Lá dov'è la raccolta del caffè. L'emigrazione italiana in Brasile*. Padova, Antenore, 1982. p. 23; Michael M. HALL, *The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914*. Ph. D. Dissertation, Columbia University, New York, 1969 p. 185; Maria Teresa Schorer PETRONE, "Imigração", in *História Geral da Civilização Brasileira, tomo III, vol. 2*, São Paulo, DIFEL, 1978, p. 100. Relativamente aos retornos à Itália, as estimativas italianas afirmam serem os italianos repatriados do Brasil no período 1890-1920 mais de 360.000. (Angelo TRENTO, op. cit., p. 96).

[14] Angelo TRENTO, op. cit. p. 162.

acordo com diversos tipos de fontes e dependendo dos anos, de 33% a 50% da população paulistana, nas duas primeiras décadas do século XX[15].

Entre os trabalhos mais importantes sobre a imigração italiana no Brasil, que já esboçaram as linhas gerais e principais através das quais o fenômeno se desenvolveu, contamos com aquelas de Hall, Alvim, Maffei Hutter, Franzina, Trento, Vangelista, Schorer Petrone, Holloway[16]. Todos estes historiadores trouxeram à luz algumas características marcantes da emigração italiana no Brasil, começando por evidenciar as causas que levaram milhares de camponeses italianos a dirigir-se a este país, focalizadas sobretudo na crise agrária que abalou os campos italianos exatamente no momento em que os fazendeiros paulistas orientavam-se em direção à mão-de-obra rural européia para expandir a cultura cafeeira, mas que orientou forçosamente os imigrantes italianos, observaram todos, em direção a um emprego agrícola. Nestes trabalhos, a uma análise geral das causas que levaram muitas famílias a emigrar, seguem sempre vários capítulos que focalizam a atenção sobre a vida dos italianos no estado de São Paulo. Neste ponto surge uma dicotomia, que é exatamente aquela que caracterizou a imigração em São Paulo, na contraposição campo-cidade.

---

[15] Ibidem, p. 188. Emilio FRANZINA, *Gli Italiani al Nuovo Mondo. L'emigrazione italiana in America.* Milano, Mondadori, 1995, p. 455 (segundo as fontes consultadas por Emilio Franzina, ainda em 1916 a população italiana de São Paulo chegava a 46%).
Segundo os dados comunicados pelo jornal *O Comércio de São Paulo* (citado em "Leggendo e annotando", *Fanfulla*, 21-8-1905, p.2) a população de São Paulo era, em 1905, de cerca de 300.000 habitantes, dos quais a metade eram italianos, 100.000 brasileiros, 18.000 espanhóis, 15.000 portugueses, 10.000 alemães, 5.000 sírio-libaneses.

[16] Maria Teresa Schorer PETRONE, op. cit., pp. 93-133; Lucy Maffei HUTTER, *Imigração italiana em São Paulo: 1880-1889. Os primeiros contatos do imigrante com o Brasil.* São Paulo, USP, 1972; IDEM, *Imigração italiana em São Paulo de 1902 a 1914. O processo imigratório.* São Paulo, IEB-CESP, 1986; Zuleika ALVIM, *Brava gente! Os Italianos em São Paulo, 1870-1920*, São Paulo, Brasiliense, 1986; Michael M. HALL, op. cit. e IDEM, "Italianos em São Paulo", in *Anais do Museu Paulista*, tomo XXIX, 1979, pp.201-215; Thomas H. HOLLOWAY, *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

De fato, todos os historiadores que se ocuparam da imigração italiana não puderam prescindir de dedicar-se àquele que era o primeiro e fundamental ponto de chegada dos italianos no Brasil, isto é, a fazenda de café, o emprego de colono. Os importantes trabalhos de Hall, Alvim, Trento, e Stolcke, entre outros, abordaram aprofundadamente o estudo desta notável parte dos imigrantes italianos: para a maior parte destes estudiosos, excetuando-se a visão moderadamente otimista de Holloway, o mundo das fazendas é visto como base de uma economia que tendia a excluir mais do que integrar o recém-chegado, negando-lhe quase sempre a possibilidade de adquirir uma pequena propriedade[17].

O que foi sempre sublinhado, de fato, é como o núcleo econômico fundamental da fazenda, inicialmente o único polo de atração da emigração, veio a funcionar como núcleo econômico expulsor, e portanto também como fornecedor de mão-de-obra para as cidades paulistas, e sobretudo para a capital, São Paulo. Hall, Trento, Vangelista, Singer, entre outros, explicaram como o excesso de mão-de-obra agrícola posteriormente transbordou quase automaticamente sobretudo na cidade de São Paulo, nos anos de maior crise dos preços do café[18]. Além disso, é já aceito por boa parte da historiografia o grande significado

---

[17] Além das obras já citadas de Alvim, Holloway, Hall, Trento, ver Warren DEAN, *Rio Claro. Um sistema brasileiro de grande lavoura. 1820-1920.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977; Maria Teresa Schorer PETRONE, "L'immigrante italiano nella fazenda di caffé di San Paolo". in: *Euroamericani, 3. La popolazione di origine italiana in Brasile.* Torino, Fond. Agnelli, 1987. pp. 333-350; José de Souza MARTINS, *O cativeiro da terra.* São Paulo, Ciências Humanas, 1979; Chiara VANGELISTA, *Le braccia per la fazenda. Immigrati e 'caipiras' nella formazione del mercato del lavoro paulista (1850-1930).* Milano, Franco Angeli, 1981; Verena STOLCKE, *Cafeicultura. Homens, mulheres e capital (1850-1980).* São Paulo, Brasiliense, 1985; Michael M. HALL e Verena Martinez ALIER, "Greves de colonos na Primeira República", in: *II Seminário de relações de Trabalho e Movimentos Sociais*, São Paulo, CEDEC, mimeo, 1979.

[18] Para uma colheita de 10 milhões de sacas eram necessárias pouco mais de 300.000 pessoas, enquanto sabemos que o saldo dos imigrantes em São Paulo foi, entre 1887 e 1908, em torno de 650.000. Ver Michael M. HALL, op. cit, p. 165 e p. 185; Thomas H. HOLLOWAY, op. cit., p. 257. Além das obras já citadas de HALL, VANGELISTA e TRENTO, ver Paul SINGER, *Desenvolvimento econômico e evolução urbana.* São Paulo, Nacional, 1974; Paula BEIGUELMAN, *A formação do povo no complexo cafeeiro.* São Paulo, Pioneira, 1977; Luís J. DEL ROIO, (a cura di) *Lavoratori in Brasile. Immigrazione e industrializzazione nello stato di São Paulo.* Milano, Franco Angeli, 1981; José de Souza MARTINS, "Empresários e trabalhadores de

que este fenômeno representou para o desenvolvimento da primeira industrialização em São Paulo. Quando começou a decolagem industrial paulista, de fato, tinha-se criado nos maiores centros urbanos paulistas uma reserva de força-de-trabalho consistente, uma vez que a crise da cafeicultura a partir de 1896-98 havia favorecido um êxodo rural que somente atenuar-se-á por volta de 1910.

Depois de ter examinado de que modo os fluxos migratórios internos contribuíram para a formação da população urbana do estado de São Paulo, quase todos os historiadores dedicaram-se ao estudo da vida dos imigrantes italianos nos centros urbanos, e em particular na capital. Em grande parte, estes, sendo provenientes de extratos camponeses da própria população italiana, conseguiram somente inserir-se no mercado de trabalho como operários não-especializados nas grandes fábricas têxteis e alimentícias, ou nas várias oficinas de pequenas e médias dimensões, ou no setor da construção, ou, enfim, como pequenos comerciantes[19].

Nesse ponto, muitos argumentos levaram à identificação entre proletariado urbano e população imigrada, traço que guiou por muito tempo o estudo do primeiro movimento operário paulista, tanto que a história do movimento operário e a da imigração foram com freqüência tratadas conjuntamente. Também um crítico desta identificação, como o historiador argentino F.J. Devoto, por exemplo, que considerou lícito tentar identificar a história da imigração com a história do movimento operários para os casos norte-americanos, mas não para os latino-americanos, reconheceu que o núcleo central da vida

---

origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1890 e 1914: o caso de São Paulo. in: *Dados*, 24 (2), pp. 237-264.

[19] Pelo que se refere à importância da experiência de trabalho do pequeno comércio para muitos dos italianos na cidade de São Paulo, ver Zuleika ALVIM, "Proletari anche nel commercio: italiani a São Paulo", in: Maria Rosaria OSTUNI, (a cura di) *Studi sull'emigrazione. Un'analisi comparata*. Milano, Fondazione Sella, 1981.

dos imigrantes italianos no Brasil foi constituído pelos bairros proletários de São Paulo[20], onde, como nos lembra Emilio Franzina, "o movimento operário anarquista e socialista, com muitos aderentes e jornais, se impôs como formidável agente de socialização e como sujeito ativo na obra de politização tanto dos imigrantes como dos nativos"[21].

De fato, os trabalhadores italianos, constituindo na cidade de São Paulo entre 60 a 80% dos artesãos e operários durante os primeiros vinte anos do século, encontravam-se, por conseqüência, no centro do estudo do movimento operário paulista, ao qual forneceram os líderes na organização dos sindicatos (que em alguns casos tiveram somente nomes italianos), e nas redações de numerosos jornais operários[22].

A identificação entre imigrante e operário foi posta em evidência, a partir dos anos 70, na obra de Dulles, trazendo à luz a influência exercida pelos novos trabalhadores chegados da Europa no nascimento e no desenvolvimento do movimento operário brasileiro durante a Primeira República[23]. É necessário acrescentar, de qualquer forma, que, tanto Dulles, como em seguida outros autores como Sheldon Leslie Maram, Boris Fausto, Páulo Sérgio Pinheiro[24], estudaram a influência dos imigrantes não somente italianos, mas

---

[20] Fernando J. DEVOTO, "Emigrazione italiana: un fenomeno di lunga durata", *Altreitalie*, n.10, 1993, pp. 71-81.

[21] Emilio FRANZINA, op. cit. p. 485.

[22] Pelo menos 10 associações sindicais paulistanas tinham nome italiano em 1901, ver Azis SIMÃO, *Sindicato e Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. São Paulo, Dominus, 1966. Segundo Maria Nazareth FERREIRA, *A imprensa operária no Brasil, 1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978, (pp. 94-97) 32% dos jornais operários publicados no estado de São Paulo entre 1880-1920, eram em italiano. Os restantes, todavia, eram redigidos em parte por italianos, ou continham diversas páginas em italiano. Além disso, analisando a duração e a periodicidade desses jornais, observa-se que os em italiano tiveram uma maior sorte, tanto na duração, quanto na tiragem atingida.

[23] John W Foster DULLES, *Anarchists and Communists in Brazil. 1900-1935*. Austin, University of Texas Press, 1973.

[24] Sheldon Leslie MARAM, op. cit.; Boris FAUSTO, *Trabalho urbano e conflito social. (1890-1920)*. Rio de Janeiro-São Paulo, DIFEL, 1977; Paulo Sérgio PINHEIRO, "O proletariado industrial na Primeira República", in Boris FAUSTO, (org.), *História Geral da Civilização Brasileira, III. vol.2*. Rio de Janeiro-São Paulo, DIFEL, 1978, pp. 137-178; e também Francisco FOOT HARDMAN, e Victor LEONARDI, *História da indústria e do trabalho no Brasil. das origens aos anos vinte*. Rio de Janeiro, Global, 1982; Marco Aurélio

também portugueses e espanhóis, embora no caso destes últimos a atenção tenha se deslocado para a cidade do Rio de Janeiro e para a de Santos.

Voltando à cidade de São Paulo, a identificação entre imigração e movimento operário fez surgir também lugares comuns, como por exemplo o suposto radicalismo político da maior parte dos trabalhadores italianos, desmistificado pelo artigo de Michael Hall, "Immigration and the early São Paulo working class", no qual ele redimensiona a teoria do radicalismo dos imigrantes, chegando até a inverter a tese comumente aceita do imigrante italiano convicto militante anarquista ou socialista, afirmando ser exatamente o fato de a grande maioria dos trabalhadores urbanos paulistanos ser composta de imigrantes que penalizou o movimento operário então nascente[25].

Assim como ele, de fato, também Maram, Trento, P.S. Pinheiro, Fausto[26], evidenciaram em sucessivas pesquisas, como causas fundamentais da precariedade das organizações sindicais e dos grupos socialistas e anarquistas de São Paulo, o individualismo de muitos imigrantes que nutriam propósitos de ascensão social, o fato de serem em muitos casos "birds of passage", além, enfim, de serem quase todos trabalhadores não-especializados, e portanto com uma maior dificuldade em fazer valer as próprias reivindicações durante as greves. A isso foi acrescentada também toda uma série de outras causas não menos importantes na determinação de um estado constante de desorganização e de ineficácia do movimento operário paulistano.

Para estes historiadores, a dura repressão policial, a alta porcentagem de menores e de mulheres em muitos estabelecimentos fabris, os cíclicos e longos períodos de

---

GARCIA e Michael M. HALL, "Urban Labor", in: ALDEN e Warren DEAN (ed.), *Essays concerning the socioeconomic history of Brazil and Portuguese India.* Gainesville, 1977.

[25] Na revista: *Jahrbuch fur Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Latinamerikas*, (12), 1975, pp. 393-407.

[26] Ver as obras já citadas destes autores.

desemprego, uma superabundante força-de-trabalho que favorecia a ação dos fura-greves, assim como a própria estrutura da economia industrial paulista, baseada em uma miríade de pequenas e médias oficinas e com grandes estabelecimentos somente nos setores têxtil e alimentício, não favoreceram o desenvolvimento de uma sólida organização sindical com uma certa capacidade reivindicativa[27].

Além disso, foi sublinhado que a formação de um partido que fosse expressão dos setores operários encontrou dificuldades na falta de um sistema eleitoral democrático real e não somente nominal, como era no fundo o brasileiro, dominado por uma oligarquia que obstaculava seriamente qualquer alternativa política, e onde os eleitores eram somente 4,5% da população.

Parte considerável da historiografia que se ocupou da relação imigração-movimento operário em São Paulo, concentrou-se no estudo da atuação dos anarquistas, tanto fora como dentro das associações de ofício, ao ponto de considerar anarquista quase todo o movimento operário e cada mobilização ou motim urbano que acontecia em São Paulo no início do século, homogeneizando identidades e posturas políticas de uma comunidade operária que estava longe de ser homogênea.

S.L. Maram e E.A. Gordon, por exemplo, não têm dúvidas em definir o movimento operário paulista como anarco-sindicalista, e mais, sustentam que a ideologia anarquista era a única que podia ser seguida entre as classes populares, vistas as exigências políticas dos trabalhadores exatamente enquanto imigrantes, isto é, contrários à idéia de construir suas

[27] No estado de São Paulo, em 1912, de 10.204 trabalhadores do ramo têxtil (o ramo mais importante), 6801 eram operárias, enquanto os menores de 16 anos chegavam a ser quase 3000. cfr. *BDET*, op. cit. pp. 35-77; em São Paulo, em 1919, 33,7% dos empregados nas indústrias era constituído por mulheres, Sheldon Leslie MARAM, op. cit., p. 166

vidas inteiramente no Brasil e portanto de construir organizações socialistas que juntassem a luta pelo sufrágio universal com a sindical reformista[28].

Ao mesmo tempo, o suposto anarquismo do movimento em São Paulo é tomado por eles também como causa da fraqueza das próprias associações sindicais. Desta forma, embora a historiografia separe anarco-comunistas e anarco-sindicalistas, são apontadas algumas características-base do movimento operário paulistano que resistem ainda hoje: uma difusa militância anarquista pela chegada de muitos imigrantes italianos já politizados na Itália, uma prática sindical que surge por esta obra de propaganda, e ao mesmo tempo um certo espontaneismo dos operários em relação às greves, (nos momentos em que a repressão e o desemprego desarticulavam grupos e associações sindicais)[29].

Contrariamente à grande atenção dedicada à atuação dos anarquistas, o estudo dos socialistas italianos em São Paulo sempre recebeu pouca consideração, talvez pela falta de um movimento socialista marxista autóctone organizado[30]. A historiografia, portanto, concentrou-se sobretudo em explicar o fracasso das tentativas de construção de uma

---

[28] Ibidem e IDEM, "Anarcho-Syndicalism in Brazil", *Proceedings of the Pacific Coast Council on Latin American Studies*, 4, 1975, pp. 101-116; Eric Arthur GORDON, *Anarchism in Brazil: Theory and Practices. 1890-1920*. Ph. D. Dissertation, New Orleans, Tulane Univ. 1978.

[29] Antônio Arnoni PRADO (org), *Libertários no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1986; HARDMAN, F. Foot, *Nem pátria, nem patrão. Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1983; Cristina Hebling CAMPOS, *O sonhar libertário. Movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas, Pontes, 1988; Jacy Alves de SEIXAS, *Memoire et oublie: anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil*. Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1988; Sílvia MAGNANI LANG, *O movimento anarquista em São paulo (1906-1917)*. São Paulo, Brasiliense, 1982; Maria Célia PAOLI, "São Paulo working-class and its representations. 1900-1940", *Latin American Perspectives*, 14/2, 1987.

[30] As principais tentativas de formação de um Partido Socialista no Brasil ligado à II Internacional foram realizadas em 1895 com a fundação a partir de Santos de um Centro Socialista de São Paulo, que desapareceu após poucos anos de vida, e em 1902, com o Congresso Socialista realizado na cidade de São Paulo. Este último congresso, como veremos na tese, deu vida a um Partido Socialista Brasileiro com um programa moldado sobre o do Partito Socialista Italiano: de fato, embora a esse congresso participassem delegados provenientes de todos os estados, a maioria deles eram italianos e representavam associações paulistas. Pelo que se refere ao caso de Rio de Janeiro, Cláudio BATALHA, no seu estudo sobre os sindicatos "amarelos" do Rio de Janeiro, verificou que um movimento socialista organizado ligado às idéias da II Internacional era

organização socialista no Brasil, assim como mostram em algumas páginas os trabalhos de Maram, Hardman e Leonardi, e Pinheiro[31].

Desta visão não fogem também os historiadores que dedicaram várias páginas ao tema, como Boris Fausto. Segundo ele, no Brasil, "a história do socialismo foi a história do pequeno círculo, com escassa penetração nos meios populares", embora especifique também que em São Paulo os grupos socialistas, exatamente graças à atividade dos socialistas italianos, foram em alguns anos mais visíveis do que os anarquistas[32].

Da mesma forma, Leonardi, negando ele também a existência de grupos socialistas no Rio de janeiro, reconheceu que em São Paulo a história do socialismo coincide grosso modo com a história dos socialistas italianos (e em parte alemães), que conseguiram fundar círculos e atuar nos sindicatos, ainda que com um menor sucesso que os anarquistas[33].

Ao mesmo tempo, Franzina, Trento, e Cândido, que se interessaram um pouco mais pelos socialistas italianos, indicaram a necessidade de aprofundar a atuação desse grupo em São Paulo, além dos anarquistas[34].

---

inexpressivo no Rio: Cláudio Henrique de Moraes BATALHA, *Le syndicalisme "amarelo" a Rio de Janeiro (1906-1930)*. These de Doctorat, Université de Paris "La Sorbonne", 1986.

[31] obras já citadas.

[32] Boris FAUSTO, op. cit., p. 97.

[33] Victor LEONARDI, *Origins historique du syndicalisme bresilien. 1858-1908*, Paris, Université de Paris VIII, 1973.

[34] Angelo TRENTO, op. cit., pp. 224-230; Emilio FRANZINA, op. cit., pp. 483-489; Antônio CANDIDO de Mello e Souza, *Teresina e seus amigos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997. Mais estudada foi a figura de Antonio Piccarolo, por um tempo diretor do "Avanti!" paulista, que, todavia, a partir de 1906, se separou dos outros socialistas italianos que atuavam em São Paulo, aproximando-se do ambiente oficial da comunidade (e por isso sempre criticado pelos seus antigos companheiros). Embora considerado como um dos representantes mais importantes do socialismo italiano em São Paulo, ele se dedicou exclusivamente à atividade de jornalista, com pouca ou nenhuma ligação com o movimento sindical, e com os outros grupos de socialistas italianos, apresentando-se portanto como uma personagem importante, mas todavia apartada, isolada. Ver Alexandre HECKER, *O socialismo possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*, São Paulo, T.A. Queiroz, 1989.

Igualmente, quando a historiografia se ocupou da relação imigração-desenvolvimento do movimento operário, sempre dedicou pouco espaço à análise do mutualismo italiano em São Paulo, excetuando Angelo Trento e Emilio Franzina, que, todavia, as estudaram somente em trabalhos mais amplos sobre a imigração italiana no Brasil[35]. O que é posto em evidência por estes poucos estudos é que o mutualismo italiano paulista, diferentemente do caso argentino (mais estudado pela historiografia que se ocupa de imigração italiana), parece apresentar uma maior dispersão, sobretudo no que se refere ao número de sócios, baixo mas difuso entre muitas sociedades. Trento, neste sentido, afirma que estas provavelmente não conseguiram oferecer o amparo necessário aos seus sócios, e que muitas vezes elas se apresentavam internamente divididas por causa das diferentes propensões políticas dos seus integrantes, que iam de posições monarquistas até socialistas e às vezes anarquistas.

Fausto, também, recentemente, sublinhou a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a importância que as associações de auxílio mútuo tiveram entre os italianos, uma vez que estas desenvolveram um papel fundamental nos processos de agremiação dos operários e artesãos italianos em todos os países americanos para onde emigraram[36].

De fato, tanto no caso argentino, como no americano, foi posto em evidência, pela recente historiografia que se ocupa do tema imigração italiana e movimento operário, a

---

[35] José de Souza MARTINS, *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio de São Paulo: São Caetano do fim do Império ao fim da República Velha*, São Paulo, São Caetano do Sul, Editora HUCITEC, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.; Tânia Regina DE LUCA, *O sonho do futuro assegurado. O mutualismo em São Paulo*. Brasilia-São Paulo: Contexto, 1990. A associação italiana de ajuda mútua (*Societá Italiana di Mutuo Soccorso*) é uma derivação nas comunidades italianas no exterior das sociedades operárias que começaram a surgir na Itália a partir dos anos 50 do século XIX. Elas representaram por muito tempo o único tipo de agremiação entre artesãos e operários, e tinham como fim o de ajudar os sócios quando velhos, ou em caso de acidente no lugar de trabalho. Ver também *Il Brasile e gli Italiani*. Firenze, Edizioni del "Fanfulla", Bemporad e Figlio, 1906.

profunda ligação existente entre sociedades italianas de auxílio mútuo e os grupos políticos e sindicais socialistas ou anarquistas[37].

[36] Boris FAUSTO, *Historiografia da imigração para São Paulo*, São Paulo, Ed. Sumaré-FAPESP, 1991, pp. 41-42.

[37] Edwin FENTON, *Immigrants and Unions, a case study: Italians and American Labor. 1870-1920.* New York, Arno Press, 1975; Donna Rae GABACCIA, *Militants and Migrants. Rural Sicilians Become American Workers*, New Brunswick and London, Rutger University Press, 1988; George E. POZZETTA, (ed.), *Pane e Lavoro. The Italian-American Working Class.* Toronto, Multicultural History Soc., 1983; Fernando J. DEVOTO e E.J. MIGUEZ, *Asociacionismo, trabajo e identidad etnica. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada. Buenos Aires, 1992.*

PARA UM ESTUDO DOS PROCESSOS DE ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES ITALIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Depois de ter analisado na minha *Tesi di Laurea*[38] a atuação dos anarquistas italianos em São Paulo, através de uma sistemática análise de sua imprensa nos primeiros vinte anos do século, decidi ampliar no doutorado o estudo do importante fenômeno da influência exercida pelos italianos na construção do movimento operário paulista, procurando aprofundar as análises e os resultados até agora alcançados sobre o tema da relação entre imigração italiana e a difusão de certas ideologias e práticas políticas e sindicais. Isto, acrescento, não na ótica de um estudo geral do movimento operário, mas sim dos italianos no interior dele, vendo de que modo se desenvolveu a presença italiana nesse movimento. Até que ponto podemos dizer que os imigrantes italianos forneceram algumas características, em termos de modelos e graus de militância ou de mobilização, ao movimento na cidade de São Paulo?

O objeto de estudo desta tese foi constituído, portanto, pelos operários e artesãos italianos da cidade de São Paulo, e por suas organizações políticas, sindicais, e mutualistas, no período 1890-1920, focalizando sobretudo a atuação dos socialistas.

Esta periodização foi escolhida porque creio que os processos de politização e organização destes imigrantes como italianos podem ser estudados com mais riqueza de argumentos ao longo deste arco temporal, quando ainda os setores operários eram

compostos em grande parte pelos próprios imigrantes e não pelas gerações nascidas no Brasil e antes que o surgimento do comunismo, e sobretudo do conflito fascismo-antifascismo na comunidade italiana de São Paulo, mudasse completamente os horizontes políticos destes trabalhadores.

Considerei fundamental refletir sobre quais organizações prevaleceram realmente no interior da comunidade operária e artesã italiana da cidade de São Paulo entre 1890 e 1920. Em quais momentos prevaleceu como ponto de referência política a simples associação de socorro mútuo, o grupo político-sindical de bairro, a associação sindical, o jornal socialista. Ao mesmo tempo, foi interessante avaliar quais aspectos foram reproduzidos ou reelaborados em uma realidade diferente: quais organizações não tiveram êxito, quais foram julgadas inexeqüíveis (ou refutadas pelas diferentes posturas ideológicas).

Esta tese, sobretudo, pretendeu dar uma contribuição à compreensão de como efetivamente operaram os militantes socialistas (e em parte republicanos) italianos na tentativa de dar uma expressão organizativa às exigências dos operários e artesãos patrícios em um país estrangeiro.

O meu trabalho foi concentrado sobre algumas questões que, após a análise da bibliografia sobre o tema, e o estudo dos anarquistas italianos em São Paulo, eu acredito que deveriam ser esclarecidas para compreender os processos de organização dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo, tendo em conta a pesquisa já por mim desenvolvida durante a *Tesi di Laurea* sobre a atuação dos anarquistas italianos.

---

[38] Luigi BIONDI, *La stampa anarchica italiana in Brasile*, Roma, Tesi di Laurea in Storia Contemporanea, Università degli Studi di Roma "La Sapienza", sob a orientação do Prof. Giuliano Procacci e do Prof. Angelo Trento.

Focalizei, então: 1) o papel desenvolvido pelos socialistas e republicanos italianos de São Paulo nas associações políticas, mutualistas e sindicais; 2) a relação entre as sociedades italianas de auxílio mútuo e o desenvolvimento do movimento operário.

Estudei tais questões conjuntamente, porque creio que dessa forma tenha sido possível compreender melhor uma comunidade na qual diferentes organizações se apresentavam interligadas.

É uma visão dinâmica que considera a existência de interseções entre os diferentes grupos, sendo que os militantes podiam participar destes concomitantemente, ou, mais freqüentemente, transitar entre eles ao longo de sua vida na cidade de São Paulo.

A ideologia anarquista entre os trabalhadores italianos em São Paulo teve uma difusão notável, mas grupos, círculos culturais, e jornais de matriz anarquista (nas versões anti ou pró organização sindical), não foram as únicas opções de identificação política presentes dentro destas camadas sociais, e nem as mais efetivamente difusas.

Pelo que se refere à atividade sindical, por exemplo, sabemos que em São Paulo existiu, de fato, uma certa preponderância do sindicalismo revolucionário (isto é, do sindicalismo ligado á prática da ação direta e da greve geral)[39]. Acredito, todavia, que isso não tenha eliminado a atuação dos outros socialistas italianos dentro destes sindicatos, assim como a possibilidade de greves parciais e localizadas, ou também daquelas em que era necessária a obra de mediação de socialistas italianos. No caso da cidade de São Paulo o próprio fato de os italianos constituírem a maioria esmagadora da classe operária fez com

[39] Sobre o sindicalismo revolucionário em São Paulo ver o estudo recente de Edilene T. TOLEDO, *O Sindicalismo Revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de idéias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o Fascismo*, Campinas, Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

que o Partido Socialista Italiano se ocupasse intensamente da organização e politização destes setores, até enviando líderes que já tinham uma grande experiência na Itália ou nas outras comunidades italianas na Argentina ou nos Estados Unidos.

A prática de transitar, e atuar por um tempo da própria vida, nas comunidades italianas no exterior era muito comum entre os militantes socialistas: era nestas comunidades que eles podiam fugir à perseguição da polícia italiana. Ao mesmo tempo, visto que cerca da metade dos imigrantes voltava após um tempo na Itália, isso fazia com que o PSI desse muita importância à propaganda entre estas comunidades: a formação de uma base socialista devia-se desenvolver necessariamente também no estrangeiro. Os diretores dos jornais socialistas no estrangeiro eram escolhidos às vezes pela própria direção nacional do PSI, como veremos no caso do diretor do *Avanti!* de São Paulo, Vincenzo Vacirca (aliás, mandado no Brasil também para entrar nos sindicatos e fundar cooperativas). Organizar os trabalhadores italianos no estrangeiro, além disso, era uma experiência feita também pelos personagem mais importantes do PSI, como foi no caso de Serrati nos Estados Unidos, ou de De Ambris no Brasil, ou também de Mussolini na Suíça, além do caso de Teodoro Monicelli que foi estudado especialmente nesta tese[40].

Foi por mim considerada, além disso, não somente a atuação dos socialistas italianos nos sindicatos, mas também sua participação em alguns jornais da grande imprensa de língua italiana de São Paulo, assim como em várias sociedades italianas de auxílio mútuo. Pretendi mostrar, aliás, que os socialistas, dando uma maior continuidade que os anarquistas às suas experiências de publicação de periódicos[41], forneceram um ponto

[40] Sobre Serrati ver: Anna ROSADA, *Serrati nell'emigrazione. 1899-1911*, Roma, Editori Riuniti, 1972.
[41] Tanto que o jornal *Avanti!* de São Paulo (com o mesmo nome do jornal oficial do PSI na Itália) foi publicado ininterruptamente de 1900 a 1908, e depois da repressão policial reapareceu em 1914 até fechar em 1919. Entre 1909 e 1914, todavia, os socialista italianos participaram de outros periódicos em língua italiana publicados em São Paulo: como *La Vita, Don Chisciotte, Il Giornale degli Italiani*.

de identificação para muitos operários e sobretudo para os mais especializados e para os artesãos, embora demonstrando também em São Paulo as mesmas divisões de correntes que o Partido Socialista tinha na Itália.

Gostaria de acrescentar, enfim, que a inexistência de possibilidades de participação no processo eleitoral no Brasil não podem ser superestimadas para explicar a impossibilidade de construir sindicatos e partidos socialistas, sobretudo se nós consideramos que a Itália assistiu a um grande desenvolvimento do PSI antes do sufrágio universal masculino de 1912, quando a porcentagem dos votantes era baixa, sem considerar que a repressão aos movimentos sociais na Itália não era muito diferente da que se deu em São Paulo. Além disso, podemos nos perguntar quanto se fez para que, através de uma naturalização em massa, os italianos pudessem ter acesso, ao menos no nível estadual ou municipal, à vida política. Já alguns documentos da *Camera Italiana di Commercio e Arti de São Paulo*, por exemplo, mostram como os socialistas italianos presentes na sua direção tentaram essa via já em 1909[42].

Outra questão que permanecia ainda aberta, e que analisei, foi a relativa a um aspecto organizativo que marcava a experiência de muitos trabalhadores italianos no início do século: considerados os períodos de desemprego (recordo que em alguns anos as oficinas paulistanas eram ativas somente três dias por semana), os problemas de habitação, a dificuldade de adquirir os bens a preços mais acessíveis, estudei em quais momentos tentou-se, pelo menos entre os operários mais especializados, construir pequenas cooperativas na cidade de São Paulo.

[42] Archivio Storico Diplomatico del Ministero Affari Esteri, Roma. Affari politici, Serie P. Do comité diretivo da *Camera Italiana di Commercio ed Arti*, fazia parte, desde a sua fundação, o socialista Bertolotti, que em 1914 se tornou sue presidente.

Também no estudo da relação mutualismo-movimento operário existiam ainda questões abertas que eu tentei analisar com esta tese.

Podemos dizer que em alguns casos as sociedades de socorro mútuo fundadas por imigrantes italianos transformaram-se em associações de oficio; e estudei, nesta tese, qual foi a relação que se estabeleceu entre umas e outras. Às vezes, de uma sociedade de ajuda mútua podia nascer um sindicato, mas esse podia prosseguir em uma linha diversa e conflituosa, em outros casos poderiam prosseguir paralelamente, talvez com os mesmos militantes agindo nas duas formações, em outros ainda poderiam não estabelecer relação alguma, ocupando espaços e envolvendo extratos sociais diversos.

Todavia, concentrei minha análise do tema mutualismo étnico-movimento operário, sobretudo no estudo da relação entre os socialistas (e republicanos) italianos e as várias sociedades italianas de socorro mútuo de São Paulo. Para muitos socialistas estas eram, não somente lugares criticáveis pelo seu nacionalismo ou bairrismo, mas também espaços étnicos nos quais se podia fazer propaganda e realizar iniciativas culturais e de lazer paralelamente à atividade nos lugares de trabalho, ou nos momentos em que as organizações propriamente operárias passavam por fases de enfraquecimento organizativo. Além disso, a participação no mutualismo constituía para a maioria dos militantes socialistas uma experiência e uma dimensão fundamental de sua atuação e em geral de sua vida, de acordo com a idéia de socialismo integral que prevaleceu entre os militantes do PSI e que previa a ação socialista nas formas variadas da sociedade de socorro mútuo, do sindicato, do grupo político, da cooperativa.

O mutualismo italiano também em São Paulo era atravessado por toda uma série de conflitos políticos internos e entre as mesmas sociedades, em particular entre monarquismo e anti-monarquismo. Este tema constituiu evidentemente uma parte importante da análise

desenvolvida nesta tese sobre os processos organizativos dos trabalhadores italianos em São Paulo.

Enfim, tentei entender se o fato de estas sociedades serem espaços étnicos supostamente abertos a todos sem preconceitos políticos, favoreceu no interior delas a troca de experiências entre seus sócios, e portanto a difusão entre os trabalhadores italianos de São Paulo de ideologias radicais.

Juntando este tema aos dos socialistas, quis compreender quais dificuldades os militantes socialistas enfrentaram na tentativa de empreender aquele caminho que o movimento operário tomou na Itália, pelo qual, partindo das associações de socorro mútuo foi se chegando à construção de mais ou menos amplas confederações de oficio, ou pelo menos de uma *Casa del Popolo*, ou de uma *Camera del Lavoro*[43].

Para analisar mais aprofundadamente os processos de organização de toda esta variedade de agremiações, não me limitei a estudar os grupos em si, e sobretudo nos momentos conjunturais (onde podiam ser melhor evidenciadas suas inter-relações), mas dediquei-me também ao estudo das trajetórias de muitos militantes, considerando que a abordagem biográfica podia revelar (e de fato revelou) aspectos que teriam fugido a um estudo mais panorâmico. Muitas destas vidas foram inseridas ao longo dos vários capítulos.

Esta tese desenvolveu-se, portanto, tendo como fim o de reconstruir esta multiplicidade, esta heterogeneidade, da atividade político-sindical dos trabalhadores

[43] De fato, na Itália, tanto as *Camere del Lavoro* (bolsas do trabalho), quanto as *Case del Popolo* (espaço que reunia as atividades de lazer e de propaganda dos anarquistas, dos socialistas e dos republicanos) surgiram muitas vezes da união de sociedades de socorro mútuo. Ver Diego ROBOTTI e Bianca GERA, *Il tempo della solidarietá. Le 69 societá operaie che fondarono la Camera del Lavoro di Torino*, Milano, Feltrinelli, 1991; Giuliano PROCACCI, *La lotta di classe in Italia all'inizio del secolo XX*, Roma, Editori Riuniti, 1970.

italianos na cidade de São Paulo, evidenciando que as diferentes organizações se desenvolveram ao longo do tempo, portanto estudadas não como entidades fixas, mas como fenômenos de um processo histórico-social.

Embora não tenha sido objetivo da minha tese uma análise comparativa, não pude deixar de considerar que as tentativas de organização não surgiam somente da experiência vivida em São Paulo, mas muitas vezes tinham em conta os resultados alcançados contemporaneamente na Itália e nas outras comunidades italianas nos EUA e na Argentina: circulação de idéias e de experiências possível graças àqueles militantes que transitavam entre estes mundos.

Queria concluir dizendo que parte da pesquisa foi realizada, graças aos financiamentos da FAPESP, na Itália, em arquivos e bibliotecas públicas e de fundações, sobretudo nas cidades de Roma e Imola, mas também em bibliotecas de Florença e Reggio Emilia.

APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

O **capítulo 1** foi dedicado ao estudo do mutualismo italiano em São Paulo ao longo do período 1880-1920, sua formação, seu desenvolvimento, suas estruturas internas e suas origens regionais ou políticas, de modo a dar um panorama geral, porém aprofundado, das sociedades italianas de socorro mútuo antes de analisar, nos outros capítulos, quais foram suas relações com os grupos políticos, em particular com os socialistas e republicanos italianos e como se inseriram nos momentos conjunturais e em geral no mundo associativo dos trabalhadores italianos de São Paulo.

Neste capítulo, todavia, a análise da trajetória do mutualismo italiano em São Paulo foi orientada a compreender seu papel dentro do contexto político e sindical vivido pelos trabalhadores italianos imigrados.

O **capítulo 2** concentrou-se no estudo das primeiras organizações políticas e sindicais dos socialistas e republicanos italianos em São Paulo durante a década de 1890. Foram estudadas suas inter-relações, suas ligações com as experiências precedentes e do mesmo período na Itália (e, sobretudo, nas regiões de origem da maior parte dos militantes que atuaram nestes grupos).

Em particular, foi dado um enfoque especial às trajetórias dos principais militantes socialistas e republicanos que fundaram os primeiros grupos políticos e sindicais em São Paulo, na ótica de compreender de que forma as suas experiências precedentes de militância

na Itália tinham influenciado na constituição de grupos e organizações no contexto paulistano, até chegar à formação da *Lega Democratica Italiana*.

Foi estudado também como estes grupos e estes militantes se relacionaram com as sociedades italianas de socorro mútuo e com as outras associações italianas em São Paulo e em que medida influenciaram ou participaram de sua politização.

A última parte do capítulo focaliza, então, o primeiro grande conflito que dividiu as sociedades italianas monarquistas e anti-monarquistas no final da década de 1890 e como, neste embate, as associações mutualistas e políticas de diferentes tendências se aliaram para formar dois pólos antagonistas.

No **capítulo 3** foram abordados os temas relativos à história dos socialistas (e em parte dos republicanos) italianos no período de ulterior desenvolvimento da *Lega Democratica*, de fundação do *Avanti!* (e de sua transformação em diário) e de fundação do Partido Socialista Brasileiro. Foi estudado como se estruturou a rede dos grupos socialistas a partir da cidade de São Paulo e no interior do Estado, e como a questão da mono-etnicidade determinou a redução do partido a uma federação socialista ítalo-paulista.

Ao mesmo tempo, foi dada atenção especial também à análise do papel de liderança desempenhado pelos socialistas italianos de São Paulo no âmbito do movimento sindical, na construção das ligas operárias de resistência e na organização das greves no início do século XX.

Continuando o estudo da relação entre mutualismo e organizações políticas e sindicais em São Paulo, buscou-se compreender como prosseguiram as ações dos socialistas e republicanos italianos nas sociedades italianas de socorro mútuo e como se

estruturaram suas relações com estas associações (e com outros tipos de associações italianas) em determinados momentos, seja de ação política, seja de ação sindical.

O **capítulo 4** foi dedicado ao período 1906-1909, sobretudo à conjuntura da greve de 1907 em prol das oito horas, e portanto foi analisada de forma aprofundada como se desenvolveram a atuação dos socialistas italianos durante a greve e também nos meses anteriores e seguintes no âmbito dos processos de organização sindical que ocorreram em São Paulo naqueles anos.

Em particular, acompanhei o estudo dos socialistas italianos na sua relação com a Federação Operária de São Paulo, para compreender como se manteve a presença fundamental destes militantes nos sindicatos em um período em que o movimento operário organizado paulista era caracterizado pela afirmação do modelo sindicalista revolucionário.

Também neste capítulo atentou-se à questão do mutualismo étnico – político – sindical, e portanto foi estudada também a participação das sociedades italianas de socorro mútuo na greve de 1907 e, de uma forma mais geral, a atuação dos socialistas italianos dentro destas associações (e nas recreativas, de beneficência ou dependentes do consulado da Itália), que foi de fundamental importância no apoio ao movimento operário e aos movimentos sociais do período.

O **capítulo 5** focaliza o período do novo crescimento dos grupos socialistas italianos com a vinda de novos líderes sindicais e políticos (como Teodoro Monicelli), a refundação da *Lega Democratica* (com o nome de *Lega della Democrazia*), a reestruturação de grupos socialistas de bairro, a colaboração com os republicanos italianos e os anarquistas e a retomada das publicações do *Avanti!* em 1914, que haviam cessado no final de 1908. O

período 1910-1912, que precede o período estudado neste capítulo, foi um período de crise da atuação dos socialistas italianos em São Paulo, e também das formações sindicais, embora alguns grupos socialistas nunca tenham desaparecido e a participação de operários e artesãos de tendência socialista nos sindicatos e nas sociedades de socorro mútuo tenham continuado de forma constante.

No capítulo 5, porém, mostrei como a atividade destes militantes voltou a nova vida e, prosseguindo a atuação da década anterior, conseguiu desempenhar um papel fundamental no mutualismo italiano e na reorganização dos sindicatos depois de 1913, explorando também novas formas de colaboração com as organizações e entidades italianas que cuidavam da questão emigratória.

Com o **capítulo 6** encerra-se a tese. Neste último capítulo focalizou-se a conjuntura da greve de geral de 1917 em São Paulo, o maior movimento grevista da Primeira República até aquele momento. Conseqüentemente, esta parte da tese estuda o desenvolvimento da greve em suas várias formas e as continuidades e descontinuidades em relação aos anos anteriores. Foram estudados o nascimento de novos sindicatos, suas estruturas, a intervenção dos grupos anarquistas e o importante papel dos militantes e líderes socialistas italianos no desenvolvimento da greve.

O advento da Primeira Guerra Mundial despertou também um novo conflito no interior da comunidade italiano de São Paulo e neste capítulo é analisado também a atuação dos socialistas italianos contra a participação da Itália no conflito e sua relação com as sociedades de socorro mútuo e outras associações patrícias neste período de surto patriótico e nacionalista. Ao mesmo tempo, foi também analisada a postura das associações italianas de São Paulo no contexto da greve geral.

Após a **Conclusão** (na qual a parte inicial esboça em linhas muito gerais como prosseguiu a atuação dos socialistas italianos entre grupos políticos, sindicatos e sociedades mutualistas a partir de 1918-19 até as décadas de 1920 e 1930), as **Fontes** e a **Bibliografia**, decidi colocar um **Apêndice**: um texto que apresenta um estudo, ao mesmo tempo geral e detalhado, da militância político-sindical (e mutualista) de imigrantes italianos de diversas tendências políticas, com um enfoque particular, obviamente, sobre os socialistas, a partir da análise de algumas fontes policiais brasileiras e em parte italianas.

O texto já foi apresentado (parcialmente) no último Simpósio Nacional de História da ANPUH, em Niterói, na Universidade Federal Fluminense, em 2001. Algumas partes deste texto foram inseridas nos capítulos da tese (nas notas ou no texto principal), porém considerei importante também apresentá-lo na sua inteireza, como uma análise biográfica da militância dos trabalhadores italianos em São Paulo. Pela sua natureza, o texto não podia ser inserido como um todo (como um capítulo, por exemplo), sem evitar repetições em uma tese que utiliza uma narrativa mais cronológica do que temática.

A minha intenção era apresentar os resultados deste escrito, não somente como suporte para compor os quadros biográficos dos muitos militantes analisados ao longo da tese, mas também sem quebrar a sua lógica de estudo geral biográfico, uma vez que, no primeiro caso, algumas considerações expressas neste texto teriam sido perdidas.

UMA BREVE HISTÓRIA DAS ORIGENS DO MOVIMENTO OPERÁRIO E SOCIALISTA NA ITÁLIA.

Gostaria de terminar esta introdução dando um breve panorama do desenvolvimento do movimento operário e socialista na Itália, somente para tecer uma rede referencial para a leitura dos temas analisados na tese[44].

Claramente, também para o caso italiano, o desenvolvimento do movimento democrático, operário, anarquista e socialista fazia parte de um processo geral europeu que tinha suas origens na tradição jacobina e nos movimentos liberais e revolucionários da primeira metade do século XIX. Sem dúvida, todavia, na península italiana este processo amplo de organização dos trabalhadores, no contexto de mudanças econômicas e sociais variadas do ponto de vista regional (com graus e períodos diferentes de gradual transformação industrial e de inserção ulterior no mercado europeu e mundial em via de industrialização), ocorreu dentro do quadro especificamente nacional da unificação do país, o chamado *Risorgimento*.

---

[44] Entre as principais referências bibliográficas utilizadas para a elaboração deste breve panorama cito as seguintes: Giorgio CANDELORO, *Storia dell'Italia moderna, volume VI, Lo sviluppo del capitalismo e del movimento operaio, 1871-1896*, Milano, Feltrinelli, 1978; IDEM, *Storia dell'Italia moderna, volume VII, La crisi di fine secolo e l'età giolittiana, 1896-1914*, Milano, Feltrinelli, 1981; Letterio BRIGUGLIO, *Benoît Malon e il socialismo in Italia*, Padova, Tipografia Antoniana, 1979; Zeffiro CIUFFOLETTI, *Storia del PSI. Volume I. Le origini e l'età giolittiana*, Bari, Laterza, 1992; Renato ZANGHERI. *Storia del socialismo italiano. I: Dalla rivoluzione francese a Andrea Costa*, Torino, Einaudi, 1993; IDEM, *Storia del socialismo italiano. II: Dalle prime lotte nella Valle Padana ai fasci siciliani*, Torino, Einaudi, 1997; Maurizio RIDOLFI, *Il PSI e la nascita del partito di massa: 1892-1922*, Bari, Laterza, 1992; IDEM, *Il partito della repubblica. I repubblicani in Romagna e le origini del PRI nell'Italia liberale (1872-1895)*, Milano, Franco Angeli, 1989; IDEM, *Il circolo virtuoso. Sociabilità democratica, associazionismo e rappresentanza politica nell'Ottocento*, Firenze, Centro Editoriale Toscano, 1990; Alberto BONIFAZI e Gianni SALVARANI, *Dalla parte dei lavoratori. Storia del movimento sindacale italiano. Volume I. 1860-1906: dalle Società di Mutuo Soccorso alla prima organizzazione unitaria dei lavoratori*. Milano, Franco Angeli, 1976.

O *Risorgimento* teve várias matrizes ideológicas e, iniciado a partir do nacionalismo liberal do século XIX, tinha suas raízes no período da ocupação francesa, na instauração de repúblicas e depois de reinos satélites da França de Napoleão que constituíram a primeira experiência de unificação nacional e (num primeiro momento) de renovação republicana democrática (em antítese às repúblicas oligárquicas de alguns estados italianos, aos ducados e reinos italianos ao poder temporal da Igreja católica na Itália central).

Depois do Congresso de Viena em 1815, o surgimento de movimentos que pregavam desde a transformação democrática até o estado liberal monárquico constitucional, tinham quase todos, na Itália, uma base comum: a unificação do país, dividido em sete estados independentes (dos quais um era teocrático) e com as regiões centrais e orientais do norte anexadas ao Império Austro-húngaro (Lombardia e Vêneto).

Após uma fase de quase absoluta clandestinidade (a maioria dos grupos, *carbonari*, *filadelfi*, etc., podiam facilmente ser confundidos com a maçonaria), que caracterizou o período 1816-1835, o movimento *risorgimentale* entrou em uma fase dicotômica, constituída, com a exceção do movimento liberal-federalista, por dois projetos de unificação, claramente expressão de duas visões socioeconômicas bem diferentes. O projeto conservador auspiciava a unificação do país sob a liderança da monarquia *Savoia*, do Reino de Sardenha (uma série de conquistas militares até chegar à formação do Reino de Itália) o projeto democrático acreditava na idéia de criar uma Itália republicana e parlamentarista (até com sufrágio universal), cuja unificação deveria ser baseada em revoltas e revoluções. O projeto monarquista acabou ganhando, também com o auxílio (às vezes involuntário) de homens e associações que lutaram para uma Itália republicana, mas que, em primeiro lugar, queriam ver a unificação da península italiana em um Estado único. O principal deles foi Giuseppe Garibaldi (que morreu em 1882), um líder republicano que constituiu a figura

típica do guerrilheiro do século XIX e que integrava o movimento político *mazziniano* e que nos últimos anos da sua vida aderiu ao socialismo.

O projeto democrático tinha suas bases no movimento *Giovine Italia* fundado por Giuseppe Mazzini (1805-1872) em 1831, o teórico mais importante do republicanismo italiano. Vale a pena lembrar que grupos da *Giovine Italia* surgiram também, graças a imigrantes ou exilados, também na América do Sul, na Argentina, no Uruguai, no Chile e no Brasil (Rio de Janeiro)[45]. Da idéia da nação-povo, Mazzini chegou à da nação democrática e popular, baseada no sufrágio universal, mas tratava-se de um nacionalismo patriótico e republicano que previa a fraternidade dos povos, através de uma fraternidade de nações democráticas.

A *Giovine Italia* encontrou seus adeptos quase exclusivamente entre os artesãos e os primeiros operários especializados dos centros urbanos da Itália central e setentrional, e inspirou todo o processo associativo dos trabalhadores italianos até 1865-70, quando começaram a aparecer às associações internacionalistas (inspiradas no bakuninismo, e parcialmente no marxismo), que todavia, na maioria dos casos surgiram justamente por obra de militantes *mazziniani*. De fato, as bases do republicanismo *mazziniano* tinham muitas características populares e de classe, como o associacionismo democrático, o insurrecionalismo popular, a importância do mutualismo e do cooperativismo, a guerrilha revolucionária, as fraternidades entre as nações-povo, que permitiam a passagem para organizações que se declaravam mais explicitamente de caráter classista, sobretudo para os republicanos que atuavam nas primeiras áreas urbanas fortemente industrializadas do país, ou em regiões onde havia meeiros (a Itália central) ou a presença de fazendas já geridas em forma semi-industrial com milhares de camponeses assalariados (a vale do rio Pó,

sobretudo). O movimento mazziniano participou também da Primeira Internacional em 1864.

A Reino da Itália nasceu em 1861, mas a unificação veio a ser completada somente depois de outros três conflitos: em 1866 (anexação do Vêneto), 1870 (anexação de Roma), 1918 (anexação do Trentino, da Istria e da Venezia-Giulia).

A partir de 1848-49, depois das revoltas e guerras daqueles dois anos, a idéia da revolução nacional, também na Itália, começou a ser acompanhada com mais força pela idéia de uma revolução social. O ano de 1848 foi um marco também em termos de sensibilidade coletiva, com o aumento dos círculos políticos, da imprensa, das manifestações de massa: na Itália quase todas as grandes cidades viveram momentos insurrecionais importantes, com o ápice na República Romana (que por meses resistiu aos ataques franceses), na qual desempenharam um papel fundamental Garibaldi, a esposa Anita e o próprio Giuseppe Mazzini, que dela foi o presidente (e, deveríamos dizer, também alguns veteranos da Farroupilha).

Nas reflexões e nos debates que acompanharam este período, apareceram, entre os democráticos italianos, posições ainda mais radicais das de Mazzini, porém surgiram ainda dentro do movimento *mazziniano*. Republicanos como Giuseppe Ferrari, Carlo Pisacane e Giuseppe Montanelli, propunham insurreições populares que envolvessem também, ou sobretudo, os camponeses (na época o proletariado italiano) e ainda princípio de uma sociedade gerida por associações federadas.

O mazzinianismo, de forma geral, introduziu na Itália também a idéia de partido organizado no nível nacional, mas, sobretudo, desempenhou um papel fundamental na

[45] Angelo TRENTO, *op. cit.*.

difusão das sociedades operárias mutualistas naquele país, que começaram a surgir na década de 1850 nos centros urbanos do Piemonte, da Liguria e da Toscana, onde a nova legislação pós-49 permitiu a livre associação para fins mutualistas. Estas sociedades se dedicavam sobretudo ao socorro mútuo, à instrução dos trabalhadores e ao estudo dos meios para melhorar as condições de trabalho. Diferentemente das corporações de Antigo Regime, tais sociedades tinham regras e estatutos definidos que fixavam as condições da ajuda financeira aos sócios, tomavam as decisões na base da democracia direta e tinham um caráter leigo e tendencialmente autônomo. Elas se tornaram núcleos de participação civil e também de formação de líderes do movimento operário e socialista até o início do século XX.

Em 1862 existiam cerca de 400 sociedades de socorro mútuo no recém-nascido Reino da Itália, a maioria no Piemonte e as outras na Lombardia, e nas regiões da Itália central.

Mazzini e os mazziniani participaram profundamente deste processo e agiram também para criar a primeira organização política dos operários italianos. Desde a fundação, em 1841, da *Unione degli Operai Italiani*, como seção da *Giovine Italia*, Mazzini desempenhou uma ação constante em prol da organização dos trabalhadores italianos, até chegar à criação de uma associação operária nacional que sobreviveu à sua morte e contava, em 1878, com 33.000 filiados.

Paralelamente ao empenho nas sociedades de socorro mútuo, os *mazziniani* constituíram a maioria dos organizadores das cooperativas de consumo e de produção e, mais tarde, de crédito, que começaram a difundir-se depois da unificação.

A partir da década de 1860, os *mazziniani* intensificaram também a sua pressão nas sociedades operárias de socorro mútuo para que se tornasse evidente o caráter político

republicano e democrático destas organizações em oposição aos sócios moderados que, em grande parte monarquistas, insistiam na neutralidade política do mutualismo. Desta forma, o movimento *mazziniano* afirmava o direito de participação política dos trabalhadores. Neste contexto, Mazzini empenhou-se com força para consolidar e aumentar a sua influência nas sociedades operárias com o objetivo de criar uma ampla base popular antimonarquista. No IX congresso das sociedades de socorro mútuo em Florença (1861), os *mazziniani* conseguiram fazer aprovar deliberações favoráveis ao sufrágio universal e à instrução pública gratuita e obrigatória.

Nos congressos operários seguintes o papel de direção dos *mazziniani* tornou-se ainda mais evidente e conseguem elaborar um estatuto nacional das organizações operárias italianas (baseado no da *Fratellanza Artigiana* de Florença), aprovado em 1864 com o nome de Pacto de Irmandade (*Pactto di Fratellanza*). Ele iniciava com a declaração que o fim da organização era o progresso moral, intelectual e econômico da classe operária, julgando necessária, para alcançar este objetivo, a atividade de todas as forças existentes na classe.

A hegemonia do movimento *mazziniano* nos processos de organização dos trabalhadores italianos urbanos era evidente naquele período, mas, ao mesmo tempo, ganhava espaço, entre muitos adeptos do mazzinianismo, a idéia de que o mutualismo e a conquista de direitos políticos devia ser acompanhada por uma ação organizativa entre os trabalhadores, que chegasse a aplicar o princípio da ajuda mútua aos sócios no caso de conflitos com os empresários. Além disso, parecia cada vez mais necessária a formação de sociedades operárias que tivessem como principal objetivo obter melhores salários e horários. As mudanças socioeconômicas que a Itália também estava experimentando, com o aumento dos trabalhadores urbanos empregados em estabelecimentos com mais de 30-50

operários, trouxeram também um clássico crescimento da arma utilizada nos conflitos de classe: a greve. As organizações que na Itália se associaram a I Internacional, de fato, surgiram todas do mazzinianismo.

Mas outras experiências e outros movimentos começaram a difundir-se neste contexto aparentemente unitário.

A presença de Bakunin e o papel desempenhado por ele e outros *mazziniani* radicais nas revoltas camponesas de 1868-69, a Comuna de Paris (à qual participaram muitos membros do exército de Garibaldi), o fracasso da última tentativa insurrecional de Mazzini em 1870, levaram muitos militantes do republicanismo *mazziniano* a ter como ponto de referência na sua ação organizativa os princípios da Associação Internacional dos Trabalhadores e não mais somente o cooperativismo e o mutualismo democrático mazziniano.

De qualquer forma, foi na década de 1870 que muitas sociedades de socorro mútuo iniciaram uma transformação gradual em direção à sociedades de resistência (isto é, que se dedicavam a defender os operários nas greves), embora por muitos anos, nas mesmas organizações, tinham convivido mutualismo e resistência, sem que um aspecto prevalecesse sobre o outro. Ainda em 1891, podia-se afirmar com certeza que muitas das 69 sociedades operárias de Turim, que naquele ano fundaram uma das primeiras bolsas do trabalho (*Camera del Lavoro*) na Itália, dedicavam-se ao mesmo tempo à beneficência, ao mutualismo e à resistência (isto é, a organização das greves), e, às vezes, na mesma sociedade pequenos empresários conviviam com seus empregados.

No período 1870-1880, muitos grupos republicanos e democráticos italianos que tinham surgido no âmbito do movimento mazziniano, passaram a incorporar ideais e propostas do socialismo francês, sobretudo de origem proudhoniana. Em outros casos, incorporaram o inserrucionalismo popular bakuninista: no fundo, uma versão mais proletária que a de Mazzini, que, filho do período do *Risorgimento* nunca confiou nos camponeses italianos vistos como "agentes" do clericalismo e profundamente reacionários.

O socialismo-anárquico bakuninista, em poucos anos, conquistou quase todas as 21 seções que constituíam a federação italiana da AIT e que realizaram seu I congresso em 1872. Em 1873 já eram 129, com quase 27.000 membros e saíram da AIT em solidariedade à expulsão de Bakunin. Entre os líderes estavam Andrea Costa, Erico Malatesta, Carlo Cafiero (todos amigos de Bakunin, que ainda vivia exilado na Itália).

Todavia, a ligação entre o mundo associativo *mazziniano* e o internacionalista de inspiração bakuninista encontrava um terreno fértil de ação no insurrecionalismo, ao ponto que em 1874 realizaram conjuntamente uma nova tentativa de insurreição que fracassou e que levou a um período de aguda repressão da qual se salvou praticamente só o grupo de *La Plebe* de Bignami e Gnocchi-Viani, que há anos contrastavam em Milão as tendências bakuninistas.

Os dois eram a expressão daquele jovens *mazziniani* que também tinham saído do movimento passando explicitamente ao internacionalismo socialista, mas ficaram na AIT também depois da saída da quase totalidade das seções italianas após o conflito Marx-Bakunin. O grupo de *La Plebe* era muito próximo das idéias de Benoît Malon (o comunardo exilado na Itália que em 1874 fundou em Palermo o jornal *Il Povero*), que, aliás, colaborou ativamente com o periódico de Bignami e Gnocchi-Viani.

O socialismo integral e evolucionista de Malon (uma idéia de organização geral dos trabalhadores que *integrava* diversas formas de associação: política, mutualista, sindical e cooperativa) encontrou, a partir do período 1874-1880, uma notável difusão em vários grupos internacionalistas italianos, sobretudo da Itália do norte (em particular, na Lombardia), levando a Federação da Itália do Norte da AIT (*Federazione Alta Italia*) a proclamar sua autonomia em relação ao resto das associações italianas ligadas à Internacional anarquista.

As idéias de Malon se difundiam em um contexto onde as sociedades operárias (diversas misturando objetivos mutualistas e de resistência) eram ainda mais presentes no mundo do trabalho italiano (não somente entre os trabalhadores urbanos, mas também entre os camponeses do norte), em 1879 já eram mais de 2.000. As sociedades de socorro mútuo, influenciadas pelos republicanos (isto é, os *mazziniani*), pelos radicais e pelos internacionalistas e os grupos políticos democráticos, ofereciam a operários e artesãos ocasiões de encontro e de relações sociais que proporcionavam a circulação e a socialização das idéias políticas. Abriram-se espaços para a propaganda do socialismo evolucionista e a fundou-se do Partido operário socialdemocrático alemão em 1875 (e sua participação eleitoral em 1877) ajudando na difusão de novos modelos de ação política entre os trabalhadores também na Itália.

Mas o modelo específico de organização socialista que acabou triunfando na Itália foi o do Partido Socialista Belga, na procura de chegar a uma síntese entre o associacionismo socialista, o republicano e o dos anarquistas (caracterizado pelo federalismo). Esta procura respondia também à exigência de implantar uma organização nacional em um país de grandes diferenças regionais, mas com uma certa tradição municipalista, pelo menos no Itália central e setentrional.

É deste período (em 1878, com a carta publicada no *La Plebe*, "Ai miei amici di Romagna") o abandono por parte de Andrea Costa do insurrecionalismo bakuninista, iniciando a sua tentativa (que teve sucesso) de levar os grupos internacionalistas da Emilia-Romagna a passar do anarquismo à participação na construção do partido socialista também na Itália. O anarquismo iniciou seu declínio gradual, porém continuou a ter uma presença considerável (ainda que minoritária) em algumas regiões do país (Toscana, Romagna e Marche, sobretudo).

Nos anos oitenta do século XIX o movimento operário e socialista italiano viveu um processo de crescimento organizativo, que continuava seguindo as tendências já vistas na última parte da década anterior, com a presença de movimentos unitários importantes.

Em 1880, por exemplo, em Bologna, iniciou-se uma campanha para o alargamento da participação política (o sufrágio universal). A organização que promoveu esta campanha, através de núcleos e comícios que se difundiram rapidamente na Itália inteira, era a *Lega della Democrazia*, fundada por Garibaldi em 1879. Na lega participavam todas as forças democráticas italianas: republicanos, radicais e socialistas (com a exceção dos anarquistas que não participavam do processo eleitoral). Como veremos na tese, esta organização unitária surgiu mais tarde (em dois períodos diferentes) também em São Paulo, com funções um pouco diferentes, mas com o mesmo objetivo de agregar militantes de diversas tendências. O campanha iniciada em Bolonha, que terminou com o "Comizio dei Comizi" em Roma em 1882, foi um importante momento de unidade entre socialistas e republicanos. Uma reforma eleitoral, de fato, aconteceu em 1882 e o número dos cidadãos com direito de voto aumentou, embora somente 7% da população pudesse votar. Todavia, o valor de renda necessária para eleger ou ser eleito foi diminuído substancialmente na nova lei eleitoral: outros critérios, como o grau de alfabetização, tornaram-se mais importantes e

se abriam, portanto, possibilidades para ulteriores crescimentos do número dos eleitores nos anos seguintes, pois durante a década de 1880, a escola e o exército proporcionaram um aumento considerável dos alfabetizados e também dos eleitores.

Enquanto isso, Andrea Costa, em 1881, havia fundado o *Partito Socialista Rivoluzionario di Romagna*, cuja difusão ia além da Emilia-Romagna, pois seu objetivo era de tornar-se um partido socialista no nível nacional. Em 1882 Costa foi eleito deputado (o primeiro deputado socialista), numa eleição que viu aumentar o número de deputados democráticos (chamados também de radicais), que foram eleitos graças aos votos dos militantes de grupos republicanos e socialistas. A partir de 1884 o partido passou a chamar-se *Partito Socialista Rivoluzionario Italiano*.

Nos mesmos anos, nascia o *Partito Operaio Italiano*, que também tinha o objetivo de difundir-se em nível nacional, mas que tinha uma difusão consistente somente na Lombardia e no Piemonte. Na década de 1870, *mazziniani* e liberais progressistas (os radicais) ainda dominavam as direções das associações de operários e artesãos em diversas cidades destas duas regiões. No início de 1880, por exemplo, foram eles que levaram a vitória a grande greve dos tipógrafos milaneses. Todavia, no congresso que fundou a Confederação Operária Lombarda, uma organização ainda mais ligada ao mutualismo do que a resistência, surgiram as primeiras tendências *operaistas* e as tentativas de diminuir a influência dos antigos dirigentes radicais e republicanos. Neste contexto surgiu (inicialmente em Milão) o *Partito Operaio Italiano*, com um programa que apresentava analogias com os princípios democráticos e mazzinianos (sufrágio universal, direitos de associação, importância das sociedades socorro mútuo, abolição do exército permanente e cooperativismo), mas abria-se a discussões novas e a novos modelos de sociedade.

De fato, a nova organização tinha como princípios fundamentais: a formação de um partido operário nacional independente, a legitimação da luta de classe e a greve como principal arma de melhoria das condições de vida e de trabalho (enquanto os *mazziniani* e os radicais pretendiam favorecer as práticas mutualistas e de solidariedade beneficente). O programa afirmava a liberdade de associação e de greve, e a criação de organizações voltadas exclusivamente a luta de classe, como sindicatos e ligas de resistência, para ultrapassar os limites, cada vez mais evidentes, das sociedades mutualistas. Um dos inspiradores do programa foi Gnocchi-Viani, outra figura importante do POI era Filippo Turati.

Durante a na década de 1880, o crescimento industrial, a crise agrária e a expansão do setor das construções, constituíram um contexto no qual houve um aumento considerável das greves. O crescimento da agitações operárias expressavam exigências econômicas e políticas que favoreceram uma ligação mais estreita entre resistência operária e socialismo.

A partir de 1885 o POI chegou a obter a maioria na Confederação Operária Lombarda e ia desenvolvendo uma estrutura baseada (como a do Partido Socialista Belga da época) em uma federação de sociedades de resistência difusas no território, que contemplavam também outras finalidades (mutualismo, cooperativismo, participação política). Delas faziam parte sobretudo operários e artesãos das cidades da Lombardia e camponeses jornaleiros da província de Mantova.

No mesmo período também o partido de Costa (deputado) crescia com o surgimento de grupos políticos que coordenavam também a ação das primeiras ligas e cooperativas camponesas da Emilia-Romagna numa relação campo-cidade cada vez mais estreita.

A década de 1890 abriu-se com a fundação da primeira Bolsa do Trabalho (*Camera del Lavoro, CdL*) em Milão, agregando diferentes tipos de sociedades operárias, em sua maioria dedicadas a resistência: a *camera* tinha como objetivo principal ocupar-se da colocação da mão-de-obra no mercado de trabalho e ao mesmo tempo da coordenação das greves (os fundos para o seu funcionamento vinham de várias fontes, também de subsídios públicos das prefeituras). A iniciativa partiu também dos líderes do POI, como Gnocchi-Viani e Turati, que participaram ativamente na elaboração dos estatutos da CdL. A esta primeira bolsa seguiram-se outras nas principais cidades italianas, nos anos imediatamente seguintes.

Também entre os republicanos italianos começou a evidenciar-se a sua crítica à produção capitalista e foram se aproximando cada vez mais aos programas socialistas, sobretudo a partir de 1889, no XVII congresso das sociedades operárias do Pacto de Irmandade. O partido republicano italiano, herdeiro do mazzinianismo, começou a utilizar com mais freqüência a definição de Partido Republicano Social, porém, embora muitas sociedades operárias mazzinianas tenham participado da fundação do partido socialista italiano, o partido republicano não desapareceu, conservou sempre sua independência, e não confluiu no futuro partido socialista. Todavia, os militantes dos dois partidos compartilharam muitos momentos de ação política e sindical, fato que caracterizou o movimento operário italiano também depois de 1892, sobretudo entre a década de 1890 e a greve geral de 1904. Especialmente no mundo mutualista e cooperativista (e em algumas bolsas do trabalho) a participação comum de militantes socialistas e republicanos foi a sua característica até o advento do fascismo. Assim como, pelo menos até o início do século XX, nas eleições (locais ou nacionais), em algumas áreas do país e dependendo do período, era freqüente que socialistas e republicanos se acordassem para eleger representantes

comuns. Ainda na década de 1910, boa parte dos prefeitos progressistas tinham sido eleitos em listas apoiadas pelos republicanos e pelos socialistas (listas chamadas "radicais").

O Partido Socialista Italiano surgiu, enfim, em 1892, com o nome de *Partito dei Lavoratori Italiani* durante um congresso organizado em Gênova em agosto.

Ao congresso participaram cerca de 200 delegados representando 324 associações: organizações econômicas (sociedades de socorro mútuo, sociedades e ligas de resistência operárias e camponesas e cooperativas) e organizações políticas (grupos, comites eleitorais e uniões democráticas). Os grupos que tinham mais representantes eram constituídos pelas sociedades operárias mazzinianas do Pacto de Irmandade (representadas por Antonio Maffi), pelas associações de operários e camponeses da Emilia e pelas associações de Milão (quase todas ligadas ao POI). Havia claramente muitos representantes do partido de Andrea Costa e também muitos grupos anarquistas (liderados por Pietro Gori) e grupos socialistas sicilianos (os *Fasci dei Lavoratori*).

Havia uma grande variedade de organizações: 35 eram círculos políticos, 93 se definiam sociedades operárias, 13 eram ligas de resistência, 34 sociedades cooperativas, 8 sociedades educativas e culturais, 5 sociedades recreativas e também uma sociedade de veteranos das guerras pela independência. Nestas formas da sociabilidade popular, que se desenvolveram durante as décadas posteriores à unificação graças a atuação dos democráticos *mazziniani* e *garibaldini*, radicais e socialistas, estavam os núcleos vitais da participação e do empenho para a formação do partido e das práticas da nova organização política.

Todavia, os representantes anarquistas recusaram-se a aceitar o ponto do programa que previa a participação política eleitoral e realizando um outro congresso, que fixou a separação definitiva do movimento anarquista do socialista na Itália.

Os grupos restantes, com a exceção dos socialistas de Costa, que depois da saída dos anarquistas acabaram não participando de nenhum dos dois congressos, chegaram a fundar o partido socialista italiano. Já em 1893, Costa aceitava o programa do novo partido o partido socialista revolucionário que se tornou o *Partito dei Lavoratori Italiani*.

Apesar da oposição do *mazziniano* Maffi, o programa proposto por Turati acabou ganhando. O programa de 1892 inaugurava o nascimento de um partido operário autônomo que acolhia a doutrina marxista, recusava o anarquismo e introduzia uma separação entre ação política e ação econômica e estabelecia como objetivos a socialização dos meios de produção e da conquista dos poderes públicos. Obviamente, este partido se associou à II Internacional (que tinha sido fundada em 1889). Em 1893 adotava o nome de *Partito Socialista dei Lavoratori Italiani* e, em 1895, o nome, definitivo, de Partito Socialista Italiano (PSI), constituindo a principal força política entre os trabalhadores italianos.

Do ponto de vista do modelo organizativo do partido, havia muitas diferenças em relação ao modelo centralizado do partido alemão, considerado como o partido socialista "padrão".

O partido italiano adotou uma estrutura federativa que reconhecia uma forte autonomia aos vários grupos: havia núcleos explicitamente políticos e outros que se ocupavam de resistência e até de mutualismo. Em um breve período, porém, o partido assumiu a forma que teria conservado até o advento do fascismo:, um partido político cujos núcleos dedicavam-se exclusivamente a luta eleitoral e a propaganda socialista. Todavia, permaneceu a sua estrutura federativa, pois o partido era organizado em federações provinciais que agregavam os núcleos de cada província da Itália, além de haverem diversas federações estrangeiras, formadas pelos imigrantes italianos.

Sua ação previa uma constante colaboração com as ligas de resistência, que, organizadas localmente nas *Camere del Lavoro* desde o início da década de 1890, formaram mais tarde, em nível nacional, a *Confederazione Generale del Lavoro* (CGdL, fundada em 1906). É preciso sublinhar, todavia, que a CGdL nunca substituiu a organização de base localista realizada pelas *Camere del Lavoro*: os dois tipos de organização sindical agiam paralelamente. A força do municipalismo da sociedade italiana fazia com que todas as ligas e sindicatos associados a CGdL fossem também associados a *Camera* de sua cidade, mas não vice-versa (quer dizer, não todas as CdL estavam associadas a CGdL). Isto foi ainda mais evidente com a difusão do sindicalismo revolucionário a partir da greve geral de 1904, pois muitas *Camere del Lavoro* passaram entre 1905 e 1913 ao sindicalismo de ação direta. Porém, a maior parte das CdL continuou sendo dirigida por filiados ao PSI, que, de forma geral, controlavam também a CGdL.

Lembramos, enfim, que no início do século XX quase todos os centros com mais de 20.000 habitantes já tinham sua bolsa de trabalho e quase sempre agregavam também ligas e trabalhadores dos centros menores dos arredores.

Ao mesmo tempo, foi fundamental também a participação de militantes do PSI na organização das sociedades de socorro mútuo e nas cooperativas de consumo e produção (onde eram muitos também os republicanos). A *Lega delle Cooperative e Mutue*, que agregava todas estas sociedades em nível nacional, era controlada, em grande parte, por militantes do PSI (até o advento do fascismo), pois espelhava o fato de que a maioria das sociedades de socorro mútuo e sobretudo das cooperativas, era dominada por sócios membros do PSI.

Podemos dizer que foi o modelo do integralismo malonista que caracterizou substancialmente a ação dos socialistas italianos entre o nascimento do partido e a chegada ao poder de Benito Mussolini em 1922.

A importância do partido, residia mais no seu valor de organismo coordenador e agregador de militantes que agiam em diversos espaços organizativos, desde as ligas operárias, até sociedades de socorro mútuo e as cooperativas.

Claramente, o partido conseguia em diversos casos articular frentes parlamentares para chegar a aprovação de algumas de suas propostas no campo da legislação social (começando pelos financiamentos e subsídios até as bolsas de trabalho e as cooperativas, ou as sociedades mútuas), porém a sua atuação parlamentar era sobretudo de crítica do governo e de testemunha das condições dos trabalhadores italianos.

Estas considerações são ainda mais claras se pensamos no fato de que, até a lei do sufrágio universal masculino de 1912 (isto é, até as eleições de 1913), menos de 20% da população italiana tinha o direito de voto. Além disso, ainda que os deputados do PSI tenham aumentado, ao longo do período 1892-1913, de 6 para 53 (eram 44 antes do sufrágio universal masculino e a média do período 1900-1912 foi de 35 deputados), o PSI nunca ultrapassou a casa de 20% dos votos obtidos, do ponto de vista proporcional.

Somente com as eleições de 1919 o PSI se transformou e um partido político de massa, cuja atuação parlamentar era tão importante quanto a que foi a sua principal função nos processos de organização dos trabalhadores italianos, entre 1892 e 1915: coordenar a atuação dos sindicatos, das associações mutualistas, das cooperativas (e formar suas lideranças) no âmbito da construção de um projeto socialista comum.

CAPÍTULO 1

O DESENVOLVIMENTO DAS SOCIEDADES ITALIANAS DE SOCORRO MÚTUO EM SÃO PAULO E SUAS BASES ENTRE 1880 E 1920: MUTUALISMO ÉTNICO, BENEFICÊNCIA E ASSISTÊNCIA ENTRE NACIONALISMO, SOCIALISMO E DEMOCRACIA.

1.1

O ASSOCIACIONISMO ITALIANO NO CONTEXTO PAULISTA: ORIGENS E PERCURSOS.

Enquanto no Reino da Itália o movimento mutualista crescia a cada ano, sobretudo após a anexação de Roma em 1870, surgiam no Brasil, e sobretudo em São Paulo, as primeiras sociedades italianas de socorro mútuo. Na verdade, a primeira sociedade italiana dedicada à assistência mútua foi fundada, em 1854, na capital brasileira, Rio de Janeiro, com o nome de *Società Italiana di Beneficenza*. Bem antes que se iniciasse a emigração em massa para o Brasil, a comunidade italiana do Rio de Janeiro era uma das principais colônias de italianos no exterior, e esta cidade havia acolhido, durante o processo de unificação italiana, muitos integrantes da *Giovine Italia*, a organização independentista republicana italiana liderada por Giuseppe Mazzini. A comunidade italiana no Rio contava, além disso, com um número notável de comerciantes e artesãos, o que tornou possível a

fundação da primeira sociedade italiana em terras brasileiras, dando vida a uma sociedade que, por décadas, monopolizou a vida associativa dos italianos imigrados no Distrito Federal, além, obviamente, da participação destes nos sindicatos e grupos políticos cariocas, independentemente de sua participação nas associações de classe[1].

Alguns anos mais tarde, em 1878, surgia na cidade de São Paulo a *Società Italiana di Beneficenza di San Paolo*, iniciando um processo que terminaria somente no final da década de vinte, claramente acelerado pelo início da imigração maciça proveniente da Itália no período que vai de 1888 até 1902, ano em que, com o decreto Prinetti, o governo italiano retirou das companhias italianas de navegação a licença para transportar emigrantes subsidiados para o Brasil, isto é, com a passagem paga, interrompendo assim, legalmente, a política de subvenção da imigração para a lavoura do café, que se dirigia obviamente sobretudo para o Estado de São Paulo[2].

As próprias características da imigração italiana para o Brasil, concentrada inicialmente na imigração de núcleos familiares para as lavouras do café (obviamente com uma maioria de famílias camponesas) foram talvez a causa principal de um certo atraso na fundação e no desenvolvimento de sociedades mutualistas urbanas, ou que, pelo menos, ainda que sediadas nos centros urbanos que iam-se desenvolvendo ao longo das ferrovias

---

[1] A *Società Italiana di Beneficenza* do Rio de Janeiro, que, em 1875, fundiu-se com a *Società di Mutuo Soccorso*, fundada no ano anterior, existe ainda hoje. O seu antigo prédio, hoje abandonado, encontra-se na Praça da República. A sociedade italiana do Rio atuou em vários campos assistenciais, desde a assistência hospitalar até a construção de cooperativas de construção. Entre 1896 e 1909, as suas diretorias eram majoritariamente compostas por velhos republicanos e parcialmente por socialistas italianos. Veja *Avanti!* de São Paulo do período 1900-1908, nas seções "Società Popolari" e "Da Rio de Janeiro" e *Fanfulla* do mesmo período, na seção dedicada às notícias provenientes da capital federal ou na seção "Dagli Stati".

[2] É preciso dizer, todavia, que mais do que o Decreto Prinetti, foi uma primeira crise da economia cafeeira que provocou uma diminuição drástica da emigração de trabalhadores italianos para o Brasil, pois o processo de retorno à Itália e de abandono das fazendas já tinha começado com uma certa consistência durante a queda constante do preço do café de 1897 a 1902, embora as entradas de italianos no Brasil fossem ainda maiores do que as saídas. Ver Angelo TRENTO, *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo, Nobel, 1989; Thomas H. HOLLOWAY, *Imigrantes para o café. Café e sociedade em São Paulo. 1886-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984; Zuleika ALVIM, *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

paulistas, funcionassem como ponto de encontro entre os artesãos, comerciantes e operários especializados italianos e os trabalhadores patrícios espalhados nas fazendas próximas. Mais do que de atraso, deveríamos falar, na verdade, de um crescimento muito lento, uma vez que podemos verificar que boa parte dos centros paulistas de médias dimensões tinham uma sociedade italiana de socorro mútuo, já antes da proclamação da república, geralmente fundadas entre 1886 e 1889, mas também que estas sociedades (normalmente de poucas dezenas de sócios) ainda existiam como as únicas expressões associativas italianas, nestes mesmos centros, até a década de 1910[3]. Em poucas palavras, a precocidade das fundações de muitas das sociedades italianas que surgiram em São Paulo é contrabalançada por um longo período de estagnação, até que, provavelmente, a camada social formada por artesãos e operários especializados (que constituíam o núcleo das mútuas italianas, não somente nos países de imigração, mas também na própria Itália) crescesse, acompanhando a imigração de massa destinada, até 1902, sobretudo ao campo. Neste sentido, veremos como o primeiro crescimento industrial da cidade de São Paulo, na década de 1890, terá como conseqüência um crescimento paralelo, sobretudo a partir de 1895, das sociedades de socorro mútuo formadas por imigrantes italianos, em sua maioria compostas por sócios que, em geral, trabalhavam como artesãos mas eram proprietários de suas oficinas, com poucos operários, e que freqüentemente vendiam os bens que eles mesmos produziam. A composição do setor industrial da cidade de São Paulo, nos anos próximos a 1900, foi bem explicada pelo censo de Antônio Bandeira Jr, que, após ter localizado a presença de algumas fábricas, de dimensões médias ou grandes, em particular no ramo têxtil e no de produção de chapéus[4], observava que era "incalculável o número de tendas de sapatarias,

[3] *Il Brasile e gli Italiani*. Firenze, Edizioni del "Fanfulla", Bemporad e Figlio, 1906, pp. 811-813.
[4] 5 fábricas de chapéus com uma média de 130 operários.

marcenarias, fábricas de massas, de graxa, de óleos, de tintas de escrever, fundições, tinturarias, fábricas de calçados, manufaturas de roupas e chapéus que funcionam em estalagens, em fundos de armazéns, em resumo: em lugares que o público não vê"[5].

Na mesma introdução, Bandeira Jr. apontava o fato de que a maioria destes pequenos estabelecimentos eram de propriedade de, ou empregavam em sua maioria, *"artistas"* italianos. É interessante notar que a palavra utilizada por Bandeira para definir, ainda que de forma geral, os trabalhadores italianos urbanos de São Paulo não é o termo "operário", mas o "artista", isto é, ligando a produção de bens manufaturados a uma dimensão artesanal, que, de fato, caracterizava, naquele momento, o mundo dos associados e fundadores das mútuas italianas da capital paulista[6].

Todavia, antes de entrar na parte essencial deste processo de surgimento de associações italianas, seria necessário dedicar algumas palavras para definir o tipo de grêmios aos quais nos referimos quando falamos de sociedades mutualistas italianas, no âmbito paulista.

De todas as sociedades analisadas, através de fontes variadas, é preciso destacar que consideramos como associações italianas de socorro mútuo aquelas que se definiam obviamente como tais, isto é, todas as *Società Italiana di Mutuo Soccorso (SIMS)*, ou as

---

[5] Antônio Francisco BANDEIRA Jr., *A indústria no Estado de São Paulo em 1901.* São Paulo, 1901, p. XI.

[6] Considerações semelhantes em torno do significado da palavra "artista" associada a de "operário" encontram-se em José de Souza MARTINS, *Subúrbio. Vida quotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do fim do Império ao fim da República Velha.* São Paulo – São Caetano do Sul: Editora HUCITEC, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, p. 200. *"A palavra operário* – escreve MARTINS, quando trata da fundação da sociedade italiana de socorro mútuo em São Caetano do Sul - *naquela época era substituta recente da palavra artista. Ainda estava designado o artesão, aquele que trabalha com as próprias mãos, mesmo quando é patrão".*

Cruzando as listas das primeiras diretorias das sociedades de socorro mútuo italianas, com os artesãos italianos presentes no *Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1897.* São Paulo, s.d. e com o censo de BANDEIRA Jr. e, finalmente, com as propagandas presentes nas últimas páginas do *Fanfulla* do período 1893-1902 e do *Avanti!* de 1900-1902, observa-se que as diretorias eram dominadas justamente por italianos cuja profissão era a de artesão ou de artesão-comerciante, e até mesmo de pequeno empresário.

que, definindo-se somente como *Società Italiana*, declaravam em seus estatutos que um dos fins da sociedade era o socorro mútuo entre os sócios. Claramente consideramos também as sociedades mutualistas que, apesar de não se definirem como italianas, eram formadas exclusiva ou majoritariamente por italianos, e que, normalmente, eram organizadas nos bairros populares paulistanos. Enfim, ainda que não possam ser definidas como sociedade italianas de socorro mútuo típicas, consideramos parcialmente também as mútuas de ofício ou de categoria que, apesar de declararem seu cosmopolitismo ou internacionalismo, eram formadas, em grande parte, por membros de origem italiana. De fato, também estas últimas constituíam uma forma importante e significativa no panorama da organização mutualista que envolvia os trabalhadores italianos imigrados em São Paulo. Aliás, veremos como as agremiações mutualistas baseadas em um ofício específico, ao menos em alguns setores, caracterizavam os modos de organização da comunidade ítalo-paulistana, a ponto de diferenciá-los daqueles que se desenvolveram nas cidades argentinas ou nas dos Estados Unidos.

Mas, afinal, quantas foram as sociedades italianas de socorro mútuo, ou quantas foram aquelas em que os italianos tiveram uma participação significativa?

Concentrando a nossa análise nas sociedades surgidas na cidade de São Paulo, e deixando de lado, por ora, as agremiações cosmopolitas de ofício, no período entre o nascimento da primeira sociedade, 1878, e o ano de 1924, podemos traçar o quadro seguinte[7].

---

[7] *SIMS* = Società Italiana di Mutuo Soccorso; *MS* = Mutuo Soccorso. Após a vírgula encontra-se o ano de fundação.
Principais fontes utilizadas: Coleção do *Fanfulla* do período 1893-1920 (sobretudo a seção do jornal "Circoli e Società"), Coleção do *Avanti!* de São Paulo dos períodos 1900-1908 e 1914-1919; *Diário Oficial do Estado de São Paulo* entre 1890 e 1925; *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo* entre 1898 e 1928; coleção do jornal anarquista de São Paulo *Il Risveglio,* 1898-99; coleção do jornal socialista de São Paulo *O Socialista,* 1897-98; *XX Settembre,* São Paulo, número único de 20-09-1898; Arquivo do Estado de São Paulo (AESP),

1) *Società Italiana di Beneficenza*, 1878
2) *SIMS "Vittorio Emanuele II"*, 1879
3) *SIMS "Militi Italiani" dello Stato di San Paolo*, 1886
4) *Società "Unione Meridionale Italiana"*, 1887[8]
5) *SIMS "XX Settembre", di Santo Amaro*, 1888
6) *Unione Veneta San Marco*, 1888
7) *SIMS "Leale Oberdan"*, 1889
8) *SIMS "Principe di Napoli" di São Caetano*, 1892
9) *SIMS "Savoia" di São Bernardo*, 1896
10) *SIMS "Lega Lombarda"*, 1897
11) *SIMS "Ausonia"*, 1897
12) *SIMS "Campania"*, 1897
13) *SIMS "Calabresi Uniti Tommaso Campanella"*, 1897
14) *SIMS "Trinacria"*, 1897
15) *SIMS "Principe di Napoli" di Santo Amaro*, 1897
16) *Lega Democratica Italiana*, 1898
17) *Società Democratica Toscana di MS "Galileo Galilei"*, 1898
18) *Società Operaia di MS, Istruttiva e Ricreativa "Ettore Fieramosca"*, 1898
19) *"Fratellanza Italiana", del Cambucy*, 1898
20) *Società Operaia di Mutua Assistenza*, 1899
21) *Società Operaia Italiana di Mutuo Soccorso e Cooperativa*, 1899
22) *Società Italiana di Beneficenza e Rimpatrio*, 1899
23) *SIMS "Vittorio Emanuele III"*, 1900
24) *Società Operaia "Umberto I"*, 1900

Prontuários da Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS) referentes a sociedades italianas; *Statuti della SIMS Lega Lombarda*. São Paulo, Tipografia Canton, 1910; *Il Brasile e gli Italiani*. Firenze, Edizioni del "Fanfulla", Bemporad e Figlio, 1906, pp. 811-839; *Almanach da Tribuna Paulista. 1904*. S.l., "Tribuna Paulista", s.d.; *Almanach do Estado de São Paulo. 1891*. S.l., s.d;
Almanach para o anno de 1896. São Paulo, "O Estado de São Paulo. Folha Diária", J. Filinto & C., 1896; J.G. d'Arruda LEITE, *Almanach Paulista Illustrado para 1896*. São Paulo, J. G. d'Arruda Leite, s.d.; Carlos A. REIS, *Almanach Illustrado de S. Paulo para 1902*. São Paulo, Typographia a vapor M.L. Bühnaeds & C., 1901; IDEM, *Almanach Illustrado de S. Paulo para o anno de 1903*. São Paulo: Typographia a vapor Rosenhain & Meyer, 1902; IDEM, *Almanach Illustrado de S. Paulo, 1904*. São Paulo, Typographia Andrade & Mello, 1903; Jorge SECKLER, *Almanach da Provincia de São Paulo. Aministrativo, commercial e industrial para 1888*. São Paulo, Jorge Seckler e& Comp., s.d; IDEM, *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. São Paulo, Jorge Seckler e& Comp., s.d; Canuto THORMAN, *Almanak administrativo, commercial, e profissional do Estado de São Paulo para 1895*. São Paulo, Companhia Industrial de São Paulo, 1895; IDEM, Ibidem, 1896; Oscar MONTEIRO, *Almanak historico-litterario do Estado de São Paulo para o anno de 1896*. São Paulo, Oscar Monteiro, s.d.; IDEM, *Almanak historico-litterario do Estado de São Paulo para o anno de 1897*. São Paulo, Oscar Monteiro, s.d.; Domenico RANGONI, *Il Lavoro Collettivo degl'Italiani al Brasile* São Paulo, Tip. Duprat, 1902.

[8] Era chamada também de *Meridionali Uniti*. No caso desta sociedade há um problema na determinação de sua data de fundação: segundo o *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, foi fundada no dia 6-3-1896, [illegible] em 1906, um "antico sodalizio", foi fundada no dia 6-3-1887. Esta data é mais provável também porque não teria sido necessário ter uma União Meridional no final da década de 1890 quando houve um processo de organização das sociedades de italianos do sul por regiões de proveniência. No final da década de 1880 os italianos do sul constituíam em São Paulo ainda uma grande minoria em relação aos imigrantes da Itália central e setentrional e portanto precisavam de uma sociedade que os unisse como um todo.

25) *SIMS "Unione" della Moóca* (também chamada de *Società Operaia di Mutuo Soccorso della Moóca*), 1902
26) *SIMS XX Settembre di Santo Amaro*, 1903
27) *Società Patronato degli Emigranti*, 1903
28) *Società Italiana "Unione" del Bom Retiro*, 1904
29) *Società Italiana di MS*, 1904
30) *Società "Italia" di MS*, 1905
31) *Unione Operaia di MS della Barra Funda*, 1905
32) *Unione Operaia del Ponte Grande*, 1905
33) *Unione Operaia "Civiltà e Progresso"*, 1905
34) *SIMS XX Settembre – Principe di Napoli di Santo Amaro*, 1906
35) *Società Operaia di MS di Agua Branca*, 1909 (posteriormente chamada de *Sociedade Ítalo-Brasileira de Mutuo Socorro*)
36) *Società Unione Viaggiatori Italiani*, 1911
37) *Società Italiana della Moóca*, 1918
38) *Società "Italia" di MS di Bela Vista*, 1913
39) *Società di Mútuo Soccorso del Cambucy*, 1922
40) *SIMS Gabriele D'Annunzio*, 1923
41) *Società di MS Colonia di Polignano a Bari*, 1923
42) *Società Operaia Fuscaldese di MS*, 1924
43) *Società Operaia Italiana di MS "Unione" della Moóca*, 1925
44) *Sociedade de Mutuo Socorro "União Fraterna" de Água Branca*, 1925

Todavia, é preciso fazer alguns esclarecimentos em relação a esta lista: em primeiro lugar, não foi considerada como sociedade mutualista o *Circolo Italiano*, fundado em 1911, porque ele era *strictu senso* um círculo, isto é, a suas finalidades principais eram a sociabilidade entre os sócios e o mantimento e difusão da cultura italiana, embora tenha participado frequentemente a coletas de dinheiro para o hospital italiano de São Paulo *Umberto I* e, em geral, para ajudar a comunidade italiana no Brasil em particulares momentos (por exemplo, proporcionando ajudas materiais às famílias ítalo-paulistas que tinham membros combatendo no exército italiano na Primeira Guerra Mundial) ou até para enviar somas às comunidades na Itália em caso de conflitos militares, ou eventos como terremotos, inundações, etc.. Apesar desse papel caritativo, a atividade do *Circolo Italiano* concentrava-se em oferecia aos sócios diversões, festas, e todo tipo de entretenimento (também cultural), assegurando-lhes a separação do resto das sociedades, inclusive de boa

parte da comunidade ítalo-paulista[9]. O *Circolo Italiano*, como se sabe, era expressão da burguesia e da classe média italiana imigrada, tendo como diretores empresários como Rodolfo Crespi, Francesco Matarazzo, Egidio Pinotti-Gamba, os irmãos Puglisi, Alexandre Siciliano, etc. Apesar disso, o *Circolo* chegou a contar com cerca de 800 sócios. Um outro *Circolo Italiano*, na verdade, já existia antes de 1900, em São Paulo, com o nome, até 1898, de *Circolo Morosini* (o que indicava que era provavelmente formado por imigrantes vênetos, pois Francesco Morosini foi o principal almirante da frota veneziana, um dos chefes do exército da Santa Aliança que conseguiu deter definitivamente o avanço turco no século XVII)[10] e depois de *Circolo Italiano*[11]. Também este último não se ocupava de socorro mútuo.

Em segundo lugar, foram consideradas também as sociedades dos centros urbanos periféricos à cidade de São Paulo (São Bernardo, Santo Amaro, São Caetano do Sul), que mantinham relações estreitas com o resto da comunidade italiana que residia na capital, dada a proximidade e a participação de muitos de seus membros nas atividades em comum organizadas pelas sociedades irmãs.

Enfim, aparecem também as sociedades fundadas depois de 1920, para analisar globalmente o fenômeno que se conclui justamente na metade dos anos 20, como mostra

---

[9] Ver *Fanfulla* de 1911 a 1920, na seção "Circoli e Società". O *Circolo Italiano* foi fundado em feveriro de 1911 pelos membros de algumas famílias de empresários e comerciantes italianos de São Paulo, entre os quais os Bosisio, Cervone, Pastore e Falchi. Presidentes do círculo foram, ao longo de suas primeiras três décadas, Menotti Falchi, Rodolfo Crespi, Francesco Matarazzo sobrinho, Pietro Morganti, todos eles entre os maiores representantes do empresariado ítalo-paulista. Durante a gestão Falchi sob a influência do consul Pietro Baroli, fundiu-se ao círculo a *Unione Meridionale* (chamada também de *Meridionali Uniti*), o que também reforça a idéia de que esta sociedade de imigrantes da Itália do sul era formada quase exclusivamente por comerciantes, pequenos empresários ou profissionais liberais, geralmente de tendência monarquista e conservadora. Sobre a atuação do *Circolo Italiano* no período posterior à Primeira Guerra Mundial, ver Angelo TRENTO, *op. cit.*, p. 289 e seguintes.

[10] Em 1684, em particular, ocupou temporariamente com o exército veneciano o sul da Grécia, até então ocupada pelos turcos. A Santa Aliança era formada por Áustria, Rússia, Polonia, República de Veneza e Estado Pontifício.

[11] *XX Settembre*, São Paulo, número único, 20-09-1898, p. 3.

também a presença da última sociedade fundada por italianos, cujo nome é, já em português, *Sociedade União Fraterna* de Água Branca, que resultou da união da *Sociedade Ítalo-Brasileira de Mutuo Socorro* (ex-*Unione Operaia di MS di Água Branca*) com a *Sociedade de Mútuo Socorro Centro Operário de Água Branca*, fundada em 1922, com sócios em grande parte italianos e filhos de italianos, mas aberta a todas as nacionalidades[12].

Claramente, nem todas as sociedades tiveram uma vida longa, passando, aliás, por reconstituições e reformulações dos seus estatutos, às vezes a cada três anos, quando não desapareciam após alguns poucos anos de vida.

[12] AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 10.043. Alguns membros da diretoria da *União Fraterna* eram portugueses, por exemplo, embora nos estatutos da *União Fraterna* de 1925 o pavilhão oficial continue sendo a bandeira italiana, sem o símbolo da família real Savoia (art. 162): o estatuto está conservado no AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 10.043.

1.2

UM PANORAMA GERAL DO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DAS SOCIEDADES ITALIANAS EM SÃO PAULO

De qualquer forma, podemos logo observar que, até 1886, havia somente duas sociedades italianas de socorro mútuo. Com a década de oitenta (especialmente entre 1886 e 1889), o número aumenta para sete, devido certamente ao fato de a imigração italiana para o Brasil, e em particular para São Paulo, ser ainda um fenômeno muito restrito, embora fosse sobretudo urbano. Foi a partir da década de noventa, por ocasião do aumento da imigração italiana, que o número de sociedades chegou a alcançar a cifra de 22 agremiações, até 1899, quando surge a *Società Operaia di Mutua Assistenza*, ligada à *Lega Democratica Italiana*.

Vale a pena notar, todavia, que a *Principe di Napoli* de Santo Amaro, fundada em 1897 é, muito provavelmente, a *XX Settembre* de 1888 que mudou de nome, pois uma sociedade intitulada *XX Settembre* ressurge em Santo Amaro em 1903, e funde-se, em 1906, com a mais antiga *Principe di Napoli*: é improvável que as duas sociedades tenham existido ao mesmo tempo desde os anos noventa, uma vez que, ainda em 1911, o subúrbio de Santo Amaro contava somente com pouco mais de 70 italianos, numa população de cerca de 3.000 habitantes[13].

[13] A história da formação das duas sociedades está em "La festa italiana di ieri a Sant'Amaro", *Fanfulla*, 23-10-1911, p. 4. Nesta época a nova *SIMS*, que tomou os dois nomes, contava com 40 sócios e ainda não tinha fundos suficientes para realizar de fato o socorro mútuo planejado em seus estatutos, tanto que montou um café na entrada da sede da sociedade para arrecadar o dinheiro para esse fim, pois as contribuições dos sócios não eram suficientes. Os estatutos reformulados da *XX Settembre*, fundada em 1888, estão em *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 75, 07-04-1920, "Publicações Particulares".

De todas estas agremiações surgidas até o final do século XIX só permaneciam ativas, em 1906, segundo um censo do *Fanfulla*[14]:

- a *Società Italiana di Beneficenza per l'Ospedale Umberto I*;
- a *Vittorio Emanuele II*;
- a *Galileo Galilei*;
- a *Ettore Fieramosca*;
- a *Lega Lombarda*;
- a *Unione Meridionale*;
- a *Militi Italiani*;
- a *Leale Oberdan*,

e as três sociedades de Santo Amaro, S. Bernardo e São Caetano.

Em 1908, segundo o Ministério das Relações Exteriores do Reino da Itália, destas sociedades somente a *Unione Meridionale* tinha deixado de existir[15].

De fato, o grupo destas 11 sociedades restantes constituiu o núcleo do associacionismo italiano em São Paulo, e todas ultrapassaram o ano de 1920[16], com exceção da *Militi Italiani*, cuja vida foi bastante turbulenta: fundada em 1886, ainda existia em 1900, mas foi refundada em 1905 e durou até 1917, quando fundiu-se com o *Gruppo Reduci Patrie Battaglie*[17].

Se deixamos de lado, momentaneamente, as sociedades de Santo Amaro, São Bernardo e São Caetano, que, por serem as únicas expressões associativas dos italianos nestes pequenos centros, prometiam uma vida longa, ainda que turbulenta, em projeção futura, o processo de formação das sociedades mútuas, comparado com o que ocorria na Itália, não

---

[14] *Il Brasile e gli italiani, Op. cit.*, pp. 813-836.

[15] Ministero degli Affari Esteri, "Le società italiane all'estero nel 1908", *Bollettino del Ministero degli Affari Esteri*, n. 3, dicembre 1908, p. 373 e p. 426.

[16] Nos anos 30, não temos mais referências da *Galilei* e da *Fieramosca*, que, em 1928, segundo o *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, chegaram ao número mínimo de seus sócios (respectivamente 91 e 93). Ao contrário, a *Oberdan*, a *Lega Lombarda* e a *Vittorio Emanuele II* foram fechadas somente durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1943 e 1944. A *Beneficenza* (isto é, o hospital italiano "Umberto I"), também continuou sua atividade ao longo dos anos trinta e quarenta. Ver AESP, DEOPS, Prontuários delegacia n. 10.182; n. 9.982; n. 9.983; n. 13.536; n. 10.569.

parece ter sido muito diferente, se pensamos que, também no Reino da Itália, 25% das sociedades de socorro mútuo registradas em 1894, já não existiam mais em 1904, o que denota uma dificuldade de existência das mútuas no momento em que o movimento sindical começava a se organizar localmente nas *Camere del Lavoro* e nas ligas de ofício[18]. De um ponto de vista geral, as sociedades mutualistas na Itália crescem de número até 1904 (com um enorme crescimento na década de 80), mas entre 1894 e 1904 o número de seus sócios diminui[19].

Mas é preciso dizer que as mútuas formadas por imigrantes desenvolviam um papel em parte diferente das mútuas que tinham surgido na própria Itália, na mesma época, onde muitas eram sobretudo proto-ligas sindicais de ofício, ou entre trabalhadores de um mesmo lugar (pequena cidade ou bairro); ambas, todavia, conservavam ainda núcleos majoritários de artesãos e operários especializados no seu interior, às vezes reunindo, patrões, mestres e empregados na mesma associação[20].

Depois de 1900, nota-se em São Paulo o surgimento de novas sociedades que, todavia, assumem características um pouco diferentes das que as precederam. Com o desaparecimento de muitas pequenas sociedades baseadas na origem regional de seus membros, novas *SIMS* foram fundadas entre seus ex-membros, e, ao mesmo tempo,

---

[17] Ver *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 107, 16-05-1900, p. 1160 e *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1905-1909; "I grandiosi preparativi per la kermesse del sotto-comitato della Consolação al Parco Paolista", *Fanfulla*, 05-09-1917, p. 5.

[18] Luigi TOMASSINI, "Mutual Benefit Societies in Italy. 1861-1922", in: Marcel VAN DER LINDEN (ed.), *Social Security Mutualism. The comparative history of Mutual Benefit Societies.* Berne, Peter Lang, 1996, p. 233.

[19] Em 1894, as mútuas na Itália contavam com 994.183 sócios, em 1904 com 926.027 (Ibidem, p. 231).

difundiram-se as sociedades italianas de bairro, acompanhando, desta forma, o contínuo crescimento da cidade de São Paulo e sua expansão em direção aos bairros periféricos de instalação industrial ou ferroviária e às várzeas. O período de vida das mútuas de imigrantes italianos, que surgem ao longo das primeiras décadas do século XX, foi a seguinte:

- *SIMS "Vittorio Emanuele III"*, 1900-1904[21]
- *Società Operaia "Umberto I"*, 1900-1906[22]
- *SIMS "Unione" della Móoca*, 1902-1904[23]
- *Società Patronato degli Emigranti*, 1903 – ultrapassa 1920[24]
- *Società Italiana "Unione" del Bom Retiro*, 1904 -1906[25]
- *Società Italiana di MS*, 1904[26]
- *Società "Italia" di MS*, 1905-1908[27]
- *Unione Operaia di MS della Barra Funda*, 1905- 1944[28]
- *Unione Operaia del Ponte Grande*, 1905-1911[29]
- *Unione Operaia "Civiltà e Progresso"*, 1905 - ultrapassa 1920[30]
- *Società Operaia di MS di Agua Branca*, 1911- ultrapassa 1920[31]

---

[20] Entre muitas obras, ver Diego ROBOTTI, Bianca GERA, *Il tempo della solidarietà. Le 69 società operaie che fondarono la Camera del Lavoro di Torino.* Milano, Feltrinelli, 1991; Dora MARUCCO, *Mutualismo e sistema politico. Il caso italiano. 1862-1904.* Milano, Franco Angeli, 1980.

[21] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 98, 03-05-1901, p. 1270.

[22] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 283, 18-12-1900, "Publicações particulares"; *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1902, 1904 e 1905; *Il Brasile e gli Italiani*, *op. cit.* p. 813.

[23] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 220, 05-10-1902, p. 2132; *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1904.

[24] "Il Patronato degli Emigranti. Un semestre di vita", *Fanfulla*, 1-1-1904; Angelo TRENTO, *op. cit.*, pp. 166-168; Antonio PICCAROLO, *L'Emigrazione Italiana nello Stato di San Paolo*, São Paulo, Magalhães, 1911. *Avanti!*, 2ª serie, 1914-1920.

[25] *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1904, 1905 e 1906.

[26] *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1904.

[27] Trata-se, na verdade, da *Unione Meridionale* que mudou de nome em 1905. *Il Brasile e gli italiani*, *op. cit.*, p. 813 e pp. 833-835.

[28] AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 9.140. Em 1939 muda o seu nome para *Sociedade de Socorros Mútuos "Guglielmo Marconi" da Barra Funda*. A *Sociedade Operária de Mutuo Socorro da Barra Funda* anotada no livro de Tania Regina DE LUCA (*O sonho do futuro assegurado. O mutualismo em São Paulo.* São Paulo, Contexto, p. 154) como fundada em 1919 (segundo *Diário Oficial do Estado de São Paulo* n. 80, 12-04-1921) na verdade é a própria *Società Operaia di Mutuo Soccorso della Barra Funda* de 1905, conforme se deduz pelos nomes do presidente Ercole Cilento, do secretário Giovanni Bressan e do conselheiro Pietro Frisciotti, os três já diretores da *Società Operaia di Mutuo Soccorso della Barra Funda* nos anos anteriores (ver, por exemplo, *Fanfulla*, 11-06-1917, p. 4).

[29] Ver *Fanfulla* de Fevereiro de 1905; "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 1928, 14-02-1908; "Movimento Operaio", *Fanfulla*, 20-10-1911, p. 5.

[30] Em 1905 está em atividade, mas parece ser uma sociedade recente, visto que para os seus eventos principais ainda não utiliza a sua sede, mas o Salão "Germania" (ver, por exemplo, "Pro Calabria", *Fanfulla*, 29-09-1905, p. 2); além disso, como ainda não aparece no censo de *Il Brasile e gli Italiani*, nem nos jornais operários anteriores a 1905, supõe-se que tenha sido fundada somente no início de 1905 (ou no final de 1904).

- *Società Unione Viaggiatori Italiani*, 1911- ultrapassa 1920[32]
- *Società Italiana della Moóca*, 1918 - 1940[33]
- *Società "Italia" di MS di Bela Vista*, 1913-1914[34].

Considerando também os dois quadros precedentes a este último, podemos então concluir que desde a fundação da terceira sociedade italiana, em 1886, o número total de associações mútuas que se definiam como italianas e que existiram no mesmo período em São Paulo até 1920 foi o seguinte:

Ano	Número de sociedades	Ano	Número de sociedades	Ano	Número de Sociedades
1878-1885	2	1897	14	1909	14
1886	3	1898	18	1910	14
1887	4	**1899**	**21**	1911	16
1888	6	1900	19	1912	15
1889	7	1901	19	1913	16
1890	7	1902	19	1914	16
1891	7	1903	19	1915	15
1892	8	1904	20	1916	15
1893	8	1905	18	1917	14
1894	8	1906	17	1918	15
1895	8	1907	14	1919	15
1896	9	1908	14	1920	15

[31] "Circoli e Società", *Fanfulla*, 08-06-1911, p. 7. Em 1925 funde-se com a *Sociedade de Mútuos Socorros "Centro Operário" da Água Branca*. Ver AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 10.043.
[32] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 178, 09-08-1914. Não tenho dados depois de 1921.
[33] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 178, 18-08-1918, p. 4161 e AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 38.465.
[34] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 77, 03-04-1914, p. 1537.

Sociedades Italianas de Socorro Mútuo na cidade de São Paulo (1885-1920)
Sociedades
25
20
15
10
5
0
1885
1888
1891
1894
1897
1900
1903
1906
1909
1912
1915
1918
Anos

Podemos notar, então, que o ano em que existiu o maior número de sociedades italianas que tinham como objetivo o socorro mútuo foi o de 1899, pois tinha havido um grande crescimento a partir de 1897 (entre 97 e 99 o número das agremiações praticamente duplicou). A partir de 1900, entre novas fundações, refundações, e desaparecimentos, o saldo começa a cair, com um número mínimo de sociedades em 1909-10 e 1914, mas, em geral, depois de 1907 houve uma estabilização, justamente no momento em que os fluxos imigratórios da Itália estavam no seu nível mais baixo[35] e antes do maior crescimento econômico da cidade do início dos anos 1910, mas também no período de maior sindicalização na cidade de São Paulo[36]. Isso significava que as mútuas que tinham conseguido superar as maiores (e iniciais) dificuldades econômicas estavam suficientemente sólidas e, portanto, em um período de crescimento econômico, podiam somente prosperar.

O movimento mutualista italiano em São Paulo atravessa três fases diferentes, com características bem marcantes.

[35] Angelo TRENTO, *op. cit.* pp. 57-68.
[36] A FOSP tinha, em 1906-1907, mais de 3.000 sócios (ver Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, IJJ[7], n. 179, Processo de Expulsão de Ristori, Cerchiai, Sorelli).

1.3

A PRIMEIRA FASE DE FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES ITALIANAS DE SOCORRO MÚTUO.

Na primeira fase, que vai até 1886, foram fundadas em São Paulo somente duas sociedades, a *Società Italiana di Beneficenza di São Paulo* (*SIB*) e a *Società Italiana di Beneficenza "Vittorio Emanuele II"*, com um ano de distância uma da outra (respectivamente 1878 e 1879) , quando os italianos entrados no Brasil eram somente alguns milhares[37]. Embora não tenhamos os estatutos da época de fundação destas duas sociedades, o fim principal das duas agremiações, como expresso pelo nome, não parecia ser o socorro mútuo, mas a beneficência, isto é, de forma parecida com suas irmãs de além mar que tinham a mesma qualificação, dedicavam-se a fornecer vários tipos de auxílio aos trabalhadores patrícios e imigrados em São Paulo e às suas famílias, independentemente de serem sócios ou não das associações, em particular fornecendo ajuda médica e com o objetivo de construir, em pouco tempo, uma unidade hospitalar italiana na capital paulista. Sabemos, todavia, que o Hospital italiano foi aberto em São Paulo somente em 1904.

O modelo local de sociedade beneficente era, certamente, a *Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência*, que existia em São Paulo desde o ano de 1859[38].

Sendo duas sociedades beneficentes, podemos supor, então, que as contribuições dos sócios, ainda que presentes, deveriam ser complementadas por outros tipos de financiamentos, tais como doações de patrícios imigrados e de outras entidades brasileiras ou italianas, sobretudo, no caso, o consulado geral do Reino da Itália em São Paulo, através

[37] Angelo TRENTO, *op. cit*, p. 34.

do Ministério das Relações Exteriores. Escolhido o papel de beneficência, ou os sócios eram todos suficientemente ricos para financiar um fundo de beneficência, ou deviam ter outras entradas externas, uma vez que a maioria dos possíveis pacientes que usufruiriam da beneficência eram trabalhadores sem condição de pagar despesas hospitalares.

Todavia, é provável que tenha sido justamente por causa de uma escolha diferente do tipo de financiamento (e talvez também do tipo de atendimento) que surgiu., no seio da *SIB*, o conflito que deu origem a *Vittorio Emanuele II*, somente um ano depois da fundação da *SIB*. Também a *Vittorio Emanuele II* tinha como um dos objetivos a assistência médica para os italianos indigentes, isto é, tinha uma função de caridade, de beneficência, além da de apoio mútuo, mas isso não constava nos seus estatutos como o seu principal objetivo[39]. Somente no artigo 18, registra-se que 5% das entradas mensais dos sócios teriam constituído um fundo de beneficência, do qual podiam usufruir somente as pessoas julgadas pelo conselho da sociedades como "na máxima indigência", sem especificar a nacionalidade[40]. Porém, é interessante notar que eram excluídos deste beneficio os que, residindo em São Paulo há muito tempo, nunca tinham sido membros de sociedades de socorro mútuo ou de beneficência alguma e obviamente quem tinha sido expulso de

---

[38] Tânia Regina DE LUCA, *O sonho do futuro assegurado. O mutualismo em São Paulo*. São Paulo, Contexto, p. 127. Ver também, "Società Italiana di Beneficenza", *Avanti!*, n. 42, 03-08-1901, p. 1.

[39] Art. 2 dos estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, pp. 3701-3703. Devemos considerar também o fato de que os seus estatutos de 1910, publicados no *Diário Oficial*, não fazem referência a nenhuma mudança ou alteração feita nos artigos precedentes (no caso, a sociedade teria explicado que os estatutos tinham sido reformulados parcialmente por alguma assembléia da própria sociedade) o que leva a pensar que fossem os mesmos da época de sua fundação, considerando-se também que estatutos da *Vittorio Emanuele II* nunca foram publicados no *Diário Oficial* até 1910. Não foi encontrada alguma referência aos seus estatutos nem na *Coleção de Leis e Posturas Municipais promulgadas pela Assembléia Legislativa Provincial de S. Paulo*, do período 1869-1889. Todavia, podemos considerar como estatutos completos da sociedade e originais da época de sua fundação também os que se encontram no AESP, DEOPS, Prontuário n. 9982: estes estatutos, como declarado na página 3 dos mesmos, correspondem aos aprovados no dia 22 de agosto de 1879 pelo então presidente da Província de São Paulo, Laurindo Abelardo de Brito, conforme o artigo 27 do Decreto n. 2711 de 10-12-1860, com as únicas modificações dos artigos referentes à brasilianização da sociedade (que passa a denominar-se Sociedade Beneficente 'Vittorio Emanuele II') e de estarem escritos em português.

qualquer sociedade por atos ilegais ou imorais[41]. Isso revela que a *Vittorio Emanuele II* estava disposta a fazer beneficência, mas a limitava a quem tinha se tornado indigente e tinha tido ao menos alguma participação esporádica no mutualismo.

As contribuições da *Vittorio Emanuele II* vinham dos sócios, não há aceno algum a contribuições externas nos seus estatutos, e era para eles que a assistência médica devia funcionar: a beneficência era um a mais, mas não o fim principal[42]. Desta forma, ainda que mais próxima das autoridades italianas por seu monarquismo declarado, ela diferia da *SIB* pelo fato de ser sobretudo uma sociedade de socorro mútuo, que esporadicamente fazia beneficência, enquanto a *SIB* era uma sociedade de beneficência que utilizava o socorro mútuo como uma fonte de renda para viabilizar o projeto de beneficência, como veremos melhor mais adiante.

Acompanhando o desenvolvimento da *SIB* e da *Vittorio Emanuele II*, ao longo da década de 1890 do século XIX, podemos afirmar, de fato, que foi a *SIB* que continuou no propósito da construção de um hospital geral para todos os italianos imigrados no Estado de São Paulo, independentemente de serem sócios, e para este objetivo até foi aberta uma subscrição entre todos os italianos residentes no Estado[43]. Nos estatutos da *Vittorio Emanuele II* não há nenhum aceno à criação de um hospital específico para os italianos indigentes, nem todavia para os sócios, constituindo-se assim como uma associação que oferecia aos seus membros assistência hospitalar e médica, da forma clássica de uma mútua

[40] Estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, pp. 3701-3703.
[41] Art. 18, Ibidem.
[42] Ibidem.
[43] Ver, entre outros números, "San Paolo. L'Ospedale Umberto I", *Avanti!*, n. 2, 27-10-1900, p. 2.

italiana da época, isto é, fornecendo a eles o dinheiro necessário para pagar os gastos hospitalares ou oferecendo-lhes o serviço de consulta de médicos de confiança[44].

Nesta diferença residem fortes motivações políticas, porque claramente a *SIB* nasceu com o objetivo de ser uma sociedade aberta, voltada para toda a comunidade imigrada, enquanto a Vittorio Emanuele, que nasce de uma costela da *SIB*, estava voltada principalmente para os sócios. As motivações políticas que levaram um grupo minoritário de sócios da *SIB* a fundar a nova *Vittorio Emanuele II* é bem exemplificado pelo fato de ter sido escolhido como nome para a nova sociedade o do rei da Itália, protagonista da unificação, e que morreu em 1878, enquanto a outra permaneceu, apesar da morte recente do monarca, com o nome neutro de *Italiana di Beneficenza*. Isto é uma evidência do embate político entre monarquistas e republicanos dentro da *SIB*, na época, talvez, ainda mais acirrado do que nos anos posteriores, uma vez que o processo de unificação do país tinha terminado há pouco tempo e tinha visto a vitória do projeto monarquista[45].

Todavia, foi somente a partir da segunda metade da última década do século XIX que a *SIB* começou a receber o apoio financeiro do Real Consulado da Itália, com o objetivo explícito de promover a construção de um hospital, pois, a partir de 1897, passou a definir-se como *Società Italiana di Beneficenza per l'Ospedale Italiano* e a partir de 1901, depois

---

[44] Estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, pp. 3701-3703.

[45] *Vittorio Emanuele II* reinou entre 1849 e 1878. Sobre a unificação da Itália havia um debate político acirrado. Muitos alegavam que com a anexação de Roma em 1870 o processo tinha de fato terminado e que as poucas regiões onde viviam italianos, ainda sob dominação estrangeira (Venezia Giulia, Istria e Trentino, as famosas *terre irredente*) constituíam somente o próximo passo no processo de unificação completa do país, mas que a Itália podia ser considerada definitivamente unida. Para outros, somente o fim da Primeira Guerra Mundial e a conseqüente anexação das *terre irredente* foi considerado de fato a verdadeira conclusão deste processo, a ponto de fazer com que a Primeira Guerra Mundial fosse definida como a quarta guerra de independência por muitos nacionalistas do primeiro pós-guerra como Corradini e D'Annunzio. Todavia, a tendência dominante era (e é) a de considerar concluído o processo de unificação após a anexação de Roma, ainda que o Reino da Itália tenha nascido oficialmente em 1861. O projeto de uma Itália republicana, como se sabe, era liderado por Mazzini e (até um certo período) por Garibaldi.

da morte de Umberto I, era definida oficialmente como *Società Italiana di Beneficenza per l'Ospedale Umberto I.*

A mudança aparecia já nos estatutos aprovados em outubro de 1897: o artigo número 1 declarava que o fim da *SIB* era a criação de um hospital para a cura dos doentes pobres, especificando no artigo número 2 que os financiamentos provinham: a) das contribuições dos sócios; b) das subscrições; c) das doações e enfim d) das festas de financiamento[46]. No artigo 3, era especificada a ligação com as autoridades italianas, pois no caso de dissolução da sociedade o patrimônio deveria passar para as mãos do consulado, com o objetivo de se criar uma nova sociedade com os mesmos fins[47]. No que se refere à *Vittorio Emanuele II*, em caso da sua dissolução, os bens deveriam ir para uma ou mais instituições de caridade, sem especificar a nacionalidade, nem o tipo (isto é, poderia ser, por exemplo, o Hospital italiano, a Santa Casa, ou até uma sociedade de caridade religiosa, como um orfanato)[48].

As diferenças políticas entre as duas foram explicitadas também pelo fato de os socialistas e republicanos italianos terem participado profundamente da reformulação dos estatutos da *SIB*, no início da década de 1890, em direção à construção de uma sociedade polifuncional, uma abertura ulterior cujo fulcro devia ser o hospital beneficente, pois a *SIB*, até 1892, diferentemente da *Vittorio Emanuele II* navegava em contínuas dificuldades financeiras: o que demonstra também que a outra era formada sobretudo por artesãos abastados [49].

---

[46] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 1843, 23-10-1897, p. 21984.
[47] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 1843, 23-10-1897, p. 21984.
[48] Estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, pp. 3701-3703.
[49] Um certo número de artesãos italianos de São Paulo, na maioria militantes socialistas e republicanos, reorganizaram a sociedade em março de 1892, em uma reunião na sede do jornal *Il Messaggero* de São Paulo, escrevendo um estatuto que ainda depois de oito anos não tinha sido aplicado (ver "San Paolo. L'Ospedale Umberto I", *Avanti!*, n. 2, 27-10-1900, p. 2).

Claramente, o fato da *SIB* ter se aproximado do consulado italiano (o cônsul tinha o direito e o dever de participar de todas as reuniões e assembléias da sociedade)[50] para tornar realidade o projeto de um hospital da colônia italiana de São Paulo, teve que ser pago com a exclusão dos membros socialistas e republicanos, crise que aconteceu logo depois da formulação definitiva dos estatutos em 1897, nos quais a sociedade assumia como seu principal objetivo a instalação de uma casa de cura para os italianos, especificando, todavia, que os sócios teriam direito de precedência no atendimento hospitalar nas seções de pagamento[51]. Desta forma, eram criadas duas seções: uma para a beneficência, completamente gratuita e outra para os sócios contribuintes, o que, em parte, recuperava o projeto democrático-socialista de 1892. Outro resto desta antiga participação ativa foi o artigo 40, que declarava que as mulheres de maior idade podiam também ser eleitas para a diretoria, o que, na verdade, após uma leitura completa das diretorias, ao longo do período 1900-1920, nunca se realizou[52]. Também ligado, provavelmente, à intervenção socialista foi o artigo 39, que declarava que a seção de beneficência podia ser aberta a todos os cidadãos paulistas, independentemente de sua nacionalidade, isto é, era "cosmopolita"[53]. De fato, os registros do Hospital italiano Humberto I mostram, ao longo do período 1904-1920, que, às vezes, havia também brasileiros entre os pacientes[54].

---

[50] Ver seção "Circoli e Società" do *Fanfulla* a partir de 1899, mas também *Avanti!*, seções "Società Popolari" e "Società, Circoli, ecc.", no período 1900-1908.

[51] Art. 18, dos estatutos da *Società Italiana di Beneficenza di São Paulo*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 1843, 23-10-1897, p. 21984. Sobre a crise entre republicanos e socialistas e as novas diretorias da *SIB* em 1900-1901 ver *Avanti!*, n. 2, 27-10-1900; n. 3, 03-11-1900; n. 6, 24-11-1900; n. 38, 06-07-1901; n. 39, 13-07-1901; n. 40, 20-07-1901; n. 42, 03-08-1901; n. 43, 10-08-1901; n. 45, 24-08-1901; n. 46, 01-09-1901; n. 48, 14-09-1901; n. 49, 21-09-1901; n. 50, 28-09-1901.

[52] Estatutos da *Società Italiana di Beneficenza di São Paulo*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 1843, 23-10-1897, p. 21984.

[53] Ibidem.

[54] Ver "Società Italiana di Beneficenza. Ospedale Umberto I", in: *Avanti!, 1907-1908* n. inicial de cada mês, nos quais eram publicadas as estatísticas mensais do hospital ("movimento malati").

A *SIB*, portanto, identificou-se, a partir de 1897, com o hospital italiano, ainda que este tenha sido aberto efetivamente anos mais tarde. Para este fim, além do financiamento do consulado, a partir de 1906 começou a receber financiamentos diretamente do CGE, o *Commissariato Generale dell'Emigrazione*, secretaria da emigração italiana sediada no Ministério das Relações Exteriores italiano.

Comparados com os da Beneficência Portuguesa, todavia, até 1914-1915, os atendimentos do Hospital Italiano eram ainda bastante reduzidos, mas não insignificantes[55].

Do ponto de vista dos sócios, por exemplo, a Real Sociedade de Beneficência Portuguesa teve uma média de mais de 4.000 sócios no período 1901-1911, enquanto a *SIB* oscilava em torno dos 3.000 sócios[56]. Se consideramos, todavia, que, somente na cidade de São Paulo, em 1905, a população italiana chegava à metade do total dos habitantes, o número de sócios da *SIB* tornam-se insuficientes e denotam que o panorama da intervenção da assistência aos imigrados, por parte do governo italiano, era deficitário. Em parte, claramente, os trabalhadores italianos no estado de São Paulo usufruíam de todo tipo de instituição médica, mas isso também porque os financiamentos que a *SIB*, e portanto o Hospital Umberto I, recebia nunca foram suficientes para atender a uma população tão vasta, sobretudo se consideramos que, além da ajuda do governo italiano (Consulado e CGE), as doações provenientes dos empresários ítalo-paulistanos não eram nada

---

[55] Em dezembro de 1906, por exemplo, esta era a situação de atendimento do hospital italiano "Umberto I":
Doentes no dia 01-12-1906: 58
Entrados ao longo do mês: 49
Total dos atendidos em dezembro: 107
Gratuitos (seção beneficência: 94); Sócios (seção a pagamento): 13
Entrados de São Paulo: 37; Entrados do Interior: 12
Entrados por nacionalidade: Italianos: 42; Brasileiros: 3
Em cura no dia 31-12-1906: 56
Receitas da farmácia interna: 384
(*Avanti!*, n. 1587, 08-01-1907, p. 3)

[56] Ver "Circoli e Società", *Fanfulla*, no período 1900-1920.

desprezíveis[57]. O problema residia no fato de que dos muitos sócios inscritos, na verdade somente 10% deles pagava regularmente as mensalidades, expressando assim as dificuldades vividas pela maioria dos trabalhadores italianos residentes em São Paulo, sobretudo a partir de 1905-07, com o afluxo de trabalhadores desqualificados provenientes das fazendas, que engrossaram o proletariado de fábrica e dos canteiros de obras[58]. Numa reunião de 1905 da diretoria da *SIB* reclamava-se do fato que dos mais de 3.000 inscritos, somente 311 haviam pago regularmente as mensalidades até outubro daquele ano. Nesta mesma reunião, o conselheiro Emidio Falchi, para superar o problema dos poucos financiamentos, fez a proposta de colocar no estatuto um artigo que explicitasse que o hospital *Umberto I* dava assistência médica em primeiro lugar aos operários e aos empregados das empresas que, assim, contribuiriam para a manutenção do hospital. Mas no dia da discussão deste artigo, apresentaram-se na assembléia somente 52 sócios, que representavam, segundo os protestos do *Fanfulla*, *"un numero non rispondente all'importanza dell'argomento che si trattava"*[59].

É provável que o controle exercido pelo Consulado, através da própria pessoa do cônsul, tenha feito com que houvesse uma certa resistência a enfrentar discussões nas assembléias nas quais ele era apoiado por boa parte dos empresários italianos, que, com o passar do tempo, tornaram-se os únicos diretores da sociedade: o único conselheiro socialista continuou sendo Alcibiade Bertolotti[60].

---

[57] Ver, por exemplo, a lista de doadores do hospital em 1908 ("Società Italiana di Beneficenza. Ospedale Umberto I", *Avanti!, 1907-1908*). Um quadro interessante do tipo de doações e dos doadores (entre os quais Francesco Matarazzo) pode ser encontrado, por exemplo, no n. 1630, 27-2-1907 do *Avanti!*.

[58] Paul SINGER, *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*, São Paulo, Nacional, 1974.

[59] "Cronaca", *Fanfulla*, n. 08-10-1905, p. 3 e *Fanfulla*, n. 09-10-1905, p. 2.

[60] Ver *Fanfulla* e *Avanti*! do período 1901-1908. Em 1907, por exemplo, os diretores da sociedade eram Francesco Matarazzo, Antonio De Camillis, Minervino Napolitano, Edoardo Barra, Enrico Misasi, Giuseppe Bosisio, Enrico Tagliavia, Egidio Pinotti-Gamba, Avv. Leonardo Puglisi-Carbone, Alcibiade Bertolotti, Emidio Falchi, Dott. Alfonso Splendore. Com exceção de Bertolotti (que também não era um operário, mas

Em particular, o projeto de reformular os estatutos para associar a assistência fornecida pela *SIB* a um sistema previdenciário e sanitário que privilegiasse os operários e funcionários das empresas de italianos, sediadas no Estado de São Paulo, na ótica de um fortalecimento dos meios financeiros da própria sociedade, teve em Alcibiade Bertolotti um defensor, pois de um ponto de vista socialista, a dispersão das forças mutualistas italianas em São Paulo não ia na direção de criar um sistema de amparo assistencial para os trabalhadores paulistas, que, em grande parte, eram de origem italiana. Bertolotti, de fato, fazia parte da comissão que deveria estudar as formas de concretizar este projeto[61].

O predomínio dos empresários ítalo-paulistanos na administração da *SIB* era evidente também nas agremiações temporárias paralelas à sociedade, que tinham como objetivo arrecadar dinheiro para financiar o hospital, como o *Comitato Pro-Ospedale Umberto I*, liderado pelo empresário Enrico Secchi, proprietário de uma das maiores fábricas de macarrão de São Paulo[62].

Diferentemente da *SIB*, que a partir de 1897 podia ser considerada uma associação parcialmente mutualista e quase completamente de assistência médica beneficente, em tudo coincidente com o hospital *Umberto I* (também antes de sua construção), a *Vittorio Emanuele II* caracterizou-se como uma típica sociedade de socorro mútuo, e por isso sempre foi considerada como a mais antiga das sociedades mutualistas italianas em São Paulo, pois suas formas de financiamento e suas atividades estavam baseadas quase

---

um técnico), todos eles eram empresários médios e grandes, acionistas de bancos de médias dimensões, administradores de sociedades, médicos como Splendore. (*Avanti!*, n. 1630, 27-02-1907). Os mesmos faziam parte, naquele mesmo período, também da diretoria da *Società Dante Alighieri di São Paulo*, dedicada à difusão da cultura e da língua italiana e ao controle dos institutos escolares italianos.

[61] Ver "Cronaca", *Fanfulla*, 08-10-1905, p. 3.

[62] Por exemplo, "Comitato Pro-Ospedale Umberto I", *Avanti!*, n. 1598, 21-01-1907, p. 3.

exclusivamente na assistência mútua entre sócios [63]. A *Vittorio Emanuele II* constituiu o modelo de sociedade para todas as outras *SIMS* que surgiram no Estado de São Paulo a partir de 1886, chegando, em alguns períodos, a abrigar, nos seus salões da Rua Augusto de Queiroz 31, também a sede de outras sociedades mútuas, como a *Unione Operaia Civiltà e Progresso*, entre 1911 e 1920[64].

A *Civiltà e Progresso* era uma sociedade com vários conselheiros socialistas, o que nos permite pensar que a *Vittorio Emanuele II*, apesar de sua matriz nacionalista e de sua postura sempre muita próxima ao consulado, não deixava de desempenhar um papel unitário entre as outras sociedades, voltada a comportamentos politicamente neutros, no mais severo respeito de seus estatutos, que no artigo 19 (deveres dos sócios) conclamavam que nas assembléias gerais deveria ser evitado qualquer tema político, estando os sócios proibidos de falar ou mesmo tocar nestes assuntos[65].

Entre os muitos sócios do *Circulo Socialista Internacional* que assumiram cargos na diretoria da *Civiltà e Progresso*, destacamos aqui, por exemplo, Guido Bertolotti (irmão de Alcibiade, que foi presidente dela em 1916 e 1917)[66], Ferdinando Boschini (dono de uma alfaiataria e, no início do século, membro da *Lega Democratica Italiana* e da *Unione Veneta*), Alcibiade Bertolotti, Dante Ramenzoni, Amedeo e Quintilio Volponi[67].

Veremos, aliás, como a *Vittorio Emanuele II*, enquanto durante a Primeira Guerra Mundial inaugurou uma nova bandeira social, idêntica à do reino da Itália, com a participação da banda do XI regimento dos *Bersaglieri*, e com a presença do cônsul

---

[63] *La Rivista Coloniale*, n. 6, 30-06-1916.
[64] Entre outros números, ver "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 07-10-1911, p. 4 e "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 04-08-1917, p. 5.
[65] Estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, pp. 3701-3703.
[66] Ver "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 31-08-1917, p. 6

Angiolo Dall'Aste Brandolini (padrinho da bandeira)[68], adia a festa de 38° aniversário de sua fundação em 1917, em solidariedade ao movimento grevista de julho daquele ano[69]. Em 1911, por exemplo, chega a hospedar em suas salas as reuniões de refundação da *União dos Barbeiros e Cabeleireiros de São Paulo*[70].

A *Vittorio Emanuele II* estabelecia em seus estatutos 3 objetivos principais: a) socorrer os sócios em caso de doença; b) encontrar trabalho para os sócios desempregados; c) promover a fundação de uma escola, quando o capital social assim o permitisse[71]. Podiam ser sócios: a) os italianos; b) os filhos de italianos; c) os italianos naturalizados brasileiros (mas estes não podiam exercer os cargos de presidente ou vice-presidente)[72]. Outras condições fundamentais eram a moralidade e obviamente o pagamento da inscrição (7$000 reis em 1910) e das mensalidades (2 mil réis em 1910)[73]. A idade de admissão dos sócios era compreendida entre 15 e 50 anos, com a advertência de que os menores de 18 anos não podiam votar nem ser eleitos e que as cotas de inscrição eram divididas em três faixas: até 35 anos, de 35 a 45, de 45 a 50, sendo que a segunda faixa era de 20$ooo réis em 1910, três vezes mais que a dos sócios entre 15 e 35 anos, e pouco menos da metade dos da última faixa[74]. Desta forma, obviamente, tentava-se impedir gastos que seriam insustentáveis para a sociedade. Regras deste tipo eram, de fato, fundamentais para que a vida da mútua se tornasse a mais equilibrada possível, para enfrentar os períodos em que o número de sócios

---

[67] "Società, Circoli, ecc.", *Avanti!*, n. 1906, 20-01-1908, p. 4; Idem, *Avanti!*, n. 2023, 3-6-1908, p. 2; "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 07-10-1911, p. 4.
[68] *La Rivista Coloniale*, n. 6, 30 giugno 1906.
[69] *"solidale al movimento operaio tutt'ora esistente"*, são as palavras com as quais adia a festa. ("Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 14-07-1917, p. 5).
[70] "Società Unione fra i Proprietari Barbieri", *Fanfulla*, 01-09-1911, p. 4.
[71] Art. 2 dos estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, pp. 3701-3703.
[72] Art. 3, Ibidem.
[73] Art. 6, Ibidem.
[74] Art. 10 e 11, Ibidem.

mais velhos ultrapassassem os mais jovens, como nota também Samuel Baily para o caso argentino, sublinhando que em Buenos Aires, depois de 1910, todas as sociedades italianas, tanto as grandes como as pequenas, tiveram que enfrentar um período muito difícil, pois boa parte de seus sócios tinha envelhecido e demandava mais serviços[75].

Os sócios da *Vittorio Emanuele II* eram divididos em várias categorias: honorários; perpétuos, beneméritos e efetivos. No primeiro caso, tratava-se somente de uma nomeação honorária sem que houvesse necessariamente alguma ligação econômica ou efetiva com a sociedade: nenhum deles podia votar, nem podia ser eleito e até os estrangeiros podiam ser nomeados honorários[76].

Os perpétuos eram os *maggiorenti* (isto é, os que eram ao menos médios empresários ou artesãos muito bem sucedidos da comunidade ítalo-paulistana) porque para tornarem-se sócios perpétuos deviam pagar uma única cota, de uma só vez, de um certo porte (300$000 réis em 1910, o que equivalia a mais de dois salários mensais médios de um operário têxtil na mesma época)[77]. Efetivos eram os membros que pagavam as mensalidades e beneméritos os efetivos que o conselho tinha julgado merecerem este título pelos serviços oferecidos à sociedade ou à comunidade em geral, mas eles também eram obrigados a pagar as mensalidades[78].

Os tipos de serviço oferecidos aos sócios eram, portanto, sobretudo do tipo da assistência média que se realizava de multíplas formas: a) pagamento de uma soma mensal

---

[75] Samuel BAILY, "Las sociedades de ayuda mutua y el desarrollo de una comunidad italiana en Buenos Aires, 1858-1918", *Desarrollo Económico*, vol. 21, n. 84, 1982, pp. 492-493.

[76] Art. 8 dos estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, pp. 3701-3703.

[77] Art. 9, ibidem.

Em 1911-12, o salário médio de um operário têxtil do sexo masculino era de 4$500 réis na seção fiação, segundo o Quadro IV das "Condições de trabalho na indústria têxtil no Estado de san Paulo", in: *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*, 1912, pp. 35-77.

ao sócio doente (prolongável de acordo com as possibilidades da sociedade); b) pagamento das despesas hospitalares; c) pagamento de uma quota mensal por seis meses em caso de doença crônica (prolongável de acordo com os fundos sociais); d) pagamento das consultas médicas efetuadas com um outro médico que não o da sociedade; e) pagamento de remédios; f) possibilidade de ser consultado pelos médicos da sociedade gratuitamente[79].

Além disso, a sociedade empenhava-se a pagar as despesas do funeral do sócio, no qual era obrigatória a presença de uma comissão da sociedade e da bandeira social[80].

As sociedades que surgiram após 1886 eram organizadas do mesmo modo, ainda que as formas da assistência médica e os serviços gerais oferecidos aos sócios tivessem pequenas variações e diferenças, que, todavia, não afetavam o quadro geral e a substância do mutualismo italiano em São Paulo, que era basicamente a de oferecer serviços médicos aos próprios membros.

Veremos mais adiante quais eram as diferenças entre essas várias mútuas.

---

[78] Art. 12, dos estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, pp. 3701-3703.
[79] Art. 14, 15, 16 e 17, Ibidem.
[80] Art. 28, Ibidem.

1.4

A SEGUNDA FASE DE FORMAÇÃO DAS SIMS EM SÃO PAULO

A partir de 1886, novas sociedades surgem, caracterizando uma segunda fase, que vai até 1896-97, durante a qual o aumento da imigração italiana permite que o processo de formação das mútuas italianas em São Paulo se diversifique, com a fundação de sociedades específicas por tendência política, por proveniência regional, por ofício. Neste último caso, é preciso destacar que, em 1890, surge a *Società Cosmopolita dei Capellai* como seção paulistana da *Sociedade Internacional dos Chapeleiros*, que, a despeito do nome, era formada quase exclusivamente por chapeleiros italianos[81].

Neste período, surge a sociedade *Militi Italiani*, da qual falamos em parte, cujo objetivo era também o de dar assistência médica e de encontrar trabalho para os sócios desempregados, e dividia os seus fundos em três grupos: para subsídios aos sócios, para gastos administrativos e os chamados de "fratellanza" (para beneficência temporária e ajuda a outras sociedades)[82].

Todavia a *Militi*, que aparentemente deveria contar com o apoio de boa parte dos homens da comunidade italiana (pois a maioria dos imigrantes italianos expatriava-se somente depois de ter cumprido seus deveres militares, que duravam 2 anos), teve sempre uma vida difícil, como observamos nas páginas anteriores.

---

[81] Michael HALL, "Os chapeleiros: notas e hipóteses", (mimeo).

[82] Art. 2 e art. 51 e 52 dos estatutos da Sociedade dos Militares Italianos (isto é, a *Militi Italiani*), in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 107, 16-05-1900, p. 1160.

Duas mútuas fundadas nesta segunda fase correspondiam às exigências associativas dos italianos de Santo Amaro e São Caetano do Sul, que há mais de uma década viviam nestes dois pequenos centros[83].

Enfim, surgiram duas importantes sociedades, inicialmente com um caráter regional, cuja vida foi bastante longa, sobretudo a de uma delas, que atravessou toda a primeira metade do século XX: a *Leale Oberdan*[84].

Da *Unione Veneta San Marco* falaremos mais no capítulo 3: por ora basta dizer que era a primeira mútua que nascia segundo um caráter regional, justamente a dos vênetos, uma vez que os imigrantes italianos provenientes desta região foram, durante a década de 80 e 90, a maioria dos italianos que se transferiram para o Brasil, tanto nas cidades como nas fazendas[85].

No caso da *Oberdan*, na verdade, não temos certeza de sua origem regional: todavia, a escolha de um nome inspirado no primeiro mártir *irredentista* (Oberdan era de Trieste), morto pela polícia austríaca no final de 1882 (sem, aliás, que o governo italiano protestasse, porque naquele mesmo ano tinha acabado de fazer um tratado de aliança justamente com o Império da Áustria-Hungria, formando, junto com o Império Alemão, a Tríplice Aliança), demonstra, além de uma escolha política precisa de crítica ao governo italiano e à monarquia Savóia por seu desinteresse em relação ao movimento *irredentista*, que os fundadores da sociedade eram, provavelmente em sua maioria, da então província oriental

---

[83] Já nos referimos à de Santo Amaro nas páginas anteriores; em relação a São Caetano do Sul Ver. José de Souza MARTINS, *op. cit.* pp. 175-225.

[84] Ou *Leale Oberdank*.

[85] Entre 1878 e 1886 entraram no Brasil cerca de 22.000 italianos provenientes da região do Vêneto, que na época compreendia também a região Friuli (30% dos italianos que naqueles anos emigraram para o Brasil), no período 1887-1895 foram quase 250.000 (constituindo pouco mais da metade de todos os italianos imigrados no Brasil naquele mesmo período), ver Angelo TRENTO, *op. cit.* p. 39. Ver também Emilio FRANZINA, *La grande emigrazione. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo XIX*, Venezia, Marsilio, 1976, pp. 163-

do Vêneto[86] e das províncias da Venezia Giulia pertencentes à Áustria (territórios que, desde 1918, formam a região de Friuli Venezia Giulia), uma vez que Oberdan era desta região e lutava pela sua anexação à Itália[87].

Usualmente, como veremos, muitas sociedades que surgiram com base regional homenageavam, no nome, um personagem importante de sua região, por exemplo, os toscanos homenageavam Galileo Galilei, os calabreses, Tommaso Campanella.

Todavia, os estatutos declaravam que a sociedade trabalharia pela união e concórdia entre os italianos, uma dupla referência, tanto ao movimento irredentista que visava a unificação à Itália das regiões italianas sob o domínio da Áustria, quanto aos italianos imigrados provenientes das várias regiões[88]. É preciso acrescentar, todavia, que a *Leale Oberdan* surgiu como sociedade recreativa e somente um ou dois anos depois transformou-se em sociedade de socorro mútuo[89].

Este fenômeno era típico de muitas sociedades. No caso da *Lega fra gli Insegnanti* (a associação dos professores das escolas italianas de São Paulo), por exemplo, em muitas

---

187, e IDEM, *Un altro Veneto. Saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX*, Abano Terme (Padova), Francisci, 1983.

[86] A província de Udine, na época da emigração para o Brasil, que aliás incluía também a que hoje é a província de Pordenone e constituía a região histórica do Friuli.

[87] Nos estatutos da sociedade conservados no AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 13.536, (*Estatutos da Sociedade de Socorro Mútuo Guglielmo Oberdan, fundada em 10 de março de 1889*. São Paulo, 1940), a foto de Oberdan está impressa na capa interna. O artigo n. 38 declarava, além disso, que o dia 20 de dezembro, dia da execução de Oberdan, era uma das festas oficiais da sociedade, junto com o dia de sua fundação. Os estatutos conservados no DEOPS têm somente algumas poucas modificações em relação aos antigos, relativas, como destaca o texto, à obrigatoriedade de transformar a sociedade em brasileira, segundo o decreto-lei n. 383 de 1938, segundo o qual a sociedade não podia ficar fechada aos italianos e deveria ter uma diretoria formada por brasileiros natos ou naturalizados. Há algum tempo a sociedade tinha substituído a palavra "Leale" (=leal, de lealdade) com o nome de Oberdan: "Guglielmo".

Oberdan, cidadão austriáco, fugiu na Itália em 1878, para fugir do serviço militar no exército imperial. A sua decisão de voltar para Trieste para organizar um atentado contra o imperador deve ser inserida no contexto das manifestações dos *irredentisti* contra a comemoração do quinto centenário do domínio do império da Áustria-Hungria sobre a cidade de Trieste. Oberdan foi aprisionado, condenado por uma corte marcial e enforcado em Trieste no dia 20 de dezembro de 1882.

[88] *Estatutos da Sociedade de Socorro Mútuo Guglielmo Oberdan, fundada em 10 de março de 1889*. São Paulo, 1940, in: AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 13.536 e Extrato dos estatutos da *Società Italiana di Mutuo Soccorso Leale Oberdank*, in: *Diário Oficial*, n. 37, 14-2-1900, p. 328.

reuniões discutiu-se a possibilidade de abrir uma seção de socorro mútuo[90]. Igualmente, o *Gruppo Reduci Garibaldini* e o *Gruppo Reduci Patrie Battaglie*, funcionaram, em alguns períodos, antes de unir-se e absorver a *Militi*, como sociedades nas quais havia também o mutualismo, mas permaneciam, na maior parte do tempo, sociedades recreativas[91]. Em vários casos, os estatutos declaravam que o socorro mútuo começaria somente no momento em que a sociedade tivesse fundos suficientes, como ocorreu no caso, já citado, da *SIMS* de Santo Amaro em 1906-1911. Em um caso, de sociedade mutualista passou-se para sociedade recreativa: quando desaparece a *Società Unione Italiana del Bom Retiro*, permanece o grupo de teatro interno à sociedade, o *Gruppo Ricreativo Filodrammatico "Bohéme"*[92].

A *Leale Oberdan* será a *SIMS* com a vida mais longa e a que, com exclusão da *SIB*, teve o maior número de sócios: o número de seus associados foi aumentando ao longo das duas primeiras décadas do século XX, passando dos 104 de 1904[93] aos 1.060 de 1914[94]. O maior crescimento foi depois de 1907, quando ainda tinha 260 sócios, passando para 403 em 1908, e para 759 em 1911[95].

No caso da *Leale Oberdan* a assistência médica era gratuita para os sócios e suas famílias, mas era também contemplado o auxilio financeiro em caso de hospitalização ou

---

[89] "Alla Leale Oberdank", *Avanti!*, 2ª serie, n. 6, 6-6-1914, p. 3.
[90] *Il Brasile e gli Italiani*, *op. cit.* pp. 813-814.
[91] Ver seções "Società Popolari", "Società, Circoli, ecc.", *Avanti!*, 1900-1908 e "Circoli e Società", *Fanfulla*, 1899-1918.
[92] "Circolo Filodrammatico Bohéme", *Avanti!*, n. 1724, 19-6-1907; "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 13-09-1911, p. 4.
[93] *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1904.
[94] "Alla Leale Oberdank", *Avanti!*, n. 6, 2ª serie, 06-06-1914, p. 3.
[95] Ibidem e *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1908 e 1911.

consulta com outros médicos. Além disso, a sociedade financiava o funeral e enterro dos sócios, mas através da doação à sua família de uma única quota a isso destinada[96].

No final da década de 1880, antes do processo de aumento das mútuas de imigrantes da Itália do sul da década seguinte, surgiu a única sociedade de meridionais, a *Unione Meridionale Italiana*, que desde seu nascimento juntava o socorro mútuo e a beneficência. Esta, de fato, não tinha como objetivo somente a assistência médica a partir das contribuições dos sócios, mas também o de ajudar, com todos os meios possíveis, as instituições italianas de beneficência[97]. Isto é, apresentava-se como uma sociedade que deveria também coletar ajudas financeiras para outras instituições, e não somente no campo da saúde, como mostra o fato de ela ter liderarado, a partir de 1903, um movimento para a constituição de "scuole sociali", isto é, escolas dedicadas ao ensino aos imigrantes italianos que não podiam pagar alguns anos de curso primário para seus filhos[98]. Em 1905 mudou de nome, adoptando o de *Società "Italia" di MS*, numa tentativa de abrir-se a sócios de diferentes proveniências regionais: esta decisão provocou provavelmente um certo conflito interno, uma vez que com a refundação perdeu mais de 100 sócios[99].

---

[96] Art. 2, *Estatutos da Sociedade de Socorro Mútuo Guglielmo Oberdan, fundada em 10 de março de 1889.* São Paulo, 1940 (AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 13.536).
[97] Estatutos da *Società Unione Meridionale Italiana*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 84, 13-04-1899, p. 800.
[98] *Sempre Avanti!*, n. 3, 16-12-1903.
[99] *Il Brasile e gli italiani*, *op. cit.*, p. 833.

1.5

UMA NOVA FASE DO DESENVOLVIMENTO MUTUALISTA ITALIANO NA CIDADE DE SÃO PAULO: AS MÚTUAS REGIONAIS FRENTE AO GRANDE AUMENTO DAS SOCIEDADES DE IMIGRANTES DO SUL DA ITÁLIA

Uma verdadeira explosão de sociedades italianas aconteceu entre 1896 e 1899, em particular no ano de 1897, quando são fundadas seis novas sociedades. Nesta nova fase de desenvolvimento do associacionismo italiano em São Paulo, cabe observar que isso foi devido sobretudo à entrada de agremiações que tinham uma caraterização regional muito marcada, sobretudo de regiões até aquele momento pouco presentes no panorama imigratório italiano para o Brasil. Claramente, o aumento da imigração italiana para São Paulo trouxe uma maior diversificação ao longo dos ano 90, com, inclusive, um aumento considerável da presença de italianos provenientes do sul nos próprios centros urbanos, o que caracterizará a imigração italiana para o Brasil no sentido de uma dicotomia geográfica marcante, pela qual a presença de italianos do norte (sobretudo do nordeste) era particularmente concentrada nas áreas rurais ou nos centros urbanos do interior, enquanto a de italianos do sul (os *meridionali*) na cidade de São Paulo e, durante a primeira década do século XX, ultrapassou a dos seus compatriotas setentrionais na capital estadual[100].

[100] Carlo CASTALDI, "Mobilidade ocupacional de um grupo primário de imigrantes italianos na cidade de São Paulo", *Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*, vol. 2, n. 4, março de 1957, pp. 135-172. Mas ver também, para a presença dos italianos do norte no interior do Estado de São Paulo (fazendas e cidades), Emilio FRANZINA, *La grande emigrazione. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo XIX*, Venezia, Marsilio, 1976, pp. 163-187, e IDEM, *Un altro Veneto. Saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX*, Abano Terme (Padova), Francisci, 1983.

O grupo de sociedades de italianos do sul compunha-se da *SIMS Campania* (que unia os italianos provenientes das cinco províncias desta região, cuja capital é Nápoles)[101], da *Calabresi Uniti Tommaso Campanella* (que unia os italianos provenientes da região Calábria)[102], a *SIMS Trinacria* (dos sicilianos)[103]. Infelizmente, da *SIMS Ettore Fieramosca* temos somente as bases fundamentais da sociedade e não os estatutos inteiros, e por isso não podemos defini-la com certeza uma mútua que surge inicialmente, pelo menos, como associação regional, mas o nome que lhe foi dado, "Ettore Fieramosca", associado aos sobrenomes dos componentes de suas diretorias, pelos quais se reconhece sua origem meridional, sugere que era uma sociedade de italianos provenientes da região Puglia, grupo de italianos consistente na capital a partir dos últimos anos da década de 90 do século XIX, também se consideramos que de todos os maiores grupos regionais meridionais presentes em São Paulo, somente os da Puglia ainda não tinham fundado sua sociedade[104]. De

---

[101] Estatutos da *Società Italiana di Mutuo Soccorso Campania*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 1807, 07-09-1897, p. 21443.

[102] Estatutos da *Società Calabresi Uniti Tommaso Campanella*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 1832, 09-10-1897, p. 21864.

[103] Extrato dos estatutos da *SIMS Trinacria*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 62, 16-03-1899, p. 594.

[104] Ettore Fieramosca era um *Capitano di Ventura* (cavaleiro mercenário com um exército particular) que liderou a revolta dos cavaleiros do Reino de Nápoles contra um grupo de cavaleiros franceses durante a ocupação do sul da Itália pelo exército francês, em 1503, em Barletta (Província de Bari), cidade costeira da Puglia. Todavia, Fieramosca era originário de uma família da nobreza de Capua, um centro urbano, na região Campania, de médias dimensões, próximo de Nápoles. É também provável, portanto, que SIMS que levava o seu nome fosse uma associação que agregava imigrantes da Itália do sul, de diversas regiões. A figura de Ettore Fieramosca estava associada, desde o período do *Risorgimento*, à simbologia independentista surgida com o Romantismo. Assim como as lutas, no século XII, das cidades livres do norte da Itália (os *comuni*) contra o Sagrado Império Germânico, tinham sido exaltadas como um período de antecipação (e preparação) das lutas para independência e unificação dos italianos no século XIX, o embate de Barletta (*la disfida di Barletta*), que aconteceu num período de ocupação estrangeira generalizada dos estados italianos por parte dos exércitos espanhóis (a partir de Carlos V, imperiais) e da França, constituí-se também como um idêntico momento simbólico da futura independência nacional. A construção da figura heróica de Ettore Fieramosca começou a ter uma grande difusão justamente a partir do romance histórico de Massimo D'Azeglio, *Ettore Fieramosca, ossia la Disfida di Barletta*, de 1829. D'Azeglio (1798-1866), uma das figuras mais importantes do *Risorgimento* italiano, foi também, no período 1849-1852 primeiro ministro do Reino de Sardenha (isto é, do reino que englobava as regiões de Piemonte, Ligúria e Sardenha, e que liderou o processo de unificação italiana a partir de 1848). A escolha do nome "Ettore Fieramosca" era, assim, indicativa de toda uma série de sentimentos nacionais e nacionalistas, sobretudo da afirmação de uma identidade nacional italiana por parte de imigrantes meridionais, que baseava-se no acolhimento da ideologia monarquista, mediadas por valores

qualquer forma, os sobrenomes dos seus diretores não deixam dúvidas sobre o fato de que eram italianos provenientes do sul da Itália, das áreas compreendidas entre a região Puglia, o centro e o sul da Campânia (Cilento) e a Basilicata.

Também fundada por italianos do sul, ainda que aberta a todos os italianos, foi a *SIMS Ausonia*, cujo presidente (Antonio Pepe) era pai do presidente da *SIMS Campania*, Gaetano Pepe (ele também co-fundador da *Ausonia*)[105].

O mutualismo na Itália do sul era, naquele período, ainda muito circunscrito: as sociedades no sul da Itália constituíam somente uma pequena parcela em relação ao movimento mutualista muito mais amplo do norte e do centro[106]. Todavia, o fenômeno mutualista do sul da Itália estava concentrado justamente nas cidades grandes e médias das quais provinham, seguindo algumas cadeias migratórias, os meridionais que residiam na cidade de São Paulo e em alguns centros do interior. Podemos apresentar como exemplo, o caso dos *Rossanesi* (os habitantes que vinham de Rossano Calabro, na província de Cosenza; mas o raciocínio vale também para os calabreses da província *cosentina* como um todo). Esta cidade de poucos milhares de habitantes, cujos emigrantes que dirigiam-se predominantemente para o Brasil instalaram-se no bairro da Bela Vista, tinha uma

---

difusos na literatura cavalheiresca e romântica. O cavaleiro Ettore Fieramosca aparecia bem no centro do estandarte oficial da sociedade.
Os italianos da Puglia organizaram em São Paulo também uma confraria no bairro Bela Vista dedicada à Nossa Senhora de Ripalta e, somente em 1923, uma SMS entre os que vinham da cidadezinha de Polignano a Mare.
Os sobrenomes que mais aparecem nas diretorias da Ettore Fieramosca são: Grieco; Parisi; Cirillo; Calogero; Amorosino; Rienzi; Rivelli; Cafalli; De Guglielmo; Di Michele, Pierro; Di Jorio; Malatesta; Luongo, Aversa, todos evidentemente de origem *meridionale*. (Ver "Circoli e Società", *Fanfulla* do período 1900-1918). Para uma relação completa dos nomes dos sócios da sociedade em 1912 ver: "Protesta", *Fanfulla*, 11-2-1912, p. 9.

[105] Extrato dos estatutos da *SMS Ausonia*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 1821, 25-09-1897, p. 21652. Mas ver também a biografia de Gaetano Pepe escrita por Umberto SERPIERI, *Un assertore d'italianità*, São Paulo, Pocai, 1917.

[106] Em 1894, as sociedade do sul eram 1556, as do centro (que tinha cerca de metade dos habitantes do sul) eram 1381, enquanto no norte havia 3785 sociedades de socorro mútuo. O mutualismo era, no sul da Itália, uma experiência pós-unificação, uma vez que antes de 1860 os antigos estados do noroeste da Itália chegavam já a 181 sociedades, os da Itália central a 48, e no sul havia somente uma (!) sociedade, na Sicília. Do ponto

sociedade mutualista já em 1878 (a *Società Operaia di Rossano*)[107]. Na província de Cosenza, da qual provinha a quase totalidade dos calabreses que se transferiram temporária ou permanentemente para São Paulo, havia sociedades operárias de socorro mútuo em outros 39 centros no ano de 1885[108].

No interior do Estado de São Paulo, também neste período houve um surgimento, ainda que menor, de sociedades mútuas formadas por *meridionali*. Em Piracicaba, por exemplo, um grupo de imigrantes fundou, em 1898, o *Circolo Italiano Meridionale "XX Settembre"*, que, a despeito do nome, era, na realidade, uma sociedade de socorro mútuo[109].

Todas as sociedades fundadas por italianos do sul declaravam que seus fins eram o mútuo socorro entre os sócios, realizado através da concessão de auxílio médico aos seus membros em dia com os pagamentos e através de subsídios em caso de "moléstia" ou qualquer tipo de dificuldade (sem especificar se esta era causada por doença crônica, acidente de trabalho, ou período temporário de desemprego)[110]. Assim como todas as outras

---

de vista dos membros, a situação era ainda mais clara: em 1904, 77% dos sócios de mútuas na Itália residiam no norte e na Toscana. (ver Luigi TOMASSINI, *op. cit.* pp. 227, 233, 243).

[107] Sobre o bairro de São Paulo, Bexiga (Bela Vista), e os imigrantes de Rossano Calabro ver Zuleika ALVIM, *op. cit.*; IDEM e José Sachetta RAMOS, "Italianos en Sao Paulo. Dimensiones de la italianidad en el Estado de São Paulo en 1920", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 29, 1995, pp. 113-26; Sobre a emigração calabresa para o Brasil, e em particular da província de Cosenza, ver também Núncia SANTORO DE CONSTANTINO, *Gli italiani nelle città*, Porto Alegre, Associazione Culturale Italiana del Rio Grande do Sul – Perugia, Edizioni Guerra, 2001; IDEM, "Gli emigranti dall'Italia del sud a Porto Alegre: studio di storia sociale", in: Angelo, TRENTO, *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1990; Pietro BORZOMATI (a cura di), *L'emigrazione calabrese dall'Unità a oggi*, Roma, Centro Studi Emigrazione, 1982; Carlo DI NOIA, *Il fenomeno dell'emigrazione dalla Calabria nelle Americhe tra Ottocento e Novecento. Il caso di Corigliano Calabro*, Corigliano Calabro, Editrice Aurora, 1995.

[108] Vittorio CAPPELLI, "Le donne in Calabria nelle società di mutuo soccorso (1875-1900)", *Movimento Operaio e Socialista*, anno IV nuova serie, n. 3, 1981, pp. 287-296. Sobre a relação mutualismo, socialismo e emigração na província de Cosenza ver também o artigo do mesmo autor, "Immigrazione transoceanica e socialismo: il caso di Morano Calabro tra Ottocento e Novecento", in: Pietro BORZOMATI, *op. cit.*

[109] O símbolo é o clássico aperto de mão que simboliza a solidariedade do mutualismo. De qualquer forma, ver as atas da própria sociedade: *Libro per i verbali delle sedute del consiglio direttivo. 1898-1905.*

[110] Ver os estatutos das sociedades *Campania, Ausonia, Calabresi Uniti, Ettore Fieramosca, Trinacria,* respectivamente, nos seguintes números do *Diário Oficial do Estado de São Paulo*: n. 1897, 07-09-1897, p. 21443; 1821, 25-09-1897, p. 21652; n. 1832, 09-10-1897, p. 21864; n. 30, 06-02-1900, p. 276; n. 62, 16-03-1899, p. 594.

mútuas, as sociedades do sul limitavam o acesso aos sócios, no caso, eram aceitos somente aqueles que tinham idade compreendida entre 18 e 60 anos[111].

Todavia, um de seus principais objetivos era também o de promover a formação de centros de instrução escolar primária, voltada para o ensino da língua italiana, diferentemente de outras sociedades italianas[112]. Nas outras sociedades, claramente, os estatutos declaravam o amor à "patria lontana" e em alguns casos observavam que um dos objetivos era construir um centro de instrução para conservar a língua italiana, mas isso aparecia sempre nos artigos sucessivos e não era declarado como objetivo fundamental da sociedade. Esta particularidade das mútuas de italianos do sul era devida ao fato de a classe média meridional constituir o grupo social que, no sul, aceitou o processo de unificação nacional, coadjuvando, aliás, na década de 1870, o exército italiano na repressão do fenômeno de banditismo social de algumas áreas rurais do sul conhecido como *brigantaggio*[113].

A identidade italiana unitária era, então, para as sociedades formadas por imigrantes provenientes do sul da Itália, um objetivo que devia ser declarado explicitamente, pois reforçava sua identidade de classe que, no âmbito do sul, era fiel ao novo estado italiano surgido em 1861 e, ao mesmo tempo, tinha a função de mostrar que esses imigrantes do sul ocupavam um espaço legítimo dentro da comunidade italiana imigrada, ainda que reforçassem sua origem e dessem, portanto, ao panorama mutualista ítalo-paulistano, um caráter localista.

---

[111] Idem, Ibidem.
[112] Idem, Ibidem.
[113] Ver, entre muitos textos, os clássicos de D. IVONE, *Associazioni operaie, clero e borghesia nel Mezzogiorno tra Ottocento e Novecento.* Milano, Giuffré, 1979 e E. ESPOSITO, *Il movimento operaio in Calabria. L'egemonia borghese (1870-1892)*, Cosenza, Pellegrini, 1977.

Porém, este surto de sociedades do sul da Itália foi acompanhado pelo nascimento de outras duas agremiações regionais que, ao contrário das *meridionali*, estarão entre as mais importantes mútuas em São Paulo, ao longo da décadas sucessivas.: a *Società Democratica Galileo Galilei* e a *Lega Lombarda*.

A *Galilei* nasceu como sociedade de toscanos, que, provenientes sobretudo do norte da região Toscana (Províncias de Lucca e Massa-Carrara), constituíam, entre os artesãos e os operários especializados de São Paulo, um núcleo já muito consistente na última década do século XIX[114].

A *Lega Lombarda* nasceu obviamente entre lombardos, cidadãos provenientes de todas as províncias da Lombardia, cuja capital é Milão, e que constituíam 9,2% dos imigrantes italianos entrados no Brasil entre 1878 e 1902 (cerca de 90.000 indivíduos)[115]. Todavia, a sociedade não estava limitada à cidade de São Paulo e nem ao estado homônimo, mas era, teoricamente, aberta a todos os lombardos residentes no Brasil[116].

A *Lega Lombarda* e a *Galilei* também dedicavam seus maiores esforços à assistência médica. Em particular, se concentramos nossa atenção nos artigos a isso destinados pelo Estatuto da Lega Lombarda, podemos observar que não são diferentes das outras sociedades surgidas até então: a assistência em caso de doença era o principal direito do sócio e era realizada através da concessão de subsídios, remédios e consultas médicas gratuitas[117]. Todavia, era concedido ao sócio também a possibilidade de ser consultado por médicos alheios à sociedade e, neste caso, recebia-se um subsídio fixo para pagar as despesas da consulta. É interessante notar, porém, que nos estatutos da *Lega Lombarda* não

[114] Lucilla, BRIGANTI, "La Lucchesia e il Brasile: storia di emigranti, agenti e autorità", *Documenti e Studi*, n. 14/15, 1993, pp. 161-327.
[115] Angelo TRENTO, *op. cit.* p. 39.

havia referências à assistência especificamente hospitalar, mas declarava-se que, quando houvesse fundos suficientes, seriam englobadas "utili istituzioni", sem, todavia, especificar que tipo de instituição, mas pode-se supor que, sendo uma sociedade mútua, só podia referir-se a hospitais ou escolas[118].

Mas todas estas sociedades eram de fato regionais? Ao longo do tempo, elas foram perdendo suas características localistas, como demonstram tanto os estatutos, que foram sendo reformulados, como a presença de membros das diretorias provenientes de quase todas as regiões italianas, ainda que, provavelmente, o núcleo inicial dos sócios fundadores continuasse dirigindo a sociedade. No caso das mútuas do sul, na verdade, é preciso reafirmar que elas tiveram uma vida muito curta (com exceção da *Ettore Fieramosca*). Mas se consideramos tanto a *Lega Lombarda* como a *Galileo Galilei*, ou a *Leale Oberdan*, verificamos que suas origens regionais foram sendo amenizadas ao longo dos anos.

A *Galilei*, por exemplo, já em 1898, não usava mais o nome *Società Democratica Toscana*, mas somente *Società Democratica* e nunca mais retomou o antigo nome[119]; e, já em 1903, apresenta, entre seus diretores, o meridional Gaetano Pepe, que era originário da província de Salerno e Alfonso Splendore, calabrês[120].

Também a *Lega Lombarda*, ainda que conservasse como bandeira social, em 1910, a bandeira italiana com o *Carroccio* na faixa branca, cercado pelos emblemas das capitais de

---

[116] Art. 1 do *Statuto della Società Italiana di Mutuo Soccorso Lega Lombarda*, São Paulo, Tip. Ideal F.lli Canton, 1910,
[117] "Diritti dei Soci", Art. 1 e "Dei sussidi in caso di malattia", Ibidem.
[118] "Diritti dei Soci", Art. 1 b), Ibidem.
[119] *XX Settembre*, n. 20-9-1898 e seção "Circoli e Società", *Fanfulla*, anos 1899-1920.
[120] *Sempre Avanti!*, n. 3, 16-12-1903. Em 1912, por exemplo, pelo menos 6 dos 18 membros da diretoria da *Galileo Galilei* eram certamente de origem meridional (Appugliesi, De Piro, Tammaro, Pascarella, Guida, Tramontano), "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 30-01-1912, p. 4.

província da Lombardia, declarava, em seus estatutos, que podiam ser sócios todos os italianos imigrados no Brasil, excluindo somente os naturalizados[121].

A *Leale Oberdan*, em 1914, por exemplo, contava com alguns diretores cujos sobrenomes eram, sem dúvida alguma, do sul da Itália, como Onofrio, Di Pietro e De Gennaro[122].

[121] Art. 3 e "Condizioni di Ammissione", in: *Statuto della Società Italiana di Mutuo Soccorso Lega Lombarda. op. cit.* Ver também AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 10.569.

Il Carroccio era um carro levado por dois pares de bois que sustentavam um altar e um estandarte branco com uma cruz vermelha, símbolo da cidade de Milão, cidade que liderou, no século XII, a revolta das cidade livres do Piemonte, da Lombardia, do Vêneto e da Emília contra o Sagrado Império Germânico, constituindo com elas uma federação chamada *Lega Lombarda*. O *Carroccio* era usado nas batalhas, posto no centro dos exércitos das cidades da *Lega*. Frequentemente, antes e durante os embates um padre rezava uma missa no altar que havia dentro do *carroccio*.

[122] "Alla Leale Oberdank", *Avanti!*, 2ª serie, n. 6, 6-6-1914.

1.6

A FASE DA EXPANSÃO DAS SIMS DE SÃO PAULO NOS BAIRROS: O MUTUALISMO DOS OPERÁRIOS ESPECIALIZADOS E DOS ARTESÃOS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

A partir de 1900, o panorama mutualista modificou-se ainda mais: enquanto algumas sociedades antigas continuavam existindo, novas foram fundadas, quase todas num processo de surgimento de sociedade com base nos bairros, especificamente no Bom Retiro, na Moóca, na Barra Funda, no Cambucy (esta última na verdade surge antes de 1900), na Água Branca, no bairro de Ponte Grande e, mais tarde, também na Bela Vista. Também de bairro pode ser considerada a *Sociedade Cosmopolita dos Chapeleiros*, que era situada no Ipiranga[123]. Destas sociedades, a da Penha de França (a *Vittorio Emanuele III*[124]) foi, depois de algum tempo, absorvida pela *Vittorio Emanuele II*[125], a do Bom Retiro (*Unione Italiana*) associou-se à *Sociedade Cooperativa Beneficente Paulista*, que adquiriu sua sede, na qual permaneceu o grupo teatral da *Unione Italiana*[126]. A sociedade *Unione Operaia Ponte Grande* dissolveu-se em 1911 por dificuldade financeiras, porque os sócios não pagavam as mensalidades havia mais de 6 meses[127]. A *Fratellanza Italiana do Cambucy* deixa de existir sobretudo por causas político-financeiras[128].

---

[123] Michael HALL, "Os chapeleiros: notas e hipóteses", (mimeo). Mas ver também "Società Popolari", *Avanti!*, 1900-1903 e *O Chapeleiro*, 1903-1904.

[124] De fato, foi fundada em outubro de 1900 (*Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 98, 03-05-1901, p. 1270) alguns meses depois do assassinato do rei Umberto I e da passagem do trono ao filho dele, Vittorio Emanuele III.

[125] "Circoli e Società", *Fanfulla*, 20-09-1905, p. 2.

[126] "Alla Cooperativa Beneficente Paulista", *Fanfulla*, 29-11-1905, p. 2; "Circolo Filodrammatico Bohéme", *Avanti!*, n. 1724, 19-6-1907; *Avanti!*, n. 1924, 10-2-1908; "Circoli e Società", *Fanfulla*, 13-09-1911, p. 4.

[127] "Movimento Operaio", *Fanfulla*, n. 20-10-1911, p. 5.

[128] No *Diário Oficial do Estado de São Paulo* de 29-08-1901, p. 2182, ("Publicações particulares") há uma referência ao fato de que os sócios fundadores e os efetivos da *Fratellanza Italiana*, finalmente, tinham conseguido eleger uma nova direção, pois a associação não estava funcionando regularmente havia muito

A importância deste desenvolvimento "bairrista" do mutualismo italiano estava associado, como notou também Tânia Regina De Luca em seu importante estudo sobre o mutualismo em São Paulo, ao crescimento da cidade e ao fato dos bairros populares (e especificamente operários) terem uma população em sua grande maioria de origem italiana[129].

Todavia, notamos que as mútuas italianas não se difundem no Brás, e na Moóca elas têm uma vida muito curta, pois a *Unione* deste bairro desaparece em 1904[130] e uma nova *SIMS* aparece neste bairro operário somente em 1918. Uma *SIMS Operaia Italiana Unione della Moóca* ressurgirá ainda mais tarde, em 1925[131]. A *SIMS* da Moóca, que nasceu em 1918, foi fundada, na verdade, por industriais e comerciantes italianos da Moóca, mas era aberta também aos operários e aos brasileiros, e nasceu como sociedade recreativa e instrutiva, com o fim de criar, quando as condições assim o permitissem, uma seção de previdência e de cooperação[132].

Considerando, no caso da *Società Operaia Unione della Móoca*, também a particularidade semântica do uso da palavra operário na época, como falamos nas páginas anteriores, a ausência de sociedades italianas nos dois principais bairros operários de São Paulo reforça a tese de que o mutualismo italiano era uma expressão auto-organizativa quase exclusivamente de artesãos e operários especializados e de pequenos e médios industriais, ainda que isso não tenha significado, como veremos nos capítulos sucessivos,

---

tempo. Certamente referiam-se ao caso de maio-junho de 1901 referente a Giulio Sorelli, membro da diretoria da sociedade expulso por suas críticas políticas internas (sobre esta questão ver no capítulo 3).

[129] Tânia Regina DE LUCA, *op. cit.* pp. 152-160.

[130] *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1904; Não há nenhuma referência a esta sociedade depois de 1904 na imprensa operária de língua italiana, nem no *Fanfulla*.

[131] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 220, 05-10-1902, p. 2132.

[132] AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 38.465 e Extrato dos estatutos da *Società Italiana Moóca*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 178, 18-08-1918.

uma ausência de relações com os operários italianos, presentes em grandíssimo número na Moóca e no Brás.

A pequena sociedade *Vittorio Emanuele III*, do Bairro de Penha de França, colocou seu interclassismo também no artigo 1 dos estatutos, declarando que era uma "corporação" formada por proprietários, comerciantes, operários e trabalhadores, identificando os operários, portanto, com os donos de suas oficinas[133]

No caso do Brás, por exemplo, vários eram os italianos que eram sócios da *Sociedade Beneficente União Internacional do Brás*, fundada em maio de 1901, que ainda existia nos anos 20[134]. Mas, em geral, pode-se dizer que esta também, que associava em média, entre 1903 e 1906, 155 sócios e em 1918 contava com somente 52 associados, não podia ser considerada uma associação mutualista na qual encontravam amparo as centenas de famílias de operários do Brás, considerando também que uma nova sociedade neste bairro surgiu somente em 1911[135].

Ao contrário, os bairros periféricos da capital, que concentravam alguns estabelecimentos de médias dimensões, mas sobretudo pequenas e médias oficinas (com exceção da Lapa e da Água Branca, onde havia os depósitos da *São Paulo Railway* e a *Fábrica de Vidros Santa Marina*, mas cujos empregados tinham suas próprias mútuas)[136], concentravam muitos artesãos e operários especializados de origem italiana cujas condições econômicas lhes permitiam a participação constante em mútuas.

---

[133] *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 98, 03-05-1901, p. 1270.
[134] Por exemplo, em março de 1907, o sócio da *Sociedade Beneficente União Internacional do Brás*, Luigi Gibaldoni, escreveu uma carta para o *Avanti!* na qual protestava que a sociedade ainda não lhe tinha passado o subsídio ao qual tinha direito, embora ele tivesse sempre pago, e que somente ficou doente depois de 4 anos da sua inscrição e que, consultado naquela ocasião pelo médico da sociedade, este deu-lhe remédios que o incapacitaram de trabalhar. *Avanti!*, n. 1657, 01-04-1907.
[135] *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, de 1903 a 1918.
[136] Tânia Regina DE LUCA, *op. cit.* pp. 43-48 e *Avanti!*, n. 1656, 30-03-1907, p. 3.

O caso da sociedade da Barra Funda é também emblemático: sociedade de bairro sólida, tinha entre seus diretores o comerciante Ercole Cilento, calabrês, o industrial Antonio Bardella, o pequeno construtor Giulio Zaveri, mas ostentava o nome *Operária*, que eliminou somente nos anos vinte[137] e isto não a impediu de financiar a *Federação Operária de São Paulo* durante a greve geral de 1907[138]. Igualmente, a *Galileo Galilei*, reduto de republicanos que mantinham boas relações com o *Circolo Socialista Internacional*[139], contava no seu conselho diretor de 1912, com a presença de Pietro Morganti, na época já com alguns estabelecimentos de produção alimentar e dono da usina Monte Alegre, em Piracicaba[140] e, no de 1903, com o engenheiro Emidio Falchi[141].

Também a *SIMS Principe di Napoli* de São Caetano do Sul, estudada por José de Souza Martins, contava na sua diretoria com alguns pequenos empresários, como Saverio Perrella (que foi o seu presidente várias vezes, de 1892 a 1931), enquanto, ao mesmo tempo, alguns dos sócios da sociedade eram operários da sua fábrica[142].

Mas, nos seus estatutos, nenhuma *SIMS* limitava o acesso de trabalhadores menos qualificados: a única barreira era o fato de que o sócio (e isso em todos os estatutos analisados) devia ser apresentado por outros dois sócios ou, em caso contrário, devia apresentar o pedido de admissão diretamente ao conselho administrativo da entidade (a diretoria). Os estatutos da *Lega Lombarda*, por exemplo, mostram que a admissão de

---

[137] "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 22-01-1912 e n. 12-06-1917; *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 12-04-1921, p. 2382; AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 9.140.

[138] Como veremos melhor no capítulo 4, o apóio aos grevistas foi notável e o financiamento à FOSP foi muito consistente, 610$500 réis, enquanto, só para ter uma idéia, as centenas de operários da Antarctica contribuíram na mesma subscrição com 61$500 réis: ver "Festa Pro-Scioperanti", *Avanti!*, n. 1717, 11-06-1907, p. 3; "Movimento Sindacale. Sottoscrizione Pro-Scioperanti", *Avanti!*, n. 1721, 15-06-1907.

[139] Ver *XX settembre*, São Paulo, número único, 20-09-1898 e *Avanti!* do período 1900-1908 e de 1914.

[140] "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 30-01-1912, p. 4.

[141] *Sempre Avanti!*, n. 3, 16-12-1903.

[142] José de Souza MARTINS, *op. cit.*, pp. 200-201.

operários sem qualificação era uma norma, pois o seu estatuto dizia explicitamente que o sócio podia votar mesmo que fosse analfabeto[143].

Claramente, os salários de muitas famílias operárias não permitiam que muitos se associassem, mas se pensamos no salário médio diário de um operário têxtil de 1912 (4$500) este, também considerando o fato de que o orçamento de uma família operária era, no final do meses, sempre à beira do vermelho, não os impedia de pagar as mensalidades de uma sociedade de socorro mútuo, que giravam sempre em torno dos 2$000[144]. Talvez tenha sido mais importante a influência de uma mobilidade espacial dos operários menos especializados e dos pedreiros, ainda pouco estudada na verdade, associada aos períodos crônicos de desemprego na grande indústria paulista[145]. Além disso, o sindicato e a liga de ofício, que também funcionavam com cotas mensais do mesmo valor (a FOSP cobrava mil réis em 1907)[146], concentravam as participações da maioria dos operários que tinham possibilidade de pagar mensalidades com constância.

Do ponto de vista da assistência fornecida, as mútuas de bairro não se distinguiam praticamente das outras: o único enfoque era que sua assistência deveria ser voltada para os residentes no bairro onde a sociedade residia, mas isso também era muito aleatório. Claramente, a maior parte dos sócios era do bairro onde a sociedade tinha sido fundada, mas não havia nada nos estatutos que indicasse que a assistência médica, ou que as condições para associar-se, fossem exclusivas dos sócios residentes no bairro.

---

[143] Art. 1 d) Capítulo II, in: *Statuto della Società Italiana di Mutuo Soccorso 'Lega Lombarda'*. São Paulo: Typ. Ideal, F.lli Canton, 1910, pp. 12-13.
[144] Ver por exemplo, nos estatutos da *Lega Lombarda*, de 1910, ou da própria *Unione* da Moóca.
[145] Paul SINGER, *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*, São Paulo, Nacional, 1974.
[146] Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, IJJ[7] n. 179, Processo de Expulsão de Cerchiai, Ristori, Sorelli.

O Art. 2 dos estatutos da *Unione Operaia della Barra Funda*, por exemplo, que surgiu a partir de uma associação recreativa de operários italianos da Barra Funda[147], afirmava que a sociedade desenvolvia sua ação na cidade de São Paulo, sem especificar o bairro[148]. É provável também que fosse subentendido que podiam participar somente sócios residentes no bairro, pois, por exemplo, não era também especificado que os sócios devessem ser italianos, mas não há nenhuma diretoria (e isso até os anos 40) em que apareça um estrangeiro, nem entre os conselheiros[149].

Voltando à assistência médica, e permanecendo especificamente na *Unione* da Barra Funda, ela era fornecida através de subsídios, em caso de recusa do médico e dos remédios das farmácias conveniadas ou pertencentes à sociedade, oferta do serviço de consulta por médicos da sociedade, oferta de remédios, pagamento de operações e despesas hospitalares em um instituto indicado pela diretoria[150]. Além disso, a *Unione* fornecia um serviço funerário, pagando as despesas, mas não considerava a possibilidade do subsídio desemprego[151].

Os serviços da *Unione* da Barra Funda funcionavam de forma satisfatória e suficientemente completa, como demonstra, por exemplo, um dos balanços semestrais de consultas, receitas e operações pagos pela sociedade publicados no Fanfulla em 1911, com 315 receitas médicas concedidas pelas farmácias pertencentes à sociedade, 62 consultas

---

[147] *Il Brasile e gli Italiani*, *op. cit.*, p. 813.
[148] Estatutos no AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 09.140.
[149] "Circoli e Società", *Fanfulla*, vários número entre 1905 e 1920 e *Avanti!*, 1907-1908; e também AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 09.140.
[150] Art. 32, dos estatutos da *Unione Operaia della Barra Funda*, in: AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 09.140.
[151] Ibidem.

médicas, 81 consultas médicas domiciliares, 4 cirurgias subvencionadas, 9 partos e 201$000 de subsídios aos sócios que utilizaram farmácia e médicos externos à sociedade[152].

Em relação aos subsídios de seguro desemprego e aposentadoria, questão polêmica que acompanhou o movimento mutualista, desde seu surgimento, em todos os países, nem todas as *SIMS* de São Paulo concordavam em reconhecê-lo como um direito de seus sócios. Já indicamos parcialmente as posições de algumas destas sociedades sobre este tipo de assistência, mas, em geral, notamos que, diferentemente do que acontecia em boa parte das co-irmãs do Reino de Itália, somente poucas concediam este tipo de assistência e em casos bem específicos. A *Vittorio Emanuele II*, a *Militi Italiani*, eram as únicas que declaravam explicitamente que um dos objetivos do socorro mútuo de suas entidades era encontrar trabalho para os sócios desempregados[153]. A *XX Settembre* de Santo Amaro declarava pagar um subsídio no caso em que o sócio se encontrasse inapto para o trabalho por causa da idade avançada[154]. Enquanto a *Leale Oberdan* declarava conceder um auxílio financeiro em caso de impossibilidade para o trabalho, mas sem especificar em quais casos (no sentido de se era aplicável tanto para o desemprego e pela velhice quanto para doença, mas esta última possibilidade parecia a mais provável)[155]. Também bastante vago era o artigo dos estatutos da *Calabresi Uniti* que declarava que os sócios deveriam socorrer-se em caso de necessidade.

---

[152] "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 22-10-1911, p. 4 e n. 22-01-1912, p. 6.
[153] Art. 2 dos estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio EmanueleII*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910; Art. 2 dos estatutos da *Militi Italiani*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 107, 16-05-1900, p. 1160.
[154] Extrato dos estatutos da *SIMS XX Settembre*, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 75, 07-04-1920.
[155] AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 13.536.

1.7

UMA COMPARAÇÃO COM O MUTUALISMO ITALIANO EM NEW YORK E BUENOS AIRES E O GRAU DE DIFUSÃO DO ASSOCIACIONISMO MUTUALISTA ENTRE OS IMIGRANTES ITALIANOS EM SÃO PAULO.

O processo de formação das sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo não diferiu muito do que se desenvolveu em cidades da Argentina e dos Estados Unidos, apesar das diferenças quantitativas de imigrantes e associados nestes dois países.

Tanto em Buenos Aires como em Nova York, por exemplo, depois da fundação de algumas poucas sociedades italianas entre 1850 e 1880, cujos objetivos eram os de funcionar como mútuas, com grandes seções de beneficência hospitalar, segue-se um período de divisões internas a estas primeiras sociedades, como observamos na relação entre a *SIB* e a *Vittorio Emanuele II*, em parte ditadas por razões políticas e em parte por idéias diferentes sobre como realizar o mútuo socorro. E nos anos sucessivos, nas décadas de 80 e 90, assistiu-se também a um florescimento de sociedades regionais (fenômeno que vai se ampliando com o aumento dos imigrantes provenientes do sul da Itália), e a uma redistribuição, no território urbano, do mutualismo étnico, com a formação de sociedades de bairro, algumas das quais se tornarão suficientemente sólidas: diferentemente de São Paulo, as mútuas de bairro precedem o ano de 1900[156].

Em Nova York, por exemplo, Pozzetta observou o fenômeno da constituição de várias novas *SIMS* de italianos do sul no distrito de Mulberry (a famosa Little Italy de Manhattan),

justamente no período compreendido entre 1888 e 1898, primeiro fenômeno de fragmentação associativa da comunidade italiana em Nova York[157].

Também Baily, mostra como a mais importante *SIMS* de Buenos Aires, a *Unione e Benevolenza* (1858), cuja primeira ocupação era fornecer auxílios ao hospital italiano, viu a minoria monarquista sair do seu seio, alguns poucos anos depois da sua criação, para fundar uma nova sociedade, a *Nazionale Italiana*, em 1861: as semelhanças com o fenômeno ocorrido em São Paulo são evidentes[158]

Baily nota também como o enorme aumento de *SIMS* em Buenos Aires, na década de 80 e sobretudo na de 90, foi devido ao surgimento de uma miríade de sociedades localistas, em boa parte de italianos do sul (aliás, assim como em São Paulo, a primeira *SIMS* de *meridionali* em Buenos Aires adota o nome de *Unione Meridionale*)[159]. Igualmente, este processo é logo seguido por uma expansão mutualista nos bairros mais periféricos de Buenos Aires e também verifica-se que a vida das *SIMS* regionais é atravessada por toda uma série de dificuldades, e somente as maiores sobrevivem à virada do século, mas permanecem com um número de sócios limitado[160].

Em Buenos Aires, em 1904, havia 87 *SIMS*, que somavam cerca de 50.000 sócios, sendo que aproximadamente 250.000 italianos residiam na cidade[161] (o que significava que 20% dos italianos de Buenos Aires estava associado em alguma mútua), mas a metade

---

[156] Samuel BAILY, *op. cit.*, pp. 488-489 e Rudolph, J. VECOLI, "The italian immigrants in the United States. Labor movement from 1880 to 1929", in: Bruno BEZZA, *Gli italiani fuori d'Italia. Gli emigranti italiani nei movimenti operai dei paesi di adozione 1880-1940.* Milano, 1983, pp. 257-306.
[157] George POZZETTA, "Il Mulberry District di New York City negli anni anteriori alla prima guerra mondiale", *Little Italies negli Stati Uniti fra Ottocento e Novecento, Storia Urbana,* n. 5, 1981, pp. 30-38.
[158] Samuel BAILY, *op. cit.*, pp. 488-489.
[159] Ibidem, p. 490.
[160] Ibidem.
[161] Segundo "Leggendo e annotando", *Fanfulla*, n. 21-08-1905, p. 2.

delas (43) tinha menos de 250 sócios e 21 contava com 250 a 500 sócios[162]. A cidade de São Paulo, em 1905, tinha cerca de 150.000 italianos, segundo dados publicados pelo *Comércio de São Paulo*, isto é, quase a metade da população paulistana da época[163], mas as *SIMS* eram 18, das quais 8 (as únicas das quais temos dados em 1904-06), contavam, no seu conjunto, com pouco mais de 4000 sócios. Com exceção dos 3.000 associados (mas poucos pagavam) da *Società Italiana di Beneficenza – Ospedale Umberto I*, a média era de cerca de 150 sócios por sociedade. Até mesmo supondo que as outras 10, das quais desconhecemos o número efetivo, tivessem mais ou menos 150 sócios cada, pouco mais de 3% dos ítalo-paulistanos eram sócios de alguma *SIMS*[164].

Todavia, excluindo a *SIB*, que tinha características peculiares, o número de sócios das *SIMS* paulistanas foi aumentando progressivamente depois de 1905, quando nascem novas sociedades e as sobreviventes do período anterior continuam sua atividade.

Em relação às sociedades das quais dispomos do número de sócios, notamos que, depois de 1905, os sócios da *Vittorio Emanuele II* aumentaram de 103 em 1906 para 320 em 1913, e depois mantiveram-se em torno dos 300 sócios até 1920[165]. A *Leale Oberdan*, como já indicamos, torna-se a maior sociedade italiana depois da *SIB*, iniciando, em 1904, com 104 sócios e ultrapassando os mil em 1914, enquanto os seus fundos passam de 6 contos em 1907 para mais de 52 contos em 1914[166]. A *Unione Meridionale*, que até 1904 contava com 253 sócios, perdeu mais de 100 sócios durante a crise que sofreu e que a levou à refundação com o nome de *Società "Italia" di MS* [167].

---

[162] Samuel BAILY, *op. cit.* p. 491-493.
[163] Ver também "Leggendo e annotando", *Fanfulla*, n. 21-08-1905, p. 2.
[164] Ver *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo,* 1904, 1905 e 1906 e "Cronaca", *Fanfulla*, n. 08-10-1905, p. 3.
[165] *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo,* de 1906 a 1920.
[166] Ibidem e "Alla Leale Oberdank", *Avanti!*, 2ª serie, n. 6, 06-06-1914, p. 3.
[167] *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo,* 1904; *Il Brasile e gli italiani*, *op. cit.*, p. 833.

O número de sócios da *Ettore Fieramosca* estava sempre em torno de 120, ultrapassando os 150 somente em 1916 e 1918-20[168]. A *Unione Operaia da Barra Funda*, ao contrário, chegou a 250 em 1912[169]. A única que tem uma queda de sócios depois 1905 é a *Galielo Galilei*, que, até 1904, era considerada a mais importante das sociedades italianas de São Paulo, e que liderava um movimento de fusão das sociedades[170]. Com a falência deste projeto, ela vai perdendo sócios até chegar ao número crítico de 38 membros em 1912[171], com o perigo de dissolver-se; depois deste ano, todavia, cresce novamente e em 1917 passa de 85 a 220 sócios, por mérito da atividade de um novo presidente, Augusto Pardini[172].

Portanto, ainda que as *SIMS* paulistanas não chegassem aos níveis das de Buenos Aires, em termos de associados, podem ser definidas como sociedades de médias dimensões, com um crescimento constante que as mantinha em condições de funcionar devidamente, ao menos para a significativa parcela dos artesãos e operários especializados de origem italiana que residiam em São Paulo. Apesar de algumas exceções, esta estabilidade foi fundamental para que elas se tornassem um amparo, um ponto de referência em momentos críticos (greves, ou diminuição das ligas de ofício) para abrigar, como veremos, as atividades organizativas dos operários (italianos ou não) e, em particular, dos que militavam nos grupos políticos ou nos sindicatos ou que participavam, ao mesmo tempo, destas sociedades mutualistas.

---

[168] *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1905 a 1920.
[169] "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 06-02-1912, p. 4.
[170] *Il Brasile e gli Italiani*, *op. cit.*, p. 825.
[171] *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, 1912.

Esta estabilidade é evidenciada também por uma análise das diretorias das *SIMS* paulistanas, que mostra como boa parte dos conselheiros (inclusive daqueles com cargos de responsabilidade, como presidente, ou secretário) mantém sua presença nas diretorias ao longo de muitos anos[173]. É o caso, por exemplo, de Giovanni Croce, Umberto Croce, Annibale Fontana e Alfredo Gelsomini, que serão, dependendo do período, presidente, vice-presidente, secretário e conselheiro da *Vittorio Emanuele II* entre 1910 e 1917[174]; ou de Andrea Caliò, presidente da *Leale Oberdan* entre 1912 e 1917[175], ou, ainda, de Ercole Cilento, e Giovanni Bressan, da *Unione Operaia* da Barra Funda, na diretoria, respectivamente, de 1917 a 1944, e de 1907 a 1921[176]. Também o presidente da *Lega Lombarda*, em 1910, Enesto Amadei, já tinha sido presidente da mesma em 1902[177].

Ao mesmo tempo, vários foram os conselheiros que transitavam entre diferentes sociedades: o industrial Antonio Bardella, por exemplo, foi secretário da *Unione Operaia Civiltá e Progresso* em 1907[178], mas a partir de 1917 estava na diretoria da *Unione Operaia da Barra Funda*[179]. Outro caso, somente para dar um outro exemplo, é o de Ugo

---

[172] "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 13-10-1917, p. 5.
[173] "Circoli e Società", *Fanfulla* período 1893-1920 e AESP, DEOPS, nos vários prontuários por mim consultados e dedicados às sociedades italianas.
[174] "Circoli e Società", *Fanfulla*, 25-09-1911, p. 3; 23-01-1912, p. 4; 3-8-1917, p. 6; *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, p. 3703; *La Rivista Coloniale*, anno VII, n. 6, 30-6-1916.
[175] "Circoli e Società", *Fanfulla*, 6-3-1912; 9-9-1917; *Avanti!*, 2ª serie, n. 6, 06-06-1914.
A *Leale Oberdan*, aliás, terá sua sede sempre na Rua Brigadeiro Machado desde 1914 até os anos 40!. AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 13.536 e 9.983.
[176] *Avanti!*, n. 1717, 11-6-1907; n. 1918, 3-2-1908; "Circoli e Società", *Fanfulla*, 6-2-1912; 12-6-1917; *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 80, 12-4-1921, p. 2382; AESP, DEOPS, Prontuário Delegacia n. 9.140.
[177] "Lega Lombarda", *Avanti!*, n. 210, 11-7-1902 e *Statuto della Società Italiana di Mutuo Soccorso Lega Lombarda*, *op. cit.*
[178] *Avanti!*, n. 1645, 16-03-1907.
[179] "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 11-09-1917, p. 5.

Bevilacqua, conselheiro, em 1914, da *Leale Oberdan* e vice-presidente, em 1917, da *Civiltà e Progresso*[180].

De forma geral, pode-se dizer que o índice de passagem de uma sociedade à outra é de cerca de 10% dos componentes das diretorias, enquanto a taxa dos que estiveram mais de uma vez (não necessariamente de forma consecutiva) em cargos de diretores é de mais de 50%.

[180] "Alla Leale Oberdank", *Avanti!*, 2ª serie, n. 6, 06-06-1914, p. 3 e "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 04-08-1917, p. 5.

1.8

UMA ESCOLA DE DEMOCRACIA: O FUNCIONAMENTO INTERNO DAS SOCIEDADES ITALIANAS DE SOCORRO MÚTUO.

O funcionamento interno das *SIMS* em São Paulo não diferia muito de uma para outra. Os princípios básicos nos quais se inspiravam os estatutos (concórdia entre os sócios, estabelecimento de relações amigáveis com os brasileiros, respeito às leis do Brasil, punição para os que ofendessem ou criticassem a sociedade de forma injuriosa), além das funções de sociabilidade que estas desenvolviam, criavam, teoricamente, os pressupostos para que a vida interna das sociedades seguisse usualmente caminhos de confronto democrático em sua condução.

A democracia do mutualismo, como foi definida por Michel Ralle[181], constitui-se, assim, como a característica marcante do processo de difusão das associações mútuas e da construção de uma identidade operária, no sentido mais amplo do termo, que expressa, na autodeterminação e nas tomadas de decisões de forma democrática, um momento fundamental no processo de formação das organizações entre trabalhadores, constituindo formas e experiências de condução de organismos coletivos, que serão o modelo para os grupos políticos socialistas, republicanos e anarquistas e para as ligas de oficio.

Tratava-se de um contrato social e responsável entre os sócios, vivificado na sacralidade das regras do estatuto. A assistência fornecida pela sociedade aos seus membros, como lembrava o artigo 10 do capítulo III dos estatutos da *Lega Lombarda*, não

devia ser entendida como concessão de favores, mas como o cumprimento de um pacto de mútua proteção contraído entre a associação e o sócio através do estatuto[182].

Todas as *SIMS* eram governadas por diretorias eleitas por assembléias ordinárias às quais podiam participar, geralmente, todos os sócios em dia com os pagamentos. O número de conselheiros variava de acordo com cada uma, mas nunca ultrapassava o número máximo de 22 elementos, e, em média, tinha em torno de 16 membros. Os cargos eram os de presidente, vice-presidente, secretário e vice-secretário (ou 1° e 2° secretários), de tesoureiro e vice-tesoureiro, revisores de contas (ou síndicos, ou fiscais), conselheiros (de 8 a 16) e um ou dois porta-bandeira. Todos os cargos eram voluntários e eleitos, e o único que recebia um salário para seu serviço era o secretário, que tinha a obrigação de escrever as atas das reuniões, enviar e receber a correspondência, comunicar aos sócios as deliberações tomadas e convidá-los para as assembléias; enfim, quando deviam ser transformados alguns artigos dos estatutos era ele quem os lia para a assembléia, nas quais ele contava os votos, seguindo uma das suas tarefas que era a de acompanhar todo o processo eleitoral interno. Como veremos, a função central do secretário foi adotada também na condução dos sindicatos e das federações sindicais, em particular na FOSP e nas ligas de oficio que surgiram em São Paulo a partir de 1900-1901[183]. O papel do presidente era diferente e estava ligado à representação legal frente à sociedade e à justiça, pois ele assumia todas as responsabilidade dos atos e das deliberações tomadas pelo

---

[181] Michel RALLE, "La función de la protección mutualista en la construcción de una identidad obrera (1870-1910)", in: S. CASTILLO, *Solidaridad desde abajo*, Madrid, UGT, Centro de Estudios Históricos y Confederación Nacional de Mutualidades de Previsión, 1994, pp. 423-436.

[182] *"Il medico e le medicine, nonché i sussidi pecuniari che la Società accorda ai suoi membri non possono, né devono essere considerati come favori, ma bensì come il compimento d'un patto di mutua protezione contratto fra l'associazione e il socio mediante lo statuto". Statuto della Società Italiana di Mutuo Soccorso 'Lega Lombarda', op. cit.*, pp. 12-13.

[183] Ver capítulo 4 da tese e, sobre as funções do secretário da FOSP Giulio Sorelli, ver também Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, IJJ[7] n. 179, Processo de Expulsão de Cerchiai, Ristori, Sorelli.

conselho (isto é, pela diretoria) embora ele não pudesse tomar decisão nenhuma sem a autorização dela.

Fiscais, síndicos e revisores dedicavam-se a verificar a legitimidade das contas, enquanto os tesoureiros ocupavam-se da arrecadação das contribuições mensais e extraordinárias e de redigir os balancetes da sociedade. Às vezes, havia fiscais que tinham que verificar, junto com o médico social, se o sócio que estava recebendo algum subsídio da sociedade estava de fato doente, mas esta tarefa era confiada normalmente ao médico social.

O conselho de administração dirigia a sociedade em qualquer questão (aplicação dos estatutos, pedidos de subsídio, organização de festas, participação em reuniões, manifestações e atividades com outras sociedades italianas ou estrangeiras), convocando as assembléias gerais do sócios somente em casos específicos, isto é, para deliberar sobre mudanças estatutárias ou sobre outras questões nas quais era necessário ter a aprovação da maioria dos sócios (grandes despesas, apresentação de balancetes, construção de sede ou outros edifícios, participação em manifestações de caráter político evidente, etc.). O conselho reunia-se ao menos uma vez por mês e, freqüentemente, uma vez por semana: geralmente, a ausência de um membro nas reuniões, sem justificativa e por duas vezes consecutivas, levava à sua expulsão da sociedade.

Através de uma análise dos estatutos das várias *SIMS*, verificamos que o processo de tomada de decisões no interior das sociedades, apesar de algumas diferenças, seguia passos muito semelhantes.

Usualmente, havia assembléias gerais ordinárias, semestrais ou trimestrais, das quais podiam participar todos os sócios, e durante as quais discutia-se e passava por aprovação a gestão da sociedade, tanto financeira, quanto do ponto de vista do tipo de

atividades que tinham sido desenvolvidas em nome da sociedade. Além das assembléias gerais ordinárias, era possível a convocação de assembléias gerais extraordinárias de todos os sócios, ou por decisão do presidente, ou do conselho, ou pelo pedido de parte dos sócios (normalmente pelo menos 1/4 deles)[184]: qualquer uma destas convocações devia ser oportunamente justificada.

A convocação da assembléia era feita através do convite pessoal a todos os sócios, e também através de anúncio nos principais jornais da comunidade italiana de São Paulo (*Fanfulla*, *Avanti*!, *Il Secolo*, *La Tribuna Italiana*). A assembléia geral, para ter validade, devia, teoricamente, contar com pelo menos metade mais um dos sócios, mas se este número não era alcançado (o que era a norma), passava a ter validade qualquer que fosse o número dos presentes, ou, em muitos casos, era convocada novamente para os dias seguintes ou para a semana seguinte; se também na segunda convocação o número dos participantes não chegava à metade dos associados, a assembléia passava a ser válida. Desta forma, pudemos notar que as decisões tomadas pelas assembléias eram normalmente fruto do voto de não mais do que 30% dos associados.

Durante as assembléias, todos os sócios tinham direito de palavra, podendo fazer propostas e perguntas ao conselho e levantar questões, sempre, todavia, no âmbito dos assuntos que seriam tratados segundo a ordem do dia que motivava a convocação da assembléia. O presidente concedia a palavra segundo uma ordem de inscrição, que se fazia levantando a mão, mas somente depois do discurso do relator que apresentava propostas ou deliberações do conselho ou de alguma comissão formada para resolver questões específicas. Todavia, os sócios não podiam falar mais de duas ou três vezes sobre o mesmo

[184] Na *Calabresi Uniti*, por exemplo, 1/20 dos sócios podia pedir a convocação da assembléia extraordinária (Art. 24, dos estatutos da *Società Calabresi Uniti Tommaso Campanella*, in: *Diário Oficial do Estado de São*

argumento, nem desviar-se dele e nem, obviamente, ofender outros sócios e sobretudo a diretoria e os estatutos. A pena podia ser o simples impedimento de continuar a falar na reunião, ou até a proposta de expulsão da sala e enfim da sociedade. Se os sócios presentes na assembléia opusessem resistência ao presidente este podia, além de propor sua expulsão, adotar outras medidas drásticas, como a suspensão do pagamento dos subsídios.

Depois da discussão de cada argumento e da votação sobre a deliberação a ser tomada em propósito, ninguém podia continuar a levantar questões sobre o mesmo argumento: a votação fechava o processo deliberativo.

Em alguns poucos casos, as assembléias gerais ordinárias eram reservadas somente a alguns sócios e não a todos (os chamados efetivos): na *Vittorio Emanuele II*, por exemplo, só podiam participar os sócios fundadores e os perpétuos, o que a caracterizava, de fato, como uma sociedade mais próxima das antigas sociedades monarquistas que surgiram na Itália entre 1860 e 1890[185].

No início do ano, ou no dia do aniversário da fundação da sociedade, era convocada um assembléia para eleger o conselho administrativo para o ano em curso. Podiam ser eleitos para cargos de diretoria todos os sócios que tinham atingido a maioridade (18 ou 21 anos), através de votação por cédulas que continham todos os candidatos, não divididos, porém, em listas opostas, mas segundo o cargo para o qual se candidatavam. Claramente, o número dos candidatos era sempre superior ao dos que podiam ser eleitos, como pudemos

---

Paulo, n. 1832, 09-10-1897, p. 21864.

[185] Art. 38 dos estatutos da *Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II*, in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 249, 17-11-1910, p. 3703, e Diego ROBOTTI e Bianca GERA, *Il tempo della solidarietà*, *op. cit.*

verificar nas cédulas conservadas na *SIMS* de Piracicaba. Às vezes, era comunicado nos jornais que tal presidente gostaria de ser eleito com tais conselheiros[186].

Também as eleições, todavia, tinham validade, em segunda convocação, com o número de presentes votantes, o que era, de fato, a norma até mesmo nas sociedades com um grande número de associados[187]. Na *SIMS Leale Oberdan*, por exemplo, no período de seu maior vigor (em 1914), dos 1.060 sócios, somente 459 participaram da assembléia geral que elegeu a diretoria daquele ano[188].

[186] "Comunicato", *Fanfulla*, n. 6-2-1912, p. 6.

[187] Freqüentemente, tanto o *Fanfulla*, como o *Avanti!* declaravam em suas seções dedicadas ao movimento associativo (respectivamente em "Circoli e Società" e "Società Popolari" ou "Società, Circoli, ecc."), o número de votantes e o número de votos obtidos por cada membro da diretoria.

[188] O eleito que obteve o número mínimo de votos foi Felice De Gennaro com 205. O presidente eleito obteve 253 votos. ("Alla Leale Oberdank", *Avanti!*, 2ª serie, n. 6, 06-06-1914, p. 3).

CAPÍTULO 2

ENTRE DOIS MUNDOS. AS ORIGENS DOS GRUPOS REPUBLICANOS E SOCIALISTAS ITALIANOS EM SÃO PAULO NA DÉCADA DE 1890: MILITÂNCIA, CONFLITOS, DISSIDÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS.

> *"Oggi è il XX Settembre dei rifatti, non il XX Settembre del popolo. Lá in Italia, specialmente, le galere rigurgitano del fior fiore dei nostri lavoratori, le nostre isole si popolano di coatti, di giovani tolti alle officine ed ai parenti, le persecuzioni si accentuano, traboccano, invadono tutti i meandri della vita, con le leggi di prevenzione e di sospetto"*[1].

2.1

"QUERIDO ANDREA COSTA...". CHEGAR NA SÃO PAULO EM EXPANSÃO DAS OFICINAS, E DA IMIGRAÇÃO ITALIANA.

"Caro Andrea, antes de tudo um bom aperto de mão. Chegou aqui o amigo Giuseppe Rangoni, que falou com você e traz a notícia que você se prontificaria a

[1] *"Hoje é o Vinte de Setembro dos sacanas, não o Vinte de Setembro do povo. Lá na Itália, especialmente, as cadeias transbordam a nata dos nossos trabalhadores, as nossas ilhas estão povoadas de condenados políticos, de jovens tirados das oficinas e dos parentes, as perseguições acentuam-se, transbordam, invadem*

mandar artigos e correspondências para o Messagero. Faz tempo que eu queria convidar você para isso: você pode imaginar, portanto, o quanto essa é uma boa notícia para mim. Já combinei com a administração e – embora não sejam ainda conhecidas as suas intenções – certamente não haverá nenhum problema. Estamos no início, é verdade, mas o Messagero agora está tomando força e com certeza vai se tornar – especialmente se houver colaborações como as suas – um jornal influente, ouvido e ... muito vendido. Assim será melhor para todos e, de qualquer forma, se você puder seria bom você me comunicar, por enquanto, as suas condições, isso para melhor regularidade em relação à administração. Não sei se você já leu ou viu o jornal. Eu o mantive sempre na forma mais popular possível, com tendências socialistas. Você conhece a vida melhor do que eu e sabe, portanto, que é necessário, para ter resultado, adaptar-se, embora tentando modificar, o ambiente em que se está. E, infelizmente, aqui o ambiente é bem inferior ao que de pior se possa encontrar na Itália. Pode-se dividir a colônia em três partes: 1: os velhos que estão aqui há anos e que conservam as mesmas idéias desde quando partiram da Itália, e são, portanto, conservadores extraordinários, que não viram nada e não entendem nada do movimento da última década. Estes, para nós, não contam, estão tranquilos nas suas águas bentas. 2: uma grande massa – a grandíssima maioria – de camponeses, ignorantes – coitados – como as toupeiras, mais preocupados com o dinheiro do que com todas as outras coisas belas, mas que se pode educar. E, enfim, os que chegaram nos dois últimos anos – profissionais liberais, operários, artesãos – todos jovens, e que naturalmente estão, em geral,

---

todas as entranhas da vida, com leis de prevenção e suspeitas". "XX Settembre", *XX Settembre,* São Paulo, número único, 20-09-1898, p. 1 (Tradução minha).

conosco. Mas considere que aqui, preocupados com o ganho, nas preocupações que cada um tem de se fazer sozinho e de prosperar, muitos dos ideais que ferviam na cabeças, na Itália, desaparecem ou se tornam bem menos intensos.

Concluindo, um jornal absolutamente de partido aqui é impossível. É preciso, também, seguir, e muito, aquele barbarismo que é o sentimento que cada um tem sobre a pátria, que leva frequentemente a ser egoísta com os outros, mas que é o único que nos dá aqui um pouco de coesão, especialmente fora da cidade.

Você compreenderá logo, portanto, o porque de nós sermos – no jornal, quero dizer – um pouco anfíbios. No mais – repito – as tendências socialistas manifestas existem e penso até em levá-las ainda mais longe. Portanto você pode ficar à vontade. Pode mandar resenhas, artigos, fale-nos especialmente do movimento operário e nos dê aqueles bons conselhos e sugestões que a sua experiência, seus estudos e sua grande inteligência podem, com toda competência, dar. Temos, em Roma, Paglieri do Don Chisciotte para a crônica breve, para você as coisas mais elevadas, importantes, de partido.

Peço que você me escreva o mais rápido possível. No fim deste mês anuncio o seu nome como colaborador e correspondente ordinário. Isso fará muito bem ao jornal. Agora temos uma tiragem de 4000 exemplares.

Uma última notícia, a meu respeito. O escritor do Messagero, eu, sou engenheiro de I classe do próprio governo. E que o céu me proteja. Rotellini, que está aqui na redação manda muitas saudações e também Volpati que diz que logo escreverá para você.

Mande saudações minhas ao bom Musini, Prampolini e aos outros amigos e companheiros, quando você os vir.

Com o grande afeto de sempre,

Alcibiade Bertolotti"[2].

A carta escrita pelo socialista italiano Alcibiade Bertolotti ao companheiro Andrea Costa, mostra, exatamente no início da década de noventa do século XIX, quase profeticamente, o caminho que o movimento socialista e operário seguirá em São Paulo ao

---

[2] *"Carissimo Andrea, innanzitutto una buona stretta di mano. È arrivato qui l'amico Giuseppe Rangoni il quale parlò con te e riferisce che saresti pronto a mandare articoli e corrispondenze nel Messaggero. Io volevo già da tempo fa invitarti a questo: puoi immaginare quindi che questa notizia è per me una buona novella. Mi sono messo d'accordo coll'amministrazione e – benché non siano ancora note le tue pretese – non ci sarà niente da dire sicuramente. Siamo sul principio, è vero, ma il Messaggero ora comincia a farsi strada ed è certo che va a divenire – specie se si avranno delle collaborazioni come le tue giornale influente, ascoltato e ... molto venduto. Così sarà meglio per tutti e ad ogni modo se lo credi mi farai piacere a farmi note le condizioni tue anche per ora, e questo per migliore regolarità in riguardo all'amministrazione. Non so se tu ti sia mai dato la pena di leggere o vedere il giornale. L'ho mantenuto sempre nella forma più popolare possibile qui, con tendenze socialistiche. Tu conosci meglio di me la vita e sai quindi che bisogna, per riuscire, assecondare, pur tentando di modificarlo, l'ambiente nel quale ci si trova. E, pur troppo, qui l'ambiente è assai inferiore a quanto di meno buono possa trovarsi in Italia. Si può dividere la colonia in tre parti: 1, i vecchi che sono qui da anni e che conservano le stesse idee da quando sono partiti dall'Italia, e sono quindi dei conservatori straordinari, che del movimento dell'ultimo decennio non hanno visto niente e non ne capiscono niente. Questi per noi sono lettera morta: tranquilli nelle loro acqua santa. 2: una gran massa - la maggioranza grandissima – di contadini, ignoranti – poveretti – come le talpe, curanti più del quattrino che di tutte le altre belle cose, ma i quali, però, si possono anche ridurre. Ed infine gli arrivati nei due ultimi anni - professionisti, operai, artigiani – tutti giovani, ed i quali, naturalmente, sono in generale con noi. Ma tieni ben anche presente che qui, nella cura dei guadagni, nelle preoccupazioni che ognuno ha di poter fare da sè e di riuscire, molti degli ideali che bollivano fortemente nei cervelli, in Italia, svaniscono o per lo meno diventano assai sbiaditi.*

In conclusione, un giornale assolutamente di partito qui è impossibile. Bisogna anche assecondare, e molto, quel barbarismo che è il sentimento che ognuno ha sulla patria che trae spesso ad essere egoisti verso gli altri, ma che è l'unico che ci dia qui un po'di coesione, specie fuori città.

Comprenderai subito quindi il perché dell'essere noi – nel giornale intendiamo – un poco anfibi. Del resto - come ti ripeto – le tendenze socialistiche e manifeste ci sono e penso anzi di spingerle ancora più in là. Quindi tu ti puoi trovare a tuo agio. Manda pure rassegne, articoli, parlaci specialmente del movimento operaio e dà quei buoni consigli e suggerimenti che la tua esperienza, i tuoi studi e la elevata intelligenza tua possano con tutta la competenza dare. Abbiamo a Roma Paglieri del Don Chisciotte per la cronaca minuta, a te le cose più elevate, autorevoli, di partito.

Mi raccomando di scrivere subito. Tanto alla fine di questo mese faccio il tuo nome annunciandoti quale collaboratore e corrispondente ordinario. Ciò gioverà al giornale. Ora siamo a 4000 copie di tiratura.

Un'ultima notizia, che mi riguarda: lo scrittore del Messaggero (...) sono ingegnere di I classe del governo stesso. E che il cielo me la mandi buona.

Ti salutano tanto Rotellini, il quale è qui nella redazione e dice che ti scriverà presto Volpati.

Da parte mia salutami, se li vedi, il buon Musini, Prampolini, e gli altri amici e compagni.

Sempre tuo affezionatissimo

Alcibiade Bertolotti". Carta de Alcibiade Bertolotti a Andrea Costa, São Paulo, 04-12-1891 (Biblioteca Comunale di Imola, Carte Costa, n. 1265. A carta terminava também com algumas frases de saudação de Giuseppe Rangoni).

longo da década, apontando algumas características que permanecerão constantes nos processos organizativos dos trabalhadores italianos (e não só) na capital paulista, pelo menos até que os progressivos fluxos migratórios do interior à cidade, e a vinda de novos militantes da Itália, mudarão, por volta do início do século XX, o contexto político e social da cidade de São Paulo.

O crescimento industrial de São Paulo, como sabemos, começou todavia já antes de 1890 e foi gradualmente aumentando, do ponto de vista da fundação e extensão dos estabelecimentos fabris, também nos anos anteriores a 1900-1901, embora as oficinas médias e as chamadas "de fundo de quintal" constituíssem, ainda em 1901, como lembra Bandeira Júnior, uma parte consistente da indústria paulistana[3]. É preciso dizer, portanto, que, entre 1888 e 1900, as fábricas de grandes e médias dimensões, sobretudo têxteis e alimentícias, não pararam de crescer, caracterizando-se como um dos principais polos de atração de mão-de-obra na cidade, sobretudo de imigrantes italianos.

No âmbito do setor têxtil, por exemplo, em 1884 é fundada a tecelagem Anhaia, no bairro do Bom Retiro; em 1886, a da Companhia Industrial, no Pari, enquanto em 1887 as fábricas têxteis de Diogo Antônio de Barros, na capital, já contavam com 350 teares[4]. No rastro desta expansão insere-se também a fundação, em 1889, pelo fazendeiro Antônio Alvares Penteado, do seu estabelecimento, a fábrica Sant'Ana, no bairro do Brás, bem próxima à ferrovia, à rede da São Paulo Railway, cujos galpões principais já situavam-se no Brás e na Móoca: esta fábrica, segundo Bandeira Júnior, atingiu, em 1899-1900, cerca de 800 operários, em sua maioria italianos[5]. O primeiro estabelecimento têxtil de propriedade de italianos surgiu já na década de 90 do século XIX, exatamente em 1894, no bairro da

[3] Antônio Francisco BANDEIRA Júnior, *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*. São Paulo, 1901.
[4] Richard MORSE, *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo, Difel, 1970, p. 236.

Moóca: trata-se da Fábrica de tecidos de lã e algodão de Regoli e Crespi, que mais tarde adquiriu a razão social de Cotonofício Rodolfo Crespi[6]. Um ano depois, na Vila Prudente, surgia a fábrica de tecelagem de seda de Guglielmo Poletti[7].

Em suma, se o setor têxtil, como sabemos, foi a 'locomotiva' da industrialização paulistana, não podemos esquecer que a cidade de São Paulo já contava, por volta de 1895, com cerca de 50 unidades fabris mecanizadas de médias e grandes dimensões, que contavam também com fábricas alimentícias e siderúrgicas[8]. Já em 1890, de fato, tinha sido fundada a Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo, por Alessandro Siciliano, que no Pari e na Moóca tinha instalado suas oficinas de fundição e produção de máquinas para o beneficiamento do café e do arroz[9]. A partir de 1892 já funcionava a fábrica de chapéus de Monzini e Schiffini[10] e entre 1888 e 1890 começaram a funcionar as duas grandes fábricas de cerveja paulistanas: respectivamente a Antarctica e a Bavária[11].

Infelizmente faltam censos completos que informem sobre o número mais ou menos exato dos operários que trabalhavam nestas fábricas no período logo seguinte à sua instalação, e somente temos informações dispersas e fragmentárias. O primeiro censo confiável e abrangente é o de Bandeira Júnior, já parcialmente citado, que fotografa a situação das maiores indústrias paulistas na passagem do século XIX para o século XX, depois, portanto, de uma década de crescimento industrial da cidade.

---

[5] Antônio Francisco BANDEIRA Júnior, *op. cit.* pp. 3-6.
[6] Angelo TRENTO, *Do outro lado do Atlântico. Um século de imigração italiana no Brasil.* São Paulo, Nobel, 1989, pp. 144-145. Segundo o censo de BANDEIRA Júnior, (*op. cit.* pp. 9-10) a Crespi contava em 1901 com cerca de 300 operários.
[7] Em 1901 contava com 150 operários (Antonio Francisco BANDEIRA Júnior, *op. cit.*, pp. 11-12).
[8] Boris FAUSTO, *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920).* São Paulo, DIFEL, III ed., 1977, p. 18.
[9] *Almanach da Tribuna Paulista. 1904.* S.l., "Tribuna Paulista", s.d., pp. XIV-XXIII.
[10] Antonio Francisco BANDEIRA Júnior, *op. cit.*, pp. 59-60.
[11] Ibidem, pp. 37-40.

Ao mesmo tempo, durante a década de 1890, graças ao grande impulso dado pelo aumento da imigração, também a população paulistana cresceu de forma exponencial.

A cidade de São Paulo contava em 1886 com cerca de 45.000 habitantes e em 1890 com cerca de 65.000[12], e em 1900 tinha aumentado para 240.000[13]. Todavia, já em 1893, São Paulo contava com 130.000 habitantes, isto é, em três anos sua população, graças ao aumento da imigração (sobretudo italiana) tinha literalmente dobrado[14]: vale a pena lembrar que entre 1887 e 1893 entraram na Província e depois Estado de São Paulo, 422.924 imigrantes (dos quais 315.387 eram italianos)[15].

Fixando nossa atenção sobre o ano de 1893, de fato, podemos ver que na cidade viviam 72.000 estrangeiros, dos quais cerca de 45.000 eram imigrantes italianos (isto é: 34,6%)[16]. Também através do mesmo censo, sabemos que o distrito do Brás, que compreendia também os outros bairros populares da Moóca e do Pari era o que abrigava o maior número de imigrantes: 62,5% de sua população era composta por estrangeiros[17]. Já delineia-se, assim, o quadro de uma cidade que concentra uma massa de trabalhadores urbanos (sobretudo estrangeiros) em alguns bairros específicos destinados à instalação industrial.

Refletindo sobre estes dados (e considerando também que as crianças recém nascidas e menores de 5 anos eram cerca de 25.000), torna-se claro como já existiam as condições para a criação, ao menos do ponto de vista da mão-de-obra disponível, de

---

[12] Richard MORSE, *op. cit.*, p. 238.
[13] Dos quais mais de 90.000 eram de nacionalidade italiana. Ver Vitaliano ROTELLINI, *Astensione o Elettorato? Un grave problema.* São Paulo, Edizionidel "Fanfulla", L. Buhnaeds e C., 1902, p. 4.
[14] Oscar MONTEIRO, *Almanak historico-litterario do Estado de São Paulo para o anno de 1896.* São Paulo, Oscar Monteiro, s.d., pp. 264-265.
[15] Vittorio BUCCELLI, *Libro d'Oro dello Stato di S. Paolo.* Roma, Fratelli Capaccini, s.d., p. 20.
[16] Oscar MONTEIRO, *op. cit.*, pp. 264-265.

estabelecimentos fabris de certas dimensões e que podiam empregar um número de operários superior a 80-100 pessoas cada um. Quantos destes trabalhadores chegou depois efetivamente a entrar no parque industrial em construção da capital paulista não podemos saber, mas, considerando que o censo de Bandeira Júnior fixou (por volta de 1900) a população empregada nas grandes indústrias em torno de mais de 50.000 operários no Estado de São Paulo e considerando que as grandes indústrias do interior (Votorantim, Sorocaba, Jundiaí, Campinas e Piracicaba), sobretudo de tecidos, não alcançavam complexivamente 10% destes 50.000 operários paulistas, resulta que o setor industrial na capital ocupava pelo menos 40.000 trabalhadores. Quase a metade destes, todavia, trabalhava em estabelecimentos fabris que contavam menos de 100 operários, sobretudo nas indústrias médias de chapéus. O próprio Bandeira Júnior sublinhava que os núcleos manufatureiros de médias dimensões constituíam o maior número de estabelecimentos e que ao censo dele, incompleto, devia ser acrescentado o fato que em São Paulo o setor manufatureiro ainda contava com um numero imenso de oficinas e fábricas de pequenas dimensões, que não chegavam a empregar, além do dono, mais de 10 pessoas[18].

Bandeira Júnior continuava, na introdução ao seu censo, ligando este surto artesanal e industrial e sobretudo a presença de centenas de pequenas oficinas e fábricas médias, à presença de um amplo estrato de artesãos e operários especializados (*"artistas"* na linguagem de Bandeira Jr.) provenientes da Itália, o que, segundo ele, teria diferenciado o processo industrial de São Paulo do que ocorreu no Rio de Janeiro[19].

A importância da presença artesanal e da média e pequena indústria é ainda maior se pensamos que, uma vez que São Paulo tinha cerca de 40.000 operários, com uma população

---

[17] Ibidem.
[18] Antônio Francisco BANDEIRA Júnior, *op. cit.* pp. X-XI.

que em 1900 chegava a 240.000 habitantes, podemos chegar à conclusão que além destes 40.000 havia pelo menos cerca de 100.000 trabalhadores empenhados tanto nas oficinas de pequenas e médias dimensões, quanto na construção (carpinteiros, pedreiros, pintores), e na ferrovia. Estamos falando, aliás, de um período, em que a estagnação da economia industrial em São Paulo é evidente, apesar dos muitos estabelecimentos presentes. Como Bandeira Júnior afirma na introdução ao censo, São Paulo estava vivendo *"uma crise bastante longa [...] com a diminuição geral do trabalho em todas as fábricas, algumas das quais apenas funcionam dois dias por semana e outras que, em número não pequeno, cessaram de trabalhar [...]"*[20].

Evidentemente, portanto, o peso dos empregos saltuários, das atividades artesanais independentes, ou em oficinas médias, devia ser mais vantajoso para quem, tendo aprendido um ofício, achava-se por alguns dias da semana sem trabalho: a outra escolha era a emigração, a migração para outros estados ou centros urbanos do interior, a mobilidade (isto é, a procura de um outro emprego nas fábricas que estavam sofrendo menos desta conjuntura negativa)[21].

Alguns exemplos podem, talvez, esclarecer melhor qual o papel das empresas menores na década de 90 do século XIX. É suficiente pensar que, se por um lado, no início do século, a fabrica têxtil Sant'ana contava com cerca de 800 operários (e era considerada a maior fábrica paulista), em 1906 tinha mais de 2000 e em 1912 quase 3000, o que mostra

---

[19] Ibidem

[20] Antônio Francisco BANDEIRA Júnior, *op. cit.* p. XIV. A queda gradual do preço do café tinha afetado a toda a economia e um dos primeiros efeitos foi a diminuição e consequentemente até a proibição da imigração italiana subsidiada para o Brasil, que aconteceu em 1902 com o *Decreto Prinetti*. Pode-se supor então, que o aumento da população paulistana, ocorrido depois de 1900 e sobretudo no período em torno de 1907-1910, foi devido em grande parte a migrações internas, sobretudo das fazendas do interior à cidade, além do crescimento natural da população.

[21] Da qual, de fato, BANDEIRA Júnior (*op. cit.* p. XIV), fala logo depois de ter evidenciado os problemas conjunturais da indústria paulista.

que o crescimento da indústria durante os 11 anos de 1889 a 1900 foi significativo, mas foi excepcional nos 6 anos que se seguiram a 1900, pois sua força de trabalho literalmente mais que dobrou[22]. A grande indústria têxtil foi uma característica marcante do panorama paulista já a partir dos anos 90 do século XIX, mas sua centralidade tornou-se evidente somente depois deste período: até aquele momento aparecia mais como uma ilha, ou melhor, uma catedral industrial no meio de uma infinidade de unidades de trabalho bem menores. A outra grande indústria paulistana, que teria marcado o panorama, não somente metafórico, da Moóca e do Brás, os Moinhos Matarazzo, foram fundados exatamente no ano de 1900[23].

Igualmente, em alguns setores bastante difusos, como a marcenaria e as tipografias, a norma eram oficinas com menos de 50 trabalhadores (somente em alguns casos, como a Tapeçaria e Móveis Santa Maria chegava-se a mais de 100-150 operários)[24], sem contar com o fato que também muitas fábricas de chapéus não ultrapassavam os 100 operários[25]. Temos que supor, portanto, e com bastante certeza, que o contexto sócio-econômico da década de 90 do século XIX em São Paulo era caracterizado ainda por uma grande presença de artesãos e de operários que trabalhavam em oficinas onde o cotidiano era usualmente compartilhado com não mais de 20-30 companheiras e companheiros.

É neste contexto, portanto, que compreendem-se as palavras de Alcibiade Bertolotti, na carta a Andrea Costa de 1891, quando fala de uma minoria, todavia ampla, de

---

[22] *Il Brasile e gli italiani.* Firenze, Edizioni del 'Fanfulla', Bemporad e Figlio, p. 549 e "Condições de trabalho na Indústria Textil no Estado de São Paulo", *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*, 1912, Quadro III. Isto pode ser explicado também recorrendo à crise da economia caffeeira, pois, como já foi sublinhado, o fluxo migratório para a cidade da fazenda foi aumentando ao longo do período 1900-1905. Ver Angelo TRENTO, *op. cit.*, pp. 58-66.

[23] Antônio Francisco BANDEIRA Júnior, *op. cit.* pp. 17-19.

[24] Ibidem, pp. 23-24 e 59-60.

"professionisti, operai, artigiani – tutti giovani, ed i quali, naturalmente, sono in generale con noi"[26]. O ambiente que os militantes italianos encontraram em São Paulo neste período, tinha, do ponto de vista do trabalho urbano, muitas semelhanças ao deixado na Itália onde eles tinham atuado, uma vez que também nas médias cidades italianas do norte e do centro de onde eles provinham misturavam-se ainda com freqüência (e isso até os anos vinte) estratos sociais de artesãos, operários especializados e alguns grandes estabelecimentos fabris, sobretudo têxteis e alimentícios.

Também para diversos imigrantes italianos que entraram em grande fábricas têxteis em São Paulo, sobretudo no Brás, e que tinham parcialmente experimentado este tipo de ocupação na sua região italiana de proveniência, estavam acostumados a mundos do trabalho nos quais ainda misturavam-se continuamente formas de produção industrial mecanizada com outras ainda próximas do trabalho artesanal ou que pelo menos fazia pouco uso da maquinaria movida à força, como foi no caso das famílias de Schio que se estabeleceram no Brás neste período[27]. Schio, na província de Vicenza era na época um dos maiores centros de transformação da lã, embora fosse uma cidade de pequenas dimensões, quase inteiramente voltada para este tipo de produção, que ia desde o trabalho a domicilio até os grandes galpões da família Rossi.

Dentro deste quadro, temos que dizer também que o contexto social paulistano encontrado pelo primeiros militantes italianos (de tendência socialista, anarquista ou

---

[25] Ibidem.

[26] Carta de Alcibiade Bertolotti a Andrea Costa, São Paulo, 04-12-1891, in: Biblioteca Comunale di Imola, Carte Costa, n. 1265.

[27] Ver a tese de doutorado de Antonio Folquito VERONA, *'O mundo é nossa pátria'. A trajetória dos migrantes operários têxteis de Schio que fizeram de São Paulo e do bairro do Brás sua temporária morada de 1891 a 1895.* Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 1999.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

republicana) tinha uma diferença fundamental em relação ao italiano: o crescimento populacional da cidade, e com isso as contínuas chegadas de novas levas de trabalhadores, mas também as incertezas para com o futuro, pois a imigração era recente e ainda era fácil que quem tinha chegado havia pouco tempo, vista uma situação negativa, voltasse logo para a Itália ou tentasse a carta da Argentina. Em 1890, por exemplo, um ano antes de Bertolotti, outro antigo companheiro de Costa, Domenico Rangoni (irmão de Giuseppe), escreveu-lhe que a sua situação, como a de muitos outros italianos recém chegados, era ainda muito provisória; tudo era quase improvisado: o trabalho, o fato que ele fosse lá e não na Argentina onde inicialmente queria ir, as perspetivas futuras, ligadas a projetos ainda longe de serem iniciados[28].

Neste aspecto, e feitas as devidas proporções, São Paulo assemelhava-se muito à Chicago daqueles tempos, do ponto de vista dos padrões demográficos. Também a população de Chicago cresceu de forma exponencial na década anterior (de 1880 a 1890) e também em Chicago a causa principal deste crescimento estava associada estreitamente à imigração de estrangeiros, que constituíam mais da metade da população. Igualmente, dentro deste grupo destacava-se a presença de uma única nação: da mesma forma que em São Paulo os italianos constituíam, sozinhos mais de 1/3 da população, em Chicago esta taxa era atingida pelos alemães. Esta presença majoritariamente alemã em Chicago influiu no desenvolvimento do movimento operário da cidade, pois os grupos social-democratas tinham em Chicago uma extensão que não atingiam em nenhuma outra cidade dos Estados

[28] Carta de Domenico Rangoni a Andrea Costa, São Paulo, 14-09-1890 (Biblioteca Comunale di Imola, Fondo Carte Costa, n. 1048).

Unidos, e a sucessiva chegada de trabalhadores italianos mudou somente parcialmente este quadro geral[29].

As palavras de Alceste De Ambris de 1906, na época já um dos líderes do sindicalismo revolucionário na Itália, explicam a posteriori um pouco do caráter da militância político-sindical na São Paulo do período 1890-1900[30]. Segundo ele (que aliás chegou em São Paulo em 1898)[31], neste período

> "no Estado de São Paulo iam-se no entanto formando novos elementos sociais. A corrente migratória italiana em sua quase totalidade, aumentando a população, permitia o nascimento da grande indústria e a formação de um verdadeiro proletariado. Nesse meio tempo, misturados aos outros imigrantes chegava um número consistente de operários conscientes da organização, que tinham feito parte da Internacional, do Partito Operaio ou mais tarde do Partito Socialista Italiano: revolucionários, legalitários, anarquistas. [...] No começo, como por toda parte, o socialismo se afirma em São Paulo com a veste do protesto violento [...] estávamos ainda na fase infantil, tumultuária e idealística [...] a realidade estava bem longe desse movimento desorganizado [...] Naquela época houve uma só tentativa de dar uma aplicação positiva às forças que exuberavam na metafísica: realizou-o Vitaliano Rotellini em 1891, esforçando-se para fundar uma organização nova, com o nome

[29] Humbert S. NELLI, *Italians in Chicago. 1880-1930.* New York, Oxford University Press, 1970. A comparação demografico-étnica com Chicago é também assinalada por Oscar MONTEIRO, *Almanak historico-litterario do Estado de São Paulo para o anno de 1896.* São Paulo, Oscar Monteiro, s.d., p. 152.
[30] Alceste DE AMBRIS, "Il movimento operaio nello Stato di São Paulo", in: *Il Brasile e gli italiani.* Firenze, Edizioni del 'Fanfulla', Bemporad e Figlio, pp. 843-845.
[31] R. Prefettura di Massa e Carrara, n. 325, 12-07-1899 (ACSR, CPC, busta 1632, fascicolo Alceste De Ambris).

de Cooperativa de Arti e Mestieri e com o fim de reunir numa sociedade os trabalhadores de São Paulo. Foi esforço vão, apesar do apoio do 'Messaggero', no qual Rotellini era redator. [...] Nesses anos não se saiu mais do que poucas vezes, e esporadicamente, das formas vagas de afirmação e de protesto"[32].

Em parte, devemos considerar também que Alceste De Ambris estava já há algum tempo em aberta polêmica com Alcibiade Bertolotti e com os grupos socialistas de São Paulo, da mesma forma em que naqueles anos estava deixando o *Partito Socialista Italiano* para tornar-se um dos mais convictos adeptos do sindicalismo de ação direta, do sindicalismo revolucionário que também na Itália pregava o autonomismo das confederações sindicais e o descrédito da ação parlamentar legalitária. Portanto, os juízos sobre a abstração do socialismo e, em geral, do movimento operário paulistano durante a década de 1890 devem ser um pouco amenizados, uma vez que, como veremos, a ação dos socialistas e também dos republicanos anarquistas em São Paulo não deixaram de lado a tentativa de organizar as primeiras ligas de resistência e também tentaram criar um elo com o mundo do associacionismo italiano, sobretudo de tendência radical e democrática.

[32] Alceste DE AMBRIS, op. cit., p. 843.

2.2

UMA ANÁLISE GERAL DA MILITÂNCIA POLÍTICA ITALIANA EM SÃO PAULO NOS ANOS NOVENTA DO SÉCULO XIX.

Mas quais foram este primeiros militantes italianos que atuaram na cidade de São Paulo, quais suas experiências prévias? Como De Ambris escreveu, a maioria deles tinha participado do movimento operário e socialista na Itália, e muitos foram também os republicanos e os anarquistas.

De um ponto de vista geral, temos que acrescentar que o número de anarquistas foi crescendo mais a partir da segunda metade dos dez anos que antecederam 1900[33], quando ultrapassaram o número de socialistas e republicanos, embora, como veremos, em muitos casos fosse freqüente, sobretudo nos anos de 1897 a 1899, que militantes italianos imigrados de tendências diferentes participassem dos mesmos grupos ou levassem adiante iniciativas unitárias, como no caso de manifestações comemorativas em ocasião da Comuna de Paris (18 de março) ou do Primeiro de Maio.

Através de uma análise das pastas pessoais redigidas pela polícia italiana (coadjuvada pelo consulado geral italiano de São Paulo e pela polícia paulistana) no *Casellario Politico Centrale (CPC)*[34] e relativos à maioria destes militantes encontrados, sobretudo dos mais ativos e dos líderes de núcleos e ligas operárias, podemos desenhar um quadro geral deste tipo, para o período de 1889 a 1894-95, quando chegaram em grande parte militantes de tendência republicana e socialista:

---

[33] Ver também ASDMAE, Busta 36, Ministero dell'Interno. Corrispondenza, sorveglianza sovversivi, 1896-99; Busta 37, Ministero dell'Interno. Corrispondenza, sorveglianza sovversivi, 1881-96.

a) Estes tinham participado efetivamente do movimento socialista e operário na Itália em suas regiões de origem;

b) Na Itália também desenvolviam um papel de liderança local (na cidade de origem) e freqüentemente regional (na sua região de origem)

c) Sua participação no movimento na Itália desenvolveu-se em organizações de tipos diferentes, mas geralmente em sociedades de socorro mútuo e nos primeiros grupos socialistas e/ou republicanos, nos quais era ainda muito forte o elo com o independentismo democrático mazziniano[35].

d) Pertenciam às gerações nascidas entre 1855 e 1870, e portanto chegaram ao Brasil geralmente com mais de 20 anos;

e) Eram em 90% dos casos trabalhadores independentes: artesãos, operários especializados (chapeleiros, marceneiros ou tipógrafos), e até, como veremos em dois importantes casos, tinham cursado completamente ou iniciado, o segundo grau

f) Sua principal causa de emigração para o Brasil foi a procura de trabalho urbano, nenhum deles tinha emigrado de forma subvencionada para São Paulo

g) Também importante foi todavia, como causa da emigração, a perseguição sofrida na Itália por causa de sua militância, isto sobretudo no caso dos anarquistas

h) Do ponto de vista da origem regional italiana provinham em 80% dos casos de regiões centrais ou setentrionais da Itália, em particular da Emília-Romagna (35%) e da Toscana (30%), justamente aquelas em que os grupos republicanos, socialistas e anarquistas eram mais expressivos na época.

---

[34] Fundo presente no Archivio Centrale dello Stato, Roma (ACSR).

[35] Os *mazziniani* (os republicanos italianos) inspiravam-se nas doutrinas de Giuseppe Mazzini. Ver a introdução da tese e em particular, sobre os associacionismo republicanom ver: Maurizio RIDOLFI, *Il partito della repubblica. I repubblicani in Romagna e le origini del PRI nell'Italia liberale (1872-1895)*. Milano:

No período de 1895 a 1899 este padrões mudaram ligeiramente. Uma onda político-emigratória que se seguiu às repressões de 1892-1894 e de 1898 dos governos do primeiro ministro Crispi e do seu partido trouxe para São Paulo sobretudo militantes anarquistas (os mais atingidos por esta política repressiva), e em segundo lugar socialistas e republicanos. Tratava-se, de qualquer forma, ainda de artesãos e operários especializados, mas que tinham conhecido já um primeiro desenvolvimento das organizações sindicais na Itália e do próprio *Partito Socialista Italiano - PSI*[36] (que), a radicalização de muitas sociedades operárias mutualistas, núcleos fundadores ou de apoio aos sindicatos e aos militantes perseguidos, e a fase de atentados organizados por alguns anarquistas individualistas. Ao mesmo tempo, as origens regionais destes militantes (independentemente de sua tendência política) diversificaram-se, ao ponto que podemos dizer que nenhuma região foi excluída; porém a Toscana resultou predominante, embora quase 70% destes novos militantes toscanos era composta exclusivamente por anarquistas.

Os toscanos eram quase 40% dos militantes imigrados em São Paulo entre 1888 e 1899, e vinham em mais da metade dos casos da província de Lucca, mas poucos eram da cidade de Lucca, a capital: a maior parte era proveniente da região da Garfagnana (um vale que fica entre o apenino e as colinas atrás da cidade de Lucca), assim como de fato era a

---

Franco Angeli, 1989 e do mesmo autor *Il circolo virtuoso. Sociabilità democratica, associazionismo e rappresentanza politica nell'Ottocento.* Firenze, Centro Editoriale Toscano, 1990.

[36] O *PSI* tinha sido fundado em 1892 com o nome de *Partito Socialista dei Lavoratori Italiani*, Os dois principais partidos socialistas que o fundaram tinham surgido na década anterior: o *Partito Socialista Rivoluzionario (PSR,)* cujo líder era Andrea Costa e o *Partito Operaio (PO)*, cujo líder era Filippo Turati. O primeiro era mais radicado no centro-norte, o segundo na Lombardia, no Piemonte e na Ligúria. Ver, entre outros, Renato ZANGHERI, "Il socialismo e l'identità regionale", in: Massimo MONTANARI; Maurizio RIDOLFI; Renato ZANGHERI, (a cura di). *Storia dell'Emilia Romagna, V: Il Novecento.* Bari, Laterza,

maioria dos imigrantes desta província que entraram no Brasil, e uma parte consistente era de *viareggini* (da cidade de Viareggio, no litoral), de onde vieram, aliás, 80% dos tiradores de areia do Tietê[37]. Muitos destes militantes toscanos, quase 20%, eram, enfim, da província de Massa-Carrara, também na parte setentrional da região. As províncias toscanas de Florença, Livorno e Pisa também estavam bastante representadas. Fundamentalmente, com exceção dos que vinham diretamente das cidades de Florença, de Lucca, de Pisa e de Livorno, a maioria eram de cidades bem menores.

Quase ausentes eram os italianos do sul: entre os meridionais destacavam-se os calabreses (todos provenientes da província de Cosenza) e os da Campania (das províncias de Nápoles e de Salerno), mas havia também alguns poucos socialistas provenientes de Abruzzi, Molise, e da Puglia, como o jornalista Nicola Ancona Lopez, de Bari, que em 1894 chegou em São Paulo, perseguido pela polícia italiana por causa de sua atividade na Puglia entre 1889 e 1894, quando fundou um círculo socialista, o *Circolo di Studi Sociali* de Bari, de onde começou a difundir as idéias do milanês Filippo Turati[38].

Havia também vários militantes da capital, Roma, e dos arredores (sobretudo da região dos *Castelli Romani*, próxima à Roma): no total, chegavam a mais de 10%.

Os piemonteses e lombardos eram quase exclusivamente das duas capitais, Turim e Milão, e tinham trabalhado na Itália sobretudo como tipógrafos.

1999, pp. 25-36 e do mesmo autor: *Storia del socialismo italiano. II: Dalle prime lotte nella Valle Padana ai fasci siciliani*. Torino, Einaudi, 1997.

[37] Alceste DE AMBRIS,. *op. cit.*, p. 843. Ver também Umberto SERENI, *La piramide rovesciata. Lotte politiche e sociali in Garfagnana (1900-1915)*. Lucca, Maria Pacini Fazzi, 1983, pp. 6-12, e David ROVAI, *Profilo dell'emigrazione lucchese. Memorie, diari, lettere di emigrati un secolo fá*. Lucca, Arte della Stampa, 1998.

[38] Indicado pelo intelectual progressista Giovanni Bovio, Nicola Ancona-Lopez em São Paulo tornou-se um dos redatores do jornal em língua italiana *Tribuna Italiana*. Ver Vittorio BUCCELLI, *Libro d'Oro dello Stato di S. Paolo*. Roma, Fratelli Capaccini, s.d., p. 68.

Destaca-se, enfim, o grupo de militantes italianos do norte que vinham de várias províncias da Emilia-Romagna[39]: constituíam, na época, o segundo grupo por número de militantes em São Paulo (por volta de ¼), e vinham sobretudo das pequenas cidades nos arredores de Parma, Modena, Bologna e de alguns centros da Romagna, como Lugo, Forlí, Imola e Castelbolognese.

Os militantes fichados no CPC provenientes do Vêneto também eram significativos (cerca de 15%) neste período, mas em relação ao número de imigrantes desta mesma região que chegou nesta fase da imigração italiana em São Paulo, eles eram poucos, uma vez que o maior número de imigrantes Vênetos era constituído por famílias de camponeses destinadas à lavoura do café[40]. Segundo os censos italianos da época, a procedência regional do emigrantes italianos que se transferiram para o Brasil no período 1878-1902 era caracterizada desta forma[41]:

Regiões	**%**
NORTE	**52,9**
Piemonte	2,5
Liguria	0,6
Lombardia	9,2
Veneto e Friuli	35,2
Emilia Romagna	5,4
CENTRO	**10,7**
Toscana	6,4
Marche	2,0
Umbria	1,0
Lazio	1,3
SUL	**36,4**
Abruzzi e Molise	7,4
Campania	12,6
Puglia	2,2
Basilicata	3,7
Calabria	7,7
Sicilia	2,2
Sardegna	0,6

[39] A região administrativa da Emilia Romagna é composta pos duas regiões históricas: a Emilia (províncias de Piacenza, Parma, Reggio, Modena, Bologna e Ferrara) e Romagna (províncias de Forlì, Ravenna e parte da província de Bologna).
[40] Angelo TRENTO, *op. cit.* , pp. 107-125.
[41] Fonte: Ibidem, p. 39.

Observando o quadro acima, logo se destaca que os militantes toscanos, emilianos, da Romagna e de Roma eram muito mais representados do que os imigrantes destas mesmas regiões. Isto indica também que sua imigração era sobretudo de tipo urbano.

Estas considerações, associadas à história do movimento operário italiano, permitem-nos compreender também porque os processos de organização dos trabalhadores em São Paulo, em um contexto predominantemente italiano, seguiu as linhas parcialmente evidenciadas nas palavras de Alceste De Ambris.

A maioria destes militantes vinha de pequenos centros urbanos onde os grupos anarquistas, socialistas e republicanos já eram bastante estruturados, mas poucos foram os que vinham de cidades onde já havia grandes ligas sindicais dos operários das primeiras grandes indústrias (estaleiros navais e as siderúrgicas e têxteis da Lombardia e do Piemonte). Ao contrário, estavam acostumados, no caso dos que militavam em grupos socialistas e republicanos, a participar de manifestações e greves ainda em movimentos nos quais as sociedades locais de socorro mútuo eram as principais (e quase as únicas) agremiações.

As greves que eclodiam nestes centros urbanos de médias dimensões da Itália central e setentrional eram freqüentemente localizadas, no sentido que estavam ligadas aos protestos de um ou outro estabelecimento ou a uma série de oficinas, cujos trabalhadores pediam às diretorias das sociedades operárias mutualistas para servirem como mediadores entre eles e os empresários, sem chegar a greves generalizadas. Maçons, velhos garibaldinos, republicanos e jovens socialistas, quase todos artesãos ou até donos de pequenas oficinas, em parte advogados ou médicos, prestavam este auxílio e ao mesmo

tempo eram os principais organizadores de protestos políticos ou das primeiras manifestações do primeiro de maio[42].

Em segundo lugar, o movimento socialista estava estreitamente ligado, nesta época, mais ao sindicalismo camponês do vale do rio Pó e justamente a maioria dos militantes emilianos e da Romagna, mas também da cidade de Mântua, na Lombardia, eram mais presentes na organização dos trabalhadores camponeses, os jornaleiros do baixo vale do rio Pó, e os meeiros da Romagna, participando na fundação de cooperativas e ligas sindicais. Uma relação campo-cidade muito estreita e típica do socialismo municipal da Emilia Romagna[43]. Neste âmbito, o centro urbano era o propulsor e coordenador de todo o movimento sindical camponês, mas ele agia junto aos trabalhadores da cidade (que todavia constituíam uma minoria em relação aos do campo). As *Camere del Lavoro*, na Emilia Romagna e na Lombardia oriental ficavam nas cidades e organizavam também operários e artesãos, mas 90% de seus filiados eram camponeses (com exceção dos grandes centros como Bologna)[44].

---

[42] Luigi TOMASSINI, *Associazionismo operaio a Firenze fra '800 e '900. La società di mutuo soccorso di Rifredi (1883-1922)*. Firenze, Leo S. Olschki, 1984, pp. 23-35 e ver Renato ZANGHERI, *Storia del socialismo italiano. Vol. II, op. cit.*, pp. 3-59.

[43] Não foi por acaso que a primeira prefeitura socialista na Itália foi a de Imola. A ela se seguiram Parma e Bologna e muitos outros centros menores da região. Ver Renato ZANGHERI, "Il socialismo e l'identità regionale", op. cit., pp. 25-36.

[44] As *Camere del Lavoro*, versão italiana das *Bourses du Travail*, começaram a ser fundadas no final da década de 80 do século XIX, a partir da fusão das sociedades operárias de socorro mútuo. Durante o período 1885-1901 tiveram uma vida muito difícil, por causa das contínuas ondas repressivas. O secretário da *Camera* era nomeado pela prefeitura municipal e portanto tinha que passar um breve concurso, pois ele recebia um salário: em geral, todavia, os secretários deviam obter também o consenso dos associados e de qualquer forma eram quase sempre militantes socialistas (na maioria dos casos), anarquistas ou republicanos e, a partir de 1904-5 também sindicalistas revolucionáris. A função das CdL é explicada no opúsculo do primeiro fundador de *Camere del Lavoro* na Itália: Osvaldo GNOCCHI-VIANI, *Delle Camere del lavoro in Italia*. Milano, ed. Camera del Lavoro, 1893. Mas ver também: Angelo CABRINI, *Le Camere del Lavoro in Italia*. Genova, ed. Federazione Socialista Ligure, 1896; CAMERA DEL LAVORO DI TORINO, *Resoconto del Congresso Operaio Piemontese tenutosi in Torino nei giorni 5 e 6 gennaio 1896*. Torino, Tipografia cugini Baravalle e Falconieri, 1896; CAMERA DEL LAVORO DI TORINO E PROVINCIA *Statuto e regolamento*. Torino, Tipografia Cooperativa, 1911.
Ver também, dentro de uma imensa bibliografia, Maria BONACCINI e Renza CASERO, *La Camera del Lavoro di Milano dalle origini al 1904*. Milano, SugarCo, 1975; Alberto BONIFAZI e Gianni SALVARANI,

Em São Paulo, a impossibilidade de alcançar os colonos das fazendas era uma das principais dificuldades que os socialistas italianos encontraram e portanto, pouco acostumados com o sindicalismo operário de fábrica, somente em alguns casos, como veremos, conseguiram organizar sindicatos de ofício: mais freqüentemente dedicaram-se a criar grupos políticos que algumas vezes fundiam-se entre si e a dar muito peso às sociedades italianas de socorro mútuos que fundaram ou nas quais se filiaram assim que chegaram em São Paulo. Compreende-se então porque o papel da *Società Democratica Toscana* (depois *italiana*) *di Mutuo Soccorso 'Galileo Galilei'* foi tão importante ao longo deste período como núcleo de agremiação dos elementos anti-monarquistas, e também porque a *Lega Democratica Italiana* teve um papel saliente nas primeiras organizações unitárias entre republicanos e socialistas, a partir de 1898, pois o republicanismo mazziniano, o socialismo destes primeiros militantes vinha de experiências marcantes de participação no mutualismo, no cooperativismo e na ação unitária[45].

Todavia, como em parte já foi indicado, para os que tiveram experiências nas primeiras associações de trabalhadores especializados ao longo da década de 90 antes de emigrar (chapeleiros, tipógrafos, e marceneiros) o mundo do trabalho paulistano não se diferenciava muito do que tinham conhecido na Itália, em suas cidades, e portanto conseguiram, neste caso, dar início a um processo de sindicalização que prosseguiu nos anos seguintes a 1900 e juntou-se ao trabalho de organização política iniciado por homens como Alcibiade Bertolotti, Galileo Botti, Lorenzo Monaco ou até Domenico Rangoni.

Dalla parte dei lavoratori. Storia del movimento sindacale italiano. Volume I. 1860-1906: dalle Società di Mutuo Soccorso alla prima organizzazione unitaria dei lavoratori. Milano, Franco Angeli, 1976.

[45] Ver, sobre o papel destas sociedades, também o capítulo 1, e 3.

2.3

OS DISCÍPULOS DE ANDREA COSTA: AS FIGURAS DOS PRINCIPAIS MILITANTES SOCIALISTAS E REPUBLICANOS ITALIANOS EM SÃO PAULO.

Alcibiade Bertolotti nasceu em 1862, em Vigatto, na província de Parma, mas residia em San Secondo Parmense, um centro populoso próximo de Borgo San Donnino (hoje Fidenza), a maior cidade da província depois da capital, Parma, na região da Emilia Romagna[46]. A sua família era uma família abastada, tanto que Alcibiade teve a possibilidade de estudar em Parma e terminar o segundo grau técnico como *geometra*[47].

Já desde a juventude, todavia, participava ativamente do surgimento dos grupos socialistas na sua região e, com Musini e Mattei, *"jogou a semente do socialismo em Borgo San Donnino"*[48]. Amigo desde a adolescência de Andrea Costa, encontramos o nome de Alcibiade nas crônicas do primeiro *Avanti!* italiano, o redigido por Costa e Lanzoni antes em Imola e Bologna e depois em Cesena e Roma, no ano de 1884: no dia 2 de junho é um dos principais organizadores em San Secondo Parmense das festas em homenagem a Garibaldi, que morreu exatamente naquele mesmo dia em 1882[49]. Não somente Alcibiade é um dos organizadores do evento, mas o preside durante todo o seu desenvolvimento: estudante em um curso técnico que o punha em contato constante nos laboratórios e nas aulas com toda uma série de professores e artesãos ligados ao movimento independentista dos anos anteriores, amigo fraterno (quase na verdade um filho adotivo) de um ex-

[46] R. Prefettura di Parma, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 577, fascicolo Alcibiade Bertolotti,).
[47] *Geometra* era o título de diploma do Istituto Tecnico na Itália; na época desenvolviam praticamente os mesmos trabalhos dos engenheiros. O curso durava três ou cinco anos (dos 14 aos 18 anos).
[48] R. Prefettura di Parma, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 577, fascicolo Alcibiade Bertolotti).
[49] "Il 2 giugno a Parma", *Avanti!...*, Roma, anno III, n. 10, 08-06-1884, p. 3.

garibaldino como Luigi Musini[50] que tinha passado às fileiras do socialismo a partir exatamente da militância no mazzinianesimo revolucionário, Bertolotti constrói sua trajetória pessoal no movimento político a partir de sua jovem adesão ao *Partito Socialista Rivoluzionario* de Andrea Costa, que já há dois anos tinha sido eleito ao parlamento italiano, sendo o primeiro deputado socialista na história da Itália[51].

A eleição de Costa tinha suscitado toda uma série de ásperos conflitos no ambiente 'subversivo' italiano, porque ele, depois de uma militância de vários anos nos mais acirrados grupos anarquistas bakuninistas da Romagna, abandonou de repente este campo para, inicialmente com uma aparente candidatura protesto, passar a adesão do socialismo parlamentarista, sem todavia abandonar práticas de protesto de rua, praças, e defender a necessidade de estabelecer as bases de ligas sindicais prontas para suportar greves longas e gerais: em suma, tinha-se tornado um dos precursores das posições que fundamentarão a II Internacional (criada em 1889)[52]. Também Luigi Musini foi eleito deputado no ano seguinte a Costa, pois com a morte do deputado daquele colégio foi necessário repetir a votação. Costa já tinha ido à Parma em 1882, para apoiar a candidatura do companheiro Musini, falando em um comício no qual não faltavam radicais e republicanos: *"Qual é a tarefa, hoje em dia, do socialismo neste movimento de idéias e de princípios? A tarefa de continuar a revolução italiana. A liberdade política não é possível sem a emancipação econômica: nisto está toda a teoria do socialismo moderno"*[53]. Em 1882, Musini não foi eleito, mas no dia 13 de janeiro de 1884, na nova eleição, tornava-se o outro deputado socialista na câmara do reino da Itália: obteve o sucesso pleno nos municípios da parte

[50] Ver neste caso as memórias de Luigi MUSINI, *Da Garibaldi al socialismo*. Edizione a cura di G. Bosio, Milano, 1961.
[51] Leonida BISSOLATI (et al.). *Andrea Costa. Episodi e ricordi*. Milano, ed. Sassu, 1910.

baixa da província de Parma, e foram estes que determinaram o seu sucesso, mais do que os votos obtidos na capital. Quando em Zibello, Polesine, Borgo San Donnino, Soragna, Roccabianca, San Secondo, Sissa e Busseto espalhou-se a notícia do sucesso de Musini, as pessoas percorreram as ruas com a fanfarra, cantando e agitando bandeiras por vários dias[54]. A presença das fanfarras era recorrente e a música mais tocada era naqueles anos o *Inno di Garibaldi*: tocou-se o hino na frente da casa de Musini, em Parma e nos dias seguintes à eleição em todos os principais municípios, *"con concerto e bandiera"*[55] e no dia 5 de maio de 1884 quando Costa chega em Borgo San Donnino para visitar o núcleo socialista local é acolhido com a banda municipal (contra a vontade da prefeito) e no final do dia a banda o leva de volta até à estação, onde tocam até a sua partida[56]. Festas políticas como estas, repetiram-se de forma idêntica também nos anos seguintes em São Paulo, como veremos.

Borgo San Donnino, San Secondo, Parma, nos primeiros anos da década de 80, os anos do pós-Risorgimento, nos quais convivem aspectos de sociabilidade política dos grupos republicanos e garibaldinos e os novos do internacionalismo socialista. É neste ambiente que se forma Alcibiade Bertolotti, um dos mais ativos organizadores da campanha a favor da eleição de Luigi Musini[57]. No mesmo ano, voltando às festas do dia 2 de junho, nas quais Alcibiade discursou no comício principal, Bertolotti estava participando de um movimento local no qual a contraposição com os representantes liberais da prefeitura de San Secondo foram evidentes. A prefeitura tinha-se recusado a tomar parte das

---

[52] Renato ZANGHERI, "Andrea Costa e il socialismo romagnolo", *I quaderni del Cardello: collana di studi romagnoli dell'Ente Casa di Oriani*, VI, 1997, pp. 9-20.
[53] Renato ZANGHERI, *Storia del Socialismo Italiano, vol. II*, op. cit. p. 144.
[54] Ibidem.
[55] Luigi MUSINI,. *Op. cit.* pp. 224-228.
[56] Ibidem, p. 234.

comemorações para Garibaldi, mas enfim foi obrigada pela população, que participou das festas organizadas pelo núcleo socialista e pelos radicais e republicanos, a distribuir socorros financeiros e alimentares às famílias carentes[58]. A sua frequentação dos grupos socialistas na região, ou melhor, a sua atividade de liderança local, intensifica-se nos anos seguintes: freqüenta a companhia de outros militantes socialistas e encontra-se quase sempre nos meios *"operai e contadini"*[59].

Ainda sob a espada de Damocles das leis repressivas inauguradas no ano de 1878, a atividade de Bertolotti ficou sob observação da polícia italiana: em 1884 e em 1885 é condenado por difamação e rebelião[60]. Seis anos depois, no início de 1891, o tribunal de Parma envia um mandato de prisão contra ele, pois devia responder à condenação sofrida em julho de 1890, também por causa de sua participação, como principal organizador, em grupos socialistas e greves camponesas[61]. Para fugir a esta condenação emigra para São Paulo[62], e de fato o encontramos no final de 1891 como hóspede do Hotel Nettuno de Jacob Sargentello, na Rua Florencio de Abreu 78[63]. O fato de que se torna logo desenhista na Delegacia de I classe da Inspectoria geral das terras e colonização no Estado de São Paulo[64] nos faz supor que Bertolotti tinha já ligações com outros imigrantes italianos de sua região de origem residentes em São Paulo, como por exemplo Alessandro Maglia, também amigo de Andrea Costa, que em 1885 acha-se na capital do Império[65]. Porém, as ligações de Alcibiade com San Secondo e os seus companheiros do Partito Socialista Rivoluzionario e

---

[57] R. Prefettura di Parma, n. 300, 12-03-1882; n. 23, 13-01-1884; Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 577, fascicolo Alcibiade Bertolotti).
[58] "Il 2 giugno a Parma", *Avanti!...*, Roma, anno III, n. 10, 08-06-1884, p. 3.
[59] R. Prefettura di Parma, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 577, fascicolo Alcibiade Bertolotti).
[60] Ibidem
[61] Ibidem
[62] Ibidem
[63] *Almanach do Estado de São Paulo. 1891.* S.l, s.e., s.d, pp. 129, 298 e 345.
[64] Ibidem

mais tarde com do PSI, não terminaram, como podemos perceber, além de suas correspondências com a família, com Musini, com Costa e com Maffi, pelo fato de ter confiado o cuidado de alguns pequenos lotes de terra herdados alguns meses antes de emigrar para São Paulo da sua família com companheiros camponeses do Partido[66].

O Brasil, de qualquer forma, tanto São Paulo como Rio de Janeiro, tinha sido, e continuava sendo, um dos lugares de frequentação assídua de um outro importante militante socialista da geração de Musini e Costa: o *romagnolo* Antonio Lanzoni, que desde o final dos anos oitenta transitou várias vezes entre Itália e Brasil[67]. Também Lanzoni, que era da mesma geração de Bertolotti (tinha nascido em Lugo em 1863), tinha cursado o segundo grau e era de uma família relativamente abastada. Além disso, era estudante de ciências naturais em Bolonha, quando começou a dirigir uma das primeiras revistas marxistas italianas, fundamentalmente teórica, *La Rivista Italiana del Socialismo*, publicada em colaboração com o amigo Andrea Costa, na época já deputado, em Imola entre 1886 e 1888[68]. A revista recebia as colaborações de vários intelectuais italianos que tinham aderido ao marxismo, como Leonida Bissolati, Napoleone Colajanni, Osvaldo Gnocchi-Viani (um dos principais fundadores e organizadores de *Camere del Lavoro*), Costantino Lazzari, Camillo Prampolini e Filippo Turati e freqüentemente publicava traduções de textos de Marx, de Kautsky, de Engels.

Lanzoni tinha participado, em 1883, do segundo congresso do *Partito Socialista Rivoluzionario (PSR)* e em 1885 assistiu ao congresso do Partito Operaio em Mântua[69]. Em

---

[65] Carta de Alessandro Maglia a Andrea Costa, Rio de Janeiro, 09-04-1885.
[66] R. Prefettura di Parma, nota 213 PS, 14-08-1890 (ACSR, CPC, busta 577, fascicolo Alcibiade Bertolotti).
[67] Ver correspondência Lanzoni - Costa de 1882 a 1897 em Biblioteca Comunale di Imola, Fondo Carte Costa. Ver também Renato ZANGHERI, "La 'Rivista italiana del socialismo' (1886-1888)". *Padania. Storie culture istituzioni*, n. 13, 1993, pp. 147-162.
[68] Ibidem, pp. 147-162.
[69] Ibidem.

parte ainda ligado ao insurreicionismo anarquista e republicano tão difuso na Romagna da época, o socialismo de Antonio Lanzoni iniciava, todavia, naqueles momentos a por como passo fundamental da ação dos socialistas italianos a intervenção nos processos organizativos dos trabalhadores, mas sempre de uma forma integral, isto é, que *integrava*, justamente, formas diferentes de ação político-sindical: *"organizar [...] misturar-se ao povo, agir com ele e para ele, falar-lhe de todos os lugares, seja do balcão da prefeitura, da tribuna do parlamento, nas reuniões eleitorais, nos comícios ou nas praças"*[70].

Já em 1882 (então com 20 anos), era um dos principais organizadores de manifestações e comitês eleitorais em Imola: no dia 2 de junho participa das comemorações em homenagem a Giuseppe Garibaldi; no dia 18 faz parte do comitê em prol da organização do comício do dia 25 em Imola para revogar as leis excepcionais de segurança pública (que impediam comícios e reuniões em praça pública e a organização operária); no dia 27 de agosto participa da grande reunião de fundação da *Unione Elettorale Democratica Romagnola*, cujo objetivo era o de estabelecer também na Romagna o acordo idêntico entre socialistas, republicanos e radicais ao que tinha sido feito em Bolonha[71]. A ordem do dia proposta (e depois aprovada pela assembléia) por Andrea Costa nesta reunião previa que os militantes participantes da reunião "se empenhassem em constituir em suas cidades comitês locais democráticos (republicanos, socialistas, radicais) que promovessem e atuassem segundo os critérios específicos de cada lugar, o objetivo que se propõe a União", isto é, recolher e coordenar "todas as frações democráticas"[72].

---

[70] Ibidem, p. 152.
[71] "Giuseppe Garibaldi", *Avanti!...* di Imola-Bologna, anno II, n. 13, 11-06-1882, p. 1; "Il Comizio", Ibidem, anno II, n. 14, 18-06-1882, p. 1; "Il Comizio", Ibidem, Supplemento al n. 14, p. 1; "L'Unione Elettorale Democratica in Romagna", Ibidem, n. 22, 02/03-09-1882, p. 2.
[72] "L'Unione Elettorale Democratica in Romagna", Ibidem, n. 22, 02/03-09-1882, p. 2,

Estes comitês que juntavam forças políticas de diferentes tendências foi uma experiência vivida também por Alcibiade Bertolotti naqueles mesmos anos, quando tinha participado, em apoio à candidatura de Luigi Musini na área de Parma, de vários comitês eleitorais da região, sendo um dos seus principais organizadores[73].

Voltando a Lanzoni, ele sofre uma primeira prisão no Brasil em 1894, no Rio de Janeiro, onde vivia desde 1892, com uma acusação de "anarquismo", embora o que levou a polícia a prendê-lo tenha sido a sua ligação com os membros da Comissão Socialista de São Paulo que tinham enviado aos companheiro temporariamente residentes no Rio de Janeiro uma lista de subscrição para participar da publicação do jornal *La Giustizia* que devia ser publicado no dia 18 de março para comemorar a Comuna de Paris[74].

Entre outros militantes ativos naqueles anos na área *emiliano-romagnola* e que emigraram para São Paulo estavam também os irmãos **Rangoni: Domenico e Giuseppe**, dos quais, todavia, não conhecemos a data de nascimento[75], mas pudemos supor com muita probabilidade que eram de uma geração anterior a de Bertolotti e Lanzoni, pois tinham outros dois irmãos que tinham participado das guerras da independência na Itália nos anos cinqüenta e sessenta do século XIX, com o exército de Garibaldi[76].

---

[73] R. Prefettura di Parma, n. 300, 12-03-1882; n. 23, 13-01-1884; Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 577, fascicolo Alcibiade Bertolotti) e Luigi MUSINI, *op. cit, p.* 128.

[74] Ministério das Relações exteriores, Rio de Janeiro, 06-09-1894 (ASDMAE, Serie Z Contenzioso, Busta 74, fascicolo 1243): Lanzoni foi preso em julho de 1894 e libertado 46 dias depois. Foi pedida a sua expulsão, mas ele voltou para Itália espontaneamente. A sua prisão temporária tinha provocado a sua demissão da firma Ramos e C. na qual ele estava trabalhando como engenheiro eletricista no desenvolvimento de um projeto para implantar em Niterói uma fábrica de produtos cerâmicos, a Progresso. Voltou ao Brasil novamente em 1897 (no Rio e em São Paulo), mas em 1899 já está na Itália, onde ficará definitivamente.

[75] Infelizmente, destes dois militantes não há pastas pessoais no CPC.

[76] Um destes dois, do qual desconhecemos o nome, morreu na França, na batalha que os garibaldinos travaram contra os prussianos em defesa da recém nascida segunda república francesa, em 1870, quando, derrotada pelas forças prussianas, o império de Napoleão III tinha-se desfeito e deixado as última partes da guerra ao novo governo republicano. Muitos destes voluntários italianos participaram mais tarde da Comuna de Paris. O outro garibaldino da família, Luigi Rangoni, ainda fazia parte em 1908 do grupo dos veteranos destas

Os dois irmãos, também amigos de Andrea Costa, mas de fé republicana, participaram do processo de formação da *Unione Democratica Elettorale*, a primeira formação política que conseguiu na Itália eleger, como vimos, deputados socialistas na câmara dos deputados. Sua atuação nesta direção tinha-se expresso, como a de Lanzoni e Bertolotti, nas comemorações para Garibaldi em 1882, em Medicina, na província de Bolonha, um centro pequeno, mas importante no âmbito da formação das primeiras ligas sindicais e da ligação destas com os grupos de artesãos de tendência republicana ou socialista. No comício organizado por ocasião desta manifestação, Domenico foi o principal orador (*"popular e eficaz"*, como relatam as crônicas)[77], e o irmão Giuseppe era o coordenador[78]: os principais oradores lembraram das batalhas pela independência; o socialista Alessandro Calanchi, já oficial do exército de Garibaldi, *"afirmou a necessidade da aliança entre os partidos populares para obter as reformas políticas e sociais para a redenção das classes pobres"* ; falaram depois também dois membros do *Circolo Socialista* (que tinha organizado a comemoração junto com os grupos republicanos *Circolo Pensiero e Azione* e *Circolo Fratelli Bandiera*), afirmando que era preciso *"libertar a Itália dos exploradores das classes operárias"* e que *"com certeza Garibaldi não queria fazer a Itália das arbitrariedades e ameaças"*[79].

No caso de Domenico Rangoni, que chegou alguns meses antes de Bertolotti (em maio de 1890)[80], sabemos que a sua emigração foi ditada por problemas com a polícia de Milão, que tinha apresentado a ele, como alternativa à prisão, a espionagem dos militantes

---

batalhas (*Gruppo Reduci Patrie Battaglie*) fundado em São Paulo. (ver *Il Lavoro*, São Paulo, ano II, n. 23, 01-07-1894, p. 4).

[77] "Nostre Corrispondenze", *Avanti!...* di Imola-Bologna, anno II, n. 13, 11-06-1882, p. 3.

[78] Ibidem.

[79] A referência era às leis de repressão em vigor há alguns anos. Ibidem.

[80] Carta de Domenico Rangoni a Andrea Costa, São Paulo, 14-09-1890 (Biblioteca Comunale di Imola, Fondo Carte Costa, n. 1048).

milaneses, provavelmente, dadas as estreitas relações de Domenico com os principais líderes socialistas da época, do grupo *operaista* de Filippo Turati, que naqueles anos precedentes a 1890 estava desenvolvendo o projeto de fundir os grupos, ligas operárias e sociedades que formavam o *Partito Operaio* com os do *PSR* de Andrea Costa[81]. Giuseppe, ao contrário, chegou somente em dezembro de 1891[82]. Mais tarde também Alcibiade Bertolotti será seguido no Brasil pelo irmão Guido, mas somente em 1902[83].

---

[81] Neste sentido tem que ser considerada a frase "não quis me vender ao *prefetto* de Milão", com a qual Domenico Rangoni explicava a Andrea Costa a escolha de abandonar temporariamente a Itália em direção à América do Sul, a Buenos Aires, embora depois tenha escolhido ficar em São Paulo, porque casualmente, tinha encontrado trabalho como funcionário na casa de câmbio do napolitano Nicolino Barra. Alguns meses depois, tornou-se redator do jornal italiano *Lega Italiana* e assim escolheu ficar na capital paulista (Ibidem).
O *prefetto* era (e ainda hoje é) na Itália o representante do governo em cada província. Lembramos que a Itália é dividida em regiões e cada região em províncias. O *prefetto*, como representante local do poder executivo nacional, reúne em suas mãos as funções de chefe das várias repartições ministeriais no nível provincial, o que significa que é também o chefe da polícia. Sobre a prática da polícia italiana, já nessa época, de utilizar os integrantes dos grupos socialistas, republicanos e sobretudo anarquistas para infiltrar-se e espioná-los há uma longa bibliografia. Mas, ficando no âmbito documental, é provado em muitos casos que até a arma da emigração induzida diretamente pelos prefetti era muito utilizada: ao militante era proposta a escolha entre deixar a Itália para as Américas (para os países europeus havia acordos que impediam isso, ver ASDMAE, Fondo Polizia Internazionale, Busta 37, Ministero dell'Interno. Corrispondenza, sorveglianza sovversivi, 1881-96) ou ficar preso sob as longas penas dadas nas décadas de 80 e 90 aos *sovversivi* mais perigosos. O próprio anarquista Gigi Damiani foi um dos que partiram para o Brasil com a viagem 'paga' pela polícia italiana (R. Questura di Roma, nota 1458, 12-07-1897, ACSR, CPC, busta 1601, fascicolo Luigi Damiani, sotto fascicolo n. 1), mas, ficando nos anos em torno de 1890, é comprovada uma das primeiras utilizações desta prática com um extenso grupo de anarquistas romanos. Em 1891, de fato, a *prefettura* de Roma fez com que os principais militantes envolvidos nos embates com a polícia e o exército durante a primeira comemoração do Primeiro de Maio em Roma, na Piazza Santa Croce, tivessem que escolher entre a emigração e a cadeia: os militantes escolheram como lugar de emigração nas Américas o Estado de São Paulo, pois o consideraram o mais apropriado no momento, dada a febre de emigração para o Brasil (ver Regio Consolato Generale di San Paolo, 28-03-1894, in: ASDMAE, Roma, Polizia Internazionale, busta 47).

[82] Ver Carta de Alcibiade Bertolotti a Andrea Costa, São Paulo, 04-12-1891 (Biblioteca Comunale di Imola, Carte Costa, n. 1265). Em setembro de 1890 ainda está na Itália, e contribui para as ligações entre Costa e Domenico Rangoni, como percebemos pelo fato que envia ao irmão, da Itália, uma carta que Andrea Costa tinha enviado a Domenico na Itália de Paris. Ver Carta de Domenico Rangoni a Andrea Costa, São Paulo, 14-09-1890 (Biblioteca Comunale di Imola, Fondo Carte Costa, n. 1048). Costa tinha ido em Paris já em 1889, em julho, para participar com Amilcare Cipriani como delegado dos socialistas italianos da fundação da II Internacional. Recorda-se, enfim, que em agosto de 1891 houve em Bruxelas o I congresso da II Internacional (ver Renato ZANGHERI, *Storia del socialismo italiano, vol. II, op. cit.*, pp. 192-198.

[83] R. Consolato Italiano in S. Paolo, PS 126, São Paulo, 12-07-1902 (ACSR, CPC, busta 578, fascicolo Guido Bertolotti). Guido nasceu em San Secondo Parmense em 1874. Morou em São Paulo entre 1902 e 1919, quando volta definitivamente à Itália, em Parma. Como o irmão mais velho era também socialista e quando chega em São Paulo era filiado ao PSI há vários anos. Nos capítulos seguintes, veremos sua atuação nas sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo. (R. Prefettura di Parma, Cenno Biografico, Ibidem).

Um espaço tem que ser dedicado, enfim, à trajetória de **Vitaliano Rotellini**, que em 1891 tentou fundar a *Cooperativa di Arti e Mestieri* em São Paulo, antes de sua escolha de emigrar para o Brasil. Rotellini, que depois será o fundador, diretor e proprietário do maior periódico italiano publicado em São Paulo em todo os tempos, o *Fanfulla,* e se afstará gradualmente da militância polítuca nos grupos republicanos italianos em São Paulo a partir de 1894-95, era um jovem ex-anarquista romano, tendo nascido na capital italiana em 1865[84]. Como muitos outros militantes italianos que chegaram naqueles anos, Rotellini era tipógrafo[85], e portanto pertencia a uma das precoces categorias organizadas sindicalmente (e não somente em sociedades mutualistas) na Itália ao longo dos anos 80. Brevemente, a *Associazione fra gli operai tipografi per l'introduzione e l'oservanza della tariffa*, foi fundada em 1872 justamente por iniciativa dos tipógrafos romanos e em 1879 contava com 28 sociedades associadas e com 2.238 sócios[86]. Estas sociedades já não eram mais somente de socorro mútuo, mas tinham como objetivo prover ao bem estar dos sócios fazendo respeitar o valor da tarifa estabelecido pela *Associazione* a cada um dos associados, limitando a admissão dos aprendizes e ajudando os associados quando desempregados: para manter ou elevar o valor da tarifa cada sociedade podia recorrer à greve[87].

Vitaliano Rotellini, não somente tinha começado a trabalhar como tipógrafo em Roma, onde, como vimos, o movimento sindical desta categoria tinha suas origens, mas tinha-se transferido em 1884 em Milão, sempre trabalhando como tipógrafo: os tipógrafos milaneses eram considerados como uma vanguarda de sua classe, em uma cidade que

[84] R. Prefettura di Roma, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 4469, fascicolo Vitaliano Rotellini)
[85] Ibidem,
[86] *Relazione presentata a S.E. il Ministro dell'Interno nel mese di marzo 1879 dalla commissione d'inchiesta sugli scioperi.* Citado em Renato Zangheri, *Storia del Socialismo italiano. Vol. II, op. cit.*, p. 25.
[87] Ibidem.

contava com 60 tipografias e 1600 operários e onde eram impressos onze jornais diários[88]. A militância político-sindical de Rotellini tinha começado de fato já em Roma, onde fazia parte em 1883 do Conselho Diretivo da *Associazione Gioventù Democratica*, um grupo de certas dimensões que reunia sobretudo republicanos e parcialmente socialistas[89]. Portanto, não foi difícil, uma vez chegado em Milão, entrar rapidamente nos núcleos operários e políticos locais, tanto que é assinalado como um dos que publicaram manifestos subversivos durante as greves de tipógrafos em 1884[90]. Passou depois para Turim, onde participou da redação do jornal *Proximus Imes*. É provavelmente neste período que passa nas fileiras do anarquismo, tanto que, e depois de algumas breves experiências de trabalho em Gênova e em Livorno, na Toscana, volta para Roma em 1889 e é vigiado pela polícia por causa de suas relações com os principais anarquistas da capital e de outras cidades[91]. A escolha anarquista é também confirmada pelo fato que foi atacado pelos companheiros no momento em que decide participar dos comitês eleitorais unitários entre republicanos, socialistas e radicais e por candidatar-se a vereador na câmara do município de Roma[92].

Em 1891, Rotellini parte para o Brasil, dirigindo-se a São Paulo, embora não sabemos se ele tinha sido incluído no grupo de militantes romanos (chamados de qualquer

---

[88] Ver A. GIGLI MARCHETTI, *I tre anelli. Mutualità, resistenza, cooperazione dei tipografi milanesi (1860-1925)*. Milano: Franco Angeli, 1983, pp. 80-81.
[89] R. Prefettura di Roma, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 4469, fascicolo Vitaliano Rotellini).
[90] R. Prefettura di Milano, nota 2113, 14-08-1884 (ACSR, CPC, Ibidem).
[91] R. Prefettura di Roma, Cenno Biografico (ACSR, CPC, Ibidem).
[92] Ibidem.

Estas passagens do anarquismo ao socialismo foram típicas da época, como foi já observado para o caso mais conhecido de Andrea Costa: as acusações dos antigos companheiros de luta eram o corolário, também típico, destas escolhas. Por exemplo, alguns anos antes, a polícia italiana tinha espionado um almoço de conciliação com os anarquistas organizado por Andrea Costa e pelos socialistas no final de 1882 em Roma, assim que ele foi eleito deputado: assim que ele começou a falar, os anarquistas romanos presentes começaram a gritar-lhe ironicamente se ele tinha ido na câmara para se tornar burguês também ou se era para propagandear no plenário a idéia da revolução. Logo depois ouviram-se das mesas do fundo outros gritos que cobriam o discurso de Costa: "Logo!"; "Com a dinamite!!"; "Com a faca!" aos quais Costa, irritado respondeu: "Na mesa sempre todos prontos! Todos ferozes! Mas na praça nunca ninguém!" (ver, Luciano

forma de anarquistas pela polícia italiana) indiciados como os iniciadores dos conflitos com as autoridades no comício do primeiro de maio em Roma, ou se emigrou somente para encontrar trabalho[93]. É até possível que tinha estabelecido ligações em Roma com Andrea Costa, pois era um militante conhecido se pensamos que tinha sido candidato a vereador, e que este o tenha indicado para um emprego no jornal de Alcibiade Bertolotti e Domenico Rangoni: *Il Messaggero*, publicado em São Paulo a partir daquele ano[94].

Outro tipógrafo, de qualquer forma, estará na frente dos processos organizativos daqueles anos em São Paulo: trata-se do socialista **Lorenzo Monaco**, que, aliás, será um dos fundadores da *Lega Democratica Italiana* e dos círculos socialistas que virão em 1899-1901 e também um dos líderes sindicalistas mais ativos na fundação das ligas de resistência a partir de 1901 e sobretudo participará ativamente da construção da FOSP em 1905.

Como em parte no caso de Rotellini, Monaco teve suas experiências sindicais formativas já em Turim, sua cidade de nascimento, mas no final da década de 1880 (pois nasceu em 1871)[95]. É até provável que lá ele tenha conhececido Rotellini, pois em São Paulo (onde chegou em 1892) ele se tornou um dos operários da tipografia do *Fanfulla*[96]. Inicialmente ligado aos grupos anarquistas em Turim, passou gradualmente aos socialismo costiano, mas isso foi a partir de sua chegada ao Brasil, nos contatos com Bertolotti[97]. Como vários dos militantes analisados manteve contatos com a Itália ao longo de sua vida,

---

CAFAGNA, "Anarchismo e socialismo a Roma negli anni della febbre edilizia e della crisi. (1882-1891)", *Movimento Operaio*, 1952, pp. 772-774.

[93] R. Prefettura di Roma, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 4469, fascicolo Vitaliano Rotellini)

[94] O primeiro número é de maio de 1891.

[95] R. Prefettura di Torino, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 3344, fascicolo Lorenzo Monaco)

[96] Consolato Generale di SM il Re d'Italia, São Paulo, n. 76, 12-08-1896 (ACSR, CPC, Ibidem).

[97] R. Prefettura di Torino, Cenno Biografico (ACSR, CPC, Ibidem).

pelo menos nas primeiras décadas de sua estadia, tanto que em 1898 vai para Itália, em Turim e em Bolonha, onde passa alguns meses[98].

[98] Consolato Generale di SM il Re d'Italia, nota 276, São Paulo, 12-05-1898 e R. Prefettura di Torino, n. 1187, 14-07-1898 (ACSR, CPC, Ibidem).

2.4

A FORMAÇÃO DOS PRIMEIROS GRUPOS SOCIALISTAS E REPUBLICANOS ITALIANOS EM SÃO PAULO RUMO À FUNDAÇÃO DA LEGA DEMOCRATICA: O PRIMEIRO DE MAIO, AS EXPULSÕES E OS CONFLITOS COM AS ASSOCIAÇÕES ITALIANAS MONARQUISTAS.

Estes dados biográficos dos principais militantes socialistas e republicanos que atuaram em São Paulo nos primeiros anos da década de 90 do século XIX, podem esclarecer melhor, então, o tipo de processos organizativos que foram iniciados na capital paulista, tão parecidos, apesar das diferenças com o contexto italiano, com aqueles aos quais tais militantes tinham participado ativamente, como líderes de nível local e regional, mas de lugares e regiões da Itália que na época constituíam já os lugares de maior expressão dos movimento operário e socialista[99]. Em suma, estes homens estavam no centro das primeiras atividades de organização do movimento na Itália.

A amizade entre Domenico Rangoni e Bertolotti transformou-se em São Paulo logo na condução comum do jornal *Il Messaggero* e na direção do *Circolo XX Settembre*, cuja sede coincidia com a redação do jornal[100], que, depois dos primeiros meses de publicação bissemanal (saía de segunda e quinta), começou a ser publicado diariamente a partir de outubro de 1891. Em meados de 1894, o jornal cessou as publicações. Como também Bertolotti escreveu a Costa, *Il Messaggero* (cujo subtítulo era: *"giornale popolare"*), era dedicado em grande parte às questões sociais, e, nas seções *"Cose del giorno"* e *"Su e giù per S. Paulo"* eram focalizadas as atividades dos grupos paulistanos, sobretudo das

[99] Alguns dados de 1881 são muito claros sobre isso: dos 16.739 aderentes ao partito socialista rivoluzionario de Andrea Costa, na Itália inteira, as províncias da Emilia-Romagna contavam com 3.861 filiados (23%); a província de Florença com 3.203 (19%); Milão com 1.575 (9%), Roma com 1.208 (7%). Ver Renato Zangheri, *Storia del socialismo italiano, vol. II, Op. cit.* pp. 162-163.

sociedades e associações italianas[101]. A primeira página do n. 2, por exemplo, e várias colunas da segunda, foram dedicadas completamente às comemorações do Primeiro de Maio na Itália, relatando as manifestações nas principais províncias e cidades[102].

Assim como tinham experimentado na Itália, o *Circolo XX Settembre* tinha, para Bertolotti e Rangoni a função que mais tarde teria assumido a *Lega Democratica Italiana*, fundada em São Paulo em 1898[103], isto é, concentrar em um único grupo, em nome de um patriotismo que se inspirava na tradição democrática e republicana mazziniana e no socialismo garibaldino, os militantes de várias tendências, com exclusão dos anarquistas. Ao mesmo tempo, as primeiras atuações práticas desta estratégias resultaram, no papel desenvolvido pelo *Circolo XX Settembre*, na realização de dois momentos organizativos importantes em 1891[104]:

a) a realização das comemorações do dia 2 de junho para homenagear Giuseppe Garibaldi;
b) a criação de um comitê eleitoral italiano em São Paulo para participar das eleições locais e federais

No primeiro caso, o *Circolo* punha-se na direção da organização das festas, mas esta caraterização política da festa, que trazia consigo também toda a simbologia da pátria republicana e democrática, acabou por criar uma primeira divisão interna às poucas sociedades italianas presentes na época em São Paulo. A *Società dei Suprestiti Italiani*, que reunia os veteranos das batalhas da guerra de independência, por exemplo, dividiu-se no

---

[100] Que, aliás, era o endereço residencial oficial utilizado por Bertolotti. *Il Messaggero*, ano I, n. 2, 28-05-1891, p. 1.
[101] Já partir do n. 2, 28-05-1892 pp. 2 e 3.
[102] Foram as manifestações do primeiro de maio que vivenciaram na Itália inteira os ataques da cavalaria. "Il Primo Maggio in Italia", *Il Messaggero,* Ano I, n. 2, 28-05-1891, pp. 1 e 2.
[103] Na fundação da *Lega Democratica Italiana* terá um papel destacado o próprio Alcibiade Bertolotti. Ver *O Socialista* (São Paulo) de 1898.

seu interno e a maioria dos sócios decidiu não participar destas comemorações, vendo-a como uma expressão de grupos anti-monarquistas[105].

No caso do comitê eleitoral, este percorria os mesmos passos dos comitês criados para a eleição de Musini e Costa dez anos antes na Emilia Romagna, visando a união das forças italianas democráticas, embora isto não fosse tão fortemente evidente como no caso italiano. A construção de candidaturas fortemente marcadas do ponto de vista político encontrava a resistência dos imigrantes que tinham receio de demonstrar posições antigovernativas, embora as eleições fossem para a câmara municipal da cidade de São Paulo. De qualquer forma, a assembléia que formou o comitê, não fixou nos estatutos provisórios nenhuma referência explícita às idéias socialistas ou republicanas mazzinianas, ainda que a grande maioria dos membros da comissão central diretiva fosse constituída por imigrantes italianos dos quais era conhecida a fidelidade a estes grupos[106].

De qualquer forma, a estrutura do comitê, além do fato que todos os cargos eram eletivos, expressão de uma assembléia geral, mostravam fortemente sua ligação com as experiências dos comitês eleitorais democráticos italianos, a partir de sua difusão no território em sub-comitês ligados a um comitê central sediado na capital, São Paulo[107]. Todavia, o comitê não teve vida fácil e se desfez após pouco tempo: as ambigüidades da legislação italiana sobre a questão da cidadania fez com que o comitê não recebesse o apoio necessário[108]. Este era o maior obstáculo que, já a partir deste momento o socialismo integral de Bertolotti e de outros militantes como ele (ação sindical, mutualista, cooperativista e política) encontraria no Brasil.

---

[104] Ver "Cose del giorno" e "Comitato elettorale italiano", *Il Messaggero,* ano I, n. 2, 28-05-1891, p. 2-3.
[105] Ibidem.
[106] "Comitato elettorale italiano", *Il Messaggero,* ano I, n. 2, 28-05-1891, p. 3.
[107] Ibidem.

Para Alcibiade Bertolotti (que tinha sido obrigado a naturalizar-se brasileiro, por causa de seu emprego público na Inspectoria geral de terras e colonização, na qual tornou-se logo depois de desenhista, engenheiro ajudante na II secção da repartição central da Inspectoria) a criação de uma frente democrático-radical era o ponto de chegada natural de parte de sua ação política, seguindo o caminho já empreendido na Itália[109].

A participação de Bertolotti e Rangoni (e de outros militantes como eles recém chegados da Itália) no associacionsimo italiano em São Paulo, todavia, devia continuar nos anos seguintes na ação política dentro das sociedades italianas, em direção à criação de uma federação mutualista italiana do Estado de São Paulo, mas sobretudo tentando estruturar a *Società Italiana di Beneficenza* como uma grande associação de socorro mútuo que conseguisse abranger vários aspectos da assistência mútua[110]. Ao mesmo tempo, os socialistas e republicanos italianos, mas sobretudo os primeiros, participaram da primeira organização das festas do primeiro de maio em São Paulo, em uma ação conjunta dentro do *Centro Socialista Internazionale* com os anarquistas[111].

A intervenção no associacionismo começou com a criação de uma sociedade, em 1892, chamada *Pro Patria*, cuja organização assemelhava-se muito às sociedades patrióticas italianas do período da independência, subdivididas em centúrias e legiões que correspondiam aos bairros paulistanos. A *Pro Patria*, cuja reunião de fundação aconteceu na redação de *Il Messaggero*, tinha na verdade objetivos muito genéricos, como: *"proteger todos os italianos honestos; difundir o uso da língua italiana; defender o nome a as tradições italianas; aproveitar dos dias de festa para exercitar o corpo nas atividades de*

---

[108] Ibidem.
[109] Canuto Thorman, *Almanak administrativo, commercial, e profissional do Estado de São Paulo para 1895.* São Paulo, Companhia Industrial de São Paulo, 1895, p.145.
[110] "Federazione delle società italiane nello Stato di S. Paulo", *Il Lavoro*, ano II, n. 23, 01-07-1894, p. 1.

ginástica, tiro ao alvo, esgrima e nas excursões"[112]. Do socorro mútuo não se falava, embora a referência à proteção dos italianos pudesse ser aplicada e concretizada depois em muitas formas. Desta sociedade, Bertolotti, que, enquanto isso, paralelamente ao seu oficio de engenheiro na Inspectoria de terras e colonização realizava a abertura de uma Livraria Italiana com o sócio Aldrovandi[113], era um dos diretores e fundadores[114].

Todavia, a *Pro Patria* já não existia mais em 1894. Domenico Rangoni voltou a promover o projeto de uma federação das sociedades existentes segundo uma proposta que tinha parcialmente apresentado em 1890, mas cujo estatuto só foi aprovado no congresso das sociedades italianas realizado em São Paulo em 1897. O estatuto, todavia, limitava as funções da federação a uma simples obra de coordenação das sociedades, ainda que fossem sublinhadas as funções de impulso das atividades de assistência hospitalar e educativa em prol dos trabalhadores italianos imigrados[115].

O caminho de Alcibiade Bertolotti, ao contrário, continuou na elaboração de estratégias comuns entre sociedades de socorro mútuo, grupos políticos mistos de socialistas e republicanos e o apoio aos sindicatos nascentes.

Em particular, notamos a contribuição dele na constituição, junto com Galileo Botti, do *Centro Socialista Internazionale*. Botti era de Livorno (na Toscana) e chegou em São Paulo por volta de 1889[116]. Sua profissão era de fabricante de licores, porém era um artesão

---

[111] "Lo Stato. I commenti ai lettori" *L'Avvenire*, ano I, n. 2, 02-12-1894, p. 4; e ASDMAE, Fondo Serie Z Contenzioso, Busta 61, fascicoli nominali, periodo 1893-1902.
[112] "Cronaca", *Il Messaggero*, ano II, n. 243, 28/29-06-1892.
[113] *La Tribuna Italiana*, n. 145, 21-08-1894, p. 4.
[114] "Cronaca", *Il Messaggero*, ano II, n. 243, 28/29-06-1892.
[115] *Statuto della Federazione delle Società Italiane nello Stato di S. Paulo (approvato dal congresso tenutosi in S. Paulo nel dicembre 1897)*, in "Italia e italiani al Brasile", *Italia e Brasile*, n. 8, agosto-settembre 1910, p. 360-C.
[116] ASDMAE, serie Z contenzioso, Busta 81, fascicolo 1451, Galileo Botti, espulsione.

clássico da Toscana, pois sua 'fábrica' era um simples laboratório na Rua Piratininga[117]. Como Bertolotti, tinha participado, em Livorno, dos primeiros grupos socialistas, mas ao mesmo tempo, como era típico de muitos socialistas toscanos, freqüentava também os ambientes dos companheiros anarquistas[118].

Em São Paulo publicou, ao longo de 1892, o jornal *Gli Schiavi Bianchi*, onde denunciava as condições de vida dos colonos nas fazendas, mas, ao mesmo tempo, estava atento às primeiras greves que surgiam em São Paulo, com a da fábrica Sant'Ana que eclodiu em junho de 1892[119]. Por causa da publicação deste jornal e da propaganda que desenvolvia contra a imigração subvencionada, o governo brasileiro tentou expulsá-lo já em 1892: preso em São Paulo e transferido para o Rio de Janeiro, fica nas prisões do distrito federal por dois meses, e, enquanto está sendo deportado no navio, Rotellini (que estava há pouco tempo no Rio onde tinha fundado o jornal republicano *L'Aquila Latina*) consegue convencer o cônsul italiano a intervir e convencer o governo brasileiro que Botti não era um anarquista perigoso[120]. Retornado à São Paulo, Botti retoma as publicações de *Gli Schiavi Bianchi*, mas somente para alguns números e logo depois funda, em 1893, o grupo *Centro Socialista Internazionale*. O grupo tentava aproximar militantes italianos das tendências mais variadas, a partir de anarquistas já na época muito conhecidos como Felice Vezzani e Arturo Campagnoli, os dois fraternos amigos de Errico Malatesta[121].

Porém não teve vida fácil, pois acirrou o conflito e as dissidências já existentes entre os italianos monarquistas e antimonarquistas, além de ter aumentado consideravelmente a

---

[117] Ibidem.
[118] Ibidem. Sobre o associacionismo toscano ver o estudo aprofundado de Ernesto RAGIONIERI, *Storia di un comune socialista: Sesto Fiorentino.* Roma, Editori Riuniti, 1995, mas também Maurizio RIDOLFI, *Nel segno del voto: elezioni, rappresentanza e culture politiche nell'Italia liberale.* Roma, Carocci, 2000.
[119] Entre junho e outubro de 1892, na verdade, foram publicados somente seis números.
[120] ASDMAE, serie Z contenzioso, Busta 81, fascicolo 1451, Galileo Botti, espulsione.

sua atividade de propaganda entre os trabalhadores dos bairros populares de São Paulo, sobretudo Brás, Mooca e Bom Retiro. Nesta direção, a sua principal atuação, todavia, deu-se na organização do Primeiro de Maio de 1894. A reunião dos militantes do *Centro Socialista Internazionale*, com o objetivo de organizar esta manifestação, em abril de 1894, era porém esperada pela polícia paulistana, que depois que os participantes concluíram a reunião, prendeu alguns deles. Foi o consulado italiano de São Paulo, todavia, que instigou a polícia local a agir, denunciando que no Centro haveria uma reunião de anarquistas terroristas com a finalidade de organizar atentados: o consulado indicou que os presos deveriam ser: Alcibiade Bertolotti, Domenico Rangoni, Vitaliano Rotellini, Mario Cattaruzza e Sfrappini (da *Società Militi Italiani*), Augusto Bargioni, Galileo Botti, Arturo Campagnoli, Alfredo Capricci, Antonio Maffucci, Eugenio Gastaldetti, Francesco Patelli, Serafino Suppo e Felice Vezzani. Destes eram anarquistas certamente Vezzani, Maffucci e Campagnoli, enquanto Rangoni, Sfrappini, Cattaruzza e Rotellini (que foram logo libertados após poucos dias de prisão)[122] não eram integrantes do *Centro*, porque tinham discordado de agir conjuntamente com os anarquistas[123]. Também Bertolotti foi salvo, graças à intervenção da Inspectoria de Terras e colonização na qual trabalhava, mas que, em 1899, quando ele organizou a comemoração do Primeiro de Maio, obrigou-o a se demitir[124]. Os outros foram enviados para duas cadeias situadas no Distrito Federal, com a

---

[121] R. Legazione d'Italia al Brasile, Petrópolis, 14-09-1893, n. 12 (ACSR, CPC, busta 977, fascicolo Campagnoli, Arturo).

[122] "Lo Stato. I commenti ai lettori" *L'Avvenire*, ano I, n. 2, 02-12-1894, p. 4; e ASDMAE, Fondo Serie Z Contenzioso, Busta 61, fascicoli nominali, periodo 1893-1902.

[123] E por isso criticados pelo jornal *L'Avvenire* de São Paulo em dezembro de 1894, quando um artigo tinha sido dedicado a lamentar a morte do republicano de Bolonha Quirico Flopanti, que, dizia o jornal, *"diferentemente de outros republicanos, não desconheceu, nem o apavoraram, as idéias socialistas e anarquistas"* ("Quirico Filopanti", *L'Avvenire*, n. 4, 30-12-1894, p. 4). Para o relato das prisões ver

[124] ASDMAE, Polizia Internazionale, busta 28, fascicolo Moti Anarchici di San Paolo.

convicção de expulsá-los, mas, depois destes meses de prisão, foram libertados. Após esse episódio da prisão, o centro se dissolveu.

Depois dos fatos de 1894, a outra grande manifestação organizada por militantes socialistas, anarquistas e republicanos italianos em São Paulo foi a primeira contramanifestação antimonarquista do 20 de Setembro de 1897, na qual teve um papel destacado o recém nascido *Centro Socialista*, cujos líderes eram Estevam Estrella, um médico de origem nordestina, o tipógrafo espanhol Valentim Diego, e Alcibiade Bertolotti[125]. Lembramos que esta era a festa principal da nação italiana, pois comemorava a conclusão da unificação italiana com a tomada de Roma por parte do exército italiano em 1870. A tradição e experiência de Bertolotti de trazer ao campo democrático as manifestações patrióticas italianas conseguiu envolver nesta simbologia ligada estreitamente ao contexto italiano, até os militantes socialistas não-italianos, que participaram como oradores do 'vinte de setembro socialista' em São Paulo. A crônica desta manifestação ilustra claramente como a estratégia e a simbologia da pátria democrática (de origem *mazzininana* e jacobina) se associava com os primeiros momentos de manifestação do movimento socialista em São Paulo e como as sociedades étnicas entravam e se posicionavam neste conflito, assim como aconteceu da mesma forma na Emilia Romagna, na Toscana e em Roma já a partir da década de 1880[126].

A manifestação, da qual Bertolotti foi claramente um dos principais oradores, foi realizada no dia 19 de novembro e começou com um cortejo liderado pela banda 'Carlos Gomes' (*"e non Umberto I"* escreveram no número único *XX Settembre*) dirigiu-se no

[125] Ver carta do Centro Socialista Democrata de São Paulo a Andrea Costa, São Paulo, 28-05-1897 (Biblioteca Comunale di Imola, Fondo Carte Costa, n. 2056).
[126] R. Doni, "Di vittoria in vittoria", *XX Settembre, Ribattiamo il Chiodo*. Número único, São Paulo, 20-09-1897, p. 2.

Teatro Politeama, repleto de pessoas, sobretudo de operários italianos. No teatro, Estevam Estrella abriu o comício criticando as manifestações patrióticas da burguesia italiana e prosseguiu exaltando a união dos povos e o socialismo.

Os outros oradores, todos italianos, ressaltaram o fato de que a queda do poder temporal do papa trouxe poucas vantagens à classe proletária, e que os imigrantes italianos de São Paulo deviam se recusar a reverenciar o cônsul e que era preciso combater aquelas sociedades regionais monarquistas.

O evento conclui-se com a aprovação, por parte da assembléia reunida no teatro, de um documento que afirmava que as pessoas ali reunidas:

> "Considerando que é vão comemorar fatos históricos importantes para o progresso humano se isso não serve a progredir ainda mais, considerando que as divisões nacionalistas, que tornam os oprimidos inimigos uns dos outros e aumentam novas iras a proveito sempre das classes exploradoras e dominantes, são agora, frente às idéias progredidas, absurdas e não-civilizadas; acham que a vitória civil do dia vinte de setembro foi incompleta, e portanto convidam todos os produtores e os homens de inteligência e de honra das outras classes, a trabalhar constantemente para a renovação humana, para o triunfo do Proletariado e para a irmandade universal;
> e desaprovam as manifestações patrióticas servis"[127].

A formação da *Lega Democratica Italiana*, que, veremos, terá um papel importante como agregadora, junto com a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Galileo Galilei*, das

outras sociedades e associações italianas anti-monarquistas, recebeu um impulso fundamental com a chegada de militantes socialistas que já tinham vivenciado o fortalecimento das estruturas organizativas do *Partito Socialista* na Itália e também uma participação nos processo de sindicalização. Foi o caso de Cesare Golfarelli, que de 1896 a 1908 foi um dos principais líderes dos grupos socialistas em São Paulo, e participou, com Alceste De Ambris e Bertolotti, da construção de um movimento operário paulistano nos quais os grupos políticos socialistas eram o elo que unia a ação sindical com a mutualista.

Vale a pena focalizar um pouco a trajetória deste militante, antes de passar a tratar dos embates de 1897.

Cesare Golfarelli nasceu em Ravenna, na Romagna, em 1863: era, portanto, da mesma geração de Lanzoni e Bertolotti e vinha da mesma região[128]. De fato, ele também foi amigo e íntimo colaborador de Andrea Costa[129].

A sua formação política é parecida, até certo ponto, com a dos outros discípulos de Costa, mas a sua origem social é bem mais humilde. Todavia, desde que deixou o primeiro grau (do qual terminou somente as três primeiras séries) entre trabalhos temporários em pequenas oficinas, dedicou-se quase sempre à profissão de *scrivano*: uma figura importante que o punha em contato continuamente com os camponeses e trabalhadores não-especializados que não sabiam ler e escrever, uma vez que o seu ofício era o de compor para os analfabetos cartas, reclamações, pedidos, e todo tipo de queixa ou de documento

---

[127] Ibidem (traduzido por mim do italiano).
[128] R. Prefettura di Ravenna e provincia, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 2477, fascicolo Cesare Golfarelli)
[129] Ibidem e Carta de Cesare Golfarelli a Andrea Costa, Ravenna, 01-03-1889 (Biblioteca Comunale di Imola, Fondo Carte Costa, n. 854).

público, além de ler para eles estes documentos. Sua esposa, na verdade sua companheira, era costureira: os dois tinham um filho, também nascido em Ravenna[130].

Golfarelli participou da fundação do *Partito Socialista Rivoluzionario*, que em Ravenna e província contava em 1881 com 1.718 filiados, numa província que na época não tinha mais de 70.000 habitantes[131]. Em 1892, ano de fundação do *Partito Socialista dei Lavoratori Italiani*, Golfarelli é um dos primeiros e se filiar em Ravenna, onde, aliás, é um dos fundadoras do Circolo *Socialista "I diritti dell'uomo"* e de muitos outros núcleos do partido no campo[132]. A sua atividade política principal, que casa muito bem com a sua profissão independente de *scrivano*, será sempre a de propagandista, atividade que, aliás, desenvolve com muito proveito segundo a polícia italiana, sobretudo entre os camponeses, que envolve também as manifestações urbanas, como a comemoração do Primeiro de Maio de 1892, da qual ele fazia parte da comissão organizadora. E ainda em 1893, convidado expressamente por Andrea Costa, esteve em Imola para participar da reunião de preparação do primeiro de maio daquele ano[133].

O seu histórico de militância, portanto, começou já no início dos anos oitenta: em 1882 fez parte da comissão de direção da *Lega Socialista* de Ravenna, filiada ao *PSR*; no ano seguinte, após a dissolução efetuada pela polícia da mesma liga, participa de sua refundação[134]. Em 1887, o encontramos como um dos organizadores do protesto contra a política de conquista da Eritréia por parte do governo italiano e neste mesmo ano assina um documento programático do núcleo socialista de Ravenna no qual afirma-se que:

---

[130] R. Prefettura di Ravenna e provincia, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 2477, fascicolo Cesare Golfarelli).
[131] Ibidem e R. Questura di Ravenna, n. 458, 02-04-1881 (ACSR, CPC, Ibidem).
[132] R. Prefettura di Ravenna e provincia, Cenno Biografico (ACSR, CPC, Ibidem).
[133] Ibidem.
[134] Ibidem.

"no estado de luta entre capital e trabalho, a ação revolucionária é um dos meios, mas não o único, para afirmar publicamente os princípios socialistas e que, de qualquer forma, ela deve ser precedida por um período mais ou menos longo de propaganda e agitação"[135].

Em 1888, deixa Ravenna, e, como muitos *romagnoli* migra para a capital, seguindo uma das mais antigas cadeias migratórias internas da história italiana, pois até 1860 a Romagna tinha sido um dos territórios do Estado Pontifício e esta ligação econômico-social entre Roma e os antigos territórios pontifícios continuou por muitas décadas depois da unificação da Itália[136]. Em Roma, trabalha como motorista de bonde, e logo é assinalado pela *prefettura* de Roma como um dos mais ativos socialistas no seu local de trabalho. Por causa desta sua atividade política intensa, perde o trabalho e deixa Roma em junho de 1889, e se dirige para Nápoles onde encontra trabalho como assistente de pedreiro: de fato, o tribunal de Roma tinha-o condenado a dez dias de prisão por instigação à greve, em maio daquele mesmo ano[137].

Em abril de 1890, é preso em Nápoles, acusado de formação de quadrilha, embora seja necessário considerar que neste âmbito podia entrar também uma perseguição a grupos de trabalhadores que manifestavam politicamente em reuniões suas posições políticas socialistas[138]. De qualquer forma, em 1893 está novamente em Ravenna, onde todavia é preso por ter distribuído na rua cerca de 150 folhetos do *Partito* Socialista dei Lavoratori

---

[135] R. Questura di Ravenna, nota 348, 12-03-1887 (ACSR, CPC, Ibidem).
[136] Ver a este propósito *Movimento operaio e organizzazione sindacale a Roma (1860-1960). Documenti per la storia della Camera del Lavoro.* Roma, Editrice Sindacale Italiana, 1976, pp. 23-27.
[137] R. Prefettura di Roma, nota 1776, 14-05-1889 (ACSR, CPC, busta 2477, fascicolo Cesare Golfarelli).
[138] R. Prefettura di Napoli, riservata 1102, 12-05-1890 (ACSR, CPC, Ibidem), mas ver também as cartas de Cesare Golfarelli a Andrea Costa, Napoli, 18-12-1889, 02-01-1890, 07-02-1890, 02-12-1890, 08-04-1891 (Biblioteca Comunale di Imola, Fondo Carte Costa, n. 937, 947, 961, 1088, 1174).

Italiani[139]. Em 1895, participa do congresso socialista local, onde com a presença de Andrea Costa, decidiu-se a candidatura, nas eleições políticas, de Antonio Fratti[140]. Com o aumento das medidas repressivas depois de 1894, foi proposto pela polícia local para a condenação à deportação no *domicilio coatto*, isto é, para ficar confinado em uma das pequenas ilhas italianas por dois anos, mas a proposta não é concretizada pelo tribunal[141].

A militância de Cesare Golfarelli na Itália se interrompe temporariamente em 1896, quando, em janeiro, parte para São Paulo, onde encontrará outros companheiros que tinham-se inspirado na luta de Andrea Costa e que vinham da sua mesma região[142].

Do lado dos republicanos que participaram da fundação e da organização da *Lega Democratica Italiana*, chega em junho de 1897 também um dos principais líderes dos republicanos romanos, **Pietro Stocchi**, que estará à frente dos grupos republicanos italianos de São Paulo até o período do antifascismo, pois ele morrerá em São Paulo em 1929[143]. Stocchi é uma figura interessante e central para compreender como os republicanos italianos residentes em São Paulo, apesar de algumas reservas contra os anarquistas feitas por alguns de seus primeiros líderes (como Domenico Rangoni), tiveram um papel importante na construção, com socialistas e outros anarquistas, das organizações operárias

---

[139] R. Questura di Ravenna, n. 321 Uff. Prov. PS, 07-04-1893 (ACSR, CPC, busta 2477, fascicolo Cesare Golfarelli).

[140] Em homenagem a este republicano da Romagna, um dos núcleos republicanos de São Paulo em 1901, receberá o seu nome.

[141] R. Prefettura di Ravenna, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 2477, fascicolo Cesare Golfarelli).

[142] Após 12 anos de atividade em São Paulo, onde, entre as muitas outras atividades desenvolvidas, como veremos no capítulo sobre o jornal *Avanti!*, foi também redator deste diário dos socialistas italianos de São Paulo, volta em Ravenna, onde continuou sua atividade política com um dos líderes do grande núcleo socialista de Ravenna, do qual sempre foi um dos membros da direção e até presidente até 1922, quando sofre a repressão fascista. Morreu em Roma em 1942, onde transferiu-se em 1928, amparado pelo filho Emilio, que vivia na capital italiana. Emilio também, como o pai, tinha militado no PSI em posições de liderança local em Ravenna, desde 1913. (ACSR, CPC, busta 2477, fascicolo Cesare Golfarelli).

[143] Consolato Generale di SM il Re d'Italia, n. 1453, S. Paulo, 02-02-1936. (ACSR, CPC, busta 4957, fascicolo Pietro Stocchi).

paulistanas em todos os níveis (desde o mutualismo até o sindicalismo, passando pelos grupos políticos), justamente a partir de 1897.

Stocchi, com Domenicali, Cecchi e Chiari, de fato, pegaram pela mão o movimento republicano em São Paulo e até os anos vinte participaram quase sempre das iniciativas comuns com os outros grupos anarquistas e socialistas[144]. Diferentemente de Rangoni, todos estes militantes eram trabalhadores artesãos ou operários, mas como Rotellini, vinham todos de Roma, e portanto, pertenciam àqueles grupos republicanos romanos que freqüentemente aliavam-se com socialistas e (em manifestações de praça e nos sindicatos) com os anarquistas[145].

Stocchi também é da geração de 1860 (nasceu em 1861) e pertencia a uma família republicana clássica: também os dois irmãos dele, Remo e Bruto (praticamente com a mesma idade dele) estavam na direção de vários grupos republicanos em Roma e na província, e foram presos várias vezes em manifestações de praça realizadas com anarquistas e socialistas[146].

Pietro foi filiado ao *Partito Repubblicano Italiano* desde a juventude, e segundo a *prefettura* de Roma era considerado um dos dirigentes mais influentes nos núcleos locais romanos, como o *Circolo Goffredo Mameli*, depois dissolvido pelo governo italiano com as

---

[144] Veremos melhor isso nas conjunturas de 1900-1903; 1907-09 e sobretudo no período 1914-17, como se verá nos capítulos seguintes. De qualquer forma, Luigi Domenicali nasceu na Basilicata, no sul da Itália, em 1848, mas desde 1872 residia em Roma. Era um ex-garibaldino, chapeleiro. Em 1898 administrou em Terni, cidade industrial perto de Roma, uma cooperativa de chapeleiros e em 1901 emigrou para São paulo com a família. (ACSR, CPC, busta 1830, fascicolo Luigi Domenicali); Augusto Cecchi nasceu em Roma em 1857 e era um *facchino*, isto é, transportava as bagagens nas estações. Chegou em São Paulo antes de 1900 (ACSR, CPC, busta 4957, fascicolo Pietro Stocchi). Sobre Tito Chiari não conhecemos seus dados de nascimento, mas ele também era um republicano residente em Roma antes de emigrar para São Paulo (ACSR, CPC, fascicolo, ibidem).

[145] Ver Luciano CAFAGNA, "Anarchismo e socialismo a Roma negli anni della febbre edilizia e della crisi (1882-1891)", *Movimento Operaio*, 1952, pp. 772-774.

[146] R. Prefettura di Roma, Cenno Biografico (ACSR, CPC, busta 4957, fascicolo Pietro Stocchi).

leis de 1892-94[147]. Era também o tipo de republicano que fazia propaganda quase exclusivamente entre operários e artesãos: em Roma, a sua primeira profissão foi *scalpellino* e depois cozinheiro. Foi preso pela primeira vez na capital italiana nos tumultos de 1888 e assinala-se a sua participação à esquadra de socorro enviada pelo *Partito Socialista Rivoluzionario* de Andrea Costa e pelos republicanos italianos em 1884 para ajudar a combater um surto de cólera em Nápoles[148].

Quando chega a São Paulo, em 1897, com a família (esposa e dois filhos) vai residir no Bom Retiro, onde, após algum tempo, abre uma pequena adega com pousada, que se torna o ponto de encontro habitual em São Paulo de subversivos: o delegado de polícia, presente no consulado italiano, considera-o o verdadeiro *"republicano revolucionário, respeitado em São Paulo, não somente pelos seus companheiros, mas também pelos anarquistas e pelos socialistas"*[149].

Entre adegas, sociedades italianas de socorro mútuo e locais de trabalho vai-se estruturando, através da ação destes militantes, o despertar da *Lega Democratica Italiana* e sua ação original de tornar-se a base para a estruturação e expansão dos grupos e ligas de resistência que surgirão a partir dos anos 1899-1901.

[147] Ibidem.
[148] Ibidem.
[149] R. Consolato d'Italia, PS n. 36, São Paulo, 12-08-1898 (ACSR, CPC, Ibidem).

2.5

O EMBATE ENTRE ASSOCIAÇÕES ITALIANAS MONARQUISTAS E ANTIMONARQUISTAS EM SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX: NACIONALISMO, INTERNACIONALISMO E PATRIOTISMO REPUBLICANO-SOCIALISTA EM CONFLITO.

Como vimos no capítulo 1, a maior parte das sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo surgiu entre 1896 e 1898, no momento em que a Itália estava atravessando um novo período de repressão contra os grupos políticos formados por republicanos, socialistas e anarquistas e contra os sindicatos; e, como corolário desta ação governativa, também às associações operárias de socorro mútuo que não declaravam abertamente sua fidelidade ao governo e à família reinante.

Durante o período dos governos liderados por Crispi, na Itália, as leis de *domicilio coatto*[150] e de dissolução das associações operárias e socialistas, em 1894, abalaram o processo de formação das organizações do movimento operário em geral, que somente depois de 1896 começou a reorganizar-se, após uma ligeira diminuição do controle policial.

Todavia, a partir do final de 1897, o estado de agitação constante no campo e nas cidades trouxe um novo período de forte repressão dos movimentos sociais e de suas associações, comandada pelo novo governo de Rudinì, que encontrava nesta sua ação autoritária o apoio do rei Umberto I e, obviamente, dos altos postos do exército. A partir de março de 1898, manifestações contra a imposição fiscal sobre o trigo e greves em vários setores industrias aumentaram até que, em maio de 1898, o exército foi chamado para reprimir os motins em várias cidades italianas, especialmente em Florença, Nápoles e

Milão. Nesta última cidade, o general Bava Beccaris (que foi, posteriormente, condecorado pelo rei por essa ação), que mandou dispersar as manifestações com tiros de canhão, deixou um saldo de 80 mortos e 450 feridos entre os civis.

O governo Rudinì, ao mesmo tempo em que os motins aconteciam em quase todas as regiões da Itália, promulgou decretos temporários que proibiam as associações (de qualquer tipo), o direito de greve e a militarização dos ferroviários. Em junho de 1898, o governo apresentou na câmara um projeto de lei que pretendia transformar estas medidas temporárias em definitivas, junto com a proposta de endurecer as lei de *domicilio coatto*. As propostas não se tornaram leis, mas o controle policial sobre as associações operárias, socialistas, anarquistas, republicanas e também sobre as sociedades mútuas, intensificou-se a ponto de dificultar o desenvolvimento habitual de suas atividades.

Também nos países de imigração, sobretudo nas comunidades italianas dos centros urbanos dos países americanos, os consulados agiram durante o governo Crispi, nos anos anteriores a 1898, no sentido de reprimir igualmente as associações, consideradas subversivas pelo governo, que eram formadas por trabalhadores italianos de várias tendências políticas.

A situação de maio de 1898 refletiu-se, obviamente, também no âmbito das comunidade italianas do Estado de São Paulo. O conflito, já existente no estado entre associações de socorro mútuo anti-monarquistas e as fiéis ao governo e à família Savóia, inseriu-se no contexto dos acontecimentos recentes, juntando a isso também a atividade de alguns grupos políticos formados por anarquistas italianos (os que redigiam o periódico *Il Risveglio*) e os republicanos e socialistas italianos que agiam conjuntamente na recém

[150] Muitos militantes anarquistas e alguns socialistas sofreram este tipo de medida, que os obrigava (por isso *coatto*) a ficar presos nos vilarejos de pequenas ilhas italianas, após ter passado alguns meses em fortes e

fundada *Lega Democratica Italiana*, uma sociedade sobretudo política, mas que, como veremos, tinha em seus estatutos também o objetivo da assistência mutualista.

Foi justamente a *Lega Democratica Italiana* de São Paulo, que foi fundada nos moldes da quase homônima *Lega per la Difesa della Libertà*, criada, em 1894, na Itália pelos radicais e republicanos e nas quais confluíram os militantes socialistas dispersos depois da dissolução temporária do *Partito Socialista* e os líderes sindicais das *Camere del Lavoro*, também obrigadas, por alguns anos, a fecharem suas portas. Essa liga organizou, a partir de junho-julho de 1898, uma grande subscrição em favor das famílias das vítimas da repressão e dos militantes presos a partir de maio 1898 ou condenados ao *domicilio coatto*[151].

Em plena campanha para arrecadar estas subvenções, enquanto algumas sociedades italianas recusaram-se a fornecer este auxílio, mandando de volta as listas de subscrição que lhes tinha sido enviada pela *Lega Democratica*, chegou o dia da comemoração do XX de Setembro. Polemicamente, a *Lega Democratrica Italiana* (LDI) publicou um número especial neste dia, dedicado às vitimas da repressão na Itália, e, ao mesmo tempo, como evidente folha de protesto contra as associações italianas que se recusavam a participar da campanha, também com o objetivo de frear uma frente unida anti-monarquista que deveria realizar uma manifestação contra as comemorações organizadas pelo consulado italiano com o apoio de muitas sociedades patrícias de socorro mútuos, recreativas ou instrutivas.

A própria LDI criticava nas páginas do jornal a suposta neutralidade de muitas mútuas italianas, que, embora tivessem declarado em seus estatutos que eram apolíticas, e que portanto estava proibida qualquer tipo de manifestação política ou religiosa no seu

---

prisões.
[151] *Il Risveglio*, do n. 23, 29-06-1898 ao n. 36, 11-09-1898.

interior, *"cada vez que realizam a menor festa social, ou participam de uma manifestação pública ou demonstração coletiva, logo estas assumem um caráter explicitamente político no sentido monárquico-dinástico. Os operários filiados a estas associações só se interessam pelo socorro mútuo* – continua a LDI – *e em caso contrário não seriam membros delas, mas para alguns presidentes e para algumas diretorias, o socorro mútuo é somente um meio para poder unir os operários e servir-se depois das Sociedades para seus objetivos políticos. Os sócios deveriam protestar, mas não reagem porque, na sua maioria, acreditam que trata-se simplesmente de demonstrações de italianidade, que no exterior elas tenham obrigatoriamente, mas somente aparentemente, as cores políticas do governo patrício e, portanto, deixam de lado seus protestos no interesse da colônia"*[152].

Ao contrário, a LDI esclarece que ela também têm nos seus estatutos o socorro mútuo, a instrução, a educação e a irmandade entre os sócios, como nas outras sociedades italianas, mas não inseriuo artigo (hipócrita, segundo ela) que proíbe as associações de tomar posições políticas abertas ou de discutir sobre política dentro dela[153].

De fato, através de uma análise global dos estatutos de boa parte das *SIMS* italianas que surgiram em São Paulo entre 1878 e 1918, conclui-se que todas declaravam nos estatutos que a sociedade era apolítica e arreligiosa, respeitando, teoricamente, todas as posições políticas e todas as crenças religiosas.

Claramente, isto criava toda uma série de desentendimentos, pois eram os conselhos que deviam decidir a oportunidade de participar de manifestaçõess organizadas por sociedades patrícias irmãs. Neste caso específico, por exemplo, a participação nas comemorações do dia XX de setembro podia ser considerado uma manifestação política de

[152] "Noi e gli altri", *XX Settembre*, n. 20-09-1898, p. 1, (Tradução do italiano feita por mim).
[153] Ibidem.

apoio à política repressiva do governo na Itália, assim como fazer uma subscrição para as vítimas dos acontecimentos de maio 1898, podia ser justificada somente como ajuda a patrícios necessitados. A realidade era que havia dois grupos distintos no mundo do associaciosnimo italiano em São Paulo, e suas divisões siginificavam, efetivamente, ser ou não a favor do governo italiano em um momento muito delicado de conflitos sociais, que refletiam-se no arquipélago das comunidades italianas de imigrados.

Em algumas *SIMS*, como a *Calabresi Uniti*, por exemplo, o dia 20 de setembro era considerado festa oficial da sociedade e *"la maggiore affermazione della nazionalità italiana"*[154]. As mútuas de italianos do sul estavam todas do lado do consulado, apoiavam abertamente a conduta do governo italiano e eram dominadas por diretorias nas quais havia somente industriais e comerciantes, que já havia alguns anos tinham-se estabelecidos em São Paulo, como Alessandro Siciliano, Schiffini (proprietário de uma fábrica de chapéus já naquela época) G.G. Splendore, Francesco Caltabiano Guerreira, Antonio Pepe e sobretudo o seu filho Gaetano Pepe[155].

Algumas linhas deveriam ser dedicadas a Gaetano Pepe, o principal animador do mutualismo meridional, nacionalista convicto, típico expoente dos empresários do sul da Itália residentes em São Paulo. Ele nasceu em 1875, em Sicignano, na província de Salerno, a mesma área de onde veio o núcleo mais forte de italianos da Campania residentes em São Paulo, o Cilento (o mesmo de onde vinha a família Matarazzo). Quando criança, Pepe seguiu o pai, Antonio, que emigrou para o Brasil antes da emigração de massa, tanto que

---

[154] Art. 34 dos estatutos da *Società Calabresi Uniti Tommaso Campanella*, in: *Diário Oficial de São Paulo*, n. 1832, 09-10-1897, p. 21864.

[155] Estatutos das *SIMS*: *Unione Meridionale*, *Campania*, *Calabresi Uniti*, *Trinacria* e *Ausonia*, respectivamente no *Diário Oficial de São Paulo*, n. 84, 13-04-1899, p. 800; n. 1807, 07-09-1897, p. 21443; n. 1832, 09-10-1897, p. 21864; n. 62, 16-03-1899, p. 594; 1821, 25-09-1897, p. 21652 e comparando com os dados contidos em *Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1897*. São Paulo, s.d.

em 1888, ele retornou à Itália para estudar. Terminado o segundo grau em 1893, ele volta para o Brasil e começa a trabalhar na empresa do pai. É neste período que ele participa da fundação da *SIMS Campania* e da *SIMS Ausonia*. Em 1898, vai para a Itália novamente, onde presta o serviço militar na cavalaria, seção militar aberta somente à burguesia italiana. Volta em São Paulo em 1900, onde participa da fundação da *Umberto I* assumindo definitivamente a direção da fábrica de chapéus na qual o pai era sócio, a *Matanò, Serricchio e Cia.*[156]. No momento em que as sociedades de italianos do sul apareciam nas manifestações da comunidade ítalo-paulistana mais para afirmar sua legitimidade, e tinham-se tornado as principais sustentadoras da política do governo italiano, a LDI punha-se à frente de um movimento contrário que tentava deslegitimar a festa do Vinte de Setembro em São Paulo. A LDI declarava que teria sempre recusado a sua *"adesão a todas as demonstrações públicas e particulares que não tem um caráter puramente democrático-popular"* e que um de seus objetivos era contrastar o patriotismo nacionalista:

> "Combateremos aqueles que, por interesses pessoais, tentassem despertar o sentimento pátrio nas massas populares para instigar os operários italianos contra outras nacionalidades, sendo que o nosso desejo é o de manter e aumentar entre eles a harmonia e a comunhão de intenções, sabendo que estes elementos estão destinados um dia a confundir-se, porque hoje constituem a semente da nova e futura população paulistana"[157].

[156] Nos anos sucessivos, Gaetano Pepe participará da diretoria do hospital italiano "Umberto I", do *Patronato* e do *Istituto Dante Alighieri*. Ver Umberto SERPIERI, *Un assertore d'italianità*, São Paulo, Pocai, 1917.
[157] "Noi e gli altri", *XX Settembre*, n. único de 20-09-1898, p. 1 (tradução minha).

Mas quantas sociedades e grupos aderiam à frente criado pela *Lega Democratica*? A LDI tinha distribuído 291 listas em São Paulo e no interior para a subscrição *pro vittime politiche*, mas somente 63 destas voltaram a ela acompanhadas por subvenções (no total 1: 500$000 réis), enquanto as listas restantes voltaram em branco. Entre estas estavam todas aquelas enviadas aos principais comerciantes e banqueiros da cidade (as únicas exceções nesse âmbito foram as dos *Irmãos Puglisi* e da *Matarazzo e C.* que, todavia, contribuíram com muito pouco).

Entre os que responderam positivamente à subscrição promovida pela LDI estavam imigrantes espalhados por todo o estado e entre as sociedades e grupos italianos de São Paulo: a *Unione Veneta San Marco*, a *Banda Musicale Giuseppe Verdi*, a *Galileo Galilei*, o *Grupo Reduci Patrie Battaglie*, a *Società Cosmopolita dei Cappellai*. Responderam negativamente: o *Circolo Morosini*, a *Ettore Fieramosca*, o *Circolo Fratelli Bandiera*, a *Militi Italiani*, a *Fratellanza Italiana del Cambucy*, a *Leale Oberdan*, a *Vittorio Emanuele II*, a *Loja maçônica Ragione* e todas as *SIMS* de italianos do sul[158].

As mesmas sociedades que se aliaram à LDI, abstiveram-se também de comemorar o dia vinte de setembro, assim como fez a própria LDI[159].

Freqüentemente, porém, as divisões ocorriam também no interior das sociedades, como demonstra o caso da *Fratellanza Italiana do Cambucy*, cujo presidente, Umberto Campetti, demitiu-se e saiu da sociedade porque o conselho recusou a sua proposta (somente 1 voto favorável) de participar desta subscrição, fato que lamentava, pois considerava absurda a recusa a *"socorrer a miséria do povo, fuzilado pelas guardas da monarquia, enquanto*

[158] "Nota bene", *XX Settembre*, n. único de 20-09-1898, pp. 2-3. Os únicos estrangeiros que participaram foram os socialistas alemães.
[159] *XX Settembre*, n. único de 20-09-1898, p. 3.

pedia pão e trabalho", referindo-se evidentemente aos mortos de Milão de maio de 1898[160].

Este *"feticismo monarchico"* como o definiu a LDI, tinha chegado, naquele momento, a tal ponto que, no caso de uma outra subscrição, promovida pela *Galileo Galilei* a favor das famílias que sofreram um surto de febre amarela em São Carlos do Pinhal, uma *SIMS* tinha-se recusado a participar somente porque a sociedade que a promovia trazia no seu nome a palavra *"Democratica"*[161]. A *Galileo Galilei* e a LDI estavam, de fato, muito ligadas naqueles anos, tanto que a LDI colaborou para realização do projeto de facilitar a abertura de escolas gratuitas em todos os bairros populares da cidade[162].

Havia, então, todas as condições para que as manifestações de comemoração do vinte de setembro, no ano de 1898, explodissem em embates violentos, o que, de fato, se verificou.

Vaiando as associações que acompanhavam o grupo do cônsul Gioia, quando este guiava o cortejo comemorativo, os sócios das *SIMS* anti-monarquistas, juntamente com os anarquistas de *Il Risveglio*, tiveram que enfrentar a reação dos membros de várias outras *SIMS*. Em um certo momento, alguns anarquistas e alguns sócios da *Calabresi Uniti* e da *Trinacria* começaram a disparar uns nos outros até que estes últimos perseguiram o anarquista italiano Polinice Mattei, que tinha ficado isolado, e o espancaram até morrer[163].

---

[160] Lettera di Umberto Campetti a Giovanni Ferrari, *XX Settembre*, n. único de 20-09-1898, p. 3. (tradução minha).
[161] "Noi e gli altri", *XX Settembre*, n. único de 20-09-1898, p. 1.
[162] "Centro d'istruzione", *XX Settembre*, n. único de 20-09-1898, p. 3.
[163] Veja a coleção do jornal *Il Risveglio* de setembro e outubro de 1898 ou a reconstrução feita por Gigi Damiani em *A Plebe*, n.12, 20-09-1919.

CAPÍTULO 3

A EXPANSÃO DOS SOCIALISTAS ITALIANOS EM SÃO PAULO NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX: SUAS RELAÇÕES COM AS OUTRAS SOCIEDADES ITALIANAS E SEU PAPEL NO NASCIMENTO DAS LIGAS OPERÁRIAS DE RESISTÊNCIA

3.1

A ATUAÇÃO POLÍTICA DOS SOCIALISTAS E REPUBLICANOS ITALIANOS EM SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XX: A "LEGA DEMOCRATICA ITALIANA", O "CIRCOLO SOCIALISTA", O "CIRCOLO REPUBBLICANO".

No dia 20 de outubro de 1900 aparece em São Paulo o primeiro número do semanário socialista *Avanti!*, homônimo do órgão do *Partito Socialista Italiano* (PSI) publicado em Roma. A este episódio está ligado o despertar do movimento socialista de língua italiana na cidade de São Paulo, depois da grande repressão realizada pela polícia paulistana e pelo consulado italiano em 1894. Naquele ano, sob denúncia do cônsul italiano de São Paulo de Brichanteau, ao mesmo tempo que ocorria na Itália a repressão do governo Crispi às organizações operárias nascentes, socialistas e anarquistas mas também republicanas, a polícia paulista chegou a prender os líderes mais importantes das mesmas formações políticas em São Paulo, chegando até mesmo a invadir o círculo onde os

socialistas italianos estavam reunidos para preparar as manifestações do Primeiro de Maio[1]. A maioria dos presos de então os encontramos de novo alguns anos mais tarde, e não somente nas fileiras socialistas, mas também em posições de direção nas sociedade italianas de socorro mútuo e nos jornais, como é o caso de Vitaliano Rotellini, diretor do *Fanfulla*, ou de Domenico Rangoni, eleito na comissão executiva da mais organizada sociedade italiana de São Paulo na época, a *Galileo Galilei*, os dois mais próximos do republicanismo mazziniano, mas na sua versão mais moderada[2].

Este renovado movimento socialista paulistano, ocorria também depois que a morte do rei Umberto I, em julho de 1900, havia explicitado dentro da comunidade italo paulistana, as divisões políticas que a caracterizavam intensamente já desde a primeira leva de massa de imigrantes de 1889-1892. Em parte esta reorganização, que na verdade vinha de um longo processo de reflexão sobre o movimento socialista internacional e em particular italiano, este último sempre em concorrência com o movimento anarquista, forte de associações, grupos, e que disputava com os marxistas a liderança das ligas sindicais nascentes, começou como resposta ao aparente despertar nacionalista na comunidade italiana, em ocasião das comemorações em homenagem ao rei Umberto I. Um clima anti-subversivo era presente tanto na Itália quanto nas comunidades de italianos no estrangeiro, onde os vários consulados tentavam amenizar o evidente desinteresse que a Itália mostrava em relação aos milhares de imigrantes: de fato, o atentado de Gaetano Bresci, foi um dos tantos que foram planejados justamente no arquipélago antimonarquista espalhado nas comunidades italianas nas Américas. Por outro lado, os meses seguintes ao assassinato do rei mostraram no plano nacional que os ambientes próximos à família real haviam decidido

[1] "Il Conte Brichanteau", *Avanti!*, n. 26, 13-4-1901, p. 2.
[2] Sobre Rangoni e a *SIMS Galileo Galilei* ver *Sempre Avanti!* , n. 3, 16-12-1903.

mudar de rumo em relação ao movimento operário e socialista: a partir de 1900, o novo governo italiano começou a contar com o apoio na Câmara para algumas leis dos deputados assim chamados radicais, isto é, eleitos por coligações do PSI, do *Partito Repubblicano Italiano* (PRI), e de movimentos genericamente social-progressistas, às vezes contando também com votos de protesto dos anarquistas. Várias, além disso, começaram a ser as prefeituras governadas pela mesma coalizão, usualmente chamada de *radicale*.

A publicação do jornal *Avanti!*, cujo redator responsável era Alceste De Ambris, foi possível graças ao bom andamento da *Lega Democratica Italiana* (LDI), associação que desde 1898 reunia em São Paulo os italianos antimonarquistas, com o fim de deter a difusão de sociedades populares italianas de simpatia monarquista nos vários bairros paulistanos, como por exemplo a *Unione Meridionale*, que tinha estreitas ligações com a família Matarazzo. Pudemos observar que a LDI funcionava como um abrigo societário cuja sede hospedava as mais variadas associações, compreendendo a *Società Anonima Avanti!*, que possuía através de ações compradas por muitos artesãos, comerciantes e até operários especializados de São Paulo, o jornal do mesmo nome.

A LDI era uma *società popolare*, termo no qual eram compreendidos todos os tipos de agremiação de italianos em São Paulo, desde mutualistas até as mais explicitamente políticas, ou de lazer, com exceção das ligas de ofício, todas tendo o status de sociedade italiana que tinha direito de participar das discussões relativas à coletividade italiana em São Paulo[3]. Embora com um caráter político marcante, o antimonarquismo, não chegava a ter uma tendência política explicitamente ligada a um ou outro partido, mas cumpria justamente a função de coordenar a atividade de grupos e indivíduos que não se

reconheciam na Itália monárquica, ainda que a maioria de seus componentes fosse de matriz socialista, e que poucos fossem anarquistas[4]. Todavia, a função da LDI era de constituir um espaço de debate, e confronto aberto, ainda que com o tempo tenha ficado clara sua estreita ligação com os socialistas, como a inauguração de um busto de Karl Marx em 1901 na sala principal[5], e a presença de uma maioria socialista dentro de seu *Consiglio Direttivo*, atestam: tanto em 1900 como em 1901, por exemplo, os presidentes são dois líderes socialistas, Alcibiade Bertolotti e depois Cesare Golfarelli[6].

Veremos mais adiante qual foi a função da sede física da LDI, mas vale a pena sublinhar mais uma vez que esta era uma sociedade estruturada de forma parecida com as outras *popolari* e mutualistas italianas presentes em São Paulo, isto é, com um presidente, tesoureiro, e um conselho executivo e que reunia seus sócios em assembléias gerais (às vezes extraordinárias) regularmente, e todos os cargos eram eletivos. Entre as atividades organizadas pela própria LDI, isto é, que não somente utilizavam as salas de sua sede, mas que eram expressão de uma unidade de ação entre as forças políticas dos sócios que dela participavam, temos entre outras a comemoração do 13 de Maio (13-5-1901)[7], a festa em memória de Giuseppe Garibaldi (2-6-1901)[8], a conferência de Alceste De Ambris em prol da organização sindical: "Il dovere della resistenza" (15-6-1901)[9], a comemoração da

---

[3] As referências a este termo são muitas, tanto no *Avanti!*, como no *Sempre Avanti!* ou em folhetos e opúsculos, cada vez que havia uma reunião aberta a várias sociedades. Um exemplo sobre todos, "Società Italiana di Beneficenza", *Avanti!* n. 43, 10-08-1901 para o caso do hospital italiano *Umberto I.*

[4] Na festa os oradores foram De Ambris, Bertolotti e Golfarelli, "La vigilia alla Lega Democratica", *Avanti!*, n. 29, 01-05-1901, p. 2.

[5] *Avanti!*, n. 46, 31-08-1901, p. 3.

[6] *Avanti!* n. 1, 20-10-1900 e seguintes, e "Lega Democratica Italiana" n. 21, 09-03-1901, p. 3, eleições da nova diretoria da LDI.

[7] "13 Maggio", *Avanti!*, n. 30, 11-05-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 31, 20-05-1901, p. 3.

[8] "Per Giuseppe Garibaldi", *Avanti!*, n. 33, 01-06-1901, p. 3.

[9] *Avanti!*, n.37, 29-06-1901, p. 3.

revolução francesa (14-7-1901)[10], todas elas com uma notável participação de operários, militantes e simpatizantes, não somente italianos.

Este reconhecimento da centralidade das *società popolari*, respondia para os socialistas italianos a uma prática política que vinha de anos de semi-clandestinidade, mas que demonstrava sua eficácia organizativa, particularmente em alguns contextos considerados difíceis, onde a presença de associações sindicais era rara e rarefeita (o sul da Itália, o próprio Brasil), ou onde era importante o papel agremiativo representado pelas sociedades étnicas (as comunidades italianas no estrangeiro: *l'altraitalia*). Além disso, a década passada de repressão violenta tinha deixado como marco a tendência das várias forças internacionalistas a encontrar espaços unitários de luta e atuação. Toda esta série de fatores estava presente na formulação das deliberações do *VI Congresso Socialista Italiano*, que foi realizado em Roma em setembro de 1900, exatamente um mês antes do nascimento do semanário redigido por Alceste De Ambris.

Como apresentado nos primeiros números do *Avanti!* paulistano (e em conferências na LDI), e como depois a atividade do grupo socialista italiano de São Paulo veio a mostrar, estas novas deliberações do Partito Socialista Italiano (PSI) guiaram também a estratégia destes militantes aqui no Brasil.

No congresso, falava-se literalmente para que "se cuide da organização econômica dos trabalhadores, constituindo ligas de oficio, ou pelo menos ligas operárias misturadas [..] e que seja obrigação de todos os companheiros inscrever-se nas respectivas organizações econômicas de resistência, promovendo a constituição destas onde faltam, convencer os trabalhadores a participar da organização e da luta econômica com a política, conquistar

[10] "14 Luglio", *Avanti!*, n. 40, 20-07-1901, p. 3.

Sociedades Operárias, Cooperativas de socorro mútuo, para dar a elas um rumo em sintonia com os princípios do Partido"[11] .

Além disso, todavia, havia a referência importante aos trabalhadores italianos que moravam no exterior, exigindo que os companheiros socialistas nas Américas, na Austrália, na Suíça e na França, levassem-no a entrar nas organizações dos países de acolhida, portanto convidando a evitar o isolamento em agremiações sindicais e políticas italianas, o que, dada a situação brasileira, permaneceu no campo da teoria[12]. A inexistência de partidos da Segunda Internacional no Brasil impedia que os grupos socialistas atuassem neste sentido, pelo contrário, em São Paulo havia o paradoxo dos grupos políticos italianos serem incentivo para os outros, que eram, quando existiam, pequenos clubes de profissionais paulistanos, que nem conseguiam atrair em suas fileiras os imigrantes portugueses. Todavia, tanto a LDI, quanto o recém nascido *Circolo Socialista "Avanti!"* atuaram no sentido de forçar o nascimento de um Partido Socialista Brasileiro.

A história desta tentativa começa exatamente em janeiro de 1901, quando uma Comissão provisória publica uma circular para a formação de uma federação internacional, ou a organização de um partido republicano radical ou socialista (a dúvida mostra, aliás, como era forte o modelo eleitoral de união política entre republicanos e socialistas italianos), a ser realizada a partir de uma reunião na sede da LDI: a comissão era formada por Domingos Mirolla, Carlos Delfrate, Bernardino Ferraz, Benjamim Mota, Arthur Breves, Estevam Estrella, mas vale a pena notar que os primeiros eram italianos, apesar de

---

[11] Tradução do texto: *"si curi l'organizzazione economica dei lavoratori (specie nell'Italia meridionale) costituendo Leghe di mestiere, o almeno Leghe Operaie Miste [...] che sia obbligo di tutti i compagni iscriversi nelle rispettive organizzazioni economiche di resistenza, promuovendone la costituzione dove mancano, spingere i lavoratori ad integrare l'organizzazione e la lotta economica con quella politica, conquistare Società Operaie, Cooperative di Mutuo Soccorso, per imprimere loro un indirizzo consono ai principi del Partito [...]"*, "Il VI Congresso Socialista Italiano. Deliberazioni", *Avanti!*, n. 3, 02-11-1900, p. 2.

[12] "Dall'Italia. Il 6° Congresso Socialista", *Avanti!*, n.1, 20-10-1900, p. 2.

terem aportuguesado os nomes na mensagem[13]. Na reunião decidiu-se fundar um clube socialista, mas ainda em junho do mesmo ano encontramos no *Avanti!* uma mensagem feita pela mesma comissão: *"não havendo ainda uma agrupação de socialistas brasileiros [..] torna-se por isso urgente a fundação de um club dos socialistas naturaes do paiz e dos portuguezes [...]"*, convidando todos aqueles socialistas paulistanos, também estrangeiros, *"desde que conheçam a língua"*, a apresentar-se na casa do prof. Arthur Breves[14]. Nesta reunião chegou-se enfim a fundação de uma associação que tomou o nome (exagerado) de *Partido Socialista de São Paulo* (com sede na casa do próprio Arthur Breves)[15]. Em julho, todavia, a única sede apropriada para uma "reunião dos socialistas e operários que falam o idioma nacional" continua sendo a da LDI[16]. O caminho iniciado naqueles meses levou mais tarde ao apelo publicado em português também no *Avanti!*, que chamava todas as organizações socialistas do país a enviar sua adesão, até novembro de 1901, à realização de um II Congresso Socialista Brasileiro[17]. A comissão organizadora, desta vez, era formada por Bertolotti, Lorenzo Monaco e Estevam Estrella, e tinha sido formada em maio de 1901, em uma reunião que decidiu mover os primeiros passos para criar uma *Federazione Socialista dello stato di São Paulo*[18]. Deixei em italiano o nome da organização justamente para evidenciar que este movimento encontrava suas bases na organização interna do PSI, que era dividido na Itália por *Federazioni*, unidades provinciais do partido que ligavam vários círculos espalhados em uma certa província. De fato, a partir de janeiro 1901, o *Circolo Socialista "Avanti!"*, composto por todos os sócios da LDI integrantes do PSI,

---

[13] "Movimento Socialista Brasiliano", *Avanti!*, n.13, 12-01-1901, p. 3.
[14] "Club Socialista Brasileiro", *Avanti!*, n. 37, 29-06-1901, p. 3.
[15] "Organizzazione", *Avanti!*, n. 38, 06-07-1901, p. 3.
[16] "Club Socialista Brasileiro", *Avanti!*, n. 41, 27-07-1901, p. 3.
[17] "Partido Socialista. Commissão Central Provisória", *Avanti!*, n.51, 05-10-1901, p. 1; "Segundo Congresso Socialista Brasileiro", Ibidem, n. 52, 12-10-1901, p. 1.
[18] "Organizzazione socialista", *Avanti!*, n. 33, 01-06-1901, p. 2.

criou no seu interior uma Comissão de Propaganda com a tarefa de manter as ligações do *Circolo* com os outros grupos socialistas que iam nascendo nos centros urbanos do interior e em alguns bairros de São Paulo[19].

De qualquer forma, as ligações estabelecidas entre o *Circolo Socialista Avanti!* e outras organizações socialistas marxistas presentes em Recife e Porto Alegre, levou os socialistas de São Paulo a constituir, no II Congresso Socialista do Brasil, o Partido Socialista Brasileiro, ainda que nos moldes da estrutura e do programa do PSI. Da mesma forma, o *Circolo Socialista Avanti!* acreditou que podia contar com o apoio de socialistas de Pernabuco e Rio Grande do Sul para organizar uma manifestação em São Paulo com o fim de eliminar os artigos 205 e 206 do código penal federal, que proibiam a propaganda a favor da greve nos locais de trabalho[20]. Esta manifestação obviamente contava com a mobilização das recém nascidas ligas de resistência e sociedades populares italianas de São Paulo. Todavia, desta manifestação não encontramos nenhuma referência que indique a sua realização efetiva, assim como já tinha fracassado uma tentativa precedente de mobilização em prol de uma legislação social estadual, seguindo as tentativas de emenda propostas inutilmente pelos deputados estaduais Arthur Breves e Brazilio dos Santos, durante as discussões em julho de 1891 da constituição do estado de São Paulo[21].

Todos estes acontecimentos correspondiam à tentativa dos socialistas italianos de canalizar as exigências dos trabalhadores italianos de se organizarem economicamente e politicamente, em um movimento socialista autóctone pelo menos em São Paulo. Estratégia que todavia não pôde fugir do fato que o socialismo organizado em São Paulo era

---

[19] "Atti del Circolo Socialista Avanti!", *Avanti!*, n. 20, 02-03-1901, p. 1; 21, 9-3-1901 e "Organizzazione", *Avanti!*, n. 37, 29-06-1901, p. 3.
[20] "Art. 205 e Art. 206", *Avanti!*, n. 34, 08-06-1901, p. 1 e "Per il diritto di sciopero", *Avanti!*, n. 35, 15-06-1901, p. 1.

totalmente italiano, tanto em seus programas, como em suas táticas e propostas, e na maioria de seus líderes. O II Congresso socialista brasileiro (maio-junho 1902), mostrava essa caracterização na composição de seus 45 delegados, 28 dos quais italianos e 13 brasileiros, representando 42 organizações, das quais 32 do estado de São Paulo, sem nenhuma do Rio de Janeiro[22]. Não é de se estranhar, então, que Alcibiade Bertolotti no dia da comemoração do 13 de Maio, tenha dedicado parte de seu discurso às relações entre negros brasileiros ("ex-schiavi") e imigrantes italianos, esperando em uma futura coligação entre estas duas grandes comunidades de trabalhadores, relação que até então evidentemente não se realizava por toda uma série de fatores[23].

A luta para a aprovação de uma legislação social estava então entre os primeiros pontos do programa dos socialistas italianos, ainda que eles considerassem, como foi dito na mesma reunião do dia 13 de Maio, que a economia escravagista havia deixado traços tão profundos na psicologia das classes dominantes brasileiras para as quais, a abolição da escravidão não representava na sua mente o fim de um sistema, e que resistia a considerar a existência do "operaio nel senso moderno della parola"[24].

Mas se a via de fundar um Partido Socialista Brasileiro parecia voltada à dependência do elemento italiano, valia a pena então tentar também o caminho do movimento para a naturalização dos próprios imigrantes italianos, com o fim de criar, a este ponto, um partido social-progressista mais amplo, em parte copiando aquele modelo de coligação *radicale* que estava sendo experimentado na Itália, e que encontrava uma base na ação também de pessoas distantes das posições marxistas, como Rotellini e Rangoni, e que

---

[21] "La costituente", *Avanti!*, n. 27, 20-04-1901, p. 1.
[22] *Il Brasile egli Italiani*, Edizioni del "Fanfulla", Bemporad e Figlio, pp. 843-845.
[23] "13 Maggio", *Avanti!*, n. 31, 20-05-1901, p. 3.
[24] "Art. 205 e Art. 206", *Avanti!*, n. 34, 08-06-1901, p. 1.

podia contar com o apoio dos republicanos mazzinianos presentes na *Lega Democratica Italiana*, e das muitas sociedades italianas de São Paulo, que constituíam já por si espaços nos quais convergiam sócios de diferentes posições políticas, sendo teoricamente neutros. O tema da naturalização, aliás, era funcional também para a estratégia de criar um partido socialista nacional, mas no caso de uma formação política genericamente social-progressista, o objetivo era o de representar no plano estadual e local, simplesmente a grande massa de imigrantes italianos: dois projetos, então que se sobrepunham até certo ponto, ainda que saibamos que a maioria dos operários e artesãos era italiana.

Em 1902, com o fim de chegar a uma solução rápida desta questão, Vitaliano Rotellini publicou um importante texto que resumia as respostas de importantes políticos (até o Ministro das relações exteriores) italianos, à pergunta por ele posta sobre a legitimidade da naturalização dos mais de 600.000 italianos de São Paulo[25]. As respostas foram em sua maioria ambíguas, não sendo também muito clara a legislação italiana em relação à perda da cidadania em caso de naturalização, ou melhor, no caso em que italianos participassem do processo eleitoral como candidatos ou como eleitores. Para muitos, todavia, a intervenção de um ponto de vista político dos imigrantes italianos era desejável, ou necessária. Todavia, nunca se chegou nos anos seguintes a uma naturalização em massa dos imigrantes, pelo menos os dos centros urbanos, embora tenhamos testemunhos que indicam que esta via foi tentada ainda até a metade dos anos vinte, mas podemos salientar que no nível local talvez isto não fosse tão importante, visto que havia participações de candidatos italianos como vereadores já em 1901, pelo menos no interior[26].

---

[25] Rotellini, Vitaliano, *Astensione o elettorato? Un grave problema*. São Paulo, Pubblicazioni del "Fanfulla", 1902.

[26] Ver o caso das eleições municipais em Dourado, por exemplo, onde se candidata um socialista ligado ao *Circolo* de São Paulo. *Avanti!*, n. 50, 28-9-1901

Paralelamente à atividade da LDI como entidade, os dois grupos políticos principais que operavam dentro dela, os socialistas e os mazzinianos, foram criando seus próprios núcleos, cujas atividades, todavia, não excluíam a presença em alguns momentos, dos não sócios.

Do *Circolo Socialista "Avanti!"* já falamos parcialmente. Este grupo foi fundado em dezembro de 1900, com uma numerosa assembléia, com o fim de reiniciar a organização de partido entre os italianos residentes em São Paulo[27]: o responsável do círculo era Alceste De Ambris, mas logo depois foi eleito secretário o tipógrafo Lorenzo Monaco. Na verdade, o grupo foi refundado, pois entre o final de 1898 e parte de 1899 os mesmos militantes organizavam um círculo com o mesmo nome[28]. Como a própria *Lega*, a sua estrutura organizativa e a sua atividade eram reguladas por um estatuto, idêntico ao de tantos outros círculos ligados ao PSI na Itália[29]. A sua vida foi se desenvolvendo tranqüilamente, sem muitos altos e baixos: ao lado de sócios que não participavam assiduamente, ou atrasavam o pagamento das cotas mensais, houve várias admissões de novos sócios no seu primeiro ano de vida[30]. A sua função principal, era a de coordenar a atividade de todos os socialistas italianos de São Paulo, dando uma direção política segundo as propostas do PSI, que eram a da Segunda Internacional, à vida política dos italianos dentro da comunidade, mas também (como já vimos) participar da construção de um

---

Na entrevista à senhora Maria Luisa Stocco, referindo-se ao caso do tio, nascido na Itália, mas que ia concorrer às eleições municipais em Charqueada, ela mesmo notava como a verificação da naturalidade nos cartórios nos pequenos centros nunca era feita com muito cuidado: usar os italianos nas eleições era muitas vezes indispensável.

Mas em São Paulo também, por exemplo, *Il Risveglio*, denunciava as tentativas de Nicolino Matarazzo, delegado de polícia em São Paulo e parente de Francesco, de alistar como eleitores vários italianos sob ameaça. *Il Risveglio*, n. 2, 16-1-1898

[27] "Per l'organizzazione socialista", *Avanti!*, n. 8, 08-12-1900, p. 3.

[28] Ver *O Socialista* (São Paulo), 1898. Em particular, n. 64, 17-7-1898. Ver também *Il Risveglio* de 1899.

[29] "Società Popolari", *Avanti!*, n. 9, 15-12-1900, p. 3; Idem, Ibidem, n. 10, 22-12-1900, p. 3.

[30] Ver, entre outros números, *Avanti!*, n. 32, 25-05-1901.

partido socialista brasileiro. Como núcleo atuante da política do PSI em São Paulo, empregou seus sócios para a implementação de ligas de ofício. Entre outras atividades, havia obviamente as de propaganda, as vezes regulares como as "conversazioni di propaganda" semanais, que começaram em fevereiro de 1901, ou extraordinárias como a comemoração dos trinta anos da *Communa de Paris*[31], reuniões bastante numerosas, das quais não participavam somente os sócios do Circulo.

A componente republicana da *Lega Democratica Italiana* começou a se organizar autonomamente somente por volta de maio de 1901, por iniciativa de alguns sócios da LDI, que fundaram então o *Circolo Repubblicano "9 Febbraio"*, também chamado de *Circolo Repubblicano Sociale*, sendo constituído como a seção paulistana do *Partito Repubblicano* da Itália, isto é, o partido inspirado na doutrina social de Giuseppe Mazzini (PRI, também chamado *Partito Repubblicano Sociale* - PRS, em São Paulo, para se diferenciar do Partido Republicano Paulista),[32]. O programa do PRI tinha no primeiro ponto a transformação da Itália em uma república, mas, e isso diferenciava os republicanos italianos dos brasileiros, tinha como meta final uma república baseada no mazzinianismo intransigente, que sonhava com uma república social, cuja característica principal fosse a cooperação entre pequenos proprietários e operários: considerava como falsas repúblicas todas aquelas governadas pelos grandes lobbies liberais, ou por oligarquias, nesta avaliação cabendo, portanto, também o Brasil. Não comparável com o *Circolo Socialista "Avanti!"*, em número de sócios, este grupo, todavia, tinha uma composição operária,embora seja preciso lembrar que a palavra "operaio", naquela época, indicava no italiano todos os trabalhadores

[31] "Un comizio", *Avanti!*, n. 21, 09-03-1901, p. 3; "La Comune di Parigi", *Avanti!*, n. 22, 16-03-1901, p. 3; "La Commemorazione della Comune", *Avanti!*, n. 23, 23-03-1901, p. 2.
[32] "Circolo 9 Febbraio", *Avanti!*, n. 30, 11-05-1901, p. 3; "L'Italia Democratica", *Avanti!*, n. 34, 08-06-1901, p. 3.

manuais, desde os artesãos donos da própria oficina , até as crianças aprendizes, mas excluindo os profissionais[33] liberais. A sede do *Circolo Repubblicano* não coincidia com a da LDI, mas ficava no bairro do Bom Retiro[34], e embora isso significasse uma tomada de distância em relação à maioria socialista dominante nas sociedades que utilizavam a sede da LDI, sobretudo no período de nascimento de muitas ligas de ofício, não pretendeu marcar uma separação, que nunca aconteceu, dos colegas socialistas. Além de algumas poucas polêmicas, os republicanos italianos de São Paulo continuaram realizando, na medida do possível, ações comuns com o *Circolo Socialista*, quando não eram organizadas diretamente pela LDI, primeira entre várias, a organização do Primeiro de Maio de 1901 em São Paulo[35]. Vale a pena lembrar, enfim , que das reuniões do *"9 Febbraio"* participava muitas vezes o próprio Alceste De Ambris, redator do *Avanti!* e membro fundador de círculos socialistas e de ligas de ofício em São Paulo (foi ele, aliás, que participou da fundação, embora não fosse sócio, do *Circolo Repubblicano*)[36].

Após alguns meses, o *Circolo Repubblicano* iniciou a publicação de um órgão do PRS em São Paulo, *L'Italia Democratica* (semanário), que saiu pela primeira vez em junho de 1901, e regularmente somente a partir de setembro: o responsável pelo jornal, que vivia da colaboração também de socialistas, era Ferruccio Baldinelli[37].

---

[33] "Circolo 9 Febbraio", *Avanti!*, n. 30, 11-05-1901, p. 3.
[34] "Partito Repubblicano Sociale", *Avanti!*, n. 33, 01-06-1901, p. 3.
[35] "I° Maggio", *Avanti!*, n. 28, 27-04-1901, p. 2.
[36] "Circolo 9 Febbraio", *Avanti!*, n. 30, 11-05-1901, p. 3.
[37] "L'Italia Democratica", *Avanti!*, n. 34, 08-06-1901, p. 3; Idem, *Avanti!*, n. 48, 14-09-1901, p. 3; Idem, n. 49, 21-09-1901, p. 3.

3.2

OS SOCIALISTAS ITALIANOS E AS SOCIEDADES ÉTNICAS EM SÃO PAULO.

A comprensão de uma política que abrangesse todos os aspectos associativos da comunidade italiana em São Paulo contribuiu para que os socialistas italianos se esforçassem para de fato conquistar a diretoria do maior número possível de sociedades patrícias, tanto de socorro mútuo como recreativas, e ao mesmo tempo de exasperar os conflitos internos da comunidade italiana, que apareciam em momentos supostamente unitários, ou de discussão sobre problemas que envolviam necessariamente a *colônia* inteira.

No que se refere à relação dos socialistas italianos com as sociedades patrícias em São Paulo, teremos que introduzir a questão notando que havia já relações pré-existentes no mundo do associacionismo italiano bem antes que no *VI Congresso* o PSI aconselhasse todos os integrantes do partido a se interessar por este mundo. Aliás, na Itália, como mostra o surgimento de uma das primeiras grandes *Camere del Lavoro*, a de Turim, durante a década de 80 e 90 do século XIX, realizaram-se aqueles processos que levaram à união de várias sociedade de ajuda mútua, ou à transformação destas em ligas de oficio, e isto graças muitas vezes à contribuição dos militantes socialistas italianos, assim como de republicanos e até de anarquistas.

Significativamente, quando, planejando as atividades de criação de ligas de oficio, assim como uma mais estreita relação com outras sociedades populares, a LDI escolheu instalar-se nos novos locais do Largo da Memória, 2, (I a.), no Piques, foi seguida na nova sede também por duas antigas sociedades de socorro mútuo: a *Società di Mutuo Soccorso*

"Unione Veneta San marco" e a *Società Operaia di Mutua Assistenza*[38]. Estes dois *sodalizi*, sobretudo o primeiro, considerado uma "forte società", contavam com muitos sócios, e com uma longa atividade. A relação do presidente da *Veneta*, Boschini, com o Bertolotti era de antiga data, e os dois tinham suas lojas no mesmo edifício na Rua Florêncio de Abreu: Bertolotti era o dono da *Libreria Italiana*, enquanto Boschini possuía uma loja de alfaiate com o irmão[39]. A força da *Veneta*, residia provavelmente no alto número de imigrantes provenientes desta região do nordeste da Itália, que, embora em grande maioria contratados para vir trabalhar nas fazendas, em casos consideráveis se recusavam a entrar no latifúndio cafeeiro, preferindo permanecer nos centros urbanos e sobretudo na cidade de São Paulo, ou vinham do Brasil de estratos urbanos artesanais, junto com seus patrícios camponeses. Inclusive, a existência de uma sociedade italiana de caráter explicitamente regional vêneto, que mantinha estreitas ligações com a LDI e com o jornal *Avanti!* (mensagens da *Veneta* apareciam regularmente na seção do jornal "Società Popolari") questiona o discurso da historiografia sobre imigração italiana, que sempre considerou os Vênetos como desviados da ação política em grupos radicais pelo seu pressuposto e enraizado catolicismo conservador. Neste sentido, aliás, descobrimos como até mesmo comunidades de Vênetos notoriamente consideradas católicas, tradicionalistas e conservadoras como as do sul do Brasil, mostravam, pelo contrário, uma presença notável no seu seio de militantes e simpatizantes socialistas, como demonstra uma lista de subscrição ao jornal *Avanti!* proveniente de Bento Gonçalves, assinada por 35 imigrantes vênetos[40].

[38] "Società Popolari", *Avanti!*, n. 2, 27-10-1900, p. 3 e Idem, *Avanti!*, n. 3, 03-11-1900, p. 3.
[39] Propagandas em todos os números na quarta página.
[40] "Sottoscrizione permanente a favore dell'Avanti!", *Avanti!*, n. 45, 24-08-1901, p. 3.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

A *Unione Veneta San Marco* era uma sociedade dedicada exclusivamente à assistência de seus sócios, e como muitas outras da época na Itália, utilizava as festas com baile como um dos meios regulares de financiamento, além, obviamente, das contribuições dos sócios. As festas dançantes desta sociedade, tipo de financiamento utilizado também pelo *Circolo Socialista Avanti!*, e pela LDI, e depois por muitos sindicatos em São Paulo, eram comunicadas no *Avanti!* com vários dias de antecedência, e durando até as primeiras horas da manhã, eram lotadas de operários italianos e de suas famílias[41].

A *Società Operaia di Mutua Assistenza* tinha também as mesmas funções da *Veneta*, mas era constituída por um número menor de sócios, embora talvez com uma caracterização política mais forte, sendo composta também por homens que tinham participado das últimas guerras garibaldinas, propondo-se, então, como uma daquelas sociedades nas quais é perceptível, na passagem das velhas para as novas gerações, a continuidade entre os movimentos independentistas italianos revolucionários e os internacionalistas dos anos 1890, sobretudo de matriz mazziniana Vale a pena dizer, de fato, que o secretário desta sociedade era Balvettti, também secretário do *Circolo Repubblicano Sociale*[42], e que em 1900 a *Società Operaia* organiza uma comemoração no cemitério do Araçá no túmulo do republicano italiano Nicola Narratone, ao mesmo tempo em que, na Itália, ocorrem manifestacões do mesmo tipo pela morte de um dos amigos queridos de Giuseppe Garibaldi, Nicola Stocchi[43].

Todavia, além destas duas sociedades, o próprio Alcibiade Bertolotti, nos tempos em que dirigia o jornal socialista de São Paulo em língua italiana, *Il Messaggero*, propôs um congresso de refundação daquela que devia ser a principal sociedade italiana de socorro

[41] Entre outros, ver "Festa da ballo", *Avanti!* n. 11, 29-12-1900, p. 3.
[42] "Società Popolari", *Avanti!*, n. 13, 12-01-1901, p. 3.

mútuo da comunidade paulistana, nos moldes da *Umanitaria* de Milão: uma grande entidade assistencial, parcialmente financiada pelo governo italiano, que cobria as funções de cooperativa social com o fim de nivelar os preços dos bens de primeira necessidade e de fornecer assistência hospitalar, e também ajuda nos períodos de doença e na velhice aos sócios operários.

Naquele período, um grupo de simpatizantes socialistas pôs em questão a gestão da recém nascida *Società Italiana di Beneficenza* e o fato de que o hospital "Umberto I", principal seção dela, fosse somente um edifício em construção abandonado. Estas pessoas reorganizaram a sociedade em março de 1892, em uma reunião na sede do jornal *Il Messaggero* de São Paulo, escrevendo um *Statuto* que após oito anos ainda não tinha sido aplicado. O estatuto baseava-se em algumas idéias que previam a fundação de uma Sociedade Italiana que atuasse em diversas direções, através de quatro seções: 1) Seção de Socorro Mútuo, para formar uma companhia de seguro saúde e acidentes no trabalho; 2) Seção Hospital, a fim de dar assistência médica aos italianos pobres e aos sócios da sociedade, com as mesmas condições de tratamento; 3) Seção de Socorros, para dar passagens àqueles imigrantes que não tinham condições de repatriar; 4) Seção de Instrução, para subsidiar escolas de ensino elementar (dos seis aos oito anos) e profissionais, com o fim de aumentar o grau de especialização dos trabalhadores italianos da cidade[44].

As bases originárias dos estatutos de 1892 são especificadas, argumentando que a seção instrução deveria subsidiar escolas para os filhos dos sócios, enquanto o hospital deveria ser dividido em uma parte dedicada à assistência dos sócios da instituição, mais os

[43] "San Paolo. Una commemorazione" e "Società Popolari", *Avanti!* n. 2, 27-10-1900, p. 3.
[44] "San Paolo. L'Ospedale Umberto I", *Avanti!*, n. 2, 27-10-1900, p. 2.

sócios de outras sociedades italianas de socorro mútuo (que, no caso, pagariam as despesas), e uma outra parte que serviria para atender as exigências dos imigrantes privados de recursos, pobres, desempregados ou inválidos.

Em relação à questão do *Ospedale Umberto I*, o objetivo dos socialistas italianos era associar os italianos em São Paulo, incluído o interior, e converter o espírito de beneficiência (que criava dependência destes trabalhadores com os *maggiorenti* da comunidade ítalo paulistana) em previdência e assistência mútua, fundando uma sociedade em torno de um núcleo de sócios formado por pequenos comerciantes, artesãos, e operários especializados, os únicos que tinham a possibilidade de transferir parte do salário para um fundo comum, mas sem excluir os trabalhadores não especializados, pelo menos os indigentes. Esta estratégia fracassou justamente pelo conflito que reinava dentro da *Società Italiana di Beneficenza* entre estas camadas sociais próximas aos socialistas e os jovens empresários da comunidade paulistana, que conseguiram expulsar os outros e fechar a entrada de novos sócios: uma estratégia em parte decidida com o consulado de São Paulo, e cujo resultado foi, segundo o juízo dos próprios socialistas italianos, o de dispersar as forças sociais e a assistência em muitas associações pequenas, com uma vida "anêmica"[45].

As críticas à incapacidade da elite da comunidade, mas também a muitos trabalhadores que não tentavam por em dia a questão da ausência de uma grande sociedade beneficiente italiana, usavam como exemplo a *Sociedade Beneficiência Portuguesa*, considerada eficiente, visto que contava com milhares de sócios, graças ao fato que boa parte dos imigrantes portugueses de São Paulo, logo após a chegada tendia a procurar ajuda na sociedade beneficiente nacional[46]. De fato, o presidente da *Italiana di Beneficenza* em

[45] Idem, Ibidem.
[46] "São Paulo. L'Ospedale Umberto I", *Avanti!*, n. 3, 03-11-1900, p. 3.

1900, o Dr. Pignatari, em seu relatório de março previa que, como a *Sociedade Beneficiente Portuguesa*, com uma comunidade de 30-40.000 pessoas chegava a ter mais de 3.000 sócios, a italiana, que podia contar com uma comunidade de quase 1 milhão de patrícios, poderia bem ultrapassar os mil sócios, coisa que ainda não acontecia[47].

A campanha dos socialistas contra a *Società Italiana di Beneficenza*, embora tivesse começado justamente com a aparição dos primeiros números do semanário *Avanti!*, e junto então com a estratégia dos socialistas de tomar posse das diretorias das sociedades de socorro mútuo, eclodiu em julho de 1901, quando em uma assembléia do *consiglio direttivo* da *Beneficenza*, alguns conselheiros ameaçaram demitir-se no caso em que não fosse esclarecido o porque dos atrasos no uso do dinheiro para a construção da seção mais importante desta sociedade, isto é o hospital "Umberto I"[48]. Este conflito interno foi explorado pelo *Avanti!*, e ao mesmo tempo pela *Società di Mutuo Soccorso Galileo Galilei*, ambos argumentando que os recursos econômicos da *Società Italiana di Beneficenza* tinham vindo de uma grande subscrição iniciada na década de 1890, e que envolveu todos os italianos do estado de São Paulo, e não somente os donativos dos sócios, na maioria empresários italianos ou profissionais liberais[49]. Portanto, a *Galileo Galilei* chamou todas as sociedades populares italianas a se reunir em uma grande assembléia para deliberar sobre alguns pontos fundamentais: a assembléia geral das sociedades deveria ter direito a) de intervir nas questões relativas à *Società Italiana di Beneficenza*; b) de solicitar a prestação de contas do balanço desta sociedade; c) de afirmar que o dinheiro em caixa nesta sociedade era já suficiente para a construção do hospital[50]. Os socialistas e republicanos

[47] "Società Italiana di Beneficenza", *Avanti!*, n. 42, 3-8-1901, p. 1.
[48] "Seduta tempestosa alla Società Italiana di Beneficenza, *Avanti!*, n. 38, 06-07-1901, p. 3.
[49] Ibidem e "Società Italiana di Beneficenza", *Avanti!* n. 40, 20-07-1901, p. 1.
[50] "Società Italiana di Beneficenza", *Avanti!*, n. 42, 03-08-1901, p. 1.

italianos participaram desta assembléia, além dos casos em que eram delegados por uma ou outra sociedade italiana, também como LDI, mas não através dos círculos explicitamente políticos, nas pessoas de Alcibiade Bertolotti e de Golfarelli, respectivamente tesoureiro e presidente da *Lega*[51]. Os dois conseguiram articular a discussão na assembléia de modo a por em votação uma proposta de referendum popular e comício público da comunidade italiana, constatando que as sociedades italianas lá presentes representavam somente uma parte desta comunidade[52]. Todavia, foi preciso organizar uma nova assembléia plenária das sociedades populares, sendo que muito delegados confessaram não ter um mandato explícito para votar sobre as questões postas pela *"Galileo Galilei"* e pela LDI. Nesta nova assembléia, os dois primeiros pontos foram aprovados por unanimidade; para efetuar o cumprimento do terceiro, foi formada uma comissão técnica da qual fazia parte também Bertolotti, enquanto o quarto ponto, proposto pela LDI, mostrou as divisões político-programáticas existentes entre as sociedades italianas, sendo que foi aprovado com 18 votos contra 6 (as associações presentes eram 21, todas de São Paulo capital)[53]. A este conflito político em relação à abertura, ou não, para a comunidade italiana, envolvendo nestas questões também os trabalhadores mais pobres (normalmente excluídos de algumas agremiações), alguns homens importantes da *colonia*, como De Felice, tentaram levantar um conflito regional que estava sempre prestes a explodir, argumentando que havia um plano dos *settentrionali* da comunidade para colocar, em lugar de Pignatari, calabrês, além do norte da Itália. Esta motivação, inclusive, foi utilizada para convencer presidentes de algumas sociedades italianas a votar contra as propostas da *Galileo Galilei* e da LDI[54].

---

[51] Ibidem (para os cargos ver "Lega Democratica", *Avanti!*, n. 21, 09-03-1901, p. 3).
[52] Ibidem.
[53] "Società Italiana di Beneficenza", *Avanti!*, n. 43, 10-08-1901, p. 2.
[54] "La questione dell'ospedale", *Avanti!*, n. 45, 24-08-1901, p. 2.

Todavia, as promessas do cônsul Attilio Monaco, de intervir para resolver a crise desta importante sociedade, levaram uma nova assembléia geral das sociedades a adiar a nomeação da comissão do *Comizio della Colonia*. O próprio *Avanti!*, ainda que crítico em relação ao fato de que a demissão do presidente Pignatari e a eleição do novo conselho da *Società Italiana di Beneficenza* fosse igualmente composto por *maggiorenti* (aliás eleitos com pouco mais de 20 votos), deu um juízo positivo ao fato de que os estatutos seriam dalí a pouco reformados no sentido de um abertura democrática, através da admissão, finalmente, de novos sócios[55].

Vale a pena dizer, para explicar porque a *Galileo Galilei* dirigiu este movimento de protesto, que esta era justamente uma sociedade cujos sócios, como Domenico Rangoni (em 1903 eleito presidente[56]) eram de posições republicanas, embora muito mais moderadas do que as do *Circolo Repubblicano Sociale*[57]. Como no caso do *Fanfulla* daquele período, esta sociedade tentava criar um movimento social-progressista que mediasse as exigências de representação política dos imigrantes italianos no estado de São Paulo, e particularmente na cidade.

O nome de De Felice está ligado também a outra campanha, solitária e vitoriosa, do *Avanti!*, contra outra sociedade italiana de socorro mútuo considerada fechada à participação popular, a *Società Italiana di Beneficenza e Rimpatrio*, que acabou com sua

---

[55] "Ospedale Italiano Umberto I", *Avanti!*, n. 49, 21-09-1901, p. 2 e "Società Italiana di Beneficenza", *Avanti!*, n. 50, 28-09-1901, p. 3.

[56] cfr. "*Sempre Avanti!*" n.3, 16-12-1903.

[57] Sobre a diferenca entre os dois grêmios ver as comemorações no aniversário da morte de Giuseppe Garibaldi, 2 junho 1901, que foram organizadas na sala da *Galileo Galilei* na mesma hora daquelas da LDI, na qual participavam os sócios do *Circolo Repubblicano*, que aliás mudaram a data da mesma comemoração pelo *Circolo* para poder participar também daquela da LDI. "Partito Repubblicano Sociale" e "Società Galileo Galilei", *Avanti!*, n. 33, 01-06-1901, p. 3 e "Per G. Garibaldi", *Avanti!*, n. 34, 08-06-1901, p. 3.

dissoloção em fevereiro de 1901[58]. Esta associação foi criada com o objetivo de pagar as passagens de volta para a Itália para os imigrantes que não tinham a possibilidade financeira de comprá-las, e tinha criado sua caixa com este propósito com uma série de subscrições e doações que envolviam também as comunidades italianas do interior, e não somente da cidade de São Paulo. Com o tempo, todavia, em parte porque este dinheiro recolhido não era suficiente, a Sociedade começou a vender as passagens, ainda que com um preço reduzido, subvencionado pelo governo italiano. Mas esta escolha acabou por favorecer uma corrupção generalizada, que envolvia funcionários do consulado, assim como sócios da *Rimpatrio*[59]. Graças à campanha organizada pelo *Avanti!*, que deplorava a existência de sociedades como estas dentro da comunidade ítalio paulistana, isto é, com poucos sócios ativos (a *Rimpatrio* chegou a atuar com somente 15 sócios), o presidente desta sociedade, Guglielmini, chegou a ser preso, e o serviço de repatriamento voltou diretamente às mãos do consulado de São Paulo[60].

Em alguns casos, a conflitualidade latente dentro das sociedades italianas entre os sócios fiéis ao patriotismo oficial ditado pelo consulado ou ao neutralismo político presente em todos os estatutos (na sede da sociedade não se devia discutir religião ou política)[61], e os mais jovens que tentavam introduzir questões sociais mais gerais, além das de estreita competência da agremiação, emergiu claramente.

É o caso de alguns sócios da *Società Fratellanza Italiana del Cambucy*, forçados a deixar o grupo em maio de 1901, justamente porque eram socialistas. Eram, aliás, sócios

---

[58] "Beneficenza borghese", *Avanti!*, n. 15, 26-01-1901, p. 2 e "La nostra requisitoria contro la 'Rimpatrio'. Vita e miracoli", *Avanti!*, n. 17, 09-02-1901, pp. 2-3.
[59] "Beneficenza borghese", *Avanti!*, n. 15, 26-01-1901, p. 2; Idem, Ibidem, n. 16, 02-02-1901, p. 2 e "La nostra requisitoria contro la 'Rimpatrio'. Vita e miracoli", Ibidem, n. 17, 09-02-1901, pp. 2-3.
[60] "La nostra campagna contro la 'Rimpatrio' giudicata in Italia", *Avanti!*, n. 33, 01-06-1901, p. 3.

eleitos em cargos de responsabilidade dentro da *Società*, como Giulio Sorelli (secretário desde 1899), Giuseppe Benevento e Giovan Battista Della Casa. A expulsão, todavia, foi parcialmente planejada espalhando o boato que Sorelli era anarquista terrorista, o que convenceu a maioria dos delegados da diretoria a expulsá-lo[62]. Este acontecimento, todavia, acabou na criação do primeiro círculo socialista de bairro aderente ao PSI em São Paulo: o *Circolo Socialista Rionale "Enrico Ferri" del Cambucy*, fundado em julho exatamente pelos expulsos da *Fratellanza Italiana*, e que já no dia da fundação somava cerca de 50 sócios, entre os quais estavam Lamberto Ramenzoni e Sorelli, os dois secretários de ligas sindicais naquele mesmo período[63].

Os socialistas italianos, além disso, conseguiram atuar dentro da comunidade patrícia também com o objetivo de substituir as organizações de simpatia monarquista ou oficiais nas relações com os trabalhadores imigrantes, em vários modos, além de privilegiar uma democratização das sociedades de socorro mútuo existentes. É o caso, por exemplo, do responsável presente na redação do *Avanti!* para ajudar os renitentes à convocação do exército italiano a resolver sua precária situação frente às autoridades italianas, deste modo substituindo as competências oficiais do consulado[64].

Mais importante no âmbito desta estratégia foi a festa em memória da morte de Giuseppe Verdi no aniversário de sua morte, cuja personalidade era carregada de toda uma série de valores ligados à construção de uma identidade italiana, também em meio às coletividades de imigrantes no exterior, talvez mais entre estas, que percebiam na difusão da ópera, um dos valores unificadores do ser italiano. Mas havia duas leituras da ópera,

---

[61] Ver as duas cartas de Giulio Sorelli: a) São Paulo, 17-05-1901, in: "Per un incidente", *Avanti!*, n. 32, 25-05-1901, p. 3; b) São Paulo, 27-05-1901, in: "La Società 'Fratellanza Italiana del Cambucy'. Abusi e prepotenze", *Avanti!*, n. 33, 01-06-1901, pp. 2-3.
[62] Idem, Ibidem.

uma culta, ou aparentemente culta, das elites italianas, e outra popular, que propriamente a LDI desfrutou para unificar a comunidade italiana em um momento simbólico, de antagonismo em relação ao suposto patriotismo oficial, isto é, monarquista, que também utilizava valores nacionais comuns para unificar as comunidades no exterior em torno da coroa e do governo, em conflito com a ação do *Fanfulla* e de *La Tribuna Italiana*, que propuseram a constituição de um *comitato d'onore* para Giuseppe Verdi, composto pelo presidente do Estado e pelos dirigentes consulares. Nesta reunião, para qual foram convocadas todas as sociedades populares italianas, Bertolotti e Alceste De Ambris colocaram em questão esta comemoração oficial, e a necessidade de envolver a população italiana de São Paulo como um todo na organização deste bem, como de outros eventos. Vista a hostilidade em relação a esta proposta, chegou-se a propor uma contra-comemoração, de caráter popular, à qual deram seu voto pouco mais de um terço dos presentes (que eram cerca de cem, entre jornalistas, músicos e delegados de várias sociedades)[65].

A LDI, conjuntamente com músicos como Rocchi e Provesi (os dois da mesma província de Verdi, aliás, a de Parma), com o Prof. D'Aló como coordenador de todas as bandas populares italianas da cidade, organizou portanto um grande concerto com preços mínimos de entrada, e a publicação de um número único, escrito por Bertolotti e De Ambris e ilustrado pelo socialista Ranzenigo (ele também membro da LDI e do *Circolo Socialista*

[63] "Partido Socialista", *Avanti!*, n. 39, 13-07-1901, p. 1; *Sempre Avanti!*, n. 6, 19-12-1903.
[64] "Renitenti di leva", *Avanti!*, n. 10, 22-12-1900, p. 2.
[65] "Giuseppe Verdi", *Avanti!*, n. 16, 02-02-1901, p. 3.

"Avanti!"), que teve uma grande participação no dia 17 de março de 1901, no Teatro Sant'Anna[66].

3.3

OS SOCIALISTAS ITALIANOS NAS FUNDAÇÕES DAS LIGAS OPERÁRIAS DE RESISTÊNCIA EM SÃO PAULO

Todavia, durante o ano de 1901, o sobrado da LDI, além de abrigar algumas sociedades de socorro mútuo, dois círculos políticos e a redação do mais importante semanário operário de língua italiana de São Paulo, desempenhou a importante função de sede das várias ligas de resistência, que iam crescendo na cidade.

Quando surgiu o *Avanti!*, no primeiro número, Alcibiade Bertolotti, parafraseando as deliberações do *VI congresso* do PSI, esclareceu logo que a principal tarefa do grupo socialista italiano de São Paulo era o de reacender o movimento sindical, favorecendo o nascimento das ligas de resistência, e tendo como objetivo próximo a criação de *Camere del Lavoro*, cooperativas de consumo e de produção, escolas profissionais, vilas operárias,

[66] "Per Verdi", *Avanti!*, n. 19, 23-02-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 20, 02-03-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 22, 16-03-1901, p. 3.

caixas populares, assistência médica para os operários, postos para distribuição gratuita de remédios para indigentes[67].

O grande empenho dos socialistas em São Paulo, durante 1901, para fundar as ligas de ofício e dar-lhes uma estrutura comum, o quanto possível duradoura, põe em questão as idéias até hoje compartilhadas sobre o papel dos anarquistas no desenvolvimento do movimento operário em São Paulo. Neste processo que se desenrolou ao longo de vários meses durante 1901, a importância da ação do *Circolo Socialista "Avanti!"*, assim como a da paralela organização "neutra", a LDI, mostra, ao contrário, que o sindicalismo paulistano nasce sob a marca do socialismo italiano, nos modelos adotados, mas também, em alguns casos, na passagem característica de sociedade de ofício a liga de resistência. Até o lugar físico no qual estas associações vão se organizando, a sede da LDI, mostra esta ligação estreita entre o movimento político e sindical, até chegar ao ponto em que é o crescimento deste último que obriga a LDI a transferir suas salas para um edifício mais amplo, que possa acompanhar o aumento do número de pessoas que utilizam a sede para assembléia gerais, reuniões, festas e comícios, na Rua Florêncio de Abreu 76 A, no Centro (julho 1901)[68]. Esta centralidade, até topográfica, percorre os passos das *Case del Popolo*, que no mesmo período nascem na Itália, mas também em outros países da Europa, lugares nos quais convergem todos os aspectos associativos que completam, segundo os socialistas, uma atuação generalizada na realidade social: desde as sociedades de socorro mútuo (assistência), escolas populares e profissionais (ensino e controle do acesso à profissão), ligas de ofício (contratação sindical), até os grêmios lúdico-culturais (tempo do lazer).

[67] Alcibiade Bertolotti (Pel Comitato Direttivo), "Avanti!", *Avanti!*, n. 1, 20-10-1900, p. 1.
[68] "Lega Democratica Italiana", *Avanti!*, n. 39, 13-07-1901, p. 3.

Quando começa este movimento de organização sindical quase não existem organizações declaradamente de ofício em São Paulo, com exceção da Società Cosmopolita tra Lavoranti Cappellai, fundada em 1890, que, apesar do nome "cosmopolita", era formada quase exclusivamente por italianos[69].

Na verdade, o *Circolo di Studi Sociali*, formado em grande maioria por anarquistas italianos como o tipógrafo Alfredo Mari, diretor de *Il Risveglio* em 1896-97, apoiando-se exatamente nesta associação e na *Federazione Tipografica* (ou *Federazione dei Lavoratori del Libro*), conseguiu por algum tempo (em 1898), criar no seu interior comissões de marceneiros, alfaiates, ferreiros, cabeleireiros[70].

Há pouco tempo, exatamente em dezembro 1900, tinha sido desfeita a *Società Cosmopolita tra Camerieri, Cuochi ed Affini*, fundada em março de 1897, cujo presidente, Luigi Valsani, foi por algum tempo conselheiro da LDI, da qual saiu, segundo alguns, pelo fato de não ser reeleito neste cargo, e de ter deixado morrer a sociedade sempre por causa de uma oposição interna à sua provável virada patriótica nacionalista, enviando uma representação da sociedade a participar de manifestações que muitos sócios de convicções socialistas não apoiavam[71]. Outra sociedade deste tipo em São Paulo, era a *Società Internazionale fra Scalpellini e affini*, que também se reconhecia no grupo que editava o

---

[69] Para ter uma idéia da predominância italiana na *Società Cosmopolita fra Lavoranti Cappellai*, ver a composição do *Consiglio Direttivo* eleito em 20-01-1901 para todo o ano de 1901 na véspera de sua transformação em liga sindical de ofício: Presidente: Daniele Lancia; Secretário: Rocco Montesano; Tesoureiro: Ernesto Comuni; Conselheiros: Oreste Dalla, Attilio Scazzola, Oreste Venturi, Antonio Uccelli; Revisores: Andrea Pacini, Manoel Paolino; Visitador: Paolo Badi. "Elezioni sociali", *Avanti!*, n. 15, 26-01-1901, p. 3.

[70] "Il Risveglio", n. 5, 6-2-1898, e seg.

[71] "Organizzazione operaia", *Avanti!*, n. 17, 09-02-1901, pp. 3-4; "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 20, 02-03-1901, p. 2; Idem, Ibidem, n. 22, 16-03-1901, p. 3.

Avanti!, mas aparentemente não muito extensa, e desligada da *Lega dei muratori e affini* (pedreiros e afins)[72].

Todas estas associações, como os nomes indicam, tinham características de sociedades corporativas de mútuo socorro, ainda que em alguns momentos no passado alguns integrantes delas tivessem tentado transformá-las em ligas de resistência. Seria melhor dizer que representavam um momento de passagem entre as velhas sociedades étnicas de ofício, e as explicitamente operárias, abertas a todos, e não somente aos italianos (embora a maioria dos sócios e dos dirigentes fossem originários da Itália): eram, todavia, cosmopolitas ou internacionais, e não internacionalistas.

Em particular, foi a sociedade dos chapeleiros que iniciou o movimento de sindicalização de 1901, transformando-se em liga de resistência, como demonstra a vontade de seus integrantes, na reunião de 27 de janeiro de 1901, de escrever novos estatutos endereçados à luta contratual com os empresários para melhorias nas condições de trabalho, e não somente, como era antes, a uma genérica proteção mútua entre os poucos sócios que as compunham até aquele momento[73]. A esta reunião de transformação participaram mais de 100 operários da categoria, e já nas assembléias seguintes, quando funcionava como liga sindical, os inscritos participantes foram sempre quase duzentos[74]. Com certeza, a presença na direção de muitos socialistas como Lamberto Ramenzoni (até janeiro de 1901 secretário da *Società*), deve ter favorecido a decisão de constituir-se em sindicato, para que fosse possível por em prática em São Paulo os rumos indicados no *VI Congresso* do PSI.

---

[72] "Sottoscrizione permanente a favore dell'Avanti!", *Avanti!*, n. 44, 17-08-1901, p. 3.
[73] "Per l'organizzazione e per la solidarietà", *Avanti!*, n. 14, 19-01-1901, p. 3; "Organizzazione operaia", *Avanti!*, n. 16, 02-02-1901, p. 3.
[74] Idem, *Avanti!*, n. 17, 09-02-1901, p. 3; "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 18, 16-02-1901, p. 2.

O processo de organização sindical liderado pelo *Avanti!* encontrou logo nos tipógrafos também seus primeiros entusiastas, mas a predominância dos italianos fez com que, neste caso, continuassem os problemas inter-étnicos que tinham afetado desde o início a *Federazione Tipografica*, e que haviam levado à sua dissolução antes da virada do século. Os sócios remanescentes deste sindicato, o único que talvez tivesse no passado a aparência de uma liga de ofício moderna, começaram a insistir nas colunas do jornal para que os trabalhadores tipógrafos, e todos os ligados à produção material do setor editorial, se reorganizassem em uma *Associazione fra gli operai* em forma de liga de resistência, o que aconteceu com sua fundação em janeiro de 1901, embora a decisão de ser uma liga e não uma sociedade de socorro mútuo, não tivesse sido tomada por unanimidade, mas depois de uma votação que deu vida a uma maioria e a uma minoria. Desta primeira liga, que às vezes teve o nome de *Lega di resistenza fra operai delle arti grafiche e annesse*, mas com mais freqüência de *Associação das artes graphicas e anexas*, faziam parte alguns dos mais ativos militantes socialistas da época em São Paulo, como o espanhol Valentim Diego, e os italianos Ambrogio Chiodi e Lorenzo Monaco[75]. Todavia, apesar de apresentar todos os manifestos em português, de nomear a liga com um nome em português, a direção deste sindicato estava igualmente nas mãos dos italianos: talvez por isso deixava-se muito espaço à língua nacional, tentando esconder as divisões étnicas que marcavam este grêmio, e que apareciam de vez em quando explicitamente em declarações como quando a comissão organizadora convida os tipógrafos para uma reunião "insistindo mais uma vez que deixem todas as questões de nacionalidade ou pessoais"[76].

[75] "Per l'organizzazione economica. Le società di resistenza", *Avanti!*, n. 15, 26-01-1901, p. 3; "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 20, 02-03-1901, p. 2; Idem, Ibidem, n. 21, 09-03-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 33, 01-06-1901, p. 3.
[76] "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 21, 09-03-1901, p. 3.

Os problemas associativos desta categoria, que na Itália era, pelo contrário, uma das chamadas vanguardas do movimento operário, foram praticamente os únicos marcados por fortes conflitos étnicos em São Paulo, e levaram-na a um processo organizativo lento, se comparado com a de outras organizações que não dispunham do mesmo tipo de filiados acostumados há anos a desfrutar de uma sólida organização sindical(no local de trabalho). Penso no fato, por exemplo, de muitos tipógrafos italianos que trabalhavam em São Paulo contratados por Rotellini em Roma, embora ele soubesse quanto eles fossem há tempos atuantes no movimento operário romano[77]. Ainda em abril a diretoria desta liga não se tinha instalado, e suas assembléias gerais sempre contaram com um número apenas suficiente de sócios[78]. Além disso, foi em relação à dissolução da velha *Federazione* que "Un operaio tipografo" (provavelmente o próprio Lorenzo Monaco) levantou no artigo "Per l'organizzazione economica" a questão habitual que em São Paulo foi "por esta tendência a fazer a América que a classe operária encontrava-se desagregada e desunida"[79].

Ao contrário, o ano de 1901 mostrou que, embora com algumas dificuldades e insucessos, treze associações de oficio foram criadas e iniciaram sua vida já enfrentando algumas greves isoladas. Os grêmios foram os seguintes:

Associação das artes graphicas e anexas - janeiro
Lega di Resistenza fra lavoranti cappellai ed affini
(ou Liga de resistência entre Chapeleiros e anexos) - janeiro
Società Cooperativa di Produzione fra i renaioli del Tieté - fevereiro
Lega di Resistenza fra lavoranti in legno (marceneiros e carpinteiros) - fevereiro
Lega di Resistenza fra calzolai ed affini (sapateiros) - março
Lega di Resistenza e Mutuo Soccorso fra Orefici e Affini (ourives) - março

[77] Archivio Centrale dello Stato, Roma, Casellario Politico Centrale, b. 4469, fascicolo Vitaliano Rotellini.
[78] "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 25, 06-04-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 35, 15-06-1901, p. 3.

Lega di Miglioramento fra muratori ed affini (pedreiros) - março
Lega di Resistenza fra mattonellisti ed affini (azulejistas) - julho
Lega di Resistenza fra operaie ed operai delle fabbriche di tessuti di S. Paolo (tecelões e tecelãs)- agosto
Lega di Resistenza fra meccanici, fonditori e affini - agosto
Lega di Resistenza tra operai lavoranti in veicoli - agosto
Lega di Resistenza fra operaie ed operai delle fabbriche di tessuti di S. Bernardo - setembro
Lega di Resistenza fra sarti (alfaiates) - outubro

Como se pode observar, todas tinham um nome italiano, com exceção da dos tipógrafos e da dos chapeleiros, a mais organizada, mas que utilizava indiferentemente os dois nomes. Obviamente, não eram associações limitadas aos italianos, ainda que estes constituíssem a maioria de seus integrantes, e a totalidade dos dirigentes. O respeito para com as outras nacionalidades era demonstrado nos dias de reuniões particularmente importantes, por exemplo nas fundações, quando as finalidades da liga de resistência eram mostradas por líderes espanhóis, portugueses e italianos nas três línguas, embora em algumas categorias a língua nacional desaparecesse[80]: os três eram habitualmente Alceste De Ambris, Arthur Breves e Valentim Diego.

Enfim, há uma destas agremiações, a dos coletores de areia e pedra do rio Tietê (trabalho importante porque destinado a abastecer o setor da construção), que havia nascido por causa de uma greve, portanto para obter melhorias no trabalho, mas que tinha-se logo transformado em cooperativa, dadas as características deste tipo de trabalho. A greve, de fato, não tinha um empresário contra o qual fazer valer as próprias reivindicações, mas uma

[79] *Avanti!*, n. 7, 01-12-1900, p. 3.
[80] Ver a *Lega dei Calzolai*, por exemplo, "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 21, 09-03-1901, p. 3.

parte contrária representada pela prefeitura de São Paulo: os *renaioli* possuíam os próprios meios de produção, e portanto encontraram como mais adequada a formação de uma cooperativa para defender seus interesses frente ao município que cobrava deles vários tipos de impostos[81]. Tanto esta cooperativa, como a liga dos chapeleiros, não escolheram como sede a mesma da LDI, enquanto as outras, com exceção da de São Bernardo obviamente, tinham suas sedes oficiais nas salas da LDI, tanto na velha em Piques, como na nova no Centro.

Gostaríamos de sublinhar, enfim, que o cooperativismo era contemplado também como um dos aspectos das próprias ligas que devia ser favorecido, isto é, a liga de resistência não devia se limitar à construção de uma caixa cujo fim principal fosse o amparo durante as greves, ou parcialmente o socorro mútuo em casos de doença, mas devia empenhar-se no futuro para a abertura de uma seção cooperativa (de produção ou de consumo), assim como chegar ao controle e à formação profissional da força de trabalho. Devia ser, enfim, o núcleo sobre o qual construir, com outras ligas, uma associação maior: ou uma *Camera del Lavoro*, ou uma *Casa del Popolo*[82].

Mas vejamos como se desenrolou este processo de revitalização do movimento operário em São Paulo, e como funcionavam estas Ligas.

A maioria delas organizou-se a partir de uma comissão provisória, composta por trabalhadores do setor, que participavam do *Circolo Socialista Avanti!* ou da LDI, além de Alcibiade Bertolotti, ou Alceste de Ambris[83]. A comissão, através do jornal *Avanti!*,

---

[81] "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 18, 16-02-1901, p. 2; "Lo sciopero dei renaioli", Ibidem, p. 3; "Movimento Operaio", Ibidem, n. 19, 23-02-1901, p. 2; Idem, Ibidem, n. 20, 02-03-1901, p. 2.
[82] "Per l'organizzazione economica. Le società di resistenza", *Avanti!*, n. 15, 26-01-1901, p. 3.
[83] Ver a coleção do *Avanti!* de 1901 nas seções "Organizzazione Operaia" e "Movimento Operaio".

convidava todos os trabalhadores interessados a participar de uma reunião na qual teria-se discutido sobre a fundação e a necessidade de uma liga de resistência para aquele setor. Ao mesmo tempo, em muitos casos, era difundido um manifesto ou um folheto nos locais de trabalho ou afixado nas ruas de São Paulo, escrito em português e em italiano. O apelo encontrava em algumas categorias uma resposta imediata, enquanto para outras após a convocação passava muito tempo antes que novas reuniões fixassem de uma vez os estatutos que deviam regular a atividade da liga, e os órgãos dirigentes, todos eleitos. A liga dos pedreiros, por exemplo, teve sempre uma vida de altos e baixos: demorou para ser fundada (após numerosos apelos somente em março de 1901), mas nos meses de maio e junho suas assembléias eram frequentadíssimas, e a cada semana entravam novos filiados[84]. Entretanto, a partir de agosto entrou rapidamente na mais completa desorganização, com a demissão da velha diretoria, e a eleição de uma nova que a substituísse. Já desde o início de sua atividade, todavia, muitos filiados se manifestavam, pedindo que a liga se empenhasse para se livrar dos elementos heterogêneos que faziam confusão e impediam aos outros de continuar com rapidez o trabalho de organização, protesto que talvez mostre a existência de duas forças contrastantes, uma mais próxima dos filiados declaradamente socialistas, e outra que tendia provavelmente a distanciar-se deles e que desejava que a liga funcionasse mais como sociedade de socorro mútuo que como sindicato, como pudemos imaginar pensando no adjetivo "eterogenei", utilizado literalmente na reclamação publicada no *Avanti!*[85].

Igualmente, frente a uma liga como a dos chapeleiros, que organizava um levantamento dos operários empregados nas fábricas de chapéus, para conhecer seu estado

[84] "Movimento Operaio. Arte Muraria", *Avanti!*, n. 24, 30-03-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 33, 01-06-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 34, 08-06-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 35, 15-06-1901, p. 3.

de organização além dos preço em vigor[86], temos a dos trabalhadores da madeira (marceneiros, carpinteiros, etc..), que logo depois de sua fundação tinha cerca de trezentos filiados, mas que, segundo seus dirigentes (um dos quais era Giulio Sorelli), deveria ultrapassar os mil[87]. Embora fundada oficialmente em fevereiro de 1901, ainda em junho a presença dos filiados às reuniões é sempre muito baixa, existindo o costume de muitos dos integrantes de considerar suficiente a simples inscrição, força de inércia dos sócios denunciada ainda em julho pelo comitê diretivo[88]. Provavelmente, o setor dos marceneiros, que era muito diferenciado, e que se estruturava em São Paulo com toda uma série de pequenas empresas e oficinas parcialmente artesanais, dificultava a tarefa de traduzir na mesma organização a suposta necessidade de união e solidariedade "tra gli operai e i piccoli padroni di questa categoria"[89].

Pode ser que a difícil vida interna de algumas destas associações fosse devida ao momento de grande crise e desemprego daquele início de século, quando as fábricas paulistanas, embora bem estruturadas, trabalhavam somente alguns dias por semana, ou obrigavam os trabalhadores a trabalhar por preços por peça sempre mais baixos. Acreditamos, portanto, que este movimento, como às vezes explicitamente declarado[90], visava construir organizações que precisavam defender condições de trabalho adquiridas há tempo, e que o aumento de mão-de-obra por causa do afluxo das fazendas, e de uma recessão temporária, colocavam em risco. Além disso, o operariado italiano em São Paulo,

---

[85] "Movimento Operaio. Arte Muraria", *Avanti!*, n. 30, 11-05-1901, p. 3.
[86] "Movimento Operaio. Una buona iniziativa", *Avanti!*, n. 32, 25-05-1901, p. 3.
[87] "Movimento Operaio. Lavoranti in legno. Appello ai compagni", *Avanti!*, n. 26, 13-04-1901, p. 3.
[88] "Movimento Operaio. Lavoranti in legno", *Avanti!*, n. 34, 08-06-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 37, 29-06-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 40, 20-07-1901, p. 3.
[89] "Movimento Operaio. Lavoranti in legno. Appello ai compagni", *Avanti!*, n. 26, 13-04-1901, p. 3.
[90] Os trabalhadores das oficinas de consertos e construção de veículos, declararam, nos relatos da primeira reunião, que fundaram a própria organização sindical para se defender do crescente desemprego: "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 44, 17-08-1901, p. 3.

como notamos antes, não conseguia a mínima ajuda por parte das supostas grandes sociedades de beneficência, como a *Beneficenza*, ou a *Rimpatrio*: somente os operários especializados e os artesãos encontravam um amparo nas sociedades étnicas, habitualmente de mútuo socorro.

Todavia, embora nem todas estas ligas funcionassem com regularidade ou tivessem conseguido inscrever a maioria dos trabalhadores de seus setores, respondiam à exigência de muitos trabalhadores que precisavam formar grêmios que fossem além do simples socorro mútuo, sendo que as condições de trabalho estavam piorando sob todos os pontos de vista. As greves que eclodem em São Paulo nos primeiros meses de 1901, de fato, foram todas para restabelecer as velhas tarifas, depois que muitos empresários as baixaram com a motivação do grande estoque armazenado e ainda não comercializado.

Até que o grupo socialista italiano não se renovou e se reorganizou, as greves que envolviam os trabalhadores italianos (praticamente todas as greves) eram resolvidas graças à mediação de alguns expoentes considerados neutros pelas duas partes, que normalmente eram homens conhecidos na comunidade, nem sempre ligados aos ambientes oficiais da *colonia*[91]. Mas a partir de 1901, Alcibiade Bertolotti, às vezes ajudado por Alceste De Ambris, mediou as cinco greves que explodiram nas fábricas: Santa Marina (vidreiros da Água Branca, março); Alvares Penteado (fevereiro), Regoli, Crespi & C. (no Brás, em junho e em setembro); C.ia Industrial de São Paulo (julho). Houve depois a greve-protesto dos *renaioli*, que acabou com a fundação da cooperativa, e duas greves resolvidas diretamente por delegados da liga dos chapeleiros[92]. Todas as greves acabaram com uma

[91] Ver, por exemplo, a greve na fábrica de chapéus Monzini & Schiffini (fábrica na qual trabalharam, até 1900, muitos dos organizadores da *Lega* do setor, como Attilio Gallo e Paolo Badi), mediada por Caprotti e pelo conde Francesco Plini: "Sfruttamento Patriottico", *Avanti!*, n. 7, 01-12-1900, p. 3.
[92] "Due vittorie operaie", *Avanti!*, n. 45, 24-08-1901, p. 3.

vitória, isto é, o restabelecimento das velhas condições de trabalho, no que se referia ao pagamento das peças trabalhadas e ao horário (sempre acima das 10 horas).

É interessante notar, todavia, que esta obra de mediação concorria com a tentada pelos dois jornais independentes da comunidade italiana, *Fanfulla* e *La Tribuna Italiana*, que apoiavam sempre os movimentos grevistas, ainda que a *Tribuna* aconselhasse sempre a calma, e se dispusesse a oferecer (o que de fato se realizou) seus redatores como porta-vozes das propostas de conciliação dos empresários[93].

Estas greves, vale a pena acrescentar, eram todas espontâneas, assim como espontâneo era o pedido para que o grupo socialista, em particular Bertolotti, interviesse para levar as propostas dos e das grevistas. Os socialistas italianos de São Paulo, eram conscientes de atuar em um período em que ainda faltava uma completa organização dos trabalhadores, assim como de superabundância de mão de obra[94], portanto sublinhando que o importante não era a greve, mas a organização[95].

Somente em um caso esta ação do *Avanti!* acompanhou-se à força efetiva da liga e à mediação oficial dos cônsules: estamos falando da greve dos vidreiros de Água Branca, guiada por um sindicato misto ítalo-francês, a *Societé de Verriers Reunis de Agua Branca*, também chamada de *Società Cosmopolita di Mutuo Soccorso dei Lavoranti Vetrai Riuniti di Agua Branca*, na época subúrbio de São Paulo[96]. Era esta, então, uma sociedade que indicava o momento de passagem de sociedade mutualista a sindical de resistência. Entretanto, o que interessa dizer a propósito das mediações durante esta greve, é que o

---

[93] Ver, entre muitos outros casos, "Fabbrica di tessuti A. Alvares Penteado. Lo Sciopero", *Avanti!*, n. 20, 02-03-1901, p. 2.
[94] "Le lotte del Lavoro", *Avanti!*, n. 40, 20-07-1901, pp. 2-3.
[95] "Sciopero nella casa Regoli, Crespi e C.", *Avanti!*, n. 52, 12-10-1901, p. 2.
[96] "Nella Vetreria Prado e Jordão", *Avanti!*, n. 14, 19-01-1901, p. 3; "Réunion des Verriers Réunis à Agua Branca", Ibidem, n. 15, 26-01-1901, p. 3; "Movimento Operaio. Lavoranti vetrai di Agua Branca", Ibidem, n.

Avanti! e o *Fanfulla* solidarizaram-se na crítica ao comportamento do cônsul italiano, Attilio Monaco, disputando efetivamente a fidelidade de muitos trabalhadores italianos com as autoridades patrícias, sublinhando como o comportamento do cônsul francês foi bem diferente, visto que chegou até a oferecer passagens de volta para aqueles cidadãos que pretendessem voltar à França com sua família[97].

Como pudemos notar, as greves explodiram naquele que era em São Paulo, naqueles anos, o setor industrial propriamente dito: o têxtil, que contava com estabelecimentos de centenas de operárias, na maioria italianas, mas com uma consistente minoria de espanholas[98]. Graças ao desempenho de Bertolotti e De Ambris por ocasião das negociações, as operárias e operários das fábricas de tecidos chegaram à fundação da própria *lega*. Foi o único caso, excetuando o dos *renaioli*, que a sociedade de resistência tinha-se formado a partir da luta no local de trabalho.

O desempenho em termos de organização das tecelãs de São Paulo contrasta com o juízo dado pela historiografia até hoje, que sempre sublinhou, ao contrário, a fraqueza e a desorganização deste setor, exatamente por causa da alta porcentagem de mulheres e menores. A *Lega di Resistenza fra operaie ed operai delle fabbriche di tessuti di S. Paolo*, fundada na LDI em agosto de 1901, chega a ter já no primeiro mês mais de 600 filiadas e filiados, com delegados e delegadas na direção provenientes de todas as fábricas paulistanas, e que pagam regularmente as mensalidades[99]. Além disso, é a única que

---

17, 09-02-1901, p. 4 e números seguintes do *Avanti!* nas seções "Organizzazione Operaia" ou "Movimento Operaio".

[97] "Lo sciopero di Agua Branca", *Avanti!*, n. 24, 30-03-1901, p. 2.

[98] "Sottoscrizione permanente a favore dell'Avanti!", *Avanti!*, n. 41, 27-07-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 42, 03-08-1901, p. 3.

[99] "Movimento Operaio. Tessitrici e tessitori", *Avanti!*, n. 42, 03-08-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 43, 10-08-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 44, 17-08-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 45, 24-08-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 48, 14-09-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 50, 28-09-1901, p. 3. No mês de outubro de 1901 foi eleita definitivamente a commissão administrativa (isto é, a direção) da liga, pelas operáriase operários afiliados. A comissão

consegue realizar parcialmente o modelo inspirador das ligas da época, isto é a *Società dei muratori milanesi* (dos pedreiros), fundada em 1886, com sede em Milão, mas estruturada com até 34 seções espalhadas pelos subúrbios[100]: e de fato, em outubro de 1901 é fundada em São Bernardo uma liga idêntica como seção da de São Paulo que se reúne na LDI[101].

Antes de concluir, uma palavra sobre a construção da caixa fundamental para socorrer os grevistas, pilar de todas as ligas, aliás, característica que fazia delas associações diferentes das sociedades de socorro mútuo. É o próprio Alceste De Ambris que conta sobre o funcionamento das caixas nas ligas de São Paulo, ilustrando-o de modo convincente às tecelãs: um depósito individual de 500 réis a cada mês, que, já com ligas de 300 sócios, e muitas chegavam a este número, podia permitir o acúmulo de 150 mil-réis por mês[102].

De Ambris pode ser considerado, já neste período, o principal organizador sindical entre os imigrantes italianos de São Paulo. Como muitos outros companheiros do *Circolo " Avanti!"*, a sua formação política começou no contato com as sociedades de socorro mútuo e os grupos republicanos de sua região de proveniência, a Lunigiana, um vale que ligava a Toscana a Emilia e a Liguria, na divisa entre as províncias de Massa-Carrara, Parma e La Spezia. Esta área da Itália central estava bem no meio das regiões onde tinha-se desenvolvido com mais força o movimento republicano e mais tarde o movimento operário

---

resultou composta por um presidente (Antonio Mondin) e pelos conselheiros delegados da Companhia Industrial (Luigia D'Angelo, Michelina Perotta, Emilia Arcieri, Elisa Mondin, Adele Naccari, Elvira Guidolin, Settimio Argentati, Mario Girello, Adolfo Piva, Luigi Bedendo, Giovanni Ceresa, Pipo Aristodemo) da Fábrica do Bom Retiro (Arturo Spelzon, Giuseppe Ferri, Sergio Constabile, Girolamo Zanellato, Oddone Visentin, Martino Spoli) da Fábrica da Mooca (Vincenzo Marra, Pasquale Abitabile, Giovanni Uliana, Ottavio Marucci, Gerardo De Geroni, Luigi Marra): Idem, Ibidem, n. 52, 12-10-1901, p. 3.

[100] "Uno sciopero. Esempio per gli operai", *Avanti!*, n. 39, 13-07-1901, p. 1.

[101] "Nostre Corrispondenze. S. Bernardo", *Avanti!*, n. 49, 21-09-1901, p. 2. Na reunião do dia 6 de outubro de 1901 foi decidido que "la costituenda lega debba considerarsi come una sezione di quella di S. Paulo": Idem, Ibidem, n. 52, 12-10-1901, p. 2.

[102] "Le lotte del lavoro. La vittoria delle operaie", *Avanti!* n. 40, 20-07-1901, pp. 2-3.

e socialista italiano. A família de De Ambris era de tendência mazziniana, mas na Lunigiana muitos eram também os grupos anarquistas e quase todos os centros (que raramente ultrapassavam os 10.000 habiantes, com exceção de Massa, Carrara e Pontremoli), já haviam nucleos e simpatizantes do partido socialista desde a sua fundação. De Ambris, que nasceu em 1874, iniciou sua militância no socialismo de sua região com 18 anos, no ano em que o partido vinha a ser fundado em Gênova. Mas foi em Parma que atuou com mais continuidade nos primeiros anos da década de 1890, sem todavia abandonar o empenho na sua região de origem, que era também uma região da Toscana com as mais altas taxas de emigração, e sobertudo para o Brasil[103].

A sua intensa atividade política no recém nascido PSI, e, do ponto de vista da organização sindical, na construção das ligas camponesas em Parma e na Lunigiana, mas também no cooperativismo, atraiu as atenções da polícia italiana, justamente no período de maior repressão do movimento operário na Itália. Por estas razões, e fugindo do serviço militar para não participar da repressão governativa dos motins de 1898, emigra para o Brasil, onde já moravam dois dos seus irmãos desde 1894.

Em São Paulo encontra um ambiente político italiano que já conhecia há anos, também porque muitos militantes socialista, anarquistas e republicanos vinham como ele da Toscana setentrional, e alguns já os freqüentava na Itália: uma dupla cadeia migratória, política e econômica que envolvia, como já falamos, as províncias de Massa e de Lucca.

De Ambris viveu em São Paulo até 1903, quando, para fugir de uma condenação por difamação (do capitão Nicolino Matarazzo) teve que deixar o Brasil[104].

---

[103] A famosa canção *La dov'è la raccolta del caffè*, surgiu exatamente neste período na Lunigiana e na Garfagnana (na provincia de Lucca).

[104] A partir de 1905 passa gradualmente nas fileiras do sindicalismo revolucionário do qual se torna um dos principais líderes na Itália. Depois de ter liderado a greve geral de Parma de 1908, voltou novamente ao Brasil

3.4

O AUGE DO MOVIMENTO SOCIALISTA NA CAPITAL PAULISTA E NO INTERIOR

Durante o ano de 1901, o processo de fundação das ligas de resistência tinha marcado a atividade dos socialistas italianos em São Paulo. Apesar de alguns fracassos, o ano terminava com um balanço positivo: os socialistas paulistanos estavam na frente do movimento organizativo dos sindicatos, tinham participado das greves ou como líderes dos sindicatos às quais estavam filiados, ou como mediadores (em geral, colaboravam assiduamente na organização das greves, das manifestações operárias, dos boicotes e da vida diária dos grêmios sindicais). Além disso, e talvez também por isso, os grupos explicitamente socialistas (os chamados círculos socialistas, formados em grande parte por filiados ou ex-filiados ao PSI), que se dedicavam quase exclusivamente a uma atividade política de propaganda, mas também de coordenação e apoio aos movimentos grevistas e sindicais locais, tinham-se difundido em todo o Estado de São Paulo e em alguns bairros da capital. Estes grupos eram formados por assinantes ou leitores do *Avanti!* de São Paulo e contribuíam ao seu sustento: sua estrutura organizativa repetia a do *Circolo Socialista "Avanti!"* de São Paulo, tomado como modelo. O seu programa: favorecer a difusão das idéias socialistas da Segunda Internacional, colaborar na formação das ligas operárias (aliás, tomar isso como ponto fundamental da sua ação), estimular a fundação de

---

de onde saiu em 1911. Especificamente sobre a figura de Alceste De Ambris e a sua atuação como líder sindicalista na Itália e no Brasil, ver: Edilene T. Toledo, *O Sindicalismo Revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de idéias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o Fascismo.* Campinas: Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2002, pp. 151-264.

cooperativa de consumo e produção, participar das sociedades de socorro mútuo (sobretudo italianas, obviamente), explorar a possibilidade de uma participação eleitoral local no caso em que houvesse algum sócio italiano naturalizado ou brasileiro[105].

Sobre as finalidades destas associações socialistas, verdadeiros clones do Circolo Socialista "Avanti!, o *Almanacco Socialista pel 1902*, publicado em São Paulo no final de novembro de 1901, e coordenado por Alceste De Ambris, abria suas páginas com um artigo de Enrico Ferri que reafirmava o socialismo integral malonista, na época programa generalizado em muitos partidos socialistas da Segunda Internacional, apesar de algumas diferenças nacionais[106]. Como apontamos nas páginas iniciais deste capítulo, o movimento socialista devia integrar formas diferentes de ação: a política (eleitoral), a sindical, a mutualista e a cooperativista. As palavras de Enrico Ferri, postas no início do *Almanacco* são esclarecedoras, neste sentido, e confirmam também o fato de que a maioria dos socialistas italianos residentes em São Paulo identificavam-se com as posições deste líder e deputado do PSI, que naqueles anos contrastava a corrente de Filippo Turati (ele também deputado no parlamento italiano) até então majoritária dentro do partido e que pregava a constituição do PSI na base do modelo alemão do SPD (profunda ação parlamentar com propostas de leis sociais a serem negociadas com os governos e confederações sindicais com uma administração central e difusas com sub-seções no plano nacional em oposição ao localismo das *Camere del Lavoro*).

---

[105] Ver série do *Avanti!* de 1901 e 1902.

[106] Alceste DE AMBRYS (compilatore), *Almanacco Socialista pel 1902*. São Paulo, Estab. Graphico Riedel & Lemmi, 1901. [No Brasil Alceste De Ambris utilizava freqüentemente a letra 'y' na grafia do seu sobrenome]. Duas obras de Malon eram vendidas na Livraria Italiana de Alcibiade Bertolotti: *Le socialisme intégral* e *Précis du socialisme*. Sobre Malon ver, entre outros, Letterio BRIGUGLIO, *Benoît Malon e il socialismo in Italia*. Padova, Tipografia Antoniana, 1979.

Segundo Ferri, ao contrário, o movimento socialista italiano devia se inspirar no modelo belga, que, segundo ele, até então era o único que tinha realizado o socialismo integral:

> "O nosso partido reconheceu a necessidade de não limitar o socialismo à luta eleitoral; que é necessária e ótima para educar, disciplinar, organizar e fazer propaganda para as massas; mas que, sozinha, não pode compreender todos os aspectos da vida individual e coletiva [...] estamos portanto vendo que o socialismo deve ser um socialismo *integral*, isto é, completo e complexo [...] Mas, praticamente, acho que somente o partido socialista da Bélgica teve esta consciência de um socialismo complexo e o único que o realizou. Na Bélgica, como sabemos, a base da organização foram os fornos cooperativos [...] A partir desta base sólida, surgiram os núcleos para a luta eleitoral, política e administrativa; surgiram as organizações para as greves, o socorro mútuo, o serviço médico, a imprensa diária e científica; os grupos para propaganda intensa; as organizações para a instrução (desde a escola de primeiro grau até a Universidade Nova; e também os grupos artísticos. Que ali acompanham o sentimento socialista com as músicas, os corais, com as representações dos dramas sociais, com as comemorações do Primeiro de Maio [...] Esta organização maravilhosa tem também o seu símbolo arquitetônico na Casa do Povo, que surge no centro de Bruxelas: fortaleza, teatro, ponto de encontro, armazém, ateneu do mundo socialista, que, forte de 70.000 pessoas, cresce no meio do mundo burguês. Eis o verdadeiro, positivo, humano socialismo integral [...]

completo, poderoso, irresistível, que deve ser o nosso ideal de organização prática, em direção ao qual, nós também devemos nos encaminhar"[107].

Estas posições constituíam, sem dúvida, o programa explícito dos socialistas italianos em São Paulo e a expansão do movimento parecia indicar que o caminho seguido até então teria continuado na realização de uma rede "completa e complexa" (isto é, integral) de organizações. O modelo belga, aliás, foi citado explicitamente alguns meses mais tarde, durante as sessões do II congresso do partido socialista brasileiro, pelo delegado do grupo de Jundiaí, Girau, que afirmou que "combate, em nome dos seus representados, a luta política das urnas, dando preferência à luta econômica, com a formação de cooperativas de consumo, como na Bélgica"[108]

No final do ano de 1901, "depois de um ano de propaganda", como escrevia no *Almanacco* o próprio De Ambris, "a formação de um Partido Socialista Brasileiro estava se tornando uma realidade", ao menos no Estado de São Paulo, onde já havia 23 círculos socialistas fundados por imigrantes italianos, mas que acolhiam também cidadãos de outras nacionalidades[109]. Vale a pena lembrar que o Estado de São Paulo contava já em 1899 com mais de 800.000 imigrantes italianos, dos quais cerca de 100.000 residentes na capital[110]:

---

[107] DE AMBRYS, Alceste (compilatore). *Op. cit.* pp. 8 e 9. Um livro ainda hoje válido para compreender a figura de Enrico Ferri é o clássico de Gaetano ARFÉ, *Storia dell'Avanti!. 1896-1926.* Milano-Roma, Edizioni Avanti!, 1956. Enrico Ferri foi um dos primeiros deputados do partido socialista italiano quando ainda se chamava *Partito Socialista dei Lavoratori Italiani*: em 1893-94 fazia parte do grupo parlamentar socialista com Camillo Prampolini, Nicola Badaloni, Gregorio Agnini e Agostino Berenini (ver Renato ZANGHERI, *Storia del socialismo italiano. Vol. II. Dalle prime lotte nella Valle Padana ai Fasci Siciliani.* Torino, Einaudi, 1997, pp. 435-494).

[108] "Congresso Socialista Brasileiro", *O Estado de São Paulo*, 31-05-1902, p. 3.

[109] DE AMBRYS, Alceste (compilatore). *Op. cit.* p. 55.

[110] Vitaliano ROTELLINI, *Astensione o Elettorato? Un grave problema.* São Paulo, Pubblicazioni del "Fanfulla", L. Buhnaeds e C., 1902, p. 4.

segundo uma outra estatística, a população do Estado de São Paulo era, em 1900, de cerca de 2.300.000 habitantes[111].

Ainda que esta tese esteja focalizando os processos organizativos dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo, não podemos separar com facilidade, sobretudo nos anos 1902-1904, a capital do interior no estudo destes temas, uma vez que o movimento socialista, como um todo, tinha bases fundamentais em quase todos os centros urbanos interioranos: os processos, as dinâmicas, são parecidos e existe uma influência mútua que não pode ser desconsiderada, sobretudo se pensamos que havia uma notável mobilidade interna dos militantes, como aparece claro pela análise das biografias da maioria deles[112].

Embora contando com o fato que fosse raro que os colonos pudessem filiar-se aos círculos dos centros urbanos (quase impossível se pensamos como eram estruturadas internamente e como estavam dispersas as fazendas de café no território paulista), havia um número considerável de imigrantes nas cidades paulistas que podiam constituir os potenciais filiados destes grupos, cujo tamanho variava segundo, obviamente, a cidade onde se desenvolvia. Infelizmente, não possuímos o número exato dos filiados a estes grupos, mas, a partir das listas de subscrição que apareciam no *Avanti!*, podemos crer que não ultrapassavam, em média, trinta membros na capital e uns vinte ou vinte e cinco no interior[113]. De qualquer forma, o *Avanti!* tinha uma tiragem de 4.600 cópias como

---

[111] DIRECTION GÉNERALE DE STATISTIQUE. *Annuaire Statistique du Brésil. Vol. I (1908-1912). Territoire et Population*. Brésil, Imprimerie de la Statistique, 1916, p. 268.

[112] Através das fontes policiais italianas do Casellario Politico Centrale, Archivio Centrale dello Stato, Roma e através da leitura das seções do *Avanti!* dedicadas ao interior e à cronaca interna das atividades do movimento socialista.

[113] Ver série do *Avanti!* de 1900, 1901, 1902 e 1903. Infelizmente, os números do *Avanti!* de São Paulo do período 1902-1903 são escassos, o que dificultou um pouco a coleta de dados deste tipo. Todavia, com a ajuda do *Fanfulla* e de outros periódicos de língua italiana publicados em São Paulo neste período, como *Sempre Avanti!*, *L'Asino*, *O Chapeleiro*, podemos complementar as informações do *Avanti!* e reconstruir a atividade dos socialistas italianos.

semanário em 1901 e mais de 6.000 quando diário entre 1902 e 1903[114], e também pelas listas de subscrição e por algumas seções do jornal dedicadas ao interior e aos assinantes, podemos verificar que a difusão do periódico e das suas linhas políticas estavam presentes em quase todas as localidades do Estado de São Paulo. Ainda que os assinantes e leitores de cada cidade do interior não tenham formado um grupo oficial (isto é, estruturado através de um estatuto inspirado no do *Circolo Socialista "Avanti!"* de São Paulo) eles se freqüentavam e participavam de manifestações políticas ou recreativas conjuntamente, além do fato de ter um papel importante dentro de algumas sociedades de socorro mútuo locais ou nas nascentes ligas de resistência. O caso dos conflitos políticos dentro da *Società Italiana di Mutuo Soccorso di Limeira*, por exemplo, mostram a influência dos socialistas italianos nas associações étnicas em uma cidade onde não havia um círculo socialista organizado: nesta SIMS foi eleito presidente o socialista Francesco Marchese, um operário especializado, que desenvolve a atividade da sociedade em direção a uma abertura democrática, com o aumento dos sócios (e sobretudo dos sócios que participavam das assembléias gerais e portanto do processo de formação democrática das decisões), e animando de forma geral a vida da associação mutualista graças a um conselho diretivo formado quase exclusivamente por operários, o que mudou a orientação nacionalista da velha direção[115]. Outros tipos de agremiações desenvolviam o papel de abrigo societário para os socialistas do interior nas cidades onde não tinha sido possível formar um círculo socialista, como foi, por exemplo, no caso do *Gruppo Filodrammatico Operaio Umanitario* de Araras, que nesta cidade fazia as vezes de um grupo socialista, embora se dedicasse

[114] *Avanti!* n. 53, 21/22-10-1901, e *Avanti!* n. 302, 25-10-1902.
[115] "Visita a Limeira", *Avanti!*, n. 210, 11-07-1902, p. 2.

quase exclusivamente à encenação de peças de teatro social[116]. Mas também nos maiores centros urbanos do interior, como Ribeirão Preto, onde havia dois círculos ligados ao grupo paulistano do *Avanti!*, a relação entre os socialistas e as sociedades de socorro mútuo era intensíssima naqueles anos: em janeiro de 1902, a inauguração da sala da *Società Operaia Internazionale* contou com a presença de muitos operários socialistas da cidade, um orador brasileiro e um italiano (Pennazzi, correspondente do *Avanti!* em Ribeirão) fizeram discursos em prol do mutualismo e de seu papel social e socialista. Durante a festa um coral de crianças cantou o *Inno dei Lavoratori*, que nada era senão o hino oficial do partido socialista italiano, e que foi tocado pela banda ítalo-brasileira "Verdi-Gomes" percorrendo as ruas da cidade (a comemoração terminou na casa do militante socialista Felice Azzali, que, na ocasião, ofereceu cerveja gelada aos sócios da *Società*)[117]. Este exemplo vale como simples amostra de uma situação geral no interior paulista, uma vez que o *Avanti!* relatava comemorações deste tipo pelo menos três vezes por semana em várias localidades[118].

Este papel dos socialistas italianos no âmbito do mutualismo étnico continuava, aliás, muito forte sobretudo nas SIMS da capital, como pode ser observado desde a participação de muitos sócios dos círculos socialistas paulistanos à festa para a comemoração do quinto aniversário da *Società "Lega Lombarda"*[119], até a continuação das atividades da associação (entre o político e o mutualista) da *Lega Democratica Italiana*, que não desapareceu apesar da formação dos círculos socialistas. A LDI, ao contrário, continuou hospedando na sua sede da Rua Florêncio de Abreu 76-A a maioria das ligas sindicais, além do *Circolo Socialista "Avanti!"* e da redação do periódico homônimo e,

[116] *Avanti!*, n. 658, 24-12-1903, p. 2.
[117] "Cose di Ribeirão Preto", *Avanti!*, n. 71, 29-01-1902.
[118] Ver série do *Avanti!* de 1901-1903, nas seções: "In viaggio di propaganda", "Cartoline", "Notizie di partito".

finalmente, após as reuniões do II congresso socialista, abrigou os delegados que festejaram na sua sede a fundação do Partido Socialista Brasileiro e a Federação Socialista Municipal a partir da sua fundação algumas semanas depois do congresso de 1902[120]. Até o grupo de socialistas italianos mais radicais que redigia o periódico *Sempre Avanti!* (o redator principal era o irmão de Alceste, Alfredo) dedicava uma atenção especial às atividades das sociedades mútuas e das outras associações italianas recreativas, sem deixar de lado agremiações que tinham no seu seio poucos membros de tendência socialista, como a *Unione Meridionale* ou o *Circolo "Guglielmo Marconi"*[121].

Esta atividade, digamos assim, societária, foi completada, enfim, com a participação dos socialistas italianos de São Paulo, em primeiro lugar por parte de Dante Ramenzoni e de Alcibiade Bertolotti, na nova fundação da *Camera Italiana di Commercio ed Arti* de São Paulo. A iniciativa foi retomada no início de 1902, com o objetivo de criar uma sociedade que se ocupasse das relações econômicas entre as empresas e os comerciantes italianos e, por outro lado, as dos imigrantes italianos residentes em São Paulo, mas na ótica de favorecer também a criação de uma *Camera del Lavoro* paulistana[122]. Desta forma, era claro que estas duas organizações deviam constituir, segundo o projeto destes militantes, um momento de união entre a ação do operariado paulistano e a dos artesãos independentes e dos comerciantes italianos de tendência socialista ou republicana. Em parte, pensava-se de poder resolver mais rapidamente os conflitos de trabalho, pois a *Camera Italiana di Commercio* podia funcionar como mediadora nas negociações entre os operários em greve

---

[119] *Avanti!*, n. 210, 11-07-1902, p. 3.
[120] Ver série do *Avanti!* de 1902 e 1903, na seção "Cronaca" e "Movimento Socialista" e também "Congresso Socialista Brasileiro", *O Estado de São Paulo*, 02-06-1902, p. 2. Em outubro de 1902, por exemplo, a *Federazione Socialista Municipale di S. Paolo* organizava oficialmente suas reuniões e festas na *Lega Democratica Italiana*, ainda na Rua Florêncio de Abreu 76-A (*Avanti!*, n. 300, 24-10-1902).
[121] *Sempre Avanti!*, n. 3, 16-12-1903.
[122] Ver *Avanti!* de janeiro-fevereiro de 1902: "La Camera di Commercio".

e os empresários. Alcibiade Bertolotti e Dante Ramenzoni, que planejavam um papel deste tipo para a nova associação, tornaram-se membros da nova Câmara já desde a sua fundação, mas sua ação foi freqüentemente limitada pela presença, no conselho, de uma maioria composta pelos maiores empresários e comerciantes italianos da capital, como, por exemplo, Giulio Micheli, Emidio Falchi, Antonio De Camillis, Rodolfo Crespi e Giuseppe Bosisio[123].

Voltando à questão dos militantes e simpatizantes socialistas no Estado de São Paulo, alguns dos muitos exemplos de listas de subscrição podem ser suficientes para nos dar uma idéia da difusão destes grupos (sejam eles formais ou informais) nos pequenos centros do interior, durante estes primeiros anos do século XX: em Socorro, em junho de 1901, contribuíram para o jornal 12 operários italianos reunidos no almoço festivo do domingo, "para homenagear o batalheiro *Avanti!* e a emancipação do proletariado"[124]; no mês seguinte, em São José do Rio Pardo, há também uma subscrição de 12 leitores do periódico socialista[125]. Em 1902, quando o jornal já era diário, há 10 simpatizantes em Itapira[126], até 41 em Ibitinga e 20 em Rio Claro[127], somente para citar dois diferentes períodos do ano (janeiro e outubro).

Quando pensamos, portanto, na difusão do movimento socialista no Brasil, não podemos esquecer, em primeiro lugar, a sua forte dimensão estadual paulista e a sua caracterização étnica, italiana. Se comparamos os dados que podemos perceber a partir de toda uma série de fontes e indícios (como já falamos, a tiragem do Avanti! semanal e

---

[123] Os dois, mas sobretudo Alcibiade Bertolotti, serão membros da direção da *Camera* ao longo do período 1902-1916. Ver, para um acompanhamento geral das atividades desta associação, sobretudo a série do *Fanfulla* deste período, nas seções "Circoli e Società", "Comunicati" e "Camera Italiana di Commercio ed Arti".

[124] "Sottoscrizione permanente a favore dell'Avanti!", *Avanti!*, n. 35, 15/16-06-1901, p. 3.

[125] Idem, *Avanti!*, n. 41, 27/28-07-1901, p. 3.

[126] "Sottoscrizione straordinaria per l'Avanti! quotidiano", *Avanti!*, n. 71, 29-01-1902, p. 2.

depois diário, a presença de militantes socialistas em todas as sociedades italianas de socorro mútuo, a presença de grupos estruturados ou informais, as listas de subscrição ao *Avanti!*, o número de correspondentes e assinantes no interior), com os do partido socialista na Itália, nos damos conta que existe uma intensa rede socialista italiana no Estado de São Paulo que não é muito inferior à patrícia, feitas, claramente, as devidas proporções (número de habitantes, densidade populacional, distância média entre os centros urbanos)[128].

Em 1902, o *Partito Socialista Italiano* contava com 34.913 sócios, distribuídos em 975 grupos de vários tipos, o que significava que o número médio para cada grupo era de cerca de 36 integrantes, número que, como podemos observar não ultrapassava muito a média dos integrantes dos filiados socialistas italianos no Estado de São Paulo[129]. Ainda em 1897, quando o partido sofria condições de repressão e de rarefação parecidas às experimentadas pelas organizações políticas e sindicais dos trabalhadores paulistas, o PSI contava com 26.857 integrantes, e somente 600 centros da Itália possuíam um grupo ou um círculo socialista[130]. Porém, se olhamos os dados de 1902 com mais profundidade percebemos que a distribuição das seções do partido eram muito desequilibradas do ponto de vista regional, pois os integrantes dos núcleos da área *"padana"* (quer dizer, somente de algumas províncias da vale do rio Po: Bologna, Ferrara, Ravenna, Reggio Emilia, Modena e Mantova, as primeiras na Emilia-Romagan e a última na Lombardia) constituíam 46,5% de todos os filiados ao PSI (16.245, dos quais mais de 3.000 somente da província de

---

[127] "Sottoscrizione straordinaria Pro-Macchina", *Avanti!*, n. 300, 24-10-1902, p. 1.
[128] O Estado de São Paulo têm uma superfície um pouco menor que a italiana, mas tinha um número dez vezes menor de habitantes.
[129] Os dados são relativos ao censo do PSI elaborado durante o Congresso de Imola de setembro de 1902. Ver Zeffiro CIUFFOLETTI, *Storia del PSI. Le origini e l'età giolittiana.* Roma-Bari, Laterza, 1992, p. 194 e p. 215; ver também Giuliano PROCACCI, *La lotta di classe in Italia agli inizi del secolo XX.* Roma, Editori Riuniti, 1970, pp. 244-245 e Maurizio RIDOLFI, *Il PSI e la nascita del partito di massa. 1892-1922.* Roma-Bari, Laterza, 1992, pp. 26-35.
[130] Maurizio RIDOLFI, *Op. cit.* p. 27.

Reggio). E é necessário apontar para o fato que, nestas províncias, a adesão ao partido socialista era também urbana, mas sobretudo camponesa, o que, aliás, caracterizava o PSI como o único partido socialista da Europa onde o peso dos camponeses era igual ao dos operários e dos outros trabalhadores urbanos[131]. O resto da Itália do norte contribuía com pouco mais de 8.000 filiados em 232 círculos; a Itália central (com a preponderância da Toscana) com 7.700 sócios em 214 grupos; a Itália do sul com 100 seções e pouco mais de 2.500 filiados[132].

A desproporção era evidente e provocou o chamado fenômeno do socialismo municipal, isto é, o socialismo italiano era fortemente caracterizado pelas diferenças regionais e, ainda mais provinciais e locais, ao ponto que um núcleo da área padana agia de modo político e sindical diferentemente em relação a um núcleo das mesmas dimensões no campo toscano: diferenças que se refletiram também em São Paulo entre militantes provenientes de regiões italianas diferentes, como veremos no caso dos principais diretores do Avanti! entre 1900 e 1919 (De Ambris, do socialismo revolucionário presente em muitas áreas da Toscana, Piccarolo, do socialismo moderado dos meeiros da província de Alessandria no Piemonte; Donato Donati, ligado ao socialismo toscano de origem garibaldina; Vacirca, siciliano; Monicelli, de Mantova).

Com exceção dos muitos grupos rurais *"padani"*, a caracterização social dos núcleos do PSI era muito parecida com a dos correligionários paulistas. A maioria de seus membros eram justamente, como em parte apontamos para os militantes que chegaram em São Paulo na década de 90 do século XIX[133], artesãos, operários especializados, pequenos

[131] Zeffiro CIUFFOLETTI,. *Op. cit.*, mas também Maurizio RIDOLFI, *Op. cit.* pp. 63-115.
[132] Giuliano PROCACCI, *Op. cit.* pp. 244-245.
[133] Ver capítulo 2.

comerciantes, com uma minoria de profissionais liberais[134], em suma: nas seções do PSI "a presença dos operários era constituída predominantemente pelos trabalhadores de pequenas fábricas ou de empresas semi-artesãs"[135]. O panorama paulista, sob este ponto de vista, como sabemos, não era muito diferente: a presença dos estabelecimentos fabris de pequenas e médias dimensões e as chamadas "oficinas de fundo de quintal", tinham uma grande importância no mundo do trabalho urbano do Estado de São Paulo e o caracterizavam assim como (senão mais) os grandes estabelecimentos têxteis, como já vimos nos capítulos precedentes.

Em 1902, na cidade de São Paulo (que na época contava cerca de 250.000 habitantes)[136] havia 10 círculos socialistas: porém, uma cidade italiana do mesmo porte populacional (Florença, por exemplo), não tinha na época mais grupos socialistas que São Paulo[137]. Também a difusão do *Avanti!* paulistano comparada à do *Avanti!* italiano (sempre considerando as devidas proporções) não aparecia naqueles anos tão inferior à do seu irmão mais velho da Itália: o *Avanti!* italiano, impresso em Roma, em 1904 vendia na Lombardia (a região italiana mais populosa, mais ou menos com a mesma população paulista da época), pouco mais de 3.000 cópias e estamos falando da região de Milão, o maior centro industrial italiano e de Mantova, o principal centro das organização sindicalista e mutualista camponesa[138].

---

[134] Maurizio RIDOLFI, *Op. cit.* pp. 120-158.
[135] Zeffiro CIUFFOLETTI, *Op. cit.*, p. 194.
[136] Segundo os dados publicados no *Annuaire, Op. cit.* p. 260.
[137] Em 1897, a província de Florença (que era composta por 77 municípios, entre os quais havia, além dos da periferia florentina, também distritos industriais como o de Prato e de Empoli) contava com cerca de 25 grupos organizados aderentes ao PSI. Em 1914, quando o PSI já era uma sólida organização política nacional, a província de Florença tinha pouco mais de 65 seções socialistas (Ver Maurizio RIDOLFI, *Op. cit.*, p. 75 e pp. 278-279).
[138] Maurizio RIDOLFI, *Op. cit.*, p. 277. Temos que considerar todavia, que na Itália existia uma imprensa socialista local de dimensões notáveis, que acompanhava o *Avanti!* nacional. Mas também assim, a difusão dos periódicos socialistas na Itália não obscurecia completamente o fenômeno temporário do sucesso do *Avanti!* de São Paulo.

Enfim, temos que reconsiderar a idéia do partido socialista de massa que aprendemos a conhecer e estudar até hoje: as organizações políticas socialistas, com a exceção do SPD alemão e de alguns outros contextos da Europa central e setentrional, eram constituídas geralmente por grupos pequenos, realidades rarefeitas, ainda que desenvolvessem um papel importante na liderança dos movimentos operários locais[139]. No caso italiano, a identidade socialista construía-se sobretudo em outros tipos de agremiação, mais do que nas seções territoriais do partido, cujos filiados eras sim os líderes locais nas greves e nas outras manifestações de classe, mas constituíam somente uma parte minoritária do universo associativo socialista e, seria melhor dizer, operário e camponês. Para um trabalhador italiano declarar-se socialista era suficiente ser filiado à *camera del lavoro* da sua cidade ou ao seu sindicato: pertencer ao grupo socialista local, ao grupo político, era mais raro, porém era comum entre os líderes das *camere del lavoro*, dos sindicatos, das cooperativas, em suma, para os que se consideravam socialistas militantes. O quadro mudou somente (e gradualmente) com o sufrágio universal, em 1912, mas, na verdade, o partido de massa como o conhecemos foi uma criação do segundo pós guerra: até o advento do fascismo (1922) as seções do PSI continuaram se difundindo e aumentando de número, mas nenhuma delas chegou (até nas grandes cidades) a ter o mesmo número de filiados do mesmo núcleo (quero dizer, no mesmo local, bairro ou cidade) do partido comunista italiano dos anos cinqüenta do século XX[140]. A força do PSI, do seu papel de liderança do movimento operário italiano, residia na sua capacidade de fornecer os secretários da maioria das *camere del lavoro* das principais confederações

[139] Donald SASSOON, *One Hundred Years of Socialism. The West European Left in the Twentieth Century.* London, Fontana Press, 1997, pp. 5-38.

sindicais, assim como das cooperativas (e da liga que as reunia) e da maioria das sociedades de socorro mútuo[141]. Este é que era o integralismo de Enrico Ferri, que encontrava uma realização parecida no Estado de São Paulo entre muitas comunidades italianas, onde havia militantes socialistas. Quando pensamos, portanto, na realidade do movimento socialista em São Paulo, não nos deve espantar o fato que havia "somente" umas 33 organizações estruturadas em 1902, e uma série de grupos informais espalhados em todo o território paulista e tomar este fato como o sinal de uma sua fraqueza congênita. Pelo contrário, os socialistas italianos em São Paulo estavam suficientemente organizados ao compará-los com a realidade da qual eles vinham, a Itália centro-setentrional. O problema era talvez outro, como veremos, isto é, o fato que o movimento socialista era caracterizado por esta monopresença étnica: os sócios que não eram italianos constituíam uma pequena minoria[142].

Da mesma forma, a presença minoritária de operários não especializados nos grupos socialistas paulistas não significava, como acontecia no caso italiano, que houvesse uma separação entre os milhares de trabalhadores urbanos e os grupos políticos do partido, que tinham, na verdade, uma função coordenadora de toda uma série de organizações diferentes ligadas ao mundo do trabalho[143]. Eram formas organizativas complementares e em nenhum modo opostas.

---

[140] Como também o professor Renato Zangheri ilustrou para mim quando o entrevistei em janeiro de 2001 em Imola, no Centro Studi di Storia del Lavoro. Ver também a esse propósito sempre Maurizio RIDOLFI, *Op. cit.* e Giuliano PROCACCI, *Op. cit.*, p. 240.

[141] Ver, por exemplo, Luigi TOMASSINI, *Associazionismo operaio a Firenze fra '800 e '900. La società di mutuo soccorso di Rifredi (1883-1922).* Firenze, Leo S. Olschki, 1984. Alberto BONIFAZI e Gianni SALVARANI, *Dalla parte dei lavoratori. Storia del movimento sindacale italiano. Volume I. 1860-1906: dalle Società di Mutuo Soccorso alla prima organizzazione unitaria dei lavoratori.* Milano, Franco Angeli, 1976; Maurizio RIDOLFI, *Op. cit.*, pp. 203-267.

[142] No período 1900-1904, nas listas de subscrição para o *Avanti!* e nos vários grupos, tanto da capital como do interior, os não-italianos eram, em média, 2-3%.

[143] Ver, além de Zeffiro CIUFFOLETTI, *Op. cit.* Giuliano PROCACCI, *Op. cit.*, também Maurizio DEGL'INNOCENTI, *Geografia e istituzioni del socialismo italiano. 1892-1914.* Napoli, Guida, 1983, p. 22.

O aumento da mobilização operária nas cidades italianas no período entre 1900 e 1904, e o conseqüente crescimento da intervenção dos integrantes do PSI na direção destes movimentos, ajudou o próprio partido a crescer e a se difundir em todos os sentidos organizativos, embora permanecessem íntegras as características sociais dos militantes das seções do PSI[144]. Um fenômeno semelhante aconteceu em São Paulo nos primeiros anos do

século XX. Como em parte já apontamos, os núcleos socialistas encontraram sua força graças ao importante papel que os seus militantes desenvolviam, tanto em associações econômicas como as sociedades étnicas de socorro mútuo (que, todavia, estavam ligadas quase exclusivamente a camadas sociais semelhantes: artesãos, operários especializados, pequenos comerciantes), quanto na fundação, na organização e no desenvolvimento das ligas operárias de resistência, sobretudo na capital. O crescimento do número de grupos socialistas estava relacionado a estes processos organizativos, que tinham começado com o papel desenvolvido pelos militantes italianos do *Circolo "Avanti!"* na mediação e organização das greves (isto independentemente da existência da liga sindical de ofício). Aqui soldava-se a atuação política e sindical dos militantes socialistas com a dos trabalhadores urbanos, inclusive (e talvez sobretudo) dos que estavam empregados nas fábricas têxteis e alimentícias da capital, como teremos modo de verificar mais adiante no caso da greve têxtil no Bom Retiro.

Estas considerações encontram uma confirmação nas palavras do tipógrafo Lorenzo Monaco (um caso clássico de operário qualificado que juntava a sua atividade sindical nos sindicatos da sua profissão, com a atuação no grupo socialista local na cidade de São Paulo), que descreveu a situação do movimento operário em São Paulo no final de 1901 a

[144] Giuliano PROCACCI, *Op. cit.* pp. 230-248.

partir da ação mútua dos sindicatos, recém nascidos, das greves e dos militantes do Circolo Socialista "Avanti!":

> "Para dar um pouco de vigor e entusiasmo à propaganda iniciada em prol da organização operária, contribuíram várias greves, que ainda que decididas e proclamadas sem preparo e sem organização, ajudadas com conselhos e com a sua intervenção pelos companheiros do Avanti!, muitas deram um resultado completamente favorável e outras satisfatórios [...]"[145]

Esta ação repercutiu-se na difusão dos grupos socialistas na capital paulista, justamente nos bairros considerados operários. Em meados de 1902, contamos ali seis grupos de bairro, geminados a partir do Circulo Socialista "Avanti!", que, todavia, continuava existindo e coordenando a atividade de todos os outros: no Bela Vista, no Bom Retiro, no Brás, no Cambucy, na Lapa e no subúrbio da Casa Branca. Destes, os três mais antigos (Bom Retiro, Brás, e Cambucy) tinham explicitamente um nome italiano (respectivamente: Andrea Costa, Primo Maggio, Enrico Ferri: os nomes revelavam por si só, ascendências, ligações e tendências)[146]. O círculo da Lapa definia-se "internacional", e os outros dois simplesmente círculos socialistas. Além destes seis (caracterizados por uma presença italiana amplamente majoritária) temos que considerar como grupo socialista de bairro o *Sozialistischer Lesezirkel*, um grêmio de socialistas alemães da Vila Mariana[147].

---

[145] Lorenzo MONACO, "L'anno che muore. Rassegna del movimento operaio in S. Paulo (novembre 1901)", in: Alceste DE AMBRYS (compilatore), *Op. cit.* pp. 40-41.

[146] Lembra-se que muitos militantes socialistas residentes em São Paulo tinham sido amigos fraternos de Andrea Costa (ver capítulo 2).

[147] Para todos estes grupos ver a série do *Avanti!* de 1901-1902, na seção "Movimento Socialista".

3.5

O Segundo Congresso Socialista brasileiro na tentativa de superar a questão étnica italiana: o modelo do PSI e os sucessos socialistas na atividade sindical em São Paulo

Esta situação geral, juntamente com as ligações estabelecidas pelo socialista brasileiro Estevam Estrella com círculos parecidos no resto do Brasil, levou os militantes do *Circolo Socialista "Avanti!"* a lançar a proposta de realizar o II Congresso Socialista Brasileiro (considerando como primeiro o de França e Silva organizado em 1892 no Rio de Janeiro).

O veículo principal de propaganda socialista no país, o periódico *Avanti!* de São Paulo, tinha-se tornado, no início de 1902, um jornal diário, e portanto fornecia a base principal para a discussão dos temas que seriam debatidos no congresso e a coordenação organizativa para a realização do encontro. Ao mesmo tempo, ao lado do *Avanti!*, havia dois importantes periódicos socialistas no Rio Grande do Sul (*Eco Operario*, II fase e *Avante!*, escrito em português, italiano, alemão e espanhol), e um em Pernambuco, *Aurora Social*[148].

A proposta, de qualquer forma, tinha sido programaticamente anunciada já no almanaque socialista, em novembro de 1901, falando das 23 organizações paulistas de então "que são os núcleos em torno dos quais surgirão em breve tempo outras associações análogas, até chegar a cobrir com uma rede estreita este grande território que é o mais progredido do Brasil. Ao mesmo tempo, a propaganda desenvolveu-se em alguns outros

[148] Todos estes periódicos tinham uma tiragem média de 1.000 exemplares, mas tinham uma periodicidade irregular ou quinzenal (ver Alceste DE AMBRYS, (compilatore). *Op. cit.*, p. 55).

estados. Assim, Rio Grande do Sul e Pernambuco contam com várias sociedades operárias socialistas. Em Minas há um grupo muito fecundo em Belo Horizonte, e outros grupos espalhados em várias localidades. No Paraná surgiu um *Circolo Internazionale* com membros claramente operários. No Rio há ainda pouca coisa, mas os companheiros estão trabalhando para organizar o partido e fundar um jornal"[149].

O II Congresso Socialista iniciou, então, no dia 28 de maio de 1902, em São Paulo, mas até esse momento o número de agremiações socialistas tinha aumentado, tanto no Estado de São Paulo, como no resto do Brasil. Participaram 30 associações paulistas (das quais 10 eram da capital), 3 de Minas Gerais, 2 de Rio Grande do Sul, 2 da Bahia, 1 para cada um destes estados: Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, além de uma participação individual em representação do Estado de Sergipe.

A lista dos grupos participantes ao II Congresso (28 de maio a 1 de junho de 1902) com os respectivos delegados foi a seguinte[150]:

---

[149] Ibidem.

[150] Deixei os nomes originais dos grupos. A lista foi reconstruída a partir dos dados presentes nos jornais *Fanfulla*, de 29-05-1901 a 31-05-1901; *O Estado de São Paulo* de 30-05-1902 e 31-05-1902, e 28-08-1902; *Gazeta Operária* (Rio de Janeiro) de 19-10-1902; e para uma transcrição correta dos nomes a partir do *Fanfulla* e da série do *Avanti!*, do n. 38, 6/7-07-1901 a julho de 1902. Infelizmente, os números do *Avanti!* dedicados ao II Congresso Socialista Brasileiro não foram encontrados em nenhum dos arquivos e bibliotecas (no Brasil e na Itália) nos quais pesquisei. Além disso, uma longa pesquisa feita através de cartas e e-mails enviados a toda uma série de arquivos sindicais, socialistas e de história social europeus (a partir das instituições associadas ao IISG de Amsterdã, desde a Noruega até a Espanha) também tiveram resultado negativo. Segundo a resposta do responsável do IISG para as coleções provenientes da América do Sul, a coleção inteira do *Avanti!* de São Paulo de Amsterdã foi desmembrada e escondida em vários lugares na Holanda e na Grã-Bretanha durante a II Guerra Mundial, na tentativa de esconder o material dos ocupantes nazistas. Quando a guerra terminou, somente uma parte do material escondido voltou ao seu antigo acervo (hoje em dia, a coleção de Amsterdã do *Avanti!* de São Paulo que sobrou está microfilmada no Arquivo Edgard Leuenroth, onde há também muitos números avulsos de outros períodos do jornal). Outros números avulsos se encontram no Arquivo do Estado de São Paulo, no Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, na Biblioteca di Storia Moderna "Caetani" de Roma, no Arquivo do Estado de Recife. No que se refere à Itália, é muito provável que tenha acontecido o que eu mesmo pude observar na *Mostra della Rivoluzione Fascista* (um acervo dos anos trinta construído a partir do material subtraído pelos esquadrões fascistas às associações socialistas e comunistas assaltadas e conservado no Archivio Centrale dello Stato). Na *Mostra* são freqüentes as fotografias de coleções encadernadas do *Avanti!* italiano (das várias edições regionais) que estão sendo queimadas pelos fascistas no momento do ataque a estas associações: um espectáculo triste, que muito provavelmente acontecu também às coleções inteiras do *Avanti!* paulistano, que na Itália era recebido por

Cidade de São Paulo:

Circolo Socialista "Avanti!" (Lorenzo Monaco, Salvatore Sapia)

Circolo Socialista di Bella Vista (Cesare Golfarelli)

Circolo Socialista "Andrea Costa" del Bom Retiro (Luigi Farrace)

Circolo Socialista "Primo Maggio" del Braz (Giuseppe Ceruti)

Circolo Socialista "Enrico Ferri" del Cambucy (Dante Ramenzoni, Paolo Zamboni, Quarto Franceschini)

Grupo Socialista de Casa Branca (Riccardo Del Frate, Lamberto Ramenzoni)

Circulo Socialista Internacional da Lapa (Angelo Gaeta)

Agrupación Socialista Española (Valentin Diego, José Murcia)

Allgemeiner Arbeiterverein (Pedro Konen)

Sozialistischer Lesezirkel (Ricardo Menge)

Estado de São Paulo (interior):

Circulo Socialista de Amparo (Italo Cremaschi)

Grupo Socialista de Aparecida (?)

Circolo Socialista "Avvenire" di Araraquara (Bortolo Scarmagnan)

Grupo Socialista de Batataes (Alcibiade Battelli)

Circolo Socialista "Azione e Lavoro" di Botucatú (O. O. Romiti)

Circulo Socialista Internacional de Campinas (Prof. Federico Carlo Spicacci, Giovanni Tironi, Dante Ramenzoni)

Circulo Socialista de Cravinhos (Lamberto Ramenzoni)

Circulo Socialista de Dourado (Giuseppe Vecchiati)

Circulo Socialista de Franca (Salvatore Elassini, Romolo Dinelli)

Gruppo Socialista "Leone Tolstoi" di Jaboticabal (?)

Circulo Socialista de Jardinópolis (Alceste De Ambris)

Circulo Socialista "Karl Marx" de Jaú (Ettore Tommasini)

---

várias federações do PSI (sobretudo em Mantova, Bolonha, Imola, Milão, Parma e Lucca) e que hoje não se encontram mais.

Nas notas seguintes citarei os artigos de *O Estado de São Paulo*, de 30-05-1902 a 03-06-1902 e 28-08-1902 dedicados ao II Congresso Socialista Brasileiro, também porque facilitam a citação das discussões e dos debates nas sessões do congresso, e do programa do partido. O acompanhamento do congresso e das resoluções por parte de *O Estado de São Paulo* foi tão intenso e aprofundado quanto o do *Fanfulla*.

Circulo Socialista Internacional "França e Silva" de Jundiaí (Emilio Sacchetto, Esteban Girau)

Circolo Socialista "Leone Tolstoi" di Mocóca (Adolfo D'Alberton)

Circulo Socialista Internacional de Olhos d'Agua de Ribeirãozinho (Camillo Amadio)

Circulo Socialista Internacional de Ribeirão Preto (Andrea Ippolito)

Grupo Socialista Feminino de Ribeirão Preto (Rina Ranzenigo)

Circulo Socialista de Rio Claro (dr. Cantidio Bretas)

Circulo Socialista de Santos (dr. Silverio Fontes)

Circulo de Estudos Sociaes de São Roque (Francesco Lucchini)

Outros Estados:

Pará: *Partido de Artistas e Operarios de Belém* (dr. Silverio Fontes, dr. Ascendino Reis)

Paraíba: *Sociedade Artistas Mechânicos e Liberaes de Parahyba* (Lourenço Gomes, dr. Teixeira da Silva, dr. F. Paranhos)

Pernambuco: *Centro Protector dos Operarios do Recife* (Estevam Estrella, D. Mirolla, Julio Ramos)

Sergipe: (dr. Ascendino Reis, *individualmente*)

Baía: *Centro Socialista da Bahia* (Estevam Estrella); *União Operaria da Bahia* (Ludgero de Souza)

Minas Gerais: *Circolo Socialista "Edmondo De Amicis" di Belo Horizonte* (Alcibiade Bertolotti); *Grupo Socialista de Poços de Caldas* (Bortolo Belli); *Grupo Socialista de São Paulo de Muryhaé* (Alceste De Ambris)

Paraná: *Circulo Socialista Internacional de Ponta Grossa "Leão Tolstoi"* (Napoleone Amadio)

Rio Grande do Sul: *Club Socialista do Rio Grande* (R. Guedes Coutinho, Bernardino Ferraz); *União Operária do Rio Grande, Porto Alegre* (R. Guedes Coutinho).

Evidentemente, a preponderância paulista mostra um dos problemas fundamentais do desenvolvimento do Partido Socialista que será fundado no final do congresso: esta organização surgia com uma caracterização étnica, italiana, marcante, como pode-se observar com uma simples análise dos grupos e delegados do congresso. O movimento

socialista não era somente um fenômeno paulista, mas sobretudo um fenômeno ligado ao contexto da imigração italiana (e não somente no Estado de São Paulo).

Notamos, assim, que os grupos explicitamente italianos (isto é, que nascem e conservam um nome italiano) são pelo menos 10 (26,3%), todos paulistas, mais um de Belo Horizonte e que os grupos que são representados por delegados de nacionalidade italiana são 28 (73,6%), apesar de exibir o nome "Internacional" ou de ter um nome em português: em alguns casos, há grupos que se deixam representar, ao mesmo tempo, por militantes de diferentes nacionalidades, mostrando ou levar em conta as minorias existentes no seu seio, ou porque, efetivamente, contavam com diversos militantes não-italianos[151]. Dos 48 delegados, 32 são italianos (66%), representando não somente agremiações do Estado de São Paulo; 10 são brasileiros (todos advogados ou médicos); 4 espanhóis e 2 alemães[152]. Entre os italianos, os residentes em São Paulo são a grande maioria, pois alguns grupos do interior paulista e até os grupos de Minas, fizeram-se representar por militantes que moravam na cidade de São Paulo (Alcibiade Bertolotti, por exemplo, que sempre morou em São Paulo desde sua chegada em 1889, líder aclamado do socialismo paulistano, era o delegado do grupo de Belo Horizonte). Enfim, vale a pena notar, do ponto de vista da composição étnica, que dois grupos da capital paulista são alemães e um espanhol.

---

[151] Entre os delegados italianos, Dante Ramenzoni, Lamberto Ramenzoni e Alceste De Ambris representaram dois grupos cada um. E portanto os delegados italianos são, ao todos, 25.

[152] Estes são os delegados em ordem alfabética e étnica: Camillo Amadio, Napoleone Amadio, Alcibiade Battelli, Bortolo Belli, Alcibiade Bertolotti, Giuseppe Ceruti, Italo Cremaschi, Adolfo D'Alberton, Alceste De Ambris, Riccardo Del Frate, Romolo Dinelli, Salvatore Elassini, Luigi Farrace, Quarto Franceschini, Angelo Gaeta, Cesare Golfarelli, Andrea Ippolito, Francesco Lucchini, D. Mirolla, Lorenzo Monaco, Dante Ramenzoni, Lamberto Ramenzoni, Rina Ranzenigo, O. O. Romiti, Emilio Sacchetto, Salvatore Sapia, Bortolo Scarmagnan, Prof. Federico Carlo Spicacci, Giovanni Tironi, Ettore Tommasini, Giuseppe Vecchiati, Paolo Zamboni.
Dr. Cantidio Bretas, R. Guedes Coutinho, dr. Teixeira da Silva, Ludgero de Souza, Estevam Estrella, Bernardino Ferraz, dr. Silverio Fontes, Lourenço Gomes, dr. F. Paranhos, dr. Ascendino Reis.
Valentin Diego, Esteban Girau, José Murcia, Julio Ramos.
Pedro Konen, Ricardo Menge.

Neste contexto, os debates, as discussões e as resoluções do congresso (compreendendo a estrutura final do partido e o seu programa) não podiam deixar de refletir esta marcante presença italiana. Até o hábito dos grupos de delegar militantes não diretamente pertencentes ao seu grêmio, era uma característica que vinha de muito longe no movimento socialista italiano, já a partir dos primeiros grupos surgidos na década de oitenta[153]. Se esta caracterização étnica, por um lado, favorecia uma certa coesão do partido, ao menos no Estado de São Paulo e no sul de Minas (diferentemente do que acontecia, por exemplo, nos casos da Argentina e dos Estados Unidos, onde a componente italiana nunca chegou a representar a maioria dos militantes filiados e onde, sobretudo nos Estados Unidos, era, nas grandes cidades, uma minoria étnica como as outras dos poloneses, irlandeses, suecos, alemães e judeus[154]), por outro lado impedia a sua difusão ulterior. Porém, no caso do movimento operário paulista (sobretudo na capital) onde os trabalhadores (operários, operárias e artesãos) eram por dois terços compostos por italianos, favoreceu desde os seus primórdios o diálogo do recém nascido PSB com os movimentos de reivindicação econômica (organizados ou não). Podia ser inviável, portanto, a ação de um partido socialista no Brasil, mas não a de um partido socialista brasileiro em São Paulo.

Algumas palavras deveriam ser dedicadas para esclarecer um pouco as biografias de alguns destes delegados.

Os irmãos Ramenzoni, por exemplo, aparecem como delegados de mais de um círculo, o que evidentemente mostrava a influência e a confiança que dos dois tinham. De

[153] Ver, entre muitos outros, Renato ZANGHERI, *Op. cit.*

[154] Ver David MONTGOMERY, "Nuove tendenze nelle lotte e nelle strategie sindacali in Europa e negli Stati Uniti, 1916-1922, in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze, Sansoni,

fato, Dante e Lamberto, além do fato de serem dois artesãos bem sucedidos, com uma fábrica de chapéus na Rua Lavapés, que contava com cerca de trinta operários (eles também socialistas e sindicalizados)[155], eram antigos militantes socialistas, desde a juventude, na cidade de Parma, onde, no bairro popular de *Oltretorrente* tinham aprendido o oficio de chapeleiros. Eram amigos de Alcibiade Bertolotti e do irmão Guido (que na década de noventa do século XIX ainda vivia em Parma), e tinham nascido respetivamente em 1870 (Dante) e em 1879 (Lamberto). Apesar da diferença de idade, tinham participado, os dois, do desenvolvimento dos grupos socialistas de sua cidade, pertencendo, portanto, àquele grupo de artesãos e operários especializados italianos da região Emilia que moravam em São Paulo e constituíam boa parte dos militantes socialistas italianos mais ativos. Dante e Lamberto transferiram-se para São Paulo somente em 1899, mas há vários sinais que deixam pensar que tinham vivido em São Paulo já em outros períodos durante a década de noventa do século XIX[156]. Pertencendo à camada artesã, juntavam sua atividade política nos círculos socialistas da capital com a na sociedade mutualista dos chapeleiros, a *Cosmopolita*: tratava-se de dois típicos militantes socialistas artesãos que também na Itália constituíam a maioria dos membros das seções do partido socialista. Como veremos, as propostas de organização sindical que eles promoverão no congresso, evidenciavam sua estreita ligação com o mundo do trabalho de oficina, e o fato que constituíam o exemplo

1983, pp. 153-190 e Elisabetta VEZZOSI, *Il socialismo indifferente. Immigrati italiani e Socialist Party negli Stati Uniti del primo Novecento*. Edizioni Lavoro, Roma, 1991.

[155] Ver por exemplo a atuação de Cesare Biondetti, de Bolonha (nascido em 1877) que trabalhou na fábrica Ramenzoni por 32 anos, iniciando justamente em 1901. Biondetti foi eleito secretário da União dos Chapeleiros em 1904 e era um dos sindicalistas mais ativos em São Paulo. Participou da greve geral de 1907 como líder sindical e favoreceu a fusão, em 1905 desta liga com a sociedade cosmopolita dos chapeleieros, sociedade mutualista liderada pelos irmãos Ramenzoni (ver ACSR, CPC, busta 657, f. 77642).

[156] Este breve esboço biográfico foi traçado a partir das informações recolhidas no ACSR, CPC, busta 4217, fascicoli Lamberto Ramenzoni e Dante Ramenzoni.

vivo do elo existente entre as camadas artesãs mais politizadas e os operários mais ou menos especializados que povoavam os bairros populares de São Paulo.

Também artesão e também do norte da Itália era o militante Giuseppe Ceruti, que morava no Brás. Ele tinha nascido (muito provavelmente em 1883), em Cremona, na Lombardia e portanto vinha também de uma família de trabalhadores urbanos especializados setentrionais que estavam sofrendo um processo de empobrecimento: Giuseppe Ceruti, veio para São Paulo muito jovem, em 1894, seguindo o destino da família, que se estabelceu logo na cidade de São Paulo. Tudo indica que também o pai de Giuseppe, Davide, era socialista[157].

A ordem do dia do II congresso previa discussões sobre alguns temas fundamentais: desde o chamado programa máximo (isto é, a declaração de princípios canônica semelhante para todos os partidos da II internacional) até a elaboração do programa mínimo e da organização interna do partido. O consenso sobre a maioria das propostas elaboradas pelos vários círculos, mas sobretudo pelos sócios dos círculos de São Paulo capital, foi evidente desde o início das sessões, o que produziu um programa mínimo de 36 pontos, cujas expressões fundamentais foram: o imposto direto e proporcional sobre a renda; o horário máximo de trabalho de oito horas para os homens adultos, e de seis horas para as mulheres e para os menores de 18 anos, a proibição do trabalho abaixo dos 14 anos, o descanso semanal de 36 horas; a responsabilidade penal e civil dos patrões nos acidentes do trabalho nas oficinas (é interessante notar, neste caso, que é utilizada a palavra 'oficina' e não 'fábrica', sinal de que o ambiente de trabalho principal era considerado o pequeno e médio estabelecimento fabril e artesanal); revocabilidade dos representantes eleitos no caso de não cumprirem o mandato popular, limitação do trabalho noturno, criação de comissões

inspetoras das fábricas, oficinas e fazendas; igualdade de retribuição para homens e mulheres; separação efetiva da Igreja do Estado; adoção da lei de divórcio; neutralidade absoluta do Estado nos conflitos entre capital e trabalho; pensão aos inválidos e aos operários com mais de 60 anos; instrução obrigatória e gratuita até os 14 anos; criação de um sistema de saúde público gratuito para os trabalhadores[158].

O debate foi acirrado quando teve que ser discutido como realizar o tão declamado integralismo malonista da maioria dos militantes socialistas, pois tornava-se evidente que a questão da preponderância étnica dos imigrantes italianos no mundo do trabalho paulista (onde mais enraizado aparecia o movimento operário organizado e também o movimento socialista) colocava em questão um dos princípios fundamentais da múltipla ação do partido, isto é, a participação efetiva dos trabalhadores no processo eleitoral, para que os candidatos socialistas eleitos (ao menos no nível estadual e municipal) pudessem propor reformas sociais que, combinando o jogo parlamentar com o da ação sindical, pudessem ser ao menos parcialmente realizados. O exemplo e a experiência italiana, para estes militantes era clara, uma vez que, com uma estratégia parecida, os primeiros deputados do PSI na Itália, os muitos conselheiros municipais e a conquista de alguns municípios na Emília e em algumas províncias do vale do rio Pó e da Toscana conseguiram realizar alguns projetos sociais até então considerados impossíveis. Dois exemplos valem sobre tudo: as bolsas de trabalho eram financiadas parcialmente pelas prefeituras; as cooperativas de trabalho formadas para realizar obras públicas recebiam financiamentos do governo central[159]. Este

---

[157] Ver ACSR, CPC, b. 1264, f. 10223.

[158] Ver "Partido Socialista Brasileiro. Programma minimo", *O Estado de São Paulo*, 28-08-1902, p. 2 e também "Congresso Socialista Brasileiro", *O Estado de São Paulo*, 31-05-1902, pp. 2-3, 01-06-1902, p. 2, 02-06-1902, pp. 1-2.

[159] Ver Valerio CASTRONOVO, Giuseppe GALASSO, Renato ZANGHERI, *Storia del movimento cooperativo in Italia: la Lega Nazionale delle Cooperative e Mutue. 1886-1986.* Torino, Einaudi, 1987, pp. 10-38. Ver também Maurizio RIDOLFI, *Op. cit.*, pp. 120-141.

último caso, constituía também o ponto 30 do programa mínimo do PSB ("As obras públicas confiadas a sociedades cooperativas de trabalhadores")[160]. A proposta de criar cooperativas de trabalho e de consumo, aliás, foi feita por dois militantes, Dante Ramenzoni e Alcibiade Bertolotti, que tinham uma experiência direta nos sucessos iniciais da ação cooperativista nas províncias emilianas, pois os dois eram da província de Parma[161].

Mas como realizar frentes eleitorais no Estado de São Paulo se a maioria dos trabalhadores era estrangeira? Sob este ponto criou-se uma divisão clara entre Alcibiade Bertolotti e Alceste De Ambris. Bertolotti (que todavia era um "parlamentarista e um legalista convicto"[162], um adepto da corrente de Filippo Turati, principal deputado do PSI na câmara italiana; aliás, Bertolotti era há mais de dez anos naturalizado brasileiro[163]), julgava perigoso lançar os trabalhadores nas lutas políticas antes de uma oportuna propaganda, e justificou a seguinte uma moção:

> "o congresso, tendo em conta o parágrafo do programa do partido referente à agitação eleitoral e à participação nas lutas políticas e municipais; em vista das condições especiais em que se acha o proletariado neste Estado com a lei eleitoral vigente que deixa campo às maiores prevaricações; considerando o partido socialista que está no seu início, tomando parte nestas lutas, não se formariam consciências socialistas, mas sim se fomentariam estéreis combinações prejudiciais ao partido [...] antes de o lançar nas lutas políticas, resolve adiar qualquer decisão definitiva de

---

[160] Ver "Partido Socialista Brasileiro. Programma minimo", *O Estado de São Paulo*, 28-08-1902, p. 2.
[161] Para os dados biográficos dos dois: ACSR, CPC, b. 577, fascicolo Alcibiade Bertolotti, e b. 4217, fascicolo Dante Ramenzoni.
[162] "Congresso Socialista Brasileiro", *O Estado de São Paulo*, 31-05-1902, p. 3.
[163] Ver capítulo 2. Alcibiade Bertolotti era o alistado número 22 na I secção, Sul da Sé, em São Paulo (segundo "Editaes, Alistamento eleitoral", *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, n. 198, 03-09-1901, p. 2211).

participação nas lutas políticas e alistamento eleitoral dos companheiros, promovendo, pelo contrário, uma agitação para que a lei eleitoral vigente seja modificada"[164].

É provável que a experiência passada de Bertolotti na década de noventa do século XIX, quando tentou em vão, com Rangoni, construir uma frente eleitoral democrático-progressista com o apoio da comunidade italiana de São Paulo de tendência republicana e socialista tenha pesado nessa sua avaliação[165].

A resposta de Alceste De Ambris, que, mais próximo da corrente de Enrico Ferri não queria imaginar a ação do recém nascido Partido Socialista Brasileiro manca, respondeu à proposta de Bertolotti declarando que "não estava de acordo com que os aderentes do partido não se alistem desde logo como eleitores" e apresentou uma moção na qual afirmava:

> "o partido socialista coerentemente com o seu programa, ao mesmo tempo que reconhece, entre os outros meios de luta, a participação nas lutas eleitorais, delibera convidar todos os socialistas a alistarem-se nas listas eleitorais e que por isso os estrangeiros, abandonando o preconceito patriótico, conquistem este direito naturalizando-se"[166].

Do debate, no qual tomaram parte vários militantes, passou-se à votação das duas propostas, com o resultado de que o núcleo da proposta De Ambris ganhou e tornou-se literalmente a resolução oficial do programa do PSB no que se referia à ação política do

[164] "Congresso Socialista Brasileiro", *O Estado de São Paulo*, 31-05-1902, p. 3.
[165] Ver capítulo 2.

partido[167]. Além disso, também no programa mínimo, no ponto 3, falava-se explicitamente de "trabalho permanente de qualificação eleitoral e demais reformas que facilitem a ação eleitoral" e no ponto 8 de "reconhecimento do direito de cidadãos brasileiros a todos os estrangeiros que tenham um ano de residência no país"[168]. Tentar inserir os muitos trabalhadores estrangeiros (sobretudo italianos) no processo eleitoral significava reconhecer e admitir, evidentemente, que toda ação político-sindical progressista em São Paulo era inviável no momento em que se desconsiderava a presença de uma massa notável de trabalhadores imigrantes. Ao mesmo tempo, propunha-se uma diminuição dos fluxos imigratórios, vistos como um fator de instabilidade das comunidade imigradas, além do fato que contribuíam para diminuir os salários e tornar os contratos colônicos menos favoráveis aos trabalhadores: o projeto socialista visava transformar os imigrantes em cidadãos, fixá-los no território, assim como o próprio PSI tinha recomendado aos trabalhadores italianos que constituíam o grosso de muitas comunidades operárias em algumas regiões mineiras na Alemanha, em muitas cidades da França meridional, da Suíça, e do Império austro-húngaro[169]. Por isso, o ponto 17 do programa mínimo reafirmava os discursos feitos sobre este assunto no congresso, promovendo a "supressão de todo fomento artificial da imigração"[170].

No que se referia à luta sindical, base importante para levar à frente também a difusão da organização política do partido, o consenso entre os delegados do congresso foi mais geral.

---

[166] Ibidem.
[167] "Partido Socialista Brasileiro. Acção politica do partido", *O Estado de São Paulo*, 28-08-1902, p. 2.
[168] Ibidem. O conflito Bertolotti-De Ambris foi em parte analisado também por Marcos Vinícius PANSARDI. *Republicanos e operários: os primeiros anos do movimento socialista no Brasil (1889-1903)*. Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas, Universidade Estadual de Campinas, IFCH, Campinas, 1993.
[169] Ver Maurizio DEGL'INNOCENTI, *Op. cit.*, p. 48.

Os próprios Dante Ramenzoni e Alcibiade Bertolotti abriram o congresso com a proposta de que "incumbe à comissão central do partido, à federação socialista estadual e as diversas organizações socialistas de vigiar e dirigir a ação econômica do partido, de animar a propaganda para a constituição de sociedades de resistência entre trabalhadores de cidades e dos campos, apoiando oportunamente tais iniciativas"[171]. Além disso, "o partido deverá também cuidar da instituição de câmaras ou bolsas do trabalho para facilitar aos trabalhadores os meios de colocar a sua força de trabalho, que sirvam de intermediários entre a oferta e a demanda de trabalho e patrocinem os interesses dos trabalhadores"[172]. Neste sentido, embora nunca se tenha chegado a criar em São Paulo uma *camera del lavoro* como as italianas, em parte a federação operária de São Paulo (FOSP) que teve um papel saliente no movimento operário paulista entre 1905 e 1909, funcionou freqüentemente como uma bolsa do trabalho e não somente com uma confederação de sindicatos de ofício limitada à coordenação nas greves: as origens da FOSP estão na complexa atividade dos socialistas italianos do período 1900-1904[173]. Eles, de fato, conseguiram continuar na ação de fundação de novos sindicatos, na coordenação das atividades destas ligas nas greves e no dia a dia da organização: não se tratava de simples declarações de princípios, esvaziadas de qualquer ligação com a realidade, pois a atuação dos militantes socialistas no âmbito sindical teve sucessos importantes em São Paulo no período imediatamente seguinte ao congresso.

Não podemos pensar, portanto, que as dificuldades de criar uma *camera del lavoro*, uma bolsa do trabalho em São Paulo, fossem o indício de uma fraqueza congênita das

---

[170] "Congresso Socialista Brasileiro", *O Estado de São Paulo*, 02-06-1902, p. 1 e "Partido Socialista Brasileiro. Programma minimo", *O Estado de São Paulo*, 28-08-1902, p. 2.
[171] "Congresso Socialista Brasileiro", *O Estado de São Paulo*, 31-05-1902, p. 2.
[172] Ibidem.

organizações socialistas paulistas, como a historiografia tendeu a pensar por causa do desenvolvimento do sindicalismo de ação direta nos anos entre 1905 e 1918[174]. Se pensamos um momento no ambiente operário italiano, contexto do qual vinham quase todos os integrantes do PSB de São Paulo, ainda no final de 1900 houve a última tentativa do governo italiano de obstaculizar a liberdade de organização dos trabalhadores, com a dissolução da *Camera del Lavoro* de Gênova (junto com as de Milão e Turim, a maior do país). A resposta foi uma greve geral nesta cidade que era o porto mais importante do Reino da Itália, o que provocou a recusa, pela primeira vez, por parte do governo, de utilizar a arma da repressão (com o exército e os *carabinieri*) como até aquele momento tinha acontecido freqüentemente[175]. Deste ponto de vista, se na Itália houve uma virada no sentido legalista e moderado da ação do governo em relação às organizações dos trabalhadores (ainda que a repressão policial e armada, embora diminuída, não tenha cessado) somente com a chegada do novo século, podemos dizer que o ambiente paulista não era , no fundo, tão diferente deste ponto de vista: os imigrantes italianos enfrentavam situações e dificuldades parecidas em termos de organização das agremiações sindicais e sobretudo de uma entidade que as federasse. Neste caso, as diferenças entre o contexto de partida e o país de chegada, ainda no período 1900-1903 não eram tão marcantes como normalmente se acha.

De qualquer forma, esta referência a uma organização do movimento operário através de *camere del lavoro* (um modelo que privilegiava os aspectos, as dinâmicas e as

---

[173] Ver capítulo 4.

[174] Por exemplo, Sheldon Leslie MARAM, *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

[175] Gaetano ARFÈ, *Storia dell'Avanti!. Op. cit.*, p. 43. Mas ver também Alberto BONIFAZI e Gianni SALVARANI, *Dalla parte dei lavoratori. Storia del movimento sindacale italiano. Volume I. 1860-1906: dalle Società di Mutuo Soccorso alla prima organizzazione unitaria dei lavoratori*. Milano: Franco Angeli, 1976, pp. 54-63.

especificidades locais ao invés de impor uma estratégia nacional única de desenvolvimento das organizações sindicais, do tipo do tradeunionismo inglês ou do sindicalismo dirigista alemão), que foi adotada pelos delegados do II congresso socialista brasileiro também nas resoluções finais, era uma derivação das experiências organizativas do contexto italiano[176].

No programa de ação econômica do PSB eram sublinhadas justamente as mesmas características e exigências localistas notadas e experimentadas no ambiente italiano:

"a federação socialista estadual, os vários círculos devem vigiar e dirigir a ação econômica do partido propagando [...] o princípio das ligas de resistência, seguindo as iniciativas e as deliberações das diversas localidades [...] em favor daqueles movimentos reconhecidos e aprovados pelas respectivas organizações"[177].

Além disso, "também se deverá estudar e, sendo cabível, apoiar as greves que ocorram fora do partido ou por operários que não estejam agremiados ao partido"[178].

De fato, tanto do ponto de vista do modelo das *camere del lavoro* que da participação na liderança e coordenação das greves, a influência dos militantes do PSB em São Paulo continuou sendo evidente.

Ainda que uma *camera del lavoro* não tinha sido fundada, as ligas operárias paulistanas adotaram aquelas que eram as características das bolsas de trabalho, indo além da sua ação na organização das greves, como mostra, entre muitos exemplos, o anúncio da *Lega dei Muratori* (a Liga dos Pedreiros) no *Avanti!*, declarando que pedreiros e serventes

---

[176] "Todos os círculos e organizações socialistas [...] deverão também cuidar da constituição das câmaras do trabalho, que são as mais aptas a dirigir os trabalhadores no melhor emprego de suas aptidões e que têm por fim servir de intermediárias entre a oferta e a procura do trabalho e patrocinar o interesse dos trabalhadores em todas as contingências da sua vida" ("Partido Socialista Brasileiro. Acção econômica do partido", *O Estado de São Paulo*, 28-08-1902, p. 2.

[177] Ibidem.

[178] Ibidem.

podiam ser contratados pelos empreiteiros e pelos engenheiros através da mediação da liga e da administração do *Avanti!*[179].

Fundamental foi, depois, o trabalho de mediação e apoio que a Federação Socialista Estadual, a Federação Municipal de São Paulo e o jornal *Avanti!* realizaram em ocasião da greve dos operários e operárias da fábrica têxtil Anhaia do Bom Retiro (onde, como já vimos, existia também um ativo círculo socialista). A greve eclodiu na primeira semana de outubro de 1902, inicialmente por causa de maus tratos de um contramestre inglês sobre algumas operárias e as conseqüentes demissões delas e de suas famílias. Imediatamente, veio o apoio da liga dos tecelões e tecelãs e através dela de Alceste De Ambris, Alcibiade Bertolotti e das outras associações socialistas. De Ambris, em reuniões sucessivas, conseguiu nomear uma comissão de dois companheiros socialistas para resolver com Anhaia o incidente, os pedidos de readmissão e algumas melhorias: a comissão foi formada por Alcibiade Bertolotti e o dr. Ascendino Reis. Ao mesmo tempo, o *Avanti!* e a *Federação Socialista Estadual* lançaram uma subscrição para aumentar a caixa para a greve da liga têxtil: as arrecadações vieram, como sempre, de todos os grupos socialistas, desde os círculos de bairro paulistanos até os grupos de cidadezinhas como Botucatú[180].

O sucesso na greve do Bom Retiro, à qual participaram 350 operários e operárias, foi alcançado no final do mês de outubro, mostrando como a estratégia integral dos socialistas paulistas estava obtendo resultados cada vez mais importantes também no âmbito operário, entre os trabalhadores dos maiores estabelecimentos fabris.

---

[179] A liga dos pedreiros redigia uma lista de trabalhadores disponíveis e passava esta lista para a administração do *Avanti!*, onde os empreiteiros e construtores podiam ir para pedir informações a propósito. Vale a pena lembrar que a sede do *Avanti!*, da Federação Socialista Municipal e da Federação Estadual coincidiam, na Rua São Bento ("Avvisi economici", *Avanti!*, n. 300, 24-10-1902, p. 3).

[180] Serie do *Avanti!* de outubro de 1902, mas ver também o ótimo relato posterior de Estevam Estrella ("A Reforma. La Gréve", *Gazeta Operária*, Rio de Janeiro, n. 9, 23-11-1902, p. 1; n. 10, 30-11-1902, p. 1; n. 11, 10-12-1902, p. 1; n. 12, 14-12-1902, p. 1).

Nos outros estados, o PSB foi quase inexistente, embora no Rio de Janeiro tenha conseguido formar uma federação socialista municipal a partir do centro das classes laboriosas (que tinha como órgão o semanário Gazeta Operária, dirigido por Mariano Garcia) e coordenar o processo organizativo e reivindicativo de várias ligas operárias da capital federal, inclusive de algumas cooperativas de consumo e produção: o modelo de estretutura interna destas agremiações foi mutuado das paulistas, a partir justamente dos estatutos da federação socialista paulista e da maior liga operária, a dos tecelões e tecelãs[181].

A organização do PSB em federações estaduais e municipais teve uma realização concreta somente nestes dois casos. Esta estrutura era também uma derivação da organização do PSI, que no artigo 4 do estatuto aprovado em 1895 no congresso de Parma estabelecia que o partido devia organizar-se em seções (grupos e círculos) que podem "reunir-se em federações provinciais e regionais organizando congressos especiais onde estabelecerão seus regulamentos e elegerão o próprio representante"[182]. O artigo n. 5 do estatuto geral do PSB ("Organização do Partido"), declarava explicitamente sua filiação: "Onde for possível, e quando seja oportuno, as organizações poderão reunir-se em federações municipais, regionais e estaduais, organizando congressos especiais, que estabelecerão os próprios regulamentos"[183].

As duas federações paulistas funcionaram até os anos 1909-1910, embora, a partir de 1905, a constatação da inexistência de outras federações no resto do país, com o fracasso do projeto de um partido socialista brasileiro efetivamente difundido em todo o território

[181] *Gazeta Operária*, Rio de Janeiro, n. 20, 08-02-1903, p. 2.
[182] Maurizio DEGL'INNOCENTI, *Op. cit.*, p. 20.
[183] "Partido Socialista Brasileiro. Organização do Partido", *O Estado de São Paulo*, 28-08-1902, p. 2.

nacional, levou a organização municipal paulistana a coincidir com o *Círculo Socialista Internacional* fundado em dezembro de 1902[184].

A preponderância do elemento italiano entre os trabalhadores no Estado de São Paulo era um ponto de força e coesão, pelo menos em alguns períodos, para as organizações socialistas e sindicais paulistas, porém era o maior obstáculo à difusão deste mesmo modelo de partido ao resto do Brasil. Como veremos também no caso da atividade da FOSP entre 1906 e 1908, a questão étnica (ou melhor, esta preponderância dos trabalhadores italianos em São Paulo era a dificuldade principal de qualquer nacionalização de práticas e modelos de organização).

[184] *Avanti!*, n. 351, 15-12-1902.

CAPÍTULO 4

AUGE E QUEDA DO SINDICALISMO ORGANIZADO E DOS GRUPOS SOCIALISTAS EM SÃO PAULO: ETNICIDADE E POLÍTICA NO QUADRO DA LEI DE EXPULSÃO "ADOLPHO GORDO" (1906-1910).

"La rassegnazione non é piú precetto di moda e d'altronde essa non si predica affatto nelle Leghe operaie, né nei circoli socialisti e democratici".
(*Avanti!* n. 1680, 27-04-1907, "Al Molino Matarazzo")[1]

"La pianta dei krumiri fiorisce male tra i bravi metallurgici"[2].
(*Avanti!*, n. 1691, 11-5-1907)

4.1

O MOVIMENTO EM PROL DAS OITO HORAS E A GREVE GERAL PAULISTANA DE MAIO 1907: OS SOCIALISTAS ITALIANOS E A FOSP EM AÇÃO.

Em São Paulo, na noite de sábado, 18 de janeiro de 1908, no Eden Club, repleto de pessoas, o novo diretor do *Avanti!* de São Paulo, Vincenzo Vacirca, fez a sua primeira conferência no Brasil. O tema não podia ser outro senão o estado do movimento operário e de suas expressões organizativas no mundo, ilustrado a partir do conceito das três culturas, amplamente desfrutado nas publicações socialistas da época. Vacirca via assim uma cultura

[1] "A resignação não está mais na moda, ninguém a difunde nas Ligas operárias, nem nos círculos socialistas e democráticos" (tradução minha).
[2] "A planta dos fura-greves floresce mal entres os bons metalúrgicos" (tradução minha).

anglo-saxônica, (Inglaterra, Austrália, Estados Unidos), na qual prevalecia um movimento sindical pragmático, mas organizado, que não seguia uma ideologia que apontava para um futuro estado socialista; uma cultura germânica (Alemanha, Áustria, Escandinávia), na qual havia um movimento operário orgânico ligado ao Partido Socialista de inspiração marxista: e finalmente a cultura latina (os países de línguas neolatinas), onde o movimento operário tendia a tornar-se independente do partido socialista, assumindo um caráter revolucionário, cuja expressão típica era o florescimento do movimento sindicalista revolucionário.

A exemplificação destas três posições era feita em um momento em que, de fato, o sindicalismo revolucionário na Itália estava ameaçando a liderança da reformista *Confederazione Generale del Lavoro (CGdL)* entre os ligas operárias, e repetia um leitmotiv que os propagandistas socialistas italianos tentavam explicar nos sindicatos a favor de uma ação político-sindical-mutualista. Para Vacirca, o movimento operário "integrale" permitia que fossem desfrutados todos os meios de luta e organização: a greve, a cooperativa, o socorro mútuo, a legislação social.

No final da conferência, o jovem líder socialista siciliano debruçou-se rapidamente sobre a situação brasileira, apontando a "debilidade deste governo e a incapacidade e inorganicidade desta burguesia", fato que permitiria ao proletariado "conquistar rapidamente uma posição que, até agora, não podem alcançar os nossos companheiros da Europa, que, embora organizados, mais do que nós são sufocados por um Estado onipotente e por uma burguesia mais rica, mais culta, mais enérgica e consciente que a brasileira"[3]. Logo após os aplausos que acompanharam as palavras finais em defesa dos "intelectuais socialistas", interveio Giulio Sorelli, o então poderoso secretário da FOSP, seguido enfim pelo anarquista Oreste Ristori diretor de *La Battaglia*.

As palavras de Vacirca, as intervenções de Sorelli (a favor da neutralidade política do sindicato, e portanto do sindicalismo revolucionário), e de Ristori (contra todo tipo de organização operária), explicitavam, no âmbito de algumas horas, os temas em torno dos quais se agitaram os vários militantes no período, que viu um novo aumento no grau de sindicalização dos trabalhadores urbanos paulistas, e que começou com a fundação da FOSP no final de 1905 e teve sua maior expressão na greve ferroviária de 1906 e na greve geral em prol das oito horas em 1907.

Giulio Sorelli e Vincenzo Vacirca representavam (com todas as precauções do caso em que se utilizam estas personalizações) os dois pólos organizativos de tipo político-sindical com os quais se afrontaram por alguns anos os trabalhadores italianos de São Paulo: grupos socialistas e grupos sindicalistas, de fato, disputavam com suas estratégias muitas vezes diferentes, algumas vezes convergentes, o poder nos sindicatos paulistanos, já há alguns anos, pelo menos a partir de 1905, quando apareceu mais claramente a opção sindicalista revolucionária.

Vincenzo Vacirca, todavia, chegou em São Paulo para acompanhar um movimento que já tinha se desenvolvido bastante, após uma longa negociação do grupo socialista que gravitava em torno do *Avanti!* com a direção do *Partito Socialista Italiano* (PSI), que acabou escolhendo, para tentar dar aos tantos trabalhadores italianos, protagonistas do movimento operário paulista, uma direção adequada às suas posições, este jornalista siciliano de 21 anos, na época diretor do importante periódico socialista de Veneza, *Il Secolo Nuovo,* e que precisava fugir de uma condenação por difamação.

Ele é, portanto, uma personalidade diferente e oposta em muitos aspectos àquele que foi o líder deste movimento, Giulio Sorelli. Vacirca era um diretor de jornal experiente,

---

[3] Donato Donati, "La conferenza del nostro direttore", *Avanti!*, n. 1906, 20-1-1908, p. 1.

ponto de partida da carreira política na Itália de então (e o caso do socialista Mussolini veio a demonstrar isso com clareza alguns anos mais tarde), não tinha experiência em comunidades de italianos no exterior; tinha feito propaganda sobretudo entre camponeses, mas abandonou cedo o mundo socialista da Sicília para tornar-se diretor de *La Parola dei Socialisti*, órgão da bem organizada Federação socialista de região de Ravenna, uma das áreas "subversivas" históricas da Itália. Sorelli, pelo contrário, começou a sua atividade política e sindical como trabalhador imigrante, e entre trabalhadores imigrantes e há tempos passava por um processo de integração à sociedade brasileira e cuja característica mais evidente era o obstinado uso da língua portuguesa ao menos nas ocasiões oficiais da propaganda (embora 90% dos delegados das ligas de resistência na FOSP falassem italiano). Enquanto a única experiência de Vacirca como organizador de sindicatos tinha sido quando ele foi nomeado entre os 18 e 19 anos, em 1905, secretário da *Camera del Lavoro* de Brindisi, uma pequena cidade do sul da Itália, cujo movimento operário e socialista era praticamente inexpressivo, Giulio Sorelli já havia passado através de sociedades operárias e socialistas de vários tipos (socorro mútuo étnico de bairro, grupo socialista local, liga de resistência) até chegar à convicção da idéia do sindicato como núcleo exclusivo de expressão do movimento operário, caminho que começou durante o período de fundação da *Lega di resistenza tra lavoranti in legno*, em 1901, da qual logo se tornou secretário[4].

Nascido em Florença em 1877, de família de funcionários públicos (o pai era secretário de prefeitura), Sorelli emigrou com a família já durante a adolescência em 1894.

[4] "Movimento Operaio. Lavoranti in legno", *Avanti!*, n. 35, 15-6-1901, p. 3; Idem, Ibidem, n. 40, 20-7-1901, p. 3. Ver também *O Carpinteiro - Il Falegname*, órgão da Liga de Resistência dos Trabalhadores em Madeira de São Paulo (mais freqüentemente chamada Lega di Resistenza dei Lavoratori in Legno), redigido por Giulio Sorelli em 1905.

De qualquer forma, ele em 1899 foi eleito secretário da *Società Fratellanza Italiana del Cambucy*[5], cargo para o qual era preciso ser conhecido ao menos há algum tempo no bairro, o que faz pensar que Sorelli morava em São Paulo já havia alguns anos. Envolvido no movimento socialista de língua italiana que se desenvolveu em torno do jornal *Avanti!*, fundador do grupo socialista Enrico Ferri do Cambucy[6], Sorelli em 1902 é descrito pela polícia como o anarquista autor da peça *Il Giustiziere*, uma apologia do assassinato do rei Umberto I por Gaetano Bresci em 1900. Este período de aproximação com o anarquismo, todavia, nunca tomou a forma do individualismo ou do anti-organizacionismo de muitos outros anarquistas italianos presentes em São Paulo, mas, pelo contrário, foi assumindo a forma de uma convicção sempre mais profunda na capacidade do sindicato de expressar os interesses da classe operária, indo além das divisões políticas e doutrinárias. Na redação de O Carpinteiro em 1905, jornal cuja única função era dar expressão à liga que em São Paulo reunia carpinteiros, marceneiros e ebanistas e expressava bem o caráter estritamente econômico dado ao sindicato, Sorelli intervinha naqueles anos em um debate no *La Battaglia*, periódico anarquista recém fundado. O debate entre o apoio que os anarquistas italianos deviam dar aos sindicatos paulistanos nascentes, remontava às discussões precedentes que animaram o ambiente anarquista de São Paulo já a partir de 1902, quando o periódico libertário *O Amigo do Povo* ficou do lado dos organizadores, enquanto o outro periódico, *Germinal*, ficou na margem oposta. *O Amigo do Povo*, dirigido pelo português Neno Vasco tendia, o que se observa também pelo amplo espaço dedicado ao mundo operário de São Paulo a aos textos de Pouget e Pelloutier (os teóricos do sindicalismo

[5] Ver as duas cartas de Giulio Sorelli (e os comentários dos redatores do *Avanti!*): a) São Paulo, 17-5-1901, in: "Per un incidente", *Avanti!*, n. 32, 25-5-1901, p. 3; b) São Paulo, 27-5-1901, in: "La Società 'Fratellanza Italiana del Cambucy'. Abusi e prepotenze", *Avanti!*, n. 33, 1-6-1901, pp. 2-3.
[6] "Partido Socialista", *Avanti!*, n. 39, 13-7-1901, p. 1.

revolucionário francês), por uma decidida participação na vida das associações operárias: nas colunas da seção italiana do jornal, era Giulio Sorelli que afirmava que a organização era "sem dúvida uma das armas que, com mais eficácia, pode ser utilizada pelos operários para chegar à própria emancipação"[7]. Em 1905, portanto, antes da fundação da FOSP, que aconteceu em novembro, Sorelli confrontava suas idéias sobre a organização nas colunas de *La Battaglia*, com os anarquistas anti-sindicalistas Bandoni e Ristori, argumentando que "as lutas parciais são uma preparação para as batalhas definitivas, e ainda que seguidas por uma derrota elas são para o operário um estímulo à resistência, à obtenção de vitórias futuras"[8]. A atividade de Giulio Sorelli é portanto toda concentrada na atuação dentro do sindicato, do qual é sempre sublinhada, todavia, sua característica de neutralidade, seguindo a ortodoxia sindicalista revolucionária. Ainda no início de 1906, sublinhava esta postura contrariando as teses do *Avanti!* de São Paulo, argumentando que nos sindicatos paulistas a maior parte dos associados era contrária à linha política dos socialistas de participar legalmente da vida política do país *"porque não corresponde ao método de luta que aceitamos como o único que pode, sem gerar descontentamentos, sem provocar atritos destrutivos, contribuir à nossa causa: a ação direta"*[9].

Esta posição que alegava que o sindicato era um espaço de convergência entre várias crenças políticas e ao mesmo tempo de expressão genuinamente operária, em contraste com a idéia e prática socialista de direção do partido sobre as federações sindicais, situa-se como o foco do debate entre Vacirca e Sorelli, logo que o socialista chega em São Paulo. Vacirca, intervém, de fato, já em dezembro de 1907 no *Avanti!*, em várias ocasiões, criticando o fato que muitos anarquistas desenvolvessem papéis de direção

[7] Traduzido por mim do italiano, *O Amigo do Povo*, n. 8, 19-7-1902.
[8] Giulio Sorelli, "Ancora sulle organizzazioni", *La Battaglia*, n. 36, 26-3-1905 (tradução minha).

em várias ligas, mas recebe uma pronta resposta de Sorelli que argumentava que tais libertários das ligas nunca faziam propaganda anti-socialista nos sindicatos, tanto que nestes grêmios os operários das duas tendências (socialista e anarquista) concordavam praticamente em tudo[10]. Logo em seguida, antes da conferência de Vacirca sobre a organização com a qual iniciei estas considerações, Sorelli volta a sustentar o papel positivo da autonomia operária argumentando que as organizações paulistanas em três anos obtiveram o que as irmãs italianas ainda não tinham conseguido, segundo ele porque eram dirigidas em grande parte pelo PSI e a CGdL, organizações centralizadas com delegados "burgueses": consideração, esta última que esclarece porque Vacirca naquela conferência no Eden Club exaltou os intelectuais socialistas[11]. Mais ainda, o sindicalismo autônomo da FOSP, segundo Sorelli, desligado de uma direção central afastada do mundo do trabalho, permitia que "um momento de audácia feito por iniciativa de alguma liga mais voluntariosa pode (e o prova a greve do maio passado em São Paulo), repercutir-se eficazmente sobre grande parte dos operários"[12].

A greve geral de 1907 era situada, portanto, como marco conjuntural, exemplo de experiência que devia provar a validez de uma estratégia organizativa ou a inadequação de uma outra. De fato, a greve mostrou com mais evidência em torno de quais problemas se movia a ação dos vários grupos políticos e sindicais de língua italiana em São Paulo, naquela fase de integração dos trabalhadores italianos na sociedade paulista. Até que ponto, portanto, duas diferentes posturas em relação à organização dos artesãos e operários italianos enfrentavam a difícil tentativa de superação da conotação étnica italiana do

---

[9] Idem, "Questioni Scottanti", *La Battaglia*, n. 67, 4-2-1906 (tradução minha).
[10] Giulio Sorelli, "Movimento operaio. Pagliacciate socialiste", *La Battaglia*, n. 150, 29-12-1907.
[11] Giulio Sorelli, "Sindacalismo e socialismo", *La Battaglia*, n. 151, 5-1-1908.
[12] ibidem

proletariado paulistano, no âmbito de um contexto em que a proveniência estrangeira da maior parte dos trabalhadores era o aspecto com o qual estes militantes deviam se afrontar diariamente. Por outro lado, a greve de 1907 veio mostrar também como a comunidade italiana se comportou no seu conjunto em relação às organizações explicitamente classistas, e por conseqüência ilumina também como se tinha desenvolvido até aquele momento a ligação entre o associacionismo italiano (socorro mútuo e recreativo) com o resto da comunidade artesã e operária patrícia.

Antes de voltar a examinar tal conjuntura, vale a pena dizer, todavia, como as biografias por muitos aspectos contrastantes do líder operário Sorelli e do líder socialista Vacirca, convergem em um período imediatamente posterior, no sentido que o afastamento dos dois do movimento operário paulistano coincidiu com o início de um período de declínio do sindicalismo organizado em São Paulo. Vincenzo Vacirca foi expulso do Brasil em julho de 1908, vítima da Lei Adolfo Gordo[13]. A experiência de Vacirca em São Paulo, aliás, constituiu sua primeira etapa como organizador socialista nas comunidades italianas no estrangeiro, que continuou na Argentina (1908-1911), na Áustria italiana (1911-1912), nos Estados Unidos (1912-1919), sempre como jornalista, mas em estreito contato com as organizações operárias onde havia uma grande porcentagem de italianos[14].

---

[13] Ver ACSR, CPC, b. 5279, fascicolo Vincenzo Vacirca; *Avanti!* período junho-julho 1908.

[14] ACSR, CPC, b. 5279, fascicolo Vincenzo Vacirca: Vacirca conseguiu voltar para a Itália, para sua Sicília somente em 1919, como propagandista da corrente maximalista (isto é, próxima aos *soviets*) do PSI. Com a chegada do fascismo foi obrigado a emigrar de novo para os Estados Unidos, voltando a Itália como funcionário do serviço de informações e apoio ao exército aliado com as tropas que desembarcaram na Sicília em julho de 1943, tendo aliás na operação de desembarque o papel decisivo em criar as condições entre os camponeses sicilianos de acolhida das tropas aliadas (Ibidem).

Giulio Sorelli, pelo contrário, tornar-se-á diretor do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo nos anos 30, onde já trabalhava como mestre desde 1915 e acabou voltando à sua atividade nas sociedades italianas, como antigamente. Ver ACSR, CPC, b. 4875, fascicolo Giulio Sorelli. Uma biografia recente de Giulio Sorelli está em: Edilene T. Toledo, *O Sindicalismo Revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de*

A greve de 1907, e o período anterior e posterior a ela, mostra todas as contradições de uma ação política e sindical na qual estavam envolvidos em grande parte imigrantes italianos: não somente no que se refere obviamente aos militantes e líderes socialistas, sindicalistas e anarquistas e aos próprios trabalhadores, mas também em relação aos empresários e contramestres, tanto que pode-se dizer que, à parte as exceções, a única parte envolvida que com certeza era brasileira foi constituída pela polícia[15]. Este caráter étnico, italiano, da ação política e sindical em São Paulo, se por um lado favorecia em muitos casos a atividade dos grupos socialistas e sindicais, por outro lado a restringia no gueto da *planta exótica*, a teoria que levou os legisladores brasileiros a conseguir limitar a questão social à questão estrangeira, ao menos em São Paulo. É um fato que a greve de 1907 eclode no contexto da Lei de expulsão dos estrangeiros, que entrou em vigor justamente em janeiro daquele ano, não por acaso proposta por uma das colunas do Partido Republicano Paulista, o deputado federal Adolfo Gordo, que focalizou corretamente este caráter étnico do movimento operário paulistano. Isto não significava, todavia, a morte súbita do movimento e das variadas organizações que o sustentavam, que continuavam tendo um espaço amplo de ação, também pelo fato que a maioria dos empresários era também de origem italiana, e portanto sua ligação com as elites brasileiras, ainda que em contínua aproximação, era ainda débil[16]. O status-quo, a economia agro-exportadora da qual o Estado de São Paulo era

---

idéias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o Fascismo. Campinas, Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2002, pp. 265-340.

[15] Acompanhando as listas de empresários envolvidos na greve de 1907, através das páginas do *Avanti!* se vê que, por exemplo, de 34 construtores 31 são italianos, metade das fábricas metalúrgicas e 80% das oficinas de encanadores e funileiros são de propriedade de italianos, os empreiteiros de trabalhos de pintura são todos italianos, serrarias, fábricas de móveis e fábricas de chapéus são todas de italianos também. Ver *Avanti!*, série maio-junho 1907.

[16] Sobre como a elite paulista não se sentiu muito atingida pela greve de 1907, ver também Barbara WEINSTEIN, "Impressões da elite sobre os movimentos da classe operária. A cobertura da greve em O Estado de São Paulo. 1902-1907", in: Maria Helena CAPELATO e Maria Lígia PRADO, *O Bravo Matutino*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1980, pp. 135-176.

o centro, era posta em perigo somente no momento em que um movimento de protesto quase completamente interno aos operários, artesãos e empresários grandes e pequenos de origem italiana, podia se espalhar entre os colonos das fazendas de café (eles também em grande parte de origem italiana) ou nos setores dos transportes ferroviários e marítimos. A Lei Gordo, ia então nesta direção de conter o trasbordamento dos movimentos sindicais paulistanos nos contextos sócio-econômicos próximos, e o exemplo disso está já na expulsão de Vacirca em 1908, cuja causa fundamental não foi seu empenho no movimento operário paulistano, nem a sua tentativa de organizar cooperativas de trabalhadores urbanos ou revitalizar o projeto do partido socialista procurando alianças em alguns setores da classe média das profissões liberais de São Paulo, mas na campanha contra a imigração e contra as duras condições de vida e de trabalho nas fazendas de café[17]. O evento inspirador da Lei Adolfo Gordo foi sem dúvida alguma a greve ferroviária de maio 1906, que mostrou alianças entre a frente grevista e o movimento operário e da cidade de São Paulo, mais os muitos artesãos ou pequenos comerciantes imigrados de fidelidades socialistas e republicanas, ou anarquistas[18].

A Lei de 1907, portanto, integrava suas medidas repressivas com outras preventivas, do tipo da que obrigava todas as diretorias dos sindicatos a serem compostas por brasileiros natos ou naturalizados com 5 anos de residência no país, fato que impediu, todavia, que Giulio Sorelli fosse expulso logo nas primeiras prisões anteriores à greve[19]. Esta medida, de qualquer forma, não afetava a composição das diretorias tanto da FOSP como das ligas de resistência separadamente, dominadas inteiramente por italianos residentes no Brasil há

[17] Ver *La Battaglia*, período maio-julho 1908, *Avanti!* do mesmo período, Carta do Cônsul Italiano ao Ministro das Relações Exteriores sobre a expulsão de Vacirca, in: ACSR, CPC, b. 5279, fascicolo Vincenzo Vacirca.

mais que 5 anos, com a exceção da presença de Leuenroth e algum outro na direção da FOSP[20]. Em parte, talvez isso tenha influído na escolha de imprimir e difundir as próprias mensagens oficiais da Federação quase exclusivamente em português, já que a campanha contra a Lei Gordo ao longo de 1906 e início de 1907, apresentou como seu ponto forte a participação dos trabalhadores estrangeiros na construção do Brasil republicano: a política da FOSP queria mostrar que os filiados deviam ser considerados plenamente trabalhadores brasileiros. Esta explicação soa como a mais provável, uma vez que o uso do português, ainda que às vezes alegado para difundir a propaganda além da comunidade italiana, foi em seguida criticado pelos próprios militantes mais ativos, exatamente pelo fato da massa dos trabalhadores serem italianos. De fato, o problema da nacionalidade do ponto de vista da língua, saído pela porta, voltou pela janela: segundo Attilio Gallo, por exemplo, na discussão do 3° tema do segundo congresso estadual da FOSP (quais os meios mais práticos para desenvolver a propaganda de organização operária), era "necessário pôr em prática uma série de publicações em língua estrangeira que pode ser aqui no Estado de São Paulo o idioma italiano, como deveria ser, por exemplo, o alemão no Estado de Santa Catarina"[21].

---

[18] Ver também Maria P. de Camargo LEME, *Trabalhadores ferroviários em greve*. Campinas, Editora da Unicamp, 1986.

[19] ANRJ, MJNI, IJJ[7] n. 179, Processo de Expulsão de Ristori, Sorelli, Cerchiai.

[20] Ver, por exemplo, a Diretoria da Liga dos Pedreiros: Oreste Ghiraldi, Antonio Campana, Giuseppe Gallo, Giuseppe Crispi, Domenico Cupini, Palmiro Grassini, Francesco Benevento, Domenico Juliani: "Movimento Operaio. Lega di resistenza fra Muratori ed Affini", *Avanti!*, n. 1630, 27-2-1907; renovada assim depois da greve: Lodovico Lizzi, Gildo Menin, Agide Gorgatti, Ignazio Ferrara, Onofrio Vella, Domenico Postacchini, Domenico Angiello, Giovanni Tognini, Vincenzo Petrocchi, Giovanni Ferrari, Giuseppe Restivo, Attilio Marazzi, Paolo Lembo, Antonio Furlani: "Movimento sindacale. Federação Operária do Estado de S. Paulo", *Avanti!*, n. 1728, 24-6-1907. Mas ver também o conselho administrativo da União dos Chapeleiros, no qual somente 4 membros não eram italianos: Luigi Brighenti, Carlo Pegolo, Edoardo Parra, Luigi Reis, Telemaco Rizzi, José Bastos, Ezio Baldi, Cesare Biondetti, Ferruccio Bertacchi, Emilio Valenzuela, Miguel Corpa, Francesco Murcia, Adolfo Baroncelli: "Movimento Operaio. União dos Chapeleiros", *Avanti!*, n.1603, 26-1-1907.

[21] Discussão do 3° tema, in: "Relação do segundo congresso operário estadual", *A Lucta Proletaria*, suplemento ao n. 14, 1-5-1908. Para acompanhar o congresso da FOSP ver também "Il Secondo Congresso Sindacale Operaio", *Avanti!*, n. 1985, 18-4-1908; "Il Congresso Operaio", Ibidem, n. 1986, 20-4-1908; "A proposito del congresso operaio", n. 1987, 21-4-1908.

Neste contexto, o desenvolvimento da greve de 1907 mostrou quanto devia ser complexa a atuação das organizações sindicais, divididas entre estratégias de tipo socialista (greve parcial, ligação com o mutualismo e o cooperativismo e portanto com o resto da comunidade italiana organizada) e sindicalistas revolucionárias (greve geral, recusa ao menos teórica do apoio de setores não-operários). Esta tensão existia também por causa de uma divisão de classe, que atravessava transversalmente a comunidade italiana de uma forma que punha em questão velhos equilíbrios, alianças, relações não somente, como é óbvio, entre operários desqualificados e os grandes empresários, mas também de forma mais complexa, entre artesãos, operários especializados, pequenos e médios empresários, setores nos quais a militância política e sindical era mais desenvolvida, sobretudo no lado socialista, como veremos mais adiante.

Existem várias versões sobre como eclodiu a greve geral de maio 1907 em São Paulo, assim como dúvidas sobre seu efetivo caráter de greve geral. Segundo a FOSP, no histórico elaborado durante o segundo congresso operário estadual (abril 1908), o período dezembro 1905 abril 1907 foi de preparação, para sair de um estado de inércia insuportável caracterizado por uma massa operária até então considerada apática, indiferente a toda idéia de organização de classe, até que enfim "quando soubemos que a classe dos trabalhadores em veículos ia lançar-se à conquista das oito horas de trabalho aceitamos a idéia com muito entusiasmo"[22]. O relato continua dizendo que após a vitória dos trabalhadores em veículos, os trabalhadores do moinho Matarazzo vieram pedir o apoio da FOSP para fundar uma Liga, cujo primeiro passo foi lançar os operários numa greve de reivindicação de aumentos

[22] "Relação da Federação Operária", in: *Relação do segundo congresso operário Estadual. Luta Proletária*, suplemento ao n. 14, 1-5-1908.

salariais. De um lado, portanto, se reinterpreta o movimento sublinhando seu caráter eventual baseado na iniciativa de uma liga de resistência de vanguarda que espalhou um entusiasmo grevista em prol das oito horas entre os trabalhadores de várias categorias. Por outro lado, é evidenciado o papel de direção da federação operária na greve sucessiva, fornecendo amparo e apoio necessário à criação da liga dos trabalhadores do moinho Matarazzo. Há então dois movimentos convergentes: espontaneísmo e organizacionismo, duas características que aparecerão, ainda que de forma bem diferente, na outra grande greve geral de São Paulo, a de 1917. Estas explicações *a posteriori*, tinham provavelmente a finalidade de ressaltar a capacidade do modelo sindicalista revolucionário da FOSP de reconhecer e dar voz às exigências "genuínas" dos trabalhadores, contrariamente ao modelo socialista alegado pelo grupo do *Avanti!* que pregava greves somente parciais mediadas e dirigidas por líderes socialistas (no momento, antes da chegada de Vacirca, por Donato Donati e Alcibiade Bertolotti). Mas o desenvolvimento da própria greve mostra uma atuação prática na qual o papel desempenhado pelos militantes do *Circolo Socialista Internazionale*, com tudo que isso comportava em termos da conduta da greve, não foi nada secundário, isso também porque, como veremos, havia muitos socialistas em cargos de direção nas ligas e na própria FOSP.

Todavia, se é verdade que após a greve dos trabalhadores em veículos a diretoria da FOSP começou a pensar seriamente na possibilidade de lançar uma greve em outras categorias em prol das oito horas[23], a difusão do movimento grevista observou uma gradualidade

[23] A FOSP estava trabalhando para desencadear uma greve em prol das oito horas já em meados de abril de 1907. Uma circular da Federação, que anunciava os resultados obtidos pelos trabalhadores em veículos, advertia também todos os detentores de listas de subscrição em prol dos grevistas das fábricas de veículos para não entregá-las à Federação, mas, ao contrário, de continuar a deixá-las circular entre os operários paulistanos por dois motivos: 1) a última greve tinha deixado um deficit considerável nas caixas da FOSP; 2) estas listas seriam necessárias para arrecadar também o dinheiro "per i futuri scioperi per le otto ore". Ver "Movimento Operaio", *Avanti!* n. 1673, 19-4-1907.

estratégica dentro das próprias categorias, como requerido pelo próprio Sorelli, nisso concordando plenamente com os socialistas do *Avanti!*[24]. Porém, como veremos, as recomendações dos socialistas para um movimento grevista geral que utilizasse uma certa gradualidade tanto no que se referia à preferência para algumas categorias de trabalhadores (antes os especializados e depois os outros) como à escolha de não iniciar a greve sem ter antes tentado uma mediação com os empresários não estavam completamente fora de cogitação na prática adotada pela FOSP na greve geral[25].

O que se realizou, portanto, foi uma greve que de fato se alastrou em parte de forma bem organizada (reuniões das respectivas categorias na FOSP antes de entrar em greve), em parte espontaneamente, isto é, novas categorias se juntavam as que já haviam entrado na greve depois que as primeiras começaram a obter as oito horas[26].

Mas quantas eram as ligas de resistência que se reuniam na sede da FOSP na Travessa da Sé? Eram sempre ligas ou simples grupos de operários? Na tabela que apresento a seguir, esquematizei um pouco o grau de participação e formação de ligas no período em questão[27].

Ofício	Greves em 1907	Fundação liga
Trabalhadores em fábricas de Veículos	20 dez. a 3 jan. (A. Zuffo) (III vitória) 23 mar. a 18 abr. (geral) (vitória: oito horas)	Refundação II semestre 1906
Metalúrgicos	7-9 fev. (Pregos Ipiranga (vitória: volta às 9 horas) 3 maio a 30 julho (geral) (vitória 5 maio: oito horas) (derrota: Lidgerwood e Mechánica)	Refundação II semestre 1906
Tecelões	22-25 fev. (Catumby)	20 fev. 1907

[24] "La fine di uno sciopero", *Avanti!*, n. 1684, 3-5-1907, p. 1.
[25] "Movimento Operaio. La conquista delle otto ore", *Avanti!*, n. 1686, 6-5-1907, p. 2.
[26] Para acompanhar o processo de desenvolvimento da greve ver as seções "Movimento Operaio", "Movimento Sindacale", "La conquista delle otto ore", *Avanti!* do n. 1683, 2-5-1907 ao n. 1706, 29-5-1907.
[27] A tabela foi elaborada a partir dos dados da série do *Avanti!*, de 1907, do jornal da FOSP *A Lucta Proletaria* de 1906-1907, e do *Fanfulla* do período 1906-1907. Além disso foi considerada também a análise dos dados presentes no *Avanti!* de 1901, 1902, 1903, do *Sempre Avanti!* (1903), de *O Chapeleiro* de 1904.

	(vitória parcial) 23mar – 10 abr. (Penteado) (estabilidade) 12- 31 maio (geral) (vitória parcial: 11 horas)	
Trabalhadores em madeira (marceneiros, carpinteiros)	3 abr. – 11 abr (parcial) (vitória parcial) 7 mai – 14 (geral) (vitória já no 7 de maio: oito horas)	1902
Moinho Matarazzo (vários ofícios)	25 – 30 abr. (derrota)	Abril 1907
Pedreiros	6 – 15 mai. (vitória: oito horas a partir do dia 8)	Março 1901
Marmoristas	7 – 11 mai (geral) (vitória: oito horas, já a partir do 9)	12 mai 1907
Operárias Lavanderia Paulista	7- 9 mai (vitória parcial: 9 horas)	Não tem
Pintores	8 – 12 (vitória: oito horas, a partir do dia 11)	7 mai 1907
Encanadores e funileiros	8 – 14 (vitória: oito horas a partir do 12)	Não tem
Sapateiros	12 mai – fim Junho (geral) (vitória: oito horas)	5 mai 1907
Padeiros	13 – 28 mai	Maio 1907
Trabalhadores de fábricas de massas (pastai)	13 – 25 mai (derrota)	12 maio 1907
Vidreiros	13 – 15 (vitória: oito horas)	Refundação 13 maio 1907
Gráficos	13 – 25 (vitória: oito horas já a partir do dia anterior à greve)	Dez 1900
Chapeleiros	17 maio – 28 (vitória: oito horas)	Jan 1901
Garçons	17 mai (10 horas)	Não tem
Ourives	18 – 22 mai (vitória: oito horas já antes da greve)	Não tem
Costureiras	19 – 25 mai (vitória: 9 horas)	II semestre 1906
Transportadores de tijolos	20 mai –10 jun (vitória: novos preços)	Junho 1907

Antes de tudo, é preciso observar que faltam algumas categorias na tabela, como a dos operários de fábricas de tapeçarias, que também obtiveram as oito horas, os produtores de vassouras e cestas, os lixeiros. Todos eles utilizaram a sede da FOSP, até que esta não

foi fechada pela polícia, e conseguiram vitórias parciais. É interessante notar que a greve alcançou uma categoria como a dos fabricantes de vassouras e cestas, que trabalhavam em oficinas caseiras e em estreito contato com os vendedores ambulantes. Além disso, não aparecem na tabela nem os ferroviários, nem os condutores e os cobradores de bonde. Este é um dos mistérios do movimento operário paulistano, quero dizer a difícil relação entre estas categorias dos transportes e o resto das outras categorias. No caso dos condutores, eles nunca participaram das organizações operárias ligadas à FOSP[28].

Os ferroviários, de fato, já tinham conseguido algumas vitórias com a greve de 1906, em alguns casos já as oito horas e eram em geral muito especializados, e bastante organizados no sentido do socorro mútuo. De qualquer forma, ainda que tivessem colaborado com as outras organizações operárias dos centros urbanos paulistas no movimento de 1906, nunca apareceram seus comunicados de reunião ou de luta nos jornais operários de língua italiana, nem os nomes e listas de ferroviários aparecem nas subscrições, quaisquer que sejam elas, durante toda a primeira década do século. Todos estes fatores fazem pensar que os italianos entre os ferroviários deviam ser limitados aos que chegaram nas primeiras levas da emigração, pois o trabalho nas ferrovias precisava de um nível elevado de especialização que podia ser conseguido somente com uma prévia alfabetização em português. Um ponto a favor desta hipótese é por exemplo a intervenção de Celso Garcia, advogado brasileiro e próximo do movimento socialista paulistano, que se dirigiu ao bairro da Lapa para a campanha política a seu favor como candidato popular à câmara estadual representando os interesses dos operários: ora, sendo o bairro da Lapa uma das concentrações máximas de ferroviários e podendo votar somente os naturalizados e os

[28] Ver "Relação da Federação Operária", in: *Relação do segundo congresso operário Estadual. Luta Proletária*, suplemento ao n. 14, 1-5-1908.

alfabetizados, é provável que ele se dirigisse exatamente a essa camada social[29]. O caso é todavia controvertido, uma vez que a *Società Operaia della Lapa,* participou ativamente na greve, fornecendo um apoio financeiro importantíssimo, mas esta era uma sociedade composta quase integralmente por imigrantes italianos[30].

É o único caso em São Paulo em que, de fato, diferenças étnicas, além das específicas da categoria, tenham claramente obstaculado a organização operária. Temos que dizer, de fato, que, apesar da historiografia do movimento operário brasileiro ter sempre apresentado o conflito étnico no interior das classes trabalhadoras como um traço específico do movimento operário que dificultou a ação comum, na greve de 1907 em São Paulo, e no período anterior e posterior a ela, nunca é levantado este problema no caso paulistano, nem pelos sindicalistas revolucionários, nem pelos socialistas[31]. Há todavia um conflito deste

---

[29] O comício-reunião foi realizado no "Salone Prandini", repleto em grande parte de operários. "Il Dr. Garcia al proletariato della Lapa", *Avanti!*, n. 1646, 18-3-1907, p. 2. Celso Garcia foi também, durante vários anos, vereador da câmara municipal de São Paulo, onde sua carreira foi marcada por uma intensa atividade de propostas para a intervenção da prefeitura em projetos de assistência aos trabalhadores paulistanos. Entre as muitas propostas, em 1905, apresentou um projeto de construção de casas populares para operários ("Le case per gli operai", *Fanfulla*, 11-11-1905, p. 2). Celso Garcia morreu de repente no dia 30 de maio de 1908, em São João da Boa Vista, por ocasião de uma visita a esta cidade do interior, quando era ainda vereador da câmara municipal de São Paulo e ainda era um dos advogados mais presentes nas defesas (pedidos de habeas corpus e processos de todo tipo) de militantes socialistas, sindicalistas e anarquistas (uma das suas famosas intervenções daquele ano foi a liberação de Carlos Dias, secretário da Federação Operária do Rio de Janeiro, que foi preso em Campinas onde era o orador principal em uma conferência sobre o serviço militar, mas na qual falou-se também contra a monarquia portuguesa: ver *Avanti!*, n. 1925, 11-2-1908 e n. 1926, 12-2-1908). Garcia foi sepultado no Cemitério da Consolação, em São Paulo, após um funeral imponente, ao qual participaram mais de 150 viaturas, e a maioria das associações operárias e mutualistas paulistanas e uma boa parte das do interior. Muitos foram os operários que acompanharam o enterro ("Dr. Celso Garcia", *Avanti!*, n. 2021, 1-6-1908). Muitos operários e artesãos paulistanos de diferentes nacionalidades (a maioria das sociedades operárias das quais Celso Garcia fazia parte) reuniram-se no dia 8 de junho na sede do Grêmio Dramático Luso-Brasileiro para erigir um monumento em mármore para homenageá-lo. Ao mesmo tempo, os habitantes da Rua dos Italianos pediram à prefeitura de mudar o nome para Rua Celso Garcia. ("Per Celso Garcia", *Avanti!*, n. 2023, 3-6-1908).

[30] Numa manhã de domingo do mês de Junho, a banda, o conselho diretivo e outros sócios da *Società Operaia della Lapa* saíram nas ruas dos bairros da Lapa e da Água Branca para arrecadar diretamente dinheiro para os grevistas: as somas foram entregues ao fundo "Sottoscrizione Pro-Scioperanti". *Avanti!*, n. 1720, 14-6-1907 e n. 1722, 17-6-1907.

[31] Nunca há acenos a este conflito interno na série do *Avanti!* diário, nem na série de *A Lucta Proletaria-La Lotta Proletaria*, nem na série de *La Battaglia*. Sobre os conflitos étnicos internos, nos grupos políticos e nos sindicatos ver, por exemplo, Sheldon Leslie MARAM, *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

tipo em São Paulo muito famoso, na única categoria na qual era mais provável um conflito como este: a Liga de Resistência dos Trabalhadores Gráficos foi de fato levada à inatividade, ou à atividade isolada em partes étnicas estanques, por causa dos conflitos entre brasileiros e portugueses de um lado e italianos e espanhóis do outro, estes últimos mais ativos em certos momentos[32].

Voltando à análise dos dados apresentados na tabela, podemos observar que seis ligas foram fundadas ou refundadas antes de 1907, duas em 1907 mas antes do desencadeamento da greve, até sete durante a greve, enquanto 5 categorias de trabalhadores participaram da greve sem ter uma liga de resistência associada à FOSP, ainda que se reunissem na sede da Federação ou utilizassem o papel dirigente de alguns delegados da federação. Estes dados mostram então que o grau de organização dos trabalhadoras paulistanos antes de maio 1907 era efetivamente limitado a menos da metade das categorias levantadas e que, portanto, tanto a greve, quanto a ação dirigente da FOSP, contribuíram para que as categorias restantes se organizassem, ainda que de forma provisória, e entrassem na greve gradualmente. É também preciso dizer que das categorias ainda não organizadas nas vésperas da greve, somente os operários dos calçados, os *pastai* e os vidreiros eram as que trabalhavam em estabelecimentos de médias e grandes dimensões.

---

[32] Já em 1901 o manifesto de convocação para uma reunião da *Società delle Arti Grafiche ed annesse*, convidava os trabalhadores gráficos a participar "insistindo mais uma vez a que deixeis todas as questões de nacionalidade ou pessoaes": "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 21, 9-3-1901, p. 3. Nota-se, enfim, que durante a greve de 1907, por exemplo, as tipografias ou encadernadoras que concederam as oito horas eram todas de italianos, utilizando trabalhadores italianos. Aos conflitos étnicos se misturavam nesta categoria também os causados pelas mansões, como o famoso desencadeados pela introdução dos linotipos no Fanfulla em 1905. Sobre os vários tipos de conflitos internos à categoria dos trabalhadores gráficos em São Paulo ver o artigo de Artur José Renda VITORINO, "Classe contra classe: tipógrafos e linotipistas", *Trabalhadores, Fábrica e Cidade*. Campinas, 1989. pp. 30-33 e o livro do mesmo autor, *Máquinas e Operários. Mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912)*, São Paulo, Annablume, FAPESP, 2000.

Enfim, no caso dos trabalhadores do Moinho Matarazzo, únicos derrotados durante o ano de 1907, e que não participaram da greve, a liga parece não ter tido vida após a derrota sofrida.

De fato, as seis ligas fundadas antes de 1907 eram as mais organizadas, e constituíam a espinha dorsal da Federação, com a maioria dos filiados (na época 3.000)[33]. Os três dirigentes principais da FOSP (os dois secretários Giulio Sorelli e Pilade Grassini, e o tesoureiro: Alfonso Contieri) eram italianos, e espelhavam obviamente a situação presente efetivamente dentro das ligas e nas diretorias mas também nos filiados expressavam um predomínio da nacionalidade italiana que ia além de 90%, na maioria das associações[34]. A Liga dos trabalhadores em veículos, definida como a vanguarda do movimento grevista, foi refundada, todavia, somente no segundo semestre de 1906, e devia a sua fama a uma série positiva de greves vitoriosas iniciadas no final de 1906 e prosseguidas com a obtenção das oito horas em fins de abril de 1907. Todavia, mais organizada ainda era a liga dos metalúrgicos e a dos pedreiros, as duas que desencadearam a greve no início de maio, e que eram, do ponto de vista da forma de produção, em pontos opostos: no caso dos metalúrgicos eles trabalhavam em oficinas médias e grandes, enquanto os pedreiros, ainda que às vezes em canteiros imensos, trabalhavam normalmente das formas mais diferentes, mas sempre em pequenos grupos sob as ordens de um mestre ou de um empreiteiro, quase sempre italiano (de modo semelhante trabalhavam os pintores).

---

[33] ANRJ, MJNI, IJ[7] n. 179, Processo de Expulsão de Ristori, Sorelli, Cerchiai.

[34] Dados tomados das listas das eleições das diretorias e das listas de subscrição pró-grevistas: *Avanti!* série de 1907 e 1908, nas seções: "Movimento Operaio", "Movimento sindacale. Federação Operária do Estado de S. Paulo", "Movimento Sindacale", "La conquista delle otto ore", "Sottoscrizione Pro Scioperanti".

A organização destes sindicatos de ofício seguia em grandes linhas a mesma forma: constituíam um estatuto, que devia ser aprovado pela maioria (e o era normalmente quase por unanimidade), havia eleições diretas dos órgãos dirigentes (compostos por dois secretários – os presidentes – um tesoureiro, revisores de contas, conselheiros), repetindo desta forma os moldes de todos os sindicatos da época, e também das primeiras que nasceram em 1901 quando a *Lega Democratica Italiana* tinha funcionado em parte como abrigo da mesma forma que agora era a FOSP.

Quando falamos de ligas mais organizadas que outras, entendemos este grau de organização não somente considerando o número de sócios filiados (se proporcionalmente significativo em relação ao total dos trabalhadores de cada setor) mas também a freqüência das reuniões e o número de participantes (filiados e não-filiados) a tais reuniões, a capacidade de constituir fundos consideráveis (ou suficientes) para as greves e as atividades de propaganda, a regularidade do funcionamento e a estabilidade de suas estruturas internas, o constituir-se das ligas como pontos de referência nas conjunturas e na sociabilidade diária, como podemos observar ao longo de seu desenvolvimento e revitalização durante o segundo semestre de 1906 e o início de 1907[35].

Do ponto de vista do número dos sócios, somente nas ligas dos metalúrgicos, dos trabalhadores de veículos e na dos chapeleiros (estes contavam com 828 filiados no dia 20 de maio[36]), a grande maioria dos trabalhadores destes ramos em São Paulo integrava a liga respectiva, como pode ser observado através de uma análise dos relatos das reuniões destas agremiações[37]. Também a liga dos tecelões contemplava um grande número de filiados,

[35] Ver a série do *Avanti!* de 1906-1907 (seções "Movimento Operaio" e "Movimento sindacale. Federação Operária do Estado de S. Paulo"; mas ver também *A Lucta Proletaria* do mesmo período.
[36] *Avanti!*, n. 1698, 20-5-1907.
[37] Ver a rubrica "Movimento Sindacale", *Avanti!* série de 1907.

mais de 200, porém aquém do número dos trabalhadores da categoria em greve e obviamente do ramo[38]. No caso da liga dos pedreiros (uma das categorias mais amplas na São Paulo da época, como sabemos), até meados de abril de 1907 ainda não tinha-se conseguido afiliar a maioria dos trabalhadores do setor[39]; porém, é necessário sublinhar que há tempo a liga funcionava regularmente e tinha, de qualquer forma, um número de sócios suficiente para permitir a formação de um fundo consistente para as greves: além deste fato, outros aspectos indicam que os sócios da liga dos pedreiros eram, até o desencadeamento da greve, os mais especializados dentro deste setor[40]. A partir do fim de abril de 1907 (antes da greve, portanto), o número de sócios da liga foi crescendo de forma considerável: o aumento foi gradual, mas constante ao longo de todo o ano de 1907 e 1908 e permitiu que no mês de dezembro de 1907 já fosse possível iniciar uma coleta de fundos para a construção de uma casa social e que em janeiro de 1908 a maioria dos pedreiros de São Paulo fosse afiliada à liga[41]. Um dos fatores da capacidade desta agremiação sindical de liderar o movimento reivindicativo e organizativo dentro do próprio setor residia, já antes da greve, no fato que as reuniões em que se decidiam os rumos práticos da organização foram sempre abertas também aos não-afiliados (que freqüentemente tinham direito de voto e de palavra): esta característica, associada a uma estabilidade organizativa formada pelos sócios mais antigos (que tinha conseguido enfrentar o longo período de inatividade sindical e de baixo número de associados dos meses anteriores à greve de 1907), fez com que a liga constituísse, de qualquer forma, um ponto fundamental de referência para os trabalhadores

[38] Ver *Avanti!*, n. 1695, 16-5-1907.
[39] "Movimento Operaio. Lega di Resistenza fra Muratori ed Affini", *Avanti!*, n. 1673, 19-4-1907.
[40] Ver a seção "Movimento Operaio. Lega di Resistenza fra Muratori ed Affini", *Avanti!* do período janeiro-abril 1907 e *A Lucta Proletaria*, 1907.
[41] "Movimento Operaio. Lega di Resistenza fra Muratori ed Affini", *Avanti!*, n. 1870, 7-12-1907; Idem, Ibidem, n. 1962, 23-3-1908, p. 2.

da construção em São Paulo, sobretudo nos momentos de conflito com os empresários e os empreiteiros[42].

A greve foi lançada observando fundamentalmente a autonomia das ligas: cada uma decidia, após uma reunião na FOSP, à qual participava quase sempre Giulio Sorelli, as formas técnicas de entrada na greve, normalmente enviando antes um comunicado aos empresários, pedindo as oito horas, mas sem a diminuição dos salários, e pedindo ao mesmo tempo o pagamento semanal dos mesmos[43]. Dava-se normalmente um tempo de resposta de alguns dias, após o qual, em caso de resposta negativa, a categoria entrava em greve: porém, e esta é uma característica que fez da greve de maio 1907 uma greve geral *sui generis*, a greve era desencadeada somente nas oficinas cujos donos não tinham aceito as condições do ultimatum, enquanto a liga convidava os trabalhadores da própria categoria a voltar logo ao trabalho se em suas empresas já tivessem conseguido as oito horas. Uma estratégia deste tipo proporcionou com certeza toda uma série de vantagens, a primeira das quais era a possibilidade de devolver uma parte do salário (um dia de trabalho por semana) ao fundo da greve, decisão inicialmente tomada na liga dos pedreiros e depois aceita por todas as outras categorias[44]. No caso daquelas categorias sem Liga, portanto teoricamente sem direção aparente, formavam-se comissões amplas, não fábrica por fábrica, que igualmente se reuniam na sede da FOSP, a qual, a partir de um certo momento, para não ter o perigo de que a greve tomasse formas e modos demasiado diferenciados, começou a

---

[42] Ver a seção "Movimento Operaio. Lega di Resistenza fra Muratori ed Affini", *Avanti!* do período 1907-1908.

[43] Ver "Movimento Operaio" e "La conquista delle otto ore", *Avanti!*, do n. 1683, 2-5-1907 ao n. 1699, 21-5-1907.

[44] Idem, Ibidem. Ver também: "Sottoscrizione Pro-Scioperanti" a partir do *Avanti!*, n. 1697, 18-5-1907. A deliberação na liga dos pedreiros foi praticada a partir de meados de maio: "La conquista delle otto ore. I muratori", *Avanti!*, n.1692, 13-5-1907.

enviar nas reuniões destas comissões os próprios representantes[45]. Esta estratégia mostra em parte que a FOSP não conseguiu desde o início controlar o desenvolvimento da greve, como o próprio Sorelli alegava: se isso respondia de fato aos propósitos neutralistas e autonomistas do sindicalismo da ação direta, por outro lado mostrava que na prática a FOSP tendia a controlar e gradualizar o movimento, para que a presença de um número excessivo de trabalhadores em greve (isto é, temporariamente desempregados), não desse a possibilidade aos empresários de encontrar um grande número de fura-greves entre os que não conseguiam mais ficar sem trabalho por muito tempo. Nesse sentido, a subscrição pró-grevistas eliminou em grande parte a possibilidade de que isso acontecesse, junto ao fato que, como pode-se observar na tabela, as categorias entraram em greve não todas ao mesmo tempo. Podemos dizer, portanto, que não houve uma greve geral de tipo clássico, com todas as categorias paradas em todas as oficinas, mas, pelo contrário, uma situação fluida na qual enquanto os trabalhadores de algumas oficinas de algumas categorias já recomeçavam o trabalho graças à vitoria (total ou parcial conseguida), outros de outras categorias entravam em greve. Para fazer um exemplo, observando sempre os dados da tabela, os pedreiros começaram a greve no dia 6 de maio, mas a partir do dia 8 já muitos empreiteiros concederam as oito horas, e os trabalhadores respectivos começaram a voltar ao trabalho; enquanto os outros pedreiros continuaram na greve até o dia 15, quando praticamente a totalidade dos canteiros de construção concedeu as oito horas. No mesmo dia 8 de maio os Encanadores e funileiros entravam em greve, seguindo o mesmo processo alguns continuaram a greve até o dia 14, quando a greve desta categoria acabou vitoriosa, porém já a partir do dia 12 estes trabalhadores podiam contar com o apoio financeiro dos

[45] Ver a seção "La conquista delle otto ore", *Avanti!* a partir do n. 1683, 2-5-1907.

companheiros que já tinham obtido as oito horas e tinham voltado ao trabalho, mais o apoio daquela parte de pedreiros já vitoriosos e em atividade.

Este mecanismo funcionou tão bem que também após o fechamento da sede da FOSP, e a prisão temporária dos sindicalistas mais à vista, a greve continuou se alastrando e com sucesso.

De forma geral, no final de maio, todas as categorias conseguiram as oito horas, ou uma redução da carga horária, nisso influindo obviamente também as características do ofício, desde a forma de produção até a estruturação do mercado, mas é inegável que vários fatores se misturaram para que categorias tão variadas conseguissem o mesmo resultado.

Segundo os socialistas italianos foi o fator surpresa, mas também a desorganização da burguesia brasileira segundo o diretor do *Avanti!*, Donati.

> "Na velha Europa, onde as classes sociais tem tradições antigas, e o progresso portanto procede com passo mais lento ainda que mais seguro e mais uniforme, a conquista do horário curto é muito mais difícil do que aqui na jovem América. Lá as classes dirigentes, muito mais instruídas e homogêneas do que aqui, opõem ao proletariado uma resistência infinitamente mais esperta, feitas de concessões inócuas. No Brasil, pelo contrário, se o proletariado está desorganizado, a burguesia o é ainda mais [...] Aqui obter-se-á muito porque a resistência da burguesia poderá ser talvez brutal e feroz mas não tem aquela coordenação na qual são mestres os burgueses da velha Europa"[46].

[46] Ver em italiano no texto, Donato Donati, "La Conquista delle otto ore", *Avanti!*, n. 1687, 7-5-1907, p. 2.

Embora reconhecendo as características não homogêneas da burguesia brasileira, Donati não separa com isso uma burguesia industrial paulistana de origem estrangeira (italiana em boa parte) e uma brasileira paulista ligada em grande de parte à economia urbana somente no que se referia aos setores dos transportes, que lhe asseguravam uma correta comercialização do café.

É interessante notar, todavia, e isso foi ressaltado em parte também pelos socialistas italianos, embora não reconhecessem nisso uma causa da vitória da greve, que os grevistas operários de grandes estabelecimentos, encontraram maiores dificuldades para obter resultados positivos: os metalúrgicos da Lidgerwood e da Mechânica, enquanto seus colegas das pequenas e médias oficinas já após alguns dias de greve tinham conseguido as oito horas, continuaram numa greve extenuante que durou quase três meses sem obter nada; igualmente, os tecelões das grandes fábricas de Crespi, Penteado, Matarazzo não conseguiram as oito horas, e os trabalhadores dos pastifícios, após uma primeira concessão do horário "sagrado" de oito horas, não tendo conseguido isso com os mesmos salários continuaram na greve e perderam tudo[47]. E isso independentemente da nacionalidade dos empresários, uma vez que, excluindo Penteado, todos estes industriais dos tecidos e das massas eram italianos. Pela primeira vez no Brasil, uma forma de resistência dos empresários aos operários em greve, a *serrata*[48], foi realizada com uma certa eficácia. Contrariamente ao que pensavam os socialistas italianos do Brasil como país em que a burguesia industrial era completamente desorganizada, os grandes empresários constituíram blocos, cartéis impenetráveis e utilizaram com proveito as boas relações que iam estabelecendo há anos, como importantes contribuintes do Estado de São Paulo, com as

[47] Ver *Avanti!* do n. 1692, 13-5-1907 ao n. 1744, 12-7-1907.
[48] Fechamento das oficinas pelos próprios empresários para pressionar os operários para voltarem ao trabalho.

autoridades paulistas. Quando a greve se alastrou entre todos os tecelões e os chapeleiros e os operários de calçados, a polícia entrou em ação proibindo agrupamentos em torno das fábricas, desfazendo qualquer grupinho de operários em praças ou nas ruas, assaltando com a cavalaria os grevistas reunidos nos lugares mais impensáveis, prendendo cerca de cem grevistas a partir obviamente dos líderes sindicais de cada fábrica[49]. A repressão, todavia, não foi um fator que impediu que a greve continuasse, uma vez que os grevistas começaram a se reunir, após o fechamento da sede da FOSP, na sede do *Circolo Socialista Internazionale* ou nas várzeas e nos subúrbios. Houve até a decisão de entrar na greve pelas oito horas tomada pelos chapeleiros de uma forma surreal: reunidos no Parque Antártica, logo que chegaram o guarda do parque chamou a polícia que os obrigou, após longa discussão, a dissolver a reunião e não agrupar-se novamente; começaram assim a passear pelo parque discutindo a oportunidade e os meios a serem usados na greve e chegaram a decisão de pedir as oito horas gritando as próprias declarações de voto de pontos diferentes entre os caminhos arborizados do parque[50].

A aproximação no trabalho que havia entre trabalhadores e pequenos empresários nas pequenas e médias oficinas, das casas de costuras com pessoal todo feminino e menor de idade às serrarias com pessoal completamente masculino e em grande parte adulto, deve ser tomado então como um fator unificador que causou em grande parte o sucesso da greve. Para algumas categorias, como pintores, pedreiros, metalúrgicos de pequenas oficinas, tipógrafos, freqüentemente os empresários trabalhando juntamente com os empregados, não eram facilmente distinguíveis, a não ser por uma maior especialização. Isto não significa obviamente que não houvesse conflitos nos locais de trabalho cujas características

[49] Ver *Avanti!* do n. 1690, 10-5-1907 ao n. 1710, 3-6-1907.
[50] "La conquista delle otto ore. I cappellai", *Avanti!*, n. 1695, 16-5-1907, p. 1.

continuavam bem longe da indústria dos grandes números, como os mestres da historiografia inglesa E.P. Thompson e E.J. Hobsbawm em suas obras clássicas mostraram há décadas. Mas quero me referir, neste caso, ao fato que existiam relações paternalistas entre pequenos empresários e os seus operários que não iam necessariamente na direção de uma adequação dos pedidos dos trabalhadores às vontades ou exigências dos patrões. Ao escorrer as listas de subscrição pró-grevistas, as listas dos participantes às ligas de resistência, e analisando o histórico da greve com a transcrição de seu desenvolvimento no dia-a-dia, mais a atividade dos grupos socialistas e de muitas sociedades étnicas, nos damos conta que não são poucos os pequenos empresários que compartilhavam os mesmos ideários e espaços de sociabilidade de seus empregados. É provavelmente somente nesse âmbito que a mesma origem italiana e proletária funcionasse parcialmente como identidade comum que aproximava estes setores que anos mais tarde, na época da polêmica dentro da comunidade italiana em torno da guerra de Líbia em 1911, já se encontram mais distanciados, tanto socialmente como politicamente. Numerosos entre trabalhadores e empresários viviam no dia a dia em alguns grupos políticos, sobretudo socialistas e republicanos ou em algumas sociedades étnicas. O caso mais marcante é o de Giuseppe Cavicchioli, empreiteiro de trabalhos de construção (e ele mesmo um pedreiro especializado), um dos primeiros a conceder as oito horas aos seus operários, e ao mesmo tempo um dos primeiros a ser preso pela sua atividade dirigente na liga de resistência dos pedreiros, participando, aliás, como delegado da sua liga no segundo congresso operário estadual de 1908[51]. Outro caso é o de Camillo Amadio, militante socialista, e também

[51] Cavicchioli é preso no momento em que, junto com outros três companheiros da liga, estava tentando convencer os pedreiros do Moinho Matarazzo a associar-se à greve em prol das oito horas: "Le gesta della polizia", *Avanti!*, n. 1688, 8-5-1907. Ver também "Ultime notizie sullo sciopero", *Avanti!*, n. 1689, 9-5-1907;

empresário de trabalhos, mas de pintura, que concede as oito horas assim que a greve começa em outras categorias[52]. Mas a categoria em que esta aproximação entre empresários e trabalhadores é mais evidente é a dos trabalhadores em pedra, os quais, frente à dificuldade de obter as oito horas (diferentemente dos seus colegas marmoristas), chegam a formar uma cooperativa de produção na qual participam também vários empreiteiros de obras[53]. Entre as casas de moda onde trabalhavam dezenas de costureiras, dando outro exemplo, há empresários como Clementina Zona, esposa do socialista Arcangelo Zona, ou Annita Franchini, também de tendências socialistas[54]. Não se pode compreender, portanto, a rapidez da concessão das oito horas em muitas categorias, até antes que os trabalhadores entrassem em greve, sem levar em conta também estes fatores, ainda que estas aproximações classistas, étnicas, ou políticas não impedissem também conflitos.

A greve de 1907, ao mesmo tempo começou a evidenciar o rompimento de alianças deste tipo, que tinham caracterizado, por exemplo, o movimento grevista do ano anterior, ou o surgimento das associações operárias sob a guia dos socialistas, e dos republicanos italianos até 1903. Foi se evidenciando, sempre mais, o caráter classista do movimento operário paulistano, classista no sentido do aumento na atuação sindical mais da própria

---

"Gli arrestati", Ibidem, n. 1690, 20-5-1907, p. 1. Ver também "Relação da Federação Operária. Relação do segundo congresso operário Estadual". *A Lucta Proletaria*, suplemento ao n. 14, 1-5-1908.

[52] "La conquista delle otto ore", *Avanti!*, n. 1689, 9-5-1907, p.1. Camillo Amadio era um dos membros da diretoria do *Centro Socialista Internazionale* em 1907 (*Avanti!*, n. 1720, 14-6-1907) e foi também um dos responsáveis do *Centro* para a organização do 1° de Maio de 1907 (*Avanti!*, n. 1674, 20-4-1907).

[53] É importante notar que a reunião de fundação desta nova cooperativa aconteceu na sede da cooperativa dos marmoristas. No encontro, frente às dificuldades encontradas por alguns trabalhadores em pedra para obter o novo horário de trabalho, o empreiteiro de extração do granito e de canteiros de obras, Vincenzo Greco, propus a fundação de uma cooperativa, dispondo-se ele a fornecer inicialmente o material e o capital. "La conquista delle otto ore. I lavoranti in marmo e in pietra granito", *Avanti!*, n. 1690, 10-5-1907. Defini como "trabalhadores em pedra" (uma tradução quase literal do italiano "lavoratori in pietra granito"), tanto os que trabalhavam nas pedreiras, como os que colocavam os paralelepípedos nas ruas e calçadas da cidade, uma vez que, frequentemente, os mesmos trabalhadores executavam as duas tarefas.

[54] "La conquista delle otto ore. La nostra vittoria", *Avanti!*, n. 1703, 25-5-1907, p. 1. Ver também "Comunicati", *Avanti!*, n. 1713, 6-6-1907 e n. 1714, 7-6-1907, p. 2. Arcangelo Zona era membro do comitê

base operária e desqualificada, e menos da qualificada e artesã, nisso influindo a ascensão social de parte dos imigrantes urbanos e os fluxos migratórios internos que se seguiram à forte crise do café até 1903, que colocaram no mercado de trabalho paulistano muitos colonos vindos das fazendas. As mesmas Clementina Zona e Annita Franchini, por exemplo, ainda que prontas em receber as comissões das próprias operárias e a conceder as nove horas pedidas, são protagonistas de conflitos acérrimos com militantes tanto sindicalistas como socialistas. Clementina Zona, por exemplo, é criticada pela jovem (15 anos) e ativa secretária da Liga das Costureiras[55], Annita Pennazzi, que respondendo às acusações anti-libaneses da senhora Zona, considera melhor "ser explorada pelos turcos, que socialisticamente" por ela, que a pagava muito menos[56]. Annita Franchini briga nas colunas do *Avanti!* por vários números com um dos pais de suas empregadas, o socialista Andrea Compagnoni, que a critica porque se não tivesse sido pelos conselhos dele ela nunca teria concedido melhorias às suas empregadas[57]. No mesmo contexto de diminuição de um certo interclassismo no interior da comunidade italiana deve-se entender o estupor

---

diretivo do jornal *Avanti!* (*Avanti!*, n. 1672, 18-4-1907) e tesoureiro do *Centro Socialista Internazionale* desde janeiro de 1907 (*Avanti!*, n. 1592, 14-1-1907).

[55] Chamada mais frequentemente de *Lega di Resistenza delle Sartine*.

[56] "Comunicati", *Avanti!*, n. 1714, 7-6-1907, p. 2; Annita Pennazzi era já secretária da liga das costureiras no início de 1907, quando é uma das organizadoras, junto com a FOSP, de uma festa no Salão Stainway para arrecadar fundos para a liga. Na festa, à qual participou também como orador principal o líder sindicalista Giulio Sorelli, houve embates entre contramestres de algumas casas de moda enviados para relatar sobre o estado da organização das costureiras e um número significativo de operários que lotavam o salão por ocasião do evento ("A proposito della festa delle sartine", *Avanti!*, n. 1595, 17-1-1907). É interessante notar que segundo o relato da festa feito por um jornalista do *Estado de São Paulo* (número do 14-1-1907), Annita Pennazzi não é definida como anarquista, nem como sindicalista, mas como socialista.

[57] No final, depois de tons de melodrama, os dois fazem as pazes declarando conjuntamente que outras pessoas tinham causado a piora das relações entre eles. O protesto de Andrea Compagnoni apareceu inicialmente nas colunas do *Fanfulla*, de 26-5-1907. Annita Franchini, ao contrário, declarou que tinha concedido as nove horas logo depois que a comissão da liga das costureiras tinha enviado para ela também o pedido. O conflito era sobretudo sobre a intervenção de terceiros (neste caso Andrea Compagnoni) para arbitrar entre trabalhadores e empresários: a tese da empresária Annita Franchini era que ela podia tratar somente com a comissão das delegadas operárias, sem a arbitragem de militantes externos, ainda que conhecidos. Ver Andrea COMPAGNONI, "Questione di sartine. Uno schiarimento", *Avanti!*, n. 1704, 27-5-1907, p. 1; Annita FRANCHINI, "Le 9 ore", *Avanti!*, n. 1705, 28-5-1907, p. 3; IDEM, "Comunicati. Uno

com que os socialistas do *Avanti!* acolhem a dureza, frente aos grevistas, do industrial de massas Enrico Secchi, um velho liberal da Emilia de idéias geralmente progressistas (as propagandas do pastifício Secchi, aliás, apareciam regularmente na última página do *Avanti!*), que articulou uma frente de empresários da mesma área decidido a acabar com a greve muito mais que os outros[58].

---

schiarimento", *Avanti!*, n. 1706, 29-5-1907, p. 3; Andrea COMPAGNONI e Annita FRANCHINI, "Questione finita", *Avanti!*, n. 1708, 31-5-1907, p. 3.

[58] Enrico Secchi formou um bloco de empresários, do qual faziam parte Giuntini, Giuzio, Taddei e Linguanotto: a estratégia deste bloco foi de conceder as oito horas imediatamente, mas ao mesmo tempo rebaixando os salários de 20%. A greve alastrou-se com a mesma intensidade da resposta e da repressão exercida por estes empresários, que pediram a intervenção da polícia nos estabelecimentos ocupados, como o da Rua Martin Buchard, durante uma reunião de todos os trabalhadores da categoria em greve ("La conquista delle otto ore. I pastai", *Avanti!*, n. 1701, 23-5-1901, p. 1). Os socialistas do *Avanti!*, comentando o conflito entre Enrico Secchi e os operários de sua fábrica, escreveram assim,: *"ci rincresce moltissimo [...] eravamo abituati ad ammirare lo spirito di equità ed anche di generosità del signor Enrico Secchi, il quale, in questa congiuntura, si è dimostrato molto più conservatore e retrivo che non credessimo"* ("La conquista delle otto ore. I pastai", *Avanti!*, n. 1697, 18-5-1907, p. 1), e também dez dias depois: *"Noi che sempre abbiamo ritenuto il signor Enrico Secchi un uomo d'idee liberali a animato da vero spirito filantropico ci meravigliamo altamente di questa sua ostinazione"* (Idem, Ibidem, n. 1705, 28-5-1907, p. 1). O bloco acabou dividindo-se, mas Enrico Secchi conseguiu que os operários de seu estabelecimento voltassem ao trabalho sem ter obtido as melhorias pedidas: além disso, demitiu os três delegados da comissão operária de sua fábrica ("La conquista delle otto ore. La fabbrica Secchi", Ibidem). No mesmo ano de 1907 Enrico Secchi é um dos principais organizadores, junto com Antonio Piccarolo, do comitê oficial (antagonista do chamado comitê popular, como veremos) para as comemorações do centenário de Giuseppe Garibaldi (ver "Noterelle", *Avanti!*, n. 1720, 14-6-1907). As relações de Enrico Secchi com o mundo do independentismo italiano radical eram antigas, e talvez por isso tanto os socialistas italianos como os próprios operários estranharam o comportamento do empresário na ocasião desta greve (ainda que fosse claro que ele não era um socialista, mas um liberal até aquele momento favorável ao processo de organização dos sindicatos paulistanos). Secchi tinha sido amigo pessoal de Adelina Tavernari Malavasi, uma *carbonara* italiana de Modena, exilada no Brasil porque envolvida (junto com o marido Alfonso, músico) nas revoltas de 1848. Em 1873 Adelina Malavasi voltou para a sua região como uma das primeiras organizadoras de levas de emigrantes italianos para o Brasil, com o objetivo de fundar uma colônia de camponeses da Emilia na província de Santa Catarina. Nesta ocasião conheceu Enrico Secchi, na época jovem professor do primeiro grau na sua cidade natal, Concordia sulla Secchia (na província de Modena, na região da Emilia-Romagna), ao qual confiou a tarefa de encontrar e acompanhar no Brasil as primeiras cinqüenta famílias destinadas a formar o núcleo inicial da nova colônia. Contratado pela Malavasi, Secchi emigrou com estas famílias (a maioria provenientes dos municípios de Concordia e de Novi di Modena), para o Brasil, onde se estabeleceu definitivamente. A colônia, todavia, não foi implantada em Santa Catarina, mas no Estado do Rio de Janeiro, na divisa com o São Paulo, na vila de Porto Real, perto de Rezende. Para uma biografia parcial de Enrico Secchi ver a publicação do seu diário, *Un sogno: la Merica! I miei 56 anni di Brasile / Um sonho: la Merica! Os meus 56 anos de Brasil* (introdução de Emilio FRANZINA), Finale Emilia (MO), Associazione Enrico Secchi, Editore Baraldini, 1998.

4.2

OS SOCIALISTAS ITALIANOS EM SÃO PAULO ENTRE SINDICALISMO E SOCIEDADES ÉTNICAS.

Esta breve análise da greve em suas particularidades, e estas últimas palavras levantam o problema da participação dos socialistas de língua italiana no movimento operário paulistano no momento que precede a chegada de Vacirca, o tão procurado líder que devia revitalizar a atividade dos filiados do Partido em São Paulo.

O desenvolvimento da greve, e as polêmicas que se seguiram alguns meses mais tarde, mostram na verdade que o domínio do sindicalismo revolucionário no movimento operário paulistano, e a presença de muitos anarquistas nas ligas, não significava a ausência dos socialistas de língua italiana no movimento.

Certamente, a característica deste período foi bem fotografada por Alceste De Ambris no seu artigo sobre o desenvolvimento do movimento operário em São Paulo em *Il Brasile e gli Italiani* de 1906, quando afirma que de 1903 em diante o movimento assumiu caráter mais nitidamente operário, notando que os "círculos socialistas que durante três anos haviam sido a expressão mais saliente do movimento passam à segunda linha"[59]. Mas se isso sublinha corretamente um dado inequívoco, não faz justiça a uma participação contínua nos processos de organização sindical do período 1906-1908.

Mais especificamente, o renascimento do movimento operário neste período viu os socialistas de língua italiana de primeira linha fornecerem os quadros dirigentes de algumas

[59] Alceste DE AMBRIS, "Il movimento operaio nello Stato di São Paulo", in: *Il Brasile e gli Italiani*, Firenze, Edizioni del "Fanfulla", Bemporad e Figlio, 1906, pp. 843-845.

ligas, assim como o apoio propagandístico necessário, o que é sublinhado exatamente também pelo contínuo apelo de Giulio Sorelli à sua fidelidade ao neutralismo político do sindicato. Esta polêmica constante entre sindicalistas revolucionários e socialistas em torno da natureza da ação sindical também em São Paulo tem que ser compreendida portanto dentro de um contexto em que existe de fato uma presença notável de socialistas que agem junto a anarquistas ou a sindicalistas puros dentro das ligas de resistência.

De fato a polêmica verte sempre em torno da crítica que o grupo de socialistas de língua italiana ligados ao grupo do *Avanti!* move contra a FOSP pelo fato dela recusar outras formas auxiliares e complementares de luta de classe, notadamente o mutualismo e o cooperativismo, que para eles assumem "um valor pelo menos igual àquele da resistência", cujos benefícios, "são inteiramente nulos no caso em que não intervenham a dar-lhe valor o mutualismo e a cooperação"[60]. Segundo os redatores do *Avanti!*, a verdadeira preparação à greve devia passar pela formação de uma consciência solidária que só podia ser construída com o tempo, através de experiências que consolidassem a associação operária e não a colocasse pelo contrário em uma posição de eterna fraqueza organizativa. Por exemplo, o tema dos fundos coletados através de subscrições e das mensalidades pagas pelos integrantes das ligas, que não deviam, segundo os socialistas, ser desperdiçados em greves longas e sem preparo[61]. Consequentemente, as críticas dos socialistas italianos não eram endereçadas contra a atividade sindical, mas incidiam sobre o fato de que a maior parte dos líderes da FOSP naquele momento não contemplasse também uma formação paralela de sociedades de socorro mútuo e de cooperativas de produção e de consumo que operassem em ação conjunta com as ligas de resistência.

[60] "Noi e Loro. Parte II", *Avanti!*, n. 1588, 9-1-1907, p. 1. (Traduzido do italiano por mim).
[61] Ibidem.

Ao analisar a história das ligas de resistência nesse momento observamos portanto como a presença de socialistas nas diretorias e na atividade global dos sindicatos era marcante.

Para citar somente alguns exemplos, basta dizer que o Tesoureiro da FOSP por três anos consecutivos 1906-1907 e 1908, foi o socialista Alfonso Contieri (com certeza na direção do *Centro Socialista Internazionale* de São Paulo no período 1907-1908), também delegado da União dos Chapeleiros (da qual era membro do comitê diretivo já desde 1904) ao segundo congresso estadual[62]. O seu papel como um dos principais organizadores sindicais da União dos Chapeleiros é, aliás, constantemente evidenciado pela sua participação nas tratativas com os empresários em quase todas as greves, além da geral de 1907[63].

Limitando-nos às lideranças do movimento operário em São Paulo, militantes socialistas são também Palmiro Grassini, conselheiro da direção da Liga dos Pedreiros (da qual freqüentemente abre as reuniões) e organizador, entre outras manifestações, do Primeiro de Maio de 1907 no Bosque da Saúde[64]; Lorenzo Monaco e Ambrogio Chiodi, há anos na direção da liga dos trabalhadores gráficos[65]. A presença notável de socialistas entre

---

[62] Ver, entre outros números, *O Chapeleiro*, 1-5-1904; "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 1661, 5-4-1907; "Centro Socialista Internazionale", *Avanti!*, n. 1665, 10-4-1907; n. 1674, 20-4-1907; n. 1676, 23-4-1907; "Relação do segundo congresso operário Estadual", *A Lucta Proletaria*, suplemento ao n. 14, 1-5-1908. Alfonso Contieri foi também um dos principais organizadores das comemorações do 1° de Maio de 1907: *Avanti!*, n. 1665, 10-4-1907 e "Il 1° Maggio", *Avanti!*, n. 1683, 2-5-1907.

[63] Ver, por exemplo, o papel importante desempenhado por ele na greve de dezembro de 1907 para impedir que nas principais fábricas de chapéus de São Paulo voltasse o horário de 9 ou 10 horas: foi eleito, por cerca de 200 operários grevistas, como representante dos operários italianos na comissão para as tratativas com os empresários ("Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 1887, 28-12-1907).

[64] "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 1630, 27-2-1907; n. 1675, 22-4-1907; para as comemorações do 1° de Maio: *Avanti!*, n. 1682, 30-4-1907.

[65] Sobre Lorenzo Monaco e Ambrogio Chiodi as referências ao empenho dos dois nos grupos socialistas de São Paulo e no sindicato dos gráficos são inúmeras na imprensa operária e socialista, mas também no *Fanfulla* (seção "Movimento Operaio") desde sua chegada no Brasil na última década do século XIX. De qualquer forma, ver, entre vários jornais, coleção do *Avanti!* 1900-1908 e 1914-1919; *La Battaglia*, 1904-

os chapeleiros, liga que contava com quase 900 afiliados, remontava já à sua fundação em 1901, e ao papel que tiveram nos primeiros anos de desenvolvimento da liga dos chapeleiros os irmãos Ramenzoni, Dante e Lamberto. Os dois empresários, que no período 1907-1908 ainda continuavam filiados ao *Centro Socialista Internazionale* (Dante, aliás, era membro da diretoria), foram os primeiros em conceder as oito horas, bem antes do início da greve geral de 1907 na categoria dos chapeleiros, tanto que, quando os chapeleiros decidiram entrar em greve na reunião no Parque Antarctica (dia 16 de maio) enviaram uma saudação aos irmãos Ramenzoni, até àquele momento os únicos (junto com o empresário Bosisio) que concordaram com os operários para a diminuição do horário[66].

A União dos Chapeleiros, por muitos aspectos, carregava consigo as características socialistas na sua estrutura organizativa, e também a sua história de antiga sociedade de socorro mútuo, tanto que quando começou a aumentar os números dos sócios, para não perder os velhos filiados, estruturou seu estatuto entre o de uma sociedade mutualista e o de um sindicato, sobretudo pelo que se referia a algumas limitações contra operários doentes crônicos, por exemplo, que não podiam ser admitidos, característica esta de sociedades

---

1912; *Il Risveglio*, 1898-99; *L'Asino*, 1903; *A Lucta Proletaria*, 1906-1907; *La Lotta Proletaria*, 1908. Sobre Lorenzo Monaco ver também a sua pasta no ACSR, CPC, b. 3344.

[66] "La conquista delle otto ore. Notizie di stamattina", *Avanti!*, n. 1692, 13-5-1907, p. 1 e "La conquista delle otto ore. I cappellai", *Avanti!*, n. 1695, 16-5-1907, p. 1. Após a concessão das oito horas, Lamberto Ramenzoni viajou temporariamente para a Itália com a esposa e em julho de 1907 o encontramos ainda em Parma, durante uma greve e uma das tantas prisões de Alceste De Ambris, companheiro de Ramenzoni em São Paulo e naquele momento presidente da *Camera del Lavoro* de Parma. Lamberto, na ocasião, mandou algumas correspondências ao *Avanti!* de São Paulo, defendendo a atividade de De Ambris, na época já um dos líderes do sindicalismo revolucionário italiano. Em Parma continuou recebendo o *Avanti!* de São Paulo, que o irmão Dante lhe enviava regularmente ("Oh, quei telegrammi", *Avanti!*, n. 1752, 22-7-1907, p. 2). Sobre o papel desempenhado por Dante Ramenzoni na diretoria do Centro Socialista Internazionale de São Paulo ver, entre as muitas referências no *Avanti!* do período 1907-1908, "Centro Socialista Internazionale", *Avanti!*, n. 1720, 14-6-1907. Dante e Lamberto foram também entre os principais subscritores de São Paulo para o diário socialista *Avanti!* de Roma, órgão do Partido Socialista Italiano (ver, por exemplo, "Sottoscrizione Pro 'Avanti!' di Roma (in Lire)", *Avanti!*, n. 1972, 3-4-1908, p. 1).

mutualistas que se ocupavam de aposentadorias e períodos de doença, enquanto os sindicatos de ação direta limitavam o uso dos fundos à greve[67].

Mas o empenho dos socialistas de língua italiana não era limitado à atividade nos sindicatos de ofício, uma vez que os componentes dos grupos socialistas, sobretudo Bertolotti e Donati, eram chamados a mediar várias greves, sempre em concorrência com a obra da FOSP, que pregava a ação direta dos operários fora da atividade prestada por políticos. Durante o ano de 1906, enquanto a FOSP estava ainda se estruturando, a greve dos tecelões de São Bernardo, contra a instauração de um nível obrigatório de produção sob pena de demissão, viu de fato os líderes socialistas Alcibiade Bertolotti e Dante Ramenzoni fazer a mediação entre empresários e operários[68]. A relação de Dante Ramenzoni com a FOSP, de qualquer forma, ia além das ocasionais divergências em matéria de estratégia sindical, como mostram vários episódios ao longo da atuação política de Ramenzoni, como, por exemplo, quando ele deu a fiança para que a FOSP pudesse alugar os novos locais onde transferiu a sua sede depois da greve geral de 1907[69]. A atividade de Bertolotti e de Ramenzoni continuou também paralelamente ao crescimento da ascendência da FOSP entre os trabalhadores, também porque, como vimos, a federação se apoiava em categorias nas quais a presença de trabalhadores socialistas não era indiferente, e sobretudo não os obrigava a deixar de lado suas idéias: quer dizer, o neutralismo sindicalista não impedia a ação sindical; pelo contrário, a favorecia numa ótica de colaborações entre diferentes

[67] Ver, sobre estes artigos do estatuto da União dos Chapeleiros, a polêmica contra os sindicalistas revolucionários e os socialistas por Alessandro CERCHIAI, "Libertà o forca", *La Battaglia*, n. 75, 15-4-1906.
[68] *Avanti!* do mês de março de 1906 e também *La Battaglia* e *Fanfulla* do mesmo mês. Esta intervenção de Alcibiade Bertolotti e Dante Ramenzoni ainda é lembrada positiva e polemicamente aos secretários da FOSP (Giulio Sorelli e Pilade Grassini), no início de 1908, por ocasião de algumas críticas dos líderes da Federação Operária ao comportamento de Dante Ramenzoni durante a greve dos chapeleiros de dezembro de 1907. Na greve de São Bernardo, lembra-se, tanto Matarazzo como a FOSP e a comissão dos grevistas pediram a intervenção dos dois militantes socialistas italianos, para chegar quanto antes a um acordo ("Lettera aperta ai lavoratori paulistani", *Avanti!*, n. 1907, 21-1-1908; n. 1908, 22-1-1908).

posições. Quando no início de fevereiro é fundada a Liga dos Trabalhadores Têxteis, por exemplo, Donato Donati, diretor do *Avanti!*, está presente no ato de fundação e abre a reunião (ele e Giulio Sorelli convocaram a reunião para auxiliar na redação do estatuto no ato de nova fundação da liga, sob pedido de 50 delegados têxteis de várias fábricas), e é convidado a falar antes de Sorelli sobre a organização operária no momento em que a liga dos pedreiros está se reestruturando e preparando para o movimento que virá em maio (igualmente presente naquela assembléia, concluindo-a, está o companheiro Bertolotti)[70].

Quando, mais tarde, a greve de maio de 1907 estoura, tanto Bertolotti como Donati se reúnem freqüentemente com os grevistas, sobretudo metalúrgicos e pedreiros, incitando-os a continuar no objetivo das oito horas e coordenando, junto com a FOSP, a ação das várias categorias em greve e a fundação e organização geral das ligas sindicais de ofício[71]. Deve ser desmentida portanto, a idéia de que o movimento operário paulistano não contemplava a presença de socialistas e que estes apareçam como um grupo fora de contexto. De fato, a tática da ação direta, a presença de anarquistas confessos nas lideranças dos sindicatos, o apelo ao neutralismo e à autonomia dos trabalhadores, são todas características marcantes do movimento operário paulistano do período. Mas, por ouro lado, o elo entre este movimento e os grupos socialistas, elo muito forte até 1903-1904, não estava ainda completamente rompido e nem totalmente enfraquecido.

A greve de 1907 veio mostrar isso, também pelo fato que foi planejada depois da experiência da derrota da greve dos trabalhadores do moinho Matarazzo (quase 200 demissões), agitação que a FOSP conduziu segundo a tática da greve generalizada de todos os trabalhadores do moinho, independentemente de sua qualificação, recusando as

---

[69] "Lettera aperta ai lavoratori paulistani", *Avanti!*, n. 1907, 21-1-1908.
[70] "Movimento Operaio", *Avanti!*, n. 1610, 4-2-1907; Idem, Ibidem, n. 1673, 19-4-1907.

propostas de gradualidade e mediação do *Circolo Socialista Internazionale*, cuja intervenção, procurada também por uma parte considerável dos trabalhadores do moinho (uma comissão destes foi, aliás, diretamente ao *Avanti!* para consultar-se e explicar melhor os detalhes de seus pedidos), tinha como objetivo encontrar um acordo plausível para salvar a greve e obter pelo menos uma vitória parcial, considerando também que (como sustentava o grupo do *Avanti!*) a maioria dos trabalhadores do Moinho podia ser substituída muito facilmente, por serem pouco especializados[72]. Portanto, quando foi lançada a greve em prol das oito horas, a FOSP, como já apontamos, tentou articular com sucesso uma greve geral de modo que tecnicamente não o fosse, misturando formas radicais de luta (o pedido de oito horas), com outras não exatamente radicais, mas ligadas cada uma ao contexto específico de cada setor de trabalho (e até, algumas vezes, de algumas oficinas).

A lição das greves do período março-abril 1907 tinha sido clara e ia ao encontro das propostas e estratégias sindicais dos socialistas italianos de São Paulo: em setores onde a

---

[71] Ver as seções "La conquista delle otto ore" e "Movimento Sindacale", *Avanti!*, maio-junho de 1907.

[72] A greve iniciou no dia 24 de abril, com a participação de todos os empregados (somente com algumas poucas exceções), portanto, com trabalhadores de todo tipo de qualificação, desde os menos especializados até os mecânicos que se ocupavam do conserto e do funcionamento das máquinas. Os pedidos eram: aumento de 1$000 por dia; aumento de 25% no pagamento do horário extra à noite; dois dias de férias por mês; um melhor tratamento por parte dos contramestres e superiores em geral. No dia seguinte Francesco Matarazzo encontrou a comissão dos grevistas, aceitando de discutir somente os últimos dois pontos e propondo 10% de aumento do salário, independentemente se no trabalho diurno ou noturno. Os trabalhadores, reunidos em uma assembléia, decidiram não voltar ao trabalho. Passaram somente dois dias e começou a chegada de fura-greves provenientes dos moinhos de Pilar e de Ribeirão Pires, escoltados e protegidos por guardas particulares e da Força. A "ordem" da FOSP de não dividir a frente grevista foi respeitada, e quando Matarazzo fez a proposta aos mecânicos de conceder somente para eles as melhorias pedidas justificando esta atitude porque eram trabalhadores mais valiosos para a empresa, eles se recusaram de voltar ao trabalho. Porém, nos dias seguintes, a fábrica recomeçou gradualmente (ainda que parcialmente) o trabalho com 60 jovens operários (alguns já empregados do moinho) todos eles aprendizes, enquanto um dos operários mais ativos na organização da greve, Francesco Annunziato, era preso pela polícia. Nas vésperas do 1° de maio, apesar das pressões do grupo do *Avanti!* sobre a FOSP para que se chegasse a um acordo na base das melhorias obtidas no primeiro encontro com a direção, os operários desistiram de continuar a greve. A comissão dos grevistas obteve como único resultado positivo a demissão também de alguns fura-greves, mas os poucos operários que foram readmitidos tiveram que sofrer a volta ao trabalho às antigas condições salariais. "Sciopero al Molino Matarazzo", *Avanti!*, n. 1678, 25-4-1907; "Lo sciopero al Molino Matarazzo", Ibidem, n, 1679, 26-4-1907; "Al Molino Matarazzo", Ibidem, n. 1680, 27-4-1907; "Sciopero al molino Matarazzo", Ibidem, n. 1681, 29-4-1907; "Al molino Matarazzo", Ibidem, n. 1682, 30-4-1907; ~~Idem~~, ~~Ibidem~~, n. 1683, 2-5-1907; "~~La fine di uno~~ sciopero", *Avanti!*, n. 1684, 3-5-1907; "I Manifesti", *Avanti!*, n. 1688, 8-5-1907.

mão-de-obra era bastante especializada e o local de trabalho era de pequenas e médias dimensões (como entre os trabalhadores das oficinas de veículos, os primeiros a obter as oito horas) podiam ser desencadeadas greves que chegavam a resultados positivos até surpreendentes (a jornada de oito horas); no caso contrário, nos setores onde a mão-de-obra era pouco qualificada ou empregada em estabelecimentos de certas dimensões as probabilidades de sucesso diminuíam substancialmente. Além disso, greves generalizadas em setores onde trabalhavam centenas de operários, se não tivessem sido apropriadamente sustentadas por fundos de greve consideráveis, estavam destinadas ao um provável fracasso.

A idéia da greve escalar, uma categoria por vez, é proposta na primeira página do *Avanti!* pelo diretor, Donati, já no dia 8 de maio[73]:

> "O movimento está se alastrando e intensificando. O entusiasmo ganha rapidamente as diversas categorias de operários e muitos, talvez, pensam já numa espécie de greve geral. [...] Tivemos um exemplo luminoso desta espécie de greve, em São Paulo, no ano passado mais ou menos nestes dias, quando todos os trabalhadores de São Paulo quiseram demonstrar sua solidariedade aos grevistas da 'Paulista' [...] Com a exceção de casos como este, ou parecidos, a greve geral não é concebível senão como forma da revolução social [...] Em São Paulo, atualmente, não há alguma manifestação de princípios a fazer, nem trata-se de demonstrar solidariedade, nem pensa-se a protestas solenes: quer-se simplesmente *realizar uma conquista positiva*, obter uma melhoria material, trabalhar somente oito horas por

[73] Donato DONATI, "La Conquista delle Otto Ore", *Avanti!*, n. 1688, 8-5-1907, p. 1. (A tradução do italiano é de minha autoria).

dia. [...] Se queremos conquistar seriamente as oito horas, é preciso limitar a greve às categorias que a declararam até agora. Desta forma, sendo relativamente poucos os grevistas, é muito mais simples resistir por um período longo, no caso em que seja necessário, porque as outras categorias de trabalhadores poderão, em caso de necessidade, ajudar financeiramente os grevistas. [...] Quando os pedreiros terão conquistado as oito horas, deverá iniciar de imediato a agitação de uma outra categoria de operários, e depois uma outra e assim por diante até que, ou por força ou espontaneamente, a grande reforma será obtida por todos os trabalhadores de São Paulo.

Esta é a tática, a *única tática eficaz*, para vencer em uma luta como a iniciada nestes dias. E segundo esta tática é absolutamente necessário que os grevistas retomem parcialmente o trabalho nas oficinas ou nos canteiros onde foram concedidas as reformas pedidas. A razão é óbvia: um número menor de grevistas poderá resistir por mais tempo, porque mais abundante será o socorro que poderão receber. Por isso louvamos muito a deliberação tomada pelos pedreiros, na assembléia de ontem, de ordenar a volta ao trabalho àqueles seus companheiros que já obtiveram a jornada de oito horas e o pagamento semanal. Os poucos opositores a esta sábia deliberação são uns inconscientes, ou uns desorganizadores. [...]

A greve deve ser gradual, uma categoria por vez [...] um magnífico movimento que, sem dúvida, chegará a um bom resultado, se a solidariedade que todos sentem e todos querem demonstrar não tenha a forma estrondosa, mas vazia, da greve generalizada, mas tenha, ao contrário, a forma do apoio financeiro".

Vale a pena dizer, todavia, que o princípio das oito horas foi apoiado totalmente pelos socialistas, não somente pela grande presença de trabalhadores que compartilhavam uma dupla militância sindical e política, mas também pelos líderes como Bertolotti e Donati. Este último, em particular, escreveu durante todo o mês de maio a rubrica que acompanhava e propagandeava a greve no diário *Avanti!*: "La Conquista delle Otto Ore". O ceticismo deste grupo de socialistas para com o autonomismo dos trabalhadores pregado pela FOSP, aliás, foi-se atenuando com o tempo, e já no fim do mês, frente à repressão da greve que destruiu as sedes operárias, Donati analisa a problemática da etnicidade do movimento operário paulistano descobrindo como funcional o autonomismo operário, e achando definitivamente inviável a tentativa da participação dos italianos ao processo eleitoral[74]:

> "[...] no Brasil assistimos a atos que estão em contradição com a lei e também com os sentimentos daquela parte da população que nasceu na Europa [...] porque aqui o governo é e tende a se tornar sempre mais monopólio de uma restrita oligarquia divorciada do resto da população sobre a qual domina com o duplo privilégio da raça e com o domínio do solo. [..] Os homens políticos daqui são uns feudatários pintados de modernidade [..] Só resta portanto, como único recurso, que o proletariado confie exclusivamente nas próprias forças".

[74] Donato DONATI, "La Conquista delle otto ore", *Avanti!*, n. 1698, 20-5-1907, p. 1. (Tradução do italiano feita por mim).

Sobre o papel importante desempenhado pelos socialistas durante a greve, ressalta o amparo dado às ligas depois do fechamento da sede da FOSP e a prisão de Sorelli e outros delegados da Federação, no dia 14 de maio[75]. Depois desta data os socialistas começaram a ter um papel de direção: na sede do *Circolo Socialista Internazionale* começaram a se reunir freqüentemente as ligas, e algumas foram fundadas exatamente ali. De repente, começaram a aparecer também cooperativas de produção como formas de luta, em parte para pressionar os empresários resistentes a conceder melhorias, em parte como solução efetiva ao desemprego. O surgimento desta cooperativas no seio das ligas, criou posteriormente um problema a ser debatido no segundo congresso operário estadual, onde a posição sindicalista ortodoxa ganhou contra a dos socialistas, excluindo estas organizações do seio da federação definitivamente (pelo menos enquanto durou a FOSP) e contrariando desta forma o desejo dos socialistas de transformar a FOSP em uma *Camera del Lavoro* ou até em uma *Casa del Popolo*, da mesma forma que as da Itália, que reuniam diversas associações operárias[76]. Ao mesmo tempo, desenvolveram uma ação diplomática através do cônsul geral da Itália em São Paulo, Ugo Tedeschi, que interveio, a pedido do grupo do *Avanti!* para libertar aqueles presos que não eram naturalizados, enquanto para estes últimos (era o caso de Sorelli, por exemplo) acionaram a ajuda dos advogados Noschese e Celso Garcia[77].

Quando a FOSP se reconstituiu, todavia, a identidade operária soou mais forte, e as ligas continuaram se reunindo na sua sede. Mas como eram estruturados os grupos

---

[75] Entre os presos estavam: Carmine Guerra, Giovanni Napoleone, E. Leuenroth, Luigi Fabi, Teodoro Spagato, Domingos Pereira, Antonio Campana, Paolo Ituralli, Domenico Ghedini, Giuseppe Cavicchioli, Pasquale Siciliano, Pietro Buzina, Paolo Ghidetti, Giovanni Ferrari, Raffaele Cuccino, Luigi Pinto, Antonio Buncacci, Domenico Oligiani. Ver *Avanti!* a partir do n. 1688, 14 -5-1907.

[76] Ver *Avanti!*, período maio-julho 1907 e Relação do segundo congresso operário Estadual. Luta Proletária, suplemento ao n. 14, 1-5-1908.

[77] "L'Habeas Corpus", *Avanti!*, n. 1696, 18-5-1907; "Giulio Sorelli", *Avanti!*, n. 1699, 21-5-1907.

socialistas de língua italiana neste período? Como se articulava o reduto socialista brasileiro, ainda monopolizado pelos italianos?

Em 1907 existiam na cidade de São Paulo praticamente 7 grupos explicitamente socialistas, que expressavam parcialmente também as divisões que tinham ocorrido como conseqüência da expulsão de Piccarolo em final de 1905 da direção do *Avanti!*. O grupo de Piccarolo era chamado de *Centro Socialista Paulistano* e era ligado ao jornal publicado por ele, *Il Secolo*, mas até 1908 o Centro não funcionou de forma estável. As posições extremamente moderadas de Piccarolo, todavia, fizeram com que este grupo fosse praticamente excluído da atividade política do outro, e mais, as duas facções eram em contínua polêmica. Embora o grupo *piccaroliano* fosse muito reduzido, todavia, conseguiu obstaculizar em parte a política da maioria dos socialistas italianos dentro das sociedades de socorro mútuo. Donato Donati, por exemplo, que substituiu Piccarolo na direção do *Avanti!* em novembro de 1905, foi expulso do *Circolo Italiani Uniti* de Campinas e da Sociedade Italiana de Beneficência de Belo Horizonte exatamente por causa da intervenção de Piccarolo, que contava nas duas diretorias com o apoio de vários conselheiros[78].

Esta divisão dos socialistas italianos em São Paulo, não era o resultado da vitória da esquerda do PSI, com a qual boa parte dos socialistas ítalo-paulistanos se identificava, seguida ao VIII congresso do Partido em 1904, porque o grupo de Piccarolo podia ser considerado como a referência em São Paulo de uma ala muito moderada, que no PSI encontrava um espaço muito reduzido e que não se assemelhava com a direita reformista do PSI na Itália, estimada também pelos socialistas de São Paulo. De qualquer forma, ele conseguiu tirar do *Centro Socialista Internazionale*, o grupo mais antigo e numeroso de socialistas italianos em São Paulo, vários militantes, abrindo brechas também nos muitos

grupos do interior. As acusações movidas contra Piccarolo se baseavam nas suas reais ligações com setores da burguesia industrial italiana, o consulado, e a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. O conflito com Piccarolo, sobretudo entre ele e Bertolotti e Donati, levou os socialistas do *Avanti!* a pedir à direção do PSI na Itália que o expulsasse. A história acabou em fevereiro de 1909, quando a direção do PSI não aceitou este pedido, o que causou, desta vez, um racha mais profundo entre os socialistas italianos de São Paulo[79].

À parte o grupo minoritário e afastado de Piccarolo, que de fato se mostrou contrário à greve de maio, o resto dos círculos socialistas paulistanos era bastante homogêneo, também porque alguns militantes participavam de mais de um. O grupo central, que se constituía como federação do PSI em São Paulo, era o *Circolo* (ou *Centro*) *Socialista Internazionale*. Havia depois dois grupos ligados diretamente ao diário *Avanti!* , o *Gruppo Amici dell'Avanti!* e a *Società Avanti!*, o primeiro, que se ocupava de coordenar a ação do jornal à do Centro, e o outro, que administrava financeiramente o jornal.

Dois grupos de bairro, enfim, tinham-se reconstituído há pouco: o *Circolo Socialista "1° Maggio" del Brás* (abril 1907), e o *Circolo Socialista del Bom Retiro* (junho 1907)[80]. Podemos considerar como grupo paulistano também o *Circolo Socialista Elisa Negrini di Pilar*, que estava no subúrbio de Estação Pilar, próximo de São Bernardo. Grupos socialistas organizados não-oficialmente, todavia, existiam em vários bairros de São Paulo, sobretudo na Vila Mariana, na Lapa, na Ponte Grande, no Cambucy, no

[78] Donato DONATI, "Ai galantuomini", *Avanti!*, n. 1587, 8-1-1907, p. 2.
[79] Alexandre HECKER, *Um Socialismo Possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo, T A Queiroz, 1989, pp. 6-33.
[80] Ver a seção "Movimento Socialista", a partir do *Avanti!*, n. 1674, 20-4-1907.

Bexiga[81]. É interessante notar que o *Circolo* do Brás era até abril de 1907 o antigo *Circolo di Studi Sociali*, no qual havia um bom número de libertários de língua italiana, isto indicando que havia sobreposições entre anarquistas e socialistas também em grupos políticos e não somente, como seria provável, nos sindicatos. De qualquer forma, a partir de março de 1907 Donato Donati, que fazia parte do grupo, junto com outros quarenta socialistas filiados ao grupo, propôs que o *Circolo* voltasse aos velhos estatutos de tendências socialistas, uma vez que a atividade de anarquistas e socialistas em conjunto no grupo tinha levado à paralisia do mesmo[82].

Todos este grupos, compreendidos aqueles que se dedicavam explicitamente à vida do órgão dos socialistas italianos, desenvolviam uma ação política múltipla, que ia desde o apoio financeiro, propagandístico e político dado aos sindicatos, até atividades de conferência e propaganda, e iniciativas políticas que envolvessem a comunidade italiana como um todo, sobretudo a expressa pelas sociedades de lazer ou de socorro mútuo.

Foi graças à existência do *Centro Socialista Internazionale*, por exemplo, como já vimos, que o movimento grevista de 1907 pode enfrentar a repressão policial, amparando na própria sede as ligas em luta, e empenhando-se na libertação dos presos durante a greve. Todos os grupos, tanto os oficiais, quanto aqueles informais que se agrupavam em situações particulares por iniciativa de alguns militantes ligados também ao CSI, organizaram festas e listas de subscrição pró-grevistas[83].

Mas a ligação dos socialistas com o movimento operário organizado na FOSP, encontrou alguns problemas no dia da comemoração do Primeiro de Maio de 1907, sendo

---

[81] Ver as seções "Movimento Socialista", "Movimento Operaio", "Movimento Sindacale"; "Cronaca", *Avanti!*, série de 1907 e de 1908.
[82] *Avanti!*, n. 1674, 20-4-1907.

que, mais uma vez por causa da política neutralista da FOSP, essa decidiu organizar uma comemoração com comício dentro da própria sede e não em colaboração com os socialistas, que tinham organizado um piquenique com comícios no Bosque da Saúde, sugerindo porém, desde o apelo inicial, que haveria oradores também sindicalistas[84].

Se, portanto, a relação estabelecida entre os sindicatos e os círculos socialistas, embora navegando na direção de uma colaboração e não de uma dependência, como foi até 1903-1904, dos primeiros em relação aos segundos, continuava como o foco da ação dos socialistas italianos em São Paulo, seu grande problema permanecia o da constituição de um partido organizado que permitisse a intervenção dos trabalhadores italianos na vida política, pelo menos no nível estadual e municipal.

A questão fundamental não era tanto a de encontrar referentes no mundo político brasileiro que não fossem imigrados: também porque um imigrante socialista naturalizado não teria imensas dificuldades para obter consensos em uma realidade dominada por trabalhadores não-nacionais, considerando o fato que muitos militantes socialistas eram conhecidos pelo seu empenho sindical. O problema residia nos obstáculos que encontrava um projeto de naturalização em massa destes trabalhadores para que se tornassem eleitores: para perder a cidadania italiana era preciso ter a certeza de uma estabilidade no território, que, para muitos imigrantes, ainda não era certa; não se tratava, na verdade, de fazer a América e voltar para a Itália (pois quem a fazia, quase sempre ficava no Brasil, e no máximo voltava para a Itália depois de décadas), mas de viver numa contínua instabilidade e mobilidade na qual uma das poucas certezas era que podia-se sempre voltar para o

[83] "La conquista delle otto ore", *Avanti!*, do n. 1690, 10-5-1907 ao n. 1710, 3-6-1907; "Sottoscrizione Pro-Scioperanti", *Avanti!*, n. 1721, 15-6-1907.

próprio país na pior das hipóteses, no qual, apesar de tudo, o imigrante fazia parte de uma rede solidária e comunitária talvez precária, mas nunca inexistente, que no Brasil, onde esperava encontrar condições melhores de vida, ainda não tinha conseguido reconstruir completamente.

Também o partido socialista argentino encontrou dificuldades parecidas. O fato de ter conseguido eleger um deputado socialista em 1904 (Alfredo PALACIOS), não deve deixar imaginar cenários muito mais positivos. Também para o PSA, seu papel residia mais na participação sindical (organizava a confederação UGT, porém minoritária em relação à FORA, sindicalista revolucionária) e sobretudo na constituição de grupos e círculos culturais e assistênciais.

O PSA teve um crescimento constante, em termos de número de círculos e associações, desde o início do século XX, porém na capital Buenos Aires (que era maior que Rio de Janeiro), os círculos socialistas em 1907 eram somente o dobro dos paulistanos no mesmo ano (14), embora em 1908 o PSA, nas eleições municipais de Buenos Aires conseguiu obter mais de 7.000 votos. Segundo muitos historiadores argentinos o PSA encontrava enormes dificuldades eleitorais por causa da composição étnica da população argentina. Também para o caso argentino, a naturalização era o núcleo do problema. De fato, a eleição de Palacios em 1904 foi possível somente graças aos votos dos imigrantes naturalizados (em grande parte italianos) do bairro de La Boca: 400 votos, em uma bairro popular que ultrapassava, por dimensões e densidade social, bairros populares de São Paulo como a Moóca e o Brás juntos. Palacios tinha-se apresentado justamente por isso no distrito de La Boca, onde havia vários círculos socialistas e democráticos (de inspiração *mazziniani*), como destacam Júlio Godio e Dora Barrancos. Foram estes círculos,

[84] *Avanti!*, n. 1674, 20-4-1907 e "Il 1° Maggio", *Avanti!*, n. 1683, 2-5-1907.

dominados por trabalhadores italianos (muitos dos quais naturalizados) que constituíam a rede organizativa que possibilitou a eleição do primeiro deputado socialista argentino, grupos muito parecidos aos paulistanos.

Todavia, nunca houve um processo de naturalização em massa que permitisse reproduzir o sucesso em outras áreas da cidade e da província de Buenos Aires. Em 1908 o PSA não obteve nenhum deputado e somente nas eleições de 1912 voltou a ter um representante na câmara. No nível local (câmara municipal) a situação era um pouco melhor, mas não muito diferente na substância[85].

Também em São Paulo, apesar dos esforços feitos por Celso Garcia ou por Henrique Coelho, os socialistas italianos não conseguiram levar adiante os propósitos de naturalização que eram presentes nos programas do Partido desde o congresso de 1902. Isto foi devido em parte também a dúvidas dos próprios socialistas sobre a oportunidade de fazer um passo deste tipo, e não somente pelos problemas efetivos representados pelo fato de muitos imigrantes italianos serem contrários ainda a reconhecer-se como brasileiros, ou pelo menos como paulistas. E temos que acrescentar que não faltavam bairros como o da Boca em São Paulo (feitas as devidas proporções), isto é, bairros onde se concentravam trabalhadores italianos especializados lá residentes há anos, com toda uma rede de relações e que faziam com que fosse interesse primário deles intervir na política local. Eram aliás os

[85] Ver o clássico de Julio GODIO, *El movimiento obrero y la cuestión nacional. Argentina: inmigrantes, asalariados y lucha de clases, 1880-1910.* La Plata, Editorial Erasmo, 1972 (sobretudo nas páginas 185-192 e 226-229) e a pesquisa mais recente de Dora BARRANCOS, "Vita materiale e battaglia ideologica nel quartiere della Boca (1880-1930)", in:, Gianfausto ROSOLI (a cura di). *Identità degli italiani in Argentina. Reti sociali, famiglia, lavoro.* Roma: Studium, 1993, pp. 167-204. Vale a pena lembrar, como confirmação de processos parecidos de organização dos trabalhadores argentinos, entre associações étnicas e de classe, que a primeira federação operária argentina surgiu em um congresso realizado na *Società Ligure* (uma grande sociedade regional italiana de socorro mútuo de tendência *mazziniana* e socialista, muito parecida á regional *Lega Lombarda* de São Paulo (Julio GODIO, *op. cit.*, p. 152). Na Argentina teve até casos de arbitragem nas greves desenvolvida por deputados do PSI (como no caso de Rondini em Bahía Blanca, Ibidem, p. 177).

mesmos operários especializados que encontramos em muitas ligas e em muitas sociedades italianas de socorro mútuo.

Os socialistas italianos não conseguiram neste período resolver o problema da naturalização e da intervenção política até que Vacirca chegou no final de 1907 e começou a articular de forma que os italianos pudessem participar na vida política. Vacirca chegou em São Paulo porque os grupos socialistas locais tinham pedido a intervenção de um dirigente da Itália que pudesse ajudá-los na tarefa de aumentar o alcance do jornal e dos grupos socialistas rumo à constituição de um partido socialista entre os italianos no Estado de São Paulo e à formação de cooperativas, sem todavia deixar de lado uma colaboração e intervenção nos sindicatos da FOSP cada vez mais estreita[86].

Na indecisão, que caracterizou o período 1906-1907, dos socialistas italianos paulistas sobre a oportunidade de tentar novamente a via da participação eleitoral, intervieram vários fatores: em primeiro lugar a constatação de um desinteresse dos setores de profissionais liberais brasileiros mais progressistas. Não foi por acaso, de fato, que os próprios socialistas italianos, embora criticando a estratégia exclusivamente operaísta da FOSP, estavam convencidos de que não havia outra forma melhor de intervenção direta dos operários e artesãos na sociedade paulistana que a ação sindical, ainda que esta devesse ser complementada por uma ligação com o mutualismo e cooperativismo. Nota-se, por exemplo, que a posição "otimista" em relação à possibilidade de reorganizar o socialismo paulista, fazendo com que ultrapassasse os limites étnicos italianos, é abandonada por posições operaístas, como já vimos, após a greve de maio.

Em janeiro de 1907, no *Avanti!*, falava-se já de por fim a um período em que os socialistas italianos tinham abandonado a atenção para com a construção de um partido em São Paulo (fato que os viu em muitos casos trabalhar ardentemente na organização da FOSP, e determinou em parte o temporário sucesso dela):

> "Muitas vezes falamos que os socialistas aqui no Brasil deviam limitar-se à propaganda e à luta econômica, porque nos parecia que as condições do ambiente político não permitiriam participar da vida política com alguma esperança [...] mas o amplo movimento proletário começa a fazer refletir seriamente o governo e a opinião pública que já estão se dividindo em grupos pró e contra as reivindicações dos trabalhadores"[87]

Parecia ter chegado então a hora de terminar a manifestação contrária dos socialistas "à idéia de aconselhar os italianos a inscrever-se nas listas eleitorais"[88], e de começar a trabalhar em favor de uma aceleração da "fusão entre os diferentes elementos étnicos", contra a maior parte da comunidade italiana que insistia, ainda que em diferentes posições políticas pró ou contra monarquistas a "manter inalterados os caracteres distintivos da italianidade"[89].

Este despertar da política em prol da naturalização seguia o apelo de Henrique Coelho em *O Estado de São Paulo,* sobre a necessidade de se criar um partido socialista autenticamente brasileiro, o que fez crer aos socialistas italianos que finalmente começava a

---

[86] Como ele mesmo explicou durante o seu processo de expulsão (ANRJ, MJNI, IJJ[7] n. 140). Um pedido deste tipo já foi encaminhado ao PSI pelo *Gruppo "Amici dell'Avanti!"* no início de 1907: "Pro-Avanti!", *Avanti*!, n. 1606, 30-1-1907.
[87] "Elettori?", *Avanti!* n. 1602, 25-1-1907. (traduzido do italiano por mim).

se atenuar "a falta de um grupo de burgueses cultos à frente do proletariado"[90]. Coelho, aliás, participou de uma reunião no *Centro Socialista Internazionale* (que de internacional tinha somente o nome) sobre a oportunidade dos militantes do Centro se inscreverem como eleitores, coisa que foi de fato realizada[91].

Mas em junho de 1907, a questão da naturalização volta a ser examinada da mesma forma que nos anos 1905-1906, seguramente influenciada pelo sucesso de uma greve que não precisava do parlamentarismo para levantar aos olhos da elite cafeeira e ao governo as problemáticas ligadas à questão social.

> "No que se refere aos socialistas, não deverá falar-se de naturalização de massa até que o elemento indígena não tenha entrado no partido em proporção notável ou até que os socialistas de origem estrangeira não sejam capazes de exercer sozinhos, adquirindo os direitos políticos, uma influência se não decisiva, pelo menos apreciável" [92]

Alegava-se, depois, que, embora fosse fundamental a contribuição dos setores operário e artesãos estrangeiros, italianos em particular, uma naturalização em massa poderia aumentar os sentimentos xenófobos e ultra-nacionalistas de uma certa classe média brasileira.

---

[88] Ibidem.
[89] Ibidem
[90] "Risveglio", *Avanti!* n. 1601, 24-1-1907, p. 1.
[91] *Avanti!*, n. 1599, 22-1-1907.
[92] "Noterelle", *Avanti!* n. 1731, 27-6-1907, p.1. (traduzido do italiano por mim).

Se a intervenção política como partido e através da naturalização de massa encontrava objeções e obstáculos, a ação dos socialistas italianos dentro da comunidade italiana organizada em sociedades de socorro mútuo ou de lazer, continuava seguindo a linha já traçada no início do século, ainda que durante este período foi-se redefinindo seguindo os conflitos internos à comunidade italiana de São Paulo, na qual aos atritos de classe se juntavam as divisões entre a parte fiel ao consulado e à monarquia e a outra contrária e simpática aos socialistas e aos republicanos. Um conflito, este último, que não correspondia exatamente às divisões de classe existentes.

Os socialistas italianos, portanto, continuam neste período com a estratégia de conquistar as diretorias de muitas sociedades italianas, sejam estas de socorro mútuo ou dedicadas ao ensino ou ao lazer. Todavia, aquela ligação estreita que existia no início do século entre as primeiras organizações sindicais paulistanas, realizada em grande parte pelos próprios socialistas italianos, foi mudando. Em grande parte porque as ligas tinham conquistado uma certa autonomia e uma configuração de liga de resistência, diferente do caráter de sociedade mutualista (diferença que os socialistas consideravam saudável: a resistência era considerada uma coisa e o mutualismo outra, embora devessem colaborar um com o outro)[93]. O caso da União dos Chapeleiros, todavia, como já vimos em relação ao seu estatuto, desmente em parte que este processo de distanciamento tenha-se concluído.

Todavia, isto não significou que as sociedades italianas de socorro mútuo não compartilhassem os problemas que as organizações sindicais enfrentavam, muito pelo contrário, várias delas ajudaram financeiramente os grevistas. Eram justamente aquelas nas quais os socialistas italianos e alguns republicanos ainda conservavam um poder

considerável de direção: a *Società Internazionale del Braz*, a *Società Operaia della Lapa*, a *Unione Operaia Civiltà e Progresso*, a *Unione Operaia di Mutuo Soccorso di Barra Funda*, a *Unione Operaia del "Ponte Grande"*, a *Lega Lombarda*, a *Societá Italiana di Mutuo Soccorso Leale Oberdan*, a *Società Barbieri e Parrucchieri*[94].

A atividade dos socialistas se realizava, depois, em toda uma série de outras sociedades populares, filodramáticas, recreativas, e também nas sociedades maiores, normalmente controladas pelos *maggiorenti* da comunidade italiana, Crespi, Secchi, Barra, Matarazzo, Catani etc, os quais ocupavam todas as diretorias da *Societá Italiana di Beneficenza* (o *Ospedale Italiano Umberto I*), a *Camera Italiana di Commercio ed Arti*, e do *Patronato*. Nestas sociedades foi assídua a presença dos socialistas Bertolotti e Ramenzoni, claramente em minoria, mas cujas confirmações eleitorais na diretoria, mostravam a existência de uma parte progressista da classe média italiana de São Paulo. Estas duas personagens, são de fato duas figuras muito interessantes do ponto de vista de sua capacidade de transitar entre o mundo operário e o oficial da comunidade italiana, estabelecendo sem dúvida fios de comunicação entre estes dois mundos, sem nunca abandonar suas ideologias socialistas[95].

---

[93] Ver, por exemplo, as críticas contra uma sociedade de Belo Horizonte que tentava comunicar-se com o *Avanti!* dizendo-se sociedade de resistência quando era na verdade uma mútua. ("Noterelle", *Avanti!*, n. 1712, 5-6-1907).

[94] Ver as seções "Società, Circoli, ecc." e "Cronaca", *Avanti!*, série 1907-1908 e também "La conquista delle otto ore" e "Sottoscrizione Pro-Scioperanti", *Avanti!*, do n. 1686, 6-5-1907 ao n. n. 1748, 17-7-1907.

[95] A atuação dos dois socialistas no mundo associativo oficial ítalo-paulistano, nos primeiros anos do século XX, pode ser acompanhada através da análise dos jornais *Fanfulla* e *Avanti!* do período 1904-1908. Mas ver também *Il Brasile e gli italiani*, Firenze, Edizioni del "Fanfulla", Bemporad e Figlio, 1906, pp. 939-946 ("La Camera Italiana di Commercio ed Arti"; pp. 947-950 ("Il Patronato degli Emigranti"); pp. 951-957 ("L'Ospedale Umberto I").

Sabemos que, com certeza desde 1904 (isto é, desde o ano de sua fundação), Alcibiade Bertolotti fazia parte do conselho diretivo do *Ospedale Italiano Umberto I*, assumindo frequentemente cargos de responsabilidade: no final de 1905, por exemplo, integra a comissão do hospital para um estudo de reforma dos estatutos (no sentido de oferecer assistência somente aos operários das empresas que financiavam, até então, o hospital, por causa da escassez dos fundos: proposta que Bertolotti contrastou). ("Cronaca", *Fanfulla*, 08-10-1905, p. 3 e 9-10-1905, p. 2). Esta intensa atividade criou-lhe muitos conflitos com outros conselheiros

Antes de examinar o fato mais importante do conflito entre sociedades anti-monarquistas e monarquistas, a comemoração do primeiro centenário do nascimento de Garibaldi, em julho de 1907, uma palavra deve ser dita sobre o apelo que os socialistas, sobretudo os redatores do Avanti!, encontravam nas escolas italianas de São Paulo, crescidas geometricamente depois de 1905, como feito da entrada na fase de escolarização dos primeiros filhos dos emigrantes: era raro encontrar uma escola que não convidasse os redatores do diário socialista de língua italiana a participar dos exames, ou das atividades[96], além de escolas como a "Primo Maggio", escola não de educação racionalista, mas com o programa da escola primária italiana, onde as crianças eram avaliadas pelos "severos" Giulio Sorelli (secretário da FOSP) e Aurelio Coli (redator do *Avanti!*)[97]. É interessante

---

(Antonio De Camillis, Minervino Napolitano, Edoardo Barra, Enrico Misasi, Giuseppe Bosisio, Edoardo Tagliavia, Egidio Pinotti Gamba, Edoardo Barra, Leonardo Puglisi-Carbone, todos eles evidentemente ligados ao mundo do empresariado ítalo-paulista. Justamente no ano de 1907, foi criada uma comissão externa de inquérito para averiguar se Bertolotti, que, segundo o seu cargo administrativo no hospital, podia conceder as licitações para os trabalhos de construção e reformas internas e externas do edifício, gastou os fundos necessários a estes trabalhos de forma correta: a comissão chegou à conclusão que Bertolotti tinha permitido uma economia de 20%, contrastando as acusações movidas por alguns conselheiros ("Cronaca. Ospedale Umberto I. Riunione del Consiglio", *Avanti!*, n. 1600, 23-1-1907).
Também na *Camera Italiana di Commercio ed Arti* (da qual fazia parte já desde 1904) o papel de Bertolotti como conselheiro foi relevante: em julho de 1907, quando decaiu do mandato que tinha exercido em 1906, foi reeleito e resultou o mais votado. (*Avanti!*, n. 1752, 22-7-1907). Também na *Camera* presidia frequentemente comissões especiais, como a eleita em fevereiro de 1908 para elaborar uma série de propostas (para o congresso colonial italiano de 1911) sobre como desenvolver ulteriormente o comércio entre a Itália e os países que acolhiam seus emigrantes e sobre o projeto de uma exposição geral do trabalho dos imigrantes italianos no exterior (*Avanti!*, n. 1932, 19-2-1908).
Importante foi também sua participação em outra instituição oficial da comunidade italiana em São Paulo, a seção paulistana da *Società Dante Alighieri*, que se ocupava da difusão da língua e da cultura italiana entre os imigrantes, e cuja sede central estava em Roma. Também nesta sociedade, Bertolotti era um dos poucos conselheiros socialistas ou republicanos, mas sua atividade expressava-se com continuidade e muitas vezes reconhecidas pelos outros sócios. No ano de 1907 foi confiado a Bertolotti o cargo de presidente na assembléia de aprovação do balancete de 1907, primeiro ano de atividade da sociedade em São Paulo, e de programação para o ano de 1908 (*Avanti!*, n. 1935, 22-2-1908 e n. 1940, 28-2-1908).
Também Dante Ramenzoni, ainda que menos frequentemente de Alcibiade Bertolotti, fazia parte da direção destas mesmas associações, em particular, da *Camera Italiana di Commercio ed Arti*. Os dois, como membros da diretoria da *Camera* e do *Ospedale Umberto I* propuseram, já em 1905, a formação de uma comissão (na qual foram eleitos, mas junto com alguns empresários imigrados, como De Camillis, Matanò e Bosisio), para promover uma exposição do trabalho italiano em São Paulo para arrecadar fundos para o hospital "Umberto I": *Fanfulla*, 19-10-1905.

[96] Ver *Avanti!*, série 1907-1908, em "Cronaca", "Cronaca Cittadina" e "Società, Circoli, ecc.".

[97] A sede da escola estava na Rua Major Diogo 90 e o diretor era o socialista Francesco Agnello. As provas finais eram em janeiro e participavam cerca de 100 alunos dos dois grupos diurno e noturno. Em 1908, as

notar essa questão porque evidencia como estes militantes estavam presentes na formação de muitos filhos de imigrantes italianos.

Voltando à disputa dos socialistas com os nacionalistas pelo controle das sociedades italianas, nos deparamos em 1907 com um momento altamente simbólico, teoricamente unificador, mas na realidade profundamente divisor de todas as comunidades italianas no estrangeiro naquele período: o primeiro centenário de Garibaldi, nascido no dia 4 de julho. Assim como em 1901 sobre a morte de Giuseppe Verdi, as coletividades italianas se dividiam sobre o uso simbólico destas figuras. Os italianos de São Paulo estavam atentos, obviamente, ao que acontecia na vizinha Buenos Aires, onde também monarquistas e anti-monarquistas disputavam a comemoração garibaldina. Aliás, os convidados a falar nas duas comemorações são também disputados entre as duas comunidades (a de Buenos Aires ganhando).

Inicialmente, a proposta de comemorar o centenário apareceu nas colunas do *Avanti!* como iniciativa da Loja Maçônica "Roma", convidando todas as sociedades italianas a unir-se para organizar as festas e as comemorações[98]. O fato que a iniciativa partisse da maçonaria, explicava-se pelo fato de que esta organização secreta encontrava aderentes entre republicanos, socialistas e até alguns sindicalistas[99]. Na primeira eleição da diretoria do Comitê aparece junto com outros socialistas também o nome de Alcibiade

---

provas foram realizadas no salão da FOSP e quando terminaram os alunos cantaram o *Inno dei Lavoratori* (hino oficial do Partido Socialista Italiano, mas adotado frequentemente também pela FOSP): *Avanti!*, n. 1604, 28-1-1907 e n. 1912, 27-1-1908.

[98] "Cronache. Pel Centenario della nascita di Giuseppe Garibaldi", *Avanti!*, n. 1589, 10-1-1907.

[99] Sabemos, por exemplo, que Alceste De Ambris era maçom. Sobre a influência da maçonaria no desenvolvimento do movimento operário e socialista na Itália, na região de proveniência de Alceste De Ambris, ver: Fulvio CONTI, "La Massoneria e lo sviluppo del movimento democratico e socialista in Lunigiana dopo l'Unità", in: Orazio PUGLIESE; Caterina RAPETTI; Giulivo RICCI (a cura di), *Movimento*

Bertolotti, continuando a concordar que a comemoração unisse toda a comunidade[100]. Todavia, quando na primeira semana de junho o Comitê fundiu-se com o promovido pelo novo cônsul geral italiano (elegendo-o como presidente), os grupos socialistas e republicanos decidiram constituir um novo Comitê, "convidando a participar dele todos os círculos socialistas e republicanos, as organizações proletárias, os grêmios democráticos, as sociedades operárias"[101]. As reuniões passaram então a realizar-se no Eden Club, propriedade do socialista Antonio Di Jorio (e que abrigava outras reuniões extemporâneas das mais variadas sociedades), enquanto o Comitê oficial reunia-se no Patronato[102].

A direção do novo comitê anti-monarquista foi confiada ao *Circolo Republicano "IX febbraio"* e ao *Circolo Socialista Internazionale*, com o fim de atrair as sociedades "veramente operaie"[103]: e, de fato, este comitê recebeu a adesão de várias sociedades, inclusive de muitos grupos socialistas e republicanos e de sociedades de socorro mútuo do interior[104]. Paradoxalmente, o pequeno grupo socialista de Piccarolo aderiu polemicamente ao comitê presidido pelo cônsul.

A celebração de Garibaldi, todavia, por causa de desentendimentos com o orador escolhido, o republicano Innocenzo Cappa, que ficou mais tempo em Buenos Aires, foi

---

socialista in Lunigiana tra la fine dell'Ottocento e il Novecento, Pontremoli, Comunità Montana della Lunigiana, 1990, pp. 49-69.

[100] A esta primeira reunião (que foi realizada na sede do *Patronato*) participaram 37 delegados de 20 associações. "Pel centenario di Garibaldi", *Avanti!*, n. 1604, 28-1-1907.

[101] *Avanti!*, n. 1717, 11-6-1907, p. 1 (traduzido do italiano por mim); Ver também *Avanti!*, n. 1719, 13-6-1907

[102] *Avanti!*, n. 1720, 14-6-1907.

[103] *Avanti!*, n. 1717, 11-6-1907, p. 1.

[104] No dia da comemoração do comitê popular e democrático, das várias associações que aderiram ao comitê popular e democrático, enviaram seus representantes os seguintes grupos e sociedades: de São Paulo, *Centro Socialista Internazionale*, *Circolo Repubblicano IX Febbraio*, *Unione Operaia Civiltà e Progresso*, *SIMS Lega Lombarda*, *SIMS Leale Oberdank*, *Circolo Socialista 1° Maggio del Braz*, *Circolo Socialista del Bom Retiro*, *Loja Prudente de Moraes*; do interior, *Circolo Socialista Elisa Negrini* (Estação Pilar), *Società di Mutuo Soccorso Dante Alighieri* (Baurú), *SIMS Italiani Uniti* (São João da Boa Vista), *SIMS Lavoro e Educazione* (Torrinha), *Gruppo Repubblicano Giuseppe Mazzini* (Bragança); *Circolo Repubblicano Fratelli Bandiera* (Santos), *Circolo Repubblicano Guglielmo Oberdank* (São João do Curralinho), *Associazione di*

adiada para 28 de julho, mas representou a tentativa de republicanos e socialistas italianos de mostrar a via de uma integração à sociedade paulista, em vista da construção de uma nova identidade brasileira que tivesse como base o internacionalismo praticado por Garibaldi, e do qual tanto os republicanos (na versão internacionalista *mazziniana*) quanto os socialistas (na marxista) se consideravam herdeiros. Em vista de uma futura participação dos trabalhadores italianos na vida política paulista foram escolhidos naquele dia como oradores o poeta Olavo Bilac (já amigo de De Ambris) e o doutor Fausto Ferraz, ainda que no mesmo período os socialistas italianos se declarassem cépticos da naturalização em massa[105].

Porém, prevaleceu a vontade de mostrar a busca da superação do cerco étnico dentro do qual se moviam os grupos políticos anti-monarquistas de língua italiana, e Ferraz sob a placa que assinalava a rua Anita Garibaldi, indicou-a como exemplo de intervenção política de estrangeiros em um país alheio.

Assistenza Cristoforo Colombo fra Lavoratori Italiani (Vila Caracol); do Rio de Janeiro, *Gruppo Repubblicano Antonio Fratti*.

[105] *Avanti*!. n. 1758, 29-7-1907. O n. 1757, 28-7-1907 do *Avanti*! foi dedicado inteiramente a Garibaldi, e publicado com oito páginas, contendo aliás os testemunhos de velhos combatentes garibaldinos residentes em São Paulo como Bortolo Belli, que escreveu naquele número o artigo "Mie Memorie".

CAPÍTULO 5

"PERCHÉ L'AMBIENTE È IMPOSSIBILE NON SI DOVRÁ FARE MAI NULLA?". A REORGANIZAÇÃO DOS SOCIALISTAS ITALIANOS EM SÃO PAULO (1913-1916)

"Proletários de Milão, não devem amaldiçoar os que não estão em greve. Eles estão sozinhos num movimento que os devora. Nós estamos solidários numa unidade que nos inflama. Esqueçamos eles. A hora chegou. Viva a Greve Geral!!"[1].

5.1

"ORIGINI PROLETARIE E D'OFFICINA, MA CHIARISSIME". BREVE HISTÓRIA DO MARCENEIRO JORNALISTA TEODORO MONICELLI.

Durante o inverno italiano de 1913, no mês de fevereiro, o líder socialista Teodoro Monicelli deixa a sua pequena cidade de Ostiglia, na região de Mantova, para uma nova viagem como ativista do *Partito Socialista Italiano*, que o levará desta vez ao Brasil, ao Estado de São Paulo.

[1] De um artigo sem título de Teodoro Monicelli em prol da superioridade da ação direta durante a greve geral de 1904 em Milão, *Lo Sciopero Generale. Bollettino della Camera del Lavoro di Milano. Supplemento all'Avanguardia Socialista*, 17-9-1904. O *Bollettino* era difuso entre os grevistas (tradução minha).

É uma de suas inúmeras partidas de Ostiglia, que deixou pela primeira vez com 18 anos para ir trabalhar na vizinha Milão[2]. O fato dele ser originário de uma pequena cidade como Ostiglia, com a qual continuará mantendo contatos (entre muitas idas e vindas) durante a vida inteira, é um fato que não deve ser desconsiderado na formação deste militante e líder socialista italiano do início do século.

Ostiglia foi naquele momento um dos centros mais importantes na história das organizações políticas e sindicais ligadas ao PSI, pelo fato de concentrarem, assim como toda a região de Mantova, na Lombardia oriental, um proletariado agrícola entre os mais organizados da Europa.

De fato, o desenvolvimento das ligas camponesas na Itália, coluna vertebral do movimento sindicalista italiano no norte, juntamente com as organizações operárias de Turim e Milão, teve a sua origem na área do vale do rio Pó, que compreende as províncias centrais e orientais da Emilia Romagna e a província de Mantova. Nesta última, em particular, foram fundadas as primeiras ligas sindicais camponesas que depois funcionaram como modelo (no que se refere aos seus estatutos, práticas de luta e organização) para todas as outras ligas sindicais, inclusive de muitas ligas operárias[3].

Assim como as cidades de Turim, Milão e Bolonha, a província de Mantova foi uma das primeiras regiões italianas nas quais ocorreram processos parecidos na formação daquela organização (a *Camera del Lavoro - CdL*), que devia guiar todas as atividades relacionadas com o mundo do trabalho local (colocação da mão de obra segundo contratos estabelecidos por contratação entre empregadores e trabalhadores, intervenção nas greves e

[2] ACSR, CPC, b. 3354, fascicolo Teodoro Monicelli.
[3] Giuliano PROCACCI, *La lotta di classe in Italia agli inizi del secolo XX*. Roma, Editori Riuniti, 1992, III edizione, pp. 81-165.

coordenação destas, organização em geral de todas as associações trabalhistas de uma determinada região).

Também na província de Mantova, ligas sindicais recém nascidas, impulsionadas por uma vasta rede de sociedades operárias de socorro mútuo, fundaram na passagem do século XIX para o XX a *Camera del Lavoro*, mas nesse caso como organização que reunia grêmios de trabalhadores urbanos e da área rural próxima, até chegar em pouco tempo à criação de um *corpus* organizativo múltiplo, usualmente ligado ao PSI, no qual convergiam *Camere del Lavoro*, sindicatos de ofícios vários, grupos políticos e recreativos marxistas, cooperativas de produção ou de consumo: em suma, uma das mais completas e diversificadas áreas organizativas socialistas de toda a Itália[4].

A cidade de Ostiglia, próxima de Mantova, mas bem menor, constitui-se todavia como o centro de uma área rural populosa, que concentrava milhares de camponeses, sobretudo jornaleiros, cuja atuação sindical esteve sempre à frente naquele período de todos os movimentos de protesto ou grevistas que aconteciam na Itália, com organizações cujos líderes (às vezes provenientes do seio das famílias camponesas, outras vezes de setores artesãos ou operários de Mantova e das cercanias) eram entre os mais importantes do PSI no plano nacional[5].

Quando em 1888 eclodiu o primeiro grande movimento camponês de protesto no norte da Itália, no momento em que a crise agrária alastrava-se com mais intensidade e, juntando-se com os efeitos de uma reorganização capitalista da agricultura que vinha há algumas décadas, desestruturava completamente o mundo agrário do nordeste da Itália, a região de Mantova podia ser considerada um dos fulcros destes motins, aos quais deu-se o

[4] Ibidem.

nome com uma expressão do dialeto local: *"la boi"* ou *"la boje"*. A frase (literalmente: *"ela ferve"*), inserida no refrão de uma música de protesto cantada naquele momento, referia-se à água que estava fervendo na panela, e que mais cedo e ou mais tarde iria transbordar, assim como os protestos de uma massa considerável de camponeses empobrecidos estava tomando o rumo da revolta aberta e espontânea[6].

Foi a partir deste movimento duramente reprimido que depois se estruturaram as primeiras associações de trabalhadores na região (e, mais em geral, no norte da Itália), assim como, todavia, os fluxos migratórios que marcaram intensamente por uma década toda a região que a partir da província de Mantova estendia-se até compreender as províncias do Vêneto.

De fato, já vários trabalhos sobre a emigração italiana para o Brasil mostraram como o governo italiano esteve particularmente interessado para que a arregimentação que os agentes das companhias de navegação italiana iam desenvolvendo por conta dos fazendeiros paulistas, fosse realizada nas regiões que viveram o movimento de *la boje*, em primeiro lugar exatamente na província de Mantova, de onde centenas de famílias emigrantes de camponeses (mas também de artesãos ou de camponeses-artesãos) partiram para o estado de São Paulo[7]. A válvula de escape da emigração, todavia, funcionou somente parcialmente para a região mantovana, uma vez que a sua proximidade com a cidade de Milão podia permitir uma emigração temporânea mais intensa que em outras regiões e pelo fato de os processos de organização dos trabalhadores urbanos e rurais estarem já em uma

---

[5] Ibidem e Zeffiro CIUFFOLETTI, *Storia del* PSI. *I. Le origini e l'età giolittiana*. Bari, Laterza, 1992; Gaetano ARFÈ, *Storia del Socialismo italiano. 1892-1926*, Milano, Mondadori, 1977.

[6] Renzo DEL CARRIA, *Proletari senza rivoluzione. Storia delle classi subalterne italiane dal 1860 al 1950*. Milano, Oriente, 1970, pp. 178-225 e Giuliano PROCACCI, op. cit. pp. 81-165.

[7], Michael M. HALL, *The Origins of Mass Immigration in Brazil. 1871-1914*. New York, Ph. D. Dissertation, Columbia University, 1969; Zuleika ALVIM, *Brava Gente! Os italianos em São Paulo. 1870-1926*. São Paulo, Brasiliense, 1986. Angelo TRENTO, *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo, Nobel, 1988.

fase mais adiantada que nas províncias próximas do Vêneto. De qualquer forma, os mantovanos representaram um núcleo consistente dos emigrantes italianos nas fazendas de café, assim como em todos os centros urbanos paulistas (incluindo a capital)[8].

Embora ainda não seja claro quantos destes emigrantes participaram ativamente dos protestos de *la boje*, ou de algumas atividades de organização precedentes, é provável que não tenham sido poucos os que trouxeram uma experiência de luta há pouco tempo vivenciada, sobretudo entre os que faziam parte do setor intermédio de pequenos proprietários de terra ou de artesãos, ambos em processo de empobrecimento. Em Taquaritinga, por exemplo, um núcleo de camponeses pequenos proprietários provenientes de Mantova no início da década de 90 do século XIX, formaram, em torno da fazenda da família Crespi (não aparentada obviamente com o empresário Crespi) a partir da primeira década do século XX, um núcleo bem compacto de militantes anarquistas e socialistas, com um Escola Moderna na qual lecionaram vários militantes anarquistas italianos, como Bandoni. Tratava-se de famílias que após um período longo nas fazendas de café conseguiram sair do latifúndio[9].

Este breve esboço da região de Mantova, queria sublinhar como o jovem Monicelli, que nasceu em 1875, passou a sua adolescência numa região que, após ter vivido um período intenso de revolta, estava conhecendo as práticas organizativas mais ativas, adiantadas e bem estruturadas de todo o movimento operário italiano, e, ao mesmo tempo, vivia fluxos migratórios de uma certa importância, particularmente endereçados ao Estado

---

[8] Uma análise dos fluxos migratórios do norte da Itália para o Brasil mostra como a porcentagem de emigrantes da Lombardia que foram para o Brasil era em grande parte constituída por mantovanos, e que esta emigração foi mais consistente nos primeiros 5 anos da grande emigração para São Paulo (1889-1893). MAIC, *Statistica dell'emigrazione italiana all'estero.* 1885-1895. Ver também Constantino AGAZZI, *Das regiões Lombarda e Veneta ao Núcleo Colonial de São Bernardo: acompanhando o imigrante italiano.* Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, 1974 e Emilio FRANZINA, *La grande emigrazione. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo XIX.* Venezia, Marsilio, 1976.

de São Paulo ou à bem mais próxima região industrial de Milão, onde, de fato, Monicelli transferiu-se com 18 anos[10].

Foi em Milão e em Monza que Monicelli aprendeu o ofício de marceneiro, mas não foi nesses lugares que começou a participação em grupos sindicais ou políticos de tendência anarquista ou socialista, uma vez que tanto os relatos da polícia como uma carta do deputado socialista Gerolamo Gatti mostram-no há tempo inserido no movimento operário de Milão, nos grupos liderados por Pietro Gori, já quando de sua chegada na cidade[11]. Em pouco tempo, tornou-se um ativo militante sindical e socialista, desenvolvendo, paralelamente à sua atividade de trabalho como marceneiro e modelador em várias fábricas, uma atividade autodidata de escritor e propagandista.

Em 1897 toma parte da expedição em Dómokos liderada por Amilcare Cipriani, durante a guerra Greco-Turca, experiência comum a muitos militantes subversivos italianos daquela geração ligados ao ideal garibaldino de lutar para a conquista da democracia no mundo inteiro[12]. Do mesmo grupo internacionalista pró-Grécia participou, por exemplo, também o anarquista Alessandro Cerchiai, que mais tarde Monicelli encontrará em São Paulo. Assim como Cerchiai, também Monicelli tinha participado ativamente, neste mesmo

---

[9] "L'Anarchia al Brasile", *La Battaglia*, n. 265, 10-7-1910, p. 2.

[10] Sobre a história do movimento operário e socialista na província de Mantova há uma bibliografia extensa. Cito aqui somente algumas obras, a partir da clássica de Rinaldo SALVADORI. *La repubblica socialista mantovana: da Belfiore al fascismo*. Milano, Edizioni del Gallo, 1966. Luigi CAVAZZOLI, *Socialismo mantovano: strumenti di ricerca*. Mantova: Istituto Mantovano di Storia Contemporanea, 1992; IDEM, *Civiltà contadina e lotte operaie. Sessant'anni di sindacalismo nel Mantovano (1900-1960)*. Milano, Franco Angeli, 1993; Richard HOSTETTER, "Lotta di classe nelle campagne: il movimento contadino di resistenza nella Val Padana. 1884-1885". *Movimento operaio e socialista*, 1970, pp. 45-72. Ver também Renato ZANGHERI, *Storia del socialismo italiano. II: Dalle prime lotte nella Valle Padana ai fasci siciliani*. Torino, Einaudi, 1997, pp. 69-140.

[11] "Per fatto personale", *Avanti!*, 2ª serie, n. 48, 27-3-1915, p. 2 e ACSR, CPC, b. 3354, fascicolo Teodoro Monicelli.

[12] Também as sociedades de socorro mútuo entre camponeses e artesãos da província de Mantova foram inicialmente organizadas em 1885-1889 por ex-garibaldinos. Renzo DEL CARRIA, op. cit., pp. 184-192. Sobre a expedição de Domokos ver, por exemplo, Silvio POZZANI, "Garibaldini veronesi a Domokos", *Camicia Rossa*, n. 3, 1997, pp. 10-11.

período *fin de siécle,* dos grupos eleitorais que se formavam para apoiar os primeiros candidatos socialistas ou republicanos à Câmara dos Deputados do Reino da Itália. Cerchiai também, inclusive, foi ativo nos grupos formados em torno do anarquista Pietro Gori, na Milão daqueles anos[13].

Estas experiências e encontros comuns mostram como o ambiente dos militantes assim chamados subversivos era, na passagem do século XIX para o XX, um ambiente extremamente variado, onde práticas anarquistas, socialistas e republicanas misturavam-se continuamente na vida destes jovens, que demonstravam violentamente seu desprezo pelas autoridades e pelas instituições, ao mesmo tempo em que participavam de comitês eleitorais, ou (seguindo a tradição do *risorgimento rivoluzionario* de Mazzini e de Garibaldi), acompanhavam um antigo combatente da Comuna de Paris como Amilcare Cipriani numa guerra internacional como voluntários italianos do exército grego. Ao mesmo tempo, é interessante notar como estes dois militantes que fizeram parte do grupo milanês de Pietro Gori, (Cerchiai anarquista e Monicelli filiado mais tarde ao PSI) juntaram ao longo de suas vidas a atividade de jornalistas propagandistas com as suas originárias de trabalhadores manuais[14].

Entre breves permanências em Ostiglia e a procura de trabalho em outras cidades, Monicelli participou também de outras experiências profundamente formativas para um militante, além das vividas em Milão ou em Monza, como quando em Gênova, em 1899, é procurado pela polícia como um dos organizadores da longa greve na Ansaldo, a maior fábrica metalúrgica italiana da época[15].

---

[13] ACSR, CPC, b. 1248, fascicolo Alessandro Cerchiai e b. 3354, fascicolo Teodoro Monicelli.
[14] Cerchiai trabalhou também como lixeiro. ACSR, CPC, b. 1248, fascicolo Alessandro Cerchiai.
[15] "Per fatto personale", *Avanti!,* 2ª serie, n. 48, 27-3-1915, p. 2 e ACSR, CPC, b. 3354, fascicolo Teodoro Monicelli.

Na primeira década do século XX, Monicelli está já na liderança sindical de muitas *Camere del Lavoro* (CdL), que nascem continuamente no norte da Itália, tanto no campo como nas cidades, tomando como modelo as estruturas organizativas de Milão, Turim, Gênova, Mantova, Reggio Emilia, Bologna e Florença. Em 1902 é eleito *segretario* (isto é presidente) da CdL de Bergamo, depois da CdL de Copparo, cidade parecida com Ostiglia (isto é, um centro importante do sindicalismo rural) (1904)[16], da CdL de Terni (o mais importante centro industrial siderúrgico da Itália central, 1904), da CdL de Ferrara (1907). Depois passa a dirigir a CdL de Ostiglia e a Cooperativa de Consumo por ela controlada (1908), no mesmo ano corre para Parma para participar da direção da greve geral, liderada por sindicalistas que tiveram, eles também, um papel importante no movimento operário paulistano: Alceste De Ambris, Edmondo Rossoni e Paolo Mazzoldi[17].

Toda esta atividade como líder sindical foi acompanhada também por uma mais expressamente política, uma vez que Monicelli filiou-se já em 1902 à *Unione Socialista Milanese* (o núcleo territorial do PSI em Milão) e freqüentou, como delegado das organizações que presidia, vários congressos socialistas[18].

Todavia, a sua familiaridade com o mundo sindical, a sua experiência comum com alguns anarquistas no grupo de Gori, a luta em lugares como Milão, Ferrara e Parma, onde o sindicalismo soreliano de ação direta tinha uma notável influência, aproximou-o em alguns períodos do sindicalismo revolucionário. Em 1911, por exemplo, nota-se a sua participação no congresso para a fundação da *Unione Sindacale Italiana* (USI), a federação

---

[16] Giuliano PROCACCI, *op. cit.* p. 333. Esta sua formação, em grande parte nas organizações sindicais e políticas da Lombardia, o levou a conhecer melhor Osvaldo Gnocchi-Viani. Uma testemunha pessoal de Monicelli sobre sua amizade com Gnocchi-Viani foi publicada anos mais tarde numa obra dedicada à figura de Viani. Na coletânea havia também escritos de outros amigos de Gnocchi-Viani, como Filippo Turati, Rinaldo Rigola, Angelo Cabrini, e Ivanoe Bonomi. (P. Mantovani, *Vita ed opere di Osvaldo Gnocchi-Viani*. Verona, Mondadori, 1948).

[17] ACSR, CPC, b. 3354, fascicolo Teodoro Monicelli e b. 1632, fascicolo Alceste De Ambris.

operária que juntou as CdL cujas diretorias eram controladas pelos adeptos da ação direta[19]. Mas já em 1903 e 1904 escrevia artigos no jornal *Avanguardia Socialista* de Arturo Labriola (o líder do sindicalismo revolucionário italiano), tanto que a sua escolha como presidente de *CdL* na região de Ferrara por parte do filiados do PSI do lugar, visava manter unidas a parte mais propensa à greve parcial com a que insistia para por em prática greves gerais[20].

Ainda que filiado à *Unione Socialista Milanese,* liderada por Turati (a figura mais emblemática da corrente reformista do PSI) e portanto convicto da necessidade da ação parlamentar do *partido* em prol de uma legislação social sempre melhor, assim como da função de organizações como as cooperativas ou as sociedades mutualistas, Monicelli não refugia do mito e da prática da greve geral e da insurreição: em 1904, por exemplo, tinha sido um dos líderes da greve geral em Milão (uma greve geral que se alastrou em toda a parte central e setentrional da Itália) e escreveu diversos artigos em prol da greve geral e da ação direta[21].

Tais aspectos da sua formação heterogênea aparecerão com evidência na sua atividade em São Paulo, sobretudo nos dias da greve geral paulistana de julho 1917.

Esta sua longa experiência de militante do PSI da corrente socialista revolucionária, de organizador sindicalista que atuava em uma constante proximidade com os sindicalistas revolucionários, além da sua prática como colaborador ou redator de jornais operários, tornava Teodoro Monicelli o socialista mais apto a intervir no mundo paulistano (onde o sindicalismo revolucionário tinha desenvolvido um papel importante nos anos anteriores),

---

[18] ACSR, CPC, b. 3354, fascicolo Teodoro Monicelli.
[19] Ibidem.
[20] Giuliano PROCACCI, *op. cit.* pp. 333 e 394-405.
[21] Ibidem.

para reorganizar os grupos socialistas num período em que eles se encontravam dispersos entre jornais de língua italiana mais ou menos progressistas e a atividade em alguma sociedade italiana de socorro mútuo, ainda que alguns continuassem como ativos sindicalistas.

A retomada da atividade sindicalista em São Paulo em 1912 e 1913, correspondia a um período de crescimento econômico (entre 1910 e meados de 1913) seguido aos planos de valorização do café, mas nunca chegou a retomar a intensidade de atividades que a caracterizaram nos anos anteriores a 1909[22]. O período de 1909 a 1912 foi definido "de completa letargia", como literalmente declararam os delegados da *União Gráfica de São Paulo* no II Congresso Operário realizado pela *Confederação Operária Brasileira*, no Rio de Janeiro em setembro de 1913[23]. De fato, a este congresso participaram somente 5 sindicatos paulistanos, dos quais, todavia, um juntava operários de ofícios diversos, enquanto os outros correspondiam às ligas dos canteiros, gráficos, chapeleiros e trabalhadores de fábricas de massas (este último grupo era composto quase somente por italianos conservando ainda o único nome de *Lega fra Pastai e affini*)[24].

Em 1912 e 1913, todavia, as maiores greves aconteceram em Santos e sobretudo na região de Ribeirão Preto, onde um movimento grevista partido das fazendas de café,

---

[22] Sheldon Leslie MARAM, *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, pp. 90-94.

[23] "Relatórios enviados por associações operárias ao Segundo Congresso Operário Brasileiro", cit. in: Michael M. HALL e Paulo Sérgio PINHEIRO, *A classe operária no Brasil, vol. I.* São Paulo, Alfa-Omega, 1979, p. 153.
Segundo Azis SIMÃO, entre 1909 e 1912 houveram somente 7 greves na cidade de São Paulo, enquanto em 1912, 10 (uma generalizada) e em 1913, 6: Azis SIMÃO, *Sindicato e Estado.* São Paulo, Dominus, 1966, p. 134.

[24] *Relatório da Confederação Operária Brasileira contendo as resoluções do Segundo Congresso Operário Brasileiro reunido no Rio de Janeiro nos dias 8, 9, 10, 11, 12, e 13 de setembro de 1913.* Rio de janeiro, 1914.

juntou-se com protestos e motins nos quais a presença da Liga Operária de Ribeirão Preto foi muito ativa: foi único exemplo de greve em que trabalhadores rurais e urbanos conseguiram juntar suas reivindicações em um movimento comum, ainda que o papel desenvolvido pelos colonos tivesse sido maior.

Os primeiros acenos de greve em 1912, acontecendo na região mais importante para a produção do café, impulsionaram o parlamento brasileiro, sob pedido da bancada paulista, para uma redefinição dos limites de ação da lei de expulsão votada em 1907, no sentido da possibilidade de expulsar do país também quem morasse há mais de três anos no Brasil. O que, de fato, foi uma medida que funcionou implacavelmente quando as greves em Ribeirão Preto tomaram uma dimensão maior em abril e maio de 1913[25].

Voltando ao movimento operário na cidade de São Paulo, greves diferenciadas no setor das construções foram realizadas durante os anos de 1911-12 e 1913, mas com o início de 1914 o movimento sindical voltou a uma apatia forçada pela crise econômica e pela desestruturação do mercado de trabalho paulistano[26]. Em maio de 1912, todavia, é preciso destacar uma greve de cerca de 10.000 trabalhadores em São Paulo, que começou com greves parciais nas fábricas de calçados, primeiro grande movimento grevista após o de 1907, mas que permaneceu como um surto isolado, cujo resultado foi o de reanimar temporariamente algumas organizações sindicais da capital paulista, mas não de criar as bases de uma estrutura mais estável[27].

---

[25] *La Barricata*, n. 396, 10-05-1913 e n. 397, 17-5-1913. Ver também, Antonio PICCAROLO, *La fisiologia di uno sciopero*. São Paulo, Edizioni de *La Rivista Coloniale*, 1913.

[26] Entre várias obras que destacam a importância da crise econômica para com o desenvolvimento do movimento sindical paulistano ver Sheldon Leslie MARAM, *op. cit.*, 1979.

[27] Paula BEIGUELMAN, *Os companheiros de São Paulo*, São Paulo, Símbolo, 1977, p. 66, e *Fanfulla*, de 12, 13, 14, 15-5-1912.

Quando Teodoro Monicelli chegou em São Paulo, sem família, em fevereiro de 1913[28], antigos companheiros seus na Itália, como Paolo Mazzoldi, tinham encontrado trabalho para ele como correspondente do jornal progressista *La Patria degli Italiani*[29], antes que ele pudesse viver futuramente também do salário (ainda que pequeno) de jornalista-propagandista oficial do PSI em São Paulo.

A amizade entre Monicelli e Mazzoldi remontava aos dias de dura luta sindical em Ferrara (1907) e Parma (1908)[30]. Mazzoldi, inclusive, para fugir da condenação em Parma, transferiu-se para a Suiça e posteriormente (1909) para o Brasil, por conselho de Alceste de Ambris e Edmondo Rossoni[31]. Em São Paulo, seguindo a carreira de De Ambris (e graças à experiência de jornalista no periódico sindicalista italiano *L'Internazionale*), fundou o periódico *La Vita*, para o qual, num certo momento, chamou para a direção o jovem Benito Mussolini, que não aceitou por ter sido chamado para dirigir a *Camera del Lavoro* de Forlì, na Romagna[32].

Em seguida, Mazzoldi fundou também o periódico *Don Chisciotte*, ao qual chamou na redação o próprio Teodoro Monicelli, quando de sua chegada ao Brasil. Com certeza, Mazzoldi conhecia as qualidades de Monicelli como jornalista, e não somente como organizador sindical, uma vez que em Ferrara em 1907 tinha-o convidado a participar da elaboração do jornal sindicalista *La Scintilla*[33].

---

[28] "Riservata, 5-2-1913", in: ACSR, CPC, b. 3354, fascicolo Teodoro Monicelli. A família virá somente no final de 1913: "Per fatto personale", *Avanti!*, 2ª serie, n. 47, 20-3-1915.

[29] Infelizmente, ainda não foram encontradas cópias deste jornal, todavia várias fontes falam da existência deste periódico voltado à atenção dos problemas vividos pelos trabalhadores italianos imigrados em São Paulo. Ver, entre outras fontes, ACSR, CPC, b. 3354, fascicolo Teodoro Monicelli; Angelo TRENTO, *op. cit.*, p. 502. Natale BELLI (Nasonelli), *Giornalismo italiano in Brasile*, São Paulo, 1923.

[30] ACSR, CPC, b. 3354, fascicolo Teodoro Monicelli e "Per fatto personale", *Avanti!*, 2ª serie, n. 47, 20-3-1915, p.2; n. 48, 27-3-1915, p. 2.

[31] ACSR, CPC, b. 1632, fascicolo Alceste De Ambris.

[32] Renzo DE FELICE, *Mussolini. Il Rivoluzionario. 1883-1920*. Torino, Einaudi, 1995, p. 88.

[33] *La Scintilla* (de Ferrara), 7-7-1907. cit. in "Per fatto personale", *Avanti!*, 2ª serie, n. 48, 27-3-1915, p. 2

Desenha-se assim um quadro em que toda uma série de sindicalistas italianos, muitos dos quais dirigentes de *Camere del Lavoro* tomam contato direta ou indiretamente com a capital paulista.

As posições de Monicelli, todavia, não coincidiam exatamente com as de Mazzoldi, que há tempo fazia parte convictamente do movimento sindicalista revolucionário, em perene luta contra os delegados do PSI no interior das federações sindicais italianas e sobretudo dentro das *Camere del Lavoro*. Além disso, vindo de um período de intensa atividade na Itália e ainda fielmente ligado ao PSI, (embora próximo à utilização de armas como a greve geral, típicas da ação direta sindicalista revolucionária) Monicelli começou a se afastar da figura de Mazzoldi, do qual criticava a sua disponibilidade a receber financiamentos para o seu jornal de vários empresários italianos de São Paulo, com isso silenciando, quando era preciso, críticas às condições de trabalho vividas naquelas indústrias[34].

O novo jornal de Mazzoldi, *Il Giornale degli Italiani*, publicado a partir do final de 1913, viu de fato a participação na redação também de Teodoro Monicelli, paralelamente à sua atividade como redator do *Don Chisciotte* que continuava sua existência. Mas o *"affarismo"* de Mazzoldi na composição do novo jornal da colônia ítalo - paulistana, levou Monicelli a sair da redação após dois meses[35]. A partir deste momento, Mazzoldi opor-se-á à renovada atividade da *Lega della Democrazia* e ao ressurgimento do *Avanti!*, chegando a acusar a *Lega* de ser ligada ao *Fanfulla*[36].

---

[34] Monicelli, aliás, faz referência aos financiamentos de um tal *cavaliere*: supõe-se, portanto, que esteja-se referindo a Francesco Matarazzo. "Per fatto personale", *Avanti!*, 2ª serie, n. 47, 20-3-1915, p. 2; n. 48, 27-3-1915, p. 2 e, Paolo Mazzoldi. "Difendendosi dalla accuse dell'Avanti!", *Il Giornale degli Italiani*, n. 28-3-1915; "Cronaca Cittadina", *Fanfulla*, 28-3-1915.

[35] Teodoro Monicelli, "Per fatto personale", *Avanti!*, 2ª serie, n. 48, 27-3-1915, p. 1

[36] Istituto Italiano di Cultura di São Paulo, Archivio Piccarolo, questão Monicelli – Mazzoldi.

As posições de Mazzoldi sempre mais conciliadoras em relação aos setores empresariais da comunidade italiana em São Paulo[37], são um dos primeiros indícios de seu progressivo abandono do campo sindicalista, para embocar o caminho de uma atividade jornalista que, se por um lado não abandonava completamente seu interesse para com o mundo operário, todavia devia se tornar uma posição ambígua entre apoios populistas às causas do mundo do trabalho e as contínuas amizades com as autoridades consulares italianas e com os ambientes bem sucedidos da comunidade ítalo-paulistana, talvez na tentativa de substituir o *Fanfulla* na sua política de mediação entre os trabalhadores italianos imigrados e os empresários patrícios. Na greve geral de 1917, por exemplo, a participação de Mazzoldi como diretor de *Il Piccolo* nos acordos entre o comitê da imprensa e o comitê de defesa proletária não foi certamente secundária[38].

[37] Em *Il Giornale degli Italiani* ele chamou para a redação também Arturo Trippa (um jornalista ligado ao ex-ministro da pública instrução italiana Nasi), que apoiou a expulsão de Edmondo Rossoni quando da sua atividade sindicalista em Água Branca em 1909.

[38] "L'agitazione operaia felicemente risolta dal Comitato della Stampa", *Fanfulla*, n. 16-7-1917, p. 3

5.2

NOVOS HOMENS E UMA VELHA POLÍTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DE UM MOVIMENTO SOCIALISTA EM SÃO PAULO

Quando falamos de velha política, referimo-nos ao período que vai de 1898 a 1902, quando os socialistas italianos em São Paulo tentaram realizar uma ação que abrangesse todos os aspectos da vida associativa na cidade de São Paulo, seguindo o caminho traçado na Itália de participação dos integrantes do PSI à formação de grupos políticos parlamentares (locais e nacionais), de grupos sindicais, de cooperativas e de associações de socorro mútuo.

Como neste período anterior, também em 1913-1914 o núcleo organizador dos socialistas italianos em São Paulo surgiu inicialmente a partir de um grupo político não claramente definido politicamente, com caraterísticas claramente progressistas e anti-monarquistas, ainda que podesse ser reconhecido um grupo mais consistente no seu interno constituído por socialistas marxistas ligados à *Segunda Internacional*.

Também em 1913-1914, este grupo tinha o mesmo nome do de 1898-1902, mas um pouco diferente: não se chamava mais *Lega Democratica Italiana* mas *Lega della Democrazia*. A eliminação do adjetivo, todavia, se parecia indicar uma propensão à abertura para com outras nacionalidades também presentes em são Paulo, na verdade não correspondia à presença de outros militantes que não fossem italianos, a parte a frequência

esporádica do grupo pelo advogado Demetrio Justo Seabra, por Passos Cunha e Valentim Diego[39].

Igualmente imitando as escolhas feitas em 1901, o primeiro passo para a formação de um grupo explicitamente socialista foi a criação de um jornal que pudesse ser expressão de suas posições e seu principal instrumento de propaganda e que retomou o nome do *Avanti!*, homônimo do órgão do PSI na Itália.

Assim como nos primeiros anos do século XX, tentou-se uma política de formação de uma estrutura federativa de círculos socialistas, partindo do núcleo inicial do *Centro Socialista Internazionale* (observa-se de passagem que este centro escolheu o mesmo nome do de 1900-1902), nascido no interior da *Lega della Democrazia*, que reunisse as forças de tendência socialista esparsas no Brasil.

Este caminho, também como em 1898-1902, encontrou seus maiores obstáculos na quase mono-nacionalidade de seus protagonistas, quase todos italianos, o que limitou novamente o projeto de constituição de um Partido Socialista Brasileiro, forçando-o a ser limitado ao Estado de São Paulo, numa espécie de *Federazione Socialista* do PSI no estrangeiro[40]. Ao mesmo tempo, esta tentativa de constituição de uma força que interviesse na política local, desencadeou uma discussão sobre a oportunidade da naturalização dos imigrantes italianos em São Paulo, assim como tinha acontecido entre 1900 e 1904.

Igualmente ao período anterior, uma vez estabilizadas as atividades da *Lega della Democrazia* e do *Centro Socialista Internacional*, foi tentada novamente a reorganização dos grupos sindicais, ação na qual a figura experiente de Monicelli inseria-se bem, apoiando-se em alguns grupos sindicais ainda existentes e nas sociedades de socorro

[39] "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 3-12-1913; ver *Avanti!*, 2ª serie, 1914-1915.

mútuo. A relação com esta última também respondia à múltipla ação que os socialistas italianos tentavam e realizavam não somente na Itália, mas também nas comunidades italianas no estrangeiro, na ótica da construção de um movimento socialista no qual eram repensadas todas as expressões políticas, sindicais e mutualistas.

Sempre nesta ótica, o caminho empreendido visava chegar à construção de uma *Camera del Lavoro* paulistana assim como foi tentado em 1901-1902, quando os socialistas italianos, através da ação enérgica de um organizador como Alceste De Ambris controlavam todos os grupos sindicais paulistanos.

De um ponto de vista geral, todavia, é preciso dizer que esta estratégia em dar expressão político sindical aos trabalhadores paulistanos nas formas experimentadas pelos socialistas italianos, além dos mesmos obstáculos de dez anos antes, tive que ser realizada num contexto que apresentava novas características.

Em primeiro lugar, uma vantagem era representada, aparentemente, pelo fato de que os operários paulistanos já tinham nas suas costas uma história de lutas em organizações sindicais, o que representava uma grande diferença em relação ao período 1901-1902, quando o nascimento das ligas de ofício não podia contar com experiências parecidas (excetuando os casos daqueles que fizeram esta experiência na Itália antes de emigrar).

O movimento, todavia, agora atravessava um momento de enfraquecimento e muitos de seus antigos líderes como Giulio Sorelli, Angelo e Giovanni Scala (os líderes do movimento entre 1906 e 1910) estavam de forma diferente afastados de uma intensa atividade sindical[41]. Esta situação não podia não ter reflexos diretos sobre as novas

[40] Lembramos que o PSI era dividido em Federazioni, estruturas que federavam no nível de cidade, provincial ou regional os núcleos territoriais do partido.

[41] Ainda em 1917, por exemplo, a polícia prendeu Giulio Sorelli acreditando que fosse um dos líderes da greve geral de julho, mas o libertou no mesmo dia após ter verificado que ele tinha participado da greve

tentativas de formação de organizações sindicais estáveis no seio do operariado paulista, uma vez que, pelo contrário, o surgimento das primeiras ligas operárias em 1900-1901 foi facilitada pelo estado de agitação, ainda que não comparável com o de 1907 ou de 1917, na qual encontravam-se os operários paulistanos.

Em segundo lugar, não podemos esquecer que a composição étnica do proletariado urbano em São Paulo não apresentava as mesmas características dos períodos anteriores. Com certeza, a grande maioria dos trabalhadores continuava a ser composta por imigrantes italianos, mas a parte de trabalhadores estrangeiros de origem espanhola tinha aumentado bastante também no âmbito urbano, por causa dos fluxos migratórios destes para a cidade de São Paulo, a partir da Espanha ou provenientes do interior durante a fase de urbanização do período 1910-1913[42].

Contrariamente ao passado, esta ação tinha que contar também com a presença sempre maior nos locais de trabalho, dos filhos (nascidos no Brasil) dos imigrantes italianos, fator que, na verdade, não criava obstáculos particulares à uma ação que pretendia fundar um movimento socialista e operário finalmente desligado do peso do ser estrangeiro. Mas ao mesmo tempo, como já foi sublinhado por muitos historiadores (em particular, para o caso brasileiro, por S.L. Maram), até que não chegamos ao período 1917-1920 a maior parte destes meninos e meninas ainda era muito jovem quando começa o lento trabalho de reorganização dos grupos sindicais e políticos.

---

simplesmente como operário empregado no Liceu de Artes e Ofícios, sem desempenhar nenhum papel importante de liderança na greve. "Gli scomparsi di questi giorni", *Fanfulla*, 15-7-1917 e 16-7-1917, p. 3.

[42] No período 1903-1919 as entradas de espanhóis ultrapassaram as de italianos no Brasil: de todos os imigrantes que entram neste período os italianos correspondem a 19% enquanto os espanhóis a 22%. (Angelo TRENTO, *op. cit.* p. 59.

Partindo da biografia política de Monicelli, parece mais claro ainda como no âmbito da representação de uma velha política, intervieram todavia elementos de novidade nos modos de realização da ação dos socialistas italianos em São Paulo.

Fazendo uma comparação breve com os outros líderes socialistas dos anos passados, Bertolotti, Donati e Vacirca, notamos logo que: os dois primeiros eram profissionais (um engenheiro, outro ourives) da geração socialista que se formou no início da década de 90 do século XIX já no Brasil, com poucas experiências de participação política na Itália, e quando ainda o PSI era numa fase de gestação; o último era sobretudo um jovem propagandista, ainda que com alguma experiência em *Camere del Lavoro*.

O maior grau de experiência de Monicelli soube assim despertar um pouco um mundo socialista paulistano que ainda continuava dividido e com poucos militantes ativos. Mas este renascimento da militância socialista devia ser atribuído também à chegada de outros novos militantes da Itália, alguns dos quais já com experiências longas de atuação política ou sindical. É o caso de Vittorio Buttis, por exemplo, que chegou ao Brasil em agosto de 1911 e partiu somente em meados de 1915, para continuar sua atividade de propagandista nos Estados Unidos. Buttis, também tinha dirigido algumas greves, como a dos têxteis do norte do Piemonte em 1906, na qual participaram, obtendo as melhorias reivindicadas, 6.000 entre operários e operárias[43]. Mas a sua maior experiência como líder sindical foi com certeza o período de presidência da *Camera del Lavoro* da região do Sempione, onde, na divisa entre Suiça e Itália trabalhavam centenas de operários na

[43] Umberto CHIARAMONTE, *Vittorio Buttis: un riformista tra esilio ed emigrazione*. Novara, Società Storica Novarese, 1987, pp. 41-43. Buttis nasceu em Veneza em 1866 e morreu em Chicago em 1950. A sua atividade de sindicalista e dirigente socialista foi desenvolvida na Itália, mas também na Suiça e no Estados Unidos (além obviamente do Brasil). Nos Estados Unidos participou do American Socialist Party e ficou exilado durante o fascismo.

construção do túnel alpino entre os dois países (1902-1905)[44]. Entre outros novos militantes, também ligados às experiências sindicais na Itália, chegaram neste período Adelmo Giordani e Alfeo Gentili (este último organizador dos trabalhadores em hotéis e restaurantes)[45].

[44] Ibidem, pp. 20-31.
[45] "Per la costituzione di un circolo socialista in S. Paolo", *Avanti!*, 2ª serie, n. 14, 1-8-1914, p. 2.

5.3

A ATIVIDADE DA "LEGA DELLA DEMOCRAZIA" NA CRIAÇÃO DO "UFFICIO INFORMAZIONI, ASSISTENZA E COLLOCAMENTO": UM NOVO CAMINHO PARA À ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES ITALIANOS EM SÃO PAULO.

Quando Monicelli chega no início de 1913 em São Paulo, a *Lega della Democrazia* tinha acabado de participar da campanha contra o enrijecimento da Lei Gordo, lei que permitia a expulsão dos estrangeiros[46]. Um documento da *Lega* datado 6 de janeiro de 1913 foi enviado às organizações socialistas da Itália e a outros jornais socialistas europeus para alertar os prováveis emigrantes do estado de insegurança e desrespeito dos direitos de associação e greve, destacando a impossibilidade de qualquer tentativa de obtenção de melhoramentos no campo do trabalho, sobretudo nas fazendas de café[47].

Com o aspecto de uma associação não declaradamente socialista, a *Lega della Democrazia* tentava agrupar em torno de sua atividade todos aqueles artesãos ou operários especializados que não se reconheciam na política oficial do governo italiano, pondo em prática, na São Paulo daqueles anos, ações políticas normalmente direcionadas à critica aos empresários ítalo-paulistanos, ao governo italiano, e à ação repressiva do governo paulista em relação às organizações operárias[48]. Em geral pode-se dizer que ela era formada quase completamente por socialistas filiados ao PSI, aparecendo os republicanos somente esporadicamente em suas fileiras, isto porque estes últimos costumavam mais se reunir nos

[46] "La nostra protesta", *Avanti!*, 2ª serie, n. 31, 28-11-1914, p.1
[47] A Itália tinha proibido parcialmente a imigração subvencionada para o Brasil já em 1902, a Espanha em 1908.
[48] "Circoli e Società", *Fanfulla*, série de 1912-1913.

três grupos do *Partito Repubblicano Italiano* em São Paulo: o *Circolo Antonio Fratti*, o *Circolo IX settembre* e o *Circolo Repubblicano del Bom Retiro*[49].

Todavia, a *Lega della Democrazia* tinha-se constituído como um organismo cuja pertença oficial ao PSI não era declarada, porque pretendia constituir-se como o fulcro de atividades políticas em torno do qual fosse possível construir alianças e movimentos múltiplos[50].

Além do mais, depois da guerra da Líbia, a referência à democracia como valor fundamental do grupo refletia bem quais eram os objetivos mínimos que o grupo perseguia. A guerra da Líbia, de fato, tinha criado um período de confusão entre muitos militantes, e não somente em São Paulo, mas obviamente sobretudo na Itália: o mito de uma guerra colonial conduzida por uma nação "proletária" (como o poeta Pascoli definiu a Itália na conquista da Líbia), a guerra vista como início de um processo que devia terminar com a emigração dos italianos no estrangeiro, tinha posto em dúvida muitas fidelidades aos ideais republicanos ou socialistas, sobretudo nas comunidades italianas nas Américas[51].

Por outro lado, a oposição para com a guerra favoreceu, no âmbito da campanha antimilitarista atuada pelos grupos republicanos, socialistas e anarquistas, a agregação destes mesmos grupos em torno de um radicalismo antigovernista que tinha seus reflexos também em São Paulo.

---

[49] Ibidem e *La Propaganda Libertaria*, série de 1913-1914

[50] "La nostra protesta", *Avanti!*, 2ª serie, n. 31, 28-11-1914, p.1

[51] A guerra começou em setembro de 1911 e terminou com a ocupação do território líbico em Novembro. Porém, a guerra contra os guerrilheiros na Líbia e contra a Turquia que possuía antes o território durou até outubro de 1912.
Para ver os efeitos da guerra sobre as associações políticas na Itália e entre os imigrantes italianos, ver, entre vários textos, Maurizio DEGL'INNOCENTI, *Il socialismo italiano e la guerra di Libia*. Roma: Editori Riuniti, 1976 e Zefiro CIUFFOLETTI, *op. cit.* Relativamente ao estado de São Paulo, as fontes mais indicadas são o *Fanfulla*, série de 1911-1912 e *La Battaglia*, série de 1911-1912.

A *Lega della Democrazia* perseguia justamente estes objetivos unitários, da mesma forma em que entre 1898 e 1902 tinha feito para reagrupar o mundo dos militantes socialistas e republicanos da cidade de São Paulo depois das repressões exercidas pelas autoridades paulistas sob instigação das consulares italianas. Ainda que os anarquistas tivessem já há tempo seus grupos estabilizados em São Paulo, às vezes utilizavam a sede da *Lega della Democrazia* para realizar reuniões cujo alcance pretendia ser mais amplo do que o círculo estreitamente anarquista[52]. Nesta ótica de colaboração também com os grupos anarquistas, a *Lega della Democrazia* tinha organizado na sua sede as comemorações da Comuna de Paris, em março de 1914[53].

De qualquer forma, nos anos 1912-1914 a *Lega della Democrazia* era o único grupo político no qual se encontravam os socialistas italianos de São Paulo, além de suas atividades no campo do mutualismo, da imprensa, ou dos poucos sindicatos restantes. Os seus sócios eram em grande parte os mesmos socialistas que compunham o *Circolo Socialista Internazionale* que tinha deixado de existir em 1910, como os irmãos Bertolotti, Giovanni Scala, Giuseppe Bacchiani, Ambrogio Chiodi, Egidio Battistini, Andrea Compagnoni, Achille Perseguiti, Emilio Pastore, somente para citar os mais antigos militantes do PSI em São Paulo[54].

Novos sócios, chegados no Brasil recentemente, como Fosco Pardini, tinham também integrado a associação, assim que depois do desaparecimento do velho *Circolo Socialista*, a *Lega della Democrazia* tinha-se apresentado como um ponto agregador que podia reunir, de forma ágil e elástica, num momento de enfraquecimento (inclusive dos

---

[52] "Lega della Democrazia", *Avanti!*, 2ª serie, n. 6, 6-6-1914, p. 3.
[53] Paolo Buonaspada "A proposito di una commmemorazione", *La Propaganda Libertaria*, n. 10, 1-5-1914, p. 7.
[54] *Avanti!*, 2ª serie, 1914-1915, atividade da *Lega della Democrazia*

grupos sindicais), militantes acostumados a uma participação política de pelo menos uma década[55].

[55] Fosco Pardini era com certeza o mais novo, todavia era filiado ao PSI desde os 16 anos. Ele nasceu na província de Massa-Carrara, no norte da Toscana, na própria cidade de Massa, em 1892. Seu pai, Corrado, todavia, emigrou para o Brasil quando Fosco tinha apenas quatro anos, em 1896, vindo diretamente para São Paulo, deixando o filho em Massa: Corrado veio sozinho, não era casado, e Fosco era "filho de mãe desconhecida". Em 1914, Corrado mandou chamar o filho, assim que este concluiu o serviço militar obrigatório e Fosco chegou em São Paulo em fevereiro de 1914, com sua esposa. Até aquele momento, Fosco não tinha saído de sua região, tendo ido somente até a parte norte da Toscana, onde tinha começado a trabalhar como caixeiro viajante e como garçom. De qualquer forma, Fosco começou a militar no *Partito Socialista Italiano* já com 16 anos, como consta na sua carteirinha, de abril de 1909, do *Circolo Giovanile Socialista Ferdinand Lassalle* da sua cidade, Massa. Depois dessa experiência, ele nunca mais parou de participar de grupos socialistas de sua região, continuando sua filiação ao PSI no âmbito da FIGS (*Federazione Italiana Giovanile Socialista*), entre 1909 e 1911, nos núcleos de Massa, Livorno e Carrara. Em 1909, ele é até correspondente de Livorno e Massa do órgão da FIGS, *L'Avanguardia*. Neste período, a FIGS apoiava decididamente a corrente de esquerda socialista revolucionária dentro do PSI, liderada por Benito Mussolini, corrente que, em 1912, conquistou, no Congresso de Reggio Emilia, a direção do partido. A corrente de Mussolini, também chamada de *intransigente*, mantinha contatos contínuos com os sindicalistas revolucionários, o que levava muitos jovens da FIGS a se aproximar do mundo sindical, mesmo quando não provinham socialmente diretamente de famílias operárias. De fato, a atividade da polícia em relação a Fosco Pardini, quando este chega ao Brasil, concentra-se não somente em sua atividade no *Circolo Socialista Internazionale*, mas na sua ação em prol da organização dos sindicatos operários. Ele se envolveu logo na obra de reconstrução das ligas sindicais nos 20 meses em que esteve na cidade de São Paulo, ainda que a sua primeira prisão tenha sido causada por sua participação no grupo de socialistas que vaiaram, no Teatro Colombo do Brás, em agosto de 1915, a conferência que defendia a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, proferida pelo socialista da corrente moderada de Bissolati, Antonio Piccarolo. A atividade sindical de Fosco Pardini, todavia, já remontava à sua experiência de militância italiana: quando deixou a Itália era ainda o secretário da Liga de Resistência dos Cozinheiros e Garçons da *Camera del Lavoro* de Carrara, cidade onde vivia antes de emigrar. Pardini, todavia, não teve oportunidade de participar ativamente da greve geral de 1917, pois, a partir do final de 1916, transferiu-se para Poços de Caldas, onde foi chamado para ser gerente de um hotel, profissão que ainda exercia nos anos 30. Mas, também em Poços, ele dedicou-se à organização do movimento operário local, fundando e tomando parte, como tesoureiro, da *Liga Operária Internacional de Poços*, um pequeno sindicato que unia as várias ligas de ofício deste centro sul-mineiro. A liga publicava também um jornal, *A Voz do Trabalhador*, do qual Fosco participou como colaborador e também como responsável pelas assinaturas, que, embora o jornal fosse sobretudo local, vinham também de vários centros paulistas, desde a capital até Ribeirão Preto, função que o punha em contato com o resto do movimento operário e socialista do Estado de São Paulo. Por causa dessa sua atividade de ligação, e sabendo que continuava a ser filiado, ainda que vivesse em Poços, ao CSI da cidade de São Paulo, a polícia paulista tentou, em vão, envolvê-lo como responsável de comícios e embates durante a greve geral de julho de 1917. Ainda por causa de sua atividade político-sindical em Poços e parcialmente em São Paulo entre 1917 e 1919, as autoridades brasileiras tentaram expulsá-lo, mas nunca chegaram a iniciar o processo, pois ele passou um tempo na clandestinidade. A militância de Fosco Pardini no PSI acompanhou toda a sua vida, nos anos trinta era sócio do *Circolo Socialista Matteotti* de São Paulo, filiado ao PSI, que neste período, banido da Itália por causa da ditadura fascista, tinha seus grupos espalhados em vários países. Continuava morando em Poços, mas ia freqüentemente para São Paulo. Pudemos ver como ele representava o tipo de militante orgânico do partido socialista italiano, que vai assumindo cargos de responsabilidade em uma espécie de carreira política interna, nos moldes das práticas de organização difusas também nos outros partidos filiados à Segunda Internacional: grau de escolaridade, início da militância precocemente na organização juvenil do partido; colaboração em jornais de partido (como jornalista, como redator e como administrador); assume cargos de responsabilidade ou de propagandista nas ligas operárias; é membro diretor de grupos políticos socialistas locais; participa de comícios como orador; tem participação em diretorias em sociedades não-políticas (em

Apresentado diretamente por Paolo Mazzoldi aos companheiros da *Lega della Democrazia*, Monicelli, pela sua conhecida experiência de organizador na Itália, tornou-se em breve tempo o líder do grupo: de fato, a *Lega della Democrazia* carecia de organizadores sindicais experientes que pudessem iniciar um trabalho de reorganização das ligas de ofício, embora alguns de seus membros (como Chiodi e Scala) tivessem uma antiga e constante presença na militância sindical. Há tempos não existia mais em São Paulo uma organização sindical estável e bem estruturada (uma vez que a participação ao congresso da *Confederação Operária Brasileira* de 1913 no Rio, foi somente uma faísca temporária, ainda que promissora).

Durante o primeiro semestre de 1914, surgiu entre os sócios da *Lega della Democrazia* a idéia de que a organização podia aumentar seu raio de ação tentando dar vida inicialmente a um órgão de propaganda que fosse a expressão das posições socialistas da grande maioria do grupo e em seguida a um grupo socialista, que podia-se transformar futuramente num núcleo de criação de um novo movimento de surgimento de ligas operárias, sem todavia por fim a uma associação mais genérica como a *Lega della Democrazia* [56]. A crise de desemprego de 1914, de fato, punha em primeiro lugar aos socialistas a questão de como enfrentar a reorganização dos trabalhadores paulistanos (em particular os italianos, obviamente, desde sempre reconhecidos como o núcleo central e majoritário do setor industrial paulistano).

Poços, ele funda e é presidente da Associação Atlética Caldense e foi membro da diretoria da SIMS Stella d'Italia, uma sociedade cujos sócios eram quase todos antifascistas).
Nos anos trinta, embora continuasse sua militância socialista, e fosse um antifascista radical, foi também um varguista convicto. (Ver, ACSR, CPC, b. 3730, fascicolo Fosco Pardini; AESP, DEOPS, Prontuário n. 130.598).

[56] "Ai compagni e ai lettori", *Avanti!*, 2ª serie, n. 9, 27-6-1917, p. 1; "Circoli e Società", *Fanfulla*, n. 28-4-1914.

Como nome para o novo jornal socialista de língua italiana de São Paulo foi escolhido *Avanti!*, para significar tanto a ligação oficial com o PSI, como a continuação do diário socialista italiano interrompida com a expulsão de Vincenzo Vacirca no final de 1908. O cabeçalho do jornal expressava bem esta continuidade, uma vez que tinha escrito no lado direito que este era o *Avanti!* segunda série e que começava a partir do "Anno X" (contando com o fato que o *Avanti!* da primeira série tinha vivido de 1900 ao final de 1908). As formas escolhidas para a publicação do jornal, cuja periodicidade foi sempre, entre 1914 e 1919, semanal, também reapresentavam as de 1900. Formou-se, de fato, uma sociedade de 70 acionistas, que por seis meses empenharam-se em financiar o jornal. A partir do fim deste semestre o jornal deveria se manter graças às subscrições, aos mesmos acionistas e às assinaturas[57].

O manifesto programático do jornal destacava que o *Avanti!* nascia *"per far sorgere in ogni località un gruppo, un circolo, un'associazione operaia"*, como *"centro propulsore di tutto un lavoro di rigenerazione delle attivitá socialiste e proletarie"*[58]. A sede da administração e redação do jornal e da *Societá Avanti!* ficava no mesma sede da *Lega della Democrazia* na Rua José Bonifácio, 39-A, da mesma forma que quando nasceu o primeiro *Avanti!* em 1900.

O dia escolhido para lançar o primeiro número foi o primeiro de maio de 1914, que foi festejado em São Paulo com uma manifestação-comício na Praça da Sé, organizada a partir de uma iniciativa da *Lega della Democrazia* que contou com a colaboração do *Centro*

---

[57] "Ai compagni e ai lettori", *Avanti!*, 2ª serie, n. 9, 27-6-1917, p. 1. O programa apareceu também no primeiro número, que falta, sabe-se todavia que foi publicado no dia 1° de maio de 1914: "Nuove Pubblicazioni", *La Propaganda Libertaria*, n. 10, 1-5-1914, p. 3. Os anarquistas de *La Propaganda Libertaria* assim saúdam o surgimento da segunda série do *Avanti!*: *"Fiduciosi di avervi sempre consorti nelle ore di pericolo e di lotta, per quanto aspra la polemica a volte ci armi gli uni contro gli altri e la diversità dei metodi ci separi, noi vi salutiamo!"*.

[58] "Ai compagni e ai lettori", *Avanti!*, 2ª serie, n. 9, 27-6-1917, p. 1

Libertário e com a par ticipação dos socialistas alemães e de algumas ligas operárias[59]. O comício tinha neste ano como principal objetivo o protesto contra a chamada carestia da vida, continuando os comícios (igualmente organizados a partir do impulso da *Lega*) que tinham sido realizados alguns meses antes, sempre com mesmo objetivo de protestar contra a situação de elevado desemprego que tinha-se criado desde meados de 1913.

Nesta ótica de uma atenção para com a crise de desemprego que atravessava o mundo do trabalho, a *Lega della Democrazia* já tinha criado no seu interior, no início de 1914 (fevereiro) um *Ufficio di Informazioni e Assistenza* para os trabalhadores italianos: uma seção da *Lega della Democrazia* que tinha a função de facilitar a procura de trabalho e de fornecer um pequeno auxílio para os mais necessitados, indicando-os para o serviço sanitário de algumas sociedades italianas ou de médicos próximos à associação[60].

Sempre com os mesmos objetivos, Giovanni Scala, socialista, sindicalista gráfico e sócio da *Lega della Democrazia*, propunha aos anarquistas (dirigindo-se em particular a Gigi Damiani) que uma ação contra as causas e os efeitos da crise daquele ano continuasse através de uma colaboração mais estreita entre os grupos anarquistas e a *Lega*[61].

As propostas de Scala foram comentadas por Monicelli, que destacou como uma ação efetiva que pudesse levantar aos olhos dos poderes públicos o grave problema em curso do desemprego difuso, podia ser levada à frente somente se a colaboração entre a *Lega della Democrazia* e o *Centro Libertário* tivesse sido realizada dentro de um contexto que contasse com uma organização de classe que devia ser *"la forza operante in ogni questione nella quale l'interesse proletario sia impegnato"*[62].

---

[59] "Grande comizio pubblico al largo da Sé", *La Propaganda Libertaria*, n. 10, 1-5-1914, p.1.
[60] "Nella vita cittadina. In difesa dei lavoratori italiani", *Avanti!*, 2ª serie, n. 5, 30-5-1914, p. 2
[61] "Per una azione contro le cause e gli effeti della crisi", *Avanti!*, 2ª serie, n. 4, 23-5-1914, p. 2
[62] idem, ibidem

A experiência de Monicelli como organizador sindical, de fato, convencia-o de que a agitação simplesmente política tinha efeitos moderados, ainda que em torno de questões intimamente ligadas ao mundo do trabalho, como o desemprego.

Consequentemente, o empenho de Monicelli na *Lega della Democrazia* foi de transformar o recém criado *Ufficio Informazioni e Assistenza* numa entidade autônoma, que se abrisse à participação também de outras associações (mutualistas e políticas) e fosse o prelúdio de uma verdadeira organização sindical, moldada, nas intenções de Monicelli, na estrutura de uma *Camera del Lavoro*, como as por ele dirigidas na Itália.

Na verdade, se o fim último devia ser este, no período intermediário, faltando ainda um numero suficiente de ligas operárias, o *Ufficio Informazioni e Assistenza* devia concentrar muitas das funções de uma *Camera del Lavoro*, mas não ainda a mais importante de coordenação e realização de greves. Todavia, como veremos, o *Ufficio* nasceu já com o principal objetivo (típico de uma CdL) do controle e emprego da mão de obra no mercado de trabalho, função que no momento era, aliás, a mais urgente, visto o estado de desemprego em que vivia a população paulistana.

A fundação do *Ufficio* como entidade autônoma foi possível graças ao apoio dado por algumas sociedades italianas de socorro mútuo que se relacionavam com a *Lega* e com o fato de o secretário da *Camera di Commercio* ser naquele momento o sócio da *Lega* e socialista Alcibiade Bertolotti (fundador do *Avanti!* da primeira série). De fato, na primeira reunião do *Ufficio*, organizada por iniciativa da *Lega* nas salas da *Camera Italiana di Commercio* no dia 23 de maio de 1914, participaram como entidades fundadoras: a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro *Leale Oberdan*, a *Societá Operaia di Barra Funda*, a *Camera di Commercio* e a *Lega della Democrazia*.. Foi convidada também a *Dante Alighieri*, mas o presidente Gaetano Pepe (talvez por ser empresário, era dono de uma

fábrica de chapéus, a Serricchio-Pepe) recusou o convite. Foi logo nomeada uma comissão diretiva composta, além dos presidentes das associações mencionadas (entre os quais Monicelli, presidente da *Lega della Democrazia*), pelo médico Carlo Mauro, pelo comerciante Bernardo Leonardi, pelo funcionário Lincoln Morandi, pelo arquiteto Sacchetti, pelo contador Antonio Tisi e pelo operário socialista Adelmo Giordani[63].

Nas intenções dos sócios da *Lega della Democrazia* e em particular de Monicelli, que considerava estrategicamente fundamental a neutralidade política das organizações trabalhistas (lembramos de passagem de novo sua experiência em CdL nos quais era forte a presença de sindicalistas revolucionários, que pregavam uma certa distância das organizações sindicais com as políticas) era necessário que o *Ufficio Informazioni, Assistenza* saísse de uma associação eminentemente política qual era a *Lega*, também porque a sua força devia residir numa base financeira que lhe desse a autonomia suficiente para levar à frente seus objetivos[64].

Uma comissão, composta por Monicelli, Giordani e pelo presidente da *Leale Oberdan*, Andrea Calió, ocupou-se de redigir o estatuto do *Ufficio de Informazioni e Assistenza*, seguindo alguns princípios básicos, segundo os quais a nova instituição devia: 1) dedicar-se exclusivamente à assistência dos trabalhadores italianos de São Paulo; 2) auxiliar os trabalhadores para a obtenção da assistência sanitária publica, de sociedades de socorro mútuo, o das autoridades consulares (consulado e patronato); 3) funcionar como entidade de emprego da mão de obra, averiguando que o trabalho encontrado respeitasse o teto máximo das condições de pagamento e horário já conseguidas pelos próprios

[63] "Nella vita cittadina. In difesa dei lavoratori italiani", *Avanti!*, 2ª serie, n. 5, 30-5-1914, p. 2
[64] ibidem.

trabalhadores através de sua lutas sindicais[65]; 4) constituir um consultório médico gratuito; 5) fornecer assistência legal gratuita; 6) preencher uma estatística do mercado de trabalho em São Paulo e no interior[66].

Os estatutos definitivos foram aprovados no início de junho de 1914, mantendo os princípios decididos na primeira assembléia. Os artigos estabeleciam também que a adesão ao *Ufficio* não pudesse ser pessoal, mas devia ser feita por associação: todas as associações italianas (de qualquer natureza, desde as mutualistas até às recreativas) podiam se inscrever como sócias, pagando todavia as mensalidades para a constituição do fundo social do *Ufficio* proporcionalmente ao número de seus associados. Cada sociedade elegia um representante próprio[67].

A concentração para com os trabalhadores italianos, além do fato deles serem reconhecidos como a parte majoritária da população operária paulista, se por um lado era funcional ao raio de ação da *Lega della Democrazia*, ainda limitado à comunidade italiana, todavia permitia que também as instituições oficias italianas pudessem intervir em solidariedade ao *Ufficio*, facilitando a sua existência. A *Lega* e as outras sociedades que participaram da criação do *Ufficio* já tinham estabelecidos ligações com a *Società Umanitaria* de Milão (organização socialista que se ocupava dos trabalhadores italianos emigrados) e com a Secretaria do Trabalho do governo italiano[68].

O interesse do governo italiano, de fato, não foi ilusório, visto que as reuniões sucessivas do Ufficio foram presenciadas pelo inspetor da emigração Umberto Tomessoli,

---

[65] Estas funções coincidiam com duas funções básicas das *Camere del Lavoro* na Itália ou das *Bourses du Travail* na França, Bélgica e Suiça. Maurizio ANTONIOLI; Luigi GANAPINI, *I sindacati occidentali dall'800 ad oggi in una prospettiva storica comparata*. Pisa, BFS edizioni, 1995.

[66] "Nella vita cittadina. In difesa dei lavoratori italiani", *Avanti!*, 2ª serie, n. 5, 30-5-1914, p. 2.

[67] "Per l'ufficio di informazioni, assistenza e collocamento", *Avanti!*, 2ª serie, n. 7, p.2

[68] "Nella vita cittadina. In difesa dei lavoratori italiani", *Avanti!*, 2ª serie, n. 5, 30-5-1914, p. 2.

enviado do *Commissariato Generale dell'Emigrazione*[69]. Todavia, por causa do intensificar-se da crise econômica nos meses seguintes, o processo de adesão das outras sociedades ao *Ufficio* atrasou-se, e por cerca de quatro meses sua atividade de assistência foi bastante limitada, ainda que não completamente ineficaz[70].

De fato o alastrar-se da crise de desemprego e de inflação (os efeitos positivos da guerra na aceleração da produção industrial paulistana começarão a sentir-se somente com o início de 1915, todavia anulados por uma inflação sempre crescente)[71], induziu a *Lega della Democrazia* a dedicar-se à organização de um movimento de opinião pública (estruturado por associações) que se dedicasse a pressionar o governo municipal e estadual para que tomasse providências concretas para enfrentar a situação.

Nesta direção, a *Lega della Democrazia*, ultrapassando a cerca da comunidade italiana, convocou uma reunião programática na sede da *Società Dante Alighieri* para formular um programa que deveria ser apresentado ao governo estadual e ao municipal para que este não se limitasse à entrega de ajudas eventuais (e parciais) através da distribuição de alimentos[72].

Com a participação de quase todas as sociedades mutualistas de São Paulo, pertencentes a várias nacionalidades, esta reunião do dia 20 de agosto (presidida pelo socialista Alcibiade Bertolotti) chegou à elaboração de uma série de reivindicações: o início de uma série de trabalhos públicos (sobretudo relativos à abertura de obras edilícias e frentes de trabalho nas estradas); fixação dos preços máximos dos bens alimentares e

---

[69] "Per l'ufficio italiano di Assistenza Operaia", *Avanti!*, 2ª serie, n. 30, 21-11-1917, p. 2

[70] Idem, ibidem

[71] Com o início da Primeira Guerra Mundial os efeitos da desestruturação dos mercados no aumento dos preços foram quase imédiatos em São Pualo, onde a farinha aumentou dentro de trê dias de 12 a 24 mil réis o saco (*Avanti!*, 2ª serie, n. 15, 8-8 1914), enquanto o salário médio de um tecelão estava há meses estacionário a 4-5 mil réis por dia (*La Propaganda Libertaria*, n. 1, 12-7-1913). Ver também Warren DEAN, *A industrialização de São Paulo. 1880-1945*. São Paulo, Brasiliense, 1971.

fiscalização destes; abertura de mercados livres e armazéns municipais com alimentos a preço de custo; impedir temporariamente os despejos das casas; diminuir os aluguéis das casas operárias; um projeto de fundação de vilas operárias[73]. Este último ponto, em particular, não parecia tão utópico, visto que em julho daquele mesmo ano de 1914, no Rio de Janeiro, a *Società Italiana di Beneficenza* local tinha fundado uma cooperativa edilícia entre 400 trabalhadores italianos imigrados na capital federal[74].

Um programa parecido ao da reunião na *Dante* (mas reivindicando também terra cultivável e a abertura de cooperativas de consumo) foi aprovado também por um comício de operários (cerca de 3.000 participantes) que foi realizado alguns dias depois no salão Celso Garcia, no qual os socialistas participaram já como *Centro Socialista Internazionale*[75].

As atividades da *Lega della Democrazia* e também do *Centro Socialista Internazionale*, (recém fundado) para organizar os movimentos de protesto, prosseguiram com a realização de comícios, em colaboração com os grupos anarquistas, formando um *Comitato di Difesa Proletaria* também chamado *Comitê Proletário de Agitação Popular*[76].

É interessante notar que este movimento inaugurou um modo de intervenção e de organização imediata de protestos, que depois será seguido em 1917 pela formação do

---

[72] "L'opera della Lega della Democrazia", *Avanti!*, 2ª serie, n. 18, 29-8-1914, p. 2

[73] Da reunião participaram as seguintes associações: *SIMS Leale Oberdan; Unione Operaia di Barra Funda; SIMS Vittorio Emanuele II; Centro Internazionale della Luz; Sociedade Beneficente dos Chaffeurs; associação auxiliadora das classes laboriosas; Allgemeiner Arbeiterverei; Ufficio informazioni e assistenza per gli operai italiani; Deutscher Graphisker Verband fur Brasilien; Sociedade Aliança; Sociedade Cooperativa Beneficente Paulista; Federación Española; União dos Canteiros; Lega della Democrazia; SIMS Galileo Galilei; SIMS Lega Lombarda; Federazione dei maestri Italiani; Sociedade Beneficente Portugueza.* (Ibidem).

[74] "Rio de Janeiro. Per una Società Cooperativa Edilizia", *Avanti!*, 2ª serie, n. 14, 1-8-1914, p. 3.

[75] "Un grande comizio", *Avanti!*, 2ª serie, n. 18, 29-8-1914, p. 2

[76] "La disoccupazione", *Avanti!*, 2ª serie, n. 20, 12-9-1914, p. 1 e "Actos do Partido", *Avanti!*, 2ª serie, n. 23, 3-10-1914, p. 3; *La Propaganda Libertaria*, n. 14, 10-10-1914, p. 2.

Comitê contra a exploração das crianças, e, em julho de 1917, durante a greve geral, pelo *Comitê de Defesa Proletária*.

Assim como nesses dois episódios que se seguirão, o movimento partiu de uma série de atividade de comícios nos principais bairros operários da cidade, com fulcro no largo da Concórdia (Brás), todos com uma notável participação popular. Ao mesmo tempo, nota-se como os pedidos elaborados tanto na reunião das associações mutualistas como no comício no *Salão Celso Garcia* voltarão com a mesma insistência nos dia da greve geral de julho 1917[77].

[77] *Fanfulla*, série de agosto- outubro 1914 e série de junho- agosto 1917.

5.4

O "CENTRO SOCIALISTA INTERNAZIONALE" FRENTE À QUESTÃO DO SOCIALISMO ÉTNICO E DA DESORGANIZAÇÃO SINDICAL

Como vimos, o *Centro Socialista* Internazionale tinha nascido recentemente quando a *Lega della Democrazia* estava no meio do processo de participação dos protestos contra a crise.

A proposta para a refundação do *Centro Socialista Internazionale* surgiu dentro da mesma liga, para criar um grupo político explicitamente socialista que pudesse efetivar a realização de medidas em prol dos trabalhadores paulistanos a partir também da ação na Câmara Municipal de São Paulo. Uma vez que o governo local era visto como um agente que podia de fato realizar medidas de superação da crise (ou que a aliviassem) alguns sócios da *Lega* pensaram que tivesse chegado o momento de começar o processo de formação de uma força política que tentasse: 1) uma aliança com alguns vereadores sensíveis à questão social; 2) a participação nas eleições locais com candidatos próprios.

Nesta ótica, todavia, a *Lega della Democrazia* não devia desaparecer, mas devia funcionar como o braço dos socialistas italianos para uma ligação com o mundo do trabalho: tanto com as sociedade italianas de socorro mútuo (através da participação no *Ufficio*), assim como com outras associações mutualistas paulistanas, mas sobretudo com as organizações operárias.

O *Centro Socialista Internazionale* e a *Lega della Democrazia* continuaram assim coexistindo, embora, com o passar do tempo as atividades dos dois grupos tenderam a confundir-se (com a exceção da participação no *Ufficio*). Mas não podia ser muito diferente, uma vez que os sócios das duas associações quase coincidiam. Esta quase

coincidência não era na verdade esperada, porque o *Centro* foi criado para unificar os socialistas italianos, espanhois e brasileiros em um único grupo, enquanto os alemães da *Arbeiter Allgemeiner Verei*, ainda que trabalhando conjuntamente com o *Centro*, e reunindo-se no mesmo lugar (a sede da *Lega*) continuaram como um grupo separado.

Todavia, um dos pontos polêmicos da criação do *Centro* foi exatamente sua quase mono-nacionalidade italiana, critica que voltava sempre como tentativa de explicar a dificuldade de criação de um partido socialista autóctone.

Temos que acrescentar que a proposta de formar um círculo socialista foi feita pelo operário Adelmo Giordani, na metade de julho de 1914, enquanto as notícias do massacre de Ancona e da semana vermelha chegavam com mais detalhes em São Paulo[78].

Um breve parêntese tem que ser aberto aqui, portanto, para esclarecer que tipo de movimento foi o que nasceu da revolta de Ancona e quais seus efeitos sobre os grupos políticos italianos também em São Paulo.

No dia da festa do Estatuto, nos primeiros dias de junho de 1914, em Ancona, cidade portuária da costa adriática central da Itália, durante um comício antimilitarista realizado sobretudo pelos republicanos, uma patrulha da polícia militar italiana (*carabinieri*) disparou sobre as 700 pessoas que presenciavam a manifestação, depois de supostas provocações contra a família real e as autoridades. Tendo provocado vários feridos e alguns mortos, a revolta espalhou-se rapidamente pela cidade, seguida de uma greve geral que durou diversos dias em todo o país, acompanhada por um levante insurrecional na região Marche e na Romagna. Durante estes dias, os partidos republicano e socialista, e os

[78] "Circoli e Societá", *Fanfulla*, n. 10-7-1914, p. 6; "Per la costituzione di un circolo socialista in S. Paolo", *Avanti!*, 2ª serie, n. 14, 1-8-1914, p. 2

grupos anarquistas criaram uma frente comum, chamada *"blocco rosso"*, de resistência e de oposição ao estado de sítio declarado pelo governo e como forma de coordenação entre as manifestações grevistas e as insurreições e tumultos que explodiram na região centro-norte da Itália.

Em São Paulo, no dia 11 de junho já tinha-se formado um *Comitato pro vittime politiche*, que arrecadou dinheiro para as famílias dos presos e dos mortos e feridos nos eventos de Ancona, e publicou um manifesto de protesto[79].

O comitê reunia os grupos republicanos, os anarquistas e a *Lega della Democrazia*. Mais tarde, quando nasceu também o *Centro Socialista Internazionale*, ele substituiu a *Lega* na participação no Comitê: além disso, esta agremiação temporária conseguiu atrair também os grupos editores de *A Lanterna* e de *A Rebelião*. A função agregadora desenvolvida pelo formação de um *"blocco rosso"* também em São Paulo favoreceu com certeza a ação comum de anarquistas e socialistas no período de intensificação da agitação contra a carestia da vida[80]. Ainda em setembro o comitê *pro-vittime politiche* estava em atividade, pelo menos como coordenação das listas de subscrição para ajudar as vítimas[81].

É necessário notar que os comícios e reuniões realizadas em solidariedade aos fatos de Ancona, desenvolveram-se da mesma forma que os organizados pelo Comitê de agitação contra a carestia da vida, com seu fulcro no Brás (comícios ao ar livre e até uma reunião na sede da SIMS Leale Oberdan), acompanhados todavia por reuniões no grupo republicano italiano do Bom Retiro ou na própria *Lega della Democrazia*[82].

---

[79] "L'eccido di Ancona", *Avanti!*, 2ª serie, n. 7, 13-6-1917, , p.3
[80] "Lista di sottoscrizione pro vittime politiche", *Pro vittime politiche*, número único, 29-7-1914.
[81] "Pro-Vittime Politiche", *Avanti!*, 2ª serie, n. 21, 19-9-1914,
[82] *Avanti!*, 2ª serie, n. 7, 13-6-1917 a n. 16, 15-8-1917, vários artigos e seção "Pro Vittime Politiche

Outro fator que teve a sua importância foi a unificação dos grupos socialistas e anarquistas em torno da crítica à guerra que tinha acabado de explodir no inverno de 1914. O *Avanti!* a partir de meados de 1914 cobria quase metade de suas colunas com artigos contra a guerra, inicialmente numa luta contínua contra os setores da colônia italiana de São Paulo que apoiavam uma possível entrada da Itália na guerra e, quando em maio de 1915 a Itália efetivamente declarou guerra à Áustria-Hungria, para denunciar o apoio interessado dos empresários ítalo – paulistanos, que iam se enriquecendo com a guerra[83].

A formação do *Centro Socialista Internazionale*, portanto, coincidiu com um momento de intensa atividade política que, todavia, queria acompanhar com uma ação para complementar o trabalho que a *Lega della Democrazia* ia fazendo para iniciar um processo de reorganização do movimento operário paulistano. Esta questão, de fato, constituiu um ponto fundamental sobre o qual o *Centro* construiu toda sua perspectiva de desenvolvimento futura.

Os debates em torno da necessidade da existência de um centro socialista como núcleo propulsor de um processo de organização política e sindical giravam em torno da possibilidade que este mesmo centro tivesse as capacidades de dar vida a uma forca local que desse voz a uma comunidade operária e artesã composta na maior parte por trabalhadores estrangeiros.

O programa do *Centro Socialista Internacional* adotava praticamente os ditames do PSI, adaptados, todavia, à situação paulista, com uma atenção, portanto, a questão da nacionalidade, vista como barreira à ação de um futuro partido socialista autóctone.

De fato, os pontos 3 e 8 deste programa concentravam-se sobre essas questões: no ponto 3 declarava-se a necessidade de um "trabalho permanente de qualificação eleitoral, e

[83] Praticamente cada número do *Avanti!* 2ª serie, a partir de julho 1914

demais reformas que facilitem a ação eleitoral"; no ponto 8 pedia-se o "reconhecimento do direito de cidadões brasileiros a todos os estrangeiros que tenham um ano de residência no paiz" [sic][84].

Contemporaneamente, vários pontos sublinhavam o interesse para com o mundo do trabalho industrial, reivindicando: as oito horas para os adultos e as seis horas para os e menores de 14 a 18 anos, com abolição do trabalho infantil; a responsabilidade civil e penal dos empresários nos casos de acidentes de trabalho, o direito de reunião e de greve (com a abolição dos artigos 204 e 207 do código penal brasileiro), a regulamentação do trabalho e fiscalização da aplicação das regras através da instituição de inspetores da secretaria estadual do trabalho[85].

Estes dois aspectos (participação política e organização sindical) acompanhavam a atividade do *Centro Socialista Internazionale* conjuntamente. Ainda em dezembro de 1914 as reuniões do centro destacavam medidas tomadas para uma agitação para a inscrição nas lista eleitorais, comícios de bairro com finalidade de propaganda, práticas necessárias para a organização operária[86].

A questão da nacionalidade era fundamental, de fato, visto que a grande maioria dos integrantes do *Centro Socialista Internazionale* continuavam sendo italianos (na comissão diretiva havia um único representante que não era italiano: De Camargo)[87].

Donato Donati (diretor do *Avanti!* no período 1905-1907), por exemplo, enviou um artigo (ele morava em Belo Horizonte) no qual destacava exatamente o fato que 99 dos 100 filiados ao *Centro Socialista Internazionale* eram ainda italianos e que a criação de um

[84] "Centro Internazionale Socialista. Programma Minimo", *Avanti!*, 2ª serie, n. 16, 15-8-1917, p. 2
[85] Idem, ibidem
[86] "Atti del Partito", *Avanti!*, 2ª serie, n. 32, 5-12-1917, p. 3
[87] Ibidem

partido socialista brasileiro teria sido possível somente no momento em que os brasileiros tivessem composto a maior parte do partido. Donati aconselhava portanto o *Centro Socialista Internazionale* a abandonar esta ambigüidade de querer representar um partido autóctone que na verdade não existia e deveria enfrentar a situação tal qual era: a maioria dos trabalhadores de São Paulo eram italianos, e portanto o *Centro Socialista Internazionale* poderia ter uma força somente quando ter-se-ia dedicado a organizar os trabalhadores italianos:

> "não se acredite, fazendo isso, que não se está ajudando o futuro do socialismo no Brasil. No estado de São Paulo os italianos constituem a maioria do proletariado e contribuirão de forma predominante à constituição da mentalidade do futuro povo brasileiro. [...] se, portanto, conseguiremos criar entre os italianos um espírito socialista ou favorável ao socialismo, teremos trabalhado eficazmente ao futuro do socialismo no Brasil.
>
> Por isso considero útil e indispensável que o Avanti! [...] deixe de lado agora a questão da cidadania e do eleitorado que não podem dar nenhuma ajuda a nossa causa nas condições atuais do país.
>
> As questões que nos devem preocupar são aquelas que tem a ver com a organização e a luta econômica.
>
> Em suma, o socialismo no Brasil, até que será limitado quase somente aos estrangeiros, deverá colaborar com o sindicalismo apolítico e quase confundir-se com ele"[88].

De fato, a ação socialista do *Centro Socialista Internazionale* não tinha deixado de lado a questão da necessidade de uma construção de uma organização sindical paulistana, uma vez que esta não excluía também a tentativa de criar uma frente política que se baseasse sobre o eleitorado italiano (idéia que encontrava apoios por exemplo no *Fanfulla* desde o início do século)[89]. Com certeza, a escolha da nacionalidade brasileira, teria posto os trabalhadores italianos fora da pouca assistência (mas maior da nula recebida pelo governo brasileiro) que ainda podiam receber como cidadãos italianos residentes no estrangeiro, como notava Donati.

E a importância desse fator era demonstrado pela atuação da *Lega della Democrazia* que diariamente lutava para que o *Ufficio Informazioni e Assistenza* estendesse o quanto possível a sua assistência aos trabalhadores italianos residentes em São Paulo[90].

Porém, as dificuldades com o processo de organização sindical dos trabalhadores paulistanos não eram menores naquele momento, o que representou uma diferença com respeito ao período 1900-1902, quando a múltipla ação dos socialistas italianos tinha conseguido como seu maior resultado justamente o de dar o impulso à formação das ligas de ofício.

A presença dos sócios do *Centro Socialista Internazionale* (que contava com o apoio pelo menos dos mais de 3.000 assinantes do *Avanti!*)[91], nas manifestações de bairro contra a carestia da vida e mais a sua participação na organização do dia Primeiro de Maio de 1915 (juntamente como os anarquistas) não podiam impedir que a crise de desemprego

---

[88] Donato Donati "Partito Socialista Brasiliano?", *Avanti!*, 2ª serie, n. 48, 27-3-1915, p. 1. Tradução minha.
[89] "Il Congresso delle Società", *Il Brasile e gli italiani*. Firenze, *Fanfulla*-Bemporad, 1906, pp. 815-824. Segundo o *Avanti!*, 2ª serie, por exemplo, a família Matarazzo controlava alguns cabos eleitorais em São Paulo. "Il Patriottismo di lor signori", *Avanti!*, 2ª serie, n. 135, 3-2-1917, p. 2
[90] Em dezembro de 1914 a *Lega della Democrazia* organiza uma festa de contribuição ao fundo social do *Ufficio Informazioni e Assistenza*. "Lega della Democrazia", *Avanti!*, 2ª serie, n. 32, 5-12-1914, p. 3
[91] "Società Anonima Avanti!. Elezioni", *Avanti!*, 2ª serie, n. 30, 21-11-1914, p. 2

do período meados de 1913 - meados de 1915, o surto inflacionaria quase paralelo e os fluxos migratórios internos constituíssem um obstáculo à estruturação de sindicatos cuja existência se devia basear sobre a arrecadação de fundos mensais recolhidos com uma certa regularidade.

Em grande parte este trabalho de propaganda em prol das organizações foi conectado no estabelecimento de laços sempre maiores com alguns sindicatos em formação. As associações operárias que se beneficiaram de uma ação de organização do *Centro Socialista Internazionale* neste momento foram a *Sociedade Aliança*, o *Sindicato Graphico do Brasil*, o *Sindicato dos Ferreiros e Serralheiros*, o *Círculo dos Alfaiates*.

Sobretudo em relação a *Sociedade Aliança* (sociedade de socorro mútuo entre garçons e cozinheiros da qual muitos militantes socialistas italianos de São Paulo eram sócios), tentou-se desenvolver um trabalho que a levasse a abandonar o mutualismo, para se tornar uma liga de oficio e ao mesmo tempo para que revertesse o fundo social até aquele momento acumulado para constituir uma cooperativa de produção (a fundação de um restaurante cooperativo). Neste processo teve um papel fundamental Fosco Pardini, que na Itália tinha sido secretário da *Lega Cuochi e Camerieri* da *Camera del Lavoro* de Carrara, antes de emigrar[92].

Travou-se uma batalha em prol da transformação sindicalista da *Società* (em nome da luta ao desemprego) entre os sócios ligados ao *Centro Socialista Internazionale* e a geração dos sócios mais velhos (e mais especializados)[93]. Mas ainda em 1917, embora participando da solidariedade aos outros sindicatos em greve, a *Sociedade* continuava

[92] "Sociedade Alliança", *Avanti!*, 2ª serie, n. 16, 15-8-1914, p. 2; n. 26, 24-10-1914, p. 3; n. 28, 7-11-1914; n. 56, 5-6-1915, p. 3. Sobre a atividade de Pardini na Itália ver: ACSR, CPC, b. 3730, fascicolo Fosco Pardini.

seguindo a velha fórmula do mutualismo, limitando-se à assistência aos seus associados em caso de doença ou acidente[94].

No que se refere ao *Sindicato Gráphico do Brasil*, ele foi refundado exatamente graças aos militantes socialistas Chiodi e Sgai em meados de 1915, após um ano de apatia e desorganização[95].

Os dois outros grêmios (dos Alfaiates e dos Ferreiros) também contaram com uma presença notável de militantes do *Centro Socialista Internazionale*[96].

Nestes três casos, todavia, não se assistiu ao mesmo conflito gerado no interior da *Sociedade Allianza*, mas tudo indica que o socorro mútuo era a função mais importante que eles também desenvolviam: os gráficos viveram até a greve de 1917 em relativa tranqüilidade, com um pagamento das cotas regular, participando da greve mais por solidariedade. Porém, seus sócios socialistas deram uma contribuição notável à estruturação das outra ligas (de oficio e de bairro) durante os meses de junho, julho e agosto de 1917[97].

O sindicato dos ferreiros e serralheiros, ao contrário, decaiu ao longo do ano 1916, mas seus estatutos, atas e material ficaram com os socialistas, e durante a greve de 1917 foi recriado a partir desta experiência precedente[98].

Todavia, as dificuldades da retomada do processo de reorganização sindical refletiram-se sobre todo o futuro desenvolvimento do *Centro Socialista Internazionale* como centro político iniciador de um embrião de um partido socialista brasileiro, visto que somente em 1917 (após a criação do Círculo Socialista de Água Branca e Lapa) e dos

---

[93] Ibidem
[94] "Agitazioni operaie", *Fanfulla*, n. 18-7-1917, p. 4
[95] "Avante!...", *Avanti!*, 2ª serie, n. 62, 24-7-1915, p. 2
[96] Por exemplo, "Circolo dei Sarti", *Avanti!*, 2ª serie, n. 5, 30-5-1914, p. 3 ou "Sindicato Ferreiros e Serralheiros", *Avanti!*, 2ª serie, n. 62, 24-7-1915, p. 2.
[97] *Fanfulla*, série de junho-agosto de 1917, "Riunioni operaie".
[98] *Avanti!*, 2ª serie, n. 62, 24-7-1915, p. 2; "Movimento operaio", *Fanfulla*, n. 12-8-1917, p. 5

períodos de agitação do mesmo ano entre março e agosto, conseguiu-se estruturar a tanto planejada *Federazione Socialista* do Estado de São Paulo que coligasse os vários grupos espalhados pelo estado[99].

[99] "Assemblea di socialisti", *Fanfulla*, n. 20-8-1917, p. 3.

CAPÍTULO 6

UM NOVO AMANHECER DO SINDICALISMO NA GREVE GERAL DE 1917 EM SÃO PAULO: EM TORNO DE SEU ESPONTANEÍSMO E DO PAPEL ORGANIZATIVO SINDICAL DESENVOLVIDO PELAS ASSOCIAÇÕES POLÍTICAS ANARQUISTAS E SOCIALISTAS.

6.1

A EXPLORAÇÃO DE NOVOS FATORES NA DETERMINAÇÃO DA GREVE GERAL DE 1917 E DOS PROCESSOS DE ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA, ENTRE ESTABILIDADE DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS, O PAPEL DOS SOCIALISTAS ITALIANOS E OS CONFLITOS INTERNOS À COMUNIDADE ITALIANA DE SÃO PAULO

Quando cerca de 400 entre operários e operárias da seção têxtil do *Cotonificio Crespi* entraram em greve depois que a diretoria da fábrica tinha-se recusado a conceder um aumento entre 15 e 20 % do salário e a abolir uma carga horária de trabalho noturno maior, não pensavam, talvez, que teriam desencadeado o período de maior conflito da história do movimento operário paulista até aquele momento. Um período que segundo

muitos historiadores começou naquele junho de 1917 e terminou com o início dos anos vinte, antes da onda do movimento Tenentista.

Embora tais trabalhadores não pudessem pensar que esta greve teria prolongado seus efeitos no âmbito de um amplo processo de organização proletária (como foi definido por Yara Aun Khoury há quase vinte anos)[1], eles estavam agindo dentro de um contexto no qual, como tentarei mostrar mais adiante, em muitos setores operários e artesãos politizados (incluindo alguns dos trabalhadores que estavam participando do protesto) esperava-se que esta greve, aparentemente episódica, se transformasse num movimento grevista e sindicalista bem mais sucedido e vasto.

A historiografia do movimento operário brasileiro, de fato, sempre concordou sobre o fato que a greve geral paulista de 1917 tenha representado um ponto de divisão entre um período de desorganização sintomática das associações sindicais e um no qual tais associações amadurecem uma estrutura consistente, uma rede de grupos mais sólida, que passa a desenvolver uma ação que se torna evidente também aos olhos da classe dirigente brasileira, que até aquele período tinha encarado a questão social urbana em São Paulo como um fato de ordem pública relativo a uma população imigrada que não tinha se inserido nos padrões da imigração subsidiada para o complexo cafeeiro.

Quase ninguém pôs em dúvida o papel basilar e fundador para o desenvolvimento que se seguirá do movimento operário e das lutas trabalhistas em São Paulo, representado pela greve geral (e mais: pelas greves) de 1917[2].

---

[1] Yara Aun KHOURY, *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo, Cortez - Autores Associados, 1981.

[2] Marco Aurélio GARCIA e Michael HALL, "Urban Labor", in: D. ALDEN e Warren DEAN (ed), *Essays concerning the socioeconomic history of Brazil and Portuguese India*. Gainesville, University of Florida Press, 1977; Paula BEIGUELMAN, *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo, Símbolo, 1977; Boris FAUSTO, *Trabalho urbano e conflito social. 1890-1920*. Rio de Janeiro – São Paulo, Difel, 1978; Francisco FOOT HARDMAN,– Victor LEONARDI, *História da indústria e do trabalho no Brasil*. São Paulo, Global,

Estabelecido que este movimento representou a conclusão de um período e o início de um outro, surgiu todavia alguma discordância em torno de sua natureza. Foi um movimento espontâneo, ou não? Nasceu pela pressão da carestia da vida daqueles anos de 1915-1917, limitando-se a uma simples explosão de raiva pelo não atendimento de seus pedidos no fundo moderados, ou foi o ponto final (naquele momento) de um processo de reorganização do movimento operário paulistano que vinha desde algum tempo? Qual foi, se existiu, o papel dos grupos políticos que depois formaram o *Comitê de Defesa Proletária* que tomou a liderança da greve: eles se limitaram a inserir-se no movimento uma vez que este desencadeou uma série de greves, ou impulsionaram o movimento desde o início?

O debate, consequentemente, ficou sempre em torno da verificação do grau de espontaneidade da greve de 1917, tentando com isso compreender também quais relações tinham-se estabelecido entre uma massa de grevistas que chegou a cerca de 50.000 pessoas (numa cidade que na época contava com 400.00 habitantes) e os militantes que depois participaram como lideranças do movimento e sofreram, por isso, em breve tempo, processos de expulsão e as mais variadas ações de repressão.

Dificilmente, de fato, poderemos negar a importância (como o fator mais importante na determinação dos rumos do protesto) do papel desempenhado pela crise econômica que se alastrava na cidade de São Paulo naquele momento. Assim como a ausência de uma rede organizativa também entre os empresários paulistanos (grandes e pequenos) deve ter determinado uma certa lentidão em atender aos pedidos de operários enfurecidos por uma

---

1982; Sheldon Leslie MARAM, *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979; Maria Célia PAOLI, "São Paulo working-class and its representations. 1900-1940", *Latin American Perspectives*, 14/2, 1987. Do início dos anos noventa sã as intervenções de Joel Wolfe e John French sobre a greve de 1917 na revista *Hispanic American Historical Review*, vol. 71, n. 4, november 1991 (Joel WOLFE, "Anarchist Ideology, Worker Practice: the 1917 General Strike and the Formation of São Paulo's Working Class", pp. 809-846; IDEM, "Response to John French"; John D. FRENCH, "Practice and Ideology: a cautionary note on the historian's craft", pp. 847-855).

inflação diária nunca vista até aquele momento e portanto uma inaptidão para compreender a necessidade de fornecer uma plataforma comum de contra-propostas viáveis para as comissões grevistas que iam-se formando.

Todavia, muitos outros fatores deveriam ser levados em conta para explicar um movimento que em pouco tempo atingiu dimensões tão amplas e que de fato obteve o reconhecimento de quase todos os seus pedidos, graças ao fato de apresentar, dentro de algumas semanas, uma proposta de reivindicação concordada em geral por todas as categorias. Igualmente, a formação de lideranças durante a greve de 1917, capazes de coordenar todo o movimento, é um fato indiscutível, que ainda hoje deve ser compreendido em todas as suas implicações, uma vez que lideranças sindicais (provenientes ou não do seio dos setores operários) como as que coordenaram o movimento de junho e julho de 1917, não podem ter surgido do nada, nem eram simplesmente "emprestadas" ao movimento, embora impulsionadas pelo tamanho das forças operárias em campo.

As reflexões, portanto, em torno da espontaneidade do movimento de 1917, tentavam compreender até que ponto o contexto paulistano daquele período podia permitir a formação de organizações estáveis do movimento operário, além das minorias anarquistas que depois apareceram como os mentores de todo este movimento, o que fundou o discurso da preponderância anarco-sindicalista no movimento operário paulista, como símbolo de sua fraqueza e ao mesmo tempo como sinal de seu fundamental espontaneísmo. O corolário (ou demonstração) deste espontaneísmo devia ser a própria desorganização do movimento sindical paulista, a sua distância de uma expressão política (ao menos no nível local), a proveniência estrangeira da maioria dos trabalhadores em fábricas e oficinas, e a sua ocasional liderança anarquista nos momentos de greve ou protesto (exatamente porque os

anarquistas eram considerados supostamente contrários a organizações sindicais estáveis e internamente estruturadas e às greves parciais)[3].

Alguns trabalhos, todavia, já apontaram como, pouco antes que a greve se tornasse geral, tinha começado um trabalho de organização prévio (da greve e ao mesmo tempo das organizações sindicais) que depois acompanhou o resto das manifestações grevistas e formou novamente, após cinco anos de ausência, uma federação operária em São Paulo.

Bóris Fausto, por exemplo, ao analisar o desenvolvimento da greve de 1917, embora não negando o seu caráter geralmente espontâneo, destaca como a *Liga Operária da Moóca* e a *Liga Operária do Belenzinho* começaram um trabalho de coordenação da greve antes que essa se transformasse em greve geral, e estiveram na base do processo de reorganização de todo o movimento sindical pelo menos a partir do início de junho de 1917[4].

Ao longo dos últimos anos, excetuando a seleção de textos de Yara Aun Khoury[5], nenhum trabalho monográfico foi dedicado exclusivamente à greve de 1917, embora este movimento tenha sido tratado em inúmeras obras de história do movimento operário brasileiro, como já foi acenado. Mais recentemente, todavia, Christina Roquette Lopreato dedicou sua tese de doutorado somente à análise deste movimento. Diferentemente de parte da historiografia que a precedeu, Christina Lopreato foi mais adiante na determinação de mostrar o papel desenvolvido pelos anarquistas na organização da greve, em primeiro lugar pelos próximos ao sindicalismo e que participavam do grupo do jornal *A Plebe*, de Edgard Leuenroth[6]. Na linha traçada pelo trabalho de Cristina Hebling Campos (1988)[7], Christina

---

[3] Sobretudo em Sheldon Leslie MARAM, *op. cit.*
[4] Boris FAUSTO, *op. cit.*, pp. 202-205.
[5] Yara Aun KHOURY. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*, São Paulo, Cortez - Autores Associados, 1981.
[6] Christina da Silva Roquette LOPREATO, *O espírito da revolta (a greve geral anarquista de 1917)*, Campinas, Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

Lopreato define a greve geral de 1917 como anarquista, após uma análise de seu desenvolvimento e de suas caraterísticas e finalidades, tanto no que se refere à dinâmica da greve em si, como às organizações operárias que surgiram antes e paralelamente à greve.

Criticando a idéia da simples inserção dos anarco-sindicalistas no movimento grevista de 1917, ela propõe que o processo de autoconstituição das organizações operárias dentro de um movimento de reivindicação impulsionado pela situação econômico-social do momento, surgiu "como efeito de um imenso trabalho conjunto de propaganda e de ação das correntes anarco-comunistas e anarquista-sindicalista" que tornou possível a "operacionalização política da ação direta"[8].

O discurso da espontaneidade das greves de 1917, todavia, remonta em grande parte às considerações que naquele momento e posteriormente foram expressas pelos próprio líderes participantes da greve, assim como por parte da grande imprensa (*O Combate, Fanfulla, O Estado de São Paulo*), que conservou uma postura de simpatia e apoio aos grevistas.

Em 1966, por exemplo, foi o próprio Edgard Leuenroth, que da greve geral de 1917 foi um dos principais organizadores, que numa carta ao *O Estado de São Paulo* sublinhou que a greve "foi um movimento espontâneo do proletariado [..] uma manifestação explosiva conseqüente de um longo período de vida tormentosa que então levava a classe trabalhadora"[9].

---

[7] Cristina Hebling CAMPOS, *O sonhar libertário. Movimento operário nos anos de 1917 a 1921.* Campinas, Pontes, 1988.
[8] Christina da Silva Roquette LOPREATO, *op. cit.*, p. 18.
[9] Citado em Michael HALL e, Paulo Sérgio PINHEIRO, *A classe operária no Brasil. Vol. I.* São Paulo, Alfa Omega, 1979, p. 227.

Todavia, seria necessário limitar um pouco o raio de aplicação deste argumento, pensando no fato que, como aconteceu com a atitude tomada pelo *Fanfulla*, o apelo à espontaneidade do movimento por causa de uma situação econômica de fato insuportável, fazia parte de uma estratégia que visava enfraquecer os empresários que gozavam do apoio quase incondicional do aparelho repressivo das várias delegacias policias de bairro. O apelo a motivações unicamente econômicas e não político-sindicais era a arma usada também pelos grevistas frente à repressão policial que estava direcionada a impedir o movimento reprimindo-o não somente nas praças, mas atacando diretamente aqueles que eram considerados seus líderes, individualmente (nas casas como nos grêmios que iam-se formando).

De forma geral, o ano de 1917 foi caraterizado mundialmente por toda uma série de protestos, motins e greves sem precedências, cujo evento máximo foi (como todos sabemos) a Revolução Soviética, momento ligado exatamente a processos de organização sindical e política, no qual misturavam-se fenômenos de autoconstituição e de direção externa das organizações operárias, mas que surgiam de um estado de revolta aberta além da luta contratual entre empresários e trabalhadores normalmente praticadas.

Todos estes movimentos próximos à revolta urbana estavam diretamente ligados a uma conjuntura econômica causada pelo prolongamento da guerra, da qual não se via o fim: inflação, perda do poder de compra, miséria acentuada pela carestia, foram caraterísticas experimentadas não somente pelas classes trabalhadoras que deram vida aos soviets de S. Petersburgo, nem portanto somente pela população operária paulistana, mas

caracterizaram todo o ano de 1917 em muitos países diretamente ou indiretamente envolvidos na Primeira Guerra Mundial[10].

Sem aprofundar mais o argumento, talvez seja necessário somente um aceno a um movimento grevista que têm muitas semelhanças com o de São Paulo, e que aconteceu um mês depois, em agosto de 1917, na cidade italiana de Turim. Também numa cidade como Turim, na qual o movimento operário não podia com certeza ser chamado de desorganizado, e que durante a parte mediana da guerra atravessava um período de intensíssima produção (como o caso de São Paulo), as greves e protestos de agosto de 1917 tiveram características deste tipo: grande mobilização das mulheres operárias ou de famílias operárias, greves para um melhoramento das condições de trabalho além de para um aumento salarial, assaltos a moinhos e padarias, embate violento com a polícia e depois com o exército. Também no caso de Turim, é evidente o poder de pressão exercido pela piora das condições de vida e de trabalho (alto custo dos bens associado a um aumento extremo da carga horária) para que a greve explodisse fora dos padrões de reivindicação salarial típicos dos anos anteriores e se transformasse brevemente em revolta espontânea e violenta.

Foi uma revolta muito mais espontânea do que organizada, cuja imediatez e intensidade surpreendeu os próprios dirigentes socialistas da *Camera del Lavoro*. Tratou-se todavia de operárias e operários acostumados com greves sindicais nas quais o carisma na mediação, e na liderança, de seu representantes sindicais da *Camera del Lavoro* era notável e dificilmente discutível. Todavia, naquele agosto de 1917 a força da carestia da vida era

[10] Ver, entre outros, *Strikes, Social Conflict and the First World War. Annali Fondazione Feltrinelli. 1990-91*, Milano, Feltrinelli, 1991; Eric J. HOBSBAWM, Era dos extremos. O breve século XX, 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 66-71; Giovanna PROCACCI, Dalla rassegnazione alla rivolta. Mentalità e comportamenti popolari nella grande guerra. Roma, Bulzoni, 1999;

tão profunda que nem a militarização do trabalho instituída na Itália em guerra, nem as iniciativas dos maiores organizadores sindicais ou políticas do PSI (entre os quais, vale a pena lembrar, estava Antonio Gramsci), não podia diminuir o caráter espontâneo daquela greve, assim como seu caráter insurrecional. Mas também não devemos pensar que o movimento tenha-se desenvolvido sem levar em consideração a propaganda efetiva realizada pelos organizadores sindicais contra a situação criada pela guerra e nem sem levar em conta o papel organizativo que estes mesmo dirigentes após alguns dias de completa anarquia desenvolveram durante o motim[11].

Hobsbawm também nos lembra como a Revolução de Fevereiro de 1917 na Rússia começou quando uma demonstração de operárias coincidiu com uma *serrata* das fábricas metalúrgicas Putilov (onde também trabalhavam muitas mulheres por causa do envio à guerra de uma parte dos operários) acabando por produzir uma greve geral com a invasão do centro da capital S. Petersburgo com a finalidade de pedir pão e farinha: quatro dias de revolta espontânea e sem direção política puseram fim a um império[12].

As semelhanças com a greve paulistana são evidentes, tirando o fato (obviamente importante para que a greve tivesse repercussões políticas) que as forças repressivas na Rússia se recusaram, no final, de intervir. Também em São Paulo a greve inicia-se somente em uma fábrica (o cotonifício Crespi) onde a resposta empresarial foi de fechar a fábrica (a *serrata*), a transformação desta greve localizada em greve geral, a associação aos pedidos de aumento salarial e diminuição de horas de pedidos mais urgentes de um controle dos

[11] Paolo SPRIANO, *Storia di Torino operaia e socialista*. Torino, Einaudi, 1972; CARCANO, Giacomo. *Cronaca di una rivolta. I fatti torinesi del 1917*. Torino, 1917.
[12] Eric J. HOBSBAWM, *op. cit.*, p. 67.

preços e distribuição igualitária dos bens alimentares, a invasão das áreas centrais da cidade, num período de confinamento dos trabalhadores nos bairros operários[13].

O espontaneísmo das greves e revoltas urbanas de 1917 foi uma constante, independentemente dos operários terem uma experiência organizativa profunda ou fraca: uma vez que a situação econômica era tão alarmante. Ao mesmo tempo, este espontaneísmo, ou melhor a presença da principal causa da greve representada pelas condições econômicas sempre piores, não era incompatível com a presença ativa no movimento de organizadores operários tanto no período anterior como no posterior e paralelo à greve. Neste caso, uma consideração de 1917 da *Camera del Lavoro* de Turim mostrava como, embora destacando a queda do número de filiados na federação sindical local (10.000 sócios na segunda cidade industrial italiana depois de Milão), sublinhava como em todas as agitações os operários em greve pediam a intervenção e assistência da *Camera del Lavoro*, também quando as greves não foram iniciadas sob direção dela[14].

Como no caso paulista de junho-julho 1917, também na Turim de 1917, ainda que o movimento grevista tivesse um alto grau de espontaneísmo, a intervenção de organizadores sindicais era imprescindível, assim como se nota que estes não surgiam do nada, mas eram os organizadores presentes nos estabelecimentos fabris, ou que freqüentavam o mundo operário em geral: em suma, eram conhecidos. Igualmente, como veremos, os organizadores que constituíram o Comitê de Defesa Proletária eram familiares à população operária paulistana. Até o tipo de repressão sobre tais líderes foi parecido.

---

[13] O *Fanfulla* do período junho-julho 1917 mostra bem o desenvolver-se deste processo.

[14] Adriano BALLONE, Claudio DELLAVALLE, Mario GRANDINETTI, *Il tempo della lotta e dell'organizzazione. Linee di storia della Camera del Lavoro di Torino*. Milano, Feltrinelli, CGIL, 1992. p. 64.

Os movimentos de protesto social de 1917 nos quais se juntaram greves reivindicativas e revoltas abertas, que se verificaram em muitas cidades européias e americanas, foram portanto caracterizadas por impulsos diferentes, tanto espontâneos como organizados, que coexistiam e que constituíram o pano de fundo destas agitações, cuja característica marcante foi a passagem da greve à revolta, sendo que o contexto econômico exasperava aquelas que teriam sido em outros momentos greves parciais.

Causas espontâneas e trabalho organizativo anterior estiveram na origem destes movimentos e acompanharam seu desenvolvimento, em alguns casos reconstruindo laços mais sólidos entre os trabalhadores e seus representantes nas organizações sindicais (como foi o caso da revolta de Turim) em outros retomando um caminho organizativo que tinha-se interrompido há algum tempo (como foi o caso paulistano).

Consequentemente, sem excluir a importância dos fatores econômicos há tempo detectados e que deram às greves paulistanas de 1917 um forte caráter de levante espontâneo, nas páginas que se seguirão mostraremos quais outros fatores, não ligados a uma reação espontânea à piora nas condições de vida e de trabalho, estavam atrás do surgimento deste movimento e depois do seu desenvolvimento, sobretudo na ótica do comportamento dos trabalhadores italianos neste movimento, sejam eles militantes ativos de grupos políticos ou somente trabalhadores que participaram da greve.

Em primeiro lugar, também aqueles historiadores que deram importância aos processo de organização imediatamente anteriores ao desenrolar–se da greve e que destacaram seu papel na formação das organizações sindicais paulistanas, deixaram de lado o papel desenvolvido pelos socialistas italianos neste movimento. No texto veremos, ao contrário, como, ainda que ofuscados por uma presença mais intensa dos anarquistas,

também os socialistas italianos foram ativos e sobretudo fundamentais para que o movimento de reorganização das ligas sindicais tomasse rumos um pouco diferentes dos pregados pelos propagandistas de tendência anarquista - sindicalista.

De fato, temos que destacar que os trabalhos que analisaram este movimento, talvez por considerar óbvia a presença majoritária de trabalhadores estrangeiros (e italianos em particular) no seu seio, não consideraram as dinâmicas relativas ao fato desta comunidade ser composta em grande parte por italianos. Sem pensar, por exemplo, que as greves começaram exatamente numa fábrica, a *Crespi*, cujo dono era italiano e que empregava (num total de 1.305 operários) 947 italianos, entre os quais somente 234 eram homens e o resto mulheres (225 menores de 22 anos e 223 maiores desta idade, e outras 243, crianças)[15].

Pelo contrário, a presença de um proletariado de origem italiana deve ter refletido no movimento todas as tensões que caracterizaram internamente a comunidade ítalo – paulistana, uma vez que a guerra na qual a Itália estava participando há mais de dois anos tinha reflexos imediatos em todas as comunidades de italianos no estrangeiro.

O estado de São Paulo, naquele momento, concentrava mais de 1.500 famílias italianas que tinham pelo menos um de seus componentes no front no norte da Itália. Mas, o que é mais importante para o nosso estudo, a solidariedade para com estas famílias baseava-se na rede tecida pelo *Comitato Italiano Pro-Patria* de São Paulo (composto na sua maioria pelos setores de classe média e empresarial da comunidade italiana), cujas listas de subscrição eram difundidas pelos contra-mestres nas fábricas diretamente entre os

[15] "Condições de trabalho na indústria têxtil no Estado de São Paulo". *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*. São Paulo, 1912.

operários[16]. A contribuição *pro-patria* foi com certeza uma das causas que desencadearam a greve, uma vez que afetava mensalmente o salário real cada vez menor destes trabalhadores: sobre sua voluntariedade as dúvidas são muitas, mas desaparecem quando verificamos que um dos pedidos dos operários italianos para voltar ao trabalho depois da greve era a recusa a serem obrigados novamente ao pagamento das subscrições em favor do *Comitato Pro - Patria*[17].

A relação contrastada destes operários italianos com as associações patrícias que apoiavam a guerra, se por um lado representava um fator de desentendimento (e portanto de desunião) com setores de artesãos ou comerciantes que poderiam ter sido simpáticos à causa da greve, por outro lado era um fator agregador nas reivindicações propostas durante a greve, funcionando como um núcleo de auto-reconhecimento dentro dos setores operários paulistanos.

Além disso, não podemos esquecer o papel desenvolvido pelo jornal *Fanfulla*, que se apresentava como porta-voz de toda a comunidade ítalo-paulistana, durante a greve geral: envolvendo os protestos de julho 1917 milhares de italianos, o *Fanfulla* foi, desde o início da greve, mas também antes, um ponto de referência para a difusão das atividades organizativas e de protesto que os trabalhadores iam desenvolvendo. A sua ação foi tão central (conjuntamente com *O Combate* de Nereu Rangel Pestana), que uma análise deste jornal é imprescindível para acompanhar, sobretudo do ponto de vista dos trabalhadores italianos envolvidos na greve, os eventos de julho de 1917[18].

---

[16] O *Fanfulla* dos anos 1915, 1916, 1917 e 1918 publicava quase diariamente as listas de subscrição do *Comitato Italiano Pro-Patria*, das quais é possível verificar onde a lista era levantada e quem a controlava.

[17] Já no acordo sobre a greve na fábrica *Labor* (também de Rodolfo Crespi), aparece o atendimento deste pedido. "Agitazioni Operaie", *Fanfulla*, 24-6-17, p. 2

[18] Os artigos do *Fanfulla* de apoio às reivindicações dos operários apareciam diariamente já desde os anúncios de greve no *Lanificio De Camillis* no final de maio de 1917. Em agosto, após dois meses de campanha em prol dos operários, assim defendia sua posição: *"il giornale si occupa di discutere tutte le questioni che*

A dinâmica demográfica relativa aos trabalhadores italianos, também não foi muito explorada. De fato, acredito que não podemos enfrentar todas as questões envolvidas na greve de 1917 sem pensar que a especificidade desta greve, que a constitui como um marco em relação aos movimentos anteriores, está profundamente relacionada à estabilidade dos fluxos migratórios internos e externos ao estado de São Paulo, dos quais os italianos eram os maiores protagonistas.

De fato, mais do que sobre a frustração para com os desejos e as possibilidades de ascensão social não - realizáveis de muitos trabalhadores italianos imigrados em São Paulo, a atenção tem que ser posta sobre dois aspectos associados entre si: 1) a inserção definitiva na economia do trabalho urbano industrial ou artesão como a forma de renda mais importante de muitas famílias imigradas; 2) a fixação no território urbano causada por esta inserção e pela impossibilidade de voltar à Itália devido à guerra e à crise econômica que a precedeu.

Estes dois fatores são um reflexo de uma renovada estabilidade dos fluxos migratórios, inclusive dos internos, que caracteriza o período 1916 - 1917. A tendência à urbanização de muitos colonos italianos expulsos das fazendas de café aumentou consideravelmente nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial, quando centenas destas famílias do interior transferiram-se para São Paulo para trabalhar como marceneiros, operários industriais ou pedreiros, ocupando sobretudo qualificações secundárias com baixos salários[19]. Quando começou o período de desemprego, em meados de 1913, os primeiros a serem demitidos foram exatamente estes trabalhadores. Entre 1913 e 1916, o

---

possono interessare il milione e mezzo di italiani che vivono in questo Stato, che danno i contributi del loro lavoro, della loro attività, della loro intelligenza, che pagano i contributi fiscali, che sono quindi condannati a subire le ripercussioni delle imprevidenze o delle negligenze delle autorità", "Pane... anarchico", *Fanfulla*, n. 4-8-1917, p. 4.

Departamento Estadual do Trabalho, através de sua agência oficial na Hospedaria, enviou gratuitamente de São Paulo para o interior, para trabalhos agrícolas, mais de 40.000 pessoas sem ocupação, precedentemente vindas do interior para a cidade nos anos entre 1910 e 1912[20].

Interrompido o êxodo do campo para a cidade de São Paulo e revertido o processo anterior de urbanização, diminuídas consideravelmente por causa da guerra as entradas da Itália e as saídas de italianos para a sua terra[21], o panorama relativo aos italianos imigrados na cidade de São Paulo apresentava-se bastante estável no ano de 1917, quando os níveis de produção recuperaram os anteriores a 1913. Vale a pena lembrar, inclusive, que a maior parte da comunidade de italianos na cidade de São Paulo continuou a formar-se também ao longo do período 1902-1913, usualmente considerado como o período de refluxo da imigração italiana no Brasil. Enquanto os imigrantes camponeses do norte da Itália, proibidos de emigrar com a passagem subsidiada a partir de 1902 quase não se dirigiram mais ao Brasil, a formação do caráter *meridionale* da comunidade ítalo - paulistana remonta exatamente ao período seguinte ao ano de 1902, uma vez que os italianos do sul continuaram a emigrar para São Paulo à procura de ocupações urbanas. Mas a partir de 1913-1914, também este fluxo terminou definitivamente[22].

Esta estabilidade temporária das famílias foi observada, exatamente em função dos acontecimentos de 1917, pelo anarquista italiano Gigi Damiani, que declarou como a intensidade do movimento de organização entre os anos de 1917 a 1919 em São Paulo deveu-se, segundo ele, ao fato das famílias ter começado construir uma vida em São Paulo

---

[19] "L'azione dell'ufficio statale del lavoro", *La Rivista Coloniale*, n. 2, 28-2-1917, p. 15

[20] ibidem.

[21], Angelo TRENTO, *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo, Nobel, 1989, p. 57-65. *Boletim Estadual Trabalho*, nos números de 20 a 26 de 1916, 1917 e 1918.

sem pensar em voltar mais para a Itália. Segundo Damiani, isso teria proporcionado um investimento maior na construção de organismos de defesa de suas condições de vida e de trabalho no Brasil[23].

Seja o que for, a estabilidade dessa massa imigrante que constituía o núcleo maior dos trabalhadores de fábrica e oficinas em São Paulo, é um fator que teve a sua importância na determinação da greve geral como um momento inicial e não como uma explosão isolada devida à crise econômica: um momento em que foram postas as bases da construção de organizações sindicais mais estáveis no âmbito paulistano. De fato, a formação das ligas operárias por bairro, reflete esta estabilidade, uma vez que a paralisação (ou diminuição) dos fluxos migratórios internos e externos em São Paulo só podia favorecer uma sociabilidade mais intensa e estável nos bairros operários que cercavam o centro da cidade.

[22] ibidem
[23] Luigi DAMIANI, *I paesi nei quali non si deve emigrare. La questione sociale nel Brasile*. Milano, Edizioni di *Umanità Nova*, 1920.

6.2

AS ATIVIDADES DE PROPAGANDA DE ANARQUISTAS E SOCIALISTAS ANTERIORES À GREVE: ENTRE VÁRIOS DESENTENDIMENTOS, AS ORIGENS DE UMA ORGANIZAÇÃO POR BAIRROS.

A origem da estrutura da futura *Federação Operária de São Paulo* que será criada em agosto de 1917, após os eventos da greve geral e após um trabalho de organização que os acompanhou, deve ser procurada na ação desenvolvida pelos grupos socialistas e anarquistas de São Paulo, ainda que estes últimos tenham desempenhado até a eclosão das primeiras greves, um papel mais atuante no sentido da organização propriamente sindical.

À procura de retomar os fios perdidos da organização sindical desde as tentativas de aliança em 1914-1915 para formar um amplo *blocco rosso* (como atuação paulista da estratégia experimentada por grupos similares na Itália após os fatos de Ancona), os anarquistas e socialistas de São Paulo tentavam há tempos encontrar os modos apropriados para inserir sua ação dentro de um contexto no qual os descontentamentos entre os trabalhadores eram sempre mais evidentes. O período de desemprego (1913-1914), tinha desaparecido, deixando no seu lugar, graças a uma fase de substituição forçada de parte das importações e até de exportação de bens produzidos em São Paulo, um período de alta de preços e ao mesmo tempo de intensificação da carga horária de trabalho nas fábricas[24].

[24] Warren DEAN, *A industrialização de São Paulo. 1880-1945*. São Paulo, DIFEL, 1971, pp. 94-114. Segundo DEAN, mais que um aumento de produção em relação ao período anterior a 1913, houve uma retomada dos níveis produtivos de 1909-1912 graças à utilização intensissima do parque de máquinas até aquele momento disponível. Por causa da guerra, a importação de maquinários era mínima e portanto os operários, para enfrentar o aumento de produção exigido naqueles anos, e não podendo as fábricas aumentar seu número de máquinas, foram obrigados a trabalhar muito mais intensamente em turmas que sucediam-se ao longo de um dia inteiro. A situação era bem diferentemente à dos anos 1913-1914, quando a maioria dos estabelecimentos fechava periodicamente por dois ou três dias durante a semana.

As ações dos grupos socialistas e anarquistas frente a esta situação e com o objetivo de reconstruir o mundo organizativo sindical paulistano foram em parte diferentes.

Os socialistas italianos, exatamente pelo fato de serem um grupo praticamente mono - nacional, dedicaram-se com mais intensidade à campanha chamada *Il patriottismo di lor signori* e mais tarde, em fevereiro-março de 1917, *La cuccagna patriottica di lor signori*. Esta campanha, baseada numa coleta de dados recolhida através de operários especializados que trabalhavam em algumas fábricas, por funcionários da administração complacentes, e também pela análise dos balancetes publicados nos boletins da *Camera Italiana di Commercio di San Paolo*, tentava mostrar o nível de enriquecimento alcançado pelos empresários italianos de São Paulo graças à guerra.

Mais especificamente, esta atividade era direcionada a por em choque, dentro da comunidade italiana, os grupos que na guerra tinham um evidente interesse (econômico ou de prestígio dentro da própria comunidade) com os que a apoiavam como reflexo de suas fidelidades nacionais, em suma, a por em contraste o nacionalismo mais politicamente estruturado de alguns, com o patriotismo da maioria, presente este último sobretudo entre as camadas populares italianas imigradas e os artesãos e operários especializados.

Mas sobretudo, esta campanha visava por em crise, dentro das fábricas, o sistema de coleta das listas de subscrição que vinha há algum tempo sendo feita pelo *Comitato Italiano Pro Patria* através de seus sub-comitês de bairro. A mira dos socialistas italianos era portanto mostrar aos operários como, enquanto seus empresários ganhavam da bandeira da italianidade e do apoio à guerra um retorno econômico notável, eles, que eram obrigados também a contribuir para o *Comitato Pro-Patria*, ganhavam disso somente uma diminuição

ainda maior de seus salários que dia após dia eram comidos por uma inflação nunca vista[25].

A coleta de dados acerca do enriquecimento dos empresários italianos funcionava com um certo sucesso, uma vez que mostrava dados normalmente desconhecidos ao grande público[26]. Em março de 1917, os socialistas italianos podiam mostrar já dados de balancetes relativos a algumas das maiores empresas de italianos em São Paulo, no período 1914-1916. Por exemplo, era sublinhado como a Companhia Puglisi (proprietária do Moinho Santista, da União dos Refinadores e da Manufactura de Chapéus) tinha duplicado seus lucros em 1915 em relação ao ano anterior[27]. Igualmente, somente para fazer mais um exemplo, o Cotonificio Crespi da Moóca que em 1914 tinha um lucro de 196 contos de réis, fechava o ano de 1915 com um lucro de 349 contos[28].

De fato, os socialistas italianos souberam reconhecer a importância da situação de tensão interna às fábricas paulistanas por causa da arrecadação ao *Comitato Italiano Pro Patria*, que estava chegando a um momento de resolução: o valor explosivo desta questão

---

[25] Em São Paulo, considerando 100 o índice dos preços em 1914, este subiu para 108,5 em 1915 e para 128,3 em 1917. Warren DEAN, *Op. cit.* p. 101. No entanto, o indíce dos salários (sempre considerando 100 o relativo a 1914) permanecia 100 em 1915 e passava somente a 107 em 1917, Paulo Sérgio PINHEIRO, "O proletariado industrial na Primeira República";, Boris FAUSTO (org), *História geral da civilização brasileira. tomo III, vol.2.* Rio de Janeiro - São Paulo, Difel, 1978, p. 147.

Mais que os índices são as palavras do *Fanfulla* que esclarecem a situação: o jornal calculava que boa parte dos alimentos tinham aumentado de até 200-300% respeito ao ano de 1916. ("Il malcontento delle classi operaie va aumentando", *Fanfulla*, n. 8-7-1917, p 4). Em junho de 1917 notava que o salário médio diário de um tecelão comprava metade do que comprava alguns meses antes. ("La grave situazione operaia al cotonificio Crespi", *Fanfulla*, n. 27-6-1917, p. 4). Enfim, sempre no *Fanfulla* destacava-se que, durante a greve de julho 1917, enquanto os operários ficavam sem receber, o saco de farinha passava dos 30$ooo aos 40$ooo. ("Il Comitato di Difesa Proletaria all'opera", *Fanfulla*, n. 1-8-1917, p. 4).

[26] "Il patriottismo di lor signori". *Avanti!*, 2ª serie, nn. 139 - 143, 10-3-1917 a 21-4-1917.

[27] No conselho dos acionistas (8 pessoas) da Manufactura de Chapéus, Nicola Puglisi teria afirmado que o estado de guerra teria salvado a sociedade da falência, e de fato, se em 1914 o balancete desta empresa estava em perda, já durante os primeiros meses de 1916 conseguia um lucro de 117 contos. "La cuccagna patriottica di lor signori", *Avanti!*, 2ª serie 139, 10-3-1917, p. 1

[28] "La cuccagna patriottica di lor signori", *Avanti!*, 2ª serie, n. 139, 10-3-1917, p. 1. No mesmo artigo são apontados os casos da Fábrica de Chapéus de Serricchio e Pepe, da Companhia Fabril Pinotti - Gamba, da fábrica de perfumes de Vincenzo Comodo, da Indústria de papéis e cartonagem dirigida por Nicolino Matarazzo (o ex-policial que participou das repressões de 1898-1904 aos grupos socialistas e anarquistas italianos), da Companhia Mechánica e Importadora de Alessandro Siciliano.
Vincenzo Comodo, por exemplo, que em 1914 beirava a falência porque os bancos impediram-lhe novos créditos, com os primeiros meses de guerra de 1914 passava a um lucro de 7 contos e em 1915 a um de 41.

tornou-se claramente evidente quando as primeiras greves parciais no início de maio de 1917, após alguns meses da campanha socialista contra o patriotismo interessado dos empresários italianos, eclodiram com a palavra de ordem da abolição das contribuições à guerra[29]. Também a redação de *Guerra Sociale*, o periódico anarquista de língua italiana, punha em evidência como as simpatias patrióticas de muitos trabalhadores italianos do final de 1916 tinham-se revertido após a compreensão que frente ao seu empobrecimento, a guerra só tinha trazido melhorias para os donos (patrícios) das fábricas nos quais trabalhavam: e notava-se como o despertar do movimento operário iniciava com o pedido de abolição das taxas pro-pátria dentro das fábricas[30].

De fato, havia sinais inegáveis do desinteresse dos empresários italianos com seus próprios empregados patrícios, como por exemplo a participação na Itália de Francesco Matarazzo na organização do *Ente Autonomo dei Consumi di Napoli e Provincia* no final de maio de 1917. Naquela ocasião, enquanto a população de origem napolitana de São Paulo (em boa parte concentrada na Moóca)[31], sofria os efeitos do aumento dos preços diariamente, Matarazzo figurou entre os maiores financiadores, através do Banco di Napoli, para a criação do fundo desta nova instituição que se devia ocupar de comprar alimentos para a população napolitana afetada pela guerra. Em troca, Matarazzo conseguiu armar uma operação financeira de cerca de 6 milhões de liras da época para renovar suas indústrias, e mais a sua candidatura a ser o próximo conde italiano na América do Sul (o outro de

---

[29] *Avanti!*, 2ª serie, n. 145, 5-5-1917 e n. 146, 12-5-1917; "Cronaca Cittadina", *Fanfulla*, 22, 23 e 25-5-1917.
[30] "L'ora dei lavoratori", *Guerra Sociale*, n. 47, 12-5-1917.
[31] Veja por exemplo a abundância de sobrenomes da região italiana da Campania (como Capuano, Salerno, Santoro) entre os operários têxteis e os operários do setor de calçados que povoavam a Moóca, tanto nas listas de subscrição para o *Comitato italiano Pro-Patria* (*Fanfulla*, série de maio-junho de 1917, como para as listas mais antigas, em 1901, de constituição do Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos em "Sottoscrizioni", *Avanti!*, n. 41, 27-7-1901 e 42, 3-8-1901,

origem burguesa, e único, era o ítalo-portenho Devoto), nomeação que chegou pontualmente no início de julho daquele ano de 1917[32].

A pressão sobre os operários das indústrias Matarazzo por causa da guerra tornava-se evidente também de outras formas, que, como no caso das subscrições dentro do estabelecimento, mostravam como agia o poder interno dos contramestres ou de alguns gerentes.

Em abril de 1917, por exemplo, tentando desfrutar a tensão acumulada por causa da crise econômica, os gerentes de vários estabelecimentos das Indústrias Matarazzo concederam um dia de folga aos operários com a promessa que participassem de uma manifestação de apoio à guerra: protesto durante o qual, de fato, a sede do *Diario Allemão* foi assaltada por uma multidão composta em boa parte por trabalhadores italianos[33]. Manifesta era a intenção de reverter contra algumas entidades alemãs um descontentamento difuso entre os operários, uma vez que nos meses anteriores, a prática de conceder folgas sob condição de participar de manifestações de apoio à Itália em guerra ou em prol da entrada em guerra do Brasil não era comun: ainda mais suspeita fica a sua espontaneidade se pensamos que a manifestação de abril de 1917 acontecia num período em que as fábricas paulistanas funcionavam *a todo vapor,* fato, aliás, que aumentava a tensão dentro dos estabelecimentos por causa do aumento enorme da carga horária[34].

Antes de prosseguir na análise da atividade dos socialistas italianos contra o setor empresarial italiano da cidade de São Paulo, seria necessário aqui abrir um parêntese sobre o funcionamento do *Comitato Italiano Pro-Patria* dentro das fábricas.

---

[32] "Una patriottica offerta del conte Matarazzo", *Fanfulla*, 8-7-1917, p. 5 e "Il re d'Italia ha conferito il titolo di conte al comm. Francesco Matarazzo, *Fanfulla*, 3-7-1917, p. 4.
[33] "Dopo le manifestazioni guerraiole di S. Paolo", *Avanti!*, n. 142, 21-4-1917 p. 2-3.
[34] Ibidem.

Através de um estudo do *Fanfulla* foi possível determinar com mais detalhes a atividade capilarmente desenvolvida por este comitê nas fábricas, mostrando como as denúncias dos socialistas italianos não eram uma invenção propagandista, mas uma ulterior demonstração de como estavam estruturadas internamente nas fábricas as relações de poder, sobretudo no que se refereia à relação entre mestres, contramestres e operários, relacionamento que naquele período passava também pela postura e pelo grau de adesão aos ditames nacionalistas.

O *Comitato Italiano Pro Patria* era, desde maio de 1915 (entrada da Itália na guerra), estruturado por sub-comitês de bairro. Uma análise das diretorias destes sub-comitês e das participações de famílias às suas festas de contribuição mostra como a maioria de seus integrantes fosse composta por pessoas ligadas aos empresários ítalo - paulistanos, normalmente tratando-se dos gerentes dos estabelecimentos fabris, em alguns casos com a participação direta de alguns empresários, como Nicola Serricchio ou Gaetano Pepe. Quando apareciam nestas listas nomes de empresários paulistanos, tratava-se, todavia, quase sempre de empresários que possuíam fábricas de médias dimensões: os grandes como Matarazzo e Crespi, Puglisi e Siciliano, mandavam com mais freqüência seus gerentes, entre os quais destacamos, por exemplo, a grande atividade de Ermelino Matarazzo, gerente de algumas fábricas da família, ou a atividade de Franesco De Vivo, presidente do *Sottocomitato Pro-Patria* da Consolação, cuja ocupação era a de gerente da maioria das indústrias Matarazzo e de administrador do Hospital Umberto I. Em geral, as comissões diretivas dos *sottocomitati* de bairro incluíam também toda uma série de

profissionais liberais (sobretudo médicos, contadores, gerentes de seções de fábricas, engenheiros ou técnicos)[35].

Comparando algumas listas de subscrição com os nomes de operários ou operárias, estes mesmo nomes não aparecem entre os organizadores ou participantes ativos das atividades paralelas organizadas pelos *Comitati Italiani Pro Patria* de bairro.

Uma seção importante do *Comitato Italiano Pro Patria* central era representada pelo *Comitato Italiano Pro Patria* feminino, que se ocupava da arrecadação do dinheiro para a Cruz Vermelha Italiana e de organizar quermesses e campanhas específicas de coleta de dinheiro em prol do *Comitato Italiano Pro Patria* central (como a campanha *Pro goccia di latte*, para comprar leite para as famílias paulistanas que tinham soldados na Itália): as moças de boa família da comunidade ítalo - paulistana dominavam a organização deste comitê, cuja presidente era a senhora Puglisi auxiliada pela filha do ex-cônsul geral de São Paulo, Adele Dall'Aste Brandolini[36].

O *Comitato Italiano Pro Patria* de São Paulo, uma vez coletado o dinheiro mensalmente, enviava-o ou para a Cruz vermelha Italiana ou para o *Comitato Italiano Pro*

---

[35] Quase todos os números do *Fanfulla* apresentam, no período 1915-1918, listas de subscrições e relatos das atividades desenvolvidas pelo *Comitato Italiano Pro Patria* central e pelos de bairro. De qualquer forma, mostramos aqui a diretoria do *Sottocomitato da Consolação*, o mais ativo da cidade, em agosto e 1917: Francesco De Vivo (presidente), Giuseppe Perrone (vicepresidente) Luigi Perroni (tesoureiro) Raffaele Perrone e Giulio Romeo (secretários), dott. Francesco Mastrangioli, Giuseppe Perroni, Biagio Alario, Ernesto Giuliano, Francesco Perroni, Raffaele La Torre, Nicola Rea, Giuseppe Romeo, Vincenzo Rosati, dott. Nicolino Pepi, dott. Vittorino Carmine Romano, dott. Valentino Sola, Luigi Minervini, Matteo Bei Favilla Lombardi, Antonio Di Franco, Aleardo Borin, Alfonso La Regina, Ing. Giuseppe Sacchetti. ("Il sottocomitato della Consolazione all'opera", *Fanfulla*, 6-8-1917, p. 4).
Todos eles estavam presentes de vários modos também nas associações recreativas italianas expressão dos setores empresariais de origem italiana de São Paulo, como o Clube Esperia (ver "Circoli e Società", *Fanfulla*, 7-6-1916, 12-4-1917; 10-5-1917 e 12-10-1917), ou de beneficência como o hospital Umberto I (*Fanfulla*, 13-5-1917; 3-6-1917). Obviamente, alguns deles faziam parte também da diretoria da Camera Italiana di Commercio ed Arti (por exemplo, "Camera Italiana di Commercio ed Arti. Elezioni", *Fanfulla*, 5-8-1917,)

[36] A condessa Adele Dall'Aste Brandolini casou com o engenheiro Attilio Matarazzo exatamente durante a greve geral, no dia 17 de julho de 1917, com festas na mansão do Francesco Matarazzo ("Nozze Matarazzo – Brandolini", *Fanfulla*, 18-7-1917). Desta festa existe uma documentação filmada, conservada no Arquivo

Patria geral em Roma, mas uma boa parte do dinheiro era utilizada para comprar bens alimentares e roupas para as 1.500 famílias ítalo-paulistanas que tinham parentes prestando o serviço militar na guerra.

Cada *Comitato Italiano Pro Patria* de bairro difundia as listas para que seus componentes arrecadassem dinheiro em prol do comitê entre seus amigos nos locais de trabalho. Sendo muitos dos integrantes do *Comitato Italiano Pro Patria* gerentes ou contramestres em fábricas, difundiam mensalmente as listas entre os operários na cadeia de montagem ou nos armazéns.

O *SottoComitato Italiano Pro Patria* do Belenzinho e Penha, por exemplo, coletou no Cotonificio Crespi no mês de junho de 1917, mais de 820 mil-réis entre os operários da fábrica e 866 mil-réis entre funcionários, mestres e assistentes[37]. Sempre em junho, na Calçados Rocha, o gerente Gaetano Celentano organizou a coleta da dinheiro em prol da Cruz Vermelha Italiana entre os operários da fábrica[38], enquanto sempre no mesmo mês os operários da fábrica de chapéus Serricchio-Pepe, também através da coleta organizada pelos gerentes, contribuíam com 408 mil réis ao *Comitato Italiano Pro Patria*[39].

Nas fábricas de pequenas dimensões a coleta do dinheiro pro–patria era realizada diretamente pelo dono do estabelecimento, que normalmente trabalhava junto com seus operários: era o caso, por exemplo, da fábrica de cadeiras de Antonio Barone, da fábrica de Angelo Ferro, ou da de Anselmo Cerello[40].

Edgard Leuenroth da UNICAMP, que mostra como a festa coincidiu também com uma manifestação nacionalista italiana. Os dois noivos, de fato, eram ativistas do *Comitato Italiano Pro Patria.*

[37] "Sottocomitato Italiano Pro Patria Belenzinho e Penha", *Fanfulla*, 20-7-1917, p. 2. A lista foi publicada somente um mês depois, no momento em que as atividades grevistas iam diminuindo.

[38] "Comitato Italiano Pro Patria", *Fanfulla*, 19-6-1917, p. 5

[39] Idem, *Fanfulla*, 14-8-1917, p. 4

[40] Nestes casos a quantia da soma dada era precedida pelo nome do empresário seguido pelas palavras "e i suoi operai" ou "e operai": entre vários números ver "Comitato Italiano Pro Patria. Sottoscrizioni", *Fanfulla*, 12-6-1917, p. 5; 13-6-1917, p. 6; 2-7-1917, p. 3; 21-7-1917, p. 2; 14-8-1917, p. 2.

Em suma, a presença das ofertas dos operários italianos nos balancetes de subscrição em prol do *Comitato Italiano Pro Patria* era nos meses de abril, maio, junho de 1917, uma componente fundamental, como mostram as listas apresentadas pelo *Fanfulla* ao longo destes meses[41]. A recusa de continuar nos pagamentos destas taxas constituiu uma das condições *sine qua non* postas pelo operários em greve em junho-julho 1917 para voltar ao trabalho. Naquele dias o *Fanfulla* notava como o apoio financeiro dos operários era fundamental para o funcionamento do *Comitato Italiano Pro-Patria* "senza di esso – escrevia Serpieri, o diretor do jornal – la sua azione sarebbe ridotta"[42].

A campanha dos socialistas italianos contra o patriotismo interessado dos empresários ítalo-paulistanos fazia parte e continuava de uma forma mais concreta a campanha que o jornal *Avanti!* tinha iniciado já em 1914 contra a entrada da Itália na guerra e prosseguido depois com ataques aos que mais sustentaram a posição nacionalista. Os contínuos ataques às Indústrias Matarazzo, acusadas do fato que, enquanto a cada dia faziam profissão de fé anti-alemã, compravam de empresas alemães toda uma série de produtos necessários à sua produção, acabou no desaparecimento da faixa de propaganda

[41] Aqui em seguida apresentamos um exemplo de lista dos estabelecimentos cujos operários mais doaram dinheiro para o *Comitato Italiano Pro Patria* (o período é referente ao mês de junho e parte de julho de 1917): Fabbrica Melillo (1.000$); Cia Calçado Rocha; Companhia Mechanica e Importadora, Sezioni. Officina Meccanica, Agricola, Segheria, Fonderia, Fabbrica Chiodi e Viti (262$); Operai Canapificio Maggi; Cappellificio Serricchio-Pepe; Operai fabbrica calçados Melillo (915$), Tecelagem de seda Ítalo- brasileira (2:000$); Fábrica de tecidos bordados Lapa (300$), Sebastiano Sparapani ed operai (1:000$), Impiegati ed operai cappellificio Serricchio Pepe 761$, Companhia Mec. e Importadora (impiegati ed operai) (253$); Falchi, Papini e c. (impiegati ed operai) (363$), Operai Lanificio Fratelli Martari (194$), Indústrias Reunidas F. Matarazzo (2:000$); Fábrica de Tecidos Mariangela (2:130$), Fábrica de Tecidos Belenzinho (948$), Fábrica de Oleo (75$800), Fábrica de amido (105$), Depósito Mooca (257$), Cotonificio Rodofo Crespi (impiegati ed operai) (1:352$), Companhia Puglisi (1:618$)
("Comitato Italiano Pro Patria", *Fanfulla*, 7-8-1917, p. 2).

[42] "Gli operai ed il comitato Pro-Patria", *Fanfulla*, n. 30-7-1917, p. 3.

que o gerente das Indústrias, Francesco De Vivo, pagava na página de propagandas do *Avanti!*[43].

Esta atividade anti-nacionalista do *Centro Socialista Internazionale*, chegou ao seu ponto máximo no mesmo período em que surgia o *Comitê Popular de Agitação contra a exploração das crianças*. Na mesma semana de março de 1917, enquanto no *Avanti!* saía o artigo de seis colunas na primeira página que mostrava como as empresas ítalo-paulistanas tinham-se enriquecido com a guerra, o periódico anarquista *Guerra Sociale*, sempre na primeira página, anunciava uma reunião extraordinária do *Centro Libertario* para organizar a coleta de dados para denunciar a exploração de menores nas fábricas de São Paulo, no momento em plena atividade[44].

Também o grupo anarquista de *Guerra Sociale* e do *Centro Libertario* davam a esta campanha um acento direcionado a exasperar a tensão entre trabalhadores italianos e empresários patrícios, como mostra o manifesto publicado no início de Abril de 1917: *Agitazione contro la carestia della vita*, que acompanhava o manifesto específico contra a exploração das crianças. O manifesto terminava com o lema em letras maiúsculas: *"Lavoratori italiani, chi vi affama sono i grandi uomini della colonia. Ribellatevi! Conquistatevi il pane che vi é rubato!"*[45].

A iniciativa dos anarquistas tinha começado com um artigo apresentado no número 41 de *Guerra Sociale*, no qual era sublinhado como o enriquecimento das indústrias paulistanas daquele momento contava com a utilização de centenas de crianças no processo produtivo, numa medida muito maior que nos outros anos, pelo fato das empresas estarem

[43] "Il Patriottismo di lor signori", *Avanti!*, 2ª serie, n. 135, 3-2-1917, p. 2.
[44] "La cuccagna patriottica di lor signori", *Avanti!*, 2ª serie, n. 139, 10-3-1917, p. 1; "Avanti!", *Guerra Sociale*, n. 42, 10-3-1917, p. 1.
[45] *Supplemento al numero 45 di Guerra Sociale*, 10-4-1917.

num período de alta produção devido aos contratos de entrega de bens estipulados no período 1916-1917[46]. Com um olhar profético, o anarquista Gigi Damiani suspeitou que esta nova campanha de denúncia teria levado longe a ação dos anarquistas renovando-a e dando-lhe finalmente a força necessária para iniciar um processo de reorganização dos trabalhadores paulistanos[47].

Repercorrendo a experiência de junho-julho de 1914, quando imitando os mesmos processos desencadeados na Itália após os eventos de Ancona, os grupos anarquistas, socialistas e republicanos de São Paulo tinham tentado uma aproximação programática, a campanha contra a exploração dos menores tentou seguir os mesmos caminhos.

O *Comitê Popular de Agitação contra a exploração das crianças*, fundado no dia 4 de março de 1917, composto inicialmente somente por anarquistas, após uma assembléia na primeira semana de março já contava com o apoio do *Centro Socialista Internazionale*, do *Circolo Socialista di Agua Branca e Lapa*, do grupo socialista alemão, dos dois grupos republicanos italianos, do Sindicato dos Canteiros de Ribeirão Pires e de várias lojas maçônicas[48]. As formas e as modalidades através das quais se desenvolveu a ação do Comitê foram o prelúdio a uma antecipação de como se teria desenvolvido o processo de

---

[46] "Infanzia torturata", *Guerra Sociale*, n. 41, 3-3-1917, p. 1.

[47] Gigi.Damiani, "In cammino!", *Guerra Sociale*, n. 42, 10-3-1917, p. 1.

[48] Os fundadores do Comitê foram os anarquistas: Vincenzo Amodio, E. Pellegrini, José Prol, Evaristo Ferreira de Souza, A Colucci, Florentino de Carvalho, Claudio Fazioni, Arnaldo De Battista, João Langone, Antonia Soares, Encarnacion Mejia, Rosa Musitano, Edmondo Colli, Rafael Esteve. *Guerra Sociale*, n. 44, 31-3-1917.

Estes eram os grupos aderentes em março de 1917:
Centro Feminino Jovens Idealistas, Centro Libertário, Circolo Repubblicano IX Febbraio, Circolo Repubblicano Antonio Fratti, Comissão da Aliança Anarquista, Escolas Modernas n. 1 e 2, Grupo "Os Sem Patria" - Lapa, Gruppo Editore di Guerra Sociale, A Lanterna, Sindicato dos Canteiros de Ribeirão Pires, Sociedade da Escola Moderna de São Paulo, União Libertaria da Lapa, Loggia Guglielmo Oberdan, Grande Oriente Autonomo dello Stato di São Paulo, Allgemeiner Arbeiter Verein, Centro de Estudos Sociaes – Votorantim, Grupo Libertario de Jundiaí, Grupo Libertario de Baurú; Centro Libertário de Ribeirão Preto. *Guerra Sociale* n. 44, 31-3-1917 e n. 45, 10-4-1917, *supplemento*. Os grupos socialistas italianos não aparecem porque tinham-se limitado ao apoio, tendo retirado os próprios representantes alguns dias antes da

organização sindical de junho-julho 1917 e a greve geral, tanto no que se refere às forças que apoiaram a greve e mais em geral este processo de reorganização, assim como no que se referia à estrutura por bairro dos grêmios sindicais que surgiram posteriormente.

De fato, a atividade do Comitê foi baseada, além da coleta de informações sobre o trabalho infantil através da distribuição de formulários a operários nas fábricas e a associações, na realização de assembléias populares e comícios de protesto nos bairros operários de São Paulo[49]. Já no final de março tinham sido realizados comícios com a presença de um público numeroso de trabalhadores, no Bom Retiro, Lapa, Brás, Cambuci, Ipiranga e Belenzinho, com um comício geral no Largo da Concôrdia no Brás[50]. A experiência foi realizada novamente ao longo do mês de abril nos mesmos bairros: assim como nas semanas anteriores, nos comícios falava sempre um orador em português, um em italiano e um em espanhol.

A presença dos anarquistas neste movimento continuou todavia sempre mais marcante, uma vez que os grupos socialistas italianos decidiram retirar seu representante do Comitê (o militante Giuseppe Sgai, tipógrafo) porém continuando no apoio à campanha, como mostrado pelos artigos no jornal *Avanti!* e pela participação nos comícios também de representantes do *Circolo Socialista Internazionale* (o próprio Teodoro Monicelli foi o principal orador no comício no Largo da Concôrdia) e do *Circolo Socialista de Agua Branca*[51].

Uma breve paréntese deve ser aberta para Giuseppe Sgai, este militante que pertencia a uma conhecida família socialista de Rifredi, bairro operário de Florença. Sgai

---

publicação desta lista. É necessário lembrar que o Grande Oriente Autonômo de São Paulo compreendia as lojas: Giuseppe Mazzini, Giustizia e Antica Roma. (*Fanfulla*, n. 3-7-1917 p. 4 e n. 11-7-1917, p. 7)

[49] Os primeiros dados sobre a utilização dos menores nas fábricas apareceram já em "Da palavra aos documentos", *Guerra Sociale*, n. 43, 24-3-1917, p. 5

tinha nascido em Fiesole (na província de Florença) em 1895, e era, portanto, de uma geração (e também de uma região) muito diferente da de Teodoro Monicelli[52]. Giuseppe, de fato, tinha crescido em um ambiente socialista mais radical do que tinha experimentado o diretor do *Avanti!* paulistano. A sua atividade, de qualquer forma, começou também desde cedo: a polícia italiana o encontra como líder de greves, manifestações e comemorações em várias cidades da província de Florença, onde ele vai como propagandista delegado dos grupos socialistas de Fiesole. Ainda em 1911 é secretário do círculo da juventude socialista da sua cidade[53]. Emigrop para São Paulo somente em 1912, onde tinha encontrado trabalho previamente como tipógrafo, o mesmo ofício que tinha aprendido na Itália[54].

Voltando à discordância entre os dois grupos anarquista e socialista, ela residia no fato que os socialistas demonstraram suas perplexidades sobre a única estratégia anarquista de levar adiante a campanha de agitação recusando qualquer intervenção dos poderes públicos nesta questão. Segundo os dois grêmios socialistas italianos, uma ação prática não podia ser limitada a manifestações de praça e comícios, mas devia por em conta também uma pressão para que os setores oficiais paulistanos se abrissem às reivindicações levadas à frente pelo Comitê. Visto o apoio da grande imprensa à campanha, e considerado que na sessão de 31 de março de 1917 da Câmara Municipal de São Paulo o vereador José Piedade tinha proposto um projeto de lei para regulamentar o trabalho infantil, os grupos socialistas ítalo-paulistanos decidiram apoiar o projeto. Segundo o *Avanti!*, o projeto merecia uma atenção particular, uma vez que tinha sido elaborado com a contribuição do

[50] *Avanti!*, 2ª serie, n. 140, 31-3-1917, p. 2; *Guerra Sociale*, n. 44, 31-3-1917, p. 4
[51] "L'agitazione popolare contro lo sfruttamento dei minori", *Avanti!*, 2ª serie, n. 141, 7-4-1917, p. 2
[52] As informações biográficas encontram-se no ACSR, CPC, b. b. 4787; f. 62471.
[53] R. Prefettura della Provincia di Firenze, Uff. Prov. PS 6706, 19-12-1911 (ACSR, CPC, b. 4787; f. 62471).

advogado Benjamim Motta, e podia constituir as bases sólidas de um novo trabalho de organização sindical[55].

O que estava em jogo, de fato, era a retomada da organização sindical dos trabalhadores em São Paulo, uma vez que também os anarquistas, no início do mês de abril estavam convencidos de transformar o movimento de agitação no começo do uma nova fase de reorganização sindical, cujo próximo passo devia ser a realização de reuniões em salas de sociedades de socorro mútuo ou no salão Germinal para fundar ligas de resistência.[56],

Todavia, este afastamento dos socialistas do Comitê não significou o abandono do projeto de reorganização sindical visto como um processo unitário, nem, como já vimos, da compreensão que este devia ser impulsionado por uma atividade em prol da eliminação do trabalho infantil[57]. Ainda em abril de 1917, por exemplo, o *Syndicato Graphico do Brasil*, que era dominado por socialistas italianos como Ambrogio Chiodi, Giuseppe Sgai e Fosco Pardini, pressionava os núcleos políticos do PSI em São Paulo para que insistissem em favorecer um caminho que levasse os trabalhadores paulistanos à "agremiação nos syndicatos de officio" [sic][58]. Do mesmo período um sinal deste despertar era representado também pela retomada das publicações do jornal *O Chapeleiro*, da *União dos Chapeleiros*[59].

---

[54] R. Prefettura della Provincia di Firenze, Uff. Prov. PS 7448, 31-12-1912 (ACSR, CPC, b. 4787; f. 62471).
[55] Ibidem.
O projeto de lei de José Piedade previa: a proibição do trabalho aos menores de 13 anos; a limitação a oito horas para os jovens trabalhadores cuja idade estava compreendida entre 13 e 18 anos, a criação de uma caderneta de trabalho e a instituição de três inspetores municipais do trabalho. "Un progetto di legge sul lavoro dei minorenni", *Avanti!*, 2ª serie, n. 141, 7-4-1917, pp. 2-3.
[56] "A agitação contra a exploração de menores", *Guerra Sociale*, n. 44, 31-3-1917.
[57] "Per il 1° Maggio", *Avanti!*, 2ª serie, n. 143, 21-4-1917, p. 1.
[58] "Syndicato Graphico do Brasil", Ibidem, p. 3,.
[59] Ibidem e "Unione dei Cappellai", *Fanfulla*, 8-4-1917, p. 3.

A manifestação do Primeiro de Maio de 1917 ia nesta direção: representantes dos grupos anarquistas, socialistas e republicanos estavam de novo juntos na comissão que organizou a passeata pelo centro de São Paulo e os comícios que a precederam nos bairros operários[60]. É interessante notar, também desta vez, que a manifestação seguiu um caminho que depois será o mesmo das agitações do movimento grevista de julho 1917, isto é: comícios e agremiações iniciais nos bairros do Cambuci, Moóca, Brás e Bom Retiro, e em seguida formação de um cortejo que se transferia no centro da cidade[61]. Também a simbologia da passeata mostrava como, embora os anarquistas tivessem um papel fundamental nas manifestações daqueles dias, eram evidentes as ligações que diversos operários paulistanos tinham com o movimento socialista, uma vez que o grupo proveniente do Brás participou da passeata levando à sua frente duas bandeiras vermelhas[62].

Alguns dias depois da manifestação do Primeiro de Maio, o processo de reorganização das ligas sindicais já estava encaminhado. Como também tinha observado Gigi Damiani um mês antes, o processo se assemelhava ao que estava em curso no Rio de Janeiro, onde, a partir da agitação contra a carestia da vida tinha começado um processo de reestruturação das ligas operárias, com a única diferença que em São Paulo o movimento que impulsionou este processo foi representado pela agitação contra a exploração das crianças[63].

---

[60] "Cronaca Cittadina", *Fanfulla*, 2-5-1917, p. 3; "Per il 1° Maggio", *Avanti!*, 2ª serie, n. 143, 21-4-1917; "Guerra à Guerra!", *Guerra Sociale*, n. 47, 12-5-1917. Do comitê organizador faziam parte os mesmos grupos que constituíam o comitê de agitação contra a exploração das crianças, mais o *Centro Socialista Internazionale* e o *Circolo Socialista di Agua Branca e Lapa*.

[61] Ibidem.

[62] Ibidem.

[63] "Per l'organizzazione operaia", *Guerra Sociale*, n. 45, 10-4-1917.

A partir da primeira semana de maio algumas comissões de operários de fábricas têxteis, começaram a desfrutar de toda esta atividade propagandista realizada a partir de março, e se juntaram a alguns militantes anarquistas do grupo de *Guerra Sociale* para finalizar a criação de ligas. Ao mesmo tempo, o estado de tensão em alguns destes estabelecimentos (Tecidos Labor, Indústria Têxtil e Cotonificio Crespi) e a greve iniciada entre os canteiros das minas de Ribeirão Pires e Cotia, tinha levado os socialistas italianos a propor uma ação em prol de uma greve geral, seguindo sua propensão a não abandonar completamente a ação direta, também depois de ter apoiado a iniciativa de José Piedade[64]. A proposta foi feita no mesmo dia em que tinha sido organizada a constituição definitiva da *Liga Operária do Belenzinho*, no Cinema Belém, na Avenida Celso Garcia, na qual, todavia, a presença de militantes anarquistas como principais organizadores era evidente, uma vez que como secretária da Liga foi eleita Maria Antonia Soares, irmã de Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raimundo Soares[65].

Em pouco tempo a comissão organizadora da *Liga Operária do Belenzinho* transformou-se em comissão organizadora de uma nova federação operária paulistana, a UGT (*União Geral dos Trabalhadores*) uma organização que devia-se filiar à Confederação Operária Brasileira. O passo sucessivo foi a fundação, na última semana de maio, da *Liga Operária da Moóca*, segundo as bases de acordo da UGT formulados numa reunião realizada nos cinemas do Belém e Moóca e na sede do salão Germinal no 18 de maio de 1917[66].

---

[64] *Avanti!*, 2ª serie, n. 145, 12-5-1917.
[65] *Guerra Sociale*, n. 47, 12-5-1917. Ver também Arquivo Edgard Leuenroth, Pastas pessoais de Edgard Leuenroth, pasta n. 2.
[66] "L' unione generale dei lavoratori risorge", *Guerra Sociale, n.* 48, 19-5-1917, p. 4.

Segundo estas bases, de fato, a nova organização deveria ser estruturada por bairros, não tendo como finalidade a organização por ofício. Pelo contrário, "tendo em vista que o desenvolvimento da indústria se faz no sentido de [...] abolir as barreiras que separavam as corporações de ofícios", cada liga de bairro deveria reunir no seu seio os trabalhadores sem distinção de sexo ou função[67]. Esta escolha, mais que a uma suposta estratégia anarquista anticorporativa, respondia à exigência do momento de organizar de forma mais dinâmica grupos diferentes de trabalhadores segundo as relações já estabelecidas durante a campanha contra a exploração do trabalho infantil, assim como refletia o fato de ter o maior número de seguidores excessivamente concentrados no bairro da Moóca e do Belenzinho e entre os tecelões.

Quando o movimento organizativo se alastrará, em julho e agosto, as exigências de luta diferente, que surgiam das diferenças de ofício e função, impuseram a criação de sindicatos de ofício, ainda que não tenham destruído completamente a estruturação por bairro que se tinha formado anteriormente, a qual permitia uma coligação inter-profissional. Também porque tem que ser levado em conta o papel de intervenção na construção da federação sindical de São Paulo desenvolvido também pelos socialistas.

Já no final de maio a *Liga Operária da Moóca* em poucos dias de existência somava quase 400 afiliados, na maior parte mulheres do Cotonifício Crespi[68].

Fundamentalmente, portanto, não se pode afirmar que as ligas que nasceram sucessivamente se formaram como ligas de bairro somente como imitação das ligas da Moóca e do Belenzinho e que estas duas surgiram espontaneamente. Pelo contrário, seguiram um desenho já imaginado quando o movimento de agitação contra a exploração

[67] "Estão ressurgindo as sociedades operárias. Bases de Acordo". *Guerra Sociale*, n. 49, 26-5-1917, p. 1.
[68] "Agitazioni operaie", *Fanfulla*, 14-6-17, p. 4 e "Le insidie padronali", *Guerra Sociale*, n. 50, 2-6-1917, p. 2.

das crianças (que já tinha suas bases de ação nos bairros) transformou-se em movimento de constituição da *União Geral dos Trabalhadores.*

6.3

A GREVE GERAL DE 1917: CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEU DESENVOLVIMENTO

Consequentemente, embora impulsionado pela situação crítica das condições de trabalho em alguns estabelecimentos fabris e de vida por causa do aumento dos preços, os processos de organização sindical já estavam encaminhados quando explodem as greves de junho na Crespi e na Antarctica, prólogo da greve geral de julho.

Uma ulterior demonstração disso é o fato da repressão interna à fábrica Crespi ter começado a funcionar antes que a greve explodisse, exatamente quando gerentes e contramestres perceberam que muitos dos operários da seção de fiação do algodão estavam participando ativamente das reuniões noturnas da comissão de direção da *Liga Operária da Moóca*[69]. Além disso, os gerentes tinham uma lista de cerca de 50 operários considerados militantes sindicais: lista que entregaram à polícia do Brás, para que esta fosse de casa em casa para convencê-los a voltar ao trabalho[70] e declararam também como, desde janeiro de 1917, em algumas seções da fábrica houvesse interrupções parciais do trabalho, com a ameaça de distúrbios nas outras seções e como isso mostrava uma premeditação na atuação de uma greve de maiores proporções[71]. Finalmente, outros dois sinais também mostram como havia um desenho organizativo da *Liga Operária da Moóca*: 1) a declaração da greve na Crespi foi decidida depois de uma reunião na *Liga Operária da Moóca*, na qual foi decidido que os pedidos fossem concentrados inicialmente sobre: a abolição do aumento do horário noturno ocorrido naqueles meses e um aumento de 15 a 20 % no salário, a abolição

[69] Um manifesto da liga advertia sobre esta repressão em ato. "Le insidie padronali", *Guerra Sociale*, n. 50, 2-6-1917, p. 2.
[70] "Agitazioni operaie", *Fanfulla*, 14-6-1917, p. 4.
[71] "Lo sciopero del cotonificio Crespi", *Fanfulla*, 28-6-1917, p. 4.

das contribuições pro-guerra[72]; 2) o número dos grevistas (400) correspondia ao número dos filiados à *Liga Operária da Moóca* naquele momento[73].

A greve da Crespi foi declarada no dia 9 de junho de 1917, inicialmente parecia uma greve parcial localizada, mas diferentemente das greves dos anos diretamente precedentes, esta contava com a vantagem de ter uma comissão de grevistas que se reunia numa estrutura (a *Liga Operária da Moóca*) com muitos integrantes e bem enraizada no território, ainda que fosse uma organização jovem.

Foi a mesma liga que planejou provavelmente uma linha de conduta que, negando a versão dos gerentes e da polícia, tentou mostrar como o movimento era totalmente espontâneo e desligado de qualquer premeditação. Esta consideração surge quando pensamos na resposta defensiva de Antonia Soares às perseguições da polícia, quando declara que a greve era espontânea e que ela não tinha nenhuma relação com os acontecimentos, quando sabemos que ela tinha participado como oradora da manifestação de maio 1917 (incitando à greve geral) e era secretária da *Liga Operária do Belenzinho*[74].

A estratégia é aplicada também diante do delegado Bandeira de Mello, quando duas comissões (uma feminina e uma masculina) de operários da Crespi são interrogados sobre as causas da greve, tratando-se de operários filiados desde sua fundação à *Liga Operária da Moóca*[75].

A greve na Crespi ainda não estava generalizada, quando a direção decidiu fechar a fábrica em resposta aos outros 110 operários da seção lã que ainda estavam trabalhando, que pediam o fim do patrulhamento externo do estabelecimento por parte da força pública.

---

[72] "Nel cotonificio Crespi", *Fanfulla*, 10-6-1917, p. 4.
[73] Idem, ibidem.
[74] *Guerra Sociale*, n. 47, 12-5-1917.

Neste momento (23 de junho), a *Liga Operária da Moóca* já tinha-se tornado um ponto de referência, funcionando como núcleo coordenador das negociações entre a comissão dos grevistas e a direção da fábrica. Quando a *Camera Italiana de Commercio ed arti* fez a proposta de funcionar como mediador entre uma nova comissão de operários da Crespi que ainda não estava em greve e a direção, os operários recusaram esta oferta, pedindo que esta tratasse diretamente com a diretoria da *Liga Operária da Moóca*. Os pedidos de aumento desta outra parte de operários também não foram atendidos e consequentemente a greve estendeu-se, no dia 29 de junho a todos os 1.500 operário da fábrica[76].

A greve da Crespi foi seguida após alguns dias (30 de junho) pela paralisação da Fábrica Ipiranga de Nami Jafet, também de tecidos (mais de 1600 operários em greve, pedindo uma série de aumentos em torno do 20%, e 25% no caso de trabalho noturno)[77].

Nos dias seguintes começaram também as greves nas fábricas de móveis (quase todas situadas na Rua Piratininga e com uma média de 50-60 operários cada) e finalmente no dia 7 de julho, enquanto os marceneiros começavam a obter gradualmente os aumentos pedidos (sempre na base de 20%) e os têxteis da Ipiranga voltavam ao trabalho vitoriosos, começou a greve na Antarctica.

Diferentemente do que tinha acontecido até aquele momento, entrava em agitação a primeira fábrica com empregados que desenvolviam diferentes funções, uma vez que as várias seções da Antarctica contemplavam, de fato, marceneiros, vidreiros, pintores, responsáveis pela fabricação da cerveja e mecânicos[78]. A presença de uma liga operária estruturada como a da Moóca, que privilegiava a agregação territorial, favoreceu com

---

[75] As declarações de espontaneidade da greve são também dadas à redação do *Fanfulla* logo depois do interrogatório na delegacia do Brás. "Agitazioni operaie", *Fanfulla*, 14-6-1917, p. 4.
[76] "Lo sciopero del cotonificio Crespi", *Fanfulla*, 28-6-1917 e 30-6-1917, p. 4.
[77] "Agitazioni operaie", *Fanfulla*, 1-7-1917, p. 5.

certeza a resistência e a organização dos operários da Antarctica para os quais era necessária uma organização sindical que lhe permitisse também uma agremiação por setor industrial, coexistindo dentro da empresa diferentes ofícios. De fato, logo após ter declarado a greve, mais de 800 operários da Antarctica se dirigiram à sede da Moóca, na Rua da Moóca 292-A, pedindo a filiação à organização, e em assembléia no mesmo dia, formaram uma comissão na qual estavam representadas todas as seções em greve, formando um organismo de 40 delegados de fábrica[79].

Na primeira semana de julho, portanto, a greve ainda não tinha sido generalizada, mas no bairro da Moóca as duas fábricas mais importantes (Crespi e Antarctica) estavam em greve.

Sem aqui me adentrar no exame da ação e reação entre grevistas e polícia, fatos já amplamente estudados, antes de examinar mais atentamente como se desenvolveram os processos de formação das várias ligas, acenamos somente a alguns fatos para ter presente pelo menos que estes processos aconteceram num contexto de violentos embates urbanos entre grevistas e a Força Pública do estado de São Paulo.

De fato, no mesmo dia em que entraram em greve os trabalhadores da Antarctica, cujos donos tinham relações estreitas com a polícia[80], as pressões que já as autoridades policias iam realizando sob pedido da diretoria da Crespi e seguindo suas precedentes ações investigativas de repressão das lideranças anarquistas, aumentaram consideravelmente, associando-se, inclusive, a um estado de tensão sobretudo entre os têxteis da Crespi devido à quase um mês de greve.

---

[78] "Il malcontento delle fabriche si va generalizzando", *Fanfulla*, 8-7-1917; 9-7-1917.
[79] Ibidem.
[80] Boris FAUSTO, *Trabalho urbano e conflito social. 1890-1920*. Rio de Janeiro – São Paulo, Difel, 1978, pp. 201-207.

Entre a noite do dia 7 de julho (assaltos a carros de farinha na Moóca) e a tarde do dia 13 (ataque da cavalaria da força pública na Ladeira do Carmo e morte do pedreiro Nicola Salerno e da menina Edoarda Bindo, filha do operário Primo) a cidade de São Paulo ficou quase ingovernável. O ponto mais alto foi alcançado quando foi enterrado o corpo do sapateiro José Gimenez Martinez, um jovem militante anarquista de 21 anos que fazia parte do grupo *Jovens Incansáveis*, recém chegado em São Paulo com a própria família em janeiro de 1917[81]. No dia do enterro mais de 10.000 pessoas participaram do cortejo fúnebre que se desenrolou ao longo da cidade inteira, interrompido por comícios e protestos (durante o funeral uma delegação da *Liga Operária da Moóca* parou o caminho para o Araçá para pedir a liberação dos presos do dia anterior na delegacia central de policia sediada por Thirso Martins)[82]. Entre comícios, passeatas, invasão do centro a partir dos bairros operários, os embates com a polícia, foi se desenvolvendo a ação do *Comitê de Defesa Proletária* e ao mesmo tempo as reuniões do secretário da justiça Eloy Chaves com os empresários mais importantes da cidade (envolvidos na greve) até que uma comissão constituída pelos diretores dos jornais paulistas da grande imprensa funcionou como intermediária entre o bloco Chaves-empresários e o Comitê. Entre o dia 12 e o dia 16 de julho, chegou-se finalmente à assinatura de uma base de acordos que reconhecia o direito de reunião, o aumento do 20%, a libertação dos presos, e a proibição de licenciamento dos operárias grevistas assinalados como os organizadores do movimento nas fábricas[83]. No dia

[81] "La morte dello spagnolo Gimenez", *Fanfulla*, 11-7-1917, p. 3. José Martinez trabalhava na fábrica de calçados *Bebé*, cujos operários imediatamente realizaram uma subscrição para sustentar a sua família. Ainda em agosto as ofertas continuavam. "Sottoscrizione in favore della famiglia di Martinez", *Fanfulla*, 6-8-1917, p. 3.

[82] "I funerali dell'operaio Martinez", *Fanfulla*, 12-7-1917.

[83] A data oficial do acordo é o dia 14 de julho, porque naquele dia foi assinado pelos 12 empresários mais importantes. O primeiro assinante era Rodolfo Crespi seguido por Jorge Street. Na lista encontrava-se o nome de Ermelino Matarazzo, mas não de Francesco Matarazzo. *Fanfulla*, 15-7-1917, p. 4; 16-7-1917, p. 1.

16 de julho através de comícios nos bairros operários (o mais importante foi realizado no Largo da Concôrdia, no Brás) os lideres do *Comitê de Defesa Proletária* (Leuenroth, Monicelli, e Candeias Duarte) apresentaram aos operários as bases de acordo, que foram aprovadas com poucas oposições[84]. Os protestos custaram avida de cerca de 200 pessoas, segundo uma investigação realizada pelo *Fanfulla* no cemitério do Araçá nas noites de 15 e 16 de julho, quando a polícia fechou o cemitério e começou a transportar os cadáveres[85].

Todavia, com quais especificidades se desenvolveu o movimento grevista e o de organização dos operários paulistanos naqueles dias?

Em primeiro lugar, é necessário destacar como até o dia 13 de julho, isto é quando são conhecidas, na manhã, as propostas de intermediação da comissão da imprensa e da declaração a esta comissão, por parte de Eloy Chaves, que os empresários teriam feito um acordo sobre os aumentos do 20% e a readmissão de todos os operários, os grevistas são ainda 25.000, correspondendo a 90 estabelecimentos fabris[86].

Examinando o prospecto detalhado da situação apresentado diariamente pelo *Fanfulla*, a cuja redação eram comunicadas as greves pelas comissões de operários, podemos observar que o número mais alto de operários em greve foi alcançado no dia da apresentação (nos comício públicos, pelo *Comitê de Defesa Proletária*), dos acordos estipulados: dia 16 de julho, 43.800 grevistas. Após esta data, os grevistas foram

---

Os jornalistas que promoveram o acordo foram: Silveira junior (*Correio Paulistano*), Valente de Andrade (*Jornal do Commercio*), Umberto Serpieri (*Fanfulla*), Lisboa Junior (*Diario Popular*), Paulo Moutinho (*A Gazeta*), Valdomiro Fleury (*A Platea*) João Castaldi (*A Capital*), Paolo Mazzoldi (*Il Piccolo*), Nestor Pestana (*O Estado de São Paulo*), Amadeu Amaral (*O Estado de São Paulo*). "La mediazione offerta dalla stampa paulistana", *Fanfulla*, n. 14-7-1917, p. 4. No dia 15 de julho participaram da reunião com o Comitê também Nereu Pestana (*O Combate*), José Gama (*Diario Español*), França Pereira (*Diário Allemão*). *Fanfulla*, 16-7-1917, p. 1.

[84] "I Comizi proletari di ieri", *Fanfulla*, 17-7-917, p. 4.

[85] "Voci allarmanti sul numero dei morti", *Fanfulla*, 22-7-1917, p. 2.

diminuindo, porém a diminuição não foi rápida, porque uma boa parte dos empresários recusava-se a assinar o acordo do 14 de julho, pretendendo barganhar cada um com seus empregados os aumentos e outras melhorias, sem contar com o fato que em algumas fábricas de médias dimensões a greve começou depois do dia 16[87].

Ainda no dia 11 de julho, dia do enterro de Martinez, os grevistas eram 15.000, dos quais somente 9.500 em greve de reivindicação, enquanto o restante estava em greve de solidariedade. Os 9.500 estavam todos concentrados ainda na Moóca, em 6 grandes estabelecimentos (Crespi, Antarctica, Fábrica Mariangela do Matarazzo, Stamperia Matarazzo, Tecidos de Juta, Lanificio De Camillis) e espalhados em 24 oficinas de fabricação de móveis[88]. No dia seguinte ao enterro, os grevistas eram 20.000 (mas os 1.000 operários da Antarctica tinham conseguido os aumentos e estavam em greve de solidariedade)[89].

Consequentemente, podemos dizer que a greve tornou-se completamente generalizada somente nos dias em que a vitória de uma grande parte dos operários puxou o restante dos trabalhadores, sobretudo os das pequenas e médias fábricas, dentro do movimento.

Este histórico da greve geral de 1917 obviamente caracterizou também os mecanismos de formação das ligas sindicais que surgiram naquele momento, que se basearam no modelo organizativo (naquele momento vitorioso) da Liga da Moóca, como planejado pela comissão organizadora da UGT e pelo Comitê, mas com a inserção progressiva de ligas de oficio.

---

[86] "Prospetto scioperi", *Fanfulla*, 13-7-1917, p. 2.
[87] Idem, *Fanfulla*, de 16-7-1917 a 20-7-1917.
[88] Idem, *Fanfulla*, 11-7-1917, p. 2.
[89] Idem, *Fanfulla*, 12-7-1917, p. 3.

Assim como em 1907, uma organização sindical ainda frágil tinha conseguido levar à frente uma greve que inicialmente limitada a alguns setores, em pouco tempo transformou-se em generalizada e se tornou o maior impulso para a formação de uma estrutura sindical mais enraizada.

Seguindo portanto dois caminhos diferentes mas convergentes (ligas de bairro e ligas de ofício) não se pode negar que o maior estímulo à formação das organizações sindicatos fora a greve, o que proporcionou a idéia de que o espontaneísmo tivesse sido o caráter mais evidente da greve geral de 1917.

Todavia, o processo de reorganização sindical foi bastante influenciado pela presença: 1) do papel de coordenação da greve desenvolvido pelo *Comitê de Defesa Proletária,* nos modos planejados no período de maio-junho, quando da ação do *Comitê contra a exploração das crianças* e da fundação da *Liga Operária da Moóca* e da *Liga Operária do Belenzinho,* segundo as bases de acordo da UGT; 2) da participação no *Comitê de Defesa Proletária* também de líderes e militantes do *Centro Socialista Internazionale,* cujo trabalho estava direcionado à greve geral e à instituição de uma *Camera del Lavoro* paulistana; 3) de uma rede de associações políticas ou mutualistas italianas (grupos republicanos, lojas maçônicas e algumas sociedades italianas de socorro mútuo) simpáticas ao movimento grevista e que o apoiaram financeiramente[90].

No dia 26 de agosto de 1917 foi criada a nova *Federação Operária do Estado de São Paulo* (FOSP), à qual participaram as seguintes organizações operárias:

Liga dos Trabalhadores em Cerâmica (Lega Ceramisti)
Liga dos Trabalhadores em Madeira (Lega dei Lavoranti in Legno)
Sindicato ferreiros e serralheiros (Sindacato dei Fabbri-Ferrai)

[90] Ver por exemplo as listas de subscrição em prol dos grevistas publicadas em *Guerra Sociale*, n. 55, 26-7-1917, p. 4

Sindicato Gráfico do Brasil (Sindacato Grafico del Brasile)
Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Bebidas –seção da companhia Antarctica
(Sindacato dei Lavoratori delle Fabbriche di bevande - sezione della Companhia Antarctica)
Sindicato dos Padeiros e Confeteiros (Sindacato Panettieri e Confettieri)
Sociedade dos Alfaiates (Società dei Sarti)
União dos Sapateiros (Unione Calzolai)
União dos Chapeleiros (Unione dei Cappellai)
União dos Padeiros (Unione dei Fornai)
União Geral dos Ferroviários - seção da SP Railway
(Unione Generale dei Ferrovieri - sezione della SP Railway)
União dos Canteiros (Unione degli Scalpellini)
Liga Operária da Moóca (Lega Operaia Mooca),
Liga Operária Belenzinho (Lega Operaia Belenzinho),
Liga Operária Agua Branca e Lapa (Lega Operaia Agua Branca e Lapa)
Liga Operária Cambucy (Lega Operaia Cambucy)
Liga Operária Ipiranga (Lega Operaia Ipiranga),
Liga Operária Bom Retiro (Lega Operaia Bom Retiro),
Liga Operária Vila Mariana (Lega Operaia Villa Marianna)
Liga Operária do Braz (Lega Operaia Braz).
Sociedade Metalúrgicos de S. Caetano (Società Laminatori di S. Caetano)
Sindicato Internacional dos Canteiros de Ribeirão Pires
(Sindacato Internazionale degli Scalpellini di Ribeirão Pires)
Liga Operária de S. Roque (Lega Operaia di S. Roque)
Liga Operária de Sorocaba (Lega Operaia di Sorocaba)[91].

Concentrando a nossa atenção somente sobre as ligas paulistanas, pode-se notar desde já que 12 são de oficio e 8 são constituídas por bairro.

Destas ligas existiam, antes que começasse a greve na Crespi, somente a *Liga Operária da Moóca*, a *Liga Operária do Belenzinho*, o *Sindicato Gráfico* e a *União dos Chapeleiros*.

Durante o mês de junho é fundada somente a *Liga Operária de Água Branca e Lapa*.

No início de julho, são fundadas a *Liga Operária do Ipiranga*, a *Liga Internacional dos Marceneiros* e a *União* (ou *Sociedade*) *dos Alfaiates*.

[91] "L'assemblea generale dei rappresentanti le leghe operaie", *Fanfulla*, 26-8-1917, p. 2. Mantive os nomes em italiano porque eram mais utilizados.

O restante dos grêmios, embora o processo de constituição tenha começado já durante o mês de julho, são fundads todos na primeira semana de agosto[92].

Todavia, pode-se dizer que todas as categorias entraram em greve em julho (alguma antes do dia 13 outras depois) coletivamente, no sentido que a greve de um certo setor não começava parcialmente em uma fábrica e depois se espalhava nas outras gradualmente, mas todas as fábricas do mesmo setor entravam em greve conjuntamente, somente depois que uma comissão de representantes de cada estabelecimento tinha-se reunido e apresentado seus pedidos a todos os empresários daquele setor, coletivamente[93].

O caso dos marceneiros das fábricas de móveis do Brás foi talvez o caso mais típico, mas todas as outras categorias seguiram o mesmo padrão de intervenção no movimento grevista. A greve, portanto, se generalizou seguindo este caminho: a) formação de uma comissão de representantes de um dado setor; b) assembléia geral desta comissão; c) apresentação dos pedidos conjuntamente à entrada em greve.

Foi a partir destas comissões que se formaram em agosto as ligas profissionais. Portanto, a greve e a formação das ligas de ofício desenvolveu-se paralelamente, nunca a greve explodia num setor sem que tivesse sido antes (normalmente alguns dias antes) planejada por uma comissão provisória, comissão que após uma ou duas semanas estruturava-se definitivamente em liga de ofício com estatutos próprios. Os estatutos foram todos debatidos nas primeiras semanas de agosto, e em muitos casos mostravam sua ligação com a história passada destas mesma organizações, uma vez que nas reuniões não se discutia de fundação, mas de reconstrução das mesmas seguindo os estatutos das ligas

[92] *Fanfulla* série de junho-julho-agosto de 1917; *Avanti!*, 2ª serie, agosto 1917; *Guerra Sociale*, junho-agosto de 1917; *A Plebe*, julho-agosto de 1917.
[93] *Fanfulla*, série de julho de 1917

pertencentes à velha FOSP, ainda que o *Comitê de Defesa Proletária* tenha tentado coordenar este movimento enviando um esquema de bases de acordo[94].

A organização das ligas de bairro foi promovida essencialmente pelo *Comitê de Defesa Proletária*, a partir do dia 9 de julho, dia de sua fundação, coadjuvando o trabalho de organização das ligas operárias da Moóca, do Belenzinho e da Lapa e Água Branca.

O *Comitê de Defesa Proletária* tinha como função a de coordenar a greve geral, e era composto na sua totalidade por militantes político-sindicais, mas não pelas comissões dos grevistas. A sua função, todavia, era somente de coordenação e impulso na criação das ligas, mas não interferia nas reuniões das comissões de operários em greve ou nas organizações de ofício das quais favorecia somente a formação. Em muitos casos portanto, representava o elo entre experiências passadas (antigas ou recentes de luta sindical) e as do momento, pondo a disposição, por exemplo, livros, registros, atas, papéis e carimbos de alguns sindicatos que tinham cessado de existir há alguns anos (como o dos Ferreiros e Metalúrgicos) e alguns de seus componentes que eram organizadores já dos sindicatos ainda existentes (como o dos gráficos ou o dos chapeleiros)[95].

Cessadas as contratações com os empresários, o *Comitê de Defesa Proletária* dedicou-se a partir da metade de julho a controlar a execução dos contratos, a acompanhar a resolução de greves parciais ou das que ainda não tinham-se resolvido, e a partir da primeira semana de agosto começou a coordenar as reuniões das organizações sindicais ainda em formação, com o fim de realizar no dia 26 de agosto um *"Congresso generale*

[94] "Movimento operaio", *Fanfulla*, de 1-8-1917 a 18-8-1917.
[95] Idem, *Fanfulla*, 12-8-1917, p. 5.

delle associazioni operaie, libertarie e socialiste allo scopo di concretizzare un programma di azione comune"[96].

Sendo composto indiferentemente por socialistas (quase todos italianos) e anarquistas (em parte italianos, em parte brasileiros e espanhóis), as reuniões do *Comitê de Defesa Proletária* aconteciam tanto na sede do *Centro Libertario* (salão Germinal, Rua do Carmo, 20), assim como na do *Circolo Socialista Internazionale*, na Rua Aurora, 29.

A organização operária federativa que surgiu em agosto, mostrava assim a inter-relação de uma federação operária socialista (na qual a tendência era a agremiação de associações de oficio, e de uma anarquista que tendia à anulação de separações corporativas). Em parte esta duplicidade respondia também a uma fase de passagem, também no contexto paulistano, de um panorama no qual a prevalência era a organização por oficio a uma em que sentia-se também a exigência da formação de sindicatos de indústria.

Após uma análise das atividades destas agremiações, podemos dizer que a sua formação obedeceu, além do impulso imediato da greve (pela qual era necessário formar comissões o quanto possível unitárias para negociar com a direção da empresa) às ligações da maioria de seus integrantes com um ou outro grupo político.

Em alguns casos, de fato, um certo número de ligas escolheu como sede o edifício da Rua Aurora, 29 ou de entidades ligadas aos socialistas italianos. A *União dos Sapateiros* reunia-se no *Salone Cesare Battisti*[97], os marceneiros (após um período de reuniões no Bom Retiro numa sede própria) escolheram como sede a da Rua Aurora, 29; assim como os gráficos, os padeiros e os canteiros. Também próxima aos socialistas era a *União dos*

[96] Ibidem.

alfaiates, cujas reuniões realizavam-se no salão *Italia Fausta*, e que convidou na sua fundação o advogado Justo Seabra (advogado que participava com uma certa assiduidade dos grupos socialistas paulistanos)[98].

Os pedreiros (cuja organização ainda estava em formação no dia da reunião de 26 de agosto), e os ferreiros-metalúrgicos são os únicos que quase sempre escolheram a sede do *Centro Libertario*.

O resto dos grêmios de ofício reunia-se nas ligas operárias de bairro, com a exceção dos Chapeleiros, que tinham uma sede própria.

A proximidade com um ou outro grupo político é também confirmada pela presença nas reuniões dos vários grêmios de militantes do *Partito Socialista Italiano* em São Paulo ou de integrantes do *Centro Libertario*[99].

Deriva assim um panorama no qual as ligas de ofício mostram a sua ligação maior, ainda que obviamente não total, com a atividade desenvolvida pelos militantes *do Centro Socialista Internazionale* e do *Circolo Socialista de Agua Branca*, talvez favorecidos pela presença de velhos sindicalistas como Giovanni Scala, Giuseppe Sgai ou Ambrogio Chiodi (que também participaram da FOSP de 1905-1910).

Ao contrário, o grupo anarquista de Leuenroth e Florentino de Carvalho, e o de *Guerra Sociale* (de Damiani e Cerchiai) participavam mais da organização dos tecelões das ligas de bairro.

Os trabalhadores em fábricas de tecidos, evidentemente por causa do seu grande número, e sendo difusos em quase todos os bairros operários, tinham encontrado como

---

[97] Cesare Battisti, líder dos socialistas de Trento, tinha sido morto pelo exército austríaco, por ter se recusado de integrar o exército, uma vez que, embora sendo cidadão austríaco, era todavia etnicamente italiano.
[98] "Lavoranti sarti", *Fanfulla*, 17-7-1917, p. 3.

mais plausível a agremiação nas ligas de bairro, nas quais constituíam a maioria. Os tecelões da Fabrica Ipiranga de Nami Jafet, por exemplo, fundaram a Liga Operária do bairro Ipiranga no mesmo dia da vitória da greve (6 de julho) e podemos dizer que a atividade organizativa desta liga foi marcada pela presença destes tecelões, que lhe deram um caráter de liga operária têxtil (dos 3000 filiados, 1800 eram os operários da Jafet)[100]. No início de setembro de 1917, a *Liga Operária do Ipiranga* desta vez liderou uma nova greve na Nami Jafet: a derrota que seguiu acabou destruindo completamente a Liga, que no final de outubro ainda não tinha recomeçado a funcionar regularmente, mostrando a importância fundamental dos têxteis na formação deste grêmio[101].

Dado o papel de iniciação desenvolvido pelos anarquistas na formação das ligas de bairro, embora não fossem operários têxteis, eles tornaram-se um ponto de referência, misturando-se às lideranças propriamente operárias que tinham surgido da greve e que estavam presentes em todas as ligas de bairro[102]. A propensão dos têxteis a se reunirem em ligas de bairro estava já evidenciado quando nos primeiros dias de julho (dia 3), antes que a greve se espalhasse a outras fábricas, a Liga da Moóca organizou na sua sede uma assembléia geral de todos os operários e operárias têxteis de São Paulo (após esta reunião entraram em greve nas duas maiores fábricas de tecidos das Indústrias Reunidas Matarazzo)[103].

Um caso à parte era representado pela *Liga Operária de Água Banca e Lapa*, na qual a maioria dos filiados era composta pelos 6000 operários da São Paulo Railway, cuja

---

[99] Através de uma comparação de listas de militantes presnets nos números de *Guerra Sociale*, *Fanfulla* e *A Plebe* e *Avanti!*, 2ª serie, do período 1916-1917.
[100] "Movimento operaio", *Fanfulla*, 4-8-1917, p. 2; "Il conflitto fra gli operai ed i proprietari della fabbrica Ypiranga", *Fanfulla*, 4-9-1917, p. 4.
[101] "Movimento operaio", *Avanti!*, 2ª serie, n. 167, 20-10-1917, p. 3.
[102] Estes eram quase todos homens jovens entre os 18 e 25 anos. "Agitazioni operaie", *Fanfulla*, 12-6-1917, p. 3; 13-6-1917, p. 5; 18-6-1917, p. 4.

organização sindical representava um segundo sindicato de indústria paulistano (o primeiro foi o sindicato dos trabalhadores da Antarctica), uma vez que dela participavam todos os empregados da SPR independentemente de seus ofícios no âmbito da estrutura da empresa. Eles, todavia, não eram simples filiados à Liga (como no caso dos tecelões) mas, tendo constituído um sindicato próprio participavam da mesma forma como filiados dos sindicatos ou como filiados à liga de bairro.

Outros sindicato de indústria, cujos filiados participavam contemporaneamente também da liga de bairro (no caso, da Liga da Moóca) era representado pelo sindicato formado pelos trabalhadores da Antarctica, do qual já falamos precedentemente.

Um caso bastante singular era representado pela *União dos Chapeleiros*, que, como em períodos precedentes, no momento da luta sindical abandonava sua estrutura de sociedade de socorro mútuo profissional, para tornar-se um sindicato que deixava de lado o mutualismo (ainda que não completamente) pela luta de reivindicação salarial. Como no início do século, também em 1917, no momento em que também vão se formando outras organizações sindicais, ela abole os artigos do estatuto que provavelmente limitavam seu raio de ação ao socorro mútuo para se abrirem à luta sindical[104]. Esta sua estrutura estava ligada provavelmente ao fato que a maioria de seus integrantes eram fiéis militantes dos grupos republicanos e socialistas italianos da cidade de São Paulo: é a única organização sindical, por exemplo, que comemora o dia XX de Setembro (tomada de Roma pelo

[103] "Agitazioni operaie", *Fanfulla*, n. 3-7-1917, p. 5.
[104] Os artigos em questão são o 9, 14, 16 e 18, abolidos na reunião do 1-7-1917 na *Liga Operária da Moóca*, "Riunione di cappellai", *Fanfulla*, n. 7944, 30-6-1917, p. 5.

exercito italiano, símbolo de um nacionalismo anticlerical muito difuso entre os republicanos italianos ou os socialistas)[105].

Também no caso dos confeiteiros e padeiros a ligação com um mundo do trabalho no qual a liga de oficio ainda não está claramente definida como união mutualista ou como grêmio cujo objetivo mais importante é a luta sindical, está presente na utilização eventual do nome de *Lega dei Lavoratori dell'arte bianca*, semelhante ao nome utilizado por estas corporações até a última década do século XIX em muitas partes da Itália[106].

[105] Críticas à sua ambiguidade entre corporação mutualista e sindicato são movidas por exemplo por Gigi Damiani quando da publicação da nova série do jornal *O Chapeleiro. Guerra Sociale*, n. 45, supplemento, 10-4-1917, p. 2. De qualquer forma, fazia parte dela ainda o empresário socialista Dante Ramenzoni.
[106] *Confraternita* ou *Corporazione dell'Arte Bianca* era a corporação dos padeiros ainda no no final do século XVIII em Roma. Ver *Stati delle Anime di Roma*, período 1790-1815 (Os censos paroquiais de Roma).

6.4

OS SOCIALISTAS ITALIANOS NOS EVENTOS DE JULHO DE 1917 E A SOLIDARIEDADE DE ALGUMAS ASSOCIAÇÕES ÍTALO-PAULISTANAS PARA COM A GREVE.

Torna-se evidente, portanto, como, já a partir do momento do desenrolar-se da greve na Crespi, a atuação dos socialistas italianos da cidade de São Paulo estava presente e como começou a acompanhar com assiduidade todo o desenvolvimento do movimento grevista. Por exemplo, quem insistiu mais para que a greve iniciada na Crespi se transformasse em greve geral foram exatamente os socialistas: o que não deve parecer estranho, pois o líder Teodoro Monicelli tinha organizado ou participado de greves gerais na Itália em contextos nos quais também as formas de repressão eram bastante violentas, uma vez que os latifundiários da vale do rio Pó (onde Monicelli mais atuou) não somente chamavam o exército em sua defesa, mas contavam com bandos paramilitares de repressão.

Os pedidos do *Centro Socialista* para realizar uma reunião comum com as ligas de bairro da Moóca e do Belenzinho com o fim de desencadear uma greve geral não foram inicialmente atendidos[107]. A despeito das declarações de Florentino de Carvalho (que, participava das reuniões da *Liga Operária do Belenzinho*), segundo o qual o não-atendimento deste pedido devia-se ao fato de que os operários em luta pregassem a ação direta e eram contrários à qualquer colaboração com forças políticas que utilizavam também outros meios de luta, as causas desta recusa deveriam ser procuradas mais nas contingências do momento. A greve ainda não tinha dado seus resultados, e a resistência da direção da Crespi, conjuntamente à ação repressiva da polícia sobre os grevistas mais em vista, mostrava que era necessário estabelecer antes contatos e um esquema de arrecadação

de dinheiro para resistir alguns dias: por isso as dúvidas entre os operários da Moóca acerca da possibilidade de convencer as outras fábricas a começar uma greve geral, foram resolvidos somente depois de duas assembléias, na direção de não aceitar no momento a estratégia proposta pelo *Centro Socialista Internazionale*[108].

Que os políticos socialistas não pudessem ser "repelidos do movimento emancipador"[109], como esperava Florentino de Carvalho, foi demonstrado pelos fatos que se seguiram: no dia 3 de julho, antes que a greve se generalizasse na Antarctica, um manifesto de 10.000 cópias foi distribuído como suplemento do Avanti! pedindo a solidariedade aos trabalhadores da Crespi, mostrando que os socialistas italianos estavam coordenando também a lista de subscrição em favor destes operários[110].

A formação do *Comitê de Defesa Proletária*, sempre no início de julho, viu a participação ativa dos socialistas italianos, que elegeram como seus representantes Teodoro Monicelli (como delegado do *Centro Socialista Internazioanle*) e Giuseppe Sgai (como delegado do *Circolo Socialista di Agua Branca e Lapa*): este último tinha participado da fundação da Liga operária daqueles bairros, no qual concentravam-se os vidreiros e ferroviários[111].

Como já foi acenado, Monicelli e Sgai foram os principais oradores (junto com Candeias Duarte e Leuenroth) de todos os comícios que foram realizados em São Paulo e que marcaram os momentos mais altos e resolutivos da greve. Em particular, Monicelli dedicou-se a dar ênfase sobre a necessidade que o *Comitê de Defesa Proletária* colocasse

---

[107] *Avanti!*, 2ª serie, n. 149, 16-6-1917 e *Guerra Sociale*, n. 51, 16-6-1917.
[108] "Um belo ato de consciencia operaria" [sic] *Guerra Sociale*, n. 51, 16-6-1917, p. 1.
[109] Ibidem.
[110] *Avanti!*, 2ª serie, n. 149, 3-7-1917 e "Agitazioni operaie", *Fanfulla*, 3-7-1917, p. 5.
[111] "Associações que surgem", *A Plebe*, n. 16-6-1917, p.3; "La situazione creata dagli scioperi si aggrava", *Fanfulla*, 9-7-1917, p. 3; "Gruppo Socialista di Agua Branca – Lapa", *Avanti!*, 2ª serie, nn. 132-143; 6-1-1917 a 21-4-1917.

como um dos pontos fundamentais nas negociações com os empresários o pedido de congelamento dos preços dos bens alimentares e da fiscalização dos mercados livres: em suma, fez com que o *Comitê de Defesa Proletária* pressionasse também por uma intervenção dos poderes públicos. Paralelamente, o vereador José Piedade apresentava na câmara municipal, naqueles mesmos dias, projetos que iam nesta direção[112].

Foi também Monicelli que no comício do Largo da Concórdia, (16 de julho) no qual foram anunciados os acordos assinados pelos empresários no dia 14, a quem na praça insistia para que o estado de greve continuasse, mostrou a necessidade de conservar as conquistas obtidas, como ponto inicial para a reconstrução das organizações sindicais e para que pudesse ser construída uma rede de solidariedade financeira para com os operários que ainda continuavam parcialmente em greve[113].

De fato, as idéias organizativas dos socialistas italianos não eram contrárias à presença dos anarquistas nas ligas, sublinhando como estas fossem de fato caracterizadas por um neutralismo político, uma vez que cuidavam somente dos interesses gerais de seus sócios, independentemente de suas tendências políticas[114]. Esta posição mostrava também quanto importantes fossem as experiências passadas de um líder sindical como Monicelli, que nos anos passados tinha-se comportado como um exponente do PSI que dialogava nos ambientes de trabalho com as posições anti-políticas dos sindicalistas revolucionários.

O papel organizativo dos socialistas italianos do período julho-agosto 1917 em São Paulo foi atuado com constância, como objetivo de estabelecer uma linha de conduta comum que coordenasse todas as forças operários em um único esforço.

---

[112] "I funerali dell'operaio Martinez", *Fanfulla*, 12-7-1917, pp. 4-5 e "I comizi proletari di ieri", 17-7-1917, p. 4; "La questione del pane", 5-8-1917, p. 3.
[113] "I comizi proletari di ieri", *Fanfulla*, 17-7-1917, p. 4.
[114] "Movimento operaio", *Avanti!*, 2ª serie, n. 167, 20-10-1917, p. 2.

A sede das associações socialistas, na Rua Aurora, 29, que tinha sido inaugurada em fevereiro daquele mesmo ano a partir de uma iniciativa do grupo socialista alemão de São Paulo, *Allgemeiner Arbeiter Verei* (e que antes da greve já hospedava as reuniões do *Sindicato Gráphico*), tornou-se assim, conjuntamente com a sede do *Centro Libertario*, o foco deste processo unitário de reorganização.

As reuniões do *Comitê de Defesa Proletária*, além disso, foram sempre acompanhadas pelas reuniões paralelas do *Centro Socialista Internazionale*, que a partir da atividade sindical prosseguia na direção de formar uma federação socialista em São Paulo que deveria reunir todos os socialistas da cidade, independentemente de sua nacionalidade[115].

Sempre no seio das reuniões paralelas entre o *Comitê de Defesa Proletária* e grupos socialistas na Rua Aurora 29, tomou vida a proposta dos socialistas para que a futura FOSP (que devia herdar em parte as bases de acordo da UGT em construção através ligas de bairro) fosse direcionada a uma estrutura de *Camera del lavoro* (Bourse du Travail) contemplando a participação também das ligas de oficio que os socialistas previam que teriam se formado em seguida.

A proposta considerava o estado das greves naquele momento, que seguiam o caminho já ilustrado de intervenção nas agitações por setor e não de forma confusa ou espalhada[116]. Era posta, assim, a exigência de uma coexistência entre ligas interprofissionais de bairro e ligas de oficio monoprofissionais.

---

[115] "Assemblea di socialisti", *Fanfulla*, 20-8-1917, p. 2; e "Per l'organizzazione delle classi operaie", 23-7-1917, p. 4. A comissão que escreveu o estatuto da *Federazione Socialista* era composta por: Giuseppe Bacchiani, Germano Martins, Giuseppe Sgai, Achille Perseguiti, e Giuseppe Rosso.
[116] "Comitato di Difesa Proletaria", *Fanfulla*, 19-7-1917, p. 4.

Dentro desta atividade de participação dos socialistas na reorganização das ligas sindicais, inseria-se também uma série de conferências semanais de propaganda sobre *"Metodi e finalità del movimento operaio"* que Monicelli começou em meados de agosto de 1917, depois que o processo de formação das ligas de oficio tinha-se concluído.

Nas conferências, todas apresentadas nas ligas de bairro, mas também nas sociedades de socorro mútuo[117], Monicelli apresentava exatamente as idéias dos socialistas sobre a futura FOSP (que dali a alguns dias teria sido criada), *"exortando os proletários de São Paulo ao invés de adotar forma de organização de outros países, a plasmar-se um tipo de organização correspondente ao ambiente"*[118]. Segundo Monicelli, resistência, boicotagem, greve parcial ou geral e fundação de cooperativas de produção ou consumo, deviam coexistir numa mesma organização, cujo modelo não podia ser a CGT francesa de caráter soreliano (como desejado pelos anarco-sindicalistas de *A Plebe* e como apresentavam as bases de acordo da "velha" UGT paulista) mas um que contemplasse a possibilidade de acompanhar formas diferentes e mais variadas de luta[119].

Nesta ótica, quando as autoridades começaram a pressionar os sindicatos (setembro-outubro 1917) e estes se viram na obrigação de se protegerem através do depósito nos escritórios de seus estatutos, as ligas de bairro foram-se reestruturando como *Syndicato de Officios Vários* (dividindo-se no seu interno segundo os oficios que as compunham e reproduzindo assim, no seu interno, uma estrutura baseada na participação sindical segundo a pertença ao próprio setor)[120].

---

[117] Por exemplo nas sedes da *Sociedade Alliança* e *Unione Operaia di Mutuo Soccorso di Barra Funda*: "Movimento operaio", *Fanfulla*, 12-8-1917, p. 5.
[118] "Movimento operaio", *Fanfulla*, 19-8-1917, p. 4 (Tradução minha).
[119] Idem, ibidem.
[120] *Avanti!*, 2ª serie, n. 167, 20-10-1917.

A nova FOSP, portanto, foi-se estruturando mais como uma *Camera del Lavoro*, isto é direcionada à coordenação das atividades sindicais nas greves parciais e na greve geral, mas também na arrecadação dos fundos sociais para o socorro mútuo e no controle dos contratos, e sobretudo relativamente à contratação dos trabalhadores nas fábricas. Neste último caso, a *Lega de Agua Branca e Lapa*, por exemplo, começou uma greve na Fábrica de Tecidos e Bordados Lapa (500 operários em agitação) porque alguns mestres e operários recusavam-se a filiar à liga[121]. Diferentemente da concepção anarquista do sindicato, que o via como um lugar de propaganda e direcionado à greve geral insurrecional, a FOSP correspondia mais aos padrões de uma organização sindical complexa cujo objetivo era também controlar o acesso da mão de obra ao trabalho: quem entrava na fábrica tinha que estar filiado à organização sindical correspondente.

Um último aceno tem que ser feito aos outros grupos que, embora não tivesem participado completamente da construção das organizações sindicais, todavia tiveram um papel importante para que este processo pudesse ser iniciado.

Diferentemente de 1907, o contexto do período não favorecia aparentemente uma aproximação estreita entre as sociedade italians de socorro mútuo (SIMS) e as associações sindicais grevistas, uma vez que os operários pediram como condição para recomeçar o trabalho a possibilidade de recusar a oferta ao *Comitato Italiano Pro-Patria:* e as mais importantes sociedades italianas de socorro mútuo de São Paulo, (*Leale Oberdan, Galileo Galilei e Lega Lombarda*) participavam da coleta dos fundos para os comitês pro-pátria. Todavia, outras sociedades, como a *Unione Operaia di Barra Funda e a Unione Operaia*

[121] "Lo sciopero degli operai della Fábrica de Tecidos e Bordados da Lapa", *Fanfulla*, 29-8-1917, p. 4.

Civiltá e Progresso, por suas ligações mais estreitas com o *Centro Socialista Internazionale* e com os grupos republicanos ajudaram mais na subscrição em prol dos grevistas[122].

Porém, a participação no *Comitato Italiano Pro-Patria*, não impediu que sociedades como a *Vittorio Emanuele II* (a mais antiga SIMS de São Paulo) ou a *Leale Oberdan* (frequentada pelo Monicelli) interviessem em prol dos grevistas, com anúncios e manifestos de solidariedade moral ou financeira[123]. A *SIMS Leale Oberdan*, por exemplo, funcionou como mediadora entre os proprietários de oficinas metalúrgicas e uma comissão de grevistas que representava os operários destas mesmas oficinas[124]. Uma outra sociedade, enfim, a *Sociedade Alliança*, (sociedade mutualista formada na maior parte por empregados nos restaurantes, de origem italiana) embora não tivesse conseguido se transformar em liga sindical nos anos anteriores, emprestou a sua sede para reuniões operárias tanto de ligas de oficio como para a realização de comícios gerais e de conferências de propaganda[125].

Com certeza, todavia, todo um ambiente artesão da comunidade ítalo - paulistana era simpático à greve. Os grupos republicanos *Antonio Fratti* e *IX Febbraio* acompanharam o desenvolver-se de todo o movimento desde de sua participação no comitê de agitação contra a exploração das crianças do primeiro de maio de 1917, figurando como os maiores financiadores da subscrição para com as famílias dos operários em greve[126].

---

[122] "Comitê de Defesa Proletária", *Guerra Sociale*, n. 56, 11-8-1917, p. 4
[123] "Agitazioni operaie", *Fanfulla*, 17-7-1917, p. 5
[124] Ibidem.
[125] "Riunioni Operaie" e "Circoli e Società", *Fanfulla*, julho - agosto de 1917,
[126] "Circoli e Società", *Fanfulla*, 18-7-1917 e "Comitê de Defesa Proletária", *Guerra Sociale*, n. 56, 11-8-1917, p. 4.

Seu papel não deve ser desconsiderado no pronto atendimento aos pedidos em alguns setores industriais, sobretudo entre as fábricas de chapéus, de calçados ou metalúrgicas de pequenas dimensões, cujos donos eram muitas vezes republicanos[127].

Paralelamente, continuou o apoio à greve das lojas maçônicas que participavam do movimento desde o período de março 1917. A solidariedade das lojas maçônicas italianas foi fundamental, todas elas apoiaram a greve e a loja *Guglielmo Oberdan*, em setembro, chegou também a fundar uma cooperativa operária de consumo. Suas ações coincidentes com as dos grupos republicanos, mostram como o ambiente *mazziniano* italiano em São Paulo estava sempre presente como pano de fundo em todas as atividade de organização político sindical dos trabalhadores imigrados.

Quando ainda a greve devia-se tornar geral no dia 30 de junho, o *Grande Oriente Autonomo dello Stato di San Paolo* (que reunia três lojas maçônicas italianas) após uma assembléia geral publicou uma "Lettera di solidarietá agli operai in sciopero":

> *"considerando che lo scopo principale dell'istituzione massonica é di cooperare allo sviluppo sociale dell'umanità e specialmente al miglioramento delle classi bisognose [..] facendo voti per la vittoria delle stesse classi che lottano per uno scopo nobile e giusto, delibera esprimere ad esse un voto di sincera solidarietà"*[128].

---

[127] Ver a figura de Sebastiano Sparapane, empreiteiro de obras de pintura. Participa da subscrição pró-patria, mas ao mesmo tempo concede os aumentos aos operários sem que estes entrassem em greve. Logo depois forma uma cooperativa de consumo entre eles, que não tinha nada a ver com os armazéns que algmas empresas tinham para obrigar seus operários a comprar os alimentos como uma forma de diminuição de seus salários. "Cooperative Operaie", *Fanfulla*, 12-8-1917, p. 4.

[128] "considerando que o principal objetivo da instituição maçônica é o de cooperar com o desenvolvimento social da humanidade e sobretudo com o melhoramento das classes necessitadas [...] fazendo votos para a vitória destas classes que lutam por uma causa nobre e justa, delibera expressar a elas um voto de solidariedade sincera": "La solidarietà colle classi operaie", *Fanfulla*, 2-7-1917, p. 4.

CONCLUSÕES

O longo período de intensa repressão que acompanhou a greve geral de 1917 e depois adentrou-se pela década de 1920, não impediu que os processos de organização dos trabalhadores paulistanos continuassem em direção a formação, estruturação e reestruturação de ligas operárias, sociedades de socorro mútuo, grupos políticos anarquistas e socialistas. Embora as características de etnicidade, que tinham marcado o movimento associativo paulista (e paulistano, em particular), tivessem diminuído gradualmente durante a década de 1910 (a partir dos anos 1913-14), por diversos fatores externos e internos (diminuição dos fluxos migratórios de entrada, aumento dos fluxos de saída, crescimento da migração interna do Estado de São Paulo, entrada de filhos de imigrantes - sobretudo italianos – nos lugares de trabalho, e portanto no mundo associativo político, sindical e mutualista a este ligado), as organizações formadas por imigrantes italianos, ou que tinham como membros uma grande maioria de militantes originários da Itália, ainda predominaram substancialmente, ao menos até o final dos anos vinte[1].

De fato, uma das armas mais utilizadas pela intensa onda de repressão governamental, no período que se seguiu à greve de 1917 e que só teve uma certa diminuição em 1921, foi a expulsão dos militantes estrangeiros: naquele momento as

[1] Lembramos aqui novamente a análise do anarquista Gigi Damiani sobre o movimento sindical de 1917 a 1919: segundo ele, que participou dos tratados com os empresários paulistanos em 1917, o aumento do grau de organização do movimento (e consequentemente de sua capacidade de resistência) tinha sido possível porque muitos trabalhadores imigrados não pensavam mais em voltar para a Itália, ao contrário, pareciam ter-se estabelecido no Brasil definitivamente, tinham criado laços comunitários e de parentesco, parte de suas famílias tinham componentes nascidos em São Paulo, e exatamente estes últimos, lembra Damiani, constituíam já uma parcela significativa (embora mais jovem e pouco experiente da militância e das práticas sindicais e políticas) dos operários e artesãos paulistanos. Luigi DAMIANI, *I paesi nei quali non si deve*

lideranças sindicais e políticas (e, ainda mais, mutualistas) das várias associações de trabalhadores paulistanos eram fundamentalmente estrangeiras[2].

Os processos de expulsão, a declaração de estado de sítio, o fechamento dos sindicatos, dos grupos políticos e dos jornais operários, caracterizam-se os anos entre 1917 e 1921, como uma resposta a um momento de organização e atividade político-sindical que ainda apresentava muitos traços comuns ao período anterior. Ainda que a sociedade paulistana tivesse mudado muito (já a partir de um ponto de vista demográfico e sócio-econômico: a cidade não era mais, evidentemente, a mesma da década de 1900) e novos eventos (sobretudo a guerra e os ecos da revolução na Rússia) tivessem influído imensamente sobre o mundo político dos imigrantes italianos de São Paulo, a relação entre os grupos de socialistas italianos, os sindicatos e as sociedades de socorro mútuo paulistanas, ainda continuavam em rumos iniciados décadas antes.

Estes socialistas, apesar da predominância dos sindicalistas revolucionários nas diretorias das ligas operárias, continuaram muito presentes na organização interna dos sindicatos, assim como na realização de todas as atividades relacionadas às ligas, desde a elaboração das estratégias de greve até o apoio aos movimentos grevistas, através de seus

---

emigrare. La questione sociale nel Brasile, Milano, Edizioni di "Umanità Nova", 1920. Damiani foi expulso do Brasil no fim de 1919.

[2] Segundo a minha análise dos processos de expulsão referentes a imigrantes italianos, elaborada a partir das fontes estudadas no ANRJ, MJNI, IJJ[7], o período 1917-1921 teve proporcionalmente mais expulsões (40) que os 10 anos entre 1907 e 1916 (86), com picos em 1917 e 1919. Do ponto de vista das lideranças sindicais e políticas, no período anterior a 1916 destaca-se somente a expulsão do socialista Vincenzo Vacirca, diretor do *Avanti!*, em 1908, embora houve a tentativa de expulsar o secretário da FOSP, Giulio Sorelli e os redatores do jornal anarquista *La Battaglia*. Depois de 1917, ao contrário, os líderes socialistas, anarquistas e sindicalistas de origem italiana, em São Paulo, foram dizimados. Também segundo o *Anuário Estatístico do Brasil*, Ano V, citado por Sheldon Leslie MARAM, *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 43, somente no quinquênio 1917-1921 houve 205 expulsões de estrangeiros do Brasil (isto é, 36,8% do total), enquanto nos 10 anos precedentes foram 351. Segundo esta fonte, as porcentagens não mudam para o caso específico dos italianos (79 expulsões entre 1907 e 1916 e 42, 34,7% do total dos italianos expulsos – entre 1916 e 1921).

grupos políticos e das sociedades mutualistas nas quais eram os principais dirigentes[3]. Alguns estatutos de ligas operárias do período posterior à greve de 1917, embora declarassem explicitamente seu autonomismo político e sua pertença ao sindicalismo de ação direta (destacando, ao mesmo tempo, sua distância do mutualismo e da beneficência), não desprezavam completamente a possibilidade de obter para sua categoria ou para a liga em si, direitos políticos e legais, mostrando a predominância de doutrinas sindicalistas revolucionárias na elaboração de seus estatutos e também uma influência dos membros socialistas[4]. Além disso, diversas ligas que apareceram (ou se reorganizaram) em 1918 e 1919, quando houve uma verdadeira onda de reuniões sindicais voltadas à aprovação de novos estatutos (a partir da reabertura das ligas em abril de 1918 a legislação as obrigava a depositar os estatutos nos cartórios pena o seu fechamento imediato[5]), faziam suas reuniões no salão Celso Garcia, assim chamado em homenagem ao vereador paulistano que morreu em 1908 e que esteve sempre muito próximo do *Centro Socialista Internazionale*)[6].

---

[3] É interessante notar, por exemplo, que o jornal socialista italiano *Avanti!* de São Paulo é a referência mais importante, para acompanhar a vida associativa e a atuação das ligas operárias que se organizavam no período posterior à greve geral, também para um anarquista envolvido na atividade sindical como Edgard Leuenroth, que ainda conservava recortes da seção "Movimento Operaio" deste jornal nas suas pastas pessoais décadas depois (ver Pasta 1, Acervo Pessoal de Edgard Leuenroth, Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas).

[4] É o caso evidente das contradições (crítica à legislação social, mas, ao mesmo tempo, reconhecimento da importância de possuir direitos fundamentados nas leis), que aparecem no *Estatuto da Liga Operária da Construção Civil*, São Paulo, 1919. Nas considerações finais ("Aos operários", pp. 15-16), o estatuto diz: "A orientação a seguir não pode ser outra senão a de resistência ao capital, a luta de ação direta, em conquista dos nossos direitos. Já se foi o tempo das beneficências. Já se foi o tempo do mutualismo. [...] Não julgueis que o reconhecimento legal dos Estatutos amedronte os patrões [...] a Lei é uma espada na mão do forte, é um espinho na mão do fraco. Este, de qualquer lado se mexa, é sempre espetado. Nada temos a esperar das leis: elas nunca se fizeram para favorecer os operários [...]". Mas no artigo 6 (p. 3), afirma não desprezar a defesa de "rudimentares direitos políticos", mas destacando novamente seu autonomizo político "A Liga O. da C.C. sem abandonar a defesa pela ação direta e rudimentares direitos políticos de que necessitam as organizações econômicas, não pertence a nenhuma escola política". Ver também *Estatuto da Liga dos Trabalhadores do Bráz e Belenzinho*, São Paulo, c.1917.

[5] O fato pode ser averiguado através da leitura do *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, onde os estatutos sindicais (ainda que, na maioria dos casos, em forma resumida) começam a aparecer com freqüência somente a partir de 1918.

[6] Ver seção "Movimento Operário", *O Combate* dos anos 1918 e 1919 e os poucos números ainda existentes de *Avanti!*, 2ª serie, de 1919. O 1° de Maio, por exemplo, devia ser festejado semi-clandestinamente na Federação Espanhola (uma associação do Brás) e o programa previa ao mesmo tempo a execução do *Inno dei*

Em outubro de 1919, quando o *Avanti!* de São Paulo retoma as publicações após dois anos de interrupção (por causa da censura e do estado de sítio), o grupo editor declara na primeira página que um dos dois objetivos do jornal é "apoiar as organizações operárias locais na luta contra todo tipo de opressão"[7]. Nas páginas internas a ligação com os sindicatos e a importância de dirigir todos os esforços locais à organização sindical é reafirmada com vigor na maioria dos artigos o lema é: "a obra sindical revoluciona as consciências" e a repressão geral (sobretudo as últimas expulsões realizadas após a explosão da Rua João Boemer[8]) é explicada sublinhando que o verdadeiro alvo "é a organização operária" em São Paulo e a sua "sistemática ação de classe"[9]. Tons operaístas e sindicalistas caracterizaram a retomada da atividade propagandista dos socialistas italianos, que, neste período, contavam ainda, em São Paulo, com quatro grupos, um central (o Centro Socialista) e três de bairro (Água Branca, Lapa e Brás), mas com diversos militantes espalhados também nos bairros do Bom Retiro e de Barra Funda[10]. Nem podia ser muito diferente, pois a grande maioria dos militantes que participavam destes grupos continuava sendo a que tinha participado ativamente da greve geral de 1917 e ainda se destacavam os nomes de líderes sindicais como Sgai, Chiodi, Monicelli, Scala (Giovanni).

Claramente, a experiência recente soviética estava continuamente presente, porém mediada não somente através leitura dos jornais (sobretudo italianos) que chegavam

---

Lavoratori (hino oficial do PSI) a peça *Primo Maggio* de Pietro Gori, e depois a leitura de poesias em castelhano ("1° de Maio", *O Combate*, 25-4-1918, p. 3.

[7] *Avanti!*, 2ª serie, n. 166, 21-10-1919, p. 1.

[8] Nesta explosão acidental morreram dois anarquistas. O fato deu à polícia paulista a oportunidade para o início de uma nova vaga de expulsões. Ver Ugo FEDELI, *Gigi Damiani: note biografiche. Il suo posto nell'Anarchismo*. Cesena, Antistato, 1954 e Paula BEIGUELMANN, *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo, Símbolo, 1977.

[9] "A proposito di bombe e di complotti", Ibidem, p. 3. Em "Il movimento operaio nell'ora presente", (ibidem), Sgai chega até a definir a reorganização do operariado paulistano de uma rapidez surpreendente e faz a proposta de ativar-se para criar laços ainda mais estreitos com os sindicatos da Europa e dos Estados Unidos.

[10] Ver seção "Movimento Operário", *O Combate* dos anos 1918 e 1919 e os poucos números ainda existentes de *Avanti!*, 2ª serie, de 1919.

constantemente a diversos membros destes grupos socialistas, mas também através das ligações pessoais que estes militantes continuavam tendo com integrantes do PSI na Itália. O debate especificamente italiano entrou, por meios destes canais, com muita rapidez no mundo político paulista, pelo menos no mundo dos imigrantes e de sues descendentes. Uma nova fase (o fortalecimento dos sindicatos paulistanos, o início de sua transformação de ligas de ofício em ligas de categoria, o aparecimento dos primeiros núcleos comunistas, o declínio sempre mais evidente dos grupos anarquistas, o advento do fascismo, e portanto do antifascismo e suas respectivas influências em São Paulo), que não é objeto de estudo nesta tese, se abriria evidentemente entre 1918 e a década de 1920.

Os grupos socialistas italianos de São Paulo passaram todos a apoiar a corrente majoritária do Partido Socialista Italiano que ganhou no congresso do partido em outubro de 1919, a chamada *frazione massimalista*, que orientou a ação do PSI nas linhas da experiência dos conselhos operários vitoriosos na Rússia, levando o partido à adesão a Terceira Internacional[11]. De fato, o outro dos dois objetivos que os redatores do *Avanti!* de São Paulo declararam no dia da retomada das publicações, era "defender e difundir a postura intransigente e revolucionária do partido socialista italiano"[12]. A última página do novo número foi dedicada quase completamente a ilustrar o programa maximalista do PSI, que, lembramos rapidamente, adaptava à situação italiana as táticas e estratégias experimentadas na Rússia: em suma, abandonava muitas das bases socialdemocratas do modelo SPD nas quais o PSI tinha sido criado e sobre as quais tinha se desenvolvido ao

[11] A única exceção em São Paulo continuava sendo Antonio Piccarolo, que, todavia, já desde o início da guerra era passado aos socialistas intervencionistas de Bissolati e que, de qualquer forma, não tinha relações amigáveis com os grupos socialistas italianos de São Paulo, há anos, pelo menos desde 1905, por causa de suas posições moderadas e geralmente contrárias aos sindicatos.
[12] *Avanti!*, 2ª serie, n. 166, 21-10-1919, p. 1.

longo de quase trinta anos[13]. Um ano depois, em setembro de 1920, a Itália teria vivido a ocupação das fábricas, fato que teve obviamente uma influência ainda maior que os ecos da revolução russa entre os militantes italianos imigrados em São Paulo. Além disso, a experiência da circulação de idéias e práticas político-sindicais que o mundo da emigração/imigração italiana tinha proporcionado durante o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, assumia agora sentidos ainda mais fortes para os militantes italianos no exterior: pela primeira vez um líder sindical e político que tinha realizado grande parte de sua experiência de militância e liderança, entre os imigrantes italianos na Suíça e nos Estados Unidos, Giacinto Menotti Serrati, tinha se tornado diretor do *Avanti!* da Itália, órgão do PSI (o diário mais difuso da imprensa operária italiana e, em geral, um dos jornais mais lidos) como expressão da corrente majoritária maximalista[14].

Um primeiro grupo político que adota o nome de Centro Maximalista surge em São Paulo já em julho de 1918, nos mesmos dias em que o estado de sítio é prolongado até 31

[13] O termo *massimalismo* foi adotado exatamente para indicar que o PSI agora deveria passar a executar o programa máximo, isto é, a revolução através de uma revolta e a instauração da ditadura proletária através dos conselhos de trabalhadores. Na parte referente aos objetivos do PSI, o programa maximalista (adotado como programa oficial do partido desde 1919, como dissemos) declarava no ponto 1: "A ação política do nosso partido na atual fase revolucionária não pode ser mais direta, como está escrito no programa de 1892, a conquistar os poderes públicos (Estado, Municípios, Administrações públicas, etc.) para transformá-los [...] ao contrário, o proletariado deve chagar com a violência à conquista do poder político e econômico, que terá que ser confiado inteiramente e exclusivamente aos Conselhos dos operários e dos camponeses, que terão função legislativa e executiva. Será realizada, assim, a ditadura proletária com a fórmula: todo o poder aos conselhos dos trabalhadores" ("Programa Massimalista del partito socialista italiano", *Avanti!*, 2ª serie, n. 166, 21-10-1919, p. 4).

[14] Serrati foi o maior propagandista e organizador socialista italiano entre os imigrantes na Suíça, onde viveu e atuou politicamente como membro do PSI nos períodos 1899-1901 e 1904-1911, e também nos Estados Unidos, nos anos 1902 e 1903, onde dirigiu o jornal operário em língua italiana publicado em Nova York, *Il Proletario*. Em 1924, Serrati filou-se ao *Partito Comunista d'Italia*: dois anos depois morreu enquanto se dirigia a uma reunião clandestina do partido. Como escreveu Anna Rosada, os anos da emigração são a premissa indispensável para compreender toda a ação política sucessiva de Serrati: Anna ROSADA, *Serrati nell'emigrazione. 1899-1911*. Roma, Editori Riuniti, 1972.

de dezembro de 1918, por iniciativa de trabalhadores socialistas dos bairros do Bom Retiro e da Barra Funda[15].

Consequentemente, também as referências à intervenção dos trabalhadores italianos no processo eleitoral local (em particular estadual ou municipal) e, portanto, os planos para uma naturalização em massa dos imigrantes, desaparecem (quase) completamente neste período. A única iniciativa dos socialistas italianos de São Paulo neste âmbito, é a proposta feita por Ambrogio Chiodi (e assinada por mais de 200 operários socialistas) de apresentar a candidatura de Edgard Leuenroth a deputado federal para as eleições de março de 1918. Tratava-se, todavia, de uma candidatuira-protesto para permitir a libertação imediata de Leuenroth, caso ele fosse eleito. Os promotores tinham se inspirado explicitamente na candidatura-protesto de Alceste De Ambris de 1911, que permitiu a sua volta à Itália do Brasil[16].

No caso de Giuseppe Sgai, esta ligação com os eventos italianos é constantemente atualizada através de sua relação epistolar com os irmãos e alguns companheiros do partido socialista que viviam em Florença e arredores. Através da experiência deles, Sgai, acompanhava, de São Paulo, as transformações que ocorreriam no Partido Socialista Italiano na época: os debates, os conflitos, o surgimento do movimento e do partido fascista, a fundação do Partido Comunista, a tomada do poder por Mussolini. Em abril de 1919, o primo, Enrico Venturi, um mecânico de Rifredi, um subúrbio operário de Florença,

[15] "Movimento Operário", *O Combate*, 7-7-1918, p. 3. A primeira iniciativa do centro é a de declarar o apoio às iniciativas que serão atuadas pelos libertários de São Paulo para obter a liberação de Edgard Leuenroth.
[16] Obviamente, Edgard Leuenroth recusou-se a aceitar, alegando a sua ideologia libertária, na carta que escreveu da cadeia pública de São Paulo e que foi publicada no jornal *O Combate* de 26-2-1918 ("A candidatura-protesto. Porque Edgard Leuenroth não a pode aceitar", p. 1). Para acompanhar o caso ver "Edgard Leuenroth. Sua candidatura a deputado federal", *O Combate*, 5-2-1918; "Seção livre. Aos operários e aos homens de idéias liberais", Ibidem, 18-2-1918; "À margem da candidatura Leuenroth", Ibidem, 23-2-1918. Sobre a candidatura-protesto de Alceste De Ambris, ver Edilene TOLEDO, *O sindicalismo*

lhe escreve: "aqui na Itália há muita carestia, reina muito desemprego, o governo não foi previdente e hoje é impotente. O Bolchevismo está andando com passos de gigante, encontra consenso também entre os indivíduos menos politizados. Estão se preparando grande eventos: os esperamos e os saudaremos!"[17]. Igualmente, os irmãos de Giuseppe Sgai participaram ativamente da construção do PCd'I nos subúrbios de Florença, sobretudo em Rifredi e Fiesole. Francesco (de 1895) e Mario (de 1893), um sapateiro e o outro mecânico, eram da mesma geração de Giuseppe, o mais velho (nascido em 1891) e, como ele, tinham-se filiado ao PSI desde jovens, sempre militando na corrente chamada socialista revolucionária (corrente até 1914 liderada também por Benito Mussolini). Em 1919 seguiram os passos da maioria dos militantes socialistas revolucionários e se declararam adeptos da corrente maximalista. Em 1921 estiveram entre os fundadores do grupo local do partido comunista, integravam também os *Arditi del Popolo* uma organização paramilitar antagonista das esquadras fascistas e por causa desta atividade ficaram entre os principais alvos da repressão fascista em Florença, quando Mussolini se torna chefe do governo em 1922[18]. Consequentemente decidem emigrar para o Brasil (Mario em 1923 e Francesco três anos mais tarde) No Brasil, junto com o irmão Giuseppe e com o caçula Alfredo, não

---

revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de idéias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH, UNICAMP, 2002.

[17] ACSR, CPC, b. 4787, pasta de Giuseppe Sgai. Venturi era um operário mecânico, filiado ao PSI. Nasceu em 1893.

[18] A organização *Arditi del Popolo* nasceu em 1920 para contrastar o *arditismo* nacionalista, que deu origem às esquadras fascistas. Os *arditi* eram, durante a guerra, as tropas especiais de assalto, que agiam quase sempre à noite em pequenas operações de ataque às trincheiras da linha de frente. Por isso, utilizavam uma camisa negra, que depois passou a ser utilizada pelos fascistas, cujos primeiros membros, de fato, vinham em boa parte das associações de arditi surgidas logo após o fim do conflito. O movimento dos *Arditi* (*arditismo*), tinha uma ideologia marcadamente nacionalista, antisocialista e anticomunista, e iniciou suas ações pós-guerra com a agressão a líderes sindicais e militantes de esquerda: a partir de 1920 confundia-se quase completamente com os grupos fascistas. Em oposição, nasceu entre muitos ex-combatentes socialistas e sindicalistas-revolucionários (alguns dos quais também tinham integrado os corpos especiais dos arditi do exército italiano durante o conflito) grupos paramilitares de esquerda aos quais deram o nome de *Arditi del Popolo* (isto é, "do povo"). Estas organizações estavam bastante difusas nas áreas onde o sindicalismo revolucionário tinha sido mais forte. Eram formadas, todavia, também por socialistas revolucionários, sobretudo por aqueles que depois passaram ao partido comunista, e por anarquistas.

abandonam suas posições comunistas[19]. Ainda na década de trinta, os quatro irmãos são considerados militantes comunistas bastante ativos no âmbito paulista pela polícia italiana (e, obviamente, também pela brasileira).

Para concluir, entre as muitas descontinuidades que caracterizaram o período posterior a 1917, em relação aos vinte anos anteriores, houve também uma série de continuidades, das quais gostaria de falar somente de forma breve.

Se, por um lado, o operaismo, o maximalismo e (para alguns) a passagem à experiência comunista foram processos que evidenciaram uma mudança na atuação de muitos socialistas italianos de São Paulo, por outro lado, passados alguns anos, práticas políticas das décadas anteriores voltaram à cotidianidade da atuação de muitos militantes socialistas, sobretudo no que se refere a relação com as sociedades de socorro mútuo. Claramente, a maioria nunca abandonou a militância sindical no seu lugar de trabalho, embora tenha diminuído de importância o papel que desempenhavam nas diretorias até o início dos anos vinte. Mas uma análise rápida dos processos de expulsão e dos prontuários do DEOPS nos mostra como diversas sociedades italianas de socorro mútuo (sobretudo a *Lega Lombarda*, a *Unione Operaia di Barra Funda*, a *União Fraterna da Lapa e Agua Branca*, a *Società di Mutuo Soccorso del Cambucy*), funcionaram como abrigo e apoio de grupos políticos socialistas e comunistas, especialmente no período da formação da ANL.

[19] Para uma reconstrução das biografias políticas dos irmãos Sgai, ver suas pastas pessoais em ACSR, CPC, b. 4787. Alfredo tinha nascido em 1904, em Rifredi. Começou sua jovem militância já no PCd'I, com apenas 16 anos, em 1924 emigrou para Paris, e logo em seguida para São Paulo. Quando Francesco emigrou para o Brasil, foi trabalhar na oficina mecânica que o irmão Mario tinha aberto em São Paulo logo depois de sua chegada. Giuseppe, em 1919, morava em São Paulo na casa da família da esposa, os Mercadante. Durante a década de vinte se transfere com a família para Santos, onde encontra trabalho nas gráficas dos jornais *Gazeta Popular* e *Diário de Santos* e onde ainda vivia nos anos quarenta, continuando sua militância antifascista e próximo dos grupos comunistas locais. Lembramos, enfim, que a atuação de Francesco, Mario e Alfredo nos *Arditi del Popolo* foi muito intensa, ao ponto de terem sido acusados de alguns assassinatos de fascistas e por isso batidos freqüentemente depois de 1922: por exemplo, a fotografia policial de Mario conservada no CPC mostra ele com faixas na cabeça e manchas de sangue no paletó, feridas que, segundo a polícia de Florença tinha-se procurado em embates com os fascistas da região em 1923.

Lembramos, enfim, que nos anos trinta era ainda ativo em São Paulo o *Circolo Socialista Giacomo Matteotti*, do qual faziam parte muitos dos antigos membros dos grupos socialistas italianos do período 1900-1920[20].

No início dos anos vinte, por exemplo, Ambrogio Chiodi, com outros membros do PSI de São Paulo (como Nello Colli e Adelmo Giordani), fundou a *Sociedade de Mutuo Socorro do Cambucy*, cujos estatutos, diferentemente dos da maioria das mútuas, evidenciavam em muitos pontos, sua origem socialista e republicana, a partir do fato que eram consideradas datas de comemoração oficial da sociedade o dia 14 de Julho e o dia 1° de Maio[21].

Também no caso de Teodoro Monicelli a sua ligação com o mundo associativo ítalo-paulista não terminou, apesar de sua adesão inicial ao maximalismo do PSI, do *Centro Socialista de São Paulo* e do grupo editor do *Avanti!* paulistano. A sua atividade política e sindical, prosseguiu, depois de 1918, na elaboração de um projeto de lei cujos artigos deveriam ser definidos pela *Confederazione Generale del Lavoro*, pelo *Commissariato Generale dell'Emigrazione* e pela *Società Umanitaria* de Milão, com o fim de estimular uma retomada da corrente migratória para o Brasil, mas com a condição de que todo emigrante que quisesse vir para o Brasil partisse da Itália já com um contrato de trabalho, cuja realização seria fiscalizada pelas autoridades italianas no Brasil e por uma organização conjunta formada por uma seção do *Circolo Socialista* de São Paulo, para isso destinada, e por delegados das sociedades italianas de socorro mútuo paulistas. Em maio de 1920, dirigiu-se à Itália, para apresentar o projeto à seção colonial do grupo parlamentar socialista

[20] Ver AESP, DEOPS, Prontuário n. 71.338.

[21] A sociedade foi fundada no dia 27 de Fevereiro de 1922 e a sua sede estava na Rua Barão de Jaguara, 769. Ambrogio Chiodi foi seu presidente por muitos anos. A data da tomada da Bastilha era definida "Dia de Confraternização dos Povos". Ver AESP, DEOPS, Prontuário n. 770 e *Estatutos da Sociedade de Mutuo Socorro do Cambucy.Fundada em 27 de fevereiro de 1922.* São Paulo, Typographia Modelo, 1928.

e participou de uma reunião para desenvolver o projeto na CGdL. Além disso, participou na Itália, no mesmo período, de uma Congresso do *Instituto Coloniale di Roma* (organização que coordenava a atividade de todo tipo de associação italiana no exterior), como delegado representante dos socialistas italianos e de todas as sociedades italianas de socorro mútuo no Brasil[22].

Este breve esboço das atividades dos grupos socialistas italianos de São Paulo depois da greve geral de 1917, chegando aos anos vinte e trinta de forma muito panorâmica, quer também introduzir as conclusões gerais deste trabalho de tese, uma vez que, como vimos, as atividades dos grupos socialistas italianos e suas relações com as associações sindicais e o mutualismo étnico, ainda que tenham sofrido uma diminuição substancial a partir da década de 1920, não desapareceu completamente da cena da sociedade paulista depois de 1917.

Concluindo, esta tese estudou os processos de organização dos trabalhadores italianos em São Paulo a partir do início da imigração de massa para o Brasil (1887-1892) até chegar às vésperas da década de 1920 (lembramos que eles constituíam de 70 a 90% da força de trabalho em São Paulo), focalizando aspectos que até hoje ainda não tinham sido destacados suficientemente pela historiografia sobre o movimento operário paulista durante a Primeira República.

Partindo do meu estudo precedente sobre a imprensa anarquista italiana em São Paulo, tentei ir além da análise do papel (de qualquer forma muito importante) que os

[22] Ver sobre isso ANRJ, MJNI, IJJ[7] n. 141, Processo de Expulsão de Teodoro Monicelli e também ACSR, CPC, b. 3354, pasta de Teodoro Monicelli.

anarquistas desempenharam na capital paulista e no Estado, para averiguar quais outros grupos políticos e quais outros tipos de associações, grêmios, organizações sindicais e mutualistas faziam parte do mundo dos trabalhadores italianos imigrados em São Paulo, e sobretudo, quais eram as interseções e sobreposições entre estes grupos.

Em particular, portanto, foi dada atenção especial ao estudo dos socialistas italianos em São Paulo, pois sua atuação previa justamente a participação nos mais variados processos de organização, desde o grupo político até o sindicato, o círculo recreativo, a cooperativa de consumo e de produção, e obviamente, as associações étnicas e as importantes sociedades de socorro mútuo que surgiram entre os trabalhadores italianos em todos os países onde imigraram.

O resultado mais importante deste trabalho é a possibilidade del ver, então, como o mundo associativo dos trabalhadores italianos em São Paulo durante a Primeira República era muito mais complexo e articulado do que parecia e que os socialistas italianos desempenharam um papel tão importante (muitas vezes superior) ao dos anarquistas, exatamente por esta maior capacidade de circular entre diferentes tipos de associações étnicas e de classe.

A idéia do predomínio do anarquismo sobre outros tipos de grupos políticos entre os trabalhadores paulistanos da época (e sobretudo entre os italianos) tem de ser então descartada, e o aporte do movimento anarquista evidentemente tem de ser reduzido, seja no que se refere às organizações sindicais (nas quais prevaleceram, em períodos diferentes, inicialmente as lideranças explicitamente ligadas aos grupos socialistas italianos e posteriormente as sindicalistas revolucionárias) como no que diz a respeito a difusão e participação geral dos grupos políticos formados pelos imigrantes italianos em São Paulo, em sua vida associativa ou nos lugares de trabalho e os bairros populares.

Ao mesmo tempo, podemos afirmar que, graças ao estudo destes militantes socialistas, resulta a evidência que o papel das sociedades mutualistas italianas de São Paulo foi fundamental em diferentes momentos nas greves, e em geral na criação de uma difusa rede de solidariedade e sociabilidade que derruba as velhas idéias de um mutualismo étnico fechado em si mesmo sem nenhuma relação com as outras organizações dos trabalhadores. Desta rede, os socialista italianos estavam entre os principais artífices, como mostram também os muitos conflitos internos a estas agremiações, e entre elas, que esta atividade intensa provocou.

Esta relação constante dos socialistas com diversas agremiações caracterizou realmente toda sua atividade também em São Paulo, de forma semelhante ao que acontecia na Itália, e nos principais países de forte imigração italiana urbana tanto das Américas (Argentina, Uruguai, Estados Unidos) como da Europa (França e Suíça).

A tese analisou, para o caso paulista, como esta relação se desenvolveu, quais foram suas fases e como as várias associações entraram em contato entre elas.

Podemos dizer que o papel dos socialistas italianos no desenvolvimento dos grupos políticos, sindicais e mutualistas em São Paulo foi de fato notável, embora tenha atravessado fases de impasse, de declínio temporário e até de insucesso.

Um fato importante foi, com certeza, ter conseguido realizar um jornal diário socialista em língua italiana (o *Avanti!*, homônimo do oficial do Partido Socialista na Itália) entre 1902 e 1908, que não teve iguais em nenhuma outra comunidade italiana nas Américas. Se depois consideramos que o *Avanti!* de São Paulo foi publicado como semanário também entre 1900 e 1902 e depois entre 1914 e 1920 (com tiragens de mais de 8.000 cópias), percebemos ainda mais que este era o primeiro sinal, não somente de uma

notável capacidade editorial, mas também da existência de uma rede organizativa da qual faziam parte dezenas de grupos socialistas de trabalhadores italianos espalhados pelo Estado de São Paulo, realidade que esta tese quis destacar e analisar. Ao mesmo tempo, esta rede se apoiava também nas atividades que a maioria destes militantes desempenhavam nas sociedades italianas de socorro mútuo e nos sindicatos, sem os quais não é possível compreender também as causas desta difusão no território paulista. Ao longo de três décadas, todas a sociedades de médias dimensões do Estado de São Paulo tinham pelo menos um grupo de socialistas ligados ao núcleo central de São Paulo. Na capital estes grupos nunca foram menos que cinco. O número de seus integrantes também não era desprezível, se comparado até com as seções do PSI na Itália, pelo menos até 1912-13, quando o sufrágio universal masculino na Itália proporcionou também um aumento da militância política e das filiações ao PSI. A idéia do partido de massa (com milhares e até milhões de filiados) é uma idéia relativamente recente, ela se concretizou na Itália somente depois da Primeira Guerra Mundial e, após a parêntese do fascismo, somente no segundo pós-guerra. Entre todos os países europeus, antes de 1918, o único verdadeiro partido de massa era o SPD (e parcialmente os partidos escandinavos), no resto dos casos a força dos outros partidos ligados a II Internacional (com algumas exceções) residia quase exclusivamente na sua ligação, no território, com outros tipos de organizações: em primeiro lugar as ligas operárias de ofício e depois as sociedades de socorro mútuo e as cooperativas, esta tríade, ainda mais característica no caso italiano, esteve presente também em São Paulo, porém com algumas diferenças.

De qualquer forma, os socialistas italianos estiveram presentes em todos os processos organizativos dos trabalhadores em São Paulo e, em alguns momentos, os

lideraram efetivamente, enquanto em outros períodos compartilharam este papel de direção e organização com militantes anarquistas ou sindicalistas revolucionários.

Em relação ao sindicalismo, às ligas de ofício (e, mais tarde, de categoria), o papel dos socialistas italianos de São Paulo foi de extraordinária importância. A partir da década de 1890 foram os primeiros fundadores de ligas sindicais em São Paulo capital. Mas foi sobretudo entre 1898 e 1903 que eles lideraram o surgimento e a organização das ligas de resistência e todo tipo de ação sindical, desde as greves, as arbitragens nos conflitos de trabalho, até a elaboração dos estatutos e a vida associativa geral dos sindicatos. Um imaginário operário, socialista e italiano predominou literalmente naqueles anos o mundo organizativo paulistano.

É necessário dizer também que não foi um movimento organizativo sindical exclusivamente dominado por trabalhadores especializados, homens e adultos, como usualmente somos levados a crer. Pelo contrário, uma análise mais aprofundada deste período e também da atividade dos socialistas italianos, mostrou que a presença de trabalhadores não (ou pouco) especializados e de mulheres não era nada desprezível, tanto que um dos sindicatos que teve maior sucesso em termos de números de filiados proporcionalmente ao número de empregados, em termos de atividade sindical e associativa em geral, foi o dos tecelões e tecelãs (com diversas mulheres em sua direção). Esta atividade organizativa proporcionou um aumento considerável dos trabalhadores sindicalizados neste período, que não eram tão poucos como podia aparecer: eles ultrapassavam a proporção que foi encontrada na Argentina de 1904 (usual modelo de comparação na historiografia do movimento operário brasileiro), que tinha uma taxa de 11% de trabalhadores sindicalizados. Temos que considerar sempre, de qualquer forma, que estamos falando de contextos sujeitos a constantes fluxos imigratórios e migratórios, onde

os mesmos trabalhadores tinham uma mobilidade proporcionalmente maior das que tinham por exemplo na Itália, que, todavia, era justamente o país que tinha uma parte consistente da força-de-trabalho envolvida no processo emigratório.

Este foi, de fato, o período de ouro da atividade sindical dos socialistas italianos em São Paulo, pois, com certeza, a maioria dos operários, operárias, artesãos, filiados às ligas se reconheciam no *Centro Socialista* e nos vários grupos de socialistas italianos que tinham surgido nos vários bairros paulistanos, mas sobretudo, reconheciam como referente obrigatório o grupo editor do jornal *Avanti!* de São Paulo, o que permitiu a sua rápida transformação em jornal diário.

Também a sucessiva predominância sindicalista revolucionária (que depois caracterizou fortemente a parir de 1904-1905 todo movimento operário paulista até o advento do Estado Novo) deve ser lida à luz deste precedente e intensa atividade dos sindicalistas italianos pertencentes ao PSI. Líderes sindicalistas como Giulio Sorelli e Alceste De Ambris eram ainda fiéis filiados aos centros socialistas paulistanos nos primeiros anos do século XX, sua formação sindical aconteceu em grande parte paralelamente à sua atividade política socialista e até à sua atuação nas sociedades de socorro mútuo.

Existiam fortes paralelismos com os mesmos processos ocorridos na Itália, onde o sindicalismo revolucionário surgiu em grande parte entre sindicalistas socialistas que não acreditavam mais na eficácia da luta parlamentar que o PSI desenvolvia junto com sua atuação nas organizações sindicais.

Quando surgiu a FOSP, todavia, com sua característica tendência à ação direta, o autonomismo sindical por ela pregado não eliminou o papel que muitos sindicalistas ainda filiados aos centros de socialistas italianos de São Paulo tinham nas várias ligas de ofício

federadas. Ao contrário, muitas das ligas, em particular, por exemplo, a dos chapeleiros, mas também a dos pedreiros ou dos tipógrafos, continuaram tendo diretorias dominadas por militantes socialistas originários da Itália. Isto quer dizer que, muitos trabalhadores ligados de várias formas aos grupos socialistas paulistanos desempenhavam uma ação concreta de organização nos sindicatos que formavam a FOSP, embora esta tivesse, em sua maioria, dirigentes que estavam muito mais próximos da idéia da independência autonomia absoluta dos sindicatos e da idéia da greve geral como arma decisiva nos conflitos do trabalho.

Como mostramos na parte dedicada às greves de 1907, o papel dos socialistas nos sindicatos e no desenvolvimento da greve geral não foi nada desprezível e, graças ao apoio que eles gozavam em algumas sociedades mutualista italianas, grupos de bairro políticos ou recreativos, conseguiram elaborar uma estratégia de resistência prolongada que as ligas de ofício sozinhas não teriam conseguido levar à frente. Existia, na verdade, um mundo associativo no qual uma multiplicidade de personagens e organizações se criava continuamente, e no qual havia uma influenciava mútua.

Também no período 1909-1914, quando houve um enfraquecimento generalizado das organizações sindicais, nunca os socialistas italianos empenhados nos vários sindicatos paulistanos deixaram de atuar completamente.

Nos anos seguintes, a chegada de líderes sindicais socialistas da Itália como Teodoro Monicelli, enviados expressamente para organizar os trabalhadores de São Paulo, que continuavam sendo italianos em sua grande maioria, fez sentir novamente o seu peso nos processos organizativos de forma muito evidente. Os novos militantes que chegaram a partir de 1911-12, trouxeram consigo também novas experiências organizativas. Foi o período do triunfo da Corrente Socialista Revolucionária Itália, e muitos destes militantes já na Itália tinham sido líderes locais de bolsas do trabalho, o que significava uma prática

sindical experiente e que, de qualquer forma, tinha muitos pontos de contato com o sindicalismo revolucionário e a ênfase que este punha no papel do sindicato.

Os efeitos se viram na greve geral de 1917, na qual o papel de liderança desempenhado pelos militantes socialistas italianos mais importantes de São Paulo foi evidente e não pode ser ofuscado pela idéia que tivemos até agora de uma greve geral dominadas por anarquistas que interpretaram o espontaneidade popular. Ao contrário, parece-me que ela se desenvolveu em um contexto no qual havia ainda uma rede de diferentes tipos de organizações políticas, sindicais e mutualistas (ainda que um pouco mais enfraquecidas do que anos antes), e onde a falta de organização foi mais aparente do que real.

Um processo de reorganização estava, ao contrário, ocorrendo já desde 1914-15, graças ao empenho dos socialistas italianos que, na mesma época, conseguiram reativar também grupos que tinham desaparecido há alguns anos.

Muitas ligas de ofício, além disso, foram mantidas em vida nos períodos de menor grau organizativo e de atividade grevista por militantes socialistas que nunca abandonaram a prática sindical.

É como um rio subterrâneo que nos momentos conjunturais volta à superfície, a mesma linha sutil que faz com que encontramos, aqui e ali, nos documentos oficiais dos sindicatos paulistanos do período Vargas, os carimbos das ligas de 1907 e mais freqüentemente de 1917, 1918, 1919; que faz com que nos deparemos com os filhos de líderes sindicais da década de 1910, ou com alguns destes líderes ainda nos anos trinta e quarenta.

E mais, a greve de 1917 ocorreu em um contexto ainda caracterizado pela forte etnicidade, onde a grande presença de trabalhadores italianos, isto é, imigrantes de uma nação em guerra, obrigados pela burguesia emergente imigrada (ligada por mil razões à

ideologia nacionalista italiana e aos interesses envolvidos no conflito) a contribuir mensalmente e até semanalmente para os muitos comitês paulistanos que arrecadavam somas consistentes para o Estado italiano, agravou ulteriormente as péssimas condições de vida e de trabalho daquele período e criou fraturas ainda mais profundas entre operários e empresários.

Este estudo que focalizou a atuação dos socialistas italianos permitiu, além disso, adentrar-se na análise da atividade das sociedades étnicas de socorro mútuo e foi possível, assim, ir além da visão neutra que tínhamos do mutualismo em São Paulo, todo voltado à defesa de seus interesses beneficentes e ligados aos artesãos e comerciantes imigrados. Ao contrário, pudemos ver como este espaço associativo foi de fundamental importância para a realização de greves e em geral para os processos de organização sindical, fornecendo freqüentemente o apoio necessário à realização destes movimentos.

Em suma, não havia um nacionalismo tão difuso nas sociedades de socorro mútuo italianas como estávamos acostumados a crer, mas muito presente era também um patriotismo de origem *mazziniana* e democrática, que criou não poucos conflitos políticos no interior do mundo das associações dos italianos de São Paulo. Havia, de fato toda uma série de sociedades italianas de socorro mútuo nas quais a predominância de sócios socialistas e republicanos as empurrava para uma natural colaboração com os grupos políticos e com os grêmios sindicais.

Freqüentemente havia interseções evidentes, pois muitos militantes socialistas eram membros de sociedades italianas de socorro mútuo e ocupavam cargos de direção nelas e nos sindicatos.

Assim como na Itália do mesmo período, as associações de socorro mútuos ítalo-paulistas estavam muitas vezes ligadas aos socialistas e, portanto, estavam impregnadas de posturas políticas e de uma visão da solidariedade operária que não excluía ou que não temia o conflito de classe, mas que, na especificidade de suas funções o acompanhava e que exigia tomar partido explicitamente. Claramente, as comunidades imigradas não eram as mesmas da Itália e diversas sociedades mutualistas expressavam, ao contrário, suas fidelidades ao monarquismo e ao governo italiano.

Estes conflitos repercutiam-se evidentemente dentro da comunidade ítalo-paulista, como procuramos demonstrar, em momentos simbólicos nos quais duas idéias de Itália enfrentavam-se até violentamente: o dia XX de setembro podia ser o dia do fim do poder temporal da Igreja, mas, ao mesmo tempo, da unificação da Itália sob as bandeiras da monarquia. E muitos outros momentos como este criavam situações nas quais evidenciavam-se os conflitos políticos que dividiam (às vezes até no seu seio) sociedades democráticas e monarquistas.

Em alguns casos foi possível observar como aconteceram também processos semelhantes aos ocorridos na Itália na década de 1890, quando associações mutualistas profissionais (que agregavam sócios que exerciam o mesmo oficio) transformavam-se nos primeiros sindicatos, isto é, abandonavam gradualmente o socorro mútuo para dedicar-se completamente à resistência nos conflito trabalhistas. Todavia, no caso paulista, em um ambiente de comunidades imigradas, este tipo de processo foi muito menos freqüente e o mútuo socorro prevalecente foi do tipo étnico pluriprofissional, ainda que não fosse isento de fortes conotações políticas.

O estudo da relação entre política e mutualismo trouxe consigo também um enfoque sobre a influência que também os republicanos italianos tiveram no desenvolvimento das

associações políticas e mutualistas dos trabalhadores italianos em São Paulo. A participação sindical dos republicanos foi menos evidente, mas eles também participaram ativamente das ligas operárias e, sobretudo deve ser destacado o papel saliente que tiveram no apoio a todos os movimentos grevistas, manifestações que iam muito além das declarações de solidariedade. De qualquer forma, estiveram sempre muito presentes na organização de eventos comuns a militantes e sindicalistas de várias tendências, desempenhando um papel de união que permitia freqüentemente a realização de manifestações unitárias com os socialistas e os anarquistas. A atividade dos republicanos italianos em São Paulo foi, de fato, inspirada sempre na colaboração com as outras forças políticas antimonarquistas, imitando à risca o que acontecia também na Itália no mesmo período. Os *mazziniani* de São Paulo compartilhavam com socialistas e anarquistas italianos muitas experiências de atividade em comum (do anticlericalismo à organização das ligas de resistência) já antes da emigração, sobretudo para aqueles militantes que vinham de regiões da Itália central onde os laços entre estes grupos eram muitos fortes na vida associativa e se manifestavam em momentos conjunturais.

A questão da etnicidade caracterizou, de qualquer forma, todas estas expressões político-sindicais, porém não no sentido de inviabilizar a atuação de todos os tipos de organização por causa de conflitos étnicos internos como foi destacado há anos pela historiografia do movimento operário nos Estados Unidos. A presença dos imigrantes italianos no mundo do trabalho urbano paulista era tão majoritária que nenhum conflito étnico podia levar à paralisação das organizações e temos que dizer que nem apareceram abertamente conflitos regionais entre italianos, como talvez estivessemos acostumados a pensar. Porém, é preciso destacar que havia certamente tendências regionais à militância

política e sindical: a maioria dos militantes vinha das regiões da Itália central, da Emilia-Romagna e de algumas províncias da Lombardia, da Ligúria e do Piemonte. O grau de militância era muito mais baixo entre os italianos do sul, fenômeno que tinha suas bases evidentes no fato que o centro e o noroeste da Itália tinham já na época uma prática organizativa bem mais enraizada, embora muitos fossem os operários de origem meridional (sobretudo das fábricas de tecido e das alimentícias) que sustentavam o *Avanti!* nas subscrições.

Todavia, além da influência das cadeias migratórias na determinação dos padrões regionais de militância entre os italianos de São Paulo, notamos que (proporcionalmente ao número de imigrantes da mesma região) o maior número de militantes socialistas, republicanos e sindicalistas (e a afirmação vale também para os anarquistas) vinham de centros urbanos de médias dimensões da Emilia-Romagna e da Toscana e não das grandes e médias cidades industriais da Lombardia ou do Piemonte. O "típico" militante italiano de São Paulo era um operário especializado ou um artesão, cujo histórico de militância tinha começado antes de emigrar nas pequenas e médias cidades da Itália central, onde tinha experimentado a ação política nos sindicatos, nos grupos socialistas (ou anarquistas , ou republicanos) e, em muitos casos, nas sociedades de socorro mútuo. Não eram poucos os que tinham assumido cargos nas diretorias destes núcleos. Em muitos aspectos, a cidade de São Paulo se parecia, do ponto de vista de suas atividades econômicas, na qual ainda eram predominantes as oficinas e os estabelecimentos de médias dimensões, com cidades italianas médias da Emilia, da Toscana e da Lombardia.

Voltando todavia à questão étnica, se a predominância do elemento italiano no mundo do trabalho paulista facilitou os processos de organização (pois um caso de difusão em um território tão grande de grupos de socialistas italianos como o que ocorreu no Estado

de São Paulo não teve iguais em outros países de imigração italiana), por outro lado, limitou a transposição deste fenômeno em outras realidades. A criação de um partido socialista que fosse além do elemento italiano foi o maior obstáculo que os militantes socialistas italianos enfrentaram. Além de alguns pouquíssimos profissionais liberais brasileiros, os grupos socialistas paulistas eram o espelho dos mesmos grêmios do PSI que estavam na Itália. Falar de socialismo no Estado de São Paulo significava falar de imigrantes italianos politizados.

O partido socialista brasileiro que foi constituído em 1902 era, na verdade, uma federação do PSI no Brasil e por muitos anos passou a ser chamado e identificado desta forma, como Federação do Estado de São Paulo. Era uma parte do partido no Brasil. Um fenômeno que nem chegou a ocorrer na cidade de Buenos Aires, onde também em muitos bairros, como na Boca, o socialismo estava ligado essencialmente aos imigrantes italianos[23].

O movimento socialista era uma grande planta exótica, muito bem adaptada e difusa no território paulista, mas substancialmente sem possibilidade de crescer politicamente na arena eleitoral, embora tivesse um número de filiados e de grupos consistente, e, potencialmente um altíssimo número de eleitores visto o consenso que tinha entre muitos trabalhadores italianos (isto é, a maioria dos trabalhadores paulistas), pelo menos na primeira década do século XX.

Isto não significou que tentativas de ingressar na corrida eleitoral, ao menos no nível municipal e estadual, não foram tentadas pelos socialistas italianos.

[23] Foram os votos de muitos imigrantes italianos naturalizados da Boca que elegeram o primeiro deputado socialista na Argentina.

Mas o problema fundamental era o nó da naturalização, ao ponto que, a cada um ou dois anos os grupos socialistas, junto com as sociedades italianas de socorro mútuo e os republicanos italianos de São Paulo, pressionavam o governo italiano para que permitisse a abertura de uma brecha para obter a dupla cidadania e possibilitar, desta forma, a participação dos imigrantes italianos às eleições. As respostas foram sempre negativas. Não existia outra via senão a naturalização e, de fato, diversos militantes se naturalizaram e em São Paulo contribuíram para a eleição de vereadores como Celso Garcia.

Porém, apesar da impossibilidade de participar das eleições, os núcleos que formavam a chamada Federação Socialista de São Paulo, continuaram existindo e tendo um papel importante nos processos organizativos dos trabalhadores italianos de São Paulo, não somente na cidade, mas também no interior. A sua existência permitia concentrar a atividade dos militantes em grupos que coordenavam manifestações, propagandas eleitorais para alguns candidatos brasileiros próximos ao Centro Socialista Internazionale, greves e arrecadação de fundos para os sindicatos, ações conjuntas com as sociedades mutualistas, mas, sobretudo eram um constante ponto de referência para as ligas de resistência em vários momentos de suas vidas e para a sociabilidade operária nos bairros populares de São Paulo (ao ponto que o hino mais cantado em São Paulo nas várias manifestações políticas e sindicais e na abertura das festas operárias, foi o *Inno dei Lavoratori*, hino oficial do PSI, escrito por Filippo Turati, às vezes cantado na sua tradução portuguesa).

Enfim, como vimos, a atuação dos socialista italianos, ainda que privada da possibilidade eleitoral, se concretizou em múltiplas atividades, e teve sempre um papel de destaque que, até hoje, tinha sido pouco estudado.

Podemos traçar hoje um quadro no qual o mundo associativo paulistano durante a Primeira República resulta mais complexo e multiforme do que podia parecer limitando o

nosso enfoque ao estudo dos grupos anarquistas, que por anos foram considerados a expressão geral da militância político-sindical no movimento operário em São Paulo.

Depois de quase 30 anos de atividades dos vários grupos políticos, mutualistas e sindicais em São Paulo, momentos conjunturais e períodos mais ou menos longos de formação e estruturação das diversas agremiações mostraram que os processos organizativos que envolviam os trabalhadores paulistas e em particular a sua grande maioria, os imigrantes italianos, tinham-se desenvolvido através de estratificações, comparticipações, trocas de experiências, dinâmicas e interseções que denotavam toda a complexidade do mundo associativo paulistano e mais em geral paulista.

Dentro desta complexidade, o espaço que os socialistas italianos ocuparam foi de fundamental importância para o constante desenvolvimento dos núcleos associativos dos trabalhadores em São Paulo no âmbito de uma atuação integral, que ia do grupo político, ao círculo recreativo, passando pelas sociedades mutualistas, as ligas sindicais, as cooperativas, no processo infinito de construção de uma sociedade democrática.

FONTES

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH (AEL)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

Jornais

Gli Schiavi Bianchi (São Paulo, Galileo Botti, 1892)
L'Asino Umano (São Paulo, Ragliata settimanale illustrata, Centro Socialista Internazionale, Augusto Donati, 1894
L'Avvenire (São Paulo, 1894-1895)
A Questão Social (Santos, Orgam do Centro Socialista, Silvério Fontes, 1895-1896)
La Birichina (São Paulo, 1897)
L'Operaio Italiano (s.l. Settimanale, Cooperativa Operaia, 1897-1898)
O Rebate (São Paulo, Beniamim Mota, 1897-1899)
Ribattiamo il chiodo (São Paulo, n. único, 1897)
O Socialista (São Paulo, Orgam do Partido Democrata Socialista, 1897-1898)
O Socialista (Orgam do Centro Socialista de Uberaba, 1897)
XX Settembre (São Paulo, 1897: número único)
Il Risveglio (São Paulo, Organo Comunista Libertario, A. Mari, 1898-1899)
Il Diritto (Curitiba – PR, Periodico Comunista Anarchico, Egizio Cini, 1899-1902)
Folha do Braz (São Paulo, Propriedade de Cruz e Leuenroth, João Sizenado, Benedicto Mirelles, 1899-1901)
El Grito del Pueblo / O Grito do Povo (São Paulo, Defensor de los intereses del proletariado, Antonio Lago, 1899-1900)
Avanti! (São Paulo, settimanale socialista, giornale socialista quotidiano, giornale socialista, 1900-1908; 1914-1917; 1919)
Palestra Social (São Paulo, Tobia Boni, 1900-1901)
O Amigo do Povo (São Paulo, Neno Vasco, 1901-1902)
A Lanterna (São Paulo, Folha anticlerical e de combate, Edgard Leuenroth, 1901-1904; 1909-1916)
La Terza Roma (São Paulo, Gruppo socialista Anarchico Pensiero e Azione, 1901)
Germinal (São Paulo, Angelo Bandoni, 1902)
L'Asino (São Paulo, Settimanale socialista, 1903)
O Chapeleiro (Orgam da Liga de Resistencia entre Chapeleiros e Anexos, 1903-1904; 1905-1907)
A Lucta Proletaria / La Lotta Proletaria (São Paulo, Órgão da Federação Operária do Estado de São Paulo, Organo della União dos Syndicatos di São Paulo, 1906-1909)
La Nuova Gente (São Paulo, Gruppo Anarchico La Propaganda, Luigi Magrassi, 1903-1904)
Sempre Avanti! (São Paulo, settmanale socialista,1903-1904)
La Battaglia (São Paulo, Oreste Ristori, 1904-1912)
L'Azione Anarchica (São Paulo, 1905: numero unico)
O Carpinteiro (São Paulo, Stefano Soncini e Giulio Sorelli, 1905)
A Terra Livre (São Paulo, Neno Vasco, Manoel Moscoso, 1905-1908; 1910)

O Trabalhador Graphico (São Paulo, Orgam da União dos Trabalhadores Graphicos, 1905-1906)
Il Libertario (São Paulo, Quindicinale Socialista Anarchico, 1906)
A Voz do Trabalhador (Rio de Janeiro, Orgam da COB, 1908-1909; 1913-1914)
Il Ribelle (São Paulo, periodico quidicinale libertario, Luigi Cagnetta, 1909)
La Scure (São Paulo, Alceste De Ambris, 1910)
Don Chisciotte (São Paulo, Paolo Mazzoldi, 1911)
La Rivista Coloniale (São Paulo, mensal, socialista reformista, diretor A. Piccarolo, 1912-1920)
La Barricata (São Paulo, Periodico anarchico, 1912-1913)
La Propaganda Libertaria (São Paulo, Alessandro Cerchiai, 1913-1914)
Pro-Vittime Politiche d'Italia (São Paulo, 1914, número único)
Guerra Sociale (São Paulo, Angelo Bandoni, 1911-1917)
O Combate (São Paulo, Nereu Rangel Pestana, 1915-1920)
A Voz do Trabalhador (Poços de Caldas –MG, Orgam mensal da Liga Operaria Internacional, 1916)
A Plebe (São Paulo, Periodico Libertario, Rodolfo Felippe, 1917-1920)
Alba Rossa (São Paulo, settimanale libertario, 1919-1920)
Germinal! (São Paulo, Jornal Anarquista, 1919)
O Grito Operário (São Paulo, Orgam semanal da Liga Operaria da Construção Civil e do operariado em geral, D. Fagundes, 1919-1920)
O Alfaiate (São Paulo, Orgão da União dos Alfaiates, 1920)

ARTIGOS, OPÚSCULOS, FOHETOS E LIVROS DO FUNDO "COLEÇÃO IMIGRAÇÃO ITALIANA"

Almanacco della Rivoluzione, São Paulo, Gruppo La Propaganda, 1909

"A proposito dell'immigrazione nel Brasile". in: *L'emigrato italiano in America*. n. 5, Mar. 1911, pp. 48-52.

"Il Nuovo vescovo di S. Paolo nel Brasile". in: *L'emigrato italiano in America*. maio 1907. Pp. 95-97

"Il patronato del lavoro a Santos", *L'Italia Coloniale*. 1903, 1(6), ppp. 580-586.

"Immigrazione in Brasile nell'anno 1913". In: *Rivista di Immigrazione*. 1915. 8: (2), 39-44.

"La Colonia Italiana della cittá di San Paolo", *Bollettino della Societá Geografica Italiana*, 1906, 7: p. 993-995.

"La nuova camera di Commercio italiana a San Paolo ed i rapporti italo-brasiliani", *L'esplorazione commerciale*, 1902, pp. 184-186.

"La stampa periodica italiana all'estero", *Mostra degli italiani all'estero*. Milano, Fratelli Bocca, 1909. pp. 138-168.

"Le proprietá urbane degli stranieri nello stato di San Paolo". In: *Bollettino della Reale Societá Geografica Italiana*. 1911. 12 (9). pp. 1166-1167.

"L'Orfanotrofio Cristoforo Colombo in Vila Prudente - S. Paolo – Brasile". In: L'Emigrato Italiano in America. mar 1916. 10: 43-47

"Per una 'Unione Cattolica' tra gli italiani di San Paolo".
In: *L'emigrato italiano in America*. jan. 1912, pp. 6-7

"Orfanotrofio Cristoforo Colombo, Ypiranga, San Paolo", *L'emigrato italiano in America*. maggio 1907, pp. 76-78.

"Religione e Patria nel cuore dell'emigrato". In: L'Emigrato Italiano in America. 1911. 39-41.

A.M. – "L'emigrazione italiana al Brasile". in: *Italica Gens* 1911 2(10) pp. 369-386.

BELLI, Bortolo. "Lettere da San Paolo", *L'esplorazione commerciale*. 1903, 18 (10), pp. 148-151.

BELLI, B. – "L'emigrazione italiana nello stato di San Paolo". In: *L'esplorazione commerciale*. 1908. 23 (7-8). Pp. 100-112.

BELLI, Natale. *Giornalismo Italiano in Brasile*. São Paulo, s.c.p., 1923.

BIANCO, Francesco. "Il legame spirituale tra L'Italia e il Brasile: il problema della cultura italiana all'estero". In: *Emigrazione e Lavoro*. 1922. 6 (7): 1-8.

BONACCI, Giovanni. *Il Brasile e l'emigrazione italiana*. Roma, Vittorio Bonacci, 1920.

BONARDELLI, Eugenio. "Vita intelettuale sociale e religiosa degli italiani nello stato di San Paolo". In: *Italica Gens*. 1915. 6 (3-6) : 95-108

BLESSICH, Aldo. "La crisi del caffé e l'emigrazione italiana", *Rivista Italo-Americana*, 1902. I, pp. 3-31.

CANELLA, F. "Le condizioni degli italiani nello stato di San Paolo", *L'Italia Coloniale*. 1903. 4(3), pp. 3-48.

CABRINI, Angiolo – "La parola del R. Commissariato contro l'emigrazione al Brasile". in: *Rivista Coloniale*. 1913. 1(2), pp. 257-259.

CHIARAPPA, G. "Il Circolo Italiano di S. Paolo: istituzioni italiane all'estero", *Le vie d'Italia e dell'America Latina*, 1927, 33 (1).

D'ATRI, Alessandro. *La Giovane Italia a San Paolo*. Napoli, D'Aurea, 1904.

DE PASSERA, Gino. "Il cappellificio Dante Ramenzoni e Cia: Industrie Italiane al Brasile". In: *Le Vie d'Italia e dell'America Latina*. 1926. 32 (7).

FELICI, Os. *Il Brasile com'è*. Milano, s.d.

GLIBERTI, R. "Italiani nel Brasile: cinquant'anni di attività nello stato di San Paolo." In: *Le vie del mondo*. 1937. (12): 1310-1332.

GROSSI, Vincenzo – "Uomini e cose del Brasile". in: *Bollettino dei Consoli*. 1909. Anno III. Fasc. VII, pp. 146-151.

GUERRA, Paolo. "Il recente sviluppo dell'industria e del commercio nel Brasile", *Separata di Economia dell'Italia Moderna*. Societá Tip. Ed. Romana, 1909, 42 (10), pp. 1-15.

GUIDA, Giuseppe – *L'italiano nel Brasile: manuale pratico dell'emigrante e del commerciante*. s.l. 1910.

LOMBROSO, Gina – "Un viaggio al Brasile". in: *Nuova antologia di Scienze, Lettere ed Arti*. 1908. 43 (873). pp. 88-108.

LUGATTI, Epaminonda – *Memorie sulla colonia italiana dello stato di San Paolo*. São Paulo, Tip. Irmãos Del Frate, 1908.

MALNATE, *Nicola. "Gli italiani al Brasile". In:* La Rassegna Nazionale. *1913. 35 (189): 420-430*

MALNATE, Nicola – "L'emigrazione clandestina". In: *La Rassegna Nazionale*. 1911. 33 (178). Pp. 508-514.

PAVONI, Giacomo. "Il problema della Cittadinanza nei rapporti degli emigrati italiani nell'America del Sud". In: *La Vita Italiana all'Estero*. 1914. 2: (14), 116-127.

PEDROTTI, Pietro. *L'Emigrazione dal Trentino.* Roma,1918.

PEPE, Gaetano. *La scuola italiana in San Paolo del Brasile.* São Paulo, Pocai. 1916.

PICCAROLO, Antonio – *Il Socialismo in Brasile. Disegno di un programma pratico di azione socialista*. Milano – São Paulo, Centro Socialista Paulistano. s.d.

PREZIOSI, Giovanni. "Il pericolo del Brasile per la nostra emigrazione". In: *La Vita Italiana*. 1920. 8 : (86), 205-213.

RANGONI, Domenico. *Il lavoro collettivo degli italiani al Brasile*. São Paulo, s.c.p. 1902.

RAVA, Maurizio. "Due Milioni di Italiani nel Brasile". In: *Emigrazione e Lavoro*. 1922. (5): 4-8.

RAZZETI, Eugenia. "Lo stato di San Paolo nel Brasile e l'emigrazione italiana".In: *L'Esplorazione commerciale: Bolletino della Società Italiana di Esplorazione Geografica e Commerciale*. 1918. 33 (3-4) : 43-50.

ROSSI, Luigi. "Gli italiani nel Brasile e il dovere di una netta e sicura politica de emigrazione".
In: La Vita Italiana all'Estero. *1913. 1: (7), 10-30.*

ROTELLINI, Vitaliano. *Astensione o elettorato? Un grave problema*. São Paulo, Pubblicazioni del "Fanfulla", 1902.

RISTORI, Oreste. *Contro l'immigrazione al Brasile*, São Paulo, 1906.

SCALABRINI, Angelo. *Delle condizioni attuali della emigrazione nell'America Meridionale (ne' suoi rapporti coll'industria)*. Roma, Stab. Tip. G. Civelli, 1895.

UGOLOTTI, Filippo. *Italia e Italiani in Brasile: note e appunti*. São Paulo, Riedel & Lemmi, 1897.

VENEROSI, R. "Dopo un'anno di guerra". In: *Italica Gens*. 1912. 3 (10-11) : 351-352.

VENEROSI, R. "I sussidi alle scuole italiane in America". In: *Italica Gens*. 1914. 5 (1-2): 1-64.

VENEROSI, R. "Salari correnti e prezzi dei generi di prima necessità nella città di San Paolo del Brasile". In: *Italica Gens*. 1914. 5 (1-2) : 57-64

ZUCULIN, B. "La 'Tecelagem de Seda Italo-Brazileira': Le grandi industrie al Brasile".In: *Le Vie d'Italia e dell'America Latina*. 1926. 32 (11) : 1225-1230.

OUTROS FOLHETOS, OPÚSCULOS E LIVROS

Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do stado de São Paulo para 1897. São Paulo, 1897.

Almanaque do Estado de São Paulo. São Paulo, "O Estado de São Paulo", 1916.

BANDEIRA Jr, Antônio Francisco. *A indústria no Estado de São Paulo em 1901*. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1901.

DAMIANI, Luigi: *I paesi nei quali non si deve emigrare. La questione sociale nel Brasile*. Milano, Edizioni di "Umanitá Nova", 1920.

DE AMBRIS, Alceste: *Almanacco socialista*. São Paulo, Riedel & Lemmi, 1901.

DE AMBRYS, Alceste (compilatore). *Almanacco Socialista pel 1902*. São Paulo: Estab. Graphico Riedel & Lemmi, 1901.

DE FEO, Luciano. *I trattati di lavoro e la protezione dei nostri lavoranti all'estero.* Milano: Fratelli Treves, 1916.

EBERT, Justus. *Os IWW na teoria e na pratica.* New Bedford: Textil Workers Union, 1922.

FABBRI, Luigi. *L'organizzazione operaia e l'anarchia: a proposito di sindacalismo.* Roma: 'Il Pensiero', II edizione, 1906.

FABBRI, Luigi. *Dittatura e rivoluzione.* Milano: Sociale, 1921.

FERRER, Francisco. *Lo sciopero generale. Compilazione degli articoli di Ferrer pubblicati nella 'Huelga General' di Barcellona.* Ginevra: Edizioni de 'Il Risveglio', 1914.

GORI, Pietro. *Conferenze politiche.* La Spezia: La Sociale, 1912.

GRAVE, Jean. *Le mouvement libertaire sous la 3 république*. Paris: Les Ouvres Représentatives, 1930.

LEONE, Henrique. *O sindicalismo.* Lisboa: Guimarães, 1911.

LEUENROTH, Edgard.*Boletim da Comissão Executiva do 3º Congresso Operario, n. 3,* s.l.: 1920.

LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo: roteiro de libertação social.* Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

MENTANA. *Faccia a faccia col nemico: cronache giudiziarie dell'anarchismo militante*. Boston: Gruppo Autonomo, 1914.

MUSSOLINI, Benito. *I discorsi della rivoluzione.* Milano: Imperia, 1923.

OLIVETTI, Angelo O. *Cinque anni di sindacalismo e di lotta proletaria in Italia.* Napoli: Partenopea, s.d.

PEIRATS, José. *La CNT en la revolución española.* Buenos Aires: CNT, 1955.

Sciopero Generale: il suo scopo e i suoi mezzi, Lo. Ginevra: Edizioni de 'Il Risveglio' / 'Le Réveil'. L. Bertoni, 1901.

SOREL, Giorgio. *Considerazioni sulla violenza.* Bari: Laterza, 1926.

TRIPPA, Arturo. *Impressioni di carcere.* São Paulo: 'Il Pasquino Coloniale', 1917.

Umanitaria e la sua opera, L'. Milano: 1922.

ZAVATTERO, Domenico. *Gli anarchici nel movimento sociale in Italia.* Ravenna: L'Iniziativa, 1905.

BOLETINS

Boletim do Departamento Estadual do Trabalho. 1912-1920

Boletim da Diretoria de Indústria e Comércio. 1915

Bolletino della Camera di Commercio e Industria Italo - Brasiliana. 1917-1920.

Boletim da Comissão Executiva do 3° Congresso Operario. 1920

INSTITUO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO (IHGSP)

Amico del Lavoratore, L' 1902, 1903
Anima e Vita 1905
Asino, L' 1893 e Nuova serie 1901, 1903
Avanti! 1902-1903
Avvenire, L' 1894-85
Birichina, La 1896-97 e 1903 nuova serie
Commercio e l'Industria, Il 1908-1914
Cronaca Italiana, La 1898
Cronache 1907
Don Chisciotte 1911
Giustizia, La 1893
Italia, L' 1896
Lavoro, Il 1893-95
Messaggero, Il 1891-1894
Messaggero, Il 1896
Piccolo, Il 1908-09
Piccolo, Il 1920
Piccolo della Domenica, Il 1918
Pungolo, Il 1905, 1909-1912
Risveglio Italiano, Il 1905
Rivista Coloniale, La 1910-24
Rivista Italiana, La 1913
Schiavi Bianchi, Gli 1892-93
Scure, La 1910
Secolo, Il 1906-09
Sempre Avanti! 1903 - 04
Tribuna Italiana, La 1894-1903
Venezian, El 1905
Vita Italiana nel Brasile, La 1908-09

ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO (ANRJ)
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS DO INTERIOR (MJNI), IJJ[7].
PROCESSOS DE EXPULSÃO

Observação:

Com exceção de alguns casos, os sobrenomes e os nomes não foram modificados segundo a grafia italiana correta, mas deixados como aparecem em sua pasta pessoal. (Por exemplo: Vicente Vacirca é na realidade Vincenzo Vacirca, e Alexandre Cerchiari, seria Alessandro Cerchiai) Temos que considerar, de qualquer forma, que muitos processados assinavam já com o nome em sua versão na língua portuguesa, ou porque naturalizados, ou porque queriam mostrar que o eram para evitar a expulsão, ou, ainda, porque já há alguns anos no Brasil tinham adotado no dia a dia o nome na sua versão brasileira.

Além dos de nacionalidade italiana, foram analisados alguns processos relativos a espanhóis ou portugueses e sírio-libaneses, que militavam nos mesmos grupos políticos ou sindicais de tantos trabalhadores italianos de São Paulo.

Agottani, José
Alfano, Vincenzo
Alvarez, Joaquim
Amadeu, Carlos
Amiconi, Genesio
Amodio, Antonio
Amodio, Vicente
Amorim, José Augusto
Angeletti, Giulio
Aniceti, Vicente
Annunciato, João
Antonelli, Silvio
Aragione, Pasquale
Arcamone, Liberato
Astuto, Gaetano
Aulicino, Giulio
Badalosi, Carlos
Baldassarre, Gennaro
Barbi, João
Barbiere, Francisco
Barini, João
Barni, Attilio Ferruccio
Belucio, Anselmo
Belucio, Giovanni
Benassi, Riccardo
Bertelli, Alfredo
Bessani, Juvenal
Bigazzi, Josué
Bisogno, João
Blasi, Francisco
Boleta, Renato
Briganti, Luiz
Brochini, Silvio
Caiazzo, José
Calallo, Leo
Caluci, Alfredo
Caneza, Angelo
Cantalupo, Paul
Cardaci, Salvador
Cardoso, Valentim
Casagrande, Antonio
Catalani, Attilio
Cerchiai, Alexandre
Clemente, Adolfo
Cocurullo, José
Colombo, Felix
Colucci, Valentim
Comparini, Marcelo
Conti, Julio
Cortazi, Giacomo
Cortilini, Lourenço
Cossini, Alfredo
Cotroneo, Gennaro
Covelo, Henrique
Covino, José
D'Amato, Generoso
Damiani, Luigi
Dargienzo, Alberto
Dell'Elce, Maria
De Rosa, Alfredo
De Rosa, Andrea
D'Onofrio, Armando
De Biasi, Pascoal
Esposito, Alfredo
Evangelista, Angelo
Ferrari, João
Ferrari, Luiz
Ferro, José
Festa, Alfonso
Forte, Vicente
Foster, Mario Leopardo
Fugagnoli, Benedito
Fuso, Gervasio
Gaiazzi, Rosina
Galard, Miguel
Garzulo, Pasquale
Genovese, Antonio
Gentil, Miguel
Giordano, Giovanni
Giorla, José
Giusti, Virgilio
Grassi, Vincenzo
Graziani, Luiz
Greco, Alberto
Guaracino, Natalio
Imperato, Emilio
Jacob, Braz
Jacob, José
Lamberti, Adelelmo
Lamberti, Vicente

Lampiano, Leone
Lombardi, Arturo
Maceroni, Arduino
Machini, Julio
Mafei, Antonio
Malia, Giuseppe
Manzini, Geraldo
Marazani, Alberto
Marchioro, Silvio
Mariani, Julio
Mariani, Luiz
Mariani, Mario
Mariotti, Primo
Marleta, José
Marmolo, Nicolino
Marques, José Sarmento
Marsala, Antonio
Massa, Anibal
Massena, Alfredo
Mateino, Telemaco
Maurini, Pedro
Menali, Paulo
Micheli, Giovanni
Miniero, João Batista
Minozzi, Aurelio
Molinari, Alfonso
Monicelli, Teodoro
Musitano, Antonio
Musso, Felix
Nascimento, Lino do
Nazari, Rafael
Orsini, Aquiles
Ovidi, Alfredo
Paixão, Arlindo
Palma, Umberto
Papaioni, Nicodemo
Parlatano, Oronzo
Parrochetti, Vittorio
Pasti, Teodoro
Pastore, Vicente
Pedrotti, Artur
Pellegrini, Roberto
Peralta, José
Perdiche, Alfredo
Periss, Michele
Pernicone, Vicente
Perobelli, Attilio
Perpetuo, Luigi
Pessagna, José
Plazio, José
Pozati, Isidoro
Resta, Henrique
Ricciardelli, Angelo
Ristori, Oreste
Romano, Antonio
Rosa, Vitor
Rosolillo, Gabriel
Rossetti, Mario Carlos
Russo, Stefano
Salito, Augusto
Salvati, Julio
Sampietri, Julio
Scalia, Giuseppe
Scarlate, Giuseppe
Schiavone, Antonio
Adão, José
Sgai, José
Sorelli, Júlio
Taboada, Joaquim
Tacia, Antonio
Trivella, Armando
Trompeti, Marcel
Trote, Antonio
Vacirca, Vicente
Vassalo, José Paulo
Vidaurreta, Gregorio
Visconti, Paolo Marazani
Volpe, Vincenzo
Vugagnete, Amadeu
Zanelli, Alexandre

MATERIAL IMPRESSO ANALISADO PRESENTE NAS PASTAS DOS PROCESSOS DE EXPULSÃO, NO ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, IJJ7.

Ao Povo de São Paulo. São Paulo, 1919.

La Battaglia, n. 109, 27-01-1907; n. 03-02-1907; n. 111, 10-02- 1907; n. 112, 16-02-1907; n. 24-03-1907.

Commissão. *Aos operários em fábricas de Doces*. São Paulo, 1918.

Comissão de Boicotagem contra a Cia Antarctica. *Aos trabalhadores e a todos os homens de consciencia livre*. São Paulo, 1919.

Federação Operária de São Paulo. *Ao Operariado em Geral*. São Paulo, 1919.

Liga Operaia Saltense. *Aviso de assemblea*. Salto, 03-03-1920[1].

Liga Operária da Construção Civil. *Estatutos*. São Paulo, 1919.

Liga Operária da Construção Civil. *Caderneta de Trabalho de Manoel Monserrat*. São Paulo, 1920.

Liga de Resistencia entre Trabalhadores em Vehiculos, Federação Operária do Estado de São Paulo. *Anúncio de greve pelas oito horas e aumento de salário*. São Paulo, 23-03-1907[2].

A Lucta Proletaria. Orgam da Federação Operária do Estado de São Paulo. *São Paulo, Ano II, n. 6, 01-05-1907*.

Operários grevistas. *Aos Tecelões de Aniagem da Fabrica Penteado*. São Paulo, 1907.

Ristori, Oreste. *Contra a Immigração*. São Paulo: Edizioni *La Battaglia*, 1906.

Thonar, Jorge: *O que querem os Anarquistas*. São Paulo: Biblioteca da *Terra Livre*, n. 1, 1906.

União Geral dos Ferroviários. *Aos Ferroviários e ao Proletariado em Geral*. São Paulo, 1919.

[1] Nota-se como o nome da Liga de Salto utiliza termos em português ('Liga') e italiano ('operaia' em lugar de 'operária').
[2] O impresso é neste caso endereçado à empresa Campos e Irmãos.

União dos Operários em Fábricas de Tecidos. *Aos operários da Fabrica Rodolpho Crespi*. São Paulo, 1920.

União dos Operários em Fábricas de Tecidos. *União dos Operários em Fábricas de Tecidos à População de São Paulo*. São Paulo, 1920.

União dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos. *A União dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos à classe*. São Paulo, 1920.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO (AESP)
FUNDO DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL (DEOPS)

Prontuários Pessoais de Militantes

Nome no DEOPS	*Nome italiano*	*Sobrenome*
Abel	Abele	NOLLI
Aquiles	Achille	POZZI
Adelmo	Adelmo	GIORDANI
Affonso	Alfonso	BIANCO
Affonso	Alfonso	COLOMBO
Albernazzi	Mario	ALBERNAZZI
Alessandri	Cesare	ALESSANDRI
Alessandro	Alessandro	BASSI
Alexandre	Alessandro	FELICIAN
Alexandre	Alessandro	JANICELLI
Alfonso	Alfonso	CARAMICO
Alfredo	Alfredo	COLUCCI
Ambrosio	Ambrogio	CHIODI
Amico	Vittorio	D'AMICO
André	Andrea	ACCARDO
André	Andrea	CALIÓ
Angel	Angelo	STEFANONI
Angelo	Angelo	BASSI
Angelo	Angelo	GENNARI
Angelo	Angelo	MONDANO
Angelo	Angelo	RIZZO
Angelo	Angelo	ROSSI
Angelo	Angelo	SEGATTO
Antônio	Antonio	ABATE
Antônio	Antonio	AMANCIO
Antônio	Antonio	BASSI
Antônio	Antonio	CARDINE
Antonio	Antonio	CIMATTI
Antonio	Antonio	MASTRANGIOLO
Antonio	Antonio	PATTELLA
Aquiles	Achille	PERSEGUITI
Aquiles	Achille	VANCINI
Arnaldo	Arnaldo	DE BATTISTA
Arrigo	Arrigo	ANDREANI
Arthur	Arturo	GIUSTI
Arthur	Arturo	PASSETTI
Arturo	Arturo	BERNARDINELLI

Augusto	Augusto	PARDINI
Baldino	Angelo	BALDINO
Bartolo	Bortolo	SCARMAGNAN
Bibbi	Gino	BIBBI
Bolognesi	Gino	BOLOGNESI
Boreggio	Filisberto	BOREGGIO
Bortolo	Bortolo	MARAFANTI
Caetano	Gaetano	ABRUZZINI
Gaetano	Gaetano	ROTILENO
Cafiero	Cafiero	GIOVANNETTI
Camilo	Camillo	AMADIO
Carlos	Carlo	SOCARDO
César	Cesare	GENNARI
Cezar	Cesare	CROCE
Cezar	Cesare	IMPIGLIA
Cláudio	Claudio	FAZIONI
Clemente	Clemente	GRAZIAN
Constantino	Costantino	SCAMIGELLI
Dante	Dante	BELLATI
Dante	Dante	CARLI
Domenico	Domenico	BIANCHINI
Domenico	Domenico	D'AMBROSIO
Domenico	Domenico	ENDRIGO
Domingos	Domenico	ANGIELLO
Domingos	Domenico	CARELLI
Edgard	Edgard	LEUENROTH
Edmundo	Edmondo	COLLI
Edmundo	Edmondo	GRASSI
Eduardo	Eduardo	RUBIRA
Emílio	Emilio	BONAGURA
Ercole	Ercole	CILENTO
Ercole	Ercole	PARDINI
Ernesto	Ernesto	TOMOLI
Fedele	Fedele	SANTI
Federico	Federico	RUBIRA
Ferdinando	Ferdinando	ROBILOTTA
Ferretti	Oprando	FERRETTI
Ferrucio	Ferruccio	CASTALDELLI
Finetti	Finetti	ACQUAVIVA
Flora	Flora	FABBRI
Florentino	Florentino	DE CARVALHO
Fortunato	Fortunato	VITANGELO
Fosco	Fosco	PARDINI
Francesco	Francesco	CERRUTI
Francisco	Francesco	ANNUNZIATO

Francisco	Francesco	BERGAMO
Francisco	Francesco	CARBONELLI
Francisco	Francesco	CHIARELLA
Francisco	Francesco	RUGGERI
Gabriel	Gabriele	ANGELO
Gazzi	Mario	GAZZI
Giacomo	Giacomo	CORBERI
Giacomo	Giacomo	GILARDINI
Gilberto	Gilberto	BOREGGI
Gino	Gino	BALLESTRINI
Gino	Luigi	BASSI
Gino	Gino	BATTISTONI
Gino	Gino	COLETTO
Giorgelli	Cesare	GIORGELLI
Giovani	Giovanni	FERRAZZI
Giovani	Giovanni	SBERVIGLIERI
Giovanni	Giovanni	MASSARI
Giovanni	Giovanni	NASI
Giuseppe	Giuseppe	ALUCCI
Giuseppe	Giuseppe	CHIANCONE
Giuseppe	Giuseppe	LIGGIERE
Giuseppe	Giuseppe	VECCHIATI
Guido	Guido	MONTEGGIA
Guilherme	Guglielmo	NICOLA
Henrique	Enrico	MARAZZI
Hermes	Ermete	VIGNOLI
Idolo	Idolo	MAZZEI
Ítalo	Italo	ANTONIO
João	Giovanni	BIAGI
João	Giovanni	BRESSAN
João	Giovanni	CASTALDI
João	Giovanni	CROCE
João	Giovanni	PASTORE
João	Giovanni	RANIERI
João	Giovanni	SCORSATO
José	Giuseppe	BACCHIANI
José	Giuseppe	BARBERIS
José	Giuseppe	FORZIATO
José	Giuseppe	RICCHETTI
José	Giuseppe	SGAI
Lodovico	Lodovico	TONINI
Lourenço	Lorenzo	STECCHETTI
Luciano	Luciano	CHIARELLI
Luigi	Luigi	TROMBON
Luís	Gino	GHERALDINI

Luiz	Luigi	CROCE
Mariano	Mariano	FIORAVANTI
Mario	Mario	BUSCADORI
Maurício	Maurizio	BENASSAI
Miguel	Michele	GIORDANO
Napoleone	Napoleone	AMADIO
Natal	Natale	CANDEO
Nicola	Nicola	AMADIO
Nicolau	Nicola	TORTIGLIONI
Oberdank	Oberdank	ROSSI
Olindo	Olindo	LEONARDI
Orestes	Oreste	BASSANI
Orestes	Oreste	RISTORI
Palmiro	Palmiro	GRASSINI
Paschoal	Pasquale	ARTESE
Paulo	Paolo	CROCE
Paulo	Paolo	PREDELLA
Pedro	Pietro	BARBIERI
Pedro	Pietro	SCOGNAMIGLIO
Pietro	Pietro	CALZA
Pilade	Pilade	ADAMI
Raphael	Raffaele	BIANCO
Remo	Remo	ANDREONI
Ricardo	Riccardo	BENASSI
Ricardo	Riccardo	ALBANESE
Rocco	Rocco	DATTOLO
Romeu	Romeo	TORTARI
Rosa	Rosa	MUSITANO
Sebastião	Sebastiano	SPARAPANE
Vicente	Vincenzo	ACCARDO
Vicente	Vincenzo	AGLIONE
Vicenzo	Vincenzo	AMODIO
Vincenzo	Vincenzo	D'ALESSIO
Victório	Vittorio	BASSO
Victorino	Vittorio	TRAZZI
Vito	Vito	SETTANNI
Vitório	Vittorio	ASTOLFONI

PRONTUÁRIOS DE ASSOCIAÇÕES, SOCIEDADES ITALIANAS DE SOCORRO MÚTUO, GRUPOS E SINDICATOS.

Associação Atlética Ramenzoni

Associação Beneficente União e Progresso

Associação dos Ex-Combatentes Italianos

Associação Italiana di Mutilati, Invalidi e Reduci di guerra

Confederação Operária Brasileira

Federação Anarquista Regional de São Paulo

Federação Operária de São Paulo

Federação Operária dos Syndicatos da Indústria de São Paulo

Federação Sindical Regional de São Paulo

Federação dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo

Federação dos Trabalhadores das Industrias de Alimentação do Estado de São Paulo

Federação dos Trabalhadores nas Industrias da construção civil e do mobiliário do Estado de São Paulo

Federação dos Trabalhadores na Indústria Têxtil do Estado de São Paulo

Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do vestuário no Estado de São Paulo

Grêmio Recreativo e Esportivo da Moóca (Antiga Sociedade Italiana da Moóca)

Grupo Anarchista de São Paulo

Grupo Socialista G. Matteotti (PSI)

Liga Operária de Construção Civil

União dos Alfaiates do Estado de São Paulo

Sindicato dos Artifices em Madeira de São Paulo

Sindicato dos Chapeleiros (Sindicato dos Operários em Fábricas de Chapéus)

Sindicato dos Operários Macarroneiros de São Paulo

Sindicato dos Marceneiros, Carpinteiros e Artifices em madeira

Syndicato dos Marceneiros, Carpinteiros e Classes Anexas

Syndicato dos Marceneiros, Carpinteiros e Classes Anexas de São Bernardo

Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo

Sindicato das Operárias Costureiras e Bordadeiras de São Paulo

Sindicato dos Operários Ceramistas de São Paulo

Sindicato dos Operários em Fábrica de Bebidas

Sindicato dos Operários em Fábrica de Vidros (União dos Vidreiros)

Sindicato dos Operários na indústria de massas alimentícias de São Paulo

Sindicato dos Operários de oficios vários

Sindicato dos Operários padeiros e confeiteiros de São Paulo

Sindicato dos Operários Sapateiros de São Paulo

Sindicato dos trabalhadores em granito e mármore de São Paulo

Sindicato dos trabalhadores na indústria de mármores e granitos de São Paulo

Sindicato dos trabalhadores na indústria de calçados de S. Paulo

Sociedade Amigos do Braz

Sociedade de Assistência Filippo Corridoni

Sociedade Beneficência e Mútuo Socorro Fratellanza Italiana

Sociedade de Socorros Mútuos Guglielmo Marconi da Barra Funda

Sociedade Beneficente de Socorro Mútuo Irmandade Italiana

Sociedade Beneficente Vittorio Emanuele II

Sociedade Brasileira de Socorro Mútuo Guglielmo Oberdan

Sociedade Dante Alighieri

Sociedade Esportiva Palmeiras

Sociedade Italiana de Beneficência 'Regina Margherita', Santa Cruz das Palmeiras

Sociedade Italiana de Beneficência, Rio Claro

Sociedade Italiana de Beneficência de São Paulo

Sociedade Italiana de Beneficência 'Vittorio Emanuele II'

Sociedade Italiana Beneficente Recreativa 'Principe di Napoli', Casa Branca

Sociedade Italiana de Cultura 'Muse Italiche'

Sociedade Italiana 'Dante Alighieri'

Sociedade Italiana 'Dante Alighieri' de Baurú

Sociedade Italiana 'Dante Alighieri' de Jaú

Sociedade Italiana de Dobrada

Sociedade Italiana 'Humberto Savoia'

Sociedade Italiana de Lençôes

Sociedade Italiana da Moóca

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Atibaia

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro de Avaré

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Beneficente 'Luigi di Savoia', de Itú

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro 'Fratellanza e Lavoro', de Pedreira

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro 'Humberto I', de Valinhos

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, de Taubaté

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro 'A União faz a Força' de Itapetininga

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro 'Unione e Fratellanza', Americana

Sociedade Italiana de Socorros Mútuos e Ensinamentos 'XX de Setembro'

Sociedade 'Liga Lombarda'

Sociedade de Mútuo Socorro do Cambucy

Sociedade de Mútuo Socorro 'União Fraterna' de Água Branca

Sociedade 'Oberdan' do Braz

Sociedade Operária Cooperativa de Consumo e Beneficente de Santo André

Sociedade de Socorro Mútuo 'Guglielmo Oberdan'

Sociedade União Operária '1° de Maio'

Societá 'Fratelli Italiani Uniti', Franca

Societá Italiana di Beneficenza 'Patria e Lavoro', Rio das Pedras

Societá Italiana di Mútuo Soccorso

União dos Canteiros de São Paulo

União Geral dos Trabalhadores

União dos Operários em Fábricas de Tecidos

União Socialista

União dos Trabalhadores Gráficos

DIÁRIO OFICIAL E ANUÁRIO ESTATÍSTICO

Diário Oficial do Estado de São Paulo volumes do período 1890-1920 (e alguns volumes de anos sucessivos até 1925).
Anuário Estatístico do Estado de São Paulo, volumes do período 1898-1920.

FUNDO PROCESSOS POLICIAIS. 1890-1914.

Caixas C3220 a C3265.

FUNDO PROCESSOS CRIMES. 1898-1901.

Antonio Dal Lago
Luigi Capoderosa

Giuseppe Lombardi
José Cavicchioli
José Coli
Rodolpho Bosi
Roque Rinaldi

FUNDO ASTROGILDO PEREIRA

- "Apelo aos operários em construção civil"
- Indicações relativas aos primeiros propagandistas do socialismo no Brasil
- *Estatuto da Liga dos Trabalhadores do Bráz e Belenzinho*, São Paulo, (c.1917)
- *Estatuto da Federação Operária do Rio Grande do Sul*, s.l, 1911.
- Grupos Italianos – artigos e recortes.
- Panfletos e Propagandas diversas, 1906-1920.
- Ruy Barbosa. *A Expulsão dos Estrangeiros.* s.l., s.d.
- *Moção de protesto contra a prisão do operário Manoel Campos*, São Paulo, 1914.
- Correspondência de Rodolpho Felippe a Astrogildo Pereira.
- Correspondência de Edgard Leuenroth a Astrogildo Pereira.
- *L'Unione Sindacale Italiana nella Conferenza del Lavoro francese.* Bologna, 1915.

SOCIETÀ ITALIANA DI MUTUO SOCCORSO DI PIRACICABA (PIRACICABA – SP)

- *Circolo Italiano Meridionale XX Settembre – Piracicaba*
Libro per i verbali delle sedute del consiglio direttivo. 1898-1905
[Carimbo: Circolo Italiano 'XX Settembre' –Piracicaba com as mãos símbolo do mutualismo que se apertam]
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso*
Bilancio Annuale 1910.
(Balancete anual de 1910)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Societá Italiana di M. S. Libro Protocollo. dal 1897 al 1917.
(Dados da correspondência postal recebida)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Sem título (1903-1911)
(Livro que recolhe as cópias, em papel transparente, da correspondência enviada, com lista destinatários)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Verbali assemblee e elezioni generali. 16 gennaio 1913. Presidente: Pietro Cofani
(Atas de assembléias e eleições gerais) [1913-1921]
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro dei Verbali delle Sedute di Consiglio, dal 1888 al 1908
(Atas das reuniões da diretoria, 1888-1908)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro Registro delle Riunioni del Consiglio
(Atas das reuniões da diretoria)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Verbali del consiglio direttivo. Giugno 1917. Presidente: Pietro Cofani. Vice: Affonso Pecorari; segretario: Prof. Guglielmo Togneri; Vice: Germano Bandoria; Tesoriere: Frediano Giovannetti
(Atas das reuniões da diretoria)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Verbali Consiglio. Il presente registro incomincia con il verbale della 835° riunione del 17 febbraio 1928. Termina con quella della 1006° riunione del 10 luglio 1936
Il presente libro é destinato per i verbali delle riunioni del consiglio [...] Presidente Cofani Pietro
(Atas das reuniões da diretoria)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
sem título
(Atas das reuniões da diretoria)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Livro de ATAS da Societá Italiana di Mutuo Soccorso – Piracicaba
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro destinato alle sedute magne
(Atas das assembléias comemorativas)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*

Libro – Cassa, 1898 – 99- 1900 – 901- 902 – 903 – 904 – 905 – 906 – 1907 – 1908 – 1909 – 1910 – 1911 – 1912 – 1913
(Livro do balancete: Deve/Haver)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro cassa del 1890 (n.2)
(Livro do balancete n. 2: Deve/Haver)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro di Cassa della Segreteria
(Livro do balancete da Secretaria: Deve/Haver)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro d'Oro
(Livro de visitas de personagens ilustres)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Relazioni annuali del 1931, 1932
(Livro que registra a natureza dos gastos efetuados, sobretudo com os remédios e as consultas médicas para os sócios)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro cassa 1936-1940
(Livro do balancete: Deve/Haver)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro del Movimento Finanziario Sociale
(Livro do balancete: Deve/Haver)
- Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba
Libro cassa socio per socio
(Livro Dar/haver por cada sócio)
- *Sociedade Piracicabana de Mútuo Socorro*
Caixa – 1
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Atti delle Assemblee Generali
(Atas das assembléias gerais)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Societá Italiana di Mutuo Soccorso. Piracicaba – S. Paolo – Brasile
Registro di protocollo Modello D. N.º 1
(Dados da correspondência enviada ou recebida)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro d'Oro della Societá Italiana di Mutuo Soccorso, destinato alla raccolta di offerte per fondo per ricostruzione edificio sede sociale
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Libro verbali Assemblee dal 3 Aprile 1921
(Atas das assembléias gerais)
- *R. Agenzia Consolare d'Italia Piracicaba S. Paulo – BRASIL*
Atti
(Documentos avulsos oficias do agente consular italiano de Piracicaba)
- *Societá Italiana di Mutuo Soccorso di Piracicaba*
Conto Corrente del Buffet
Libro delle entrate e uscite finanziarie della sezione ricreativa
(Livro balancete Dar/Haver da seção recreativa)

ISTITUTO ITALIANO DI CULTURA, SÃO PAULO

Il Brasile e gli Italiani. Edizioni del "Fanfulla", Bemporad e Figlio, Firenze, 1906

"Documentos do Movimento Operário. Um relatório datado de 1913". *Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, nov. 1963, pp. 194-206.

"Manifesto do Partido Socialista Brasileiro (1902)". *TEMAS de Ciências Humanas*. São Paulo Editorial Grijalbo, 1977, p. 99-117

AMBASCIATA D'ITALIA: *Presenza italiana in Brasile. Cenni sulle collettivitá*. Istituto Italiano di Cultura di San Paolo, São Paulo,1999

AZZI, Pietro: *Al di qua dell'Oceano (Vita coloniale)*. São Paulo, Rossolillo, 1948.

BELLI, Natale (Nasonelli): *Giornalismo italiano in Brasile*. São Paulo, 1923.

CHIARAMONTE, Umberto: *Vittorio Buttis: un riformista tra esilio ed emigrazione (1866-1950)*. Societá Storica Novarese, Novara, 1987

DEODATO Maia, *Regulamentação do Trabalho*. Livrraia Editora Jacintho Silva. Rua Rodrigo Silva, 7, 1912.

DE ROSA, Luigi: *Emigranti, Capitali e Banche. (1896-1906)*. Edizione del Banco di Napoli, Napoli, 1980.

DEL ROIO, José Luiz (org.): *Trabalhadores no Brasil. Imigração e industrialização*. São Paulo, Ícone, EDUSP, 1990.

FILIPPINI, Elizabeth - PEREIRA, Eduardo Carlos: *Cem Anos de Imigração Italiana em Jundiaí*. Estúdio Ro, s.l., s.d.

MARAM, Sheldon Leslie *Associação de Trabalhadores e a Esquerda no Brasil: 1890-1921. Um movimento abortado*. (mimeo, São Paulo, USP, 1979)[3]

PISANI, Salvatore: *Lo Stato di San Paolo nel Cinquantenario dell'Immigrazione*. São Paulo, 1937.

RABBENO, Aronne: *Manuale dell'emigrazione. Vade-mecum per gli emigranti, vettori, municipi e funzionari tutti dell'emigrazione*. Firenze, G. Barbera, 1901.

RISTORI, Oreste: *Contra a Immigração*. Edição de "La Battaglia", São Paulo, 1906.

SEGATTO, José Antonio (coord.): *Lapa: evolução histórica*. Departamento do patrimonio histórico, São Paulo, 1988.

[3] A cópia original está no Archivio Antonio Piccarolo: avulsos

SILVEIRA, Miroel: *A Contribuição italiana ao teatro brasileiro: 1895-1964*. São Paulo, Quíron, Brasilia, INL, 1976. [336 p.]

Vicentini nel Mondo, n. 5/6, 1977.

Le Vie d'Italia e dell'America Latina, I semestre, 1924, Milano, Touring Club Italiano

Le Vie d'Italia e dell'America Latina, II semestre, 1924, Milano, Touring Club Italiano

Archivio Antonio Piccarolo:

Pastas Pessoais (1-19) 1908-1930.

ARCHIVIO FONDAZIONE LELIO BASSO. ROMA - ITÁLIA

Jornais

CAMPOLONGHI, Luigi. "L'agitazione agraria nel parmense. Il capitano degli scioperanti", *Il Lavoro*, 10-05-1908.
DE AMBRIS, Alceste. "Non è mai tardi per andar più oltre". *La Testa di Ferro*, 01-02-1920.
Avanti!, (Roma, Organo del Partito Socialista Italiano), 1907-1908.

Opúsculos

Almanacco de 'L'Internazionale'. 1° Maggio 1912. Parma: Società Editrice 'L'Internazionale', 1912.

DE AMBRIS, Alceste. *Il socialismo: metodi e finalità.* Col. Biblioteca economica di propaganda elementare socialista, n. 1. Mantova: Tip. Cooperativa, s.d.

DE AMBRIS, Alceste. *L'Azione Diretta. Pagine di propaganda elementare sindacalista.* Parma: Tip. Cooperativa, 1907.

DE AMBRIS, Alceste (et al.). *Pro e contro la guerra di Tripoli. Discussioni nel campo rivoluzionario*. Napoli: Società Editrice Partenopea, 1912.

DE AMBRIS, Alceste. *Sindacalismo ed elezionismo: discussioni in vista del nuovo allargamento del suffragio elettorale.* Parma: SELI, Tip. Camerale, 1912.

DE AMBRIS, Alceste. *L'unità operaia e i tradimenti confederali.* Biblioteca de 'L'Internazionale', n. 4. Parma: Tip. Camerale, 1913.

ARCHIVIO CENTRALE DELLO STATO, ROMA (ACSR)
CASELLARIO POLITICO CENTRALE (CPC)

Busta = b.

Albanese, Riccardo (b. 41)
Albertoni, Giovanni (b. 51)
Amodeo, Andrea (b. 104)
Amodio, Camillo (b. 104)
Amodio, Napoleone (b. 104)
Ancillotti, Attilio (b. 109)
Antonelli, Silvano (b. 156)
Asquini, Balilla (b. 207)
Bacchiani, Giuseppe (b. 233)
Baldi, Ezio (b. 272)
Baldi, Giovanni (b. 271)
Baldinelli, Ferruccio (b. 274)
Balvetti, Vittorio (b. 297)
Barbanti, Giuseppe (b. 317)
Battaglia, Carlo (b. 405)
Battelli, Alcibiade (b. 408)
Battelli, Donato (b. 408)
Benassi, Riccardo (b. 481)
Benucci, Lorenzo (b. 505)
Bergami, Augusto (b. 517)
Bernardini Pio Arnaldo (b. 532)
Bertini, Carlo (b. 563)
Bertini, Remo (b. 565)
Bertolotti, Alcibiade (b. 577)
Bertolotti, Guido (b. 578)
Bezzi, Luigi (b. 603)
Binazzi, Giovanni (b. 652)
Biondetti, Cesare (b. 657)
Borghi, Armando (b. 755)
Bozzolan, Isidoro (b. 806)
Brighenti, Angelo (b. 839)
Brighenti, Luigi (b. 839)
Brunello, Domenico (b. 858)
Bulgarelli, Eugenio Antonio (b. 891)
Bulgarelli, Eugenio Sante (b. 891)
Bulgarelli, Felice (b. 891)
Bulgarelli, Leonardo (b. 891)
Buttis, Vittorio (b. 915)
Caiazzo, Giuseppe (b. 933)
Campagnoli, Arturo (b. 977)
Campagnoli, Ercole (b. 978)
Campagnoli, Guido (b. 978)
Campagnoli, Luciano (b. 978)
Campana, Antonio (b. 978)
Campana, Emilio (b. 979)
Campana, Paolo (b. 979)
Campana, Pietro (b. 979)
Campolonghi, Luigi (b. 4864)
Canonici, Alfredo (b. 1008)
Canonici, Enrico (b. 1008)
Canonici, Eugenio (b. 1008)
Canonico, Giuseppe (b. 1008)
Cappa, Innocenzo (b. 1040)
Capra, Giuseppe (b. 1050)
Carminiani, Gaetano (b. 1095)
Carnevali, Sergio Arnaldo (b. 1100)
Carollo, Giacomo (b. 1103)
Casadei, Giovanni (b. 1124)
Casadei, Umberto (b. 1125)
Casagrande, Antonio (b. 1129)
Casagrande, Giovanni (b. 1129)
Cassoli, Enea (b. 1156)
Castellano, Guglielmo (b. 1165)
Castello, Luigi (b. 1170)
Cavaciocchi, Luigi (b. 1190)
Cerchiai, Alessandro (b. 1248)
Cerruti, Giuseppe (b. 1264)
Cianciosi, Angelo (b. 1322)
Ciccotti, Ettore (b. 1334)
Cilento, Vincenzo (b. 1341)
Cimatti, Antonio (b. 1344)
Cimatti, Pietro (b. 1345)
Colombo, Felice (b. 1417)
Cofani, Lorenzo (b. 1394)
De Ambris, Alceste (b. 1632)
De Ambris, Amilcare (b. 1633)
Domenicali, Luigi (b. 1830)
Donati, Augusto (b. 1839)
Donati, Donato (b. 1840)
Endrigo, Domenico (b. 1883)
Furia, Tommaso (b. 2200)
Gallo, Giuseppe (b. 2256)
Gardenghi, Antenore (b. 2281)
Gherardi, Alfredo (b. 2351)

Gherardi, Enrico (b. 2352)
Giardini, Roberto (b. 2401)
Gigli, Paolo (b. 2407)
Giusti, Arturo (b. 2463)
Golfarelli, Cesare (b. 2477)
Golfarelli, Emilio (b. 2477)
Grassini, Pilade (b. 2511)
Guadagnin, Eugenio (b. 2549)
Lanzoni, Guerrino (b. 2719)
Lembo, Paolo (b. 2757)
Magini, Gino (b. 2921)
Magini, Umberto (b. 2921)
Magrassi, Luigi (b. 2933)
Mari, Pietro (b. 3055)
Marinaro, Michele (b. 3064)
Marinaro, Salvatore (b. 3064)
Masoni, Giuseppe (b. 3132)
Masotti, Tullio (b. 3133)
Mazzoldi, Paolo (b. 3184)
Minieri, Giambattista (b. 3302)
Monachesi, Guido (b. 3343)
Monaco, Lorenzo (b. 3344)
Monaco, Luigi (b. 3344)
Monaco, Pietro (b. 3344)
Monicelli, Teodoro (b. 3354)
Moscoso, Emauele (b. 3440)
Ottobrini, Luigi (b. 3625)
Ovidi, Alfredo (b. 3626)
Pacini, Cesare (b. 3637)
Pagni, Oreste (b. 3658)
Pardini, Fosco (b. 3730)
Pellicciari, Antonio (b. 4618)
Perseguiti, Achille (b. 3878)
Petroni, Bruno (b. 3908)
Pozzi, Achille (b. 4101)
Pucci, Francesco (b. 4147)
Pucci, Giuseppe (b. 4148)
Pucci, Valente (b. 4148)
Pucciarelli, Corrado (b. 4149)
Ramenzoni, Angelo (b. 4217)
Ramenzoni, Dante (b. 4217)
Ramenzoni, Giuseppe (b. 4217)
Ramenzoni, Lamberto (b. 4217)
Resta, Fortunato (b. 4287)
Rizzi, Giovanni (b. 4352)
Rizzi, Marcello (b. 4352)
Rizzi, Telemaco (b. 4352)
Rossoni, Edmondo (b. 4466)
Rotellini, Vitaliano (b. 4469)
Salmi, Cesare (b. 4538)
Saltini, Ugo (b. 4541)
Sandri, Gaetano (b. 4565)
Sartori, Cesare (b. 4618)
Savagnone, Ettore (b. 4628)
Sbrana, Pilade (b. 4642)
Sbrana, Pompilio (b. 4642)
Scala, Angelo (b. 4648)
Scala, Giovanni (b. 4649)
Sgai, Alfredo (b. 4787)
Sgai, Francesco (b. 4787)
Sgai, Giuseppe (b. 4787)
Sgai, Mario (b. 4787)
Simoni, Ezechiello (b. 4824)
Soderi, Aurelio (b. 4853)
Soderi, Guido (b. 4853)
Soderi, Teobaldo (b. 4853)
Sorelli, Giulio (b. 4875)
Stocchi, Pietro (b. 4957)
Terreri, Tito Antonio (b. 5074)
Tosti, Giuseppe (b. 5185)
Vacirca, Vincenzo (b. 5279)
Venturi, Oreste (b. 5358)

ARCHIVIO STORICO DIPLOMATICO,
MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI (ASDMAE), ROMA.

Fondo Archivistico Serie Z Contenzioso

Posizione P 35 Brasile
- Busta 60, fascicolo 955, Naturalizzazione degli stranieri, 1898
- Busta 60, fascicolo 967, fatti di San Paolo dell'agosto 1896
- Busta 61, fascicoli nominali, periodo 1893-1902
- Busta 67, fascicolo 1055, Pietro Campagnoli, 1896
- Busta 71, fascicolo 1143, De Rossi Paolo espulsione dal Brasile con l'accusa di anarchia, 1893.
- Busta 72, fascicolo 1154, F.lli Falchi, aggressione a S. Paulo nel 1893
- Busta 73, fascicolo 1183, Gallini Giuseppe, maltrattamenti ed espulsione dal Brasile
- Busta 74, fascicolo 1243, Arresto con l'accusa di anarchia di La Rotonda Francesco, Lanzoni Antonio, Balassini Antonio
- Busta 75, fascicolo 1252, Leonardi Sante, mancato aumento di stipendio, 1893
- Busta 75, fascicolo 1253, Leone Antonio, detenzione per motivi politici nel 1894
- Busta 75, fascicolo 1265, Luglio Giovanni, sospensione della pubblicazione della 'Voce del Popolo', 1894.
- Busta 77, fascicolo 1310, Morello Giuseppe, espulsione dallo stato di S. Paulo, 1893-99
- Busta 79, fascicolo 1395, Secondo Secondari, arresto arbitrario e perdita del posto di tagliatore di sartoria, 1893
- Busta 79, fascicolo 1397, Semprini Domenico, arresto a S. Paulo con l'accusa di essere anarchico, 1897
- Busta 81, fascicolo 1451, Espulsioni dal Brasile, 1892-1894
- Busta 83, Espulsi da S. Paulo con l'accusa di anarchia nel 1893
- Busta 84, fascicolo 1474, Carlo Cavallari, mancato pagamento di salario di muratore, 1894-96.
- Busta 108, fascicolo 1655, 1900-1901, Orfanotrofio Cristoforo Colombo e Società Italiana di Beneficenza di San Paolo
- Busta 172, fascicolo Z 4/9, 1909-1916, arresti arbitrari

Posizione P 8 Anarchici 1898-1901
- Busta 52

Posizione Z 33 Anarchici 1908-1918
- Busta 47
- Busta 48
- Busta 49
- Busta 250

Fondo Serie Politica P

- Busta 511, São Paulo, scioperi, consolato (1903)
- Busta 283, A. Longaretti (1908-1911)
- Busta 283, Espulsione sindacalisti (1908-1913)
- Busta 283, Camera Italiana di Commercio ed Arti di San Paolo (1909)

Fondo Archivi Privati

Carte Tittoni
- Corrispondenza del R. Consolato in S. Paolo su questioni riguardanti l'emigrazione (1907-1908)
- Relazioni del Commissariato Generale dell'Emigrazione sulle missioni degli ispettori viaggianti nell'America del Sud, 1907

Fondo Polizia Internazionale

- Busta 28, Moti Anarchici, 1889-1901
- Busta 29, Provvedimenti e processi contro anarchici, 1897
- Busta 36, Ministero dell'Interno. Corrispondenza, sorveglianza sovversivi, 1896-99
- Busta 37, Ministero dell'Interno. Corrispondenza, sorveglianza sovversivi, 1881-96
- Busta 42, Ministero dell'Interno. Corrispondenza spedita, 1892 e Corrispondenza ambasciate estere, 1888-1896
- Busta 47, Melbourne, Montevideo, New York, Rio de Janiero, São Paulo, Rosario, 1880-1896

Fondo Commissariato Generale dell'Emigrazione

Posizione 1, Personale
- Busta 1, Affari Generali (1901-1914)
- Ispettori viaggianti all'estero, 1906-1915
- Nuove missioni degli ispettori Coletti e Tomezzoli in Brasile e in Argentina, 1907

Posizione 3, Miscellanea
- Cause interessanti il CGE, 1913-14

Posizione 5, Missioni
- Busta 8, Missioni Coletti al Brasile, 1904-1908

Posizione 8
- Busta 12, Progetto di legge sulla tutela giuridica degli emigranti, 1910-13

Posizione 26, Brasile
- Busta 15, Varie, 1908-1912

Archivio Ufficio di Gabinetto CGE
- Busta 15, Consiglio Superiore dell'Emigrazione, 1906-1923
- Busta 17, Camera dei Deputati, Interpellanze ed interrogazioni, 1914-19
- Busta 22, Ente nazionale Colonizzazione. Riunioni per lo studio del progetto di colonizzazione in Brasile, 1920.

Archivio di Gabinetto del Ministro

- Busta 7, fascicolo 43, Miscellanea. R. Consolato Generale d'Italia. s.n. riservatissima confidenziale. San Paolo, 05-03-1911. Il R. Console generale.
- Busta 10, fascicolo 59, Congresso degli italiani all'estero
- Busta 10, fascicolo 59, Legge sulla cittadinanza
- Busta 15, Fascicolo 89, Emigrazione clandestina al Brasile
- Busta 15, Fascicolo 94, Società "Trinacria"
- Busta 19, Fascicolo 116, Giornalisti, Paolo Mazzoldi, San Paolo del Brasile
- Busta 24, Fascicolo 225, Congresso degli Italiani all'Estero

CENTRO STUDI DI STORIA DEL LAVORO, IMOLA

Periódicos socialistas

Avanti!... di Cesena, 1881
Avanti!... di Imola-Bologna, 1882-83
Avanti!... di Roma, 1884

Folhetos e opúsculos

ALBERT, Charles Duchene Jean. *Il Socialismo Rivoluzionario. Il suo terreno, la sua azione, il suo scopo*. Faenza, Tipografia Popolare Faentina, 1913.

ARGENTIERI, Alberto. *Sulla organizzazione politica delle forze sindacaliste rivoluzionarie*. Rocca S. Giovanni, Casa Editrice Abruzzese, 1913.

BARBIERI, Luciano. *La cooperativa di consumo*. Milano, ed. Sonzogno, 1913.

BISSOLATI, Leonida (et al.). *Andrea Costa. Episodi e ricordi*. Milano, ed. Sassu, 1910.

BORGHI, Armando. *Fernand Pelloutier nel Sindacalismo francese*. Bologna, Cooperativa Tipografica Azzoguidi, 1913.

CABRINI, Angelo. *Le Camere del Lavoro in Italia*. Genova, ed. Federazione Socialista Ligure, 1896.

CAMERA DEL LAVORO DI TORINO. *Resoconto del Congresso Operaio Piemontese tenutosi in Torino nei giorni 5 e 6 gennaio 1896*. Torino, Tipografia cugini Baravalle e Falconieri, 1896.

CAMERA DEL LAVORO DI TORINO E PROVINCIA *Statuto e regolamento*. Torino, Tipografia Cooperativa, 1911.

CIACCHI, Eugenio. *Il programma Massimo Socialista volgarizzato ad uso del popolo*. Firenze, ed. Nerbini, 1900.

DE AMBRIS, Alceste. *L'azione diretta (Pagine di propaganda elementare sindacalista)*. Parma, Tipografia Cooperativa, 1907.

DE AMBRIS, Alceste. *La meta dimenticata. Otto ore di lavoro*. Bologna, Libreria Editrice La scuola Moderna, 1912.

DE AMBRIS, Alceste (et al.). *Pro e contro la guerra di Tripoli. Discussioni nel campo rivoluzionario*. Napoli, Società Editrice Partenopea, 1912.

DE AMICIS, Edmondo. *Il I Maggio*. Torino, Libreria Editrice Socialista del Grido del Popolo, 1896.

FABBRI, Luigi. *L'organizzazione operaia e l'anarchia (a proposito di sindacalismo)*. Roma, ed. "Il Pensiero", 1906.

FERRI, Enrico. *I Maggio. Suffragio universale*. Firenze, ed. Nerbini, 1897.

GNOCCHI-VIANI, Osvaldo. *Delle Camere del lavoro in Italia*. Milano, ed. Camera del Lavoro, 1893.

LABRIOLA, Arturo. *Parlamentarismo e Riformismo nel partito Socialista*. Napoli, ed. Ettore Croce, 1901.

LABRIOLA, Arturo. *Sindacalismo e Riformismo*. Firenze, ed. Nerbini, 1905.

LEGA NAZIONALE PROLETARIA. *Statuto*. Milano, Cooperativa Grafica degli operai, 1919.

MAZZOLDI, Paolo. *Un anno dopo. Cronaca dello sciopero generale di Parma*. Parma, Officina d'Arti Grafiche, 1909.

MESSINA, Gennaro. *Il manuale del Socialista*. Firenze, ed. Nerbini, 1903.

MONTICELLI, Carlo. *La nostra festa! (1° Maggio)*. Firenze, ed. Nerbini, 1904.

PARTITO SOCIALISTA ITALIANO. *Rendiconto del VII Congresso nazionale (Imola 6-7-8-9 Settembre 1902)*. Roma, Libreria Socialista Italiana, 1903.

PODRECCA, Guido. *Il Sindacalismo (l'ultimo travestimento individualista)*. Roma, ed. Mongini, 1906.

RATTI, Celestino. *Lotta di classe e conflitti di categoria*. Roma, ed. "Avanti !", 1910.

RAVIZZA, Alessandrina. *Sette anni di vita della casa di lavoro*. Milano, ed. Tipografica degli operai, 1915.

RIGOLA, Rinaldo – QUAGLINO, Felice. *Per gli emigranti. Diritti e doveri*. Torino, ed. tip. Cooperativa, 1910.

RYGIER, Maria. *Il Sindacalismo alla sbarra*. Bologna, ed. la Scuola Moderna, 1911.

SALUCCI, Arturo. *La teoria dello sciopero*. Genova, Libreria Moderna, 1902.

SCALZOTTO, Angelo. *Tutti sindacalisti! Una proposta pratica*. Mantova, ed. Frizzi, 1907.

SOCIETA' DI MUTUO SOCCORSO DI PONTE DI BRENTA. *Statuto*. Padova, Società Cooperativa Tipografica, 1909.

STURANI, GIOVANNI ENRICO. *La mutua scioperi. Sue basi economiche e suo ordinamento*. Bologna, ed. Garagnani, 1909.

TREVES, Carlo. *Le leghe di resistenza e il Partito Socialista*. Milano, ed. "Critica sociale", 1902.

BIBLIOTECA COMUNALE DI IMOLA
ARCHIVIO ANDREA COSTA
FONDO CARTE COSTA

CARTAS RECEBIDAS POR ANDREA COSTA

n. 181, A. Lanzoni, 30-08-1882
n. 371, A. Lanzoni, 22-02-1884
n. 564, A. Maglia, 09-04-1885
n. 600, A. Maglia, 05-10-1885
n. 659, A. Lanzoni, 28-05-1886
n. 682, A. Lanzoni, 23-06-1886
n. 683, A. Lanzoni, 24-06-1886
n. 738, A. Lanzoni, 03-02-1887
n. 743, A. Lanzoni, 06-02-1887
n. 788, A. Lanzoni, 28-06-1887
n. 790, A. Lanzoni, 02-07-1887
n. 819, A. Lanzoni, 13-05-1888
n. 830, A. Lanzoni, 17-08-1888
n. 850, L. Musini, 20-01-1889
n. 854, C. Golfarelli, 01-03-1889
n. 859, L. Musini, 14-05-1889
n. 861, L. Musini, 16-05-1889
n. 865, L. Musini, 16-05-1889
n. 895, L. Musini, 23-08-1889
n. 924, L. Musini, 23-11-1889
n. 929, L. Musini, 04-12-1889
n. 930, L. Musini, 07-12-1889
n. 937, C. Golfarelli, 18-12-1889
n. 943, L. Musini, 30-12-1889
n. 947, C. Golfarelli, 02-01-1890
n. 954, D. Rangoni, 14-01-1890
n. 961, C. Golfarelli, 07-02-1890
n. 996, L. Musini, 31-03-1890
n. 1002, SMS di San Secondo Parmense, 10-04-1890
n. 1048, D. Rangoni, 14-09-1890
n. 1088, C. Golfarelli, 02-12-1890
n. 1174, C. Golfarelli, 08-04-1891
n. 1265, A. Bertolotti, G. Rangoni, 04-12-1891
n. 1857, A. Lanzoni, 19-04-1896
n. 1916, A. Lanzoni, 19-07-1896
n. 1922, A. Lanzoni, 15-08-1896
n. 1923, A. Lanzoni, 16-08-1896
n. 1926, A. Lanzoni, 21-08-1896
n. 1932, A. Lanzoni, 05-09-1896
n. 2056, Centro do Partido Democrata Socialista de São Paulo, 28-05-1896

n. 2075, A. Lanzoni, 06-07-1897
n. 2135, V. Belardinelli, 27-11-1897
n. 2136, A. Lanzoni, 27-11-1897
n. 2182, Fascio dei Lavoratori, Gruppo Socialista di Lingua Italiana di Buenos Aires, 04-03-1898
n. 2511, A. Lanzoni, 11-12-1899
n. 2643, A. Piccarolo, 14-08-1900
n. 2654, A. Piccarolo, 18-10-1900
n. 2656, A. Piccarolo, 24-10-1900
n. 2659, A. Lanzoni, 30-10-1900
n. 2858, A. Lanzoni, 27-06-1901
n. 2862, A. Lanzoni, 01-07-1901
n. 2683, A. Piccarolo, 08-12-1900
n. 2695, A. Piccarolo, 14-12-1900
n. 2698, A. Piccarolo, 17-12-1900
n. 2743, A. Piccarolo, 09-03-1901
n. 2888, A. Lanzoni, 21-09-1901
n. 2891, A. Lanzoni, 25-09-1901
n. 2908, A. Lanzoni, 27-10-1901
n. 2911, A. Lanzoni, 02-11-1901
n. 3049, A. Lanzoni, 18-08-1902
n. 3077, A. Lanzoni, 22-09-1902
n. 3116, A. Lanzoni, 04-12-1902
n. 3141, T. Panicali, 30-01-1903
n. 3171, A. Piccarolo, 20-04-1903
n. 3183, A. Lanzoni, 25-05-1903
n. 3263, V. Rotellini, 03-01-1904
n. 3309, A. Lanzoni, 30-03-1904
n. 3343, A. Lanzoni, 02-07-1904
n. 3352, A. Lanzoni, 02-10-1904
n. 3853, A. Lanzoni, 18-08-1908

BIBLIOGRAFIA

ALBONETTI, P.; RIDOLFI, Maurizio (a cura di). *Popolo e Comune, 1848-1889: il paese reale verso le istituzioni.* Milano: Nuove Edizioni AIEP, 1989.

ALMANACCO Socialista. Le immagini del socialismo. Comunicazione politica e propaganda del PSI dalle origini agli anni ottanta. s.l: s.d.

ALVIM, Zuleika. M.F. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo: 1870-1920.* São Paulo: Brasiliense, 1986[II].

_____ e RAMOS, José Sachetta. "Italianos en Sao Paulo. Dimensiones de la italianidad en el Estado de Sao Paulo en 1920", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 29, 1995, pp. 113-26.

_____ "Proletari anche nel commercio: italiani a São Paulo", in: Maria Rosaria OSTUNI, (a cura di) *Studi sull'emigrazione. Un'analisi comparata.* Milano, Fondazione Sella, 1981.

ANDREOZZI, John - *Guide to the records of The Order Sons of Italy.* Minneapolis: Immigration History Research Center, 1989.

ANDREUCCI, Franco; DETTI, Tommaso. *Il movimento operaio italiano. Dizionario biografico. 1853-1943.* Roma, Editori Riuniti, 1975.

_____. *Il marxismo collettivo. Socialismo, marxismo e circolazione delle idee dalla Seconda alla Terza Internazionale.* Milano, Franco Angeli, 1986.

ANTONIOLI, Maurizio. "Il sindacalismo rivoluzionario italiano", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia: Marsilio, 1982, pp. 34-53.

_____"La FIOM dalle origini al 1914: l'immagine e la realtà (struttura e strategia organizzativa e rivendicativa)", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze: Sansoni, 1983, pp. 224-293.

_____ *Azione diretta e organizzazione operaia. Sindacalismo rivoluzionario e anarchismo tra la fine dell'Ottocento e il fascismo.* Manduria (Bari): Lacaita, 1990.

_____ *Armando Borghi e l'Unione Sindacale Italiana.* Manduria (Bari): Lacaita, 1990.

_____; GANAPINI, Luigi (a cura di). *I sindacati occidentali dall'800 ad oggi in una prospettiva comparata.* Pisa: BFS edizioni, 1995.

_____ *Il sindacalismo italiano dalle origini al fascismo. Studi e ricerche*. Pisa: BFS edizioni, 1997.

ARBIZZANI, Luigi; Casali, Luciano et al. *Il sindacato nel Bolognese. Le Camere del lavoro di Bologna dal 1893 al 1960.* Roma: Ediesse, 1988.

ARFÈ, Gaetano. *Storia del socialismo italiano. 1892-1926*. Torino: Einaudi, 1965.

_____ *Storia dell'Avanti!. 1896-1926*. Milano-Roma: Edizioni Avanti!, 1956.

ARMUS, Diego (org) – *Mundo urbano y cultura popular. Estudios de historia social argentina.* Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1990.

ASHER, Robert; STEPHENSON, Charles (ed.). *Labor Divided: Race and Ethnicity in United States Labor Struggles. 1835-1960.* Albany: State University of New York Press, 1990.

ASSOCIAZIONE ITALIA BRASILE. *Novamente retrovato. il Brasile in Italia 1500-1995*. Roma: Presidenza del Consiglio dei Ministri, 1995.

AUDENINO, Patrizia. "Storie di pietra: gli scalpellini di Barre e l'Aldrich Public Library", *Movimento Operaio e socialista*, IX, n.3, 1986, pp. 425-432.

_____ "Uno sguardo dall'esterno. Il socialismo genovese tra miti e oblio", *Ventesimo Secolo*, V, n. 14-15, maggio-dicembre 1995, pp. 417-433.

B

BAGGIO, Luciano. "Evolución de las tradiciones religiosas entre los inmigrantes italianos de Rosario", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 19, diciembre 1991, pp. 427-437.

BAILY, Samuel L. "The adjustement of Italian immigration", *American Historical Review*, 88 (2), pp. 281-303.

_____ "'Hacer la América': Los italianos ganan dinero en New York y Buenos Aires, 1880-1914, *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 38, abril 1998, pp. 57-67.

_____ "Cadenas migratiorias de italianos a la Argentina: algunos comentarios", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 8, abril 1988, pp. 125-135.

_____ "Patrones de residencia de los italianos en Buenos Aires y Nueva York: 1880-1914", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 1, diciembre, 1985.

BALLONE, Adriano; DELLAVALLE, Claudio; GRANDINETTI, Mario. *Il tempo della lotta e dell'organizzazione. Linee di storia della Camera del Lavoro di Torino.* Milano: Feltrinelli, 1992.

BARBADORO, Idomeneo. "Il sindacato delle origini (1876-1900)", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia: Marsilio, 1982, pp. 3-19.

_____ "Lo sviluppo del movimento sindacale in Italia: forme di contrattazione e rappresentanza. (1900-1920)", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze: Sansoni, 1983, pp. 29-74.

BARILLI, Renato; GRANATI, Giovanna; SCAPARRO, Maurizio (org.). *L'immagine del Socialismo nell'arte, nelle bandiere, nei simboli. Mostra per il 90° della fondazione del PSI.* Venezia: Marsilio, 1982.

BARRANCOS, Dora. "Vita materiale e battaglia ideologica nel quartiere della Boca (1880-1930)", in: ROSOLI, Gianfausto (a cura di). *Identità degli italiani in Argentina. Reti sociali, famiglia, lavoro.* Roma: Studium, 1993, pp. 167-204.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. "A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências", in: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva.* São Paulo: Contexto, 1998.

_____ "'Nós, filhos da Revolução Francesa', a imagem da revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX". *Revista Brasileira de História*, vol. 10, n. 20, março-agosto de 1990.

_____ *Le syndicalisme 'amarelo' à Rio de Janeiro (1906-1930).* Thèse de Doctorat. Université de Paris I, Paris, 1986.

BAYER, Osvaldo, *Severino Di Giovanni. El idealista de la violencia.* Buenos Aires, Planeta, 1998.

_____ *La Patagonia Rebelde. I.* Buenos Aires, Planeta, 1993.

_____ *La Patagonia Rebelde. II.* Buenos Aires, Planeta, 1993.

_____ *La Patagonia Rebelde. III.* Buenos Aires, Planeta, 1995.

_____ *La Patagonia Rebelde. IV.* Buenos Aires, Planeta, 1997.

BAZZICHI, Marino. *Con pochi soldi e tanti sogni. I Vu'cumprà di Stazzema*, 1831-1990. Massarosa (Lucca): s.e., 1996.

BECHELLONI, Antonio, DREYFUS, Michel e MILZA, Pierre (org.). *L'intégration italienne en France. Un siécle de présence italienne dans trois régions françaises (1880-1980).* Paris: Editions Complexe, 1995.

BEIGUELMANN, Paula. *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

BELTRAMI, Celso e CORTICELLI, Andrea. "Mercato del lavoro e conflitti xenofobi nella Marsiglia operaia degli anni 1880-1890". *Movimento Operaio e socialista*, VI, n. 3, settembre-dicembre, 1983, pp. 439-466.

BERNASCONI, Alicia. "Cofradias religiosas e identidad en la inmigración italiana en Argentina". *studios Migratorios Latinoamericanos*, n. 14, abril 1990, pp. 211-224.

_____ "Marchigianos en Buenos Aires: trabajo y vida asociativa". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*., n. 37, diciembre 1997. pp. 45-62.

BERTA, Giuseppe. "Un caso di industrialismo sindacale: la FIOM del primo Novecento", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale*. Firenze: Sansoni, 1983, pp. 192-223.

BERTONE, Santina,; GRIFFIN, Gerard; IVERSON, Roderick D. "Immigrant Workers and Australian Trade Unions: Participation and Attitudes". *International Migration Review*, 3, XXIX, Fall 1995, pp. 722-44.

BERTONE, Giorgio. "'Parlare ai borghesi': De Amicis, il "Primo Maggio" e la propaganda socialista". *Movimento Operaio e socialista*, III, n.2-3, aprile-settembre 1980, pp. 155-173.

BEZZA, Bruno. "L'azione sindacale durante la prima guerra mondiale", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista*. Venezia: Marsilio, 1982, pp. 81-98.

_____ "La struttura e la politica rivendicativa della FIOM nel ciclo di lotte 1919-1920", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale*. Firenze: Sansoni, 1983, pp. 294-314.

_____ (a cura di). *Gli italiani fuori d'Italia. Gli emigrati italiani nei movimenti operai dei paesi d'adozione*. Milano: Franco Angeli, 1983.

BIANCONI, Pietro. *Il movimento operaio a Piombino. La nascita della classe operaia in una città-fabbrica*. Firenze: La Nuova Italia, 1970.

BILSKY, Edgardo. "Etnicidad y clase obrera: la presencia judía en el movimiento obrero argentino". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 11, abril 1989, pp. 27-47.

_____ *La F.O.R.A. y el movimiento obrero. (1900-1910)*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985.

BIONDI, Luigi. *La stampa anarchica italiana in Brasile. 1904-1915*. Tesi di Laurea. Roma: Facoltà di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Roma "La Sapienza", 1995.

_____ "Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista 'La Battaglia' e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos". *Cadernos AEL*, n. 8/9 *(Anarquismo e Anarquistas)*, 1998, pp. 117-147.

_____ "Sociedades italianas de socorro mútuo e política em São Paulo entre o século XIX e o século XX", *Travessia. Revista do migrante.* Ano XII, n. 34, maio-agosto 1999, pp. 5-12.

_____ "Identidade de classe e identidade nacional entre solidariedade e conflito: socialistas e republicanos italianos na São Paulo do início do século XX e suas relações com as associações patrícias e o nascente sindicalismo". *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXVI, n. 1, julho 2000, pp. 131-162.

BLANCO, Esmeralda: *O trabalho da mulher e do menor na indústria paulistana (1890 - 1920)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo, 1977.

BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio; PEPE, Adolfo (a cura di). *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina.* Brescia: Camera del Lavoro, CGIL, 1992.

BONACCHI, Gabriella e PESCAROLO, Alessandra. "Cultura della comunità e cultura del mestiere alle origini della "resistenza" proletaria italiana". *Movimento Operaio e socialista*, III, n. 1, gennaio-marzo1980, pp.37-48.

BONACCINI, Maria; CASERO, Renza. *La Camera del Lavoro di Milano dalle origini al 1904*. Milano: SugarCo, 1975.

BONIFAZI, Alberto; SALVARANI, Gianni. *Dalla parte dei lavoratori. Storia del movimento sindacale italiano. Volume I. 1860-1906: dalle Società di Mutuo Soccorso alla prima organizzazione unitaria dei lavoratori.* Milano: Franco Angeli, 1976.

_____ *Dalla parte dei lavoratori. Storia del movimento sindacale italiano. Volume II. 1906-1944: dalla prima Confederazione Generale del Lavoro al patto di Roma.* Milano: Franco Angeli, 1976.

BONIFAZI, Corrado e HEINS, Frank, "Le migrazioni di ritorno nel sistema migratorio italiano: un riesame", *Studi Emigrazione*, XXXIII, 122, 1996, pp. 273-303.

BORGES, Stella Maris Araújo, *Italianos: Porto Alegre e trabalho*. Porto Alegre, Est Edições, 1993.

BORZOMATI, Pietro (a cura di). *L'emigrazione calabrese dall'Unità a oggi*. Roma: Centro Studi Emigrazione, 1982.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

BOSWORTH, R.J.B. *Italy and the Wider World 1860-1960*. London and New York: Routledge, 1996.

BRIGUGLIO, Letterio. *Benoît Malon e il socialismo in Italia*. Padova: Tipografia Antoniana, 1979.

BRUNELLO, Piero. *Ribelli, questuanti, banditi. Proteste contadine in Veneto e in Friuli: 1814-1866*. Venezia: Marsilio, 1981.

_____ "Emigranti", in: *Storia d'Italia. Le regioni dall'Unità a oggi: il Veneto*. Torino: Einaudi, 1984, pp. 579-633.

_____ *Pionieri: gli italiani in Brasile e il mito della frontiera*. Roma: Donzelli, 1994.

BUGIARDINI, Sergio. "Notables y políticos en la comunidad italiana de New York, entre el Ochocientos y el Novecientos". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 39, agosto 1998, pp. 289-330.

C

CACOPARDO, Maria Cristina; MORENO, José Luis. "El "equipaje" del migrante italiano en la Argentina; un intento de conceptualización en torno al origen regional". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 20, abril, 1992, pp. 149-160.

CAFAGNA, Luciano. "Anarchismo e socialismo a Roma negli anni della febbre edilizia e della crisi. (1882-1891)", *Movimento Operaio*, 1952, pp. 772-774.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

CANAVERO, Alfredo; Ginex, Giovanna (a cura di). *Il '98 a Milano: fatti, personaggi, immagini*. Milano: Mazzotta, 1998.

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial no Brasil*. São Paulo: Global, 1985.

CAPITINI MACCABRUNI, Nicla. *Liberali, socialisti e Camera del Lavoro a Firenze nell'età giolittiana (1900-1914)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1990.

CARETTI, Stefano; DEGL'INNOCENTI, Maurizio (a cura di). *Il socialismo in Firenze e provincia, 1871-1961*. Pisa: Nistri-Lischi, 1987.

CARONE, Edgard. *A II Internacional pelos seus congressos. (1889-1914)*. São Paulo: EDUSP, Anita, 1993.

_____ *A República Velha. Instituições e classes sociais.* São Paulo: DIFEL, 1972.

CARRAI, Massimo. "Dalle Associazioni di Mutuo Soccorso alle Case del Popolo: la specificità del caso fiorentino (1885-1921)". *Ricerche Storiche,* n. 1, gennaio-aprile 1997, pp. 149-174.

CARTOSIO, Bruno. "Memoria privata e memoria pubblica nella storiografia del movimento operaio", *Studi Storici,* n. 4, 1997, pp. 897-910.

CASA DEL POPOLO DI PRATO CARNICO. *1913-1979. 66 anni di impegno e partecipazione dei lavoratori a favore dei lavoratori.* Udine: STAU, 1979.

CASTALDI, Carlo. "Mobilidade ocupacional de um grupo primário de imigrantes italianos na cidade de São Paulo", *Educação e Ciências Sociais,* ano II, vol. 2 , n. 4, 1957, pp. 135-172

CASTRONOVO, Valerio. "Processi di industrializzazione e tipologia del conflitto sociale", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze: Sansoni, 1983, pp. 13-28.

_____; GALASSO, Giuseppe; ZANGHERI, Renato. *Storia del movimento cooperativo in Italia: la Lega Nazionale delle Cooperative e Mutue. 1886-1986.* Torino: Einaudi, 1987.

CAVALLARI, Giovanna. *Georges Sorel. Archeologia di un rivoluzionario.* Napoli: Jovene / Camerino: Pubblicazioni della Facoltà di Giurisprudenza dell'Università di Camerino, 1994.

CAVAZZOLI, Luigi. *Socialismo mantovano: strumenti di ricerca.* Mantova: Istituto Mantovano di Storia Contemporanea, 1992.

_____ *Civiltà contadina e lotte operaie. Sessant'anni di sindacalismo nel Mantovano (1900-1960).* Milano: Franco Angeli, 1993.

CERVETTI, V.; MINARDI, M.; REGGIANI, G.; SERENI, U.; SPOCCI, R. *Nel segno di Garibaldi. Cent'anni di Camera del Lavoro a Parma.* Parma: PPS editrice, 1993.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.* São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHERUBINI, Arnaldo. *Beneficenza e solidarietà: assistenza pubblica e mutualismo operaio: 1860-1900.* Milano: Franco Angeli, 1991.

CHIARAMONTE, Umberto. *Vittorio Buttis: un riformista tra esilio ed emigrazione.* Novara: Società Storica Novarese, 1987.

CIBOTTI, Ema. "Giornalismo politico e politica giornalistica. La formazione pubblica di una opinione italiana nella Buenos Aires di fine secolo". *Ventesimo Secolo*, IV, n. 11-12, maggio-dicembre 1994, pp. 351-376.

CINEL, Dino. "Land Tenure Systems, Return Migration and Militancy in Italy". *Journal of Ethnic Studies*; 1984, 12, 3, fall, pp. 55-74.

CIUFFOLETTI, Zeffiro. *Storia del PSI. Volume I. Le origini e l'età giolittiana.* Bari: Laterza, 1992.

CIVOLANI, Eva. "Scioperi e agitazioni operaie dell'estate 1872 nei comparti manifatturieri di Milano e di Torino". *Movimento Operaio e Socialista*, XXIII, 1977, pp. 427-455.

COMITATO TINA MODOTTI. *Atti del Convegno Internazionale di studi «Tina Modotti, una vita nella storia»*. Tavagnacco (Udine): Arti Grafiche Friulane, 1995.

CONLIN, J. R. *Bread and Roses Too: Studies of the Wobblies*. Westport, Greenwood, 1970.

_____. (ed.) *At the point of Production: the Local History of the IWW*. Westport, Greenwood, 1981.

CONSOLMAGNO, Marina. *Fanfulla: perfil de um jornal de colônia (1893-1915)*, Tese de Doutorado em História, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo,1993.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. "Gli emigranti dall'Italia del sud a Porto Alegre: studio di storia sociale". In: TRENTO, Angelo. *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

_____*Gli italiani nelle città*. Porto Alegre: Associazione Culturale Italiana del Rio Grande do Sul, Perugia: Edizioni Guerra, 2001.

CONTI, Fulvio. "La massoneria e lo sviluppo del movimento democratico e socialista in Lunigiana dopo l'Unità", in: *Movimento socialista in Lunigiana tra la fine dell'Ottocento e il Novecento*. Pontremoli: Comunità Montana della Lunigiana, 1990.

CORFIELD, Penelope. "Intervista a E. P. Thompson", *Quaderni Storici*, XXXI, n. 2, agosto, 1996, pp. 405-427.

CORSINI, Paolo; PORTA, Gianfranco. *Avversi al regime. Una famiglia comunista negli anni del fascismo.* Roma: Editori Riuniti, 1992.

CORTI, Paola. "L'émigration italienne: historiographie, anthropologie et recherche comparatiste", *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 11, 3, 1995, pp. 5-17.

_____. "Emigrazione e consuetudini alimentari. L'esperienza di una catena migratoria", in: *Storia d'Italia. Annali 13. L'alimentazione.* Torino: Einaudi, 1998, pp. 683-719.

COSENTINO, José Armagno. *Carolina Muzilli.* Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1984.

D

DADÀ, Adriana. "Dalla Lunigiana alla "Barsana". Il processo di trasformazione dei lavoratori agricoli stagionali in venditori ambulanti specializzati", *Bollettino di Demografia Storica*, 19, 1993, pp. 111-33.

'Dàm una mân'. Un'esperienza di democrazia sociale: mutualismo e solidarietà nella Bassa Romagna. Bologna: University Press, 1990.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____ *Rio Claro. Um sistema brasileiro de grande lavoura. 1820-1920.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

DE BONI, Luis A., (org). *A presença italiana no Brasil, Vol. I.* Porto Alegre: Ediçoes EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.

_____ *A presença italiana no Brasil, Vol. II.* Porto Alegre: Ediçoes EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

_____ *A presença italiana no Brasil, Vol. III.* Porto Alegre: Ediçoes ES, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

DE CLEMENTI, Andreina. *Politica e società nel Sindacalismo Rivoluzionario. 1900-1915.* Roma: Bulzoni, 1983.

DE FELICE, Renzo. *Sindacalismo rivoluzionario e fiumanesimo nel carteggio De Ambris-D'Annunzio.* Brescia: Morcelliana, 1966.

DEGL'INNOCENTI, Maurizio. "Emigrazione e politica dei socialisti dalla fine del secolo all'età giolittiana". *Il Ponte*, n. 11-12, 1974, pp. 1293-1307.

_____. *Il socialismo italiano e la guerra di Libia.* Roma: Editori Riuniti, 1976.

_____. (a cura di). *Le Case del Popolo in Europa: dalle origini alla seconda guerra mondiale.* Firenze: Sansoni, 1984.

_____. (a cura di). *L'esilio nella storia del movimento operaio e l'emigrazione economica.* Manduria (Bari): Lacaita, 1992.

_____. (a cura di). *Filippo Turati e il socialismo europeo.* Napoli: Guida, 1985.

DEL CARRIA, Renzo. *Proletari senza rivoluzione. Storia delle classi subalterne italiane dal 1860 al 1950.* Milano: Oriente, 1970.

DELLA PERUTA, Franco (a cura di). *Braccianti e contadini nella Valle Padana.* Roma: Editori Riuniti, 1975.

DEL ROIO, Luís J. (a cura di), *Lavoratori in Brasile. Immigrazione e industrializzazione nello stato di São Paulo.* Milano, Franco Angeli, 1981.

DE LUCA, Tânia Regina. *O mutualismo em São Paulo: o sonho do futuro assegurado.* Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo, 1988.

_____ *O sonho do futuro assegurado. O mutualismo em São Paulo.* Brasilia-São Paulo: Contexto, 1990.

_____ "Inmigración, mutualismo, e identidad: São Paulo. (1890-1935)", *Estudios Migratorios Latinoamericanos,* n. 29, abril, 1995, pp. 191-208.

DE JUSTO, Alicia Moreau. *Juan B. Justo y el Socialismo.* Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1984.

DE NICOLÒ, Marco. "L'avvento di una cittadinanza repubblicana e i 'placidi tramonti'del Regno: la 'Lega della Democrazia'". *Dimensioni e problemi della ricerca storica,* n. 1, 1997, pp. 201-237.

DEROSAS, Renzo. "Lo sciopero de "La Boje" nel Polesine e le sue origini". *Società e Storia,* n. 1, 1978, pp. 65-86.

DETTI, Tommaso. "Ipotesi sule origini di una provincia rossa: Siena tra Ottocento e Novecento". *Ventesimo Secolo,* n. 1, 1991, pp. 49-61.

DE VECCHI, Giorgio; TREU, Cristina. *Le organizzazioni operaie edili in Lombardia: 1860-1914.* Milano: Nuove Edizioni Operaie, 1979.

DEVOTO, Fernando J. - "Italian Mutual Aid Societies in Buenos Aires and Santa Fe: Ideas and Problems; Las sociedades italianas de ayuda mutua en Buenos Aires y Santa Fe. Idea y problemas". *Studi-Emigrazione,* 21, n. 75, 1984, Sept, pp. 320-342.

_____ "Las cadenas migratórias italians: algunas reflexiones a la luz del caso argentino". *Estudios Migratorios Latinoamericanos,* n. 8, abril 1988, pp. 103-123.

_____ "Catolicismo e anticlericalismo en un barrio italiano de Buenos Aires (La Boca) en la segunda metad del siglo XIX". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 14, abril, 1990, pp. 183-210.

_____ *Estudios sobre la emigración italiana a la Argentina en la segunda mitad del siglo XIX.* Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1991.

_____ *Le migrazioni italiane in Argentina. Un saggio interpretativo.* Napoli: L'officina Tipografica, Istituto Italiano per gli Studi Filosofici, 1994.

_____ MIGUEZ, E.J. *Asociacionismo, trabajo e identidad etnica. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada. Buenos Aires, 1992.*

_____ ROSOLI, Gianfausto (a cura di). *L'Italia nella società argentina.*, Roma: CSER, 1988.

DIAZ, Hernán. *Alberto Ghiraldo: anarquismo y cultura.* Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1991.

DI NOIA, Carlo. *Il fenomeno dell'emigrazione dalla Calabria nelle Americhe tra Ottocento e Novecento. Il caso di Corigliano Calabro.* Corigliano Calabro: Editrice Aurora, 1995.

DI TELLA, Torcuato. "El impacto immigratorio sobre el sistema politico argentino". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 12, agosto, 1989, pp. 211-230.

_____ "Comunità immigrate e politiche locali". *Altreitalie*, n. 10, luglio-dicembre 1993, pp. 84-88.

DOESWIJK, Andreas Leonardus. *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques rioplatenses, 1917-1930.* Campinas: Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

DREIFUS, Michel. *Histoire de la C.G.T.* Bruxelles : Éditions Complexe, 1995.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935).* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

E

EISENBERG, Christiane. "Artigiani e movimento operaio: un confronto interpretativo". *Movimento Operaio e Socialista*, IX, n.3, 1986, pp. 489-503.

ELAZARI, Judith Mader: *Lazer e vida urbana: São Paulo, 1850-1910.* Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo, 1980.

ESTRELLA, Célia Maíra da Silva, *O bairro da Moóca: história de um lugar para morar.* Tese de Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

F

FABBRI, Fabio. "Origini e sviluppo del movimento cooperativo italiano. Dalla nascita al fascismo (1854-1925)", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia: Marsilio, 1982, pp. 66-80.

FALCO, Emilio. *Armando Borghi e gli anarchici italiani. 1900-1922.* Urbino, Quattro Venti, 1992.

FALCÓN, Ricardo. *El mundo del trabajo urbano (1890-1914).* Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1989.

FASCE, Ferdinando. "Dentro e fuori la comunità etnica: testimonianze orali di immigrati italiani in USA nel primo Novecento". *Movimento Operaio e socialista,* IV, n.1-2, gennaio-giugno 1981, pp. 33-48.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social, 1890-1920.* São Paulo: Difel, 1983.

_____ *Historiografia da imigração para São Paulo,* São Paulo, Ed. Sumaré-FAPESP, 1991.

_____ (org). *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina.* São Paulo: EDUSP, 1999.

_____; GRÜN Roberto; SAKURAI, Célia; TRUZZI Oswaldo. *Imigraçao e politica em São Paulo.* São Paulo: Editora Sumaré, 1995.

FAVILLI, Paolo. "Marxismo e Sindacalismo Rivoluzionario in Italia (prima parte)". *Società e Storia,* n. 64, 1994, pp. 315-359.

_____. "Marxismo e Sindacalismo Rivoluzionario in Italia (seconda parte)". *Società e Storia,* n. 65, 1994, pp. 559-609.

FEDELI, Ugo. *Gigi Damiani: note biografiche. Il suo posto nell'Anarchismo.* Cesena: Antistato, 1954.

FELICI, Isabelle. *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil. 1890-1920.* Thése de Doctorat. Université de La Sorbonne Nouvelle - Paris III, Paris, 1994.

_____. "Gli anarchici italiani in San Paolo e il problema dell'organizzazione operaia (1898-1917)", s.d., s.l. (mimeo).

FENTON, Edwin, *Immigrants and Unions, a case study: Italians and American Labor. 1870-1920*. New York: Arno Press, 1975.

FERNANDEZ, Alejandro E. "El mutualismo español en un barrio de Buenos Aires: San José de Flores. (1890-1900)". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 13, diciembre 1989, pp. 609-642.

FERREIRA, Maria Nazaré. *A imprensa operária no Brasil, 1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978.

FIORANI, Flavio – "Lo Stato di fronte alla questione sociale: la legislazione del lavoro in Argentina, 1904-1922", *Movimento Operaio e Socialista*, VIII, nuova serie, n.2, maggio-agosto 1985, pp. 219-238.

FRANZINA Emilio. *La grande emigrazione. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo XIX*. Venezia, Marsilio, 1976.

_____ "Operai, braccianti e socialisti nel Veneto bianco", in: *Storia d'Italia. Le regioni dall'Unità a oggi: il Veneto*. Torino: Einaudi, 1984, pp. 701-759.

_____(a cura di). *Un altro Veneto. Saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX*. Abano Terme (Padova): Francisci, 1983.

_____*Dall'Arcadia in America. Attivitá letteraria ed emigrazione transoceanica in Italia. (1850-1940)*. Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

_____*Una patria straniera. Sogni, viaggi e identitá degli italiani all'estero attraverso le fonti popolari scritte*. Verona: Cierre edizioni, 1996.

_____*La storia altrove. Casi nazionali e casi regionali nelle moderne migrazioni di massa*. Verona: Cierre edizioni, 1998.

_____"Introduzione", in: *Un sogno: la Merica! I miei 56 anni di Brasile. Diario di Enrico Secchi*. Finale Emilia: Associazione Enrico Secchi, Baraldini, 1998.

_____*Immaginario degli emigranti: miti e raffigurazioni dell'esperienza italiana all'estero*. S.l. Pagus, 1992

_____*Stranieri d'Italia. Studi sull'emigrazione italiana dal Risorgimento al fascismo*. Vicenza: Odeon, 1994.

_____. "Le traversate e il sogno: viaggi per mare degli emigranti attraverso le fonti memorialistiche", in: *Il sogno italo-americano*. Napoli: CUEN, 1998.

FRENCH, John D. "Practice and Ideology: a cautionary note on the historian's craft", *Hispanic American Historical Review*, vol. 71, n. 4, november 1991, pp. 847-855.

_____ *O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo: Hucitec / São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995.

FRYDENBERG, Julio; RUFFO, Miguel. *La Semana Roja de 1909*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1992.

FONSECA, Guido. "DOPS: um pouco de sua história". *Revista da Associação dos Delegados de polícia do Estado de São Paulo*, ano X, n. 18, dezembro de 1989, pp. 41-85.

FURIOZZI, Gian Biagio. *Dal socialismo al fascismo. Studi sul Sindacalismo Rivoluzionario*. Napoli: Esselibri; Simone, 1998.

_____. *Il sindacalismo rivoluzionario italiano*. Milano, Mursia, 1977.

_____. *Socialismo, anarchismo e sindacalismo rivoluzionario. Studi e ricerche*. Rimini, Maggioli, 1984.

_____. *Il partito del lavoro. Un progetto laburista nell'Italia giolittiana*. Ellera Umbra (PG): Era Nuova, 1997.

G

GABACCIA, Donna. *From Sicily to Elizabeth Street. Housing and Social Change Among Italian Immigrants, 1880-1930*. Albany: State University of New York Press, 1984.

_____ *Militants and migrants. Rural Sicilians become American workers*. New Brunswick, London: Rutgers University Press, 1988.

_____ "Le immigrate italiane in una prospettiva comparata". *Altreitalie*, n. 9, gennaio-giugno 1993, pp. 154-62; 163-75.

_____ *From the other side: women, gender & immigrant life in the United States 1820-1990*. Indianapolis: Indiana U.P., 1995.

_____ "Italian History and 'gli italiani nel mondo'. Part I". *Journal-of-Modern-Italian-Studies*; 1997, 2, 1, spring, pp. 45-66.

_____ "Italian History and 'gli italiani nel mondo'. Part II". *Journal-of-Modern-Italian-Studies*; 1998, 3, 1, pp. 73-97.

_____. "Worker internationalism and italian labor History. 1870-1914", *International Labour and Working-Class History*, 45, 1994, pp. 63-79.

_____; OTTANELLI, Fraser. "Italians workers around the world: newsletter #2". *International Migration Review*, vol. 31, n. 1.

_____"Italians workers around the world: newsletter #3, #4, #5" *International Migration Review*, vol. 31, n. 2.

_____"Diaspora or international Proletariat? Italian Labor Migration and the Making of Multi-ethnic States. 1815-1939". *International Migration Review*, vol. 31, n. 3.

GANDOLFO, Romolo. "Del Alto Molise al centro de Buenos Aires: las mujeres agnonesas y la primera emigración transatlantica. (1870-1900)" *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 20, abril 1992, pp. 71-99.

_____. "Inmigrantes y política en Argentina: la revolución de 1890 y la campaña en favor de la naturalización automática de residentes extranjeros". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 17, abril, 1991, pp. 23-35.

GALASSI, Nazario. *Vita di Andrea Costa.* Milano: Feltrinelli, 1989.

GARRONI, Susanna. "Serrati negli Stati Uniti: giornalista socialista e organizzatore degli emigrati italiani". *Movimento Operaio e socialista*, VII, n. 3, settembre-dicembre 1984, pp. 321-344.

GARCIA COSTA, Victor O. *Alfredo Palacios: un socialismo argentino y para la Argentina*. Buenos Aires: CEAL, 1986.

GENTILE, Emilio. "Emigración e italianidad en Argentina, en los mitos de potencia del nacionalismo y del fascismo. (1900-1930)". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 2, abril 1986, pp. 143-180.

GERA, Bianca (a cura di). *Donne in società: storie di mutualismo femminile in Piemonte*. Torino: Regione Piemonte, 1994.

GERA, Bianca; ROBOTTI, Diego. *Il tempo della solidarietà. Le 69 società operaie che fondarono la Camera del Lavoro di Torino.* Milano: Feltrinelli, 1991.

GERVASONI, Marco. "Il linguaggio politico del sindacalismo d'azione diretta in Francia: la rappresentazione del sociale e la concezione dell'autonomia della CGT di fronte allo stato repubblicano (1895-1914)", *Società e Storia*, n. 74, ottobre – dicembre 1996, pp. 771-820.

GIGLI MARCHETTI, A. *I tre anelli. Mutualità, resistenza, cooperazione dei tipografi milanesi (1860-1925).* Milano: Franco Angeli, 1983.

GIANINAZZI, Willy. "Agli albori del sindacalismo rivoluzionario italiano", *Rivista Storica dell'Anarchismo*, III, n. 2, luglio-dicembre 1996, pp. 5-14.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.* São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GITAHY, Maria Lucia Caira. "Processo de trabalho e greves portuárias, 1889-1910: estudo sobre a formação da classe operária no porto de Santos", in: *Ciências Sociais Hoje*, Vértice, 1987.

_____ "Os trabalhadores da construção civil na *belle époque.*", in: *II Congresso Brasileiro de História Econômica.* ABPHE/UFF, Niterói, 13-16 de outubro de 1996.

_____ SILVA, Fernando Teixeira da. "O movimento operário da construção civil santista durante a Primeira Guerra Mundial, 1914-1918". *História Social*, n. 3, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

GODIO, Julio. *El movimiento obrero y la cuestión nacional. Argentina: inmigrantes, asalariados y lucha de clases, 1880-1910.* La Plata, Editorial Erasmo, 1972.

_____. *La Internacional Socialista en la Argentina.* Buenos Aires: CEAL, 1986.

GORDON, Eric Arthur. *Anarchism in Brazil: Theory and Practices. 1890-1920.* Ph.D. Thesis. New Orleans: Tulane University, 1978.

GRENDI, Edoardo. "Repensar a micro-história", in: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GRIBAUDI, Maurizio. *Mondo operaio e mito operaio. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo Novecento.* Torino: Einaudi, 1987.

GUERRINI, Libertario. *Il movimento operaio nell'Empolese. 1861-1946.* Roma: Editori Riuniti, 1970.

H

HAIMSON, Leopold H.; TILLY, Charles. *Strikes, Wars and Revolutions in an International Perspective: Strike Waves in the late 19th and 20th Centuries.* Cambridge: Cambridge University Press; Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1989.

HALL, Michael. *The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914.* Ph. D. Dissertation, Columbia University, New York, 1969

_____ "Italianos em São Paulo", in *Anais do Museu Paulista*, tomo XXIX, 1979, pp.201-215.

_____ "Os chapeleiros: notas e hipóteses", s.l., agosto de 1988 (mimeo).

_____ "Immigration and the early São Paulo working class", Jahrbuch fur Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Latinamerikas, (12), 1975, pp. 393-407.

_____ *Corporatism, fascism, and the origins of Brazilian labor law*. Paper apresentado na Brazilian Studies Association, King's College, Cambridge, setembro 1996.

_____; GARCIA, Marco Aurélio. "Urban labor", in: CONNIFF, Michael e MCCANN (orgs.). *Modern Brazil: elites and masses in historical perspective*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1989.

_____; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *A classe operária no Brasil. 1889-1930. Vol. I.* São Paulo: Alfa Omega, 1979.

_____; PINHEIRO, Paulo Sérgio *A classe operária no Brasil. 1889-1930. Vol. II.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____; PINHEIRO, Paulo Sérgio "Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle", in: *Arremate de males.* Campinas: Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, n. 5, fevereiro 1985.

_____; ALIER, V. Martinez, "Greves de colonos na Primeira República". in: *II Seminário de relações de Trabalho e Movimentos Sociais*, São Paulo, CEDEC, mimeo, 1979.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil.* São Paulo: Global, 1982.

_____ *Nem pátria, nem patrão. Vida operária e cultura anarquista no Brasil.* São Paulo, Brasiliense, 1983.

HECKER, Alexandre. *Um Socialismo Possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo.* São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos extremos. O breve século XX, 1914-1991.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____ *Revolucionários*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

_____ *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *De Historia. Saggi.* Milano: Rizzoli, 1997.

HOSTETTER, Richard. "Lotta di classe nelle campagne: il movimento contadino di resistenza nella Val Padana. 1884-1885". *Movimento operaio e socialista*, 1970, pp. 45-72.

HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração italiana em São Paulo 1880/1889: os primeiros contactos do imigrante com o Brasil.* Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo,1971.

_____ *Imigração italiana em São Paulo de 1902 a 1914. O processo imigratório.* São Paulo, IEB-CESP, 1986.

J

JOCTEAU, Gian Carlo. *L'armonia perturbata. Classi dirigenti e percezione degli scioperi nell'Italia liberale.* Bari: Laterza, 1988.

JULLIARD, Jacques. *Autonomie ouvriere: études sur le syndicalisme d'action directe.* Paris: Gallimard, 1988.

_____. *Fernand Pelloutier et les origines du syndicalisme d'action directe.* Paris : Editions du Seuil, 1971.

K

KHOURY, Yara Aun. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária.* São Paulo: Cortez, 1981.

_____. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária. Imprensa, memória e militância anarco-sindicalista.* Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, 1988.

KIKUCHI, Mário Iasuo: *Concepção de beneficência: o caso da Società Italiana di Beneficenza in San Paolo Ospedale Umberto I.* Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo, 1997.

L

LABRIOLA, Arturo. *Storia di dieci anni. 1899-1909. (Con prefazione di Nicola Tranfaglia).* Milano: Feltrinelli, 1975.

LAJOLO, Davide. *Su fratelli , su compagni. Cartoline delle lotte operaie. 1896-1924.* Cuneo: L'Arciere, 1983.

LANARO, Silvio. *Società e ideologie nel Veneto rurale. (1866-1898).* Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1976.

LANZARDO, Liliana. *Dalla bottega artigiana alla fabbrica. Storia fotografica della società italiana.* Roma: Editori Riuniti, 1999.

LATTUCA, Ada. "Sociedades de Socorros Mutuos de la provincia de Santa Fe". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 5, abril, 1987, pp. 125-145.

LAY, Adriana. "Scioperi per, scioperi contro. Rivendicazioni e cultura operaia, 1894-1913". *Quaderni Storici*, n. 47, agosto 1981, pp. 487-519.

LAZZARINI, Antonio. *Campagne venete ed emigrazione di massa*. S.l. Pozza, 1981

LEME, Maria P. de Camargo. *Trabalhadores ferroviários em greve*. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

Le società di mutuo soccorso italiane e i loro archivi. Atti del seminario di studio (Spoleto, 8/10-11-1995). Roma: Ministero per i Beni e le Attività Culturali. Ufficio Centrale per i Beni Archivistici, 1999.

LEONARDI, Victor. *Origins historique du syndicalisme bresilien. 1858-1908*. Paris: Université de Paris VIII, 1973.

LIGUORI, Guido. *Gramsci conteso. Storia di un dibattito, 1922-1996*. Roma: Editori Riuniti, 1996.

LINDEN, Marcel van der e THORPE, Wayne. "Essor et déclin du sindicalisme révolutionaire". *Le mouvement social*, n. 159, avril-juin 1992.

_____ (ed). *Revolutionary Syndicalism: an International Perspective*. Scolar Press, 1992.

LOBATO, Mirta Zaida. "Lavoro e conflitto nell'industria della carne: il caso degli stabilimenti Berisso. (1904-1930)". *Ventesimo Secolo*, n. 11-12, 1994, pp. 319-334.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. "As jornadas de julho: São Paulo, 1917", in: BRESCIANI, Maria Stella (org.) *Jogos da política. Imagens, representações e práticas*. São Paulo: ANPUH / Marco Zero, 1992, pp. 201-225.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), IFCH, Campinas, 1996.

"Los partidos políticos en el Río de La Plata (1890-1930)". *Cuadernos del CLAEH*, n. 50, Montevideo, 1989.

LUCENA, Célia Toledo. *Bixiga, amore mio!*. São Paulo: Pannartz, 1983.

M

MAFFEI, Eduardo. *A Greve.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MAGNANI LANG, Silvia Ingrid. "A classe operária vai à luta: a greve de 1907 em São Paulo", *Cara a Cara*, ano I, n.1, maio, 1978, pp. 105-124.

_____. *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917).* São Paulo: Brasiliense, 1982.

MAITRON, Jean. *Le mouvement anarchiste en France I: des origines à 1914.* Paris: Gallimard, 1992.

MAMMARELLA, Giuseppe. *Riformisti e rivoluzionari nel PSI. 1900-1912.* Venezia, Marsilio, 1981.

MANELLI, Raimondo. *Il movimento operaio a Terni nella seconda metà dell'Ottocento.* Terni: Thyrus, 1984.

MANZ, Peter. *Emigrazione italiana a Basilea e nei suoi sobborghi (1890-1914). Momenti di contatto tra operai immigrati e società locale.* Lugano: Ed. Alice, 1988.

MARAM, Sheldon Leslie. "Anarcho-Syndicalism in Brazil", *Proceedings of the Pacific Coast Council on Latin American Studies*, 4, 1975, pp. 101-116.

Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARIANELLI, Alessandro. "Il movimento operaio a Pisa sul finire dell'età giolittiana". *Movimento Operaio e socialista*, 1978, pp. 209-245.

MARQUES, Antônio José. *Os trabalhadores em pedreiras em Ribeirão Pires. A organização sindical dos canteiros e as lutas operárias no começo do século XX.* Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo, 1996.

MARTELLINI, Amoreno. *Fra Sunny Side e La Nueva Marca. Materiali e modelli per una storia dell'emigrazione marchigiana fino alla grande guerra.* Milano: Franco Angeli, 1999.

MARTELLONE, Anna Maria, "Un appello contro la decostruzione dell'etnicità e a favore della storia politica". *Altreitalie*, n. 6, novembre, 1991, pp. 84-92; 106-13.

MARTINS, José de Souza. *O cativeiro da terra.* São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

_____ "Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1890 e 1914: o caso de São Paulo", *Dados*, 24 (2), pp. 237-264.

_____ "Mercato del lavoro ed emigrazione italiana in Brasile", in: DE FELICE, Renzo (a cura di). *Cenni storici sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia*. Milano: Franco Angeli, 1979, pp. 253-267.

_____ *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo, São Caetano do Sul: Editora HUCITEC, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MARUCCO, Dora. "Studi recenti e nuove prospettive di ricerca in tema di sindacalismo rivoluzionario". *Movimento Operaio e socialista*, anno XXIII, 1977, pp. 522-534.

_____ *Mutualismo e sistema politico. Il caso italiano (1862-1904)*. Milano: Franco Angeli, 1980.

MELO, Leandro Lopes Pereira de. "A Light revela São Paulo. Espaços livres de uso público do centro nas fotografias da Light (1899-1920)". *História & Energia*, n. 9, São Paulo: Fundação Patromônio Histórico da Energia de São Paulo, 2001, pp. 8-76.

MERTZIG, Lia Romano Leite: *As dificuldades de adaptação do imigrante no Estado de São Paulo. Repatriação e reemigração (1889-1920)*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo, 1978.

MEYER, Gerald – "Italian Americans and the American Communist party: Notes on a history", in: *The Balch Institute for Ethnic Studies*, www.libertynet.org/balch. pp. 1-10.

MILLER, Sally. "Other Socialists: Native-Born and Immigrant Women in the Socialist Party of America, 1901-1917". *Labor History*, vol. 24, winter 1983, pp. 84-102.

MONTGOMERY, David. "Nuove tendenze nelle lotte e nelle strategie sindacali in Europa e negli Stati Uniti, 1916-1922", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale*. Firenze: Sansoni, 1983, pp. 153-190.

MONTEIRO, Arlete Assumpção: *Santo André: dos primórdios à industrialização. Um estudo sobre os imigrantes ao longo da São Paulo Railway*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo, 1995.

MONTELEONE, Renato. "Un ritratto d'ambiente: Torino operaia nell'Ottocento", *Ventesimo Secolo*, n. 3/4, 1993, pp. 351-8.

MORENO, Júlio. *Memórias de Armandinho do Bixiga*. São Paulo, Editora SENAC, 1996.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1970.

MOSCARDINI, Susanna. "L'anarcosindacalista Joan Peiró: un profilo biografico (1887-1942)", *Spagna Contemporanea*, n. 15, 1999, pp. 7-22.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *O acidente do trabalho em São Paulo (1890-1919)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo,1985.

_____. *O processo de imigração em São Paulo nas primeiras décadas republicanas: questões em aberto*. São Paulo: Cedhal, 1996.

_____. "Um sólido anzol de aço: Estado e ação operária na República Velha". *Revista Adusp*, n. 10, junho de 1997.

Movimento operaio e organizzazione sindacale a Roma (1860-1960). Documenti per la storia della Camera del Lavoro. Roma: Editrice Sindacale Italiana, 1976.

MOYA, José C. *Cousins and Strangers. Spanish Immigrants in Buenos Aires, 1850-1930*. Berkeley: University of California Press, 1998.

MUSCATELLO, Biagio (a cura di). *Gramsci e il marxismo contemporaneo*. Roma: Editori Riuniti, 1990.

MUSSO, Stefano. *Scioperi e conflitto sociale durante la prima guerra mondiale*. In: *Movimento Operaio e socialista*, ano IX, n.3, 1986, pp. 459-466.

MUZZIOLI, Giuliano; RINALDI, Alberto. *Un secolo di cooperazione. La CPL 'Concordia' dal 1890 al 1990*. Bologna: Il Mulino, 1999.

N

«National Conference Proceedings. Italian-American Studies: The State of the Field and New Directions for Development». *The Italian American Review. A Social Science Journal of the Italian American Experience*, V, 1, 1996.

NASCIMBENE, Mario C.- "La asimilacion de los italianos y sus descendientes en la sociedad argentina (1880-1925)". *Studi-Emigrazione*, 1996, 33, 123, Sept, pp. 417-442.

NASCIMBENE, Adalberto. "Braccianti, contadini e lotte agrarie in Lombardia alla fine dell'Ottocento". *Il Risorgimento*, vol. 32, n. 1, 1980, pp. 12-64.

_____. "Il movimento contadino in Lombardia dalla 'Boi' al 1890". *Nuova Rivista Storica*, anno LXII, settembre-dicembre, 1978, pp. 572-604.

NELLI, Humbert S. *Italians in Chicago. 1880-1930*. New York: Oxford University Press, 1970.

NOVELLI, Claudio; SALVATORI, Paola; "La Camera del Lavoro di Roma nella crisi dell'età liberale. 1910-1920". *Incontri Meridionali. Rivista quadrimestrale di storia e cultura*, n. 1 / 2, 1992, pp. 101-179.

NUDELMAN, Ricardo – "Notas para un estudio de las relaciones entre Juan B. Justo y Alfredo L. Palacios". *Entrepasados. Revista de Historia*, anoV, numero 8, 1995, pp. 11-20.

O

ODDONE, Jacinto. *História del socialismo argentino. 1896-1911*. Buenos Aires, CEAL, 1983.

OLIVA, Gianni. "Illusioni e disinganni del volontoriato socialista: la "Legione Cipriani" nella guerra greco-turca del 1897". *Movimento Operaio e socialista*, V, n. 3, settembre-dicembre 1982, pp. 351-365.

OPORTO, Mario; PAGANO, Nora. "La conducta endogámica de los grupos inmigrantes: pautas matrimoniales de los italianos en le barrio de La Boca en 1895". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 4, diciembre 1986, pp. 483-495.

ORTOLEVA, Peppino. "Una voce dal coro: Angelo Rocco e lo sciopero di Lawrence del 1912". *Movimento Operaio e socialista*, IV, n.1-2, gennaio-giugno 1981, pp.5-32.

OSTUNI, Maria Rosaria. *La diaspora politica dal Biellese*. Milano: Electa, 1995.

OTTANELLI, Fraser. "The Italian Diaspora: Migration across the Globe". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 33, 1996, pp. 416-418.

P

PANACCIONE, Andrea (acura di). *I luoghi e i soggetti del 1° Maggio.* Venezia: Marsilio, 1990.

PANSARDI, Marcos Vinícius. *Republicanos e operários: os primeiros anos do movimento socialista no Brasil (1889-1903).* Campinas: Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),1993.

PAOLI, Maria Célia. "São Paulo working-class and its representations. 1900-1940", *Latin American Perspectives*, 14/2, 1987.

PASQUA, Suzana Podkoliski. *Mortalidade e população. O processo de urbanização da cidade de São Paulo. 1890-1920. O caso do Brás*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo,1999.

PECK, Gunther William. *Reinvesting free labor: immigrant padrones and contract laborers in North America, 1880-1920*. Ph.D. Thesis, Yale University, 1994.

PENELAS, Carlos. *Los gallegos anarquistas en la Argentina*. Buenos Aires: Torres Aguero, 1996.

PEPE, Adolfo. *Storia della CGdL dalla guerra di Libia all'intervento: 1911-1915.* Bari: Laterza, 1971.

_____ "Il sindacato riformista in Italia. Un problema storico", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista.* Venezia: Marsilio, 1982, pp. 54-65.

_____ *Il sindacato nell'Italia del '900.* S.l. Rubbettino, 1996.

PEREIRA, João Baptista Borges. "Dimensione etnica della frontiera paulista: la popolazione di origine italiana". *Altreitalie*, n. 6, novembre, 1991, pp. 2-12; 51-57.

PERFETTI, Francesco. *Fiumanesimo, sindacalismo e fascismo.* Roma: Bonacci, 1988.

PERROT, Michelle. *Les ouvriers en grève: France, 1871-1890.* Paris: Mouton, 1974.

_____ "Lo sviluppo del movimento sindacale in Francia: forme di contrattazione e di rappresentanza. (1900-1920)", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze: Sansoni, 1983, pp. 75-92.

_____ *Jeunesse de la grève: France, 1871-1890.* Paris: Seuil, 1984.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. "Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira", in: ARAÚJO, Angela M. C. (org.), *Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira.* São Paulo, Scritta, 1997.

_____ *"Que a união operária seja nossa pátria". História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações.* Santa Maria: Editoraufsm; Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2001.

PETRONE, Maria Teresa Schorer. "Imigração assalariada", in: *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II, vol. 3.* São Paulo: DIFEL, 1985.

PETRONE, Pasquale. "Immigrati italiani in Brasile: identità culturale e Integrazione". *Altreitalie*, n. 13, gennaio-giugno 1995, pp. 27-42.

PIANO, Pierluigi. *Luigi Alesini: una vita per l'emancipazione operaia. Varese nella seconda metà del 19° secolo e gli scioperi del 1888-89.* Varese: Università Popolare di Varese, Archivio Storico della CGIL Prov. di Varese, 1998.

_____ "Annotazioni su Luigi Alesini e sulla sua corrispondenza con Alfredo Casati". *Storia in Lombardia*, n. 3, 1999, pp. 87-105.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. "O proletariado industrial na Primeira República", in Boris FAUSTO, (org.), *História Geral da Civilização Brasileira, III. vol.2.* Rio de Janeiro-São Paulo, DIFEL, 1978

PINTO, Maria Inez Machado Borges: *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo,1985.

PISA, Beatrice. *Nazione e politica nella società «Dante Alighieri»*. Roma: Bonacci, 1995.

PORTELLI, Alessandro. "Tipologia della canzone operaia". *Movimento Operaio e socialista*, VI, n. 2, maggio-agosto 1983, pp. 207-224.

POZZANI, Silvio. "Filellenismo e garibaldinismo nella guerra greco-turca (1897): i volontari veronesi". *Studi Storici Luigi Simeoni*, vol. XLVII, 1997, pp. 325-338.

POZZANI, Silvio. "Garibaldini veronesi a Domokos". *Camicia Rossa*, n. 3, 1997, pp. 10-11.

POZZETTA, George E. (ed.), *Pane e Lavoro. The Italian-American Working Class*. Toronto, Multicultural History Soc., 1983.

_____; RAMIREZ, Bruno (ed.). *The Italian Diaspora. Migration Accross the Globe*. Toronto: MHSO, 1992.

PRADO, Antônio Arnoni (org), *Libertários no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

PRETI, Luigi. *Le lotte agrarie nella Valle Padana*. Torino: Einaudi, 1955.

PRISLEI, Leticia. "Inmigrantes y Mutualismo. La Sociedad Italiana de Socorros Mutuos e Instrucción de Belgrano. (1879-1910)". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 5, abril 1987, pp. 29-55.

PROCACCI, Giuliano. "Il movimento operaio nei primi anni del nostro secolo", in: *Storia del sindacato. Dalle origini al corporativismo fascista*. Venezia: Marsilio, 1982, pp. 20-32.

_____ *La lotta di classe in Italia agli inizi del secolo XX*. Roma: Editori Riuniti, 1992[III].

PROCACCI, Giovanna. *Dalla rassegnazione alla rivolta. Mentalità e comportamenti popolari nella grande guerra*. Roma: Bulzoni, 1999.

PUGLIESE, Orazio; RAPETTI, Caterina; RICCI, Giulivo. *Movimento socialista in Lunigiana tra la fine dell'Ottocento e il Novecento*. Pontremoli: Comunità Montana della Lunigiana, 1990.

PUNZO, Maurizio. *Socialisti e radicali a Milano. Cinque anni di amministrazione democratica (1899-1904)*. Firenze: Sansoni, 1979.

R

RAGAZZI, Franco. "L'Arte Moderna di Sampierdarena: un 'teatro socialista'". *Ventesimo Secolo*, n. 4, 1992, pp. 155-190.

RAGIONIERI, Ernesto. *Storia di un comune socialista: Sesto Fiorentino.* Roma: Editori Riuniti, 1995.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1930.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

_____. *Entre a história e a liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo.* São Paulo, Editora UNESP, 2000.

RAMELLA, Franco; RODRIGUEZ, Marta "Movilidad geográfica y movilidad social. Notas sobre la emigración rural de la Italia del noroeste. (1880-1914)". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 17, abril 1991, pp. 107-118.

_____. "Redes sociales y mercado de trabajo en un caso de emigración. Los obreros italianos y los otros en Paterson, New Jersey". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 39, agosto 1998, pp. 331-372.

RAPETTI, Caterina. *Archivi familiari. Storie, volti e documenti dell'emigrazione lunigianese.* Pontremoli, 1986

REDONDO, Nelida. "La Boca: evolucion de un barrio etnico". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*; n. 9, Agosto, 1988, pp. 269-294.

RIBEIRO, Maria Therezinha Janine: *Desejado e temido - preconceito contra o imigrante italiano na Primeira República.* Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo,1985.

RIDOLFI, Maurizio. *Il PSI e la nascita del partito di massa: 1892-1922.* Bari: Laterza, 1992.

_____ *Il partito della repubblica. I repubblicani in Romagna e le origini del PRI nell'Italia liberale (1872-1895).* Milano: Franco Angeli, 1989.

_____ *Il circolo virtuoso. Sociabilità democratica, associazionismo e rappresentanza politica nell'Ottocento.* Firenze: Centro Editoriale Toscano, 1990.

_____ "Associazionismo e organizzazione della politica nell'Italia di fine secolo: la costruzione del PSI". *Rivista di Storia Contemporanea*, n. 3, 1991, pp. 367-400.

_____ "L'industria della propaganda e il partito: stampa ed editoria nel socialismo italiano prefascista". *Studi Storici*, n. 1, 1992, pp. 34-80.

_____ *Nel segno del voto: elezioni, rappresentanza e culture politiche nell'Italia liberale.* Roma: Carocci, 2000.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930).* São Paulo: HUCITEC / Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

RIOSA, Alceo. *Il sindacalismo rivoluzionario in Italia e la lotta politica nel Partito Socialista dell'età giolittiana.* Bari, De Donato, 1976.

_____ "L'esperienza italiana", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze: Sansoni, 1983, pp. 317-358.

_____. *Il movimento operaio tra società e stato. Il caso italiano nell'epoca della II Internazionale.* Milano, Franco Angeli, 1984.

_____ *Momenti e figure del sindacalismo prefascista.* Milano: Unicopli, 1996.

ROBERT, Jean-Louis et al. *L'invention des sindicalismes: le sindicalisme en Europe à la fin du XIXe siècle.* Paris: Sorbonne, 1997.

RODRIGUES, Edgar. *Os anarquistas. Trabalhadores italianos no Brasil.* São Paulo: Global, 1984.

ROLLAND, Hugo. *Il Sindacalismo Anarchico di Alberto Meschi.* Pescara: Samizdat, 1996.

ROMANI, Carlo. "A aventura do anarquismo segundo Oreste Ristori". *Revista Brasileira de História*, v. XVII, n. 33, 1997, pp. 150-166.

_____. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista.* Campinas, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

ROMANO, Roberto. *I Crespi. Origini, fortuna e tramonto di una dinastia lombarda.* Milano: Franco Angeli, 1985.

ROSADA, Anna. *Serrati nell'emigrazione. 1899-1911.* Roma: Editori Riuniti, 1972.

ROSADA, Maria Grazia. "Biblioteche popolari e politica culturale del PSI tra Ottocento e Novecento". *Movimento Operaio e socialista,* XXIII, n.2-3, 1977, pp. 259-288.

ROSOLI, Gianfausto (a cura di). *Emigrazioni europee e popolo brasiliano.* Roma: Centro Studi Emigrazione, 1987.

_____ "L'immagine globale della diaspora italiana nelle Americhe". *Altreitalie,* n. 8, luglio-dicembre 1992, pp. 8-24.

ROTONDARO, Alfred M. "L'etnicità nel quotidiano". *Altreitalie,* n. 6, novembre 1991, pp. 99-105; 119-23.

ROVAI, David. *Lucchesia terra di emigrazione. Traccia per una storia dell'emigrazione lucchese attraverso i secoli*. Lucca: Maria Pacini Fazzi, 1993.

_____. *Profilo dell'emigrazione lucchese. Memorie, diari, lettere di emigrati un secolo fà*. Lucca: Arte della Stampa, 1998.

ROVERI, Alessandro. *Dal sindacalismo rivoluzionario al fascismo, capitalismo agrario e socialismo nel ferrarese (1870-1920)*. Firenze, La Nuova Italia, 1972.

S

SABA, Vincenzo. *Le esperienze associative in Italia: 1861-1922*. Milano, Franco Angeli, 1978.

SALERNO, Salvatore. *Red November, Black November. Culture and Community in the Industrial Workers of the World*. Albany, State University of New York Press, 1989.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. *Médicos Italianos em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: IDESP/Sumaré, 1997.

SALVADORI, Rinaldo. *La repubblica socialista mantovana: da Belfiore al fascismo*. Milano, Edizioni del Gallo, 1966.

SALVATI, Mariuccia. "Cultura operaia e disciplina industriale: ipotesi per un confronto tra correnti storiografiche". *Movimento Operaio e socialista*, III, n. 1, gennaio-marzo 1980, pp. 5-17.

SALVETTI, Patrizia. "La massoneria italiana a Buenos Aires". *Italia Contemporanea*, marzo 1999, pp. 43-66.

SANFILIPPO, Matteo. "'Socialismus radicem fixit in diocesi': los socialistas y las asociaciones obreras en los informes de los obispos canadienses y estadounidenses a la Santa Sede. (1914-1922)". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 44, 2000, pp. 165-186.

_____ "Mobilità, inurbamento e politicizzazione degli immigrati italiani in Nord America. Il dibattito storiografico", in: *La politisation des campagnes au XIX^e siècle. France, Italie, Espagne, Portugal*. Roma: École Française de Rome, 2000, pp. 169-195.

_____ "Comunità, emigrazione e flussi: note su alcuni recenti studi". *Studi Emigrazione*, XXXVIII, n. 142, 2001, pp. 447-462.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. *A terra prometida - tese e antítese. Os jornais do Norte da Itália e a imigração para o Brasil - (1875-1899)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo,1995.

SAPELLI, Giulio. "Sulla 'centralità' dell'azione sindacale nel primo quindicennio del XX secolo (Inghilterra, Germania, Francia, Italia)", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze: Sansoni, 1983, pp. 427-444.

SASSOON, Donald. *One Hundred Years of Socialism. The West European Left in the Twentieth Century.* London: Fontana Press, 1997.

SCAVINO, Marco. " 'Alla scuola rude dell'esperienza': il Partito Operaio a Torino". *Studi Storici*, n. 1, 1998, pp. 245-276.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945).* Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. "As biografias na historiografia do movimento operário brasileiro", *Anos 90*, (8), dezembro 1997.

_____. ""Na sociedade futura': uma visão utópica da cidade/sociedade socialista (Rio Grande, 1897-1898)", *História Social*, n. 6, 1999, pp. 115-134.

SCHONHOVEN, Klaus. "Riformismo sindacale e strategia socialdemocratica. Rapporti tra sindacati liberi e SPD nella Germania guglielmina e nella prima guerra mondiale", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale.* Firenze: Sansoni, 1983, pp. 404-426.

SCHOR, Ralph. *Histoire de l'immigration en France de la fin du XIXe siècle à nos jours.* Paris, Armand Colin, 1996, pp 347.

SEIXAS, Jacy Alves de, *Mémoire et oubli: anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Bresil.* Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1988.

SERENI, Umberto. *Il movimento cooperativo a Parma tra riformismo e sindacalismo.* Bari: De Donato, 1977.

_____ *Il processo ai sindacalisti parmensi. (Lucca, Aprile - Maggio 1909).* Lucca: Maria Pacini Fazzi, 1979.

_____ *La piramide rovesciata. Lotte politiche e sociali in Garfagnana (1900-1915).* Lucca: Maria Pacini Fazzi, 1983.

_____ "Il sogno della rivoluzione". *Dietro le barricate: Parma, 1922.* Parma: Cooperativa STEP, 1983.

SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e Anarcosindicalismo: orientações do movimento operário brasileiro. 1906-1907.* Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e História. Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba, 1982.

SILBERSTEIN, Carina Frid de. "Mutualismo y educación en Rosario: las escuelas de la Unione e Benevolenza y de la Sociedad Garibaldi. (1874-1911)". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 1, diciembre 1985, pp. 77-97.

SILVA, Fernando Teixeira da. "Imigração portuguesa e movimento operário no Brasil". *Acervo. Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, v. 10, n. 2, julho/dezembro 1997.

_____ *Operários sem patrões: da Barcelona à Moscou Brasileira (Trabalho e movimento operário em Santos no entreguerras).* Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), IFCH, Campinas, 2000.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo.* São Paulo: Dominus, 1966.

SIMONSEN, Roberto C. *Evolução industrial do Brasil e outros estudos.* São Paulo: Editora Nacional / Editora da USP, 1973.

Il Sindacalismo Rivoluzionario in Italia nel Periodo della Seconda Internazionale (Atti del Convegno di Studi. Piombino, 28-30 Giugno 1974). Ricerche Storiche, V, n. 1, gennaio-giugno 1975.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Nacional, 1974.

SIONE, Patrizia. "Patterns of International Migrations: Italian Silk Workers in New Jersey, USA", *Review*; 1994, 17, 4, fall, pp. 555-576.

SMITH, Ángel. "Anarchism, the General Strike and the Barcelona Labour Movement. 1899-1914". *European Historical Quarterly*, n. 1, 1997, pp. 5-40.

_____ "Trabajadores 'dignos' en profesiones 'honradas': los oficios y la formacion de la clase obrera barcelonesa (1899-1914)". *Hispania*, n. 193, 1996, pp. 655-687.

Socialismo e socialisti dal Risorgimento al fascismo. Bari, De Donato, 1974.

SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. *Teresina e seus amigos.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SPINI, Giorgio. "Bruno Buozzi", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale*. Firenze: Sansoni, 1983, pp. 5-12.

SPRIANO, Paolo. *Storia di Torino operaia e socialista*. Torino: Einaudi, 1972.

STEFFENS, Horst. "Cultura corporativa, scioperi e cultura operaia alle origini della storia dei minatori della Saar (1850-1900)". *Movimento Operaio e socialista*, III, n. 1, gennaio-marzo 1980, pp. 49-90.

STOLCKE, Verena, *Cafeicultura. Homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Strikes, Social Conflict and the First World War. Annali Fondazione Feltrinelli. 1990-91. Milano: Feltrinelli, 1991.

SUANO, Marlene. *Italiani del Molise, Italianos do Brasil.* São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Museu da Imigração de São Paulo, 1999.

SURIANO, Juan. *Trabajadores, anarquismo y Estado represor: de la Ley de Resistencia a la Ley de Defensa Social (1902-1910)*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, s.d.

_____ "La politica sociale dello stato argentino. (1880-1916)". *Ventesimo Secolo* n. 11-12, 1994, pp. 293-317.

SZNAJDER, Mario. "I miti del sindacalismo rivoluzionario". *Storia Contemporanea*, n. 1, febbraio 1993, pp. 21-57.

T

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TILLY, Louise A. *Politics and class in Milan. 1881-1901*. New York - Oxford: Oxford University Press, 1985.

TILLY, Charles. *Le rivoluzioni europee. 1492-1992.* Bari: Laterza, 1993.

TOLCACHIER, Fabiana Sabina. "Inmigración y conflicos sociales en Bahía Blanca: repercusiones de la Semana Trágica de 1919". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 17, abril 1991, pp. 87-105.

TOLEDO, Edilene T. *O Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século.* Dissertação de Mestrado. IFCH, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1993.

_____ "O sindicalismo revolucionário e a Federação Operária de São Paulo no início do século XX", *Cadernos de História Social*, n. 2, outubro 1995, pp. 27-42.

_____ "Em torno do jornal *O Amigo do Povo*: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século". *Cadernos AEL*, Campinas, IFCH-Unicamp, n. 8/9, 1998.

_____ *O Sindicalismo Revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de idéias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o Fascismo*. Campinas: Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

TOMASSINI, Luigi. *Associazionismo operaio a Firenze fra '800 e '900. La società di mutuo soccorso di Rifredi (1883-1922)*. Firenze: Leo S. Olschki, 1984.

TORTORELLI, Gianfranco. "Una casa editrice socialista nell'età giolittiana: la Nerbini". *Movimento Operaio e socialista*, III, n.2-3, aprile-settembre 1980, pp.221-254.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico. Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel / Istituto Italiano di Cultura di São Paulo, 1988.

_____ "Emigrazione italiana e movimento operaio a São Paulo, 1890-1920". In: ROSOLI, Gianfausto. *Emigrazioni europee e popolo brasiliano (Atti del Congresso Euro-Brasiliano sulle migrazioni, São Paulo 19-21 agosto 1985)*. Roma, Centro Studi Emigrazione, 1987, pp. 229-256.

U

ULLRICH, Volker. "Movimento pacifista e protesta sociale nella prima guerra mondiale: il caso di Amburgo". *Movimento Operaio e socialista*, V, n. 3, settembre-dicembre 1982, pp. 367-381.

V

VAN DER LINDEN, Marcel (org), *Social Security Mutualism. The Comparative History of Mutual Benefit Societies*. Berlin, New York: Peter Lang, 1996.

VANGELISTA, Chiara. *Os braços da lavoura: imigrantes e "caipiras" na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)*. São Paulo: Hucitec – Istituto Italiano di Cultura, 1991.

_____ *Dal vecchio al nuovo continente. L'immigrazione in America Latina*. Torino: Paravia, 1997.

VECOLI, Rudolph J. "Emigrati italiani e movimento operaio negli USA", *Movimento Operaio e Socialista*, XXII, n. 1-2, gennaio-giugno 1976, pp. 153-167.

_____ "Italian Immigrants and Working-Class Movements in the United States: A Personal Reflection on Class and Ethnicity". *Journal of the Canadian Historical Association*, 1993, pp. 293-305.

VERONA, Antônio Folquito. *"O mundo é a nossa pátria": a trajetória dos imigrantes operários têxteis de Schio que fizeram de São Paulo e do bairro do Brás sua temporária morada, de 1891 a 1895*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP), FFLCH, São Paulo,1999.

VEZZOSI, Elisabetta. *Il socialismo indifferente. Immigrati italiani e Socialist Party negli Stati Uniti del primo Novecento*. Roma: Edizioni Lavoro,1991.

VOLKMANN, Heinrich. "Un'analisi comparata dei cicli conflittuali: 1910-1913 e 1919-1920", in: *Sindacato e classe operaia nell'età della Seconda Internazionale*. Firenze: Sansoni, 1983, pp. 119-152.

WALTER, Richard J. *The Socialist Party of Argentina. 1890-1930*. Austin: ILAS, 1977.

_____ *The province of Buenos Aires and Argentine politics. 1912-1943.* Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1985

WEINSTEIN, Barbara. "Impressões da elite sobre os movimentos da classe operária. A cobertura da greve em O Estado de São Paulo. 1902-1907". in: CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lígia, *O Bravo Matutino*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, pp. 135-176.

WOLFE, Joel. "Anarchist Ideology, Worker Practice: the 1917 General Strike and the Formation of São Paulo's Working Class". *Hispanic American Historical Review*, vol. 71, n. 4, november 1991, pp. 809-846.

_____ "Response to John French". *Hispanic American Historical Review*, vol. 71, n. 4, november 1991, pp. 856-858.

Y

YANS-MCLAUGHLIN, Virginia. "Commento all'intervento di Donna Gabaccia". *Altreitalie*, n. 9, gennaio-giugno 1993, pp. 176-79; 180-83.

Z

ZANGHERI, Renato (a cura di). *Storia del Primo Maggio*. Repubblica di San Marino: AIEP, 1990.

_____ *Storia del socialismo italiano. I: Dalla rivoluzione francese a Andrea Costa*. Torino: Einaudi, 1993.

_____ *Storia del socialismo italiano. II: Dalle prime lotte nella Valle Padana ai fasci siciliani*. Torino: Einaudi, 1997.

_____ "Cento anni di socialismo in Italia", *Annali dell'Istituto Gramsci dell'Emilia Romagna, I, 1992-1993*. Bologna, 1993.

_____ "Il socialismo e l'identità regionale", in: MONTANARI, Massimo; RIDOLFI, Maurizio; ZANGHERI, Renato (a cura di). *Storia dell'Emilia Romagna, V: Il Novecento*. Bari: Laterza, 1999, pp. 25-36.

_____ "La 'Rivista italiana del socialismo' (1886-1888)". *Padania. Storie culture istituzioni*, n. 13, 1993, pp. 147-162.

_____ "Fra cronaca e storia: il primo movimento socialista italiano in alcuni giudizi contemporanei", in: MOLESTI, R. *Fra economia e storia: studi in memoria di Gino Barbieri*. Pisa: IPEM, 1995, pp. 599-623.

_____ "Le origini dei valori della cooperazione", in: *Valori e futuro della cooperazione. Atti del convegno tenuto a Imola (12/13-01-1996)*. Imola: Editrice Emilia Romagna, 1996, pp. 35-45.

_____ "Andrea Costa e il socialismo romagnolo". *I quaderni del Cardello: collana di studi romagnoli dell'Ente Casa di Oriani*, VI, 1997, pp. 9-20.

_____ "La stampa socialista e le lotte agrarie in Italia", in: *Nicola Badaloni, Gino Piva e il socialismo padano veneto. Atti del XX convegno di studi storici (Rovigo 16/17-11-1996)*. Rovigo: Minelliana, 1998, pp. 23-30.

ZAPPIA, Charles Anthony. *Unionism and the Italian American worker: a history of the New York City «Italian Locals» in the International Ladies' Garnment Workers' Union, 1900-1934*, Ph.D. Thesis. University of California, Berkeley, 1994.

ZARAGOZA Ruvira, Gonzalo. "Anarquisme et mouvement ouvrier en Argentine à la fin du XIXe Siècle". *Le Mouvement Social*, Paris, 103, avril-juin. 1978.

ZUBILLAGA, Carlos. "La inmigración gallega y los orígenes del sindicalismo uruguayo". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 9, agosto 1988, pp. 179-198.

«120 Anos de Imigração Italiana» número especial de *Chronos. Revista da Universidade de Caxias do Sul*, XXIX, 1, 1996.

APÊNDICE

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE DE ALGUNS MILITANTES ITALIANOS SOCIALISTAS, ANARQUISTAS E SINDICALISTAS EM SÃO PAULO ENTRE 1906 E 1920

INTRODUÇÃO

Antes de iniciar a apresentação de um panorama das atividades de alguns militantes de origem italiana, que atuaram em São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX, é necessário fazer algumas advertências. Em primeiro lugar, analisarei detalhadamente somente alguns dos vários militantes encontrados nas fontes pesquisadas para este fim, tais como os processos de expulsão, conservados no *Arquivo Nacional do Rio de Janeiro* e os prontuários da Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS) do *Arquivo do Estado de São Paulo*.

Em segundo lugar, as próprias fontes consultadas têm algumas limitações temporais (concentram-se sobretudo no período posterior a 1906, embora contenham, às vezes, algumas informações também sobre períodos anteriores). De qualquer forma, elas revelam muito sobre a atividade de vários militantes italianos, e, nas páginas que se seguem, procurarei relatar e analisar a atividade de alguns deles, em toda a sua complexidade.

Antes, todavia, apresento um quadro geral da militância político-sindical dos imigrantes italianos em São Paulo no período acima apontado, considerando algumas suas características principais a partir da análise dos prontuários do DEOPS e dos processos de expulsão analisados.

ORIGENS REGIONAIS, PROFISSÕES, TIPOS E MODOS DA MILITÂNCIA POLÍTICA E SINDICAL DOS TRABALHADORES ITALIANOS EM SÃO PAULO: UM PANORAMA GERAL

De um ponto de vista geral, a análise dos militantes italianos de São Paulo fichados pelo DEOPS e presentes nos Processos de Expulsão, entre 1907 e o início dos anos 20, revela que eram todos provenientes somente de algumas regiões da Itália e, em particular, de algumas províncias.

Segundo a proveniência regional dos militantes, e do ponto de vista percentual, desenhamos o seguinte quadro, que pode ser comparado com as porcentagens regionais da imigração italiana para o Brasil:

NORTE	47,9 %	CENTRO	31,3 %	SUL	20,8 %
Piemonte	8,3 %	Toscana	20,8 %	Campania	7,3 %
Liguria	2,0 %	Marche	4,2 %	Abruzzi	1,4 %
Lombardia	14,5 %	Lazio	6,3 %	Molise	2,2 %
Veneto	8,3 %			Basilicata	4,1 %
Friuli	1,2 %			Calabria	2,1 %
Trentino	1,1 %			Puglia	1,6 %
Emilia R.	12,5 %			Sicilia	2,1 %

Do ponto de vista das províncias, estão presentes somente as seguintes:

Do norte da Itália, do Piemonte: *Vercelli e Torino*; da Liguria: *Genova*; da Lombardia: *Milão, Bergamo, Brescia, Cremona, Mantova* (esta última constitui cerca de 40% dos militantes lombardos); do Veneto: *Verona, Padova, Vicenza, Treviso, Rovigo* (as últimas duas quase a metade dos militantes vênetos); do Friuli: *Pordenone, Udine*; da Emilia – Romagna: *Parma, Reggio Emilia, Modena, Ferrara, Forlì* (com uma predominância de parmenses e ferrareses).

Das regiões centrais da Itália, da Toscana: *Florença, Livorno, Pisa, Massa-Carrara, Lucca* (a maioria vinha destas duas últimas províncias); de Marche: somente de *Ancona*; do Lazio: somente de *Roma*;

Do sul da Itália, da Campania: *Caserta, Nápoles, Salerno*; de Abruzzi: *L'Aquila, Chieti*; de Molise: *Campobasso*; da Basilicata: *Potenza*; da Calabria: *Cosenza*; da Puglia: *Bari*; da Sicília: *Catania, Messina*.

Ressalta-se, assim, uma presença notável, entre os militantes analisados, de lombardos, emilianos e toscanos e, em segundo lugar, de italianos do Vêneto, Piemonte, Campania, e Lazio, e, no conjunto, de italianos do norte.

Se comparamos estes dados com os dos imigrantes italianos entrados no Brasil, de acordo com a procedência regional, notamos que algumas regiões tem uma presença nos grupos políticos e sindicais bem mais alta do que a sua presença no total de imigrantes italianos entrados no Brasil no período 1878-1920, e outras regiões têm uma presença bem mais baixa, sendo que algumas nem aparecem.

Abaixo apresento uma tabela de imigrantes italianos segundo sua procedência regional, elaborada por Angelo Trento[1] a partir dos dados italianos do Ministério das Relações Exteriores italiano; ao lado, aponto a diferença, para mais ou para menos, em relação às proporções da tabela anterior sobre a origem regional dos militantes[2].

[1] Angelo TRENTO, *Do outro lado do Atlântico*, São Paulo, Nobel, 1989, p. 39 e p. 60.
[2] Nesta tabela foram contempladas somente as regiões das quais foram encontrados militantes segundo os dois grupos de fontes utilizadas para este estudo.

REGIÕES	% sobre o total dos imigrantes italianos entrados no Brasil no período 1878-1920	% de diferença com os dados apresentados na tabela I (tabela I – tabela II)
Itália do Norte	40,4	+ 7,5
Piemonte	4	+ 4,3
Liguria	0,9	+ 1,1
Lombardia	7,8	+ 6,7
Veneto e Friuli	23,5	- 14 (mínimo)
Emilia Romagna	4,2	+ 8,3
Itália do Centro	10,8	+ 20,5
Toscana	6,7	+ 14,1 (máximo)
Marche	2	+ 2,2
Lazio	2,4	+ 3,9
Itália do Sul	48,8	- 28
Campania	13,8	- 6,5
Abruzzi e Molise	7,5	- 3,9
Basilicata	4,8	- 0,7
Puglia	3,8	- 2,2
Calabria	13,4	- 11,3
Sicilia	5,1	- 3

Estes dados precisam, em parte, ser esclarecidos, no sentido de que são referentes às entradas globais, não considerando, portanto, os retornos, dos quais não existem estatísticas segundo a proveniência regional. Eles, aliás, são relativos ao Brasil inteiro, o que dá uma porcentagem de vênetos e friulanos um pouco superior à média paulista (pois muitos deles dirigiram-se aos estados sulinos do Brasil), mas estes números são equilibrados pelos do Rio, onde a comunidade italiana era formada quase exclusivamente por italianos do sul. Ao mesmo tempo, tem que ser considerado que, no caso da cidade de São Paulo, onde atuaram os militantes fichados durante quase toda sua vida (embora alguns deles tenham participado, durante parte de suas vidas, também de grupos políticos e ligas do interior), sabemos que os italianos do sul, durante as primeiras décadas do século XX, foram ultrapassando os italianos do norte. Esta última consideração, todavia, acentua a disparidade de atuação entre italianos do sul e do norte, mas também explica, em parte, o nível inferior de atuação de vênetos e friulanos, que, como sabemos, fixaram-se sobretudo

no interior do Estado, tanto nas fazendas, como nos centros urbanos[3].

Enfim, os dados de procedência regional de imigrantes italianos, que são feitos segundo a partida da Itália, não contemplam o fato de que havia cerca de 8% dos militantes considerados que tinham emigrado da Itália para Argentina e somente sucessivamente tinham-se transferido para o Brasil, sobretudo depois de 1900, e nenhum deles era do sul, mas todos do noroeste (a maioria) ou do centro da Itália, aumentando assim ainda mais a presença de nortistas e italianos do centro entre os militantes.

De qualquer forma, os dados são inequívocos em relação a algumas regiões: italianos provenientes da Toscana, da Lombardia, do Piemonte, da Emilia-Romagna e do Lazio (na realidade, da província de Roma) destacavam-se amplamente na militância política e sindical em São Paulo, muito mais do que a sua presença proporcional entre o total de imigrantes italianos. Os italianos do sul, ao contrário, e os do nordeste, são os que menos aparecem, embora sua presença fosse maior (o caso dos calabreses e dos vênetos e friulanos são emblemáticos, neste caso)[4].

Relacionando estas considerações ao caso italiano, estes dados batem com os clássicos dados italianos do momento, onde o movimento sindical e político de matriz anarquista, socialista e republicana era muito mais numeroso, em grupos e ligas, no noroeste e no centro do país do que no sul e no nordeste[5].

---

[3] Emilio FRANZINA. *La grande emigrazione. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo XIX. Venezia,* Marsilio Editori, 1976 e IDEM. *Un altro Veneto. Saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX.* Abano Terme (Padova), Francisci, 1984.

[4] Este dados encontram uma comprovação no fato de que, nos processos de expulsão, as testemunhas que acusam os indiciados são em sua grande maioria (mais de 70%) brasileiros natos ou portugueses; os únicos italianos que aparecem são da Campânia, do Vêneto, e da Calábria.

[5] Giuliano PROCACCI. *La lotta di classe in Italia agli inizi del secolo XX.* Roma, Editori Riuniti, 1992.
Esta explicação regionalista foi também utilizada para comparar os dados superiores de sindicalização entre os italianos na Argentina e no Brasil (ver Emilio FRANZINA. *Gli italiani al nuovo mondo. L'emigrazione italiana in America 1492-1942.* Milano, Mondadori, 1995).

Enfim, cerca de 1% destes militantes tinha nascido de pais italianos, em São Paulo capital ou no interior, sobretudo os encontrados depois de 1915-16.

Um apanhado geral das divisões dos militantes segundo seus oficios mostra que todas as profissões estão presentes, com uma ligeira predominância de trabalhadores de canteiros de obras (das várias profissões, desde a de carpinteiro, a de pedreiro, canteiro, escultor, etc., independentemente do grau de especialização) e de artesãos ou operários especializados. Vários também são os tipógrafos e os mecânicos (que trabalhavam em companhias ferroviárias ou em metalúrgicas). Os operários tecelões, que raramente aparecem até 1912, aumentam constantemente a partir 1917, por ocasião do surto sindicalista no setor por causa do estado de greve constante ocorrido entre 1917 e 1920, ainda que, como veremos, alguns sindicalistas tecelões fossem constantemente vigiados desde 1907.

Pode-se dizer que a maioria dos militantes analisados eram trabalhadores especializados e alfabetizados, mas aparecem também operários de qualificação menor, constituindo quase 1 quinto dos fichados ou processados. Os analfabetos não estão presentes, embora pelo menos 30% deles escreviam muito mal, como mostra a grafia trêmula e imprecisa da assinatura de muitos deles.

De qualquer forma, tanto nos processos de expulsão quanto nos prontuários DOPS, o que levava a polícia a se interessar por estes militantes não era a sua participação em grupos políticos socialistas e anarquistas (diferença que para a polícia paulista contava até certo ponto, pois, para que pudessem ser presos ou condenados com mais facilidade, definia todos como anarquistas terroristas), mas sim a sua participação nos sindicatos e, sobretudo, sua atuação nas greves. Até quando eles se limitavam a fazer propaganda e a participar de reuniões de grupos, a repressão era branda; mas bastava que ele comparecesse a alguma

reunião sindical, ou em comícios em praças públicas para que a repressão dura entrasse em ação. Em poucas palavras, era o conflito trabalhista, de classe, que realmente importava.

O PROCESSO DE RISTORI, SORELLI E CERCHIAI: UM ESTUDO SOBRE OS CONTATOS ENTRE ANARQUISTAS, SOCIALISTAS E SINDICALISTAS REVOLUCIONÁRIOS.

A historiografia que concentrou sua atenção no movimento operário da Primeira República em São Paulo, tende a sustentar a tese de um predomínio anarquista no seio das organizações políticas e sindicais entre 1890 e 1920; ela também, em geral, definiu os grupos políticos em suas ações independentes, como se não houvesse uma ação conjunta de anarquistas e socialistas, sobretudo no caso do sindicalismo paulista, sobre o qual se defende a idéia do predomínio de um suposto anarco-sindicalismo, desconsiderando a significativa inspiração, da ação sindical do período, nas teorias e práticas do sindicalismo revolucionário, baseado na autonomia do sindicato em relação às tendências políticas de seus membros (a maioria dos quais, aliás, participava simplesmente do sindicato de seu ofício como trabalhador, sem passar por experiências de participação em grupos políticos). Não se deve, portanto, aceitar facilmente a tese da presença unicamente de anarquistas que atuavam nos sindicatos e os dominavam[6]. Socialistas e anarquistas, e muitos republicanos italianos, agiam na *Federação Operária de São Paulo* conjuntamente, e a maioria dos delegados apoiavam convictamente a idéia de um sindicato autônomo em relação às forças políticas (das quais faziam parte também, como veremos mais adiante), e cuja prática deveria ser, tanto a greve geral revolucionária, quanto a greve parcial. Se, como afirmam

[6] Ver, Edilene T. TOLEDO "O sindicalismo revolucionário e a Federação Operária de São Paulo no início do século XX", *Cadernos de História Social*, n.2, 1995, pp. 27-41.

muitos historiadores, a ação sindical tivesse sido realmente dominada pelos anarquistas, eles certamente teriam tentado transformar qualquer movimento grevista em insurreição generalizada e evitado a declaração de greves localizadas: além disso, haveriam recusado a formação de maiorias e minorias no interior dos sindicatos, bem como resistiriram também à idéia de que os dirigentes das organizações operárias devessem ser pagos para exercer essa função[7].

O processo de Ristori, Sorelli e Cerchiai, mostra, ao contrário, que atos unitários, estratégias comuns, eram levadas adiante com constância. Ao mesmo tempo, o processo ilustra como foi se formando e estruturando o sindicalismo em São Paulo, como espaço unitário de ação, sem ligações explícitas com uma ou outra tendência, e imitando a estrutura derivada do mutualismo em seu funcionamento interno. Também as comissões criadas nos locais de trabalho eram a base e não o efeito de um sindicalismo baseado em federações de ligas de ofício, isto é, não havia uma liderança sindical que impunha decisões a todos os sindicatos, mas era a partir das comissões de fábrica e das ligas de ofício (portanto ligadas ao local e setor específico de trabalho onde elas atuavam) que surgiam as decisões levadas ao conselho da federação central do estado de São Paulo (a FOSP).

O primeiro inquérito policial contra Oreste Ristori é iniciado antes da promulgação da Lei Gordo (janeiro de 1907), mas já em dezembro de 1906, por causa da publicação, ao

[7] Ibidem. Entre muitos textos sobre os contexto italiano, ver, por exemplo, , Hugo ROLLAND, *Il sindacalismo anarchico di Alberto Meschi*. Pescara, Samizdat, 1996 (Meschi era organizador do sindicato dos trabalhadores do mármore na província de Massa-Carrara).

longo daquele ano, do opúsculo, *Contro l'immigrazione al Brasile*, escrito pelo próprio Ristori[8].

Os caminhos que levam à publicação deste opúsculo, mostram como este foi um dos casos de ação conjunta de vários grupos e militantes políticos, em particular socialistas e anarquistas.

Oreste Ristori, anarquista e diretor responsável do jornal *La Battaglia* nasceu na província de Florença, na cidade de Empoli, em 1874[9], e encontrava-se em São Paulo desde 1903, proveniente da Argentina[10]; em 1904, funda o jornal semanário anarquista em língua italiana que dirigia, junto com o companheiro Alessandro Cerchiai, ele também toscano.

O contexto que levou à abertura de um inquérito por causa da difusão de um opúsculo como *Contra a imigração*, estava estreitamente ligado à greve dos ferroviários, ocorrida pouco antes, junto com a preocupação dos fazendeiros em relação ao êxodo das fazendas de café, que estava tomando dimensões cada vez maiores e inesperadas.

Uma carta de Washington Luís ao Ministro da Justiça e negócios Interiores, de 7 de maio de 1907 (na iminência da greve geral em prol das oito horas em São Paulo), anexada aos documentos do processo, pois era o pedido oficial de expulsão de Ristori, Sorelli e Cerchiai do território brasileiro, insere a publicação e difusão do opúsculo em um contexto de explosão de greves iniciado com o movimento *"das vias férreas Paulista e Mogyana ocorrida ha mezes e cujas conseqüências se repercutiram em prejuízos incalculáveis à lavoura, ao comércio e à indústria do Estado"* enquanto *"na actualidade, ocorreram quase sucessivamente nesta Capital as greves seguintes: I, do serviço de vehiculos, II, da fábrica*

[8] Delegacia de polícia, São Paulo, 01-12-1906, in: ANRJ, IJJ7, n. 179, Processo de expulsão de Ristori, Sorelli, Cerchiai. O opúscolo encontra-se na própria pasta do processo, na edição em língua portuguesa. Oreste Ristori, *Contra a Immigração*. São Paulo: Edizioni *La Battaglia*, 1906.
[9] Segundo dados do AESP, DEOPS, n. 364.

de tecidos Álvares Penteado; III, do moinho Matarazzo; e no interior: IV, da fábrica de tecidos em Salto de Ytù; V, da fábrica de tecidos em São Roque; VI, dos operários pedreiros e serventes em Campinas"[11].

Embora Washington Luís declare na mesma carta *"não se trata de contestar ao operário o direito de greve"*, pressiona o ministério no sentido de tomar as decisões mais drásticas "na iminência de uma greve geral de operários pedreiros e serventes e de outras classes", na cidade de São Paulo[12].

A idéia do opúsculo *Contra a Imigração*, surgiu em agosto de 1906, em uma reunião de cerca de 300 pessoas, em um amplo salão da Rua do Gasômetro, com o objetivo de tomar uma iniciativa a favor dos colonos que trabalhavam nas fazendas[13]. Na reunião, intervieram socialistas e anarquistas, todos de nacionalidade italiana e decidiram que a campanha contra os fazendeiros paulistas e as más condições de trabalho e de vida nas fazendas devesse ter como objetivo impedir a ulterior imigração de camponeses, mostrando aos possíveis imigrantes as duras condições que os esperavam no latifúndio cafeeiro[14]. O dinheiro foi arrecadado através de listas de subscrição entre militantes anarquistas e socialistas e os conteúdos do opúsculo inspiravam-se em relatos sobre a vida nas fazendas, de correspondentes dos jornais paulistanos no interior do estado: *La Battaglia; Il Secolo* (do socialista Antonio Piccarolo); *Terra Livre* (sindicalista); *Novo Rumo* e o já desaparecido *O Amigo do Povo*[15].

---

[10] Ibidem.
[11] in: ANRJ, IJ7, n. 179. Processo de expulsão de Ristori, Sorelli, Cerchiai.
[12] Ibidem.
[13] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 01-12-1906, Ibidem.
[14] Ibidem.
[15] Ibidem.

A tiragem do *La Battaglia*, na época, era, segundo a declaração de Alessandro Cerchiai[16], de 3.500 cópias semanais, mas o projeto do opúsculo previa uma tiragem inicial de 30.000 exemplares (10.000 em italiano, 10.000 em português e 10.000 em espanhol), porque pensava-se em enviar quase todas as cópias para setes países e somente algumas teriam sido distribuídas no interior e em São Paulo[17].

Todavia, o contrato estabelecido com a tipografia, que se teria ocupado da impressão, foi somente de 25.000 exemplares dos quais, somente 10.000 chegaram a ser publicados, em sua maioria em italiano e, em parte, em português, e foram distribuídos gratuitamente (somente uns poucos, todavia, foram enviados para Itália, os restantes foram distribuídos no interior: a assinantes do *La Battaglia* ou aos que assistiram a conferências públicas contra a imigração)[18].

A subscrição, organizada pelos socialistas e anarquistas de São Paulo, arrecadou mais de 1 conto de réis, o que permitiu a publicação do opúsculo em duas edições: uma inicial de 3.000 cópias, em outubro, e uma de 7.000 no final do mês seguinte, quando o opúscolo já tinha sido distribuído em vários centros do interior do Estado de São Paulo[19].

Os esforços conjuntos de socialistas e anarquistas na publicação de *Contra a Imigração*, são revelados também na escolha de uma tipografia particular, de propriedade de dois militantes italianos: Riccardo Del Frate (que na verdade era republicano) e Bernardino Visconti (socialista), na qual trabalhava também o líder do *Sindicato dos*

[16] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 02-04-1907, Ibidem.
[17] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 03-12-1906, e 05-12-1906, Ibidem.
[18] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 01-12-1906, 03-12-1906 e 05-12-1906, Ibidem.
[19] Idem, Ibidem.

Trabalhadores gráficos de São Paulo, Ambrogio Chiodi, ele também militante socialista do *Circolo Socialista Internazionale* paulistano, ligado ao jornal *Avanti!*[20].

A tipografia de Del Frate e Visconti imprimia, naqueles anos, os folhetos distribuídos nas fábricas pelas comissões de grevistas[21] e quase todos os jornais e opúsculos produzidos pelos grupos anarquistas e socialistas, em particular em língua italiana, mas também em português, pois Del Frate tinha nascido em São Paulo em 1874 e na tipografia trabalhava também um cidadão brasileiro, Nazareno da Silva Júnior[22]. Del Frate era assim um expoente da primeira fase da imigração italiana em São Paulo, localizada ainda em centros urbanos e ligada a trabalhos qualificados: ele era um filho de italianos que identificava o elo entre as gerações republicanas e liberais presentes em São Paulo durante a sua infância e adolescência e a primeira leva de líderes de grupos anarquistas e socialistas italianos que chegaram ao Brasil na década de 1890.

Chiodi também era da mesma geração de Del Frate, pois nasceu em Milão em 1874, e era naturalizado brasileiro, o que explica, em parte, as suas posições no debate de 1900-1902 a favor da naturalização dos trabalhadores italianos, com o fim de constituir um partido socialista brasileiro que pudesse participar ao menos das eleições estaduais em São Paulo. Ao contrário, Bernardino Visconti era de uma geração anterior à de Chiodi e Del Frate (nasceu em 1863). Ele também era do norte da Itália, do Piemonte, mas não era naturalizado[23].

---

[20] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 03-12-1906 e 05-12-1905, Ibidem.
[21] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 02-04-1907, Ibidem.
[22] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 03-12-1906 e 05-12-1905, Ibidem.
[23] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 05-12-1906, in: ANRJ, IJJ7, n. 179. Processo de expulsão de Ristori, Sorelli, Cerchiai. Dele desconhecemos a cidade de origem.

De qualquer forma, a polícia de São Paulo não realizou um novo inquérito para tentar condenar à expulsão os quatro tipógrafos, pois somente um deles não era cidadão brasileiro (Visconti), mas residia em São Paulo, com certeza, há mais de dois anos.

A ATIVIDADE DO LÍDER SINDICAL GIULIO SORELLI

Depois do inquérito aberto contra Ristori pela sua autoria do *Contra a imigração*, outro inquérito, no período de abril de 1907, foi aberto pela polícia paulistana tentando descobrir supostas ligações entre os grupos anarquistas e os sindicatos. Novamente Ristori foi chamado para ser interrogado pela polícia, em companhia do seu colega na redação de *La Battaglia*, Cerchiai e do secretário da *Federação Operária de São Paulo* (FOSP), Giulio Sorelli. As greves recentes de marceneiros e metalúrgicos das fábricas de veículos (março 1907) e a dos operários têxteis da seção de aniagem da Penteado, despertaram a atenção das autoridades, antes mesmo que começasse a série de greves em prol das oito horas.

Todavia, o inquérito mostrou que a atividade dos anarquistas italianos do *La Battaglia* estava desligada das da FOSP, que eram especificamente sindicais, e que os dois grupos mantinham contatos quase exclusivamente nos momentos de greve e não antes.

Tanto Cerchiai como Ristori explicaram suas posições a propósito, mostrando que suas afirmações de não envolvimento na organização das greves não eram fruto de uma estratégia para desviar as acusações da secretaria de justiça, mas que correspondiam a uma estratégia contrária à sindicalização dos trabalhadores.

De fato, Ristori e Cerchiai não negaram que faziam parte do grupo anarquista que redigia *La Battaglia*, mas, pelo contrário, afirmaram que acreditavam na expropriação da propriedade individual e na revolução social, que eram contra as autoridades e as

instituições e que, para esse fim anarco-comunista, desenvolviam propaganda contra todo governo e contra os empresários, especialmente do Brasil, nas páginas do jornal por eles publicados[24]. Ao mesmo tempo, declararam que, para atingirem seus objetivos, deveriam formar as consciências com a propaganda; que intervinham nas greves porque viam nelas um momento insurrecional propício e que, durantes as greves, os operários estavam mais dispostos a escutá-los. Por isso, participavam somente das greves quando estas estavam se alastrando e se tornando generalizadas[25].

Como anarquistas, eram contrários às organizações, inclusive sindicais, e somente desfrutavam destes momentos para tentar dirigir os movimentos grevistas no sentido da insurreição, sendo eles contrários às greves parciais[26].

Estas posições eram confirmadas por outras testemunhas, como os operários Andrea Monaco, um têxtil, e Francesco Annunciato, do moinho Matarazzo, ambos participantes das greves e da FOSP, mas favoráveis à retomada do trabalho[27]. Eles, no âmbito do mesmo inquérito, concentram suas declarações completamente sobre a atividade da FOSP, sua organização e sobre a atuação do líder Sorelli, sem nunca mencionar, nesta atividade organizativa, algum papel desenvolvido em particular por grupos anarquistas, e sobretudo por Ristori e Cerchiai, ausentes também nas outras declarações a respeito da FOSP[28].

Todavia, enquanto Oreste Ristori vivia do seu trabalho no *La Battaglia*, Cerchiai trabalhava sobretudo como pintor, depois de ter experimentado várias profissões, mas pertencia àquela classe de artesãos toscanos que estabeleceu-se desde o início da imigração italiana de massa nos centros urbanos do Estado de São Paulo. Ele veio para o Brasil em

[24] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 02-04-1907, Ibidem.
[25] Ibidem.
[26] Ibidem.
[27] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 10-04-1907 e 30-04-1907, Ibidem.

1901, para juntar-se ao pai, que tinha imigrado anos antes, em Ribeirão Preto. Nesta cidade, trabalhou por um ano na tinturaria do pai e depois transferiu-se para a capital[29]. Ainda mais que Ristori, ele considerava, segundo um típico raciocínio em voga na imprensa anarquista da época, que as greves não traziam nenhuma vantagem para os operários, pois os empresários descontavam os aumentos concedidos nos preços de seus produtos[30].

Ser originário da Toscana e ser um operário especializado eram as características que Giulio Sorelli, o secretário da FOSP, tinha em comum com Cerchiai. Sorelli, de fato, era de Florença, onde nasceu em 1878, e era brasileiro naturalizado[31] (o que o aproximava de outros naturalizados como Bertolotti e Chiodi, como eles, no período 1900-1902, também favorável à naturalização dos trabalhadores italianos para fins eleitorais, e membro dos primeiros círculos socialistas e das primeiras ligas sindicais de São Paulo). Em 1907, Sorelli ainda vivia no bairro do Cambucy, onde tinha sido secretário da *SIMS Fratellanza Italiana*, sociedade deste bairro, entre 1899 e 1901, e onde tinha fundado o círculo socialista local em 1901[32].

Como em 1901, ainda trabalhava como marceneiro, mas sua profissão específica era envernizador de peças e modelos de madeira em uma pequena oficina do Cambucy[33].

Durante o inquérito, Sorelli declarou-se anarquista convicto, mas somente do ponto de vista teórico, preferindo atuar no sindicato, que reconhecia como um espaço completamente autônomo e apólitico, sem nenhum plano de revolução social: na FOSP, explicou, os sócios são de posições políticas diferentes, são anarquistas, socialistas,

---

[28] Ibidem.
[29] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 02-04-1907, Ibidem.
[30] Ibidem.
[31] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 10-04-1907, Ibidem.
[32] *Ibidem*.
[33] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 10-04-1907, in: ANRJ, IJJ7, n. 179. Processo de expulsão de Ristori, Sorelli, Cerchiai.

republicanos ou sem nenhuma posição definida, confirmando que a federação operária não tinha uma única ideologia[34].

Podemos ver, então, como Sorelli tinha uma idéia autonomista do sindicato, o que o define mais como sindicalista revolucionário do que como anarco-sindicalista, isto é, um anarquista que participa dos sindicatos para levá-los a uma ação em direção à greve geral insurrecional que iniciaria a revolução social. O anarquismo declarado por ele limitava-se a uma esfera doutrinária, teórica, isto é, à recusa do parlamentarismo, do cooperativismo e do mutualismo e uma posição anticlerical[35]. É interessante notar que, no caso de Sorelli, pode-se observar o caminho que o levou a esta posição: ele saiu da *SIMS Fratellanza Italiana* porque tomou posições claramente anti-monarquistas, tentou o caminho do partido socialista, mas viu que o processo de naturalização era muito lento e indeterminado; ao mesmo tempo participou de grupos anticlericais e posteriormente da atividade dos anarquistas (mas sem fazer parte de grupos específicos) e foi um dos primeiros organizadores de ligas de ofício[36]. De cada um destes grupos ele conservou alguma característica para fortalecer sua idéia do sindicato: a prática da greves parciais apreendida em anos de liderança sindical na liga dos marceneiros, o apoliticismo das sociedades de socorro mútuo, onde a grande intensidade dos conflitos políticos podia levar à sua dissolução (como foi o caso da *SIMS do Cambucy*, onde sua saída provocou o fechamento da sociedade), o funcionamento interno das mútuas regulado por estatutos e assembléias, a idéia da construção de uma sociedade socialista de produtores baseada em organizações, o

[34] Ibidem.
[35] Ibidem.
[36] Ibidem e *La Battaglia*, n. 111, 10-02-1907.

que era fruto da sua passagem pelos grupos socialistas de São Paulo ligados ao PSI e, finalmente, o antiparlamentarismo dos grupos anarquistas[37].

A Federação Operária, como revelaram Sorelli e outras testemunhas, tinha estatutos não registrados, era formada por várias sociedades e tinha como objetivo defender os operários no trabalho. As assembléias gerais dos delegados das várias ligas elegiam um presidente para dirigir somente a assembléia, a cada vez que esta fosse realizada, e, ao mesmo tempo, uma vez por ano, elegia o secretário (na época, Giulio Sorelli) que tinha a função de coordenar a atividade das várias ligas, de administrar a correspondência e as atas das federação, além de ser o orador principal das reuniões e o principal propagandista nas várias ligas de ofício[38].

Os sócios delegados reuniam-se uma vez por semana, e a sede da FOSP abrigava as reuniões da maioria das ligas de ofício; cada sócio pagava diretamente à FOSP uma cota mensal de mil réis, que formava o fundo de resistência nas greves e o dinheiro necessário para a impressão dos folhetos de propaganda e de anúncio das greves, com as reivindicações feitas pelos operários[39].

Cada liga de ofício era dirigida pela assembléia das comissões de oficina, isto é, cada uma delas era formada por delegados eleitos pelos sócios da liga em cada oficina. Eram as comissões reunidas, então, que decidiam se a liga devia se declarar em greve, em quais fábricas, com quais reivindicações, e como conduzir as negociações com os empresários[40]. Todas as decisões tomadas pelas comissões reunidas eram escrupulosamente

---

[37] Ver *Avanti!* n. 35, 15-6-1901, n. 40, 20-7-1901. Ver também *O Carpinteiro - Il Falegname*, órgão da Liga de Resistência dos Trabalhadores em Madeira de São Paulo (mais freqüentemente chamada *Lega di Resistenza dei Lavoratori in Legno*), redigido por Giulio Sorelli.
[38] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 10-04-1907, in: ANRJ, IJ7, n. 179. Processo de expulsão de Ristori, Sorelli, Cerchiai.
[39] I Delegacia de Polícia, São Paulo, 10-04-1907 e 30-04-1907, Ibidem.
[40] Ibidem.

respeitadas pelos operários associados à sua liga e pela maioria dos outros operários não-associados[41]: aqueles que se recusavam a participar da greve ou que obstaculavam a atividade das ligas do seu ofício nas oficinas, ou que voltavam ao trabalho sem a autorização de sua liga, tinham seus retratos fotográficos ou seus nomes postos em uma lista, impressa em folheto e distribuída em todas as oficinas[42].

Quando os operários de uma ou mais ligas ou de um grupo de oficinas estavam em greve, reuniam-se quase diariamente na sede da FOSP, onde Sorelli os coordenava com as outras ligas ou comissões em greve[43].

A atividade de Sorelli, assim como a dos outros líderes sindicais (os secretários das ligas e os tesoureiros), era, portanto, somente uma atividade de coordenação, importante, mas que não decidia os rumos que as greves ou o movimento sindical em geral tinham que tomar. É, portanto, exagerado pensar que a FOSP fosse somente uma confederação sindical de minorias militantes que dirigiam do alto o resto dos operários paulistanos ou, no mínimo, dos sócios inscritos presentes em muitas oficinas e fábricas. O seu funcionamento interno mostra, ao contrário, que a base (os sócios que elegiam as comissões em cada oficina) tinha um papel fundamental e era quem de fato controlava o movimento, pois não eram os secretários que decidiam quando entrar em greve, mas a assembléia das comissões de oficina.

Este papel-chave das comissões era, aliás, reconhecido pelos próprios empresários, como mostra um papel timbrado da Fábrica de Carros "Camps & Irmão", de São Paulo, anexada ao processo de expulsão de Sorelli, no qual aparecem, manuscritos, os nomes e endereços dos membros eleitos da comissão de fábrica, para serem comunicados à polícia.

---

[41] Em 1906-1907, a FOSP contava com mais de 3.000 sócios. Ibidem.
[42] Ibidem.

O processo de expulsão de Ristori, Sorelli e Cerchiai teve uma aceleração durante o mês de maio de 1907, pelo fato da greve geral em prol das oito horas ter chegado ao seu ponto máximo, mas nenhum deles foi expulso[44].

A Lei Gordo não permitia a expulsão, até 1913, dos estrangeiros naturalizados, nem dos residente há mais de dois anos no Brasil, assim como daqueles cuja esposa fosse brasileira ou que tivessem filhos nascidos no Brasil. Ristori tinha chegado em 1903, Cerchiai em 1901, e Sorelli era naturalizado[45].

A ATIVIDADE SINDICAL DENTRO DAS FÁBRICAS. A EXPULSÃO DO OPERÁRIO LORENZO CORTELLINI.

Como pudemos ver, dada a importância das comissões de oficina, os gerentes das fábricas mantinham sob controle os que eram eleitos nelas, e a repressão contra estes membros passava necessariamente através da relação entre a gerência da fábrica e a própria polícia: as denúncias, então, partiam, freqüentemente, diretamente da empresa, sobretudo

---

[43] Ibidem.

[44] Sobre as pressões para que a expulsão dos três italianos fosse realizada, há dois telegramas muito claros de Washington Luís ao Ministério da Justiça:
Telegrama do Secretário da Justiça e Segurança Pública ao Ministério do Interior e Justiça (Rio de Janeiro), São Paulo, s.d.
"Agradeço a V. exa resposta telegráfica a meu pedido. Peço v. exa telegrafar me dizendo se posso ou não contar com a medida lembrada. Urgente por sua própria natureza, movimento aqui acentua se e agrava se e se não puder dominá-lo por falta de medida lembrada, que reputo eficaz, tomarei providências de outra natureza que não podem ser retardadas atenta a gravidade da situação. Saudações = Washington Luiz".
Telegrama do Secretário da Justiça e Segurança Pública ao Ministério do Interior e Justiça (Rio de Janeiro), São Paulo, 12-05-1907.
"Tomo liberdade de insistir sobre pedido que daqui sahiu sobre expulsão estrangeiros: Greve se alastra e torna se aggressiva tendo havido perturbação material da ordem e receando se maiores e augmento do número de agitadores governo São Paulo vê se forçado a lançar mão de outros meios".
Telegrama do Secretário da Justiça e Segurança Pública a Ministério do interior e Justiça (Rio de Janeiro), São Paulo, 10-05-1907.
"A agitação dos operários continua aqui fomentada principalmente por agitadores sem escrúpulos. Peço v ex solução ao pedido que daqui seguio saudações = Washington Luiz".
(in: ANRJ, IJJ7, n. 179. Processo de expulsão de Ristori, Sorelli, Cerchiai).

[45] Ibidem.

quando esta conseguia descobrir que o operário imigrante estava no Brasil há pouco tempo, pois nesse caso a expulsão era quase certa.

O caso de Lorenzo Cortellini é, neste sentido, emblemático, também para mostrar como nasciam os chamados líderes sindicais, não necessariamente ligados a uma militância em grupos políticos definidos e que estes formavam-se dentro da fábrica, através de sua participação nas comissões e de sua capacidade de negociação durante as greves.

O operário Cortellini nasceu na província de Bergamo, na Lombardia, em 1883, era tecelão de profissão e residia no Cambucy[46]. A carta que pedia a sua expulsão foi escrita pelo próprio Rodolfo Crespi, dono da empresa de tecelagem homônima na Moóca e enviada à polícia em agosto de 1910, denunciando Cortellini como promotor de duas greves na sua fábrica, causa pela qual ele tinha sido demitido. Porém, Crespi acrescenta que Cortellini, mesmo após a demissão, tinha voltado a promover greves no mesmo estabelecimento, e que, em todas as fábricas onde havia trabalhado, tinha estado na liderança de movimentos grevistas[47].

As informações genéricas fornecidas por Crespi em relação às outras fábricas são, de fato, confirmadas pelas testemunhas convocadas pela polícia para acusar Cortellini de ter utilizado uma arma de fogo em uma briga num armazém da Av. Independência, mas sobretudo pelas declarações do próprio Lorenzo Cortellini[48].

Lorenzo Cortellini veio de Bergamo diretamente para São Paulo, o que nos leva a pensar, embora não tenhamos dados precisos a esse propósito, que ele seguia uma cadeia migratória de redes de amizade ou de trabalho, isto é, conhecia alguém da sua cidade que já

[46] IV Subdelegacia, Posto policial do Cambucy, São Paulo, 30-09-1910, in: ANRJ, IJJ7, n. 176. Processo de Expulsão de Cortilini [sic], Lourenço.
[47] A carta é de 19-08-1910, Ibidem.
[48] IV Subdelegacia de Polícia, posto policial do Cambucy, São Paulo, 20-08-1910, Ibidem.

trabalhava no setor têxtil em São Paulo, ou sabia que a fábrica Crespi de São Paulo contratava operários têxteis. Esta prática da Crespi foi muito pouco estudada, mas dois indícios conduzem a este caminho: Crespi tinha contatos constantes com a sua velha empresa de Milão, a Dell'Acqua, para a qual ele tinha vindo fundar e dirigir a filial em São Paulo, antes de transformar-se em empresário e montar a sua própria fábrica têxtil; em segundo lugar, em 1914, é documentada a prática, da sua empresa, de procurar mão-de-obra especializada em fábricas têxteis da Lombardia[49]. Além disso, Cortellini era solteiro e partiu em um período – 1909 - em que a emigração italiana para o Brasil tocava as menores cifras históricas, o que aponta também para a interpretação de que ele tenha sido chamado para trabalhar em São Paulo, ou pela empresa Crespi ou por alguém (amigo ou parente, que trabalhava nela). A sua passagem em várias fábricas têxteis no Brasil, e sua participação em muitas das comissões de fábrica onde trabalhou, reforça ainda a hipótese de que Cortellini fosse, de fato, um operário têxtil há muito tempo já na Itália, e que tivesse prática de greves, coisa que não é improvável se pensamos que ele era proveniente de uma das regiões de mais alta sindicalização na Itália, em todos os setores.

Lorenzo Cortellini, de fato, declarou que, logo que chegou em São Paulo, foi empregado na fábrica de Crespi, e, em seguida, na de Álvares Penteado e nos estabelecimentos de Mortari, depois do qual, desempregado, foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou em uma outra fábrica têxtil, por cinco meses, até que decidiu voltar para o Estado de São Paulo, permanecendo inicialmente em São Bernardo[50].

Encontrando novamente trabalho na Crespi, foi demitido por ter tomado parte na comissão de fábrica, que lançou uma greve cuja principal reivindicação era obter as 10

[49] Angelo TRENTO. *Op. cit.* pp. 144-145; e *La Propaganda Libertaria*, n. 1, 12-07-1913.

horas de trabalho[51]. Durante esta greve, ele foi preso e ficou oito dias no posto policial do Brás. Em seguida, trabalhou nas fábricas de Pinotti Gamba, onde tomou parte ativa em uma greve (sempre como membro de comissão) e foi demitido, passando logo depois a trabalhar na Nami Jafet, no Ipiranga[52].

O OPERÁRIO TECELÃO ANTONIO CASAGRANDE.

Operários tecelões, que se destacavam por sua participação ativa nas comissões de fábrica, e que, portanto, assumiam temporariamente um papel de liderança dentro de seu estabelecimento durante as greves e na formação das ligas de ofício, eram alvos da repressão policial, ao longo das primeiras décadas do século XX, sobretudo no período de 1917-1920, quando a sindicalização neste setor chegou aos seus níveis mais altos e sustentou toda a organização sindical paulistana baseada em ligas de bairro.

Em muitos casos encontrados no DOPS, ou nos processos de expulsão, verifica-se, também para este período 1917-1920, que as comissões de base têm uma importância fundamental nos processos de sindicalização, e que, tanto o suposto espontaneísmo das greves gerais deste período, quanto a idéia de heterodireção do movimento sindical por sindicatos dominados por minorias militantes vindas de grupos anarquistas, foram exageradamente considerados como as características típicas do movimento operário paulista[53].

Um dos casos que mostram novamente a importância do desenvolvimento de processos organizativos a partir do local de trabalho, e não ligados somente a momentos

---

[50] IV subdelegacia de polícia, posto policial do Cambucy, São Paulo, 30-08-1910, in: ANRJ, IJJ7, n. 176. Processo de Expulsão de Cortilini [sic], Lourenço.
[51] Ibidem.
[52] Ibidem.

contingentes de greve, mas constantes e presentes no cotidiano da fábrica, é o da expulsão do operário tecelão Antonio Casagrande, ocorrido em abril de 1920[54].

O inquérito de Casagrande começa três anos antes, quando ele é identificado como um dos membros da comissão de fábrica da têxtil Mariangela, de Matarazzo, que mais apoiava a solução de entrar em greve e que foi um dos fundadores da *Liga Operária da Moóca* e mais tarde da dos tecelões[55].

A partir deste momento, Casagrande aparece como um operário dedicado à organização sindical e grevista: participa de sua liga operária, distribui folhetos nas ruas do Brás e da Moóca para convidar os tecelões à greve e à organização, lidera os piquetes na entrada da Mariangela, em 1917, fala em comícios nas praças durante as greves, apóia a formação de uma federação unitária entre ligas operárias em São Paulo[56].

OS MILITANTES SOCIALISTAS VACIRCA, MONICELLI, SGAI E PARDINI E SUA ATUAÇÃO EM SÃO PAULO.

Vários militantes socialistas foram fichados pela polícia de São Paulo e alguns deles, sofreram processos de expulsão por motivos diferentes, mas geralmente por terem participado ativamente de sindicatos e greves.

Veremos, em seguida, como se desenvolveu a ação de alguns deles, dos quais três foram indiciados também para serem expulsos, enquanto um, Fosco Pardini, foi somente fichado e vigiado pela polícia.

---

[53] Por exemplo, Sheldon Leslie MARAM, *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
[54] ANRJ, IJ7, n. 139. Processo de Expulsão de Casagrande, Antonio.
[55] II Delegacia de Polícia, São Paulo, 31-03-1920, Ibidem.
[56] Ibidem.

O caso deste último, **Fosco Pardini**, é muito interessante, porque mostra aprofundadamente, como a formação política de muitos dos militantes socialistas que atuaram em São Paulo começava já na Itália, nas suas regiões de origem, na juventude.

Fosco Pardini fazia parte do grande grupo de toscanos que, em São Paulo, militava em várias agremiações, anarquistas e socialistas sobretudo, mas também republicanas italianas. Ele nasceu na província de Massa-Carrara, no norte da Toscana, na própria cidade de Massa, em 1892[57]. Seu pai, Corrado, todavia, emigrou para o Brasil quando Fosco tinha apenas quatro anos, em 1896, vindo diretamente para São Paulo, deixando o filho em Massa: Corrado veio sozinho, não era casado, e Fosco era "filho de mãe desconhecida"[58].

Em 1914, Corrado mandou chamar o filho, assim que este concluiu o serviço militar obrigatório (de 6 meses, no seu caso, pois era filho único) e Fosco chegou em São Paulo em fevereiro de 1914, com sua esposa[59]. Até aquele momento, Fosco não tinha saído de sua região, tendo ido somente até a parte norte da Toscana, onde tinha começado a trabalhar como caixeiro viajante e como garçom[60].

De qualquer forma, Fosco começou a militar no *Partito Socialista Italiano* já com 16 anos, como consta na sua carteirinha, de abril de 1909, do *Circolo Giovanile Socialista Ferdinand Lassalle* da sua cidade, Massa[61]. Depois dessa experiência, ele nunca mais parou de participar de grupos socialistas de sua área, continuando sua filiação ao PSI no âmbito da FIGS (Federazione Italiana Giovanile Socialista), entre 1909 e 1911, nos núcleos de Massa, Livorno e Carrara, como mostram outras carteirinhas da FIGS no seu nome,

---

[57] AESP, DEOPS, Prontuário delegacia n. 130.598.
[58] Ibidem.
[59] O serviço militar de Fosco Pardini tinha terminado em 15-12-1903, ver *Congedo Illimitato di Bruno Fosco Pardini*, do Ministero della Guerra, Distretto Militare di Massa e Carrara, Ibidem.
[60] Ibidem.
[61] Ibidem.

conservadas no prontuário do DOPS[62]. Em 1909, ele é até correspondente de Livorno e Massa do órgão da FIGS, *L'Avanguardia*[63]. Neste período, a FIGS apoiava decididamente a corrente de esquerda socialista revolucionária dentro do PSI, liderada por Benito Mussolini, que, em 1912, conquistou, no Congresso de Reggio Emilia, a direção do partido[64].

A corrente de Mussolini, também chamada de *intransigente*, mantinha contatos contínuos com os sindicalistas revolucionários, o que levava muitos jovens da FIGS a se aproximar do mundo sindical, mesmo quando não provinham socialmente diretamente de famílias operárias.

De fato, a atividade da polícia em relação a Fosco Pardini, quando este chega ao Brasil, concentra-se não somente em sua atividade no *Circolo Socialista Internazionale*, mas na sua ação em prol da organização dos sindicatos operários[65]. Ele se envolveu logo na obra de reconstrução das ligas sindicais nos 20 meses em que esteve na cidade de São Paulo, ainda que a sua primeira prisão tenha sido causada por sua participação no grupo de socialistas que vaiaram, no Teatro Colombo do Brás, em agosto de 1915, a conferência que defendia a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, proferida pelo socialista da corrente *bissolatiana* Antonio Piccarolo[66].

A atividade sindical de Fosco Pardini, todavia, já remontava à sua experiência de militância italiana: quando deixou a Itália era ainda o secretário da Liga de Resistência dos Cozinheiros e Garçons da *Camera del Lavoro* de Carrara, cidade onde vivia antes de

---

[62] Ibidem. Lembro que também a militância de Antonio Gramsci no PSI começou a partir da filiação à FIGS, o que era típico entre jovens da classe média, ou estudantes, que aderiam ao Partido Socialista na Itália.
[63] Carteira nominal de correspondente do jornal *L'Avanguardia*, Ibidem.
[64] A este propósito ver, entre muitos, Zeffiro CIUFFOLETTI, *Storia del PSI: I. Le origini e l'Età Giolittiana.* Bari, Laterza, 1992, pp. 406-416.
[65] Prontuário de Fosco Pardini na Polícia de São Paulo, 1915, in: AESP, DEOPS, Prontuário n. 130.598.
[66] Ibidem.

emigrar[67]. A sua atuação no sindicato (em São Paulo participou da tentativa de transformação da Sociedade Aliança entre Garçons e Cozinheiros de associação mútua a liga sindical)[68] acompanhava a de membro do *Circolo Socialista Internazionale* (do qual ele foi secretário por alguns meses) e de colaborador do *Avanti!* de São Paulo naquele período, seguindo o caminho de vários sócios do CSI empenhados, ao mesmo tempo, no círculo e nas ligas de ofício paulistanas, pois o CSI tentava reorganizar uma federação sindical unitária em São Paulo, em um momento em que havia somente algumas ligas de ofício que agiam isoladamente. Em prol da organização sindical, Fosco escreveu artigos e proferiu discursos em vários comícios antes, durante e depois de greves parciais, e participou, como orador e propagandista, das reuniões de formação de várias ligas[69].

Pardini, todavia, não teve oportunidade de participar ativamente da greve geral de 1917, pois, a partir do final de 1916, transferiu-se para Poços de Caldas, onde foi chamado para ser gerente de um hotel, profissão que ainda exercia nos anos 30[70].

Mas, também em Poços, ele dedicou-se à organização do movimento operário local, fundando e tomando parte, como tesoureiro, da *Liga Operária Internacional de Poços*, um pequeno sindicato que unia as várias ligas de ofício deste centro sul- mineiro[71]. A liga publicava também um jornal, *A Voz do Trabalhador*, do qual Fosco Pardini participou como colaborador e também como responsável pelas assinaturas, que, embora o jornal fosse sobretudo local, vinham também de vários centros paulistas, desde a capital até Ribeirão Preto, função que o punha em contato com o resto do movimento operário e socialista do Estado de São Paulo. Por causa dessa sua atividade de ligação, e sabendo que

[67] ACSR, CPC, b. 3730, fascicolo Fosco Pardini.
[68] "Sociedade Alliança", *Avanti!*, 2ª serie, n. 16, 15-8-1914, p. 2; n. 26, 24-10-1914, p. 3; n. 28, 7-11-1914; n. 56, 5-6-1915, p. 3.
[69] Prontuário de Fosco Pardini na Polícia de São Paulo, 1915, in: AESP, DEOPS, Prontuário n. 130.598.

continuava a ser filiado, ainda que vivesse em Poços, ao CSI da cidade de São Paulo, a polícia paulista tentou, em vão, envolvê-lo como responsável de comícios e embates durante a greve geral de julho de 1917[72].

Ainda por causa de sua atividade político-sindical em Poços e parcialmente em São Paulo entre 1917 e 1919, as autoridades brasileiras tentaram expulsá-lo, mas nunca chegaram a iniciar o processo, pois ele passou um tempo na clandestinidade.

A militância de Fosco Pardini no PSI acompanhou toda a sua vida, nos anos trinta era sócio do *Circolo Socialista Matteotti* de São Paulo, filiado ao PSI.

Pudemos ver como ele representava o tipo de militante orgânico do partido socialista italiano, que vai assumindo cargos de responsabilidade em uma espécie de carreira política interna, nos moldes das práticas de organização difusas também nos outros partidos filiados à Segunda Internacional: grau de escolaridade, início da militância precocemente na organização juvenil do partido; colaboração em jornais de partido (como jornalista, como redator e como administrador); assume cargos de responsabilidade ou de propagandista nas ligas operárias; é membro diretor de grupos políticos socialistas locais; participa de comícios como orador; tem participação em diretorias em sociedades não-políticas (em Poços, ele funda e é presidente da Associação Atlética Caldense e foi membro da diretoria da SIMS Stella d'Italia, uma sociedade, cujos sócios eram quase todos antifascistas)[73].

---

[70] Ibidem.
[71] Ibidem.
[72] Ibidem.
Nos anos trinta, Fosco Pardini ainda fazia parte do *Partito Socialista Italiano* (na época clandestino na Itália por causa da ditadura fascista), no núcleo de São Paulo liderado por Cimatti, Chiodi e Frola. Esta sua posição não lhe impedia de ser, ao mesmo tempo, um fervoroso varguista, e, em Poços, tinha apoiado o movimento local em prol de Vargas, já em 1930, Ibidem.

A figura do socialista **Vincenzo Vacirca** é, neste âmbito, muito semelhante à de Fosco Pardini; embora Vacirca tenha sido o diretor do *Avanti*! de São Paulo por cerca de um ano, quando este era diário e um dos jornais mais lidos, depois do *Fanfulla*, pela comunidade italiana, não somente no Estado de São Paulo, mas em todo o Brasil.

Vacirca tinha começado sua atividade na Sicília, sua região de origem na FIGS, que abandonou cedo para tornar-se diretor de *La Parola dei Socialisti*, órgão da bem organizada Federação socialista da região de Ravenna, e, em seguida, do periódico socialista de Veneza, *Il Secolo Nuovo*, depois do qual foi convidado a dirigir o *Avanti*! de São Paulo, cidade onde chegou em dezembro de 1907, com quase 22 anos. A única experiência que ele teve como organizador de sindicatos foi quando tornou-se, entre os 18 e 19 anos, em 1905, secretário da *Camera del Lavoro* de Brindisi, uma pequena cidade do sul da Itália.

Todavia, através da análise do seu processo de expulsão, pudemos saber que o motivo da vinda de Vacirca para São Paulo não estava limitado à necessidade de assumir a direção do *Avanti*!, mas fazia parte de uma estratégia mais ampla elaborada pelo *Partito Socialista Italiano* para desenvolver um movimento operário em São Paulo, que contemplasse vários meios organizativos, ligando sobretudo a atividade sindical da FOSP (na época na mais rígida autonomia em relação a qualquer grupo político, embora dela participassem e tivessem cargos importantes nas ligas de ofício também muitos militantes do núcleo de socialistas italianos de São Paulo) à do *Circolo Socialista*, para que agissem conjuntamente, ainda que em dois planos diferentes[74].

O próprio Vincenzo Vacirca declarou no inquérito policial, que ele tinha sido enviado da Itália para São Paulo pela direção do PSI para organizar, especificamente no

---

[73] Ibidem.
[74] ANRJ, IJJ7, n. 140, Processo de Expulsão de Vincenzo Vacirca.

Estado de São Paulo, um forte Partido Socialista com um tríplice programa: a) intensificar a atividade sindical nas ligas de resistência; b) organizar paralelamente cooperativas de consumo e de produção ; c) preparar os operários para tomarem parte ativa na vida política do país (isto é, apoiar um vasto programa de naturalização dos trabalhadores italianos para formar um Partido Socialista que pudesse participar das eleições estaduais e municipais em primeiro lugar[75].

De fato, a participação de Vacirca nas greves que se sucederem em São Paulo, ao longo de 1908, junto a uma atividade incansável com o objetivo de levar adiante o programa para o qual tinha sido enviado para São Paulo e a uma propaganda contra às duras condições de vida e de trabalho às quais estavam sujeitos os colonos, levou o governo do Estado a pedir, depois de seis meses, a sua expulsão[76]. O perigo de que se criasse, de fato, um partido socialista nos moldes do PSI e que este contasse com os votos do grande número de imigrantes italianos residentes em todo o Estado (não somente os trabalhadores das cidades, mas também os das fazendas) [77] preocupou a elite paulista muito mais do que o papel de organizador desempenhado por ele e por outros membros do *Circolo Socialista Intenacional* no âmbito da FOSP.

Enfim, Vacirca foi expulso no dia 18 de julho de 1908, e escolheu o porto de Buenos Aires como destino, ao invés da Itália, o que nos faz pensar que o Partido Socialista o tivesse aconselhado a transferir sua ação na comunidade ítalo-argentina ou a ficar na América do Sul à espera de que o pedido de habeas corpus e um julgamento do Supremo Tribunal Federal pudessem reverter a sua expulsão. Porém, o Supremo Tribunal Federal

[75] Secretaria dos Negócios da Justiça e Segurança Pública, II seção, São Paulo, 25-06-1908, Ibidem.
[76] Governo do Estado de São Paulo, Gabinete do Presidente, São Paulo, 27-06-1907, Ibidem.

recusou o pedido de *habeas corpus* um mês depois da deportação de Vacirca para a Argentina, pois ele era residente no Brasil havia menos de um ano[78].

No caso de **Teodoro Monicelli**, diretor do *Avanti!* de São Paulo, a partir de 1914, e principal líder dos socialistas italianos no Brasil, o seu processo de expulsão (iniciado em setembro de 1917) veio a confirmar o seu papel de destaque durante a greve geral de 1917, durante a qual ele tomou parte ativa nos comícios e no *Comitê de Defesa Proletária*, que coordenou a greve a partir de um certo momento[79]. Ao mesmo tempo, tanto as suas declarações, como as das testemunhas, convergem no sentido de mostrar a ampla atividade desenvolvida por ele em prol da organização sindical e política dos trabalhadores italianos em São Paulo, desde a sua chegada, em 1913. Recordamos aqui que Monicelli, diferentemente de Pardini e de Vacirca, pertencia à mesma geração nascida nos anos 70 do século XIX, que foi mais presente em uma fase anterior do desenvolvimento organizativo, tanto sindical como político e mutualista em São Paulo.

Os documentos do processo, todavia, trouxeram novas informações relativas a este período e, veremos, também para o período posterior à conjuntura 1917-1918.

Em primeiro lugar, Monicelli, depois de ter confirmado sua atividade de propagandista e organizador, sublinhou que teria continuado no trabalho de defender o direito de greve e na organização de novas greves, porque considerava que as reivindicações dos operários não tinham sido atendidas pelos empresários paulistanos,

---

[77] Aliás, o PSI era o único partido socialista europeu no qual as ligas e as cooperativas camponesas tinham uma força igual a de suas irmãs operárias das cidades e Vacirca já tinha tido a experiência de militar em uma área fortemente socialista como a de Ravenna, dominada por ligas camponesas bem organizadas.

[78] Supremo Tribunal Federal, Distrito Federal, 12-08-1908, in: ANRJ, IJJ7, n. 140, Processo de Expulsão de Vincenzo Vacirca.

[79] IV Delegacia Auxiliar, São Paulo, 01-09-1917, 03-09-1917, in: ANRJ, IJJ7, n. 141, Processo de Expulsão de Teodor Monicelli.

como deveria ter ocorrido se tivessem sido cumpridos os pactos de julho, sem que por isso, obviamente, ele sustentasse a idéia da necessidade de manifestações violentas[80]. Desta forma, pudemos verificar que a atividade de Monicelli, iniciada em 1913, não tinha sido excepcional e nem tinha se concluído com a greve geral de 1917 e os acordos de julho. Ao contrário, observamos que a sua participação na formação das ligas de bairro e de uma confederação sindical local, continuava a ser realizada constantemente e projetava-se, para os meses futuros, na ótica da construção de um movimento operário orgânico que se estruturasse, cada vez mais, em torno de organizações políticas e sindicais.

Em segundo lugar, pudemos descobrir que Monicelli tinha estado alguns meses na Argentina, em Buenos Aires, em 1916, o que reforça a sua figura como líder socialista interligado com outras comunidades italianas no exterior (mantendo-se em contato com militantes do PSI que lá residiam e com líderes e militantes do Partido Socialista Argentino) e que a sua estratégia era a de chegar a constituir, ele também, um partido socialista em São Paulo, que participasse ativamente da vida política do Estado com a possibiliadde de eleger alguns representantes nas câmaras (municipais e estaduais)[81]. Justamente naqueles anos, o Partido Socialista Argentino, de Juan B. Justo, tinha conseguido crescer notavelmente, contando com os votos de estrangeiros naturalizados, em alguns distritos eleitorais populares nos quais os trabalhadores imigrados constituíam, há tempos, a maioria da população[82].

Enfim, pudemos também averiguar que Monicelli continuava mantendo contatos epistolares constantes com vários socialistas na Itália e também com alguns republicanos,

[80] IV delegacia Auxiliar, São Paulo, 01-09-1917, Ibidem.
[81] Ibidem.

também residentes na Itália, tentando coordenar as atividades desenvolvidas em São Paulo com aquelas que se iam desenvolvendo na Itália, naquele momento em guerra[83].

A expulsão de Monicelli, que foi promulgada em setembro daquele mesmo ano de 1917, não foi, todavia, concretizada, e ele conseguiu escapar da decisão, embarcando para a Itália em Santos, mas descendo no primeiro porto brasileiro em que o navio atracou (provavelmente Rio de Janeiro), como descobrimos nos documentos do processo[84].

Todavia, na primeira oportunidade, as portas do Brasil, sua *"seconda patria"*, fecharam-se, no momento em que, depois de uma visita por motivos políticos à Itália, ele tentou voltar a São Paulo.

Depois do final de 1917, escapado da deportação para a Itália, a atividade de Monicelli tinha-se intensificado em vários campos, depois que a repressão policial tinha fechado a redação do *Avanti!* (do qual ele era diretor, trabalho do qual ele vivia)[85]. Perdida a sua principal fonte de sustento, Monicelli tinha aberto uma pequena fábrica em São Paulo, mas retomou, depois de um ano, a sua atividade política e sindical, de outra forma, fazendo um projeto de lei, cujos artigos deveriam ser definidos pela *Confederazione Generale del Lavoro,* pelo *Commissariato Generale dell'Emigrazione* e pela *Società Umanitaria* de Milão, com o fim de estimular uma retomada da corrente migratória para o Brasil, mas com a condição de que todo emigrante que quisesse vir para o Brasil partisse da Itália já com um contrato de trabalho estipulado com o empresário (ou fazendeiro) que quisesse contratá-lo e aprovado pelas três organizações acima citadas e cuja realização seria fiscalizada pelas

---

[82] Richard WALTER, "Elections in the city of Buenos Aires during the first Yrigoyen administration: social class and political preferences", *Hispanic American Historical Review*, n. 4, 1978, pp. 595-624; e IDEM. *The Socialist Party of Argentina: 1890-1930.* Austin, Institute of Latin American Studies, 1977.
[83] IV Delegacia Auxiliar, São Paulo, 01-09-1917, in: ANRJ, IJJ,7, n. 141, Processo de Expulsão de Teodoro Monicelli.
[84] ANRJ, IJJ,7, n. 141, Processo de Expulsão de Teodoro Monicelli.

autoridades italianas no Brasil e por uma organização conjunta formada por uma seção do *Circolo Socialista* de São Paulo, para isso destinada, e por delegados das sociedades italianas de socorro mútuo paulistas[86].

Em maio de 1920, recém chegado à Itália, Monicelli apresentou o projeto à seção colonial do grupo parlamentar socialista e participou de uma reunião para desenvolver o projeto na CGdL[87].

Além disso, Monicelli tinha ido à Itália, em 1920, também para participar de uma Conferência do *Instituto Coloniale di Roma* (organização que coordenava a atividade de todo tipo de associação italiana no exterior), como delegado representante dos socialistas italianos e de todas as sociedades italianas de socorro mútuo no Brasil[88].

Terminadas estas tarefas, Monicelli apresentou-se ao consulado do Brasil, em Gênova, para pedir o visto, que lhe foi recusado pelo fato de ter sido expulso pelas leis brasileiras, e, portanto, considerado indesejado[89]. Alguns meses depois, quando a Câmara dos Deputados reabriu, após um período de recesso, o grupo parlamentar socialista apresentou uma interrogação parlamentar para que o governo italiano tomasse alguma medida em relação ao impedimento imposto pelas autoridades brasileiras ao retorno de Monicelli à São Paulo, alegando que ele tinha atividades econômicas importantes e a sua família no Brasil (a esposa, também inscrita no PSI, e seis filhos, dos quais dois cidadãos brasileiros, uma vez que tinham nascido em São Paulo)[90].

---

[85] "La repubblica del Brasile respinge Teodoro Monicelli", *Avanti!* (de Milão), n. 17-10-1920, recorte conservado in: ANRJ, IJJ,7, n. 141, Processo de Expulsão de Teodoro Monicelli.
[86] Ibidem.
[87] Ibidem.
[88] Ibidem.
[89] Ibidem.
[90] Idem e Telegrama da Embaixada do Brasil em Roma, 10-01-1921, Ibidem.

Contudo, a volta de Monicelli para São Paulo foi impossível e assim terminavam os sete anos de atividade política e sindical daquele que foi o líder dos socialistas ítalo-paulistanos, ao longo da década de 10, justamente no momento em que ele estava reforçando o projeto de ligar mais estreitamente as sociedaddes italianas de socorro mútuo, os sindicatos paulistas e os grupos políticos socialistas.

Também ligado ao movimento grevista de 1917 está a figura de **Giuseppe 'José' Sgai**, um militante socialista que, com o companheiro Ambrogio Chiodi, estava na liderança da organização sindical dos gráficos de São Paulo e que teve um papel de destaque no *Comitê de Defesa Proletária*, em julho de 1917[91].

Em poucas palavras, Sgai, por causa desta sua atividade (ele também fazia parte do *Circolo Socialista Internazionale* e era secretário da *Federação dos Trabalhadores das Artes Gráficas e Anexas*), foi condenado à expulsão, com portaria de 11 de setembro de 1917, a mesma referente à expulsão de Teodoro Monicelli[92], da qual também conseguiu escapar, pois ainda nos anos 40 vivia em São Paulo[93].

Sgai nasceu em Florença, em 1891, e tinha duas profissões: marceneiro e gráfico, mas era esta última que praticava no período em que sofreu o inquérito policial[94]. Ele também, como Monicelli, tinha passado um período de alguns meses em Buenos Aires, em 1916, de onde tinha voltado no final daquele ano. Igualmente, ele mantinha contatos com companheiros da Itália, não somente socialistas, mas também republicanos[95].

---

[91] ANRJ, IJJ7, n. 161, Processo de Expulsão de Sgai, José.
[92] Ibidem.
[93] AESP, DEOPS, Prontuário delegacia n. 31.081.
[94] Ibidem e IV delegacia auxiliar, São Paulo, 03-09-1917, in: ANRJ, IJJ7, n. 161, Processo de Expulsão de Sgai, José.
[95] IV delegacia auxiliar, São Paulo, 03-09-1917, Ibidem..

Delineia-se, assim, um quadro no qual os contatos com o movimento operário e socialista argentino (além, obviamente, dos contatos com a Itália) constituem um ponto comum a muitos membros do PSI, que atuaram em São Paulo nas primeiras décadas do século. Estes contatos não eram fruto do acaso, mas sim de uma rede emigratória que ligava as várias comunidades de trabalhadores italianos no exterior, como mostra também o fato de que alguns operários italianos, que tinham tomado parte de greves e movimentos políticos em São Paulo, tinham-se transferido para a capital paulista, às vezes depois de anos de vida na Argentina (sobretudo em Buenos Aires), como veremos no caso dos sindicalistas Silvio Antonelli e Giuseppe 'José' Agottani.

A EXPERIÊNCIA PORTENHA.

Silvio Antonelli nasceu em Roma, em 1888, mas chegou em São Paulo somente em meados de 1916, onde foi empregado no canteiro de obras do Palácio das Indústrias, na Várzea do Carmo[96]. A profissão de Antonelli era a de escultor, sendo então ele um operário qualificado no setor da construção, ocupando-se de definir as partes ornamentais em pedra e mármore do palácio. É neste canteiro que foi se desenvolvendo sua ação durante a greve geral, pois ele logo incentivou a formação de uma comissão no canteiro entre pedreiros, serventes, carpinteiros e artesãos, que entraram em greve no início de julho 1917, junto com outras categorias[97]. Segundo suas próprias declarações, Antonelli definia-se como socialista e participou, ao longo da greve geral de 1917, de vários comícios e até de

[96] IV delegacia auxiliar, São Paulo, 05-09-1917, in: ANRJ, IJJ7, n. 161, Processo de Expulsão de Antonelli, Silvio.
[97] Ibidem.

embates com a polícia no Moinho da Moóca[98]. Embora não saibamos quando ele emigrou da Itália para a Argentina, temos conhecimento de que ele se trasferiu para São Paulo vindo de Buenos Aires, e que já na Argentina era um militante sindical conhecido[99]. Antonelli também foi expulso com a mesma portaria de 11 de setembro de 1917, durante a ação repressiva da polícia paulista que atingiu os principais militantes que agiram nas greves de 1917[100].

José Agottani nasceu na província de Parma em 1882, na cidade de Borgo Sandonnino, um dos centros agrícolas de mais alta sindicalização camponesa, e, como toda a província de Parma, um dos núcleos a partir dos quais começou-se a difundir, na Itália, o movimento conhecido com o nome de sindicalismo revolucionário[101].

Com cerca de 22 anos, em 1904, Agottani tinha emigrado para a Argentina, onde empregou-se, em Buenos Aires, como carpinteiro[102]. A sua atividade sindical era controlada pela polícia argentina desde a sua chegada, mas ele foi preso pela primeira vez por ter sido um membro ativo da comissão da greve dos trabalhadores da construção e montagem interna dos pavilhões da exposição do *Centenário* em Buenos Aires (maio de 1909)[103]. Depois foi até mesmo preso como suspeito, por um período curto, em 1910, depois do atentado no Teatro Colón da capital argentina[104].

---

[98] Ibidem.
[99] Ibidem.
[100] Ibidem.
[101] II Delegaxcia auxiliar, São Paulo, 24-10-1919, in: ANRJ, IJJ7, n. 161, Processo de Expulsão de Agottani, José. Para o surgimento do sindicalismo revolucionário na Itália ver, Giuliano PROCACCI, *op. cit.*
[102] Planilla Prontuarial Republica Argentina, Policia de Buenos Aires, s.d., in: ANRJ, IJJ7, n. 161, Processo de Expulsão de Agottani, José.
[103] Ibidem.
[104] Ibidem.

Finalmente, Agottani emigra para São Paulo somente em 1918, provavelmente porque tinha alguma experiência de trabalho em estabelecimentos para a produção de frigoríficos em Buenos Aires, talvez justamente na mesma empresa na qual ele foi empregado na capital paulista, a Companhia Armour, situada no bairro da Lapa[105].

Em São Paulo, Agottani insere-se imediatamente no movimento operário local, em particular agindo no estabelecimento onde trabalha, na Lapa. A sua ação desenvolve-se quase exclusivamente neste bairro e no bairro vizinho, Água Branca. Embora os operários da Armour ainda não tivessem formado uma "associação de classe", quando novas greves alastram-se em São Paulo, em julho de 1919, Agottani é um dos principais oradores do comício realizado no Cinema Teatro Água Branca, entre os trabalhadores do bairro, para tomar decisões a respeito da greve, e é por isso que é indiciado para a expulsão, promulgada em outubro de 1919[106].

Tanto no caso de Antonelli (de 1917) como no de Agottani (de 1919), além de suas experiências prévias no movimento operário na Argentina, cabe ressaltar algumas características que se relacionam à emigração em duas fases: a) eles passam da Argentina diretamente para São Paulo; b) encontram trabalho em São Paulo segundo a profissão já exercida na Argentina; c) encontram trabalho logo em seguida à chegada; d) são operários especializados; e) constituem-se como líderes dentro de seu local de trabalho, embora tivessem chegado havia apenas alguns meses.

[105] II Delegaxcia auxiliar, São Paulo, 24-10-1919, Ibidem.
[106] Idem, e 25-10-1919, Ibidem.

A PROFISSÃO DE SINDICALISTA.

Gostaria de concluir esta análise das atividades de alguns militantes italianos que atuaram na cidade de São Paulo, refletindo sobre a que poderia ser chamada de profissão de sindicalista, tema que já foi abordado quando relatamos a vida de Giulio Sorelli, secretário da FOSP entre 1905 e 1908.

Veremos, então, em seguida, os casos dos sindicalistas Alfredo Ovidi e Angelo Caneza, ambos indiciados em processos de expulsão, a partir de 1917.

Alfredo Ovidi nasceu também em Roma, por volta de 1870[107]. Foi condenado à expulsão com a mesma portaria com a qual o foram muitos outros sindicalistas que participaram da greve geral de 1917, mas conseguiu permanecer no Brasil, e, em 1919, foi novamente indiciado pela polícia paulista e finalmente expulso por sua atividade também nas greves de 1918 e 1919[108].

Quando ele respondeu ao inquérito, era já considerado um dos líderes da greve geral de 1917: pintor, com pouca instrução, era um operário que já tinha trabalhado em vários canteiros de obras, e, em julho de 1917, era secretário da *União dos Pintores de São Paulo*, função pela qual, como ele mesmo declarou, recebia "gratificações monetárias por parte dos operários"[109].

O processo de expulsão de Ovidi, em 1917, leva a pensar que existia um conflito étnico e estratégico no seio da associação, pois as cinco testemunhas que o acusaram eram membros brasileiros da *União dos Pintores*, que, contrários à maioria que havia eleito

[107] Não se sabe se em 1870 ou 72, pois ele mesmo confunde as duas datas. IV delegacia auxiliar, São Paulo, 31-08-1917 e Auto de Qualificação, São Paulo, 14-11-1919, in: ANRJ, IJJ7, n. 137, processo de expulsão de Ovidi, Alfredo.
[108] Ibidem.

Ovidi, sustentavam a idéia de que a associação de classe deveria entrar em greve somente em casos específicos, deixar de lado as greves de solidariedade e as gerais e consideravam que a *União dos Pintores* deveria ter uma função mais mutualista e corporativa (controle da mão-de-obra e da profissão) do que sindical[110].

Em 1919, Ovidi foi novamente indiciado como secretário da *União dos Pintores* e sócio da reconstituída *Federação Operária de São Paulo* e desta vez a sua expulsão é realizada definitivamente[111].

Também no caso de **Angelo Caneza**, podemos observar a presença de um conflito no seio da liga operária por ele fundada e da qual ele tornou-se logo secretário, em 1919, em Salto. Caneza nasceu na França, em 1883, de pais italianos emigrados para a Provença, mas desde criança tinha vivido na Itália, não sabemos onde exatamente; todavia, sabendo que os fluxos migratórios temporários para o sul da França eram predominantemente das regiões do noroeste da Itália (Piemonte, Liguria e províncias ocidentais da Lombardia) e da Toscana, podemos imaginar que ele era, provavelmente, de uma destas regiões[112].

Sabemos, todavia, que, quando foi processado, Caneza estava no Brasil há pouco tempo, alguns poucos anos, mas não sabemos se ele veio da Argentina, do Uruguai ou diretamente da Itália.

---

[109] IV delegacia auxiliar, São Paulo, 31-08-1917, Ibidem.
[110] Ibidem.
[111] Repartição Central de Polícia, 31-08-1917, Ibidem.
[112] Gabinete de Investigações e Capturas, São Paulo, 31-03-1920, in: ANRJ, IJJ7, n. 139, Processo de Expulsão de Caneza (ou Canezzi), Angelo.

Em São Paulo, Caneza era membro da *Liga dos Canteiros de Ribeirão Pires*, núcleo mais importante da atividade sindical dos canteiros em São Paulo, a seção mais consistente da *União dos Canteiros do Estado de São Paulo*[113].

Todavia, o processo mostra como a atividade das ligas do interior estavam intimamente ligadas às de São Paulo e arredores, e que havia uma certa mobilidade, dentro do estado de São Paulo, de muitos trabalhadores, não somente, como é amplamente conhecido, das fazendas ou dos centros do interior para a capital, mas também da capital para o interior[114].

Caneza, por exemplo, foi trabalhar temporariamente, em fevereiro de 1920, em uma pedreira de Salto, onde, após algum tempo, promoveu a fundação da *Liga Operária de Salto*, aberta a todos os ofícios e nacionalidades, da qual se tornou secretário, recebendo um salário mensal de 200$000 réis.

Mas a sua atividade de secretário é questionada, pelo fato de ele ser um estrangeiro, pelos membros brasileiros inscritos na nova liga de Salto, alguns dos quais até abandonam a liga por este motivo[115].

A atividade sindical de Caneza, todavia, não se limitou à sua participação no sindicato de sua profissão, e nem aos acontecimentos de Itú, mas realizou-se num âmbito mais amplo, uma vez que ele presenciou, como delegado da *União dos Canteiros do Estado de São Paulo*, a formação de outras ligas de ofício ou confederações sindicais locais, em vários centros, tais como São Bernardo, Sorocaba e Campinas, no período compreendido

---

[113] O processo conserva até os recibos de 1919 e 1920 das contribuições mensais ao Sindicato dos Canterios de Ribeirão Pires no nome de Angelo Caneza, Ibidem.
[114] A este propósito ver também a seção de anúncios econômicos e "Comunicati" do *Fanfulla* ao longo período 1890-1920.
[115] Delegacia de polícia, salto de Itú, 26-03-1920, in: ANRJ, IJJ7, n. 139, Processo de expulsão de Caneza (ou Canezzi), Angelo.

entre 1918 e 1920, e coordenando a atividade destes sindicatos em várias greves parciais e gerais[116].

[116] II delegacia auxiliar, Gabinete de Investigações e Capturas, São Paulo, 31-03-1920, Ibidem.

p. 545, A sede e os sócios da direção do *Recreio da Barra Funda*, grupo recreativo que logo depois transformou-se na sociedade de socorro mútuo *Unione Operaia di Mutuo Soccorso di Barra Funda*. A *Unione* freqüentemente hospedava nesta sede as reuniões de diversas ligas operárias (sobretudo da dos pedreiros) e desempenhou um papel importante de apoio em todas as greves: a maioria de seus sócios era formada por militantes socialistas. Na foto superior são evidentes toda uma série de elementos simbólicos socialistas e republicanos, como a bandeira vermelha e o aperto fraterno das mãos dos dois sócios em baixo, bem na frente (que indicava também o mutualismo): neste caso, como a sociedade mútua ainda não tinha sido fundada, era um evidente indício do solidarismo socialista e republicano. Se a comparamos com a foto da direção da *Ettore Fieramosca*, aparece evidente também a falta absoluta de símbolos nacionais italianos: nenhum dos sócios utiliza faixas com as cores da Itália e nem há bandeiras italianas, o único distintivo é o oficial do *Recreio* que os sócios levam na parte esquerda (perto do coração) (*Il Brasile e gli Italiani*. Firenze, Edizioni Fanfulla, Bemporad e Figlio, 1906).

p. 548, Alcibiade Bertolotti (esquerda) e o irmão Guido na entrada de sua livraria na Rua F. de Abreu (c. 1905). (*Il Brasile e gli Italiani*. Firenze, Edizioni Fanfulla, Bemporad e Figlio, 1906).

p. 549, Salas internas da livraria dos Bertolotti, onde se vendiam também opúsculos socialistas. Na época era a maior livraria italiana do país. Alcibiade Bertolotti está atrás do balcão esquerdo (*Il Brasile e gli Italiani*. Firenze, Edizioni Fanfulla, Bemporad e Figlio, 1906).

p. 551, Cartão postal com a imagem de Enrico Ferri enviado a Donato Battelli (quando ainda morava em Bolonha, em 1901 e era correspondente da Itália pelo *Avanti!* de São Paulo) por um companheiro do partido. Na época, Enrico Ferri era o líder da esquerda do PSI: era o período da difusão de um verdadeiro mito *ferriano* entre os militantes socialistas. Donato Battelli nasceu em Ancona em 1883 dentro de uma família da Emilia Romagna. Até 1903, quando foi para o Brasil para substituir o irmão Alcibiade como redator do *Avanti!* de São Paulo, era funcionário das ferrovias em Bolonha, onde participava assiduamente dos grupos socialistas locais. Até 1912 militou nos núcleos socialistas de São Paulo. Não se sabe com certeza quando voltou definitivamente para a Itália, porém nos anos trinta tentou expatriar para São Paulo, por causa da repressão fascista, mas não lhe foi concedido o passaporte. O irmão Alcibiade, mecânico, mais velho de quase 10 anos (nasceu em 1875 em Rimini), emigrou para São Paulo em 1899, chamado pelo irmão Mario, empreiteiro de obras de construção. Em 1902 foi, com Lorenzo Monaco, delegado da federação socialista paulista ao congresso do PSI em Imola. Em 1903 se tornou secretário da *Camera del Lavoro* de Bugerru, na Sardenha, um dos maisore núcleos de mineiros da Itália, graças à atividade de organização das ligas operárias paulistanas dos anos precedentes.
(Minha coleção particular. A imagem foi doada por Paolo Pivi, de Modena, que possui um rico acervo particular de imagens do movimento operário italiano, sobretudo socialista).

p. 553, Página de *O Socialista* dedicada a vários hinos socialistas italianos cantados também em São Paulo. Podemos ver o mais importante deles, o *Inno dei Lavoratori* de Filippo Turati, hino oficial do PSI. (*O Socialista*, n. 48, 1-5-1897).

p. 554, *Inno dei Lavoratori*, música. (*Il Ribelle*, São Paulo, 1909).

p. 555, Um dos primeiros números do *Avanti!* de São Paulo (24-11-1900).

p. 556, Propaganda de assinatura para receber o *Avanti!* de São Paulo durante o ano de 1901. (*Avanti!*, São Paulo, 1901).

p. 558, 559, 560: Diferentes números do *Avanti!* de São paulo dedicados ao 1° de Maio (*Avanti!*, São Paulo, de 1901, 1907, 1908).

p. 561, Número do *Avanti!* de São Paulo dedicado à greve de 1907. Na primeira página notamos o boletim da FOSP que era publicado todos os dias.

p. 562, Fotografia de Achille Perseguiti tirada pela polícia italiana (ACSR, CPC, b. 3878, fascicolo Achille Perseguiti). Perseguiti era de Reggio Emilia, uma das capitais do socialismo italiano, onde nasce em 1870. Como os militante das geração de Bertolotti participou do processo de formação do movimento socialista na Itália, na sua região. Em Reggio, em 1892 participa da fundação, com Prampolini, do núcleo do PSI em Reggio. Até a sua data de emigração para São Paulo, em 1900, provavelmente, depois de uma passagem em Buenos Aires e Montevidéu de dois anos, tinha sido tesoureiro e secretário da poderosa Cooperativa dos camponeses jornaleiros (*braccianti*) da província de Reggio Emilia, que era o centro mais importante do cooperativismo agrário na Itália. Desde a sua chegada em São Paulo fez parte do Centro Socialista Internazionale e do grupo editor do *Avanti!* quase sempre com funções diretivas. Participou das greves de 1907 e ajudou nas de 1917. Morreu em São Paulo, ainda antifascista em 1928.

p. 563, 564, 565, Diversas carteirinhas do socialista Fosco Pardini antes de sua emigração para São Paulo, três da organização juvenil do PSI e uma de correspondente de Livorno e Massa do jornal socialista *L'Avanguardia* (era o mesmo jornal onde, naquele período, escrevia Antonio Gramsci, como correspondente de Turim).
(AESP, DEOPS, Pront. n. 130.598)

p. 566, Trabalhadores do Cotonifício Crespi em 1917, um dos locais onde se iniciou a greve geral de 1917 (DIM-DPH).

p. 567, Enterro do sapateiro Martinez, vítima dos embates ocorridos durante a greve geral de 1917: duas bandeiras vermelhas, segundo *Fanfulla*, acompanharam o cortejo. (AEL, Unicamp).

A-3-1-26

STATUTO

della

Società Italiana di Mutuo Soccorso

LEGA LOMBARDA

FONDATA IN S. PAOLO IL 1.º LUGLIO 1897

Brasile

Uno per tutti, tutti per uno

Riformato ed approvato dall'Assemblea generale straordinaria
il 23 Gennaio 1910 e legalmente registrato

543

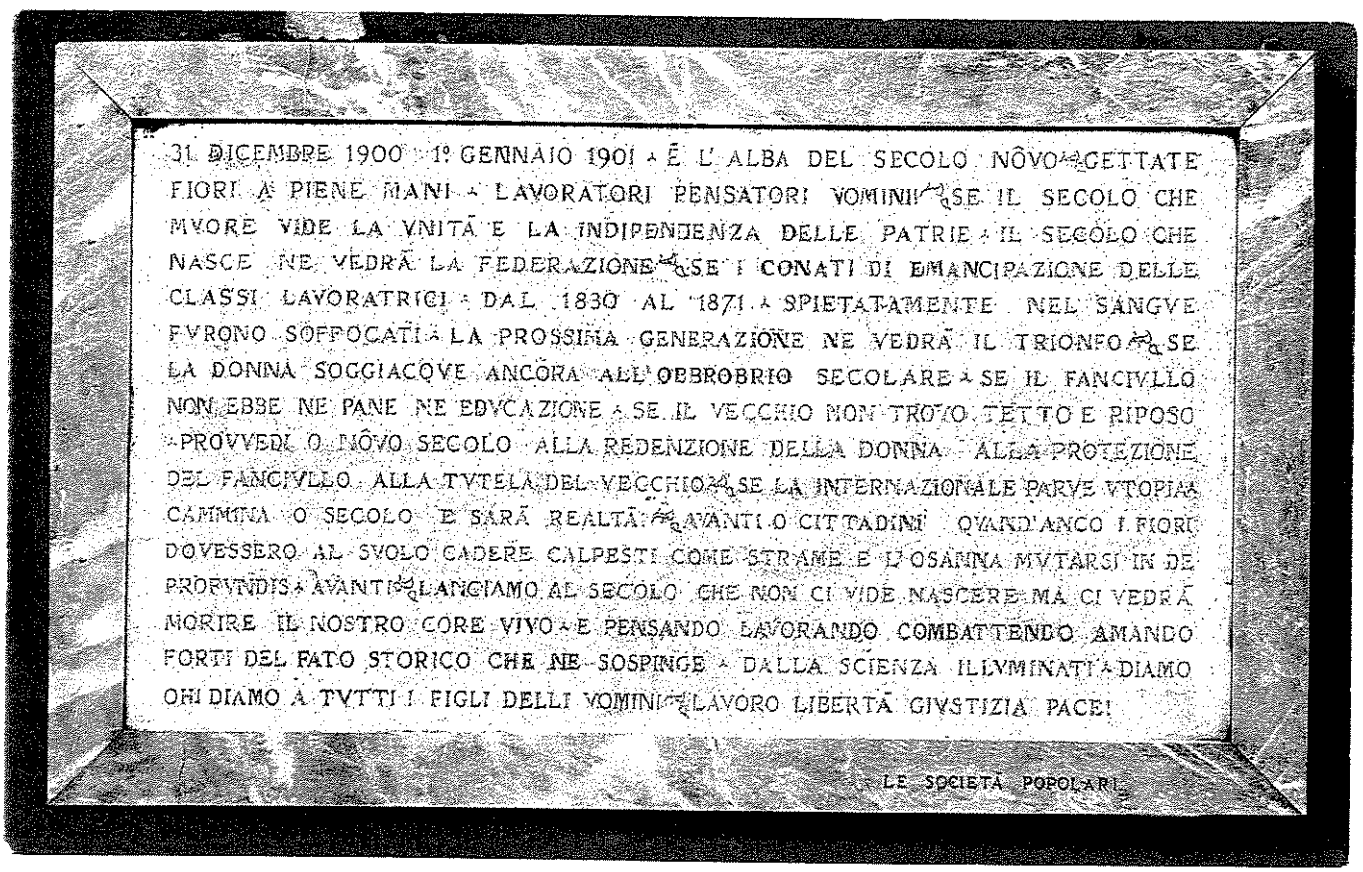
S. Paolo
TYP. IDEAL — Flli. CANTON — Ladeira Sta. Ephigenia, 3
1910

A direção e a banda da *Società Operaia di Mutuo Soccorso Istruttiva e Ricreativa "Ettore Fieramosca"* Alguns elementos claros sugerem a sua posição política: os retratos do rei e da rainha da Itália estão bem expostos, e a foto foi tirada na sede do Clube Atlético Paulistano (clube esportivo e recreativo da classe média), como se pode ver pelas letras do clube no alto à direita. No centro da bandeira pode-se enxergar o cavaleiro Fieramosca (*Il Brasile e gli Italiani*. Firenze, Edizioni Fanfulla, Bemporad e Figlio, 1906).

Recreio da Barra Funda di S. Paulo.

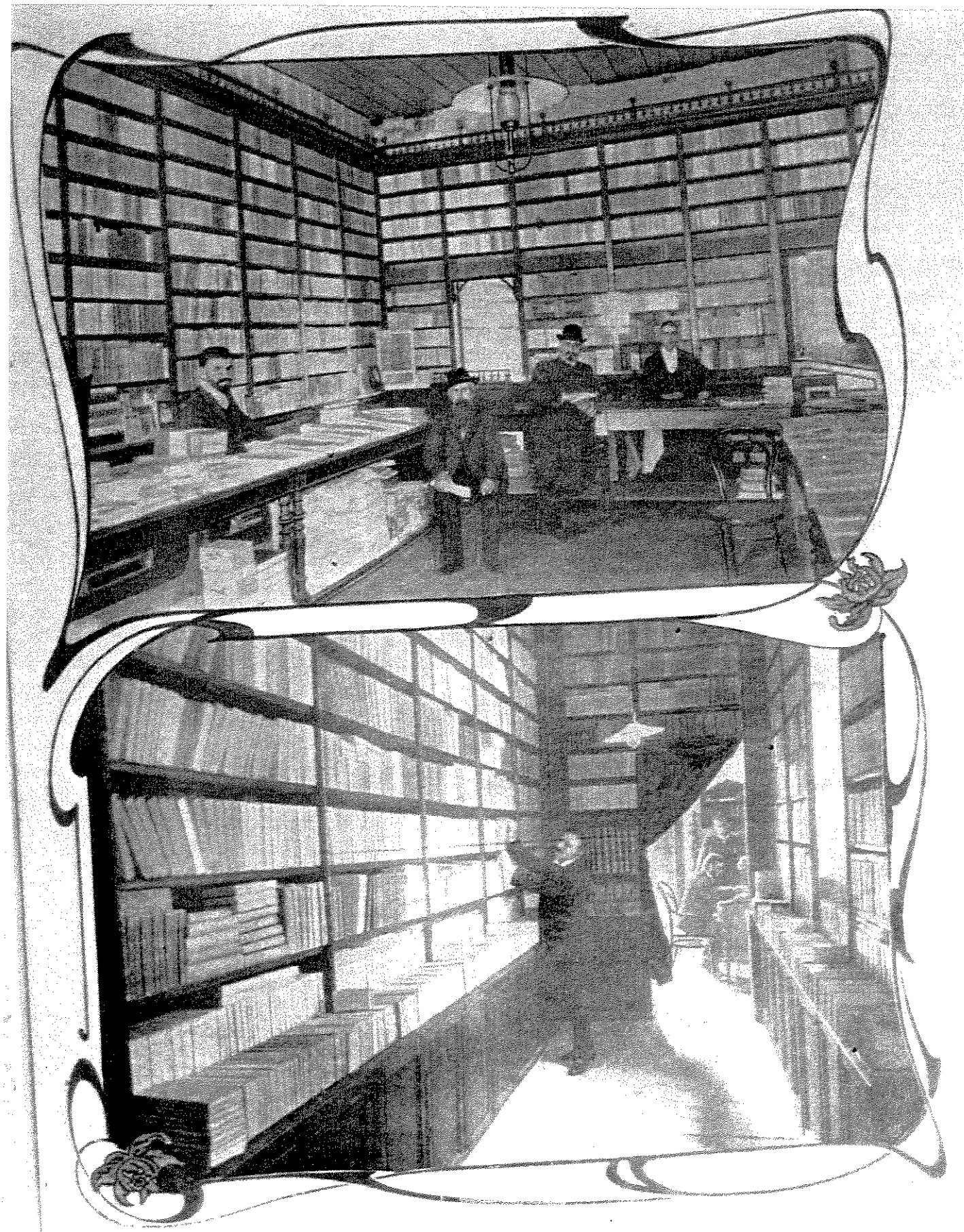
As esperanças do século que morre, são as lutas do século que nasce. Fotografia da placa de mármore (1x2m.) que ainda hoje está na parede externa da prefeitura de Imola, posta em 1902 pelas sociedades populares por ocasião da vitória nas eleições municipais da aliança partido socialista – partido republicano: Imola foi o primeiro muncípio italiano governado pelos socialistas. O texto é de Andrea Costa.

"31 de dezembro de 1900 – 1 de janeiro de 1901. É o amanhecer do século novo. Joguem flores de mãos cheias, trabalhadores, pensadores, homens. Se o século que morre viu a unificação e a independência das pátrias, o século que nasce verá a sua federação. Se os motos de emancipação social das classes trabalhadoras foram sufocados, a próxima geração verá o seu triunfo. Se a mulher ficou no horror secular, se a criança não recebeu pão nem educação, se o velho não encontrou teto e descanso, ó século novo!, conceda a redenção da mulher, a proteção da criança, o cuidado do velho. Se a internacional pareceu utopia, anda ó século, e será realidade. Avante cidadãos, até se as flores tivessem que ser pisadas e o *hosana* mudar-se em *de profundis*, Avante!. Lançamos ao século que não nós viu nascer, ma verá nos morrer, o nosso coração vivo, e pensando, trabalhando, combatendo, amando, fortes d destino histórico que nos empurra, iluminados pela ciência, vamos dar, sim vamos dar a todos os filhos do homem, trabalho, liberdade, justiça, paz!



(Fonte: *Il Brasile e gli Italiani*. Firenze, Edizioni Fanfulla, Bemporad e Figlio, 1906)

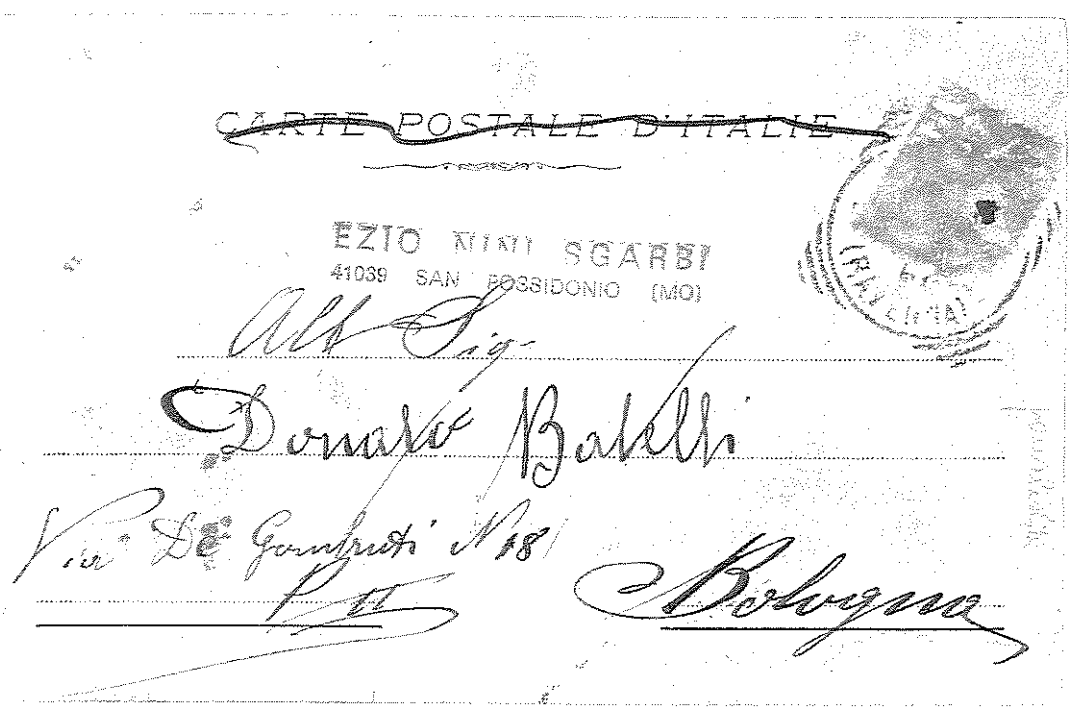
LIBRERIA ITALIANA



Cartaz do comício do médico Cesare Sartori em Bassano del Grappa (na região Veneto), 1897.
Cesare Sartori nasceu em 1867, perto de Vicenza, e foi um dos tantos militantes socialistas italianos que atuaram também em São Paulo. Era membro do PSI desde sua fundação e ainda o era no final dos anos 30. Em 1900 foi eleito vereador em Padova pelo PSI. A partir de 1901, todavia, passava vários meses como médico nos navios de passageiros entre Itália e América do Sul, atravessando diversos períodos de militância em São Paulo e Buenos Aires (em 1902 recebia o *Avanti*! de São Paulo na Itália). Por causa da propaganda que fazia nos navios o CGE o excluiu como médico para navios de emigrantes. Como médico exerceu sua profissão sempre entre os trabalhadores. De 1902 a 1912 morou no Brasil, antes em São Paulo, onde continuou sua militância política e depois em Lages (SC), de onde se comunicava com o centro de São Paulo. Entre 1912 e 1918 voltou a viver na Itália, sem deixar de continuar sua atividade no PSI, mas voltou a Santa Catarina em 1919, onde ainda vivia nos anos 40.
(fonte imagem: *Almanacco Socialista. Le immagini del Socialismo. Comunicazione politica e propaganda del PSI dalle origini agli anni ottanta.* s.l., s.d.).

ENRICO FERRI

Ditta E. Lavagna & Figlio – Ravenna



RITRATTI *somigliantissimi* in colori ad olio inalterabili su tela e su arazzo

DI

CARLO MARX, MAZZINI E GARIBALDI

indicatissimi per Associazioni, Circoli, Fasci operai, ecc

Questi somiglia**n**tissimi ritratti (ognuno di cent. 70 di altezza per 50 di larghezza) dipinti su tela in colori inalterabili ad olio ed eseguiti con somma maestria d'arte costituiscono il più degno omaggio alla memoria dei tre grandi che raffiguran**o**. I prezzi a cui li cediamo ai nostri lettori sono quasi eguali a quelli delle volgarissime oleografie finora in uso. **Prezzi:** *uno* a scelta dei tre ritratti: sole L. **4.**— (invece di lire 10) se su tela, ovvero L **8** (invece di lire 16) se su arazzo — *due* a scelta: sole L **7.50** (invece di lire 20) se su tela, ovvero L. **15** (invece di lire 30) se su arazzo — *tre* a scelta: sole L. **10,50** (invece di lire 30) se su tela, ovvero di L. **21.**— (invece di lire 45) se su arazzo.

Per le ordinazioni rivolgersi all'unica Depositaria Ditta LE INVENZIONI PRATICHE, via del Palazzo Reale N. 3-A - MILANO. — Per spedizioni fuori di Milano (che si eseguiscono immediatamente, ma solo contro anticipato ricevimento dell'ammontare a mezzo di vaglia) aggiungere per spese d'imballaggio e di porto: **una lira per 1 a 12 Quadri se per l'Italia, oppure una lira per 1 a 3 Quadri se per l'Estero.**

Propaganda no jornal *Avanti!* italiano de retratos de Mazzini, Marx e Garibaldi "indicadíssimos para associações, círculos, feixes operários, ecc." diz a propaganda (início do século XX). Ainda por muitos anos as figuras dos três santos leigos da Itália continuaram a vigiar por perto nas mesmas salas e nas mesmas paredes de tantos círculos políticos, ignaros de tanta "confusão" ideológico-simbólica. Também em São Paulo eram vendidos retratos deste tipo.

(*Almanacco Socialista. Le immagini del Socialismo. Comunicazione politica e propaganda del PSI dalle origini agli anni ottanta*. s.l., s.d.).

mmemorativos, como a Marselheza e outros. Ás 2 horas, os socialistas, incor-
s, percorrerão as seguintes ruas: Formosa, Seminario, Brigadeiro Tobias, Senador
Florencio de Abreu, Libero Badaró, Direita, 15 de Novembro, S. Bento, Largo de S.
o, Riachuelo, Marechal Deodoro, e Santa Thereza, séde do Centro do Partido De-
mocrata Socialista onde se dissolverão

DE MAIO!

il conquistando
ponderação so-
dicações.
rae mostrar á
que os prose-
cial conjuncta-
adeptos, os ex-
mundo, hão de
uma sociedade
ora!
i mostrar com
aos dictadores
ambem é «Le
tem religião,
te!
ae mostrar a
e-lo contra a
pelo homem,
indomavel da
capitalismo e
da evolução
sociedade jus
complemen-
fim, vai mais
nas crenças, a
ções que é a
dia solemne.
»!
o não é só o
se proletaria,
eclamação ao
é tambem o
balhadora á
e se chama
oria dos cri-
muitos dos
do «Dia Nor-
go, uma ci-
s-americana,
le Novembro)
r essa «Re-
dos nossos
outros de-
de reclamar
e oito horas
primeiro de
festiva da
tambem o
e possante
icarios que
le reclama-
Maio!
SERTIE

La vera Pasqua

Verrà mai un giorno in cui l'uomo non stenderà la mano tremula innanzi all'altro uomo e tutti avranno una casa ed una voce amica? Quel giorno a qualunque stagione arrivi ed in qualunque ordine della settimana, quel giorno è Pasqua.

Sul mare odo gemiti di gente ignota che va a terre lontane e sul lido parole rotte di persone, povere, che non si rivedranno. Oggi non è Pasqua.

Verrà il giorno in cui il ferro non sarà legge e l'oro non sarà Dio; un giorno in cui il dovere sarà religione e sola nobiltà il lavoro? Santificate quel giorno: è «Pascha sanctum!»

Oggi in Francia, oggi in Russia, in Irlanda ed in Polonia, oggi in Italia si piango. Pietre di Asia e di Africa coprono gli uccisi e nessuno ha ancora spezzata la pietra. Chi ha detto che oggi è Pasqua?

Sorgete dalle mine, dalle caverne, dai tuguri, destinatevi al dominio della terra, spuntate la tracotanza ai flagellatori, alitate lo spirito sulla faccia dei tiranni. Tal'è la «resurrezione», tale la Pasqua.

GIOVANNI BOVIO.

1.° DI MAGGIO

Arando i campi, vangando il suolo
fertile rendo la roccia, il piano,
e per mercede tormenti e duolo
mi dà la vita di agricultor.
Lascia l'aratro, la vanga infida
arma la mano, vieni con me,
dei proletari udi le grida;
Sii tu del mondo Signore e Re.

Giù per le mine negli atri specchi
passo le notti della mia vita,
e là mi giungono lontani gli echi,
dei miei figliuoli che chiedon *pan*.
Lascia il piccone, la vecchia tampa
arma la mano, vieni con me;
dalle mie strette il *reo* non scampa,
tu minatore, sei Duce e Re.

Nell'officina da mane a sera
lavoro il misero; ma i miei figliuoli
invan rivolgono ai ciel preghiera
per casi il *Ricco pane non ha*.
Lascia il martello, la sega, i chiodi
arma la mano, vieni con me;
là per le valli stan mille *prodi*
che proclamaron: **Popolo è Re.**

Dei proletari sento i lamenti,
degli affamati l'arrido grido,
veggo lo scempio... veggo i tormenti
che loro impone l'*empio signor*.
Lascia le lagrime, lascia i lai,
armin la mano, vengan con me:
di Maggio ai tiepidi benigni rai
sia proclamato: **Popolo è Re.**

Tu fosti *schiavo* del ricco avaro
che di staffile ti nutriava:
ma con esempio unico e raro
tu debellasti la schiavitù.
Arma la mano oggi di nuovo...
Bando ai timori, vieni con me,
[illegible] sarà [illegible] nuovo
tu della terra nell'esser *Re*.

Tu fosti *servo* del signorotto,
che del tuo sangue fece mercato;
ma del servire fu il patto rotto
quando sorgesti con vera fè.
Arma la mano, scendi sul campo,
arma la mano, vieni con me,
al balenare del nostro lampo
cadranno i Despoti, cadranno i Re,

Ed or tu vivi qual *solariato*
sotto la sferza del capitale...
oh *l'*... ti sorvenga del tuo passato...
dimanda i **Dritti** dell'**Egualità**.
Non *schiavo* e *servi*, non salariato
arma la mano, vieni con me.
convinca che il *vile* proletariato
sia della Terra l'unico Re.

Tu sei la fonte delle ricchezze,
e soffri, umile, miseria e fame,
della natura virtù e bellezze
s'appropria il vile tuo domator,
Sorgi alla fulgida luce di Maggio;
arma la mano, vieni con me:
sorgi a combattere tanto servaggio;
sei della Terra l'unico *Re*.

Prof. Spiridione De' Medici Dilotti.

Santos, 1.° di Maggio 1893.

BRAVO!

Quando pe' i campi ondeggiano
Biondi mari di spiche,
E' l Sol ride ne'i grappoli
Delle colline apriche,
E i pomi e i cedri pendono,
Maturi e profumati,
Da i rami — e lieti pascono
Gli armenti per in mezzo ai prati,

Ripencando alle lacrime
Dell'oppresso villano
Che sfidò geli e turbini,
Del pan dei figli **Invano!**
Strofe d'ira m'rompono,
Dal sen fremente e, in core,
Anelo onta e miseria
Al losco sfruttatore.

Quando il Sole nascondesi,
Quasi gemendo, in mare
E le stelle incominciano,
Pe'l vuoto, a luccicare.
Ed un mesto silenzio
Sembra inviti al riposo
Lo stanco orriero, l'orfano
E i mendicante annoso,

Prepotente nell'anima,
D'onta, un desio m'assala — —
Ed impreco ai tripudio
Delle suonanti sale,
Ove mille scintillano
Faci, emule al giorno,
E cento oziosi ruttano
A lauto mensa intorno.

Quando, vinte le tenebre,
L'oriente colora
Il nuovo dì — e salutano,
Ermi e città l'aurora
Con un *fragor* d'incudini
Percosse, di stridenti
Pulegge, e aranti Omeri
E martelli cadenti,

Maledico all'inutile
Ch'osa dirsi civile...
A colui che dall'orgia
Riede briaco e, vile!
l'orre quasi a nascondersi,
Del nuovo giorno al lume,
Sotto preziosi coltri
Di mai sudate piume.

Oh — sì! — fremo e bestemmio
Contro ch'il vinto opprime,
E con l'alto instancabile
Di mai vendute rime.

Chiamo gli orrieri all'agape
Del ver — l'Orco sfidando
Che ha per legge l'arbitrio
E per ragione il brando.

Ma quando, umil curvandosi
Ai grassi **Re dell'oro**
Chieder pietà! giustizia!
E pan riedo **al lavoro...**
Più non fremo e bestemmio
Contro il gaudente prete
Ma grido invece all'**onto**:
Bravo! tre volte bravo!

PINI ALESSANDRO.

Inno dei Lavoratori

Su! fratelli, su! compagne,
su! venite in fitta schiera;
sulla libera bandiera
splende il sol dell'avvenir.

Nelle pene e nell'insulto
ci stringemmo in mutuo patto;
la gran causa del riscatto
Niun di noi vorrà tradir.

Il riscatto del lavoro
dei suoi figli opra sarà;
o vivremo del lavoro,
o pugnando si morrà.

La risaia e la miniera
ci han fiaccati ad ogni stento;
come i bruti d' un armento
siam sfruttati dai signor.

I signor per cui pugnammo
ci han rubato il nostro pane;
ci han promesso una dimane
la diman si aspetta ancora.

Il riscatto del lavoro, etc.

L'esecrato capitale
nelle macchine ci schiaccia;
l'altrui solco queste braccia
son dannate a fecondar.

Lo strumento del lavoro
nelle mani dei redenti
spenga gli odi fra le genti
chiami il dritto a trionfar

Il riscatto del lavoro, etc.

Se divisi siam canaglia,
stretti in fascio siam potenti;
sono il nerbo delle genti;
quei che han braccia, e quei che han cor.

Ogni cosa è sudor nostro;
noi disfar, rifar possiamo;
la consegna sia: sorgiamo!
troppo lungo fu il dolor.

Il riscatto del lavoro, etc.

Maledetto chi gavazza
nell'ebbrezza e nei festini,
fin che i giorni um uom trascini
senza pane e senza amor!

Maledetto chi non geme
dello scempio dei fratelli.
chi di pace ne favelli
sotto il pie' degli oppressor.

Il riscatto del lavoro, etc.

I confini scellerati
cancelliam dagli emisferi:
che i nemici, gli stranieri
non son lungi ma son qui.

Guerra al regno della guerra!
Morte al regno della morte!
Contro il dritto del più forte
forza, amici! è giunto il dì!

Il riscatto del lavoro, etc.

O sorelle di fatica,
o conserti negli affanni,
che ai negrieri, che ai tiranni,
deste il sangue e la beltà,

Agli imbelli, ai proni al giogo;
mai non splenda il vostro riso!
un'esercito diviso
la vittoria non corrà.

Il riscatto del lavoro, etc.

Se uguaglianza non è frode,
fratellanza un'ironia,
se pugnar non fu follia
per la santa libertà;

su! fratelli, su! compagne,
tutti i poveri non servi;
cogli ignavi e coi proservi
il transigere è viltà.

Il riscatto del lavoro, etc.

F. TURATI.

FOLHAS SOCIALISTAS

Temos em nosso salão as seguintes folhas socialistas que recebemos pelo ultimo correio:

BRASIL
ECHO OPERARIO—R. G. do Sul.
A EPOCHA—Ceará.
VOZ DO OPERARIO—Bahia.

PORTUGAL
FEDERAÇÃO—Lisbôa.
A OBRA—Lisboa.

FRANÇA
LES TEMPS NOUVEAUX—Paris.

ALLEMANHA
POSTILLON—Munich.
HOLZARBEITER-ZEITUNG - Hamburg
LEIPZIGER VOLKSZEITUNG - Leipzig.

ITALIA
ERA NUOVA—Genova.
FUTURO SOCIALE—ROMA.

AUSTRIA
DER ZEITGEIST—Vienna.
GAZETA ROBOTNICZA (bohemia).

AMERICA DO NORTE
BAKERS' JOURNAL—Brooklin.
FREIDENKER—Milwaukee
FUR UNSERE JUGEND—Cincinnati.
VORWARTS—New-York

HESPANHA
LUCHA DE CLASES—Bilbao.
AURORA SOCIAL—Gijon.
BOLETIN TYPOGRAPHICO — Madrid.

REPUBLICA ARGENTINA
LA VANGUARDIA
EL PERSEGUIDO
L'AVVENIRE
LA REVOLUCION SOCIAL.

Além destes jornaes genuinamente socialista, possue o Centro grande numero de jornaes que o distinguem com as suas presenças.

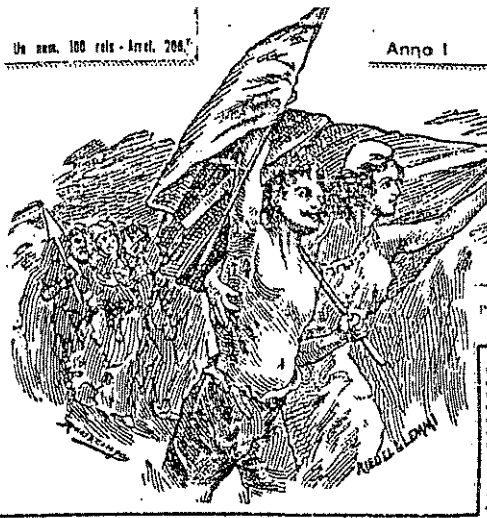
INNO DEI LAVORATORI

Lavoratori, nell'unione sta l'amore e la forza, e coll'unione sola vincerete!
Organizzatevi!

FATE LEGGERE Il Ribelle

Un anno, 100 reis - Anni. 200 [illegible]

Anno I — S. Paulo (Brasile) 24 Novembre 1900 — Num. 6



Arquivo "EDGARD LEUENROTH"
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
UNICAMP

Avanti!

PERIODICO SETTIMANALE

Prezzi d'abbonamento
Per tutto il Brasile: Anno 10$ - Sem. 5$ — Trim. 3$
Per annunzi ed inserzioni e pagamento trattasi direttamente coll'Amministrazione.

Redattore-Responsabile ALCESTE DE AMORVA (Redattore ed Amministratore)
Largo da Memoria, 2 (p. t.) — S. Paulo (Casa Postale 8)
Non si restituiscono i manoscritti, ne si fan cenno di accettarli. Si respingono le lettere insufficientemente affrancate.

COSPIRAZIONI MONARCHICHE

All'ora in cui scriviamo è finalmente finito in Rio de Janeiro il processo contro Andrade Figueira e compagni, per la famosa cospirazione sebastianista. Ed è finito, come si aspettava, in una farsa molto allegra, malgrado i palloni gonfiati dalla sapiente retorica di Ruy Barbosa e la papavera serie delle epistole dirette dal *cancelliere* a Campos Salles e malgrado anche le scene commoventi di baci ed abbracci scambiati davanti al tribunale fra il principale accusato ed i suoi assistenti: i congiurati furono assolti.

Decisamente non volgono tempi propizi per le idealità monarchiche. Quelle ultime fronde di poesia che ancora coprivano l'albero disseccato, cadono ad una ad una, nella maniera più volgare e più ridicola.

Nessuno — nemmeno i giurati — prende più sul serio queste ultime "colonne del trono".

Una volta almeno i monarchici — in mancanza di meglio — sapevano battersi e morire. Il suolo della Vandea beveva il sangue dei gentiluomini, mescolato a quello dei contadini che avevano preso il fucile nel nomi di dio e del re. E il mondo plaudiva ammirato, anche non dividendo la fede che conduceva alla battaglia quei combattenti.

Ora non più: I monarchici si mettono in "collette nere e parrucca bionda" per cospirare umoristicamente; e, ieri in Francia, oggi qui in Brasile, danno lo stesso esempio di prudente e comoda riserva nei fatti pur facendo delle parole leonine.

Victor Hugo non scriverebbe certamente alcuna delle splendide pagine del suo *Nousdatrè* per questi burattini in paludamento da cospiratori in difesa del trono e dell'altare.

La tragedia non si rappresenta più. Ci troviamo del tutto nel regno dell'operetta. La "Figlia di Madama Angot" trionfa.

Decisamente non volgono tempi propizi per le idealità monarchiche.

Esse, agonizzano disperate là dove non sono già morte.

E gli ultimi difensori di esse, finiscono per seppellirle sotto la grave mora del ridicolo.

Se il governo della Repubblica in questo paese avesse abbastanza di spirito, duerebbe — dopo l'avvenuta assoluzione dei giurati ilarissimi — conferire un premio al *cancelliere* Andrade Figueira, poichè bene che ha fatto alle istituzioni attuali col suo cospiratorio conato.

Certi servizi non dovrebbero essere dimenticati; e la schiavaccia imperialista che il *jury* federale ha unanimemente assolto ne ha reso una assai grande al governo repubblicano, richiamando sul suo partito il ridicolo che uccide.

I giurati ben fecero ad assolvere.

Così si sgretolano e cadono le ultime parcti dell'edificio costruito in nome del diritto divino. Così la superstizione del passato tramonta senza speranza di risuscitare, fra il riso e lo scherno.

Anche la tradizione monarchica si sta oramai adagiando nella bara in ogni parte del mondo.

Pierre seppelit... e avanti per abbattere anche il diritto di proprietà!

Delizie della società presente

— Franco Padovano, impedicano, maestro di musica, giovane speranza dell'arte, si batte per salvarla dalla fame.

« Dovevan arte ripetono i nostri avversarii se trionfasse il socialismo ! ! ! »

— A Candana, nelle Alpi, è morta di Domenica Elisa di 17 anni, orfana, che provvedeva col suo lavoro a 6 piccoli, suoi fratelli e sorelle.

Il municipio le aveva rifiutato un sussidio di 10 lire; ora dovrà pensare a sei bocchini.

— A Bari fu condannato a due anni di reclusione un vecchio di 70 anni, arrestato mentre rompeva dei fanali.

Egli dichiarò di desiderare il carcere perchè si muriva di fame, e supplicò di darglì il massimo della pena.

Pensionata la condanna, ringraziò il pretore, e domandò una cella ben oscura perchè malato d'occhi.

Così si apre e così si chiude la vita ai diseredati nel bel paese

Avanti e... indietro

Sabendo all'*Avenida* in tram elettrico leggeva l'altra giorna in un giornale serotino un brano di prosa — ah, sì! — decadente, nella quale un cronista mondano profondeva a piene mani i più strabilianti aggettivi discrivendo una festa da ballo cui aveva assistito.

Non so perchè, nè per quale ragione associazione di idee, quello sguazzio di lirica borghese mi richiamò alla mente l'opera di un bizzarro ingegno, che fu proprio il più grande umorista dei filistei e dei borghesi: Voglio dire Arrigo Heine. Seguendo il filo dei miei pensieri, adagio, adagio arrivai a rammare gli ultimi capitoli di quel *Viaggio in Italia* che ritengo uno dei più simpatici lavori del grande poeta tedesco, e la memoria mia si fece con un strana insistenza sulla pagina dove parla di Don Chisciotte.

* * *

Non so se la ricordate. Dopo aver detto che la avventure di Cavaliere della Triste Figura, avevano sempre avuto virtù di destare in lui tristezza, anzichè allegria tanto da farlo piangere perfino, Arrigo Heine concludeva così presso a poco: « Del resto questo mio pietoso simpatia per l'eroe di Cervantes si spiega col fatto che c'è in me molta del Don Chisciotte.

Con questa differenza, però: che a Don Chisciotte i mulini a vento parevano, giganti, i montoni cavalieri e le fantesche di osteria grandi dame; e a me invece i nostri pretesi giganti sembrano mulini a vento non trovo nessuna differenza fra i mentiti ed i cavalieri che tutti salutano, e le nostre grandi dame ai nostri che somigliano maledettamente a delle fantesche di osteria, anche quando sono ingemmate in abiti di seta...

* * *

Ero giunto tuttavia all'*Avenida* e la mia fantasticheria cessò in traccia; non saprei oggi nè domando — ripensandoci sopra — come mai quel brano di prosa decadente e filistea d'un cronista mondano abbia potuto ricondurmi alla memoria le bizzarre considerazioni di Arrigo Heine su Don Chisciotte.

* * *

Il fatto che ricordo il nostro *Nino* nella *Storia di un colono*, riguardante la numerosa che faceva mettere ai suoi contadini il cav. Manfrin perchè non consigliassero l'uva durante la vendemmia, è pure incredibile a molti. E' per questo che voglio ripetere dal *Secolo* di Milano quanto segue, per dimostrare che il nostro *Nino* non ha per nulla esagerato:

« Un giornale di Venezia racconta che « un signorone veneto, grosso possidente, « ha adottato l'uso igienico di pesare i « contadini quando entrano nei suoi ri- « cinti e rendendosene e ripesarli poi « quando hanno finito il loro lavoro a « questo per assicurarsi che non gli man- « gino l'uva ».

Fra la numerosa e la bilancia non c'è poi grande differenza.

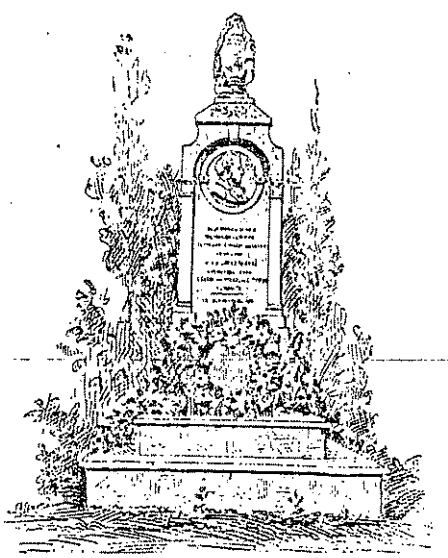
In una famiglia legale e borghese:

Il padrone (abbracciando la cameriera) Carol! tu vali cento volte di più che mia moglie

La cameriera (con soddisfazione). Lo so! me la ha detto anche il cocchiere che valgo di più della signora padrona.

Una dei tanti.

1830 — 1900



In memoria di Libero Badaró

Gli altri — i patrioti di professione — lo dimenticano; noi — i senza patria — vogliamo ricordarlo invece, questa purissima gloria italiana, questo grande che — dopo aver dato alla patria la sua miglior giovinezza — venne a dare qui il suo sangue per la Libertà.

Gli altri lo dimenticano: Vi fu, è vero, un tempo in cui la baldoria patriottica dei nostri borghesi infieri con grande strazio di commemorazioni e di conclavi, attorno alla memoria del martire; ma poi tutto è finito ed il nome di Libero Badaró fu riposto tra i ferravecchi.

Noi lo ricordiamo invece, nel 70° anniversario della sua morte, e lo rivendichiamo a noi.

Combattenti per una idea di giustizia e di Libertà, nell'assassinato per mano dei sicarii imperiali riconosciamo uno dei nostri, uno di coloro che ci hanno preceduti sull'aspro cammino che conduce alla meta cui miriamo.

Meglio assai che i patrioti di professione sordini perchè il nome di lui: Il labbro avvezzo a blasciare la parola dei corteggiano, mal può ripetere le lodi di chi sempre visse libero e seppe morire da libero.

A noi il rivendicare la santa memoria di questo i alinno dall'anima universale, suggellante col proprio sangue l'unione fra due popoli nella stessa idea di lotta contro la tirannide.

A noi il ripetere le profetiche parole ch'egli pronunziava morendo: *Muore un libertà, non muore la libertà.*

— — —

Riproduriamo qui sopra il modesto mausoleo eretto alla memoria di Libero Badaró nel cimitero della Consolação.

Non sarà inutile forse aggiungere qualche cenno biografico.

Libero Badaró nacque in Laigueglia (Liguria) nel 1798. Figlio di un medico prese egli pure la medicina carriera e si laureò giovanissimo in Torino. Addetto patriota — quando il patriottismo non era ancora un mezzo per riuscire ad aver qualche cosa — fu implicato nei moti del '21 e dovette fuggire.

Venne in Brasile, e subito seppe distinguersi tanto da essere nominato insegnante nell'Ateneo Paulistano, dove coprì la cattedra di professore di matematiche.

Ma il suo spirito inquieto non permise ch'egli si contentasse di queste soddisfazioni scientifiche. Fervente in quel tempo la lotta contro D. Pedro I ed il partito liberale conquistava nel paese. Libero Badaró vi si avventò e pubblicò un giornale in difesa del proprio programma. Il giornale si chiama: *O Libernador Constitucional* ed era liberale, antischiavista, battagliero.

Con questo fatto egli decretò la propria morte. Un attentato fu spedito dalla Corte opportunamente: e Libero Badaró veniva ucciso a colpi di revolver la sera del 20 Novembre 1830. Morì il giorno dopo pronunziando le parole riferite qui sopra.

Intorno all'ultimo Congresso Internazionale Socialista

Domando la parola è non certo per far della polemica con l'amico estimatissimo estensore del resoconto dal titolo « Il Congresso Internazionale Socialista » pubblicato nel n. 4 dell'*Avvenire*, ma semplicemente per rilevare certe inesattezze ed apprezzamenti in esso fatti a proposito del caso Millerand.

Esso dice che « il problema se un socialista possa o no prender parte al governo di una nazione è rimasto irrisolto, ma non per questo i borghesi possono smisuratamente rallegrarsi pregustando la gioia di uno scisma del Partito Socialista Internazionale ».

Ecco l'inesattezza negli apprezzamenti ed un fatto ormai troppo noto a tutti e non sapevi il perchè si debba anch'oggi negare, o meglio abbuiare ciò che in Francia, in Germania da diversi anni si discute apertamente e nei congressi e nei periodici dello stesso partito.

E ancora, per qualunque fatto, per qualunque avvenimento insomma, noi italiani, contrariamente ai popoli di altre nazioni — forse più civili, certo più avanzate — noi dunque abbiamo l'abitudine, o per carità di partito, o per paura sempre di far vedere ai pubblici le nostre miserie, di tacere col pretesto di dover lavare in [illegible] gli avversari.

Ma guardiamo anche in [illegible] fatto di cui discutiamo e domandiamo francamente: lo scisma esiste? [illegible] solo nella questione di tattica [illegible] pure [illegible] dell'ideale.

Fuori [illegible] esiste, in un modo manifesto — in tutto chiaramente che su un socialista entra al parlamento, vi entra per virtù di popolo ed è ciò che può anche chiamarsi un fatto rivoluzionario, ma il socialista che entra a far parte di un governo borghese, non è un eletto dalla maggioranza di uomini per lo meno affini al suo ideale, ma è una parte che apre la maggioranza nemica, perchè in piccola minoranza scenda a patti, e per la meno le serva di scudo agli attacchi personali degli oppositionisti sistematici.

E noi è da oggi che lo scisma esiste: non è pel caso Millerand che si è fatto sospetto. Questo fatto è un protesto come un altro, poichè Hebl, indubbiamente uomo di fede, prima di tanti strepiti scrisse nell'organo della Democrazia Tedesca che — e è certo che il partito ignora ch'esso scrivela nell'opportunismo, che la lotta di classe si rammorbidisce, che noi siamo sul punto di partecipare coi partiti delle riforme borghesi ».

E questo parteggiare si è tanto generalizzato ed adottato che *gli stessi* membri della montagna socialista Guesde, Chauvin e Cassari nel 1897 firmarono una proposta di legge per stabilire il monopolio governativo della raffineria — ciò che implicava — come avvenne poi la ferrovia (di triste memoria per la Francia) il cessatto del rimborso o degli edifici esistenti.

E questo non era già un fatto isolato, ma la tattica delle nuove idealità della nuova [illegible] socialista parlamentare.

Ferri, in Italia, dice che la socializzazione della proprietà avverrà per la concentrazione in poche mani dei beni esistenti ed espropriati per utilità pubblica dallo Stato. l'intransigente Guesde che accetta lo stesso metodo; Millerand che entra a far parte di un governo borghese e che accetta la solidarietà del massacratore della Comune. Bebel che pone in linea coparticipazione il cooperativismo sono confortati dalle parole di Liebknecht che nello stesso Congresso di Halle proclamò l'esistenza d'alleanza fra lo Stato Borghese e lo Stato Socialista.

Abbonamento straordinario all' AVANTI!

fino al 31 Dicembre 1901

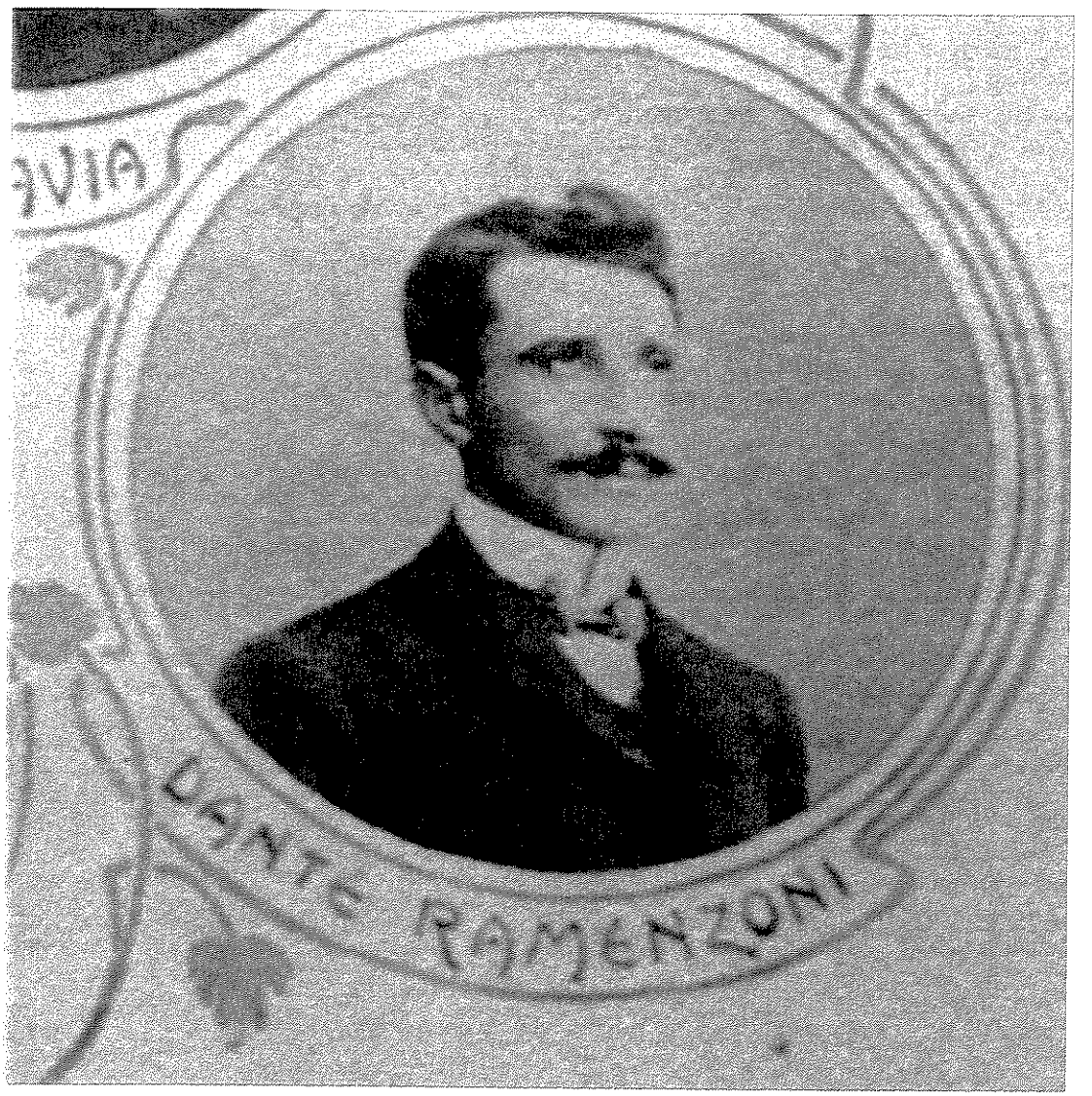
Chi invierà anticipatamente **Rs. 6,000** alla nostra Amministrazione rimarrà abbonato all'AVANTI! fino a tutto Dicembre (7 mesi), e riceverà in premio i seguenti tre bellissimi opuscoli di propaganda:

Il Garofano Rosso di E. De Amicis

I figli del 1. Maggio di F. Bonavita

Zola e il Socialismo (lettera al **The World**)

Inviare lettere e danaro all'Amministrazione dell'AVANTI! Caixa R. — S. Paulo



(fonte: *Il Brasile e gli Italiani*. Firenze, Edizioni Fanfulla, Bemporad e Figlio, 1906).

Arquivo "EDGARD LEUENROTH"
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
UNICAMP

S. Paulo 1.o *Maggio* 1901

Prezzi d'abbonamento

Per tutto (Anno rs. - Sem. rs. - Trim. rs.
il Brasile (10,000 5,000 3,000
Per gli altri paesi dell'estero il doppio

Un numero rs. 100 - *Arretrato* 200

Redazione ed Amministrazione:
Largo da Memoria n. 2, (Casa postale 8)
S. PAULO (Brasile)

Avanti!

giornale socialista

Num. speciale - 200 Rs.

Inserzioni a Pagamento

Rivolgersi direttamente all'Amministrazione
Non si restituiscono i manoscritti, nè si tiene conto di anonimi.
Si respingono le lettere non affrancate

Redazione ed Amministrazione:
Largo da Memoria n. 2, (Casa postale 8)
S. PAULO (Brasile)

Numero speciale del Primo Maggio -- Pubblicato a cura del Circolo Socialista „Avanti!"

Nel giorno solenne in cui i Lavoratori di tutto il mondo, affratellati dalla Idea Grande della redenzione, si uniscono e spiano in supremo rivolo tuonanti alla cadente rocca del Capitalismo, il nostro pensiero ed il nostro saluto vechino a quanti combattono, soffrono e sperano l'augurio di **Libertà, Pace, Lavoro.**

...edì 30 Aprile 1907

...BBONAMENTO:

...E 128 — TRIMESTRE 68
...ILE 28
...ro il doppio

... 100 — Arretrato rs. 200
...ettere non affrancate

Avanti!

GIORNALE SOCIALISTA QUOTIDIANO

Anno VIII

REDAZIONE E
Rua Boa V
Casa Postale 3

Non si restituiscono m
di anonimi.

Per le inser
rivolgersi direttam

PRIMO MAGGIO

Proletari, unitevi!

La festa dei lavoratori

Feste? Non era di certo l'intenzione dei compagni raunati a Congresso in Parigi nel 1889, quando decretarono che i lavoratori, indi innanzi, si sarebbero trovati in quel giorno, in tutto il mondo civile, a rivendicare i loro diritti, a protestare contro le ingiustizie sociali, a ricordare ai governanti e ai padroni che il proletariato esiste, che ha una coscienza, che ha una volontà, che ha una forza.

Molti ricorderanno le tempestose dimostrazioni dei primi anni, quando, per la prima volta, il proletariato di tutto il mondo civile, o tutt'al più in qualche città principale e nei primi anni, la manifestazione del 1. Maggio rivestì interamente il carattere che le si era voluto dare.

Molti ricorderanno le tempestose dimostrazioni dei primi anni, quando, per la prima volta, il proletariato di tutto il mondo civile, o tutt'al più in qualche città principale e nei primi anni, la manifestazione del 1. Maggio rivestì interamente il carattere che le si era voluto dare.

Festa differente dalle altre per l'incompleta sospensione del lavoro, per la non partecipazione della borghesia, per il forte colore socialista che indelebilmente la distingue, per la confraternizzazione più intima dei lavoratori, ma pur sempre festa.

Sappiamo che queste nostre speranze, che la «manifestazione del 1° Maggio», quale venne ideata e decretata nel Congresso del 1889, non avrebbe potuto mantenersi per lungh anni e sarebbe presto caduta in desuetudine come tutte le cose inutili.

Sappiamo che queste nostre speranze, che la «manifestazione del 1° Maggio», quale venne ideata e decretata nel Congresso del 1889, non avrebbe potuto mantenersi per lunghi anni e sarebbe presto caduta in desuetudine come tutte le cose inutili.

Sappiamo che queste nostre speranze, che la «manifestazione del 1° Maggio» in «festa dei lavoratori».

***

Qualunque sia il giudizio che si voglia dare di questa trasformazione, essa è un fatto palente contro il quale è inutile il ribellarsi. Accettiamolo dunque

Supplemento al numero 1995 dell' AVANTI!

straordinario

0.000 ESEMPLARI

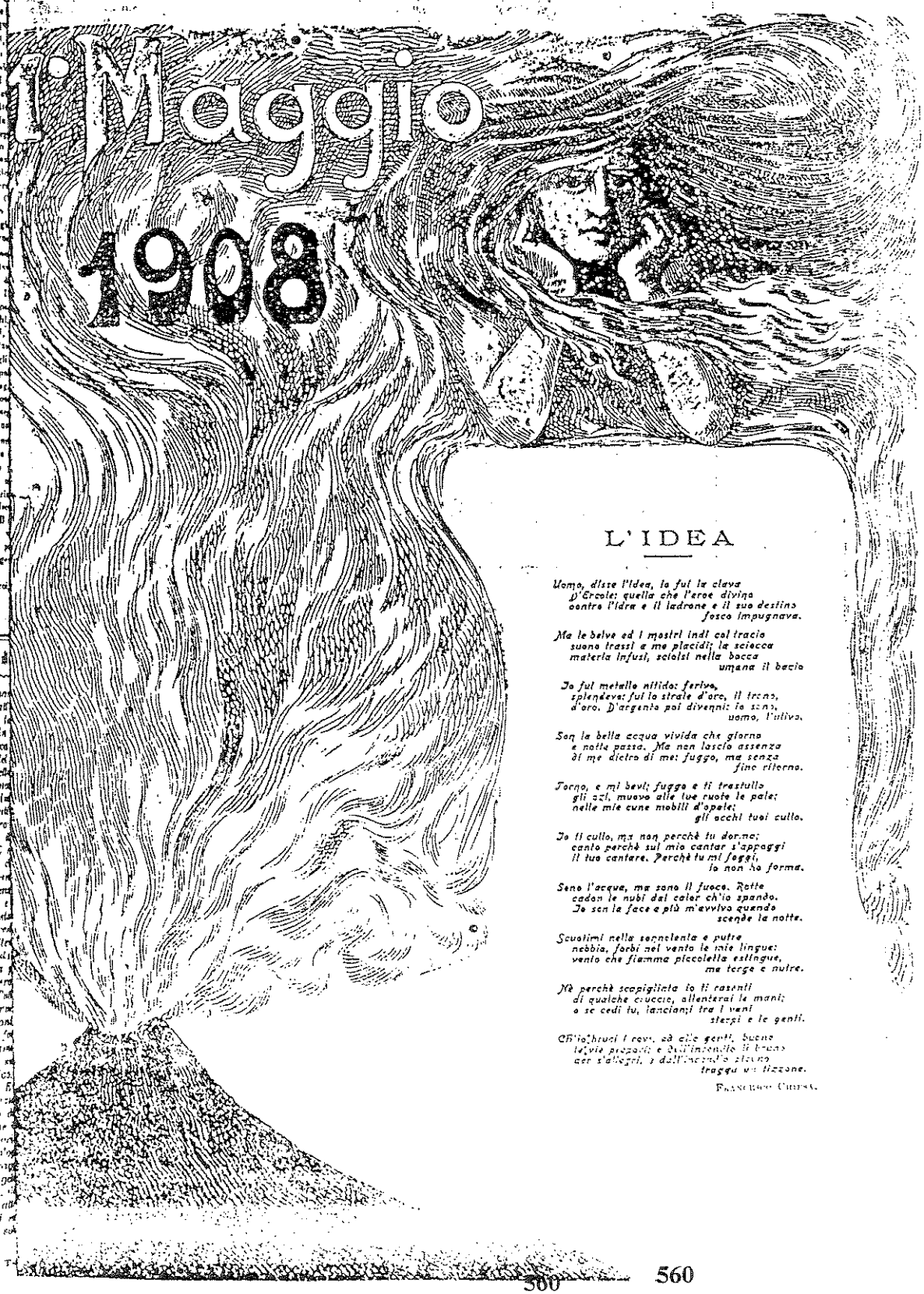
Avanti!

SÃO PAULO (Bresile)

ANNO IX

UNA COPPIA: Reis 100

GIORNALE SOCIALISTA QUOTIDIANO



L'IDEA

Uomo, disse l'Idea, io fui la clava
d'Ercole: quella che l'eroe divina
contro l'idra e il ladrone e il suo destino
fosco impugnava.

Ma le belve ed i mostri indi col tracio
suono trassi a me placidi, la sciocca
materia infusi, sciolsi nella bocca
umana il bacio.

Io fui metallo nitido: feriva,
splendeva: fui lo strale d'oro, il treno,
d'oro. D'argento poi divenni: lo scano,
uomo, l'ulivo.

Son la bella acqua vivida che giorno
e notte passo. Me non lascio assenza
di me dietro di me: fuggo, ma senza
fine ritorno.

Torno, e mi bevi; fuggo e ti trastullo
gli azi, muovo alle tue ruote le pale;
nelle mie cune mobili d'opale;
gli occhi tuoi culla.

Io ti cullo, ma non perchè tu dorma;
canto perchè sul mio cantar s'appoggi
il tuo cantare. Perchè tu mi foggi,
io non so forma.

Sono l'acque, ma sono il fuoco. Rotte
cadon le nubi dal calor ch'io spando.
Io son la face e più m'avviva quando
scende la notte.

Scuotimi nella sonnolenta e putre
nebbia, forbi nel vento le mie lingue:
vento che fiamma piccolella estingue,
me terge e nutre.

Nè perchè scapigliata io ti rasenti
di qualche cruccio, allenterai le mani;
o se cedi tu, lanciarmi tra i venti
sterpi e le genti.

Oh! io bruci i covi, sì alle genti, Sacra
levi preziosi e dall'incendio li brami
ver s'allegri, e dall'incendio alcuno
tragga un tizzone.

FRANCESCO CHIESA.

S. Paulo - Sabato 25 Maggio 1907

PREZZI D'ABBONAMENTO:

ANNO 24$ — SEMESTRE 12$ — TRIMESTRE 6$
MENSILE 2$

Per l'Estero il doppio

Un numero separato rs. 100 — Arretrato rs. 200
Si respingono le lettere non affrancate

Avanti!

GIORNALE SOCIALISTA QUOTIDIANO

Anno VIII

REDAZIONE E
Rua Boa V
Casa Postale 51

Non si restituiscono m
di anonimi.

Per le inser
Rivolgersi direttam

LA CONQUISTA DELLE OTTO ORE

Federação Operaria
do Estado de S. Paulo

Aos Trabalhadores

Levado pelo exemplo de algumas classes operarias associadas, o operariado de S. Paulo está dando uma prova magnifica de vitalidade e energia.

O actual movimento em favor duma justa e necessaria reducção de horas de trabalho não obedeceu ás ordens de nenhum chefe, não se centralizou em directorios poderosos e obedecidos: tem o caracter que é proprio da acção operaria, é a obra dos proprios trabalhadores, conscientes das suas necessidades e dos seus direitos.

A policia, porem, não o comprehendeu assim. Julgou ameaçados os interesses e a autoridade dos patrões, dos ricos industriaes, dos antigos escravocratas — dos seus senhores, emfim — e collocou-se ao lado delles, como costuma.

Para isso, serviu-se de miseraveis pretextos, como si quem tem a força e tão prepotentemente abusa della precisasse acaso de pretextos. Fazendo-se em mal averiguados e lusinguanti incidentes, esgaravatando e interpretando retorcidamente confusos textos de lei, a policia ataca o que ella pensa ser a cabeça, o centro propulsor do movimento grevista, e as prisões enchem-se de operarios, muitas vez apanhados ao acaso.

Para cumprir a lei — justificam os seus servos na imprensa.

Cumprir a lei é assaltar a séde duma associação operaria, confiscar papeis e documentos, prender e espancar operarios, pacificamente reunidos, fechar o local da Federação Operaria, no proprio dia em que a sua Commissão executiva aconselhava serenidade e o não fornecimento de pretextos á policia provocadora.

Cumprir a lei é prender operarios por «crimes» como o de pretender dirigir-se a localidades onde ha grèves, como se tem dado com alguns companheiros!

Attenção!

Aos amigos que se acham de posse de qualquer quantia destinada á Federação Operaria, em beneficio dos trabalhadores em grève pela conquista das 8 horas, pede-se que entreguem as respectivas importancias á redacção ou administração do AVANTI! onde serão procuradas pelo thezoureiro da Federação.

—

Continuam presos, apesar das informações da policia que diz terem sido postos em liberdade, os trabalhadores Giulio Sorelli, Pedro Buzzini, Paolo Ghidetti, Antonio Baracci, Pedro Mari, Angelo Nanzoni, Corrado Bernucca, Antonio Dalmolin, Nazareno Santos.

—

Os trabalhadores que se acham em greve para a conquista da jornada de oito horas, e necessitarem de subsidio, deverão dirigir-se ás Commissões dos syndicatos do ... para que por sua vez estas façam pedido, por escripto, á Commissão Executiva da Federação.

A Commissão Executiva

* * *

Federação Operaria
do Estado de S. Paulo

Sessão da Commissão Executiva em 24 de maio de 1907.

— Toma-se conhecimento da agitação promovida pelas costureiras para a conquista da jornada de 9 horas e, lastimando que estas companheiras não tenhão conseguido totalmente o seu desiderio, e infallibilmente il sabato, erano costrette a lavorare per tre o quattro ore supplementari senza percepire per questo il becco di un quattrino. Era, come si vede, un latrocinio in piena regola compiuto impunemente perchè le povere giovinette non osavano ribellarsi anche per paura degli affettuosissimi ma niente gradevoli scapaccioni paterni.

D'ora innanzi pare che questo abuso vergognoso sparirà: almeno così lascia sperare la promessa padronale che verrà sicuramente mantenuta se le sartine saranno state unite. E sarà un vantaggio enorme per loro, non soltanto pel supplemento di guadagno che potranno ricavarne ma sopratutto perchè le loro «padrone» abuseranno meno del lavoro notturno quando non sarà più gratuito e dovranno anzi pagarlo con una percentuale d'aumento che non potrà mai esser minore del 20 0[0, a quanto ci si assicura da parecchie sartine.

Tutto dunque va per il meglio e noi siamo lieti di constatare che l'attuale grandioso movimento operaio di S. Paolo ha giovato, di riverbero, sebbene in scarsa misura, anche alle parti più gentile e bella, sebbene più sfruttata, del proletariato.

Intanto le brave ragazze, tutte giulive pel piccolo trionfo riportato, o'inviano il seguente manifestino che ben volentieri pubblichiamo:

LA NOSTRA VITTORIA

Compagne!

Il primo passo l'abbiamo già compiuto. Anche il sig. Botilho, il più prepotente dei nostri principali ha capitolato, ha dovuto cedere forzatamente, si è convinto che noi siamo più necessario a lui, che lui a noi.

Compagne!

Il cammino che ci eravamo prefisso [illegible] ni, e infallibilmente il sabato, erano costrette a lavorare per tre o quattro ore supplementari senza percepire per questo il becco di un quattrino. Era, come si vede, un latrocinio in piena regola compiuto impunemente perchè le povere giovinette non osavano ribellarsi anche per paura degli affettuosissimi ma niente gradevoli scapaccioni paterni.

D'ora innanzi pare che questo abuso vergognoso sparirà: almeno così lascia sperare la promessa padronale che verrà sicuramente mantenuta se le sartine saranno state unite. E sarà un vantaggio enorme per loro, non soltanto pel supplemento di guadagno che potranno ricavarne ma sopratutto perchè le loro «padrone» abuseranno meno del lavoro notturno quando non sarà più gratuito e dovranno anzi pagarlo con una percentuale d'aumento che non potrà mai esser minore del 20 0[0, a quanto ci si assicura da parecchie sartine.

Tutto dunque va per il meglio e noi siamo lieti di constatare che l'attuale grandioso movimento operaio di S. Paolo ha giovato, di riverbero, sebbene in scarsa misura, anche alle parti più gentile e bella, sebbene più sfruttata, del proletariato.

Intanto le brave ragazze, tutte giulive pel piccolo trionfo riportato, o'inviano il seguente manifestino che ben volentieri pubblichiamo:

LA NOSTRA VITTORIA

Compagne!

Il primo passo l'abbiamo già compiuto. Anche il sig. Botilho, il più prepotente dei nostri principali ha capitolato, ha dovuto cedere forzatamente, si è convinto che noi siamo più necessario a lui, che lui a noi.

Compagne!

Il cammino che ci eravamo prefisso [illegible] gamento mensile a giorno fisso. Lunedì perciò quegli operai ritorneranno al lavoro. Non è male di ricordare che in questa fabbrica di tessuti dove lavorano una ventina di operai, l'orario è sempre stato di 10 ore e i prezzi tali da non scontentare soverchiamente i lavoranti. Così, almeno, ci ha dichiarato la Commissione che in loro nome è venuto a parlarci nei nostri uffici e la quale ci ha pure assicurato che in quella fabbrica verrà aperta una sottoscrizione «pro scioperanti». Benissimo.

* * *

Da Campinas

Ci scrivono in data 24:

Alle 4 d'oggi vi fu nei locali della Lega una riunione numerosissima: intervennero tutti gli scioperanti che unanimemente decisero di persistere nello sciopero fino ad ottenere l'accoglimento delle domande avanzate ai rispettivi principali.

La gerente della «Lidgerwood» ha fatto pubblicare un avviso col quale fa ricerca di operai.

La Lega fa appello alla solidarietà di tutti i lavoratori perchè non accettino di lavorare in quelle officine.

Nel pomeriggio di oggi fu distribuito il seguente manifesto:

Aos Pedreiros e aos Operarios da «Lidgerwood».

Companheiros:

Os sentimentos desharmanos dos srs. empreiteiros fazem com que a grève, dos operarios pedreiros, seja se prolongando, sem que ainda se tenha chegado a um accordo de ambas as partes.

Por um capricho que não tem razão de ser, pois trata-se de humanidade e de justiça, os srs. empreiteiros não querem dar-vos a jornada de 8 horas, e no emtanto em S. Paulo todos cederam completamente.

A esse capricho, companheiros, vós deveis responder com a vossa firmeza e energia, não indo trabalhar, e demonstrando assim a vossa dignidade de operarios e o vosso inquebrantavel caracter, alcançareis os melhoramentos desejados de que tanto necessitaes.

Companheiros,

E' questo un sistema brutto e pericoloso.

* * *

Alla fabbrica di sedie ed altri mobili dei signori Streiffel e Irmão, nella quale è pure dichiarato lo sciopero, i padroni hanno proposto di aumentare le paghe di quegli operai che guadagnano meno: gli operai hanno risposto che sono disposti di tornare al lavoro con la giornata di 9 ore ed un aumento del 10 per cento sui salari attuali.

* * *

Da "Salto de Ytú,,

Ci comunicano:

Nella fabbrica di tessuti della «Società per l'Esportazione e per l'Industria Italo-Americana» si è fino dal giorno 20 andante diminuito l'orario di lavoro, fissando la giornata a 10 ore e mezzo come nella fabbrica di São Roque della stessa società.

* * *

Un tessitore scomparso

Santilli Nazareno, operaio tessitore del riparto laua dello Stabilimento Penteado, ieri l'altro è uscito dalla casa dove abita, con vari compagni, a rua Ippodromo, n. 60, e non si è più visto finora comparire al suo domicilio.

Alcuni scioperanti assicurano che fu arrestato presso la fabbrica Penteado.

Sarà vero? La cosa non ci arrecherebbe meraviglia alcuna.

* * *

IL Dr. WASHINPTON LUIZ ha formalmente promesso di deliberare questa sera l'attivo segretario della Federazione Giulio Sorelli.

* * *

I tessitori
Nello Stabilimento di Penteado

Conforme all'avviso affisso sulla porta della fabbrica, gli operai dello stabilimento di tessitura Penteado si sono recati a ricevere il loro salario, perchè il

Persequiti. Lafille

PARTITO SOCIALISTA ITALIANO
FEDERAZIONE ITALIANA GIOVANILE SOCIALISTA
TESSERA DI RICONOSCIMENTO PER L'ANNO 1911
Rilasciata a
Iscritto presso la Sezione di
Firma del Titolare
Il Segretario della Sezione
Non appartiene alla Federazione chi non è munito della sua tessera

FEDERAZIONE ITALIANA GIOVANILE SOCIALISTA
ADERENTE AL PARTITO SOCIALISTA ITALIANO
TESSERA di RICONOSCIMENTO pel 1909
RILASCIATA A
ISCRITTO PRESSO LA SEZIONE DI
Firma del Titolare
Il Segretario della Sezione

PARTITO
SOCIALISTA
ITALIANO
RICONOSCIMENTO
PEL
1910
FEDERAZIONE ITALIANA
GIOVANILE SOCIALISTA
Sardini Fosco
ISCRITTO PRESSO LA SEZIONE
DI Livorno
Firma del titolare
Il Segretario della Sezione

L'Avanguardia

Giornale della Federazione Italiana Giovanile

aderente al P. S. I.

TESSERA DI RICONOSCIMENTO

rilasciata a Pietro Pietrini

corrispondente da Livorno Vecchia

Roma, 11 — 11 — 1907

Il Titolare

Il Direttore

1891